

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio
Solimões (AM)**



Rafael Cardoso de Almeida Lopes

Orientador: Fernando Ozorio de Almeida

Laranjeiras

Março de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio
Solimões (AM)**

Rafael Cardoso de Almeida Lopes

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
do Departamento de Arqueologia da
Universidade Federal de Sergipe

Orientador: Fernando Ozorio de Almeida

Agência Financiadora: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

Laranjeiras

Março de 2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L864t Lopes, Rafael Cardoso de Almeida
 A tradição policroma da Amazônia no contexto do Médio Rio
 Solimões (AM) / Rafael Cardoso de Almeida Lopes; orientador
 Fernando Ozorio de Almeida. – Laranjeiras, 2018.
 391 f.; il.

 Dissertação (Mestrado em Arqueologia) –Universidade Federal
 de Sergipe, 2018.

 1. Arqueologia. 2. Sítios arqueológicos - Amazonas.
 3. Cerâmica. 4. Cultura imaterial. 5. Índios - História.
 6. Escavações (Arqueologia). I. Almeida, Fernando Ozorio.
 II. Título.

CDU 902.03:738(811.3)

Aos meus pais,

*Que escolheram, por grandeza de
espírito, inspirar e incentivar seus
filhos.*

*“Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de
Bengala
Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas*

*No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam, errantes
(...)”*

(Profundidade, Manuel
Bandeira, 1965)

Resumo

A presente dissertação tem como propósito produzir uma história regional das ocupações de produtores das cerâmicas associadas a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) na área do médio rio Solimões. O estudo de caso da pesquisa é a escavação e análise cerâmica do sítio São João, próximo ao lago Caiambé (Tefé-AM). Para realizar esse objetivo será discutida a forma e validade da construção de histórias indígenas de longa duração, uma escolha teórica que priorizará, por sua vez, a identificação e análise das escolhas do passado acumuladas no registro arqueológico e nos vestígios cerâmicos. Para dimensionar o escopo da pesquisa, uma revisão bibliográfica apresentará trabalhos sobre a categoria TPA e sobre a arqueologia e etno-história do Médio Solimões. A escavação do sítio São João e sua análise cerâmica permitiram um vislumbre das variadas formas que os produtores da TPA ocuparam a paisagem do rio Solimões. A análise do sítio e de seu material cerâmico são a base para reinterpretar as pesquisas arqueológicas do Médio Solimões e produzir uma história regional dessas comunidades. Os dados acumulados levaram à interpretação que essa história é marcada pela formação de mosaicos de interações entre grupos ceramistas.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Tradição Polícroma da Amazônia; História Indígena de longa duração.

Abstract

This dissertation has the purpose of producing a regional history of the occupations of the producers of the pottery associated with the Amazonian Polychrome Tradition (TPA) in the area of the middle Solimões River. The case study of this research is the excavation and ceramic analysis of the São João site, near Lake Caiambé (Tefé-AM). To complete the objective the form and validity of the production of regional long-term indigenous histories will be discussed, a theoretical choice that will prioritize, in turn, the identification and analysis of past choices accumulated in the archaeological record and in the pottery remains. To size the scope of the research a literature review will present studies about the “TPA” category and about the archaeology and ethno-history of the Middle Solimões. The excavation and ceramic analysis of the São João site allowed a glimpse to the various forms that the producers of TPA occupied the landscape of the Solimoes River. The site and its ceramic analysis served as basis for the reinterpretation of the archaeology of the Middle Solimões and for the production of the regional history of these communities. The accumulated data led to the interpretation that this history is marked by the formation of interaction mosaics between ceramist groups.

Keywords: Amazonian Archaeology; Amazon Polychrome Tradition; long term Indigenous History.

Figuras

<i>Figura 1: Região do Médio Solimões (entre os bastões vermelhos) e localização do sítio São João. Fonte: Google Earth; NEVES, 2006.</i>	1
<i>Figura 2.1: A TPA em suas fases. Fonte: BELLETTI, 2016.</i>	34
<i>Figura 2.2: A TPA. A) material do sítio Lauro Sodré (médio-baixo Solimões); B) Vasilha pintada do sítio Vila Nova II (médio-baixo rio Negro); C) Urna funerária do sítio Tauary (Médio Solimões). Fotos e desenho: A) Eduardo Tamanaha; B) Erêndira Oliveira; C) Silvia Cunha Lima.</i>	34
<i>Figura 2.3: Vaso policromo da necrópole de Miracanguera. Fonte: RODRIGUES, 1982.</i>	35
<i>Figura 2.4: Localização dos sítios do horizonte Policromo. Fonte: MEGGERS & EVANS, 1968.</i>	37
<i>Figura 2.5: Esquema detalhando modelo cardíaco em suas diferentes expansões. Fonte: LATHRAP, 1970.</i>	39
<i>Figura 2.6: Amazônia Central e conflitos. A) Mapa do sítio Açutuba com “manchas” de ocupação; B) Restos de paliçada do sítio Laginho; C) Escavação de vala defensiva no sítio Açutuba. Fonte: NEVES, 2013.</i>	42
<i>Figura 2.7: Material do Médio-baixo Solimões. A) Vaso de Flange Mesial; B) Pequeno prato decorado. Fonte: TAMANAHA, 2012.</i>	43
<i>Figura 2.8: Motivos com serpentes bicéfalas. A) Urna funerária do sítio Tauary (Médio Solimões); B) motivos de vasos do sítio Lauro Sodré (Médio-baixo Solimões). Fonte: OLIVEIRA, 2016.</i>	45
<i>Figura 2.9: Urna Jatuarana. Fonte: VASSOLER, 2014.</i>	47
<i>Figura 2.10: Mapa de datas para a TPA. Fonte: BELLETTI, 2015.</i>	49
<i>Figura 2.11 Mapas das províncias indígenas nos sec. XVI e XVII. Fonte: Porro, 1995.</i>	58
<i>Figura 2.12: Acima: setor sul da atual comunidade do Caiambé; abaixo: cerâmica Caiambé encontrada na parte da comunidade provavelmente se localiza o antigo sítio Caiambé. Fotos: acima Rafael de Almeida Lopes, abaixo Eduardo Kazuo Tamanaha.</i>	67
<i>Figura 2.13 Cerâmicas encontradas por Hilbert no sítio Caiambé: à esquerda, cerâmicas da fase Caiambé (até j) e Tefé (de j a p); à direita, cerâmicas da fase Tefé. Fonte: Hilbert, 1962.</i>	69
<i>Figura 2.14: Mapa dos sítios arqueológicos levantados no lago Amanã. Fonte: COSTA, 2012.</i>	72
<i>Figura 2.15: Fragmentos do sítio Boa Esperança. A) Fase Amanã; B) Fase Pocó; C) Fase Caiambé; D) Fase Tefé. Fonte: COSTA, 2012</i>	73
<i>Figura 2.16: Perfil de unidade do sítio Cacoal do Amanã. Fonte: GOMES, 2015</i>	74
<i>Figura 2.17: Material Caiambé. A) Decorações em zigue-zague; B) Vasos de flange mesial. GOMES, 2016</i>	75
<i>Figura 2.18: Sítios arqueológicos do lago Tefé. Circulado em laranja está o Conjunto Vilas. Fonte: BELLETTI, 2015.</i>	76
<i>Figura 2.19: Material do lago Tefé. A) Fragmento 991 policromo antigo do fundo da unidade, mesmo do desenho na figura C; B) Material com fluxo estilítico, acima estatueta Caiambé e outra com motivo TPA e abaixo tampa de urna com apliques formando rosto antropomorfo TBI; C) material Tefé e D) Posição das urnas funerárias (Conjunto 2) do sítio Tauari em relação ao solo (BELLETTI, 2015).</i>	80
<i>Figura 2.20: Mapa dos sítios estudados por Tamanaha. À oeste, os sítios do Médio Solimões. Fonte: TAMANAHA, 2012.</i>	82
<i>Figura 2.21: Morfologias levantadas no Médio Solimões por Tamanaha (2012).</i>	85
<i>Figura 3.1: Mapa do Lago Caiambé e do sítio São João dentro do Médio Solimões. Fonte: Google Earth.</i>	90
<i>Figura 3.2: Localização dos sítios arqueológicos nos Lagos Jutica e Caiambé. Fonte: TAMANAHA et al., 2015.</i>	91
<i>Figura 3.3: Levantamento do sítio Santo Eduardo. Fonte: TAMANAHA et al., 2015.</i>	93
<i>Figura 3.4: Material cerâmico levantado no sítio Caiambé. Fonte: TAMANAHA et al., 2015.</i>	94
<i>Figura 3.5: Levantamento do sítio São João: A) Barranco do sítio B) Material encontrado no setor Sul. Fonte: TAMANAHA, et al., 2015.</i>	96
<i>Figura 3.6: Mapa com esquema da divisão do sítio em três setores e das principais intervenções realizadas. Fonte: Google Earth. Um mapa de 2013 foi usado por mostrar melhor resolução.</i>	99
<i>Figura 3.7: Sítio São João: A) vista aérea B) barranco do setor central. Foto A por Rafael de Almeida Lopes e B por Amanda Leis.</i>	102
<i>Figura 3.8: Balança da ocupação recente do sítio. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	103
<i>Figura 3.9: Uso da Estação Total. Foto: Verônica Fernando.</i>	106

Figura 3.10: Mapa topográfico do sítio com intervenções. A altura de 8 m foi escolhida para melhor visualização num período intermediário da cheia. Feito através do software Surfer. Elaborado por Rafael de Almeida Lopes.	108
Figura 3.11: Tradagens do sítio São João. Acima (A) tradagem com o pacote predominante de 50 cm de TPI. Abaixo (B) tradagem com pacote profundo de TPI na área próxima ao Igarapé Norte. Fotos e tabelas: Rafael de Almeida Lopes.	113
Figura 3.12 Delimitação provisória do sítio São João (em azul). Fonte: Google Earth.	115
Figura 3.13: Perfil Leste da Unidade I. Elaborado por: Rafael de Almeida Lopes	117
Figura 3.14: Muitas radículas foram encontradas por toda a unidade. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	118
Figura 3.15: F6 na base do nível 30-40 cm. I) área de concentração de trempes, argila queimada e carvão; II) Vasilha completa acima de outra com pouca fragmentação. Foto: Mariana Cassino.	120
Figura 3.16: F6 - A) Objeto cerâmico em forma de cogumelo; B) Provável peso de rede; C) Vasilhas pouco fragmentadas; D) Concentração de trempe, argila queimada e carvão da extremidade Norte da feição. Fotos: Emerson Nobre.	121
Figura 3.17: F8 - A) Feição na base do nível 40-50 cm; B) Fragmentos estavam em posição horizontal. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	123
Figura 3.18: Retirada de fragmento de vasilha globular (210.1). Foto: Amanda Lelis.	125
Figura 3.19: Perfil Sul da Unidade II. Elaborado por Rafael de Almeida Lopes.	126
Figura 3.20: Fragmentos de vasilha de pasta rosa com engobo branco e pintura vermelha. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	127
Figura 3.21: Unidade II - A) A unidade foi escavada em volta da tradagem; B) F5 foi encontrada abaixo da TPI; C) Uma vasilha com furos foi recuperada; D) Na restauração encontramos 4 furos em posições quase simétricas (setas na figura). Fotos A e B: Erêndira Oliveira; fotos C e D: Rafael de Almeida Lopes.	128
Figura 3.22: F5 na base do nível 50-60 cm. A vasilha 308.1 foi melhor delimitada tomando o centro da feição. A seta vermelha indica o halo amarelo no latossolo avermelhado. I) blocos de argila queimada avermelhada; II) fragmento cerâmico datado em c. 900 d.C. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	130
Figura 3.23: F5 base do nível 70-80. No centro, parte da vasilha 318.1 orientada Sul-Norte e acima de grandes trempes. I) fragmento de osso esponjoso (ver figura 3.22). Foto: Rafael de Almeida Lopes.	131
Figura 3.24: Materiais arqueológicos da F5. A) Osso esponjoso encontrado na vasilha 315.1; B) Trempe com acanalados; C) Escavação em laboratório de 318.1; D) Parte superior da vasilha com rosto antropomorfo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	132
Figura 3.25: Perfil Norte da Unidade III	135
Figura 3.26: Base do nível 10-20 cm, com vasilhas da F4. Foto: Márcio Amaral.	136
Figura 3.27: Vasilha 416.1. Foto: Erêndira Oliveira	137
Figura 3.28: Materiais arqueológicos da F4. A) Calibradores cerâmicos do nível 20-30 cm separados em não-decorados (à esquerda) e decorados (à direita); B) Calibrador lítico; C) Pingente zoomorfo; D) Possível pigmento vermelho Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	138
Figura 3.29: Materiais arqueológicos de F4. A) Retirada das vasilhas; B) Contexto encontrado em laboratório; C) furo no centro da vasilha 416.1; D) Lascas líticas encontradas no sedimento flotado.. Foto A: Erêndira Oliveira; fotos B, C e D: Rafael de Almeida Lopes.	139
Figura 3.30: Feição 7. Foto: Amanda Lelis..	141
Figura 3.31: Estabelecimento de níveis artificiais para a escavação em perfil. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	143
Figura 3.32: F1. I) Camada de argila queimada abaixo de camada de cerâmica triturada; II) Fragmento de outra vasilha globular; III) Base usada como tampa da vasilha 808; IV) Vasilha 813 acima de fragmentos cerâmicos; V) camada de carvão ao redor da vasilha 808. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	145
Figura 3.33: Feição 2. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	147
Figura 3.34: Feição 3. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	148
Figura 3.35: Coleta de superfície. A) Posição da Estação Total; B) Coleta em uma árvore recentemente desbarrancada. Foto A: Bruno Montezano; foto B: Rafael de Almeida Lopes.	149
Figura 3.36: Coletas de superfície. A) Coletas ao redor da várzea do igarapé Norte; B) Coleta no terraço; C) Fragmento de cerâmica com características diagnósticas da Tradição Borda Incisa.	151
Figura 4.1: Procedimentos de higienização do sítio São João. A) Higienização com palitos de madeira; B) Higienização com algodão umedecido; C) Fragmento com preservação de acabamento; e D) Vasilha com preservação completa de motivo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	159

Figura 4.2: Modelo indicando possibilidades morfológicas dos fragmentos. Prancha elaborada por Helena Lima e Claide Moraes e extraída de Tamanaha (2012)	162
Figura 4.3: Parâmetro para a definição das formas (BELLETTI, 2015).	165
Figura 4.4: Parâmetro para a definição das formas (adaptado de BELLETTI, 2015).	165
Figura 4.5: Suportes para a análise de pasta. Acima: diagrama das concentrações de antiplástico retirado de Orton, Tyers, e Vince, A. (1997). Abaixo: esquematização das colorações de núcleo retiradas de Corrêa (2009). Retirado de Belletti (2015)	167
Figura 4.6: Exemplos de fragmentos com diversos elementos emblemáticos da fase Tefé. À esquerda pintura marrom e vermelha sobre engobo branco e à direita combinação de decoração acanalada e excisa formando um motivo zoomorfo conjunto ao motivo do diadema. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	172
Figura 4.7: Morfologias encontradas no sítio São João.	178
Figura 4.8: Marcas de uso identificadas nas bordas: A) fragmento de borda com fuligem; B) quebra desgastada por reciclagem cerâmica.	187
Figura 4.9: Fragmento identificado com quebra intencional na sua extremidade inferior.	188
Figura 4.10: Exemplo de fragmentos de flange mesiais.	189
Figura 4.11: Vasilha 813.	191
Figura 4.12: Fragmentos de flanges mesiais do sítio Vila Nova II (LOPES, 2015; OLIVEIRA, 2016b).	191
Figura 4.13: Exemplos de fragmentos de flanges mesiais que apresentaram características emblemáticas divergentes. A) fragmento com conjuntos de acanalados que não conformam figura; B) Fragmento de flange inflexão com motivos desconexos e “soltos” dentro da peça; C) fragmento de flange mesial com decorações onduladas feitas com incisões (elementos emblemáticos da Tradição Borda Incisa); D) fragmento com acanalados que se desencontram na flange). Fotos Rafael de Almeida Lopes e Verônica Lima.	192
Figura 4.14: Bases do sítio São João. À esquerda fragmento de base plana; à direita um pé de uma tripode. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	193
Figura 4.15: Marcas de uso das bases do sítio São João. À esquerda camada de fuligem interna; à direita marcas circulares de desgaste interno; abaixo base com marca de folha da unidade I. Fotos: Rafael de Almeida Lopes e Veronica Lima.	194
Figura 4.16: Apliques do sítio São João. À esquerda alça zoomorfa da feição 1; à direita aplique esférico encontrado na unidade I; abaixo alça com engobo vermelho também encontrada na unidade I. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	195
Figura 4.17: Objetos cerâmicos do sítio São João: à esquerda possível peso de rede; à direita base do objeto com acanalados. Fotos: Verônica Lima e Mariana Cassino.	196
Figura 4.18: trempes decoradas do sítio São João. À esquerda trempe com decoração nas extremidades; à direita trempe com decorações ao longo da extensão da trempe.	196
Figura 4.19: Exemplo de fragmento com queima heterogênea. Foto: Rafael de Almeida Lopes.	201
Figura 4.20: Esquemas hipotéticos da produção de vasilhas de acordo com etapas de sua produção.	203
Figura 4.21: Engobo branco no sítio São João: A) fragmento com sobras de engobo; B) Camada de engobo craquelado.	207
Figura 4.22: Outros tratamentos de superfície: A) vasilha com preenchimento vermelho sobre engobo branco; B) Engobo vermelho interno; C) fragmento com banho alaranjado. No centro da peça é possível ver a coloração original da peça, menos reforçada. D) fragmento com banho em marrom. Novamente o efeito do banho pode ser observado pelo lado esquerdo da peça, com banho e mais brilhoso e o lado direito, menos realçado.	209
Figura 4.23: A) Uso de técnica do acanalado com motivo também em exciso; B) acanalado identificado como estriado; C) inciso encontrado abaixo da borda; D) estocado no lábio de uma vasilha.	211
Figura 4.24: Exemplos da diversidade de peças pintadas encontradas no sítio São João.	214
Figura 4.25: Conjuntos de motivos. Acima motivos simples; abaixo motivos complexos.	215
Figura 4.26: À esquerda motivo linear acanalado em face externa e próxima a borda; à direita modo pintado de faixa vermelha no lábio da base sobre engobo branco. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.	216
Figura 4.27: Dois exemplos de motivos complexos compostos. Fotos e desenhos por Rafael de Almeida Lopes e Alexandre Recoaro.	217
Figura 4.28: Tipos de figurações de diademas encontrados no sítio São João: A) Diademas múltiplos; B) diadema simples; C) diadema ofidiomorfo; e D) provável motivo de diadema antropomorfo (em vermelho é possível ver círculos na posição de olhos). Fotos: Rafael de Almeida Lopes. Fotos A e C tiveram seu brilho e contraste aumentados para facilitar a percepção dos motivos.	218

<i>Figura 4.29: Exemplos de motivos zoomorfos: à esquerda ofidiomorfos em “S” geram uma figura que pode ser interpretada como um antropomorfo simples de cabeça pra baixo. À direita, zoomorfos múltiplos excisos.</i>	219
<i>Figura 4.30: Exemplos de peças associadas ao conjunto Tefé. Fotos: Rafael de Almeida Lopes; Alexandre Recoaro e Veronica Lima.</i>	221
<i>Figura 4.31: Exemplos de peças associadas ao conjunto Caiambé. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.</i>	222
<i>Figura 4.32: Exemplo de peças do conjunto caracterizado como de fluxo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.</i>	223
<i>Figura 4.33: Exemplos de peças identificadas como “vermelho sobre pasta”. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Veronica Lima.</i>	224
<i>Figura 4.34: Acima exemplos de peças identificadas como conjunto “vermelho sobre bege”; abaixo, à esquerda fragmento associado como “vermelho sobre bege” e no centro e à direita motivos similares identificados por Zuse (2014). Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	225
<i>Figura 4.35: Exemplo de peça classificada como “conjunto não identificado”.</i>	225
<i>Figura 4.36: Escavação da unidade I. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	227
<i>Figura 4.37: Acima, formas mais recorrentes dos contextos superficiais; abaixo seus correlatos nos contextos profundos.</i>	231
<i>Figura 4.38: Peças da unidade I e seus conjuntos. Na imagem acima cada linha representa um conjunto, enquanto cada coluna representa o contexto onde a peça foi encontrada. Da esquerda à direita estão respectivamente materiais dos níveis superficiais (0-40cm), da feição 6 e dos níveis inferiores (40-70cm). Na imagem abaixo exemplares dos conjuntos “vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta” (abaixo e à direita na imagem).</i>	237
<i>Figura 4.39: Escavação da unidade II. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	238
<i>Figura 4.40: Contexto em TPI da Unidade II. A) peça 309.13 que foi datada; B) fragmento com presença de pintura vermelha sobre engobo branco; C) forma da vasilha 310.1; D) projeção da forma mais recorrente desse contexto.</i>	240
<i>Figura 4.41: Correlatos morfológicos da vasilha 308.1. A) Vasilhas shipibo-conibo para consumo de cerveja (DEBOER, 1986); B) vasilhas Caimito (WEBER, 1975); C) Forma projetada da vasilha 308.1. Adaptado de Belletti (2015).</i>	241
<i>Figura 4.42: Correlato morfológico da vasilha 315.1 (LASALVIA & BROCHADO, 1989, p.40).</i>	242
<i>Figura 4.43: Peças associadas à TBI na feição 5. A) 308.4; B) 308.7; C) Forma projetada de 308.4; D) forma projetada de 308.4; E) correlato da forma de 308.7 da fase Manacapuru (retirado de Lima, 2008). Fotos: Rafael de Almeida Lopes</i>	243
<i>Figura 4.44: Diadema produzido com acanalado na peça 308.3. É notável a marcação mais profunda do motivo nas pontas inferiores e a presença de pintura vermelha sobre engobo branco evidenciada no canto esquerdo da foto. Tal ponto é onde, em algumas representações do diadema, encontra-se os signos de um alargador. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	244
<i>Figura 4.45: Formas projetadas de F5. À esquerda as com volume menor que 5L e à direita com volume maior que 10L.</i>	244
<i>Figura 4.46: Vestígios líticos da Feição 4 provindos da flotação (CASSINO, 2018).</i>	247
<i>Figura 4.47: Pingente fraturado da unidade III e seus possíveis correlatos barrancóides (em Nordenskiöld, 1930). Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	247
<i>Figura 4.48: Posição da vasilha 416 e do vaso de flange em sua boca.</i>	249
<i>Figura 4.49: Exemplos de peças características de cada conjunto na unidade III. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.</i>	253
<i>Figura 4.50: A feição 1 no meio de sua escavação. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	254
<i>Figura 4.51: Conjuntos morfológicos de F1 e F3 separados quanto ao volume. À esquerda formas com pequeno volume e à direita forma com grandes volumes.</i>	257
<i>Figura 4.52: Formas da feição 1. A) Foto da vasilha 808; B) forma projetada da vasilha 808; C) vasilha antropomorfa da feição 1; D) vasilha antropomorfa da feição 5.</i>	257
<i>Figura 4.53: Pratos com decoração interna com temas zoomorfos.</i>	259
<i>Figura 4.54: Conjuntos encontrados nas feições do barranco. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.</i>	261
<i>Figura 4.55: “Poço cerimonial” do sítio Porto em Santarém (SCHAAN, 2015, p. 109).</i>	266
<i>Figura 4.56: Formas e consumo de fermentado (ALMEIDA, 2015).</i>	276

<i>Figura 4.57: Conjunto Tefé do sítio São João. Na linha de cima fragmentos dos níveis superficiais (0-40cm) e na de baixo fragmentos dos níveis mais profundos (40-80cm).</i>	283
<i>Figura 4.58: Conjuntos com fluxo emblemático do sítio São João. Na linha de cima fragmentos dos níveis superficiais (0-40cm) e na de baixo fragmentos dos níveis mais profundos (40-80cm).</i>	284
<i>Figura 4.59: Exemplos de peças encontradas nas coletas de superfície e nas tradagens.</i>	286
<i>Figura 5.1: Comparações com o sítio Caiambé. Acima, o mesmo motivo Caiambé de linhas diagonais realizado com incisos (no sítio Caiambé) e com pintura vermelha (no sítio São João). Abaixo, motivo Caiambé de “anzóis” diagonais feitos com inciso duplo (no sítio São Miguel do Cacau) e com acanalado (no sítio Caiambé) (HILBERT, 1962; GOMES, 2014).</i>	300
<i>Figura 5.2: Acima, escavação das duas urnas funerárias do sítio São Miguel do Cacau; abaixo, urna PN685.</i>	303
<i>Figura 5.3: Materiais internos à urna PN685. Acima, formas projetadas por Furquim (2014); abaixo, motivos encontrados.</i>	304
<i>Figura 5.4: Flanges do Médio Solimões. À esquerda vasilha 813 da feição 1 (sítio São João); à direita, desenho de vaso de flange mesial do sítio São Paulo II (TAMANAH, 2012).</i>	306
<i>Figura 6.1: Mapa da Expansão Arawak onde 1 representa centro primário de dispersão e 2 centros secundários (HECKENBERGER, 2002).</i>	312
<i>Figura 6.2: Lagos do Médio Solimões, cortados pelo rio-mar. Fonte: Google Maps.</i>	316
<i>Figura 6.3: Vaso Shipibo para consumo de fermentados (LATHRAP, 1970).</i>	320
<i>Figura 6.4: Sítios unicomponenciais e multicomponenciais policromos (BELLETTI, 2015).</i>	330
<i>Figura 6.5: Vista do rio Solimões no sítio São João. Foto: Rafael de Almeida Lopes.</i>	334
<i>Figura 6.6: Urnas funerárias Tauary. À esquerda urna datada do século XV e à direita urna do século XVI.</i>	340
<i>Figura 4.7: Fichas de análise morfológica do sítio São João. Adaptada de Belletti (2015).</i>	367
<i>Figura 4.8: Ficha de análise de pasta. Adaptada de Belletti (2015).</i>	368
<i>Figura 4.9: Fichas de análise de acabamento. Adaptada de Belletti (2015).</i>	370
<i>Figura 4.10: Gabarito da ficha de análise morfológica. Usado de Belletti (2015)</i>	371
<i>Figura 4.11: Gabarito da ficha de análise de pasta. Usado de Belletti (2015)</i>	371
<i>Figura 4.12: Gabarito da ficha de análise de pasta. Usado de Belletti (2015).</i>	371
<i>Figura 4.13: Lista geral de motivos identificados no sítio São João.</i>	371

Gráficos

<i>Gráfico 2.1: Distribuição de fragmentos diagnósticos ao longo da estratigrafia do sítio Conjunto Vilas. Fonte: BELLETTI, 2015</i>	77
<i>Gráfico 3.1: Tradagens e presença de Terra Preta de Índio</i>	111
<i>Gráfico 4.1: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis das quadras da unidade I.</i>	172
<i>Gráfico 4.2: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis das quadras da unidade II.</i>	173
<i>Gráfico 4.3: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis da unidade III.</i>	174
<i>Gráfico 4.4: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis de todas as unidades escavadas.</i>	176
<i>Gráfico 4.5: Gráficos representando a porcentagem geral de peças com ou sem acabamento. À direita em relação à quantidade e à esquerda em relação ao peso geral do material.</i>	176
<i>Gráfico 4.6: Formas projetadas em ordem da mais a menos frequente.</i>	178
<i>Gráfico 4.7: Quantidade de tipos de borda.</i>	186
<i>Gráfico 4.8: Quantidade de fragmentos por antiplástico principal em alta concentração.</i>	198
<i>Gráfico 4.9: Quantidade de fragmentos por antiplástico principal em baixa concentração.</i>	199
<i>Gráfico 4.10: Frequência de peças com cauxi como antiplástico principal.</i>	200
<i>Gráfico 4.11: Frequência de peças com caraipé como antiplástico principal.</i>	200
<i>Gráfico 4.12: Alisamentos encontrados no sítio São João. Estão apresentados na ordem face interna-face-externa; quando apenas um nome estiver citado é que todas as faces possuem o mesmo alisamento.</i>	206
<i>Gráfico 4.13: Frequência de técnicas plásticas e suas posições dentro da peça.</i>	210

Gráfico 4.14: Frequência de cores usadas e suas posições dentro da peça.	213
Gráfico 4.15: Ocorrência de materiais arqueológicos por nível da unidade I e suas feições (CASSINO, 2018).	228
Gráfico 4.16: Frequência de antiplástico por nível (incluindo feições) da Unidade I.	233
Gráfico 4.17: Tratamentos de superfície da unidade I.	236
Gráfico 4.18: Relação de tipo de técnica por nível da unidade I.	236
Gráfico 4.19: Relação de macrovestígios por nível da unidade II (CASSINO, 2018).	239
Gráfico 4.20: Volume (em litros) das formas projetadas da feição 5.	244
Gráfico 4.21: Ocorrência de antiplástico na Unidade II.	245
Gráfico 4.22: Relação de macrovestígios da unidade III por nível (CASSINO, 2018).	246
Gráfico 4.23: Antiplásticos por nível da unidade III.	250
Gráfico 4.24: Tratamentos de superfície da unidade III.	252
Gráfico 4.25: Técnicas de acabamento identificadas na unidade III.	252
Gráfico 4.26: Frequência de antiplástico principal por feição.	258
Gráfico 4.27: Técnicas encontradas nas cerâmicas das feições do barranco.	261

Tabelas

Tabela 2.1: Descrição das redes de troca do Médio Solimões relatadas pelos cronistas	63
Tabela 2.2: Datações radiocarbônicas do Médio Solimões. Datas calibradas pelo programa OxCal4.3 (curva ShCal 13). Fonte: adaptado de GOMES, 2016 e TAMANAHA, 2012.	86
Tabela 3.1: Localização dos sítios levantados (WGS 1984). Retirado de TAMANAHA et al. 2015.	95
Tabela 3.2: Coletas de superfície. Nº de PN e coordenadas.	150
Tabela 3.3: Comparação entre deposições intencionais.	153
Tabela 4.1: Divisão de tipo análise realizada por seção da vasilha.	161
Tabela 4.2: Divisão de tipo de análise realizada por proveniência do material.	162
Tabela 4.3: Quantidade das formas de acordo com o local da intervenção.	179
Tabela 4.4: Relação entre número de fragmentos de flange por unidade.	188
Tabela 4.5: Tabela com a quantificação das caracterizações do sítio.	220
Tabela 4.6: Formas do São João e suas caracterizações.	226
Tabela 4.7: Quantidade de sementes carbonizadas por nível da Unidade I e suas espécies (Cassino, 2018).	229
Tabela 4.8: Formas da unidade I por nível.	232
Tabela 4.9: Caracterização das peças por nível.	236
Tabela 4.10: Formas por nível da unidade III.	249
Tabela 4.11: Calibradores da unidade III por nível artificial.	249
Tabela 4.12: Relação de núcleos entre os níveis da unidade III.	250
Tabela 4.13: Caracterização dos conjuntos por níveis da unidade III.	253
Tabela 4.14: Relação entre formas por feição.	258
Tabela 5.1: Datas da TPA no Médio Solimões. Obs: datas do sítio Conjunto Vilas e Coari I são associadas a um contexto Caiambé e, portanto, valem como datação também para essa fase.	289
Tabela 5.2: Datas da Tradição Borda Incisa conhecidas para o Médio Solimões.	290
Tabela 5.3: Morfologias projetadas dos sítios escavados no Médio Solimões. As formas foram enquadradas segundo proximidades percebidas entre seções. Em vermelho, formas associadas à fase Tefé; em azul, aquelas associadas à fase Caiambé; em roxo, formas que apresentaram fluxo tecnológico; em preto, formas sem caracterização. Formas associadas por Hilbert não foram divididas por sítio. Fontes: HILBERT, 1968; GOMES, 2014; FURQUIM, 2014; BELLETTI, 2015. Confecção da tabela: Jaqueline Belletti e Rafael de Almeida Lopes.	295
Tabela 5.4: Formas projetadas únicas do Médio Solimões. Fonte: HILBERT, 1962; GOMES, 2014.	296

Agradecimentos

Os últimos dois anos de trabalho, cristalizados nesta dissertação, foram certamente intensos. Em seus melhores e piores momentos nunca estive sozinho, algo pelo qual sou muito grato. É por isso que posso dizer com tranquilidade que este foi um trabalho feito a muitas mãos, grande parte delas ainda com alguma terra preta amazônica enfiada entre as unhas.

Primeiramente, gostaria de agradecer meus pais, Maristela e Eduardo, pelo constante apoio e amor, e por sustentarem minha constante ausência com graça e paciência. Por isso, também gostaria de agradecer minha avó Ofélia, meu irmão, Eduardo, minha cunhada, Jéssica, e meus dois sobrinhos, Theo e Gael (que me afastaram do trabalho sempre nos momentos certos).

Agradeço em segundo lugar meu orientador, Fernando, pela paciência e generosidade com a qual lidou com meu ansioso, e algumas vezes desesperado, orientando. Sou muito grato por sua amizade e seus ensinamentos sobre arqueologia, etnologia, sobre a vida e sobre o consumo de fermentados (no passado indígena amazônico, claro).

Também agradeço à CAPES pela bolsa emergencial e ao CNPq pela bolsa concedida no restante da duração do mestrado. O apoio foi imprescindível. Para conseguir a bolsa CAPES, ainda tenho que agradecer ao antigo vice-reitor da UFS, André Souza, o antigo pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, Marcos Eugênio, e o técnico Iamm Manir. Agradeço também à Leli, que sempre me socorreu quando necessário.

Na UFS, agradeço imensamente aos professores que puderam compor a minha formação com discussões de todo tipo. Agradeço assim Leandro Duran, Paulo Bava Camargo e Péricles Andrade. À Péricles é devido a carga bourdieusiana que possui essa tese, uma que certamente levarei na minha formação, e que aqui agradeço. Também agradeço à Lorena Garcia, que sempre que pôde me ofereceu valiosas contribuições.

As professoras da banca de qualificação merecem um agradecimento especial. Daniela Klokler e Brenda Bowser fizeram comentários extremamente pertinentes que redefiniram diversos aspectos da presente pesquisa. Foram enormes aprendizados tanto na banca quanto em campo, durante as temporadas em Canindé. Dani ainda merece o agradecimento por contribuir para uma discussão espinhosa envolvendo ossos misteriosos do sítio São João.

Além de professores, os colegas de Mestrado e Doutorado na UFS proveram trocas infindáveis de conhecimento e experiências ao longo dos dois últimos anos. Agradeço assim a Felipe Neves, Josué Lopes (monstro da arqueologia do Nordeste), Nathalício Oliveira, Rimara Motta (Guidon), Layra Oliveira, Catarina Ferreira, Thaís Vaz, Augusto Miranda, Nádia Carrasco e o nosso Xamã Cristián Acuña. Entre os alunos da graduação Lycia Macley (do clã Macley) também contribuiu ao trabalho com *insights* sobre os vestígios zooarqueológicos do sítio São João.

Outro apoio institucional que merece muito agradecimento é o do Instituto Mamirauá, em especial o do núcleo de Arqueologia. Neste é preciso agradecer toda a sua equipe, amigos em Tefé. Mariana Cassino e Márcio Amaral foram grandes colaboradores durante todas as temporadas em Tefé, dividindo as análises do sítio São João. Agradeço a extrema generosidade de ambos ao me abrigar de todas as formas em Tefé. Verônica Lima participou da escavação e da análise do sítio, contribuindo valiosamente. Agradeço também à Marjorie Lima e Silvia Cunha Lima, que acompanharam o trabalho e proveram conselhos decisivos para a elaboração da pesquisa. Agradeço também ao Eduardo Kazuo Tamanaha, outro grande parceiro das empreitadas meso-amazônicas. Ele e Fernando foram mestres valiosos. Fora do núcleo da arqueologia agradeço ao João Valsecchi, José Cândido, Maria Lucas, Iury Debien.

Ainda entre os amazonautas, preciso agradecer profundamente meus dois colegas, amigos e companheiros na aventura de mudar pra Aracaju: Carol Santos e Thiago Kater (vulgo Taubaté, vulgo TK, vulgo nº1), os amazônicos de Aracajóia. À Carol tenho a agradecer pelas trocas de ideias, textos e por ensinamento vitais como temperatura de mate e posição de carne no churrasco. Tenho que agradecer também pela paciência na convivência comigo (exceto de manhã, rs). Ao TK, parceiro em todas as etapas do processo, agradeço pela grandeza (figurativa) de sua companhia e de seu espírito. Nossas discussões, às vezes acaloradas, perpassaram cada momento da produção da tese e formaram um conjunto de ideias que devo sempre levar comigo.

Agradeço também aos membros da equipe PACA (sempre hidratados), guerreiros do Caiambé, que auxiliaram nas escavações de 2016. Além de alguns nomes já citados, agradeço a Laísse Wladia, Hilkiene Alves, Amanda Lelis (coreguíssima), Guilherme Freire, Chico Dias, Bruno Montezano (o jovem padawan), Jandresson Lima, Emerson Nobre e Erêndira Oliveira. Emer e Erê ainda contribuíram artisticamente na dissertação, com seus desenhos maravilhosos. A Emer agradeço por todo o apoio que me proveu durante todo o processo. À Ere um profundo agradecimento pelas conversas e discussões sobre a TPA e por me apresentar, entre outras coisas, ao bregas amazônico e também ao feminejo. Agradeço

também aos membros da comunidade (e futura cidade) do Caiambé pelo acolhimento, em especial Michel, Seu Zé Preto e Jandresson Lima e sua família.

Jaqueline Belletti também merece sinceros agradecimentos por ter me auxiliado desde os primeiros passos na arqueologia e por continuar me apoiando e me instigando a inquirir mais sobre a TPA. O presente trabalho segue os passos de uma trilha aberta por ela, mesmo que adiante tome outro caminho. Agradeço a Jaq também pela tabela presente no capítulo 5.

Outro grande parceiro da produção da dissertação foi Alexandre Recoaro. Ale participou das análises cerâmicas do sítio São João em diversos momentos e propôs importantes contribuições. Além delas, está no momento dando seguimento à pesquisa do sítio, estudando sua iconografia. A esse colega e amigo também agradeço.

Assim como Alexandre, outros colegas do ARQUEOTROP e do MAE-USP ajudaram ao longo da pesquisa com conselhos imprescindíveis. Aqui agradeço ao Guilherme Mongeló; à Laura Furquim; Luana Spósito; o trio italiano mais querido da arqueologia: Filippo Stanpanoni, Marta Cavallini e Riccardo Rella; Silvana Zuse; Eduardo Bespalez; Maurício Silva; Myrtle Shock; Gabriela Carneiro; Débora Soares; Camila Jácome; João Saldanha; Leandro Cascon; Caroline Caromano e Jennifer Watling. Carol me ajudou na revisão do presente trabalho, uma tarefa árdua pela qual eu muito a agradeço. Jen (ou Doctor Watling) também me ajudou com suas análises de fitólitos. Agradeço ainda ao Eduardo Neves por ter me colocado nessa tal de arqueologia amazônica e ter me acompanhado e incentivado, com entusiasmo característico, nessa nova etapa de minha formação.

Ainda em São Paulo, agradeço a toda a rede de grandes amigos com a qual eu fui agraciado e que aguentaram minhas lamúrias, mas também comemoraram minhas vitórias. Amigos do colégio e da faculdade me deram pleno apoio e aqui agradeço especialmente à Gustavo Pacheco, Tatiane Damico, Rafaela Quesada, Monica Vezzalli, Sylvio Vezzalli (desde 1999) e Beatriz dos Anjos (mesmo de longe). Agradeço também ao Paulo de Souza (o lendário Paulão) por prover um lar na noite paulistana, onde tantas vezes pude trocar inúmeras ideias com os amigos Pedro Mazzaro, Nara Buzzo, Juliana Nunes, Oliver Menck e Lucas Torigoe.

Agradeço aos Matses das aldeias Trinta e um, Lobo e Soles por me apresentarem a um mundo indígena que nunca havia conhecido e que, agora que conheço, nunca vou esquecer.

O último e mais profundo agradecimento dessa dissertação vai para Márcia Freitas pelo tanto que me concede de carinho, ensinamentos e de boas risadas; de longe e de perto,

todos os dias e cada vez mais. Por me aguentar nos turbulentos últimos dias ela mereceria um prêmio, mas aqui só posso, novamente, agradecer (“paciência”).

Sumário

Introdução – Questões e contextos.....	1
Capítulo 1 – Escolhas teóricas, escolhas tecnológicas	6
Um histórico das pesquisas.....	10
Um princípio para dois projetos	12
Qual História Indígena de longa duração?	14
Como se constrói uma História Indígena de longa duração?.....	24
O estudo das escolhas.....	26
Considerações finais.....	31
Capítulo 2 – As dimensões dos problemas: revisão bibliográfica da TPA e da história indígena antiga e do contato no Médio Solimões	32
A dispersão das cerâmicas da Tradição Polícroma da Amazônia	33
Etno-história e Arqueologia do Médio Solimões	52
Considerações finais.....	85
Capítulo 3 – Relato de uma certa escavação: métodos e materiais das práticas arqueológicas no sítio São João	89
O Lago Caiambé (e seus arredores).....	89
Levantamento	91
Escavação	99
Considerações finais – o sítio São João.....	151
Capítulo 4 – Fragmentos do sítio São João: métodos e materiais da análise cerâmica e sua interpretação	155
Métodos de curadoria e análise cerâmica aplicadas ao material do sítio São João.....	157
Resultados gerais.....	172
Resultados contextualizados.....	227
Interpretação	261
Considerações finais - A longa duração ou o sítio São João em suas continuidades.....	284
Capítulo 5 – São João do Médio Solimões: análises inter-sítio dos contextos arqueológicos regionais	288
Quais poderiam ser as relações entre o sítio São João e o sítio Caiambé?.....	296
Quais são as semelhanças entre o registro arqueológico do sítio São João e do sítio São Miguel do Cacau?.....	301

Os sítios da região de Coari possuem similaridade com o sítio São João?	304
Considerações finais	306
Capítulo 6 – Encaminhamentos finais: esboços de uma história indígena no Médio Solimões	307
Dos inícios: primeiras ocupações e mosaicos de interações (sec. V-XII d.C.)	309
1ª transição: três hipóteses sobre o fim do “multiestilismo” no Médio Solimões	317
Da Era Polícroma: predominância e expansão da TPA (sec. XII-XVI d.C.)	330
2ª transição: novas fontes, seus potenciais e problemas	337
Dos fatais encontros: contato e desagregação das comunidades produtoras da TPA (sec. XVI-XVII d.C.)	338
Considerações finais – Histórias regionais entre histórias amazônicas	341
Bibliografia	344
Anexos	360

Introdução

Questões e contextos

A presente pesquisa, como o nome sugere, tem como **objetivo produzir uma história regional sobre as comunidades produtoras da cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) na região do Médio Solimões** (Figura I). A intenção justifica-se dentro do panorama da arqueologia amazônica devido à presença na região das datas mais antigas para essa tradição de ampla dispersão (c. século V d.C.). Nela também foram encontrados indícios cerâmicos de interações entre essas populações e aquelas que produziram as cerâmicas associadas à Tradição Borda Incisa (TBI) que a precede cronologicamente. O contexto tornou mais complexo o entendimento da dispersão dessa forma característica de se fazer cerâmica. Mesmo com esse contexto distinto, um sítio com predominância de cerâmica da TPA não havia sido escavado na área. Para abordar os significados desse cenário, o sítio São João, identificado em 2014 com essa predominância, foi escolhido para receber intervenções e servir de eixo para o desenvolvimento do trabalho.



Figura I: Região do Médio Solimões (entre os bastões vermelhos) e localização do sítio São João. Fonte: Google Earth; NEVES, 2006.

A arqueologia amazônica desenvolve-se em busca de uma maior compreensão das comunidades indígenas que ali viveram. Tal entendimento envolve a procura pelos modos de vida dessas populações, marcadas pela diversidade, e suas transformações ao longo do tempo. Como arqueólogos, acreditamos que essas características foram incorporadas de alguma forma nos objetos dessas populações, na paisagem que construíram (em suma, no registro arqueológico) e em narrativas de vários formatos, como seus mitos. A produção do conhecimento arqueológico sobre a Amazônia orbita, portanto, na variabilidade cultural encontrada pelos arqueólogos no presente, e, mais do que nela, nos possíveis significados que a produção dessa variabilidade, mediada na prática por escolhas, pode apresentar. Em outros termos, o arqueólogo estuda as consequências para entender as causas, ou seja, **estuda a variabilidade cultural, não só por ela mesma, mas para compreender os processos sociais, através das escolhas identificadas no registro.**

A cerâmica amazônica, desde o início das indagações arqueológicas na região, é tratada como uma fonte importante para o estudo dessas comunidades. Ela figura como o corpo documental dos primeiros estudos das populações amazônicas do passado e através dela teceram-se modelos de compreensão de sua história (NEVES, 2000). Uma forma de classificar a variabilidade cerâmica para compreender as sociedades pretéritas foi traduzi-la diretamente como variabilidade cultural, método de onde propagam-se os conceitos de Fase e Tradição (WILLEY & PHILLIPS, 1958; MEGGERS & EVANS, 1961; 1983; DIAS, 2007). Embora já tenham sido alvos de intensas desconstruções, esses conceitos, tidos como ferramentas classificatórias, servem um importante papel como organizadores da variabilidade cerâmica e recebem amplo uso nos estudos contemporâneos da área (LIMA, 2008; NEVES, 2010; ALMEIDA 2013). Dito isto, para a pesquisa arqueológica essa organização é o primeiro passo no caminho de uma decodificação dos possíveis significados da variabilidade, que pode até levar à dissolução dessa mesma organização. Para além da ferramenta, é necessário estabelecer contextos nos quais um conjunto organizado pode ser analisado em suas distintas partes. Nesse sentido, trabalhos regionais podem permitir a aproximação à parte, no objetivo de melhor entender o todo, repetindo tal movimento em distintas escalas.

As cerâmicas da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) foram caracterizadas recentemente como um indício de um processo de dispersão de povos falantes de línguas Tupi iniciado ao redor do século VII d.C. São associadas a uma expansão rápida e predominantemente belicosa, sendo que essa interpretação se baseia em estudos

realizados especialmente na área de confluência entre os rios Negro e Solimões e no rio Madeira (NEVES, 2013; ALMEIDA, 2013; MORAES & NEVES, 2012; ALMEIDA & MORAES, 2016). Essa expansão é tomada como análoga à que se deu na costa brasileira por povos Tupi-Guarani. As pesquisas usam como evidência de belicosidade a presença de estruturas defensivas, a mudança do formato de assentamentos para assentamentos menores e uma ruptura estratigráfica com as cerâmicas da tradição anterior na região, a Tradição Borda Incisa.

Na região do Médio Solimões o processo de ocupação por parte dos produtores de cerâmica da TPA parece se dar de forma distinta. O que se percebeu, a partir de novas escavações, análises e interpretações, foi a presença de cerâmicas da Tradição Polícroma concomitante com a presença de cerâmicas da Tradição Borda Incisa, esta predominante sobre a outra; sem haver uma interrupção de nenhuma forma de produção. Além disso, foram encontrados fragmentos cerâmicos híbridos que parecem mesclar de formas distintas os principais aspectos característicos dos dois conjuntos. Esses dados foram interpretados por Jaqueline Belletti (2015) como indícios de interações entre grupos ceramistas diferentes, que datações apontaram ser de longa duração (entre c. 500 d. C. e c. 1100 d. C.). As interações podem ter se dado de diversas formas como trocas, realização de rituais conjuntos e relações de casamento entre grupos. Além dessa interpretação, duas datas do século V d.C. para material polícromo (as mais antigas conhecidas para essa tradição) aumentaram o potencial informativo para novas pesquisas na região (BELLETTI, 2015; LOPES, 2015). A pesquisa de Belletti indica, como fazem também Almeida (2013), Neves e Tamanaha (2014) e o próprio autor (LOPES, 2015), a existência de distintos processos históricos regionais, ocorrendo em temporalidades distintas ou concomitantemente, para a dispersão da TPA.

O presente trabalho tem como objetivo principal a compreensão desse contexto distinto em que encontramos as cerâmicas da Tradição Polícroma no Médio Solimões. Para avançar a discussão, o trabalho visou preencher uma lacuna importante: a escavação de um sítio com predominância componencial de TPA no Médio Solimões, no caso, o sítio São João. Nosso objetivo geral é entender:

- Qual seria a trajetória histórica de ocupação de comunidades produtoras das cerâmicas da TPA na região do Médio Solimões?

Contíguo ao objetivo geral estão uma série de objetivos específicos que intencionam responder as seguintes questões:

- Qual a relação histórica entre produtores da TPA e da TBI na longa duração? Quais mecanismos impulsionariam ou inibiriam as interações entre produtores? Haveria transformações dessas relações ao longo do tempo? Quais são as implicações da existência de mosaicos de interações no Médio Solimões para os modelos de dispersão da TPA?
- Por fim, quando e onde seria o início dessa trajetória histórica das populações ceramistas produtoras da TPA na região? Como interpretar o quadro cronológico antigo (c. sec. V d.C.) identificado por Belletti (2015)?

A investigação dos objetivos acima tem a intenção de auxiliar a composição do quadro geral da arqueologia amazônica ao investigar temas como interação, dispersão de estilos e fluxos tecnológicos. Embora o escopo do trabalho possa não comportar respostas para todas as perguntas, acredito que ele pode produzir pistas sobre as diferenças e semelhanças entre as comunidades produtoras das cerâmicas associadas à TPA, reconhecíveis em todo o contexto amazônico.

A dissertação conta com 6 capítulos. Eles seguem resumidos.

O Capítulo 1 trata de uma ampla exposição dos pressupostos teóricos que sustentam nossos esforços de pesquisa. Ele possui dois pilares: o primeiro é o detalhamento da bagagem teórica que produziu os conceitos e os objetivos pensados pelo autor para o estudo do registro arqueológico; e o segundo é o aprofundamento na perspectiva teórica que orienta a visão desse registro em geral e a análise cerâmica em particular, i.e. uma visão sobre tecnologia e escolhas tecnológicas.

O Capítulo 2 aborda a revisão bibliográfica do objeto e da área de pesquisa, ou seja, faz um histórico dos estudos realizados sobre a TPA e sobre a etno-história e arqueologia feita sobre o Médio Solimões. Assim, o capítulo visa dimensionar os problemas que o presente trabalho disserta sobre.

O Capítulo 3 expõe o acúmulo de dados inéditos adquiridos nas práticas arqueológicas realizadas no sítio São João. A fim de torná-lo mais facilmente compreensível, os métodos usados no levantamento e na escavação serão apresentados nesse capítulo logo antes dos dados por eles produzidos.

O Capítulo 4 também é composto de métodos e resultados, dessa vez da análise cerâmica, pontuando-se também os resultados da análise arqueobotânica, entre outras classes de análises. Ele visa responder questões do registro elencadas no capítulo anterior e produzir um panorama das características da produção cerâmica encontrada no sítio.

No Capítulo 5 consta uma breve integração dos dados e interpretações do registro arqueológico do sítio São João ao contexto regional do Médio Solimões através de sua comparação com as outras pesquisas arqueológicas e históricas realizadas na área. Nessa parte da dissertação ampliamos a escala para ver as possibilidades de reinterpretação dos dados regionalmente.

O Capítulo 6 está reservado à síntese regional das ocupações associadas à Tradição Polícroma e também para as considerações finais da dissertação. Nele, junta-se o acúmulo de dados conhecidos e produzidos para tecer uma narrativa histórica dessas populações, ampliando ainda mais a escala para pontuar contribuições para o desenvolvimento da arqueologia amazônica e do conhecimento de suas comunidades indígenas.

Capítulo 1

Escolhas teóricas, escolhas tecnológicas

“A teoria sem pesquisa empírica é vazia; a pesquisa empírica sem teoria é cega”.

(Bourdieu & Wacquant, 1992, p.162)

A pesquisa que desenvolvo, e que aqui apresento em partes, é produto da história da arqueologia na Amazônia. Essa história permeia não apenas o conjunto de dados já acumulados sobre os objetos de pesquisa estudados, mas as próprias fundações das perspectivas e dos questionamentos desse estudo. Em suma, a arqueologia amazônica orienta teoricamente a produção e a resolução de problemas em seu constante contato com os dados, produzidos durante décadas por arqueólogos a partir de interpretações do registro arqueológico. O objetivo, nesse primeiro capítulo, é examinar os efeitos dessa história nas perspectivas teóricas e nos conceitos que norteiam o trabalho, selecionados entre uma série de escolhas; para que, no próximo capítulo, seja possível um aprofundamento na origem dos problemas específicos da pesquisa. Propõe-se, portanto, entender o funcionamento das minhas escolhas teóricas e suas consequências para a produção de conhecimento sobre o passado indígena amazônico, em específico, sobre os conceitos de estilo tecnológico e mosaicos de interação. A intenção é defender a capacidade dos arqueólogos de, a partir de um conjunto coeso de escolhas teóricas, acessarem escolhas feitas no passado e seus possíveis significados. Mas primeiro faz-se necessário alguns comentários sobre a produção do conhecimento arqueológico.

Ao ingressar na pesquisa em arqueologia – e isso se dá, na maioria das vezes, pela entrada em um laboratório – os futuros arqueólogos confrontam-se com uma avalanche de conceitos e técnicas mais ou menos definidos com os quais é preciso dialogar. Se, no início, as discussões entre colegas e as palestras em congressos são difíceis de acompanhar; com o tempo – aulas, leituras, conversas, etc. – aprende-se a compreender e até a produzir esses discursos. Juntamente à compreensão, o próprio trabalho cotidiano

também fica mais fácil com a prática. Pode-se comparar esse processo ao de um cozinheiro iniciante que, integrando-se à equipe de um restaurante, aprende progressivamente a reproduzir suas receitas ao mesmo tempo que seu paladar se torna mais apurado ao que deve formar um bom prato.

Nos termos da teoria da prática de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1988; 2004) essa entrada na arqueologia pode ser pensada como o ingresso a um campo, o campo de um conjunto de pesquisas arqueológicas – parte do subcampo da arqueologia brasileira, esse em si, englobado pelo campo científico. Para o autor, o campo é um mundo social, um microcosmo, que possui um conjunto específico de práticas e de regras acordadas pelos seus participantes segundo uma lógica; mas que está em contato com os outros mundos sociais. Esse campo está moldado a partir de posições das quais se dividem entre as mais altas, dos agentes que tem maior poder para controlar a lógica do campo (como professores); e as mais baixas, daqueles (como os estudantes) que possuem menos poder. Aqueles que ingressam no campo só o podem fazer à medida de um preço – um conjunto inicial de conhecimentos e posições sociais acumuladas – e a partir desse ingresso começam a imbuir-se do conjunto de práticas e percepções que garante o avanço de posições dentro do campo. Essa internalização da lógica do campo se dá através da internalização realizada pelos processos de ensino-aprendizagem e socialização (BOURDIEU, 1975; 2007). A movimentação pelo campo terá duas tendências a serem escolhidas pelos agentes: a conservação e renovação do próprio campo ou a sua transformação. Tal análise possui outras camadas de complexidade para o entendimento das diversas características do campo arqueológico, mas para o presente capítulo me aprofundo em duas discussões: a incorporação de práticas e percepções arqueológicas, e a matriz geradora do campo que orienta a produção, manutenção e transformação dessas. O faço pois acredito que ao entender como esses conceitos operam é possível ter um conhecimento mais holístico da teoria que subjaz meu trabalho. Antes de avançar, no entanto, é importante pontuar uma das especificidades do campo científico para Bourdieu: que suas práticas e perspectivas são constantemente colocadas sob um olhar crítico dos pares-concorrentes, o que possibilita produzir visões cada vez mais apropriadas sobre o objeto de pesquisa (no caso da arqueologia, o registro arqueológico e as sociedades do passado) (BOURDIEU, 2004).

Como já foi colocado, a incorporação da lógica do campo se dá no momento em que o agente concorda em participar dele. A incorporação se dá de forma mais ou menos

consciente e produz um processo contínuo de diálogo entre agente e campo que resulta em influências – ou disposições – cuja aceitação varia dependendo do caso. No cotidiano, essas influências orientarão as formas como os agentes escolherão atuar no campo: o que eles podem aceitar ou negar; que práticas eles vão empregar para resolver problemas específicos; e até mesmo o que eles considerarão como bom ou ruim.

A influência de um conjunto de pesquisas e pesquisadores no estudo arqueológico, portanto, perpassa as indagações teóricas. Um grupo de pesquisas, como um laboratório, por exemplo, pode moldar a forma como se vê o registro arqueológico. Aqui para exemplificar podemos citar como a arqueologia americana foi influenciada nos anos 60, 70 e, de certa forma, até hoje pela chamada Nova Arqueologia engendrada em Universidades meio-oeste americano (TRIGGER, 1989). Essa geração de arqueólogos foi, em termos gerais, treinada para considerar apropriadas as abordagens de caráter cientificista e generalizante; e errôneas aquelas que se aproximavam das visões históricas e indutivas (TRIGGER, 1970). Com novas visões ademais podem vir novos questionamentos que, como apropriadamente coloca Trigger (1989), são afetados por questões extra-arqueológicas como interesses de classe e descobertas provindas de outros campos científicos.

Tal influência também guia a forma como os arqueólogos operam na esfera do trabalho prático e talvez nela que se destaque mais. Assim, dois grupos de arqueólogos de *backgrounds* distintos podem ter formas distintas de escavar uma unidade em campo – e essas formas possuem suas histórias particulares – retraduzidas em percepções distintas de como se escava bem uma unidade, e que possuem suas justificativas que entrarão em diálogo. Essa incorporação chega a um nível tão acentuado em nosso ofício que o exercício de projeção de uma borda cerâmica ou o estabelecimento de camadas arqueológicas, por exemplo, possui, como via de regra, que as medidas imaginadas sejam acertadas “no olho” (da mesma forma, voltando a analogia culinária, como um cozinheiro experiente produz um prato).

Essas disposições incorporadas possuem um princípio gerativo, uma lógica que as une e que determina o que os agentes podem ou não podem fazer dentro do campo. Na arqueologia essa matriz geradora pode se formalizar em programas de pesquisa que configurariam atividades de campo, laboratório, palestras, convites a parcerias com professores de outras instituições, etc. Dessa forma, o cumprimento ou não dos pressupostos desse programa pode definir o avanço de arqueólogos dentro de um

laboratório, assim como o distanciamento pode prejudica-los. Concomitantemente, seu avanço está condicionado ao quanto o arqueólogo consegue avançar o próprio programa, ou seguindo Bourdieu, o quanto ele consegue adivinhar o “sentido do jogo” científico, tendo que necessariamente dialogar com trabalhos internos e externos a seu laboratório. As influências externas e novas – novas visões teóricas, outros métodos de campo –, no entanto, só podem ser incorporadas a partir de uma correspondência mínima com o princípio orientador das pesquisas, sendo mais difíceis quanto mais marcadamente delimitado for o programa. É com essa sobreposição de objetivos que um campo poderá internalizar novas formas de pensar e de atuar. Por fim, é por essa relação que acreditamos que pode surgir uma coerência interna, que é a condição de existência de cada contribuição arqueológica e que definirá a validade das afirmações dentro e fora do campo, garantindo assim uma relativa autonomia para o campo em geral. Sobre essa validade, Hodder (1988) afirma que a força de uma argumentação arqueológica nasce da coerência interna do argumento e de sua correspondência com os dados. Dentro da visão da arqueologia contextual de Hodder, por exemplo, cada informação que contribua na construção de contextos é relevante desde que o arqueólogo assim a perceba. Dessa forma, é completamente coerente que Hodder utilize dados e interpretações de autores de outras posições teóricas se ele perceber essas contribuições como significativas.

Na prática, a história de cada um desses campos se desenvolve no embate dialético entre pesquisas passadas e presentes que gera para cada contexto a reapropriação de certos dados, classificações, métodos, conceitos e interpretações enquanto gera o abandono de outros. Além disso, conceitos de distintas posições teóricas muitas vezes são juntados formando um significado específico para estes dentro do contexto estudado. Cada conjunto de pesquisas, portanto, é formado por uma história particular de corpos teóricos híbridos que são renovados por cada estudo. No fim, formam-se amálgamas de perspectivas, como uma espécie de caldo teórico (se levarmos a analogia culinária a seu limite), que será passado aos novos arqueólogos que, então, irão acrescentar à sua história (ou receita). Acredito que a teoria no meu trabalho parte de um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos que se imbricam de forma coerente e que produzem uma maneira particular do fazer arqueológico no panorama teórico da arqueologia brasileira.

No caso do conjunto de pesquisas ao qual o presente trabalho se insere, acredito que o princípio orientador das minhas práticas e percepções seja o objetivo último desses estudos: a construção de histórias indígenas de longa duração na Amazônia. Esse

princípio se desenvolve nos trabalhos realizados na Amazônia por Eduardo Neves e seus colaboradores e alunos que, a fim de simplificação, chamaremos de membros do Laboratório de Arqueologia dos Trópicos (ARQUEOTROP), laboratório do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Do diálogo com as pesquisas do ARQUEOTROP surgem as questões da presente pesquisa e a partir desse diálogo tentaremos respondê-las. Embora não haja nenhum manual ou guia explícito sobre como se faz ou pensa essa arqueologia, há um consenso persistente entre seus membros sobre suas fundamentações, princípios e objetivos, e uma noção clara de que se trata de um ponto de partida que orienta os trabalhos ao qual se deve retroalimentar com os resultados. Não se trata aqui de um arcabouço feito apenas de conceitos inéditos ou sempre explicitados, e sim de um produzido predominantemente da recombinação particular de ideias provindas de distintas posições teóricas.

Um histórico das pesquisas

O princípio orientador comentado possui uma história que está atrelada à própria história do ARQUEOTROP, desenvolvendo-se em estudos na Amazônia durante os anos 90 e 2000. Os trabalhos se congregaram principalmente na área de confluência dos rios Negro e Solimões no que foi chamado de Projeto Amazônia Central (PAC), e em trabalhos realizados a partir dos anos 2000 no Amapá e na Amazônia Ocidental. Os pressupostos principais desse conjunto de pesquisas se conformam ao longo dos 15 anos de PAC por Eduardo Neves, James Petersen, Michael Heckenberger e seus alunos e colaboradores (NEVES, 2008).

Para contextualizar como essa abordagem vem se ampliando e se estabelecendo na paisagem da arqueologia feita no Brasil, membros do ARQUEOTROP, por exemplo, ocupam 11 cadeiras de professores em 4 programas de Arqueologia no país, além de se estabelecerem em instituições científicas da região Norte como Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Amazônico, Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, entre outros. Em termos gerais, a perspectiva se insere ao que Fausto e Heckenberger (2007) chamam de “revolução temporal” nos estudos amazônicos, caracterizada por um aumento na importância dada à história e historicidade de populações indígenas amazônicas do presente e do passado, que se inicia entre os anos 80 e 90 e vem ganhando cada vez mais destaque.

As pesquisas do PAC começaram em 1995. O projeto teve como modelo o “Prehistory and Human Ecology of the Valley of Oaxaca, Mexico” de Kent Flannery para a região de Oaxaca, cujo objetivo era o estudo sistemático de uma área bem delimitada (FLANNERY, 1976; NEVES, 2013). Entre os principais objetivos do projeto estavam “o estabelecimento de tamanho e forma dos assentamentos, a reconstrução da densidade e duração das ocupações, e o refinamento da cronologia da área de confluência dos rios Negro e Solimões” (LIMA, 2008, p.15). Além desses, os arqueólogos propunham testar a hipótese de Lathrap sobre a Amazônia Central ser um centro de onde expansões de grupos linguísticos diferentes se dariam por pressões populacionais (comentada no Capítulo 2). Havia já uma percepção, depois aprofundada, da necessidade de se construir uma história particular da Amazônia pré-colonial, na tese de Neves (1998), por exemplo, e de negar os modelos que a ela eram aplicados por arqueólogos com distintas visões teóricas. A contraposição era ao que Shanks e Tilley (1987) chamam de “arqueologia checklist”, definida como pesquisas que tem como base a identificação de sociedades em tipologias sociais. Essa abordagem muito influente na Amazônia desde o trabalho de síntese de ecologia cultural, o “Handbook of South American Indians” (STEWART, 1948), produziu modelos de sociedades divididas hierarquicamente entre tribos, bandos, cacicados e, como fim lógico, Estados. Na Amazônia a abordagem gerou extensas discussões sobre se haveriam cacicados ou apenas tribos e bandos, as chamadas Culturas de Floresta Tropical; especialmente nos trabalhos de Betty Meggers, Clifford Evans (1957, 1961) e Anna Roosevelt (1993).

Pensando no contexto acadêmico, os trabalhos do ARQUEOTROP, se colocam como uma alternativa mais “local” aos estudos feitos tradicionalmente por arqueólogos estrangeiros que traziam de fora seus modelos e perguntas próprias. Com o desenrolar dos trabalhos, as hipóteses de Lathrap foram negadas enquanto houve uma valorização progressiva de preceitos da Ecologia Histórica. Quanto à metodologia, foram empregados uma gama de métodos de diversas proveniências a fim de aumentar a quantidade de dados possíveis do registro arqueológico, como análises micro e macrobotânicas, zooarqueológicas, arqueométricas, etc., além das mais tradicionais análises cerâmicas (cuja forma de análise foi alterada) e líticas.

Munidos com essa bagagem de conceitos e métodos as pesquisas que abriram espaço para a apresentada nessas páginas privilegiaram tecer narrativas de grandes processos históricos. Entre esses, identificamos três processos marcados que se repetem

em grande parte dos estudos: a modificação da paisagem; a formação de sociedades com alguma forma de hierarquia; e a expansão de povos indígenas e, mais especificamente, de grupos linguísticos; os três processos mostrando amplos pontos de contato. Essas três matrizes geraram interpretações férteis sobre o passado indígena amazônico. Para não se adentrar demais nesses trabalhos, podemos comentar que na primeira, com especial vínculo com a Ecologia Histórica, obteve-se informações importantes do impacto das sociedades amazônicas na floresta, quebrando com a visão de ser esta uma “natureza intocada” ao apresentar diversas maneiras em que a paisagem foi alterada em ampla escala, como produção de montículos, manejo de plantas, produção do solo antrópico chamado de Terras Pretas de Índio (TPI) ¹, entre outras (HECKENBERGER, et al., 2003); na segunda, enunciou-se a tendência à fragmentação de conformações políticas centralizadas na região (NEVES, 1998; 2012; 2015); para a última, chegou-se às conclusões que há uma correlação positiva entre cerâmicas da Tradição Pocó-Açutuba e da Tradição Borda Incisa, aparecimento de TPI e expansão de grupos falantes de línguas Arawak (MACHADO, 2006; LIMA, 2008; NEVES, 2012). Essa correlação foi também realizada entre as cerâmicas da Tradição Polícroma com a expansão de populações Tupi, sendo essa, alvo de recentes críticas que serão tratadas no próximo capítulo (NEVES, 2012; MORAES & NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013; BELLETTI, 2015).

Um princípio para dois projetos

O desenrolar das pesquisas legou aos estudos consequentes – como esse – a produção do esforço particularista de tecer histórias indígenas de longa duração usando preceitos especialmente provindos de um Culturalismo Histórico “reformado” e da Ecologia Histórica. O princípio orientador se reflete em todas as etapas da pesquisa, e é tomado como projeto científico e político, um não separado do outro.

Científico, no sentido de valorizar o particularismo histórico frente a arqueologias checklist e o determinismo estatal que marcaram tanto a arqueologia feita na região quanto o pensamento generalizado sobre a Amazônia. Vê-se uma necessidade de pautar as capacidades de populações indígenas de transformar o ambiente e de produzir formações sociais próprias. A já comentada negação das arqueologias *checklist* se inscreve, portanto, numa tentativa de negar modelos que, se por um lado, como o de Meggers e Evans (1957; 1961), propunham a incapacidade transformadora das

¹ A TPI é um solo escuro de produção antrópica, com PH elevado, altos índices de Fósforo, Cálcio e Magnésio e é composto por muita matéria orgânica (LEHMANN et al., 2003).

populações amazônicas frente um ambiente negativo; do outro, como presente nos trabalhos de Roosevelt (1993), produziu análises de “incipiência” ao qual se advoga o caminho incompleto das populações amazônicas em direção a um Estado, como se a lógica do desenvolvimento humano tendesse a essas formações (NEVES, 2014).

Político, pois trata-se de tomar posição conscientemente política no presente, de engrossar a história brasileira dando mais peso à construção de histórias indígenas e suas formas de viver e se relacionar com o ambiente em grande escala, espacial e temporal (NEVES, 2006). Reconhece-se que o conhecimento da história indígena é importante, mesmo que inscrito na lógica ocidental, pois é uma forma de tecer a história que pode ter significado, por exemplo, habilitando a comparação entre distintos períodos com a história ocidental. Além disso, essa forma de organizar o passado e tecer uma história conectando populações do passado com populações amazônicas vivas, pode ter respaldo na sociedade nacional; no sentido de ser acessível ao interesse público e significativo dentro da realidade social atual, onde a visão comum é aquela das populações indígenas como gente sem história e sem capacidade transformadora. Tal perspectiva está atrelada a contínuos ataques aos indígenas e aos seus territórios tradicionais. A crítica à visão a-histórica torna-se importante, por exemplo, dentro da tentativa de incluir história indígena no currículo escolar e no desenvolvimento de áreas de conservação com a presença de populações ribeirinhas. Nota-se que o saber do passado pela lógica indígena é também de grande importância como advertido por autores como Silva (2015), mas que há muitos benefícios da coexistência de múltiplas narrativas possíveis sobre o passado.

Desse princípio e seus projetos se ramificam diversos conceitos, dos quais serão apresentados aqueles que escolhi dialogar com – os mais importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa – através da inspeção do próprio princípio. Esses não devem ser tomados de maneira essencialista, mas sim como a forma pela qual o autor do presente trabalho entende, apropria e ressignifica sua herança teórico-metodológica. Da crítica dessa herança indicaremos alguns conceitos importantes escolhidos para formular nosso trabalho e que podem, acredito, se integrar de forma coerente à construção de histórias indígenas de longa duração na Amazônia.

Qual História Indígena de longa duração?

Arqueologia como História

O interesse do ARQUEOTROP ao abordar a História Indígena Amazônica levou ao abandono da pretensão da arqueologia como paleo-etnografia ou ciência geral do desenvolvimento humano para estabelecê-la definitivamente como ciência histórica; à serviço da história (NEVES, 2012; 2014). Objetiva-se, portanto, aproximar-se das particularidades dos processos sociais do passado, ou processos históricos, fazendo-o a partir da produção de modelos cujo encaixe a trajetórias de sociedades sempre deve ser ajustado e reajustado (BRAUDEL, 1992). A diferença para o historiador baseia-se no objeto de estudo: no caso, o registro arqueológico. Assim, a particularidade do fazer arqueológico encontra-se especialmente nas formas de crítica às suas fontes, que lhe são específicas, e que garantem a ela uma maneira distinta de narrar o passado e certa autonomia para fazê-lo.

Isto posto, o conceito “história” é pensado neste trabalho como narrativa, construção social, realizada no presente sobre o passado. Embora nunca possa chegar ao passado têm-se a noção de que seu objetivo é, através do rigor científico, tecer interpretações mais próximas possíveis sobre a ocupação de produtores da TPA no Médio Solimões. Segundo Pesavento (2003) a história, tal qual a literatura, produz um efeito de verossimilhança com a realidade. A diferença da história é que ela pretende a veracidade. Para a autora, a invenção do passado na pesquisa histórica é “[...] condicionada pela natureza do objeto – o que aconteceu e o que disto restou, como traço –, pelas regras de como fazer seu trabalho – o método, de testagem, comparação, montagem, contraste – e o fim a que se propõe – a recuperação/reconstrução do acontecido, atingindo uma verdade possível” (PESAVENTO, 2003, p. 36). A arqueologia, como estudo histórico, intenta compreender o passado a partir dos dados produzidos mediante o uso da imaginação histórica, o qual é a capacidade que temos de inferir sobre o passado utilizando nossas experiências, leituras e outros conhecimentos contextuais (HODDER, 1988). Os dados arqueológicos surgiriam a partir do encontro de regularidades no registro arqueológico. No caso da arqueologia feita na Amazônia, presumindo que a variabilidade cultural amazônica, embora muito ampla, não seja infinita, podemos identificar nela padrões similares numa visão cronológica em grande escala (NEVES, 2014). As formas e os recortes que essa visão cronológica encarnará variam conforme o estudo em questão, mas

recebem sempre a influência da percepção histórica proporcionada pela Ecologia Histórica.

Ecologia Histórica

Como colocam Balée e Erickson (2006), a Ecologia Histórica é um programa de pesquisas interdisciplinar, vertente da Ecologia que se aproxima das ciências sociais – e, mais especificamente, das ciências históricas – ao pensar na relação dialética entre o ser humano e o ambiente ao longo do tempo. Ela reforça o caráter transformador que as populações possuem, em diversas escalas, de modificarem a paisagem. A paisagem é pensada como cultura material e as populações humanas vistas como produtoras de dinamicidade ambiental, tanto destrutiva quanto construtiva. A Ecologia Histórica, portanto, reconhecerá a capacidade das populações de alterar a paisagem de distintas formas para beneficiar-se de suas potencialidades e contornar seus limites (BALÉE & ERICKSON, 2006, p.1)².

Combinada com a arqueologia essa perspectiva produz análises sobre as relações históricas entre sociedades e ambientes e os processos que as colocam em movimento. Através de estudos da paisagem e análises arqueobotânicas e zooarqueológicas, por exemplo, é possível reconstituir paisagens antigas e marcar processos de alteração das mesmas. As alterações paisagísticas tomam todo tipo de forma, de domesticação de plantas e animais a enriquecimento de solos, informações que auxiliam na compreensão contextual dos sítios estudados. A perspectiva da Ecologia Histórica permite, portanto, que os arqueólogos se debrucem sobre as potencialidades dos grupos humanos em desenvolver alternativas criativas para problemas ambientais e sociais. Além disso, questões como organização social e poder político podem ser analisadas pela matriz da produção de paisagens, como faz Heckenberger (2006) no Alto Xingu ao estudar “urbanidades” pré-coloniais e as entidades políticas que as produziram.

² A “adaptação” pensada muitas vezes como limitante do desenvolvimento social torna-se a forma como comunidades amazônicas lidaram com seu ambiente abundante e as influências que esse teve para a trajetória de conformações sociais particulares (BALÉE, 2008)

A outra grande influência que norteia o pensamento histórico do ARQUEOTROP (e do presente trabalho) provém da chamada arqueologia histórico-cultural. Essa forma de fazer arqueologia, segundo Trigger (1989), se desenvolve em diversas partes do mundo no final do século XIX e início do XX, mas seu maior impacto é na arqueologia da Europa. A História Cultural feita por arqueólogos desse período tem como base a percepção de culturas arqueológicas – conjuntos de material pré-histórico geográfica e temporalmente circunscritos associados recorrentemente e atribuídos a grupos étnicos – combinada, na maioria dos casos, a objetivos nacionalistas ou eurocêntricos³ (TRIGGER, 1989). Essa associação produziu uma História preocupada com processos históricos marcados dentro de um fortalecimento dos Estados-nacionais, i.e. processos como origem, migração, formação de línguas, difusão de traços culturais, etc. Na América do Norte, onde a arqueologia se desenvolveu tradicionalmente ao redor das populações nativas, esses conceitos se encaixaram de forma confortável às indagações trabalhadas pela antropologia boasiana e, mais ainda segundo Trigger (1989), na tradição etnológica de Friedrich Ratzel. Dessa tradição intelectual é notável aqui mencionar o trabalho *Method and theory in American Archaeology* de Willey e Phillips (1958) tanto por ser emblemático de uma história com preocupação cronológica, mas com ausência de explicação profunda sobre mecanismos de mudança; quanto por seu papel metodológico – e, conseqüentemente, teórico – na implementação da arqueologia científica brasileira, em geral, e amazônica, em particular, através dos trabalhos de Betty Meggers e Clifford Evans, sectários dos conceitos e métodos de Willey & Phillips.

Após o ápice e crítica do Processualismo e do Pós-Processualismo, a perspectiva histórica orientada aos objetivos clássicos histórico-culturais vêm ganhando nova força ao reformular-se teórica e metodologicamente em novos trabalhos. É relevante nesse momento mencionar o trabalho de Anthony (2010). O arqueólogo, na tentativa de entender um problema clássico da arqueologia: a expansão dos povos indo-europeus, lida com as relações entre cultura material, grupos linguísticos e povos ágrafos de uma forma

³ Na primeira metade do século XX esses objetivos são encarnados, respectivamente, nos trabalhos de Kossina que atribuíra diferenças de material a diferenças étnicas e que construiu um discurso de superioridade alemã pela não miscigenação étnica ao longo da história; e, de outro lado, aos primeiros trabalhos de Gordon Childe que identificou uma pluralidade de culturas arqueológicas no contexto europeu exaltando o vigor e criatividade das línguas indo-europeias e das formas culturais desenvolvidas do continente, terreno fértil para a criação de uma civilização (TRIGGER, 1989).

distinta. Ao invés de tratar a combinação dessas categorias como uma certeza absoluta, Anthony a vê como possível em casos específicos. Apesar de abordar as questões clássicas de origem, migração, etc. o autor utiliza conceitos de várias disciplinas, como geografia, demografia e linguística, para determinar mecanismos no contexto macro e micro que produziram as trajetórias dessas sociedades em suas mudanças e continuidades. Ao invés de se colocar numa posição nacionalista ou etnocêntrica, Anthony celebra a capacidade de disciplinas como a arqueologia e a linguística em construir histórias de populações humanas ágrafas (que compõem a maioria da história humana global) que se apagariam completamente sem esse tipo de pesquisa.

Embora tenha tido uma perceptível descontinuidade no contexto anglo-americano, a abordagem histórico-cultural tem uma notável continuidade na maior parte do mundo (JOHNSON, 2011; TRIGGER, 1989). Na América Latina essa continuidade foi aprofundada em um trabalho de Gustavo Politis (2006). Segundo o autor, a América Latina mantém-se – por razões sociais, políticas, econômicas e principalmente por uma “dependência teórica” dos centros hegemônicos – com um Culturalismo Histórico pouco desenvolvido em termos teóricos. Politis vê como superação da dependência teórica a aproximação pelos arqueólogos às questões e temas de nosso contexto macro-regional. Neves, a partir da perspectiva do ARQUEOTROP, esboça uma solução pelo menos para a América do Sul: “um mergulho profundo nas evidências que se tem construído que, aliado à dificuldade em se aplicar os conceitos produzidos em outros contextos, possa contribuir para a elaboração de um quadro teórico mais rico e menos artificial, e que, paradoxalmente, possa ter uma relevância conceitual que vá além do continente” (NEVES, 2015, p. 9). A história, assim, traria a região a ter um papel fundamental na arqueologia global.

Encontro de duas Histórias

As duas linhas de origens distintas se combinam nos trabalhos do ARQUEOTROP. Embora Ecologia e Culturalismo Histórico tenham se fundido em formas híbridas ao longo da trajetória arqueológica da Amazônia acredito que a forma renovada em que as pesquisas do ARQUEOTROP ajustam as duas tradições permite avançar na construção de novas histórias que captam as particularidades do passado amazônico. Dessa forma, a perspectiva histórica geral, proposta no presente trabalho,

busca a trajetória particular de povos indígenas do Médio Solimões pensando em grandes processos históricos ao longo do tempo em seus mecanismos de mudança e continuidade. A relação dialética entre essas sociedades e seu ambiente será de grande importância ao discurso produzido, já que a paisagem amazônica, sua formação e possíveis significações serão tomados como eixo da pesquisa e objeto de estudo. As trajetórias históricas da região serão trabalhadas na longa duração.

Dois conceitos úteis para incorporar os dois pensamentos históricos são o de “lugar significativo” e “lugar persistente”, trabalhados por Bowser & Zedeño (2009). As autoras discutem o conceito de uma arqueologia do lugar, termo considerado central para entender a história humana através de visões científicas e humanísticas. *Lugares significativos* segundo as autoras são aqueles em que, através da interação entre ambiente e homem e de sua capacidade de materializar essas interações, são inscritos significados sociais. Estes são subjetivados a partir das memórias individuais e coletivas. Trata-se do reconhecimento da importância dessa localidade para o indivíduo ou a coletividade – definidor de seu significado – dentro de uma rede de lugares que por sua vez influenciará a vida e a história dos que o reconhecem (ZEDENO & BOWSER, 2009; ALMEIDA, 2013). Em outros termos as autoras colocam que um lugar significativo é:

“[...] that which reminds people of their past and teaches them how to cope with the present and plan for the future. [...] that were made, marked, or modified to guide individuals and societies in making decisions and in keeping in balance with their environment and with the cosmos” (ZEDENO & BOWSER, 2009, p. 13).

Esses lugares podem ser de construção humana como grandes monumentos, ou ressignificações do próprio ambiente, como cachoeiras, lagos, ou afloramentos rochosos, e estão em contínua transformação ou atualização.

Por outro lado, um *lugar persistente* está mais ligado ao reuso e revisitação de lugares significativos. Esse processo, que se traduz na constante ressignificação de um lugar marcado que se destaca na paisagem por alguma razão ou que está presente na memória de um grupo, produziria um continuum no registro arqueológico. Este pode remeter a uma noção de territorialidade (ZEDENO & BOWSER, 2009; ALMEIDA, 2013). Os lagos do Médio Solimões, cujas ocupações remontam ao segundo milênio antes da era cristã podem ser considerados lugares significativos e persistentes.

História de longa duração

O pensamento da arqueologia como história de longa duração não é inédito nos estudos arqueológicos. O conceito de longa duração ou *longue durée*, desenvolvido em meados do século XX provém da história, mais especificamente, da escola dos Annales e têm Fernand Braudel⁴ como seu proponente principal. O conceito que divide as marcações temporais braudelianas com média e curta durações foi estruturado ante uma história devotada amplamente aos eventos, e tem como característica basilar a relação estrutural que ela tem com os outros tempos. Se antes a história era vista como uma série de eventos concatenados por grandes figuras, Braudel impõe a importância dos processos sociais de larga escala que vão além do evento e do qual o evento, nas palavras do autor, é “uma agitação de superfície, as ondas que as marés [longa duração] elevam em seu poderoso movimento” (BRAUDEL, 1992, p.14). Braudel aponta uma visão estrutural para a longa duração considerando estrutura como “articulação, arquitetura, porém, mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente” (BRAUDEL, 1992, p. 49). A partir dessa perspectiva estrutural as continuidades e rupturas encontradas no registro arqueológico podem ser analisadas como manifestações culturais das populações indígenas.

Para exemplificar como as três durações podem operar no estudo arqueológico podemos tomar um caso etnográfico relatado por Phillipe Descola em seu livro “As Lanças do Crepúsculo” (DESCOLA, 2006)⁵. O autor em sua vivência com os Achuar do rio Javari (Amazônia equatoriana) observa em seu cotidiano a passagem de alguns forasteiros de lugares afastados que travam relações de comércio com a aldeia de Capauari, que ele estudou. Através da instituição de amizades cerimoniais, facões, facas, cobertores, miçangas, corantes minerais para a cerâmica e, especialmente, espingardas são trazidas à aldeia e trocadas por zarabatanas e cocares de produção local. Descola cita

⁴ Braudel, por outro lado, coloca a arqueologia como uma das salvadoras da profissão do historiador ao pôr em segundo plano o tempo curto e necessitar, em seus estudos, de vastos espaços cronológicos (BRAUDEL, 1992). A arqueologia, em si, conheceu tardiamente o conceito braudeliiano, mas vertentes do Culturalismo Histórico já pensavam desde o começo do século XX na disciplina como a história milenar dos povos sem escrita. Os trabalhos posteriores de Gordon Childe (1946) podem ser considerados os mais marcantes nessa direção. Essa abordagem se renovou, tendo mais recentemente apresentado interpretações relevantes quanto a origem e dispersão da agricultura (BELWOOD, 2001) e quanto a expansão das populações indo-europeias no já mencionado trabalho de Anthony (2010).

⁵ O experimento é inspirado em proposição de Neves (2012)

até nomes de alguns desses amigos afastados, normalmente membros de outros povos Jívaros ou Quechua, e minucia os usos dos produtos, os motivos da troca e as relações entre os “parceiros de negócios”. Descola explica que relações de troca em longas distâncias baseadas em amizades cerimoniais são comuns por toda a Amazônia, até supondo sua origem como pré-colonial. Desse panorama, pode assumir-se então que as trocas visualizadas por Descola no contexto etnográfico se repetiram através do passado da região. A repetição produz de tal forma um padrão que o autor pôde compará-la a outros contextos etnográficos amazônicos. Histórias eventuais como a entrega por Taish de uma espingarda de boa qualidade a Tarir, e sua posterior exibição por esse, vão se repetindo pelos povos da região em que estão os Achuar, gerando padrões reconhecíveis. Por sua vez, essas relações já fazem parte de uma história que posicionou ambos nessa situação. Os padrões desse tipo específico de troca têm uma dimensão material clara: são produtos exógenos de material resistente. Embora eventos como guerras possam diminuir ou alterar as redes de troca, essas flutuações não interromperam formas tradicionais de comércio. Ao ampliar a escala temporal e espacial, os padrões aumentariam em suas variações, mas poderiam também revelar um sentido mais claro para eles. Curta e média duração assim, vão produzindo padrões culturais marcados no tempo e no espaço que poderão ser percebidos por arqueólogos na longa duração. Histórias acumuladas, portanto, estruturam e são estruturadas por uma mesma estrutura – assunto que discutiremos mais a frente – o que permite interpretá-las e produzir o que chamamos de história de longa duração.

Imaginando que o contexto relatado por Descola se transformasse num sítio arqueológico, não seria impossível resgatar os nomes de cada indivíduo, o uso específico de cada produto e o motivo de cada troca, mas talvez o significado dessas trocas numa escala macro – dispostas dentro de um padrão marcado pelos vestígios materiais – possa ser restaurado de forma a entendermos melhor sua importância para a história desses povos. Para compreender o significado oculto das relações o arqueólogo deve se aprofundar em seus contextos de todas as formas possíveis, buscando também realizar um diálogo crítico com outras áreas como a antropologia, sociologia e etnografia. Análises como a de Descola são fundamentais na compreensão dos padrões encontrados no registro arqueológico. Nesse sentido, o próprio Descola salta em direção a uma interpretação geral das culturas amazônicas ao alargar a escala etnológica – uma escala, em princípio, espacial – comparando seu caso a de outros povos amazônicos. O autor

conclui que, entre os indígenas que estuda, “o escambo à longa distância responde [...] tanto a uma necessidade econômica quanto à vontade política de manter uma forma de ligação entre povos que pouco se apreciam” (DESCOLA, 2006, p. 192). Com essa conclusão ele então remete a uma explicação da relação íntima entre guerra e comércio na Amazônia postulando que “talvez seja o único meio de resolver uma contradição, comum a todos os povos da região, entre o irrefreável desejo de autonomia experimentado por vizinhos demasiado parecidos e a necessidade, característica de todo agrupamento humano, de definir sua própria identidade colocando-se como termo de relação de troca com o outro” (*idem*, p. 193). A arqueologia, nesse sentido, pode acrescentar uma profundidade temporal a esse tipo de argumento relacionando-o a suas origens e trajetórias dentro da história amazônica e confrontando sua validade com uma escala de ordem temporal.

Se por um lado pode-se dizer que a fabricação de cada vaso é um evento, a natureza fragmentada da forma com a qual encontra-se esses eventos no registro arqueológico - cuja dissonância pode privar de significado – propicia que a curta duração seja frequentemente alternada a outras. O jogo de escalas entre as durações permite que o acúmulo irregular de eventos gere conexões mais coerentes uma vez que se distancie o “zoom”, cronologicamente e geograficamente. O caráter repetitivo dos eventos (BOURDIEU, 1983; HECKENBERGER, 2001, p. 56) permite que pouco a pouco se possa atribuir significado a padrões e construir contextos. No espectro de séculos da longa duração os padrões produzirão o que os arqueólogos transformarão em tipos cerâmicos; espécies botânicas e animais mais consumidos; mudança ou continuidade de padrões funerários; etc., de onde cada pesquisador começará a tecer narrativas sobre processos históricos. Ao voltar para outras durações, o arqueólogo vai refinando suas interpretações e ampliando seus contextos.

Ao fim, o acúmulo de eventos e conjunturas, dados e processos históricos trará a possibilidade ainda de entrever outra forma de sentido oculto: o estrutural. A que seria a longuíssima duração braudeliana (BRAUDEL, 1992) revelaria os alicerces pelos quais a história se orientaria, os quais os agentes teriam continuamente de reajustar. Como colocado de maneira simples e precisa por Sahlins trata-se de enxergar que: “Structure – the symbolic relations of cultural order – is a historical object” (SAHLINS, 1985, p. VII).

Os alicerces pelos quais a história de uma sociedade se orientaria podem ser classificados na categoria dos regimes de historicidade, conceito aberto desenhado por

Hartog (2013). Esse conceito cuja determinação mais simples pode ser descrita como “maneiras de ser no tempo” (HARTOG, 2013: 29) é pensado no presente trabalho como a forma com a qual grupos produzem e reproduzem a história – à maneira de uma respiração: como eles inspiram e expiram a ordem do tempo. Tal perspectiva está presente de certa forma em trabalhos como o de Neves (2012) pelo prisma das sociedades “quentes” e “frias” classificadas por Levi-Strauss (2013 [1973]) e o de Heckenberger pela ótica braudeliana da história estrutural e dos eixos de longa duração, que serão melhor desenvolvidos mais adiante. O funcionamento de todas essas amplas categorias históricas coincide em um ponto fundamental compartilhado no presente trabalho: que o funcionamento interno dos grupos indígenas amazônicos e sua relação com fatores externos estruturariam maneiras marcadas de produzir continuidades e transformações ao longo do tempo, fundamentando ciclos e rupturas históricas em negociações entre passado e presente. Retomando Sahlins: “the continuity of indigenous cultures consists of the specific ways through which they transform themselves” (SAHLINS, 1991, p.126). Frente a um determinismo ambiental aqui se coloca que entender os regimes de historicidade e os processos históricos, em sua natureza política, ecológica, econômica e social, que estes colocam em movimento nas outras durações, parece ser um caminho muito mais interessante para entender as lógicas de ocupação e desenvolvimento das sociedades amazônicas do que fixar-se em fatores apenas ambientais. Para isso o constante contraste entre dados empíricos com modelos da história, geografia, ecologia, antropologia social e até aportes da literatura, entre outras áreas, podem ser úteis, de forma a nos prover em escala menor aquilo que produziria os padrões que encontramos e interpretamos na longa duração.

O caso de Heckenberger (2001), no Alto Xingu é pertinente para demonstrar os resultados desse tipo de enfoque. O autor toma como objetivo narrar uma história regional⁶ do Alto Xingu. A partir de estudos históricos, arqueológicos e etnográficos na região e com influência dos trabalhos de Braudel e Bourdieu, Heckenberger estabelece uma continuidade histórica para as comunidades indígenas do Alto Xingu durante 1100 anos. Guiado pela manutenção da produção cerâmica e do formato e orientação das aldeias, o autor recorta períodos históricos desse intervalo e os compara. O resultado é a

⁶ O autor chega a alegar a necessidade de mais estudos regionais, como o que se deseja produzir aqui: “O que nos falta são estudos detalhados sobre trajetórias sócio-históricas específicas, com profundidade temporal suficiente para avaliar padrões de *longue durée*, particularmente estudos que se estendam até a Pré-História (HECKENBERGER, 2001, p.24)

percepção de transformações ao longo do tempo, mas também da permanência de características importantes, delineadas pelas comparações e pelo jogo de escalas. Destacam-se o sedentarismo; a hierarquização; e a integração e produção de regionalidades – associadas em diversos casos a populações falantes de línguas Arawak – como continuidades estruturais pelas quais a história dessas comunidades seria mediada, formando permutações da estrutura. Heckenberger considera esses três aspectos como os principais esquemas culturais da sociedade xinguana que formam suas “categorias, princípios e metáforas fundamentais” (idem, p.31). Os esquemas seriam incorporados a partir de diversas práticas objetivantes como atividades políticas públicas. As conclusões do autor não só reiteram a força das instituições xinguanas que impediram transformações estruturais, mas também produz uma crítica refinada às visões sincrônicas das sociedades amazônicas, tais como a de Clastres e do próprio Descola, que inferem a existência de mecanismos que atuariam contra a hierarquia social, a regionalidade ou o sedentarismo (ibid, p.54-62). As análises desses antropólogos, mesmo colocando-se como críticas a perspectivas limitantes como a de Steward (1948), reforçam artifícios teóricos designados para manter as comunidades amazônicas distantes da historicidade e que, confrontados com os dados arqueológicos, são desmanteladas.

Em resumo, os eventos ou as conformações étnicas específicas, ou a curta ou média duração, não podem ser acessados facilmente pelos arqueólogos, mas há um processo cumulativo de acontecimentos que apresentam regularidades que pode ser percebido e estudado. Ao variar a escala da análise, do caco ao movimento populacional, do sítio à macro-região pode-se inquirir sobre tais regularidades. É com essa noção que Neves define a arqueologia da Amazônia como espécie de ciência política da região (NEVES, 2014), no sentido que grupos de regularidades poderiam ser comparados para se tentar esboçar formas políticas originais da Amazônia. As formações políticas possuiriam, tal qual o Estado, uma trajetória histórica própria.

A alternância de escalas e durações históricas está no cerne do presente projeto que pretende empregá-lo desde a estrutura da dissertação até a formação de modelos dinâmicos. O próprio encadeamento de capítulos se ordena como um “zoom in” e “zoom out”, começando do quadro teórico e da revisão de trabalhos sobre o tema e a área para aprofundar-se nos resultados da escavação e análises do sítio São João e então voltar aos quadros e trabalhos apresentados com novas informações e perspectivas. Por todo o trabalho, esse movimento de escalas também se repetirá. Intenta-se nesse esforço uma

história regional que esboce aspectos estruturais das comunidades que habitaram o Médio Solimões antes da desestruturação destas pela colonização europeia. Os mais de mil anos de permanência da produção das cerâmicas da Tradição Polícroma na região do Médio Solimões servirão como os dois eixos de longa duração pelo qual as escalas serão alternadas.

Como se constrói uma História Indígena de longa duração?

O registro arqueológico como objeto da arqueologia

A concepção de registro arqueológico como fonte principal para a arqueologia pré-colonial é a base para os métodos utilizados no trabalho. Para poder compreender o registro, que oferece um acúmulo irregular de ações humanas, emprega-se uma grande diversidade de métodos e técnicas de forma a construir contextos, num sentido hodderiano, com os quais dados podem ser criados e cruzados. Para Hodder (1988), o contexto é a conjunção de todas as informações relevantes conectadas entre si sobre um determinado objeto de pesquisa. Esse conjunto é formado por associações de diferenças e semelhanças. O contexto é identificado na forma de uma linguagem, e sua compreensão se torna cada vez mais sólida à medida que as associações de diferenças e semelhanças relevantes aumentam. A relevância ou não de uma informação, para o autor, é determinada pela contribuição (ou não) à compreensão de seu significado (HODDER, 1988). O conjunto de contextos deverá então ser interpretado pelo arqueólogo de forma a revelar relações previamente desconhecidas e seus significados (HODDER, 1987 apud ALMEIDA, 2013). Sobre a relação entre contexto e significado é importante retomar as palavras de Hodder: “Si decimos que el significado depende del contexto entonces sólo podemos llegar a entender um contexto cultural en sí mismo, considerandolo como um conjunto de disposiciones y prácticas culturales” (HODDER, 1988, p.19). A interpretação dos contextos que englobam o registro arqueológico leva a um maior entendimento de práticas e disposições que, então, nos trariam a compreensão de um contexto cultural. A cerâmica, em tal perspectiva torna-se mais um indício com o qual o arqueólogo pode

produzir dados e um que, para produzi-los, deve ter em vista suas relações contextuais com outros vestígios no âmbito do registro arqueológico⁷.

Tal abordagem preza pelo particularismo, mas o apreço não quer dizer que não há modelos pensados de antemão ou que há uma crença na objetividade absoluta dos dados, mas sim que na presente pesquisa a proposta foi criar modelos dinâmicos, particulares, que se retroalimentam constantemente na relação entre objeto e teorização. Busca-se, assim, novos conceitos que abarquem as particularidades históricas das ocupações da TPA no Médio Solimões, tal qual sugere Almeida (2013) em sua pesquisa no Alto Madeira.

A Cerâmica: uma fonte contextual

O presente trabalho lida com a categoria de indício mais tradicional na arqueologia amazônica: a cerâmica. O objeto de pesquisa, como anunciado no título, são as ocupações de produtores da TPA no Médio Solimões, dando maior foco ao material cerâmico encontrado na região, em especial o do sítio São João. Decerto, a cerâmica foi pensada como um indício contextual, mas minha intenção é explorar de formas distintas o potencial explicativo que a própria cerâmica pode revelar – detalhado de forma mais aprofundada no capítulo 4. Uma direção para a qual aponto as análises é a discussão sobre interações entre grupos distintos; no caso, as interações entre produtores da TPA e da TBI, levantada na área por Belletti (2015).

As pesquisas do ARQUEOTROP retomam alguns conceitos da herança de estudos arqueológicos amazônicos. Os principais são as categorias de Fase e Tradição. Como já foi mencionado, no meu trabalho uso fases e tradições a partir dos pressupostos de Neves (2010) que vê essas ferramentas primeiramente “como uma maneira de organizar a grande variabilidade formal e tecnológica de cerâmicas identificadas em sítios arqueológicos multicomponenciais⁸ que passaram por complexos processos de formação” (NEVES, 2010, p. 59). Há um esforço contínuo a esse de buscar se é possível relacionar essa cerâmica a outros padrões, como formas ou tamanho de ocupações, transformando-a em um conjunto politético. Podemos colocar como exemplo a correlação positiva entre presença de cerâmicas da fase Manacapuru e TPI, indicadora de intensa ocupação da

⁷ A valorização do contexto sobre a cultura material pode ser interpretada como uma forma de equalizar as visões clássicas sobre a cerâmica como fonte única para a produção de conhecimento sobre o passado amazônico.

⁸ Sítios interpretados como possuindo mais de uma ocupação ou mais de um conjunto artefactual em seu espaço. Os sítios unicomponenciais, por outro lado, possuiriam apenas uma ocupação.

paisagem na Amazônia Central (LIMA, 2008). Dessa maneira, essa forma marcada de fazer cerâmica foi associada a ocupações sedentárias de longa duração. A intenção, já comentada, é sempre de usar as tipologias, mas ir além das mesmas.

A própria análise cerâmica do ARQUEOTROP foi construída a partir de uma combinação entre elementos da análise serial de Meggers e Evans e da modal de Lathrap, abolindo, porém, a hierarquização de aspectos da cerâmica (LIMA, 2008). Dentre as pesquisas, no entanto, o estudo cerâmico é marcado pela identificação de escolhas das ceramistas entre um leque tecnológico possível, gravadas na produção cerâmica. Essa diferença de abordagem é significativa pois parte de uma visão mais consciente sobre essa produção que leva em consideração a amplitude de significados que ela pode possuir. Aqui então nos deparamos com a relação sugerida no título do capítulo. Nossas escolhas teóricas nos levam a analisar escolhas tecnológicas das populações que estudamos. Esse ponto, portanto, merece uma breve inspeção.

O estudo das escolhas

O esforço é algo similar ao de Gándara (apud BATE, 1998) e Bate (1998) – ao aproximar o fazer arqueológico ao trabalho pré-colombiano, considerando-o uma prática artesanal -, mas menos ambicioso. Trata-se apenas de estabelecer que acredito que: 1) Os seres humanos atuam no mundo social realizando escolhas; 2) Essas escolhas são ajustadas segundo as lógicas ou esquemas culturais, sendo algumas priorizadas frente a outras dependendo do contexto; 3) Na produção, uso e descarte de artefatos algumas das escolhas realizadas (tanto as priorizadas, quanto as não-priorizadas) podem ser identificadas e explicadas pelos arqueólogos – que, por seu lado, as estudam segundo um conjunto de escolhas teórico-metodológicas –; e 4) que essas escolhas possuem significados culturais e são orientadas por uma estrutura social e regimes de historicidade que concomitantemente reorientaram. Complementar a essas implicações é seu agravante temporal: essas escolhas acumulam-se na longa duração produzindo padrões, continuidades e rupturas.

A base dos estudos sobre escolhas estruturadas está nos esforços de crítica ao Estruturalismo de Lévi-Strauss (1996). Voltamos aqui então a Pierre Bourdieu que produz uma dessas críticas ao demonstrar como as estruturas se aplicam na vida prática dos agentes. O autor a partir de estudos entre os Kabyle da Argélia percebeu como as

estruturas de parentesco, um tema preferido entre os estruturalistas, não se aplicavam de forma rígida. Mais do que regras fixas, essa estrutura se dava de forma pouco consciente através de sistemas de disposições incorporadas pelos indivíduos. As matrizes geradoras dessas disposições o autor nomeia como *habitus*. O *habitus* seria uma estrutura estruturante e estruturada, ou seja, definiria práticas – percepções, avaliações e ações – dos agentes, mas também seria dialeticamente reformulada por essas práticas. Ao invés de ditar regras, o *habitus*, através da internalização realizada pelos já comentados processos de ensino-aprendizagem e de socialização, montaria esquemas de prática, atitudes estruturadas e estruturantes que tomam forma de escolhas ajustadas para os indivíduos (BOURDIEU, 1983; 2007; BOURDIEU & PASSERON, 1975; ALMEIDA, 2013).

Ao buscar essas escolhas inscritas numa esfera da prática – a produção cerâmica – minha intenção é compreender aspectos dessa estrutura e seu desenvolvimento. Para Bourdieu, os indivíduos buscam, sem pensar exatamente sobre isso, adaptar as disposições gerais do *habitus* a cada esfera da prática (BOURDIEU, 2007). Logo, é possível pensar que diversos aspectos da vida social estejam incorporados significativamente nas cerâmicas. Ao estudar a cerâmica, os arqueólogos levam em conta escolhas tecnológicas identificáveis das mais diferentes partes do processo, como a manufatura e a decoração. Esse último aspecto, por exemplo, pode nos informar de maneira indireta sobre afiliações culturais (GOSSELAIN, 1998). O conjunto dessas facetas dentro de um ramo da prática como a produção cerâmica pode ser englobado no conceito de estilo tecnológico (CHILTON, 1999). Como resumido por Dias e Silva (2001, p.96 apud BELLETTI, 2015) “A noção de estilo tecnológico permite compreender o estilo não apenas como um padrão material que se manifesta na morfologia e decoração dos artefatos, mas, também, como algo que é inerente e subjacente aos processos de produção a partir dos quais estes aspectos visuais são uma resultante”

O conceito de estilo tecnológico usado no presente trabalho tem influências da teoria do design de Schiffer & Skibo (1992; 1997). Os autores propõem aproximar as duas principais perspectivas sobre tecnologia: uma adaptativista⁹ e a outra que enxerga a

⁹ As visões adaptativistas de autores como Nelson e Hayden presumem o desenvolvimento tecnológico de um povo – seja na produção de artefatos, técnicas, etc. – como respostas a configuração de seu ambiente. A tecnologia de um povo faria parte de sua adaptação ao seu local através da seleção natural e as necessidades sociais da tecnologia se expressariam apenas em exceções (MACHADO, 2007).

tecnologia como construção social¹⁰ (MACHADO, 2007). A tecnologia para Schiffer e Skibo se forma como solução para problemas sociais. Dentre as etapas desse processo, as formas de produção se apresentam como escolhas tecnológicas possíveis, das quais algumas serão priorizadas. Muitas dessas escolhas tecnológicas, como já discutimos, podem ser identificadas no produto analisado. O acúmulo de informações sobre as escolhas possíveis e as escolhas priorizadas dará ao pesquisador noções sobre o sistema tecnológico geral e seus significados dentro de uma determinada sociedade (MACHADO, 2007).

O uso dos preceitos de Schiffer & Skibo tal como empreendido na Amazônia brasileira por Machado (2005) e Belletti (2015) nos parece apropriado no estudo da produção cerâmica da TPA, no entanto, acredito que a abordagem não é suficiente para explicar o desenvolvimento particular dessa produção no Médio Solimões, visto o contexto regional apresentado por Belletti (2015) e explorado no próximo capítulo.

Para tratar da trajetória histórica da região proponho a necessidade de refletir sobre o papel ativo da produção cerâmica nas conformações sociais estudadas. Esse papel ativo já foi estudado em trabalhos como a tese de Fernando Almeida (2013) que abordou a importância da cerâmica como presente e a relevância de seu aspecto visual como impactante. Proponho pensar em escolhas na cerâmica a partir de suas relações com a vida social em seus aspectos não só econômicos, funcionais ou culturais, como faz a perspectiva da teoria do design, mas também políticos e identitários, tal como realizado por Bowser e Patton (2008). Os autores, trabalhando na Amazônia equatoriana com populações do rio Conambo, perceberam que as habilidades de produção cerâmica possuíam um papel importante no status das ceramistas no interior do grupo e em relação a outros grupos. Essa importância baseia-se na capacidade da cerâmica em marcar a identidade de dois grupos distintos, mesmo em meio a trocas e imitações, e a forma como ceramistas mais habilidosas podem aproveitar o reconhecimento de sua maestria para influenciar outros agentes e empreender planejamentos estratégicos políticos conscientes. É necessário notar, sobre esse ponto, que o aproveitamento político da produção cerâmica

¹⁰ A perspectiva da tecnologia como construção social tem sua origem nos trabalhos de Marcel Mauss (1974) que percebe a matriz social das técnicas corporais e do posicionamento do corpo. Lemmonier (1986), em contato com conceitos de cadeia operatória de Leroi-Gourhan, ampliará essa perspectiva ao propor a existência de sistemas tecnológicos, compostos por técnicas, seus conjuntos e pela relação destes com outras esferas da vida social. A tecnologia nesse sentido é pensada como parte integral da sociedade, sendo incorporada aos membros dela e representando conjuntos de conhecimento sobre o mundo material (DIAS & SILVA, 2001; MACHADO, 2007).

se dá pelos esforços ativos das mulheres em manejar os esquemas culturais codificados pelo *habitus*, mediando relações políticas, identidades de grupo, cadeias operatórias, etc. *Habitus*, política e cerâmica – a última sendo evidência primordial para pensar as duas primeiras – se convergem nos corpos de mulheres que escolhem maneiras de produzir e cujas escolhas serão transmitidas geração a geração com maior ou menor sucesso.

Para Bowser e Patton (2008) é importante reconhecer o papel político e de marcador de identidade que a produção cerâmica possui nos diversos contextos. Combinar essa forma de compreender a produção cerâmica com as propostas da teoria do design permite uma aproximação maior ao tema das interações possivelmente existentes entre comunidades indígenas do Médio Solimões. Entre o amplo espectro de escolhas ajustadas leva-se em consideração a influência que grupos externos podem ter quanto ao grupo interno e que se traduzem, por exemplo, na forma de trocas, realização de festas conjuntas e casamentos entre grupos. Através do mapeamento das escolhas tecnológicas na cerâmica, acredito ser possível se aproximar ao que os grupos produtores de cerâmicas Polícromas possivelmente estavam escolhendo que entrasse em seus contextos e o que eles escolhiam trazer de outros grupos, como os produtores de cerâmica Borda Incisa. Dessa forma, podemos ter certa noção do caráter e significado das interações.

Dentro do ARQUEOTROP as interações foram mais profundamente estudadas por Helena Lima¹¹ (2008; 2010). Lima, em seu trabalho de tecer a história das ocupações de grupos produtores de cerâmica da Tradição Borda Incisa na Amazônia Central, faz uso do conceito de Boomert (2000) de esferas de interação. O autor, estudando as áreas de Trinidad e Tobago e o Baixo Orinoco entendeu a região como um corpo unido, e não ilhas separadas pelas águas. A união desses espaços se daria por interações entre populações que envolveriam redes de troca e de informação onde artefatos, estilos e ideias circulariam (BOOMERT, 2000 apud LIMA, 2008), conclusão não distante da já apresentada de Descola (2006). É esse caráter duplo (redes de troca e redes de informação) que definirá o conceito de interações do presente trabalho.

¹¹ Essa temática foi praticamente ignorada pelos trabalhos tanto de Meggers e Evans (MEGGERS & EVANS, 1957; 1961), quanto de Lathrap e seus alunos (LATHRAP, 1970). No primeiro caso, os modelos de expansão de comunidades amazônicas baseavam-se na descontinuidade das ocupações, minimizando as interações entre as populações. Assim, povos que produziram cerâmicas distintas, associadas a horizontes e povos distintos, se expandiriam pela Amazônia em tempos diferentes, e, tendo em vista a impossibilidade da manutenção de comunidades sedentárias, não entrariam em longo contato. No segundo caso, ao associar fase e tradição a grupos linguísticos, as divergências foram mais enfatizadas que as convergências entre populações; a transformação das cerâmicas se daria pelo desenvolvimento interno de grupos. A própria relação entre comunidades de várzea e as de terra firme não foi aprofundada (HECKENBERGER, 2006). Uma exceção interessante a essa visão aparece nos trabalhos de Hilbert na área da nossa pesquisa, na qual o autor propõe uma transição lenta entre cerâmicas de dois horizontes distintos (HILBERT, 1962).

Para Lima, as esferas de interação, conceito-chave de sua tese, formariam um sistema nos quais as relações de troca seriam apenas uma forma de geração da variabilidade. A autora integra as diferentes fases de uma mesma tradição como parte da construção das esferas de interação, seja nas escolhas dentro da produção da padronização cerâmica, seja na conseqüente diferenciação entre duas produções distintas (LIMA, 2008; 2010). É dessa forma que Lima produz sua pesquisa orientada em explicar o desenvolvimento de esferas de interação na longa duração. Nessa perspectiva, as continuidades históricas são um elemento mais importante a ser estudado. Mongeló (2011) que também estudou as interações na Amazônia Central chega a conclusões similares. No entanto, acredito ser necessário alterar a imagem do modelo para algo mais próximo do caráter fluído, quase caótico, das ocupações amazônicas ao longo do tempo, marcadas pela multiplicidade nas organizações territoriais. A figura entrelaçada porém, diversa, de um mosaico comentada por Almeida (comunicação pessoal) me parece uma maneira melhor de definir o conjunto de ocupações das populações amazônicas do presente e do passado. Dessa forma, no presente trabalho exploraremos o conceito de mosaicos de interação para definir esse amontoado de relações em constante rearranjo. Analisando o conjunto de dados arqueológicos do Médio Solimões, parte da presente pesquisa teve como foco testar a hipótese de que mosaicos de interações se desenvolveram na região.

Um dos indícios para o desenvolvimento desse mosaicos no Médio Solimões é a presença de cerâmicas híbridas, ou seja, com fluxo tecnológico em suas características. Cristiana Barreto (2010; 2016) discute o potencial de fluxos estilísticos presentes na cerâmica, em seu caso, a cerâmica Marajoara, para informar processos históricos relacionados, por exemplo, à integração e ampliação de redes regionais de distintos tipos e escalas. A circulação de tradições específicas entre grupos diferentes também poderia ser visualizada, por exemplo, na presença de atributos tecno-estilísticos diversos em uma mesma vasilha ou de forma mais ou menos intensa em determinado grupo de vasilhas. A “cerâmica de fluxo” encontrada no Médio Solimões parece apresentar um quadro similar ao produzido por Barreto.

No final da presente pesquisa, foram propostos mecanismos para explicar os processos dentro de tais mosaicos de interação que levariam a distinção entre estilos tecnológicos e aqueles que produziram aproximações. Essas configurações podem ter representatividade por um amplo período configurando-se em larga escala como uma

continuidade que possui, ao aproximar a lente, alterações na variabilidade (STARK, BOWSER & HORNE, 2008; BOWSER & PATTON, 2008; LIMA, 2008).

Considerações finais

Agora que foram traçados os principais conceitos que orientam a pesquisa e a forma como eles se entrelaçam, cabe a pergunta: é possível produzir uma história indígena de longa duração a partir da identificação de escolhas ajustadas? Há coerência do ponto de vista teórico na junção desses conceitos? Se o primeiro termo tem sua origem numa visão estrutural das sociedades – Braudel (1992) assume a concepção de estrutura de Levi-Strauss como a que melhor se encaixa à *longue durée* –, o segundo possui sua fundação na crítica dessa visão. Independentemente dessa aparente contradição acredito que possa ser feito.

Em minha visão, a cerâmica amazônica integra-se na construção de histórias indígenas de longa duração como vestígios de escolhas ajustadas estruturalmente e acumuladas no registro arqueológico. Ao tentar mapear essas escolhas e incluí-las na construção dos dados acredito que é possível tecer uma narrativa histórica que tenha em mente interpretações significativas sobre os temas escolhidos; isto é, o caráter e sentido das ocupações de produtores da TPA no Médio Solimões e das possíveis interações entre esses e os produtores da TBI. A variabilidade cerâmica encontrada no registro arqueológico pode ser vista então como acúmulo de escolhas significativas de ceramistas, parte de suas histórias cotidianas, das quais algumas vão ter mais peso que outras.

Dessa forma, da herança teórico-metodológica recebida a intenção é produzir novas interpretações e, de certa forma, acrescentar à arqueologia amazônica. O esforço, no entanto, será mais válido à medida em que as interpretações dos dados gerarem novos questionamentos. Com o objetivo de tecer uma história indígena de longa duração é possível refletir sobre as particularidades das sociedades amazônicas antigas, sem, por isso, nos distanciarmos de discussões teóricas mais amplas da arqueologia e sem nos escondermos de posicionamentos dentro da sociedade atual.

Ao mapear as escolhas teóricas realizadas foi possível apresentar considerações sobre o nosso objeto principal de estudo: a cerâmica. Ao balizar a cerâmica pelos pressupostos teóricos que marcaram suas análises, abrimos caminho para melhor discutir como as conceituações se desenvolvem nos eixos temporal (mais de mil anos da TPA) e espacial (Médio Solimões) de nosso trabalho: assunto para o próximo capítulo.

Capítulo 2

As dimensões dos problemas: revisão bibliográfica da TPA e da história indígena antiga e do contato no Médio Solimões

“los conflictos bélicos y los intercambios económicos no constituyen en América del Sur sólo dos tipos de relaciones coexistentes, sino más bien dos aspectos opuestos e indisolubles de un mismo proceso social.”

(LEVI-STRAUSS, 1943, p. 138)

Agora que já foram estabelecidos os suportes teóricos da pesquisa é necessário ainda uma parada antes de adentrar ao estudo de caso. Trata-se aqui de firmar o histórico de pesquisa dos dois eixos do presente trabalho, já mencionados no subtítulo acima. Dessa forma, será possível, acuradamente, dimensionar nossos objetos e objetivos dentro do contexto estudado e abrir um diálogo com as perspectivas anteriores cujo intuito será perceber distintos pontos onde contribuições serão significativas ao debate. Portanto, é relevante elencar novamente as questões principais que a presente pesquisa busca responder. São elas:

- Qual seria a trajetória histórica de ocupação de comunidades produtoras das cerâmicas da TPA na região do Médio Solimões?
- Qual a relação histórica entre produtores da TPA e da TBI na longa duração? O que poderia ser trocado entre os grupos? Quais mecanismos impulsionariam ou inibiriam tais trocas? Haveria transformações dessas relações ao longo do tempo? Quais são as implicações de mosaicos de interações no Médio Solimões para os modelos de dispersão da TPA no contexto amazônico?
- Por fim, como interpretar o significado do quadro cronológico antigo (c. sec. V d.C.) da cronologia do Médio Solimões identificado por Belletti (2015)?

A dispersão das cerâmicas da Tradição Polícroma da Amazônia

A TPA, cuja duração é o eixo de longa duração da presente pesquisa, representou um papel importante para a confecção dos grandes modelos da história amazônica antiga. As cerâmicas categorizadas nessa tradição – por sua pintura em marrom, preto e tons de vermelho sobre engobo branco – são prontamente reconhecidas por toda a Amazônia (ALMEIDA, 2013, p. 43). A TPA possui mais de 364 sítios identificados (BELLETTI, 2016) com mais de mil anos de duração.

Do alto rio Madeira ao baixo rio Branco e do baixo Amazonas ao rio Napo é comum encontrar nas margens desbarrancadas das comunidades ribeirinhas atuais ou mesmo no solo, em superfície, essas cerâmicas com a presença de seus atributos emblemáticos, na maioria das vezes combinados de formas específicas. Além da pintura, há a presença de decorações acanaladas, esses aspectos combinados entre si para produzir diversas figurações, sendo antropomorfos com diademas e serpentes as representações mais reconhecidas. Algumas formas de vasilhas específicas também são características, como vasos de flange mesial e urnas funerárias antropomorfas. Outros atributos como presença de caraipé e flanges labiais variam mais dependendo da região (ALMEIDA, 2013; TAMANAHA, 2013; BELLETTI, 2015) (Figura 2.2).

As variações regionais da Tradição Polícroma foram trabalhadas em termos de fases (Figura 2.1). São elas: Guarita, Tefé, São Joaquim, Pirapitinga, Nofurei, Caimito, Napo, Apuaú, Samambaia, Manauacá, Borba, Marmelos, Pupunha, Jatuarana, Caturu, Marajoara, Koriabo e Tauá, sendo que as três últimas têm sido excluídas das classificações por serem muito divergentes em diversos aspectos, entre eles a descontinuidade geográfica (NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013; BELLETTI, 2016). Não obstante, as relações entre elas e a TPA, assim como a relação entre a TPA e outras grandes tradições contemporâneas a ela, precisam ser melhor estudadas. As primeiras datas dessa forma de produção cerâmica ocorrem por volta do século V d.C. e as últimas alcançam o século XVII d.C., já num período conturbado e violento de contato entre populações indígenas e europeias. Há também um pico de dispersão de datas ao redor do ano mil.

A TPA no olhar de pioneiros

Para além dos atributos diagnósticos a TPA chama atenção também pela complexa e sofisticada forma com a qual esses atributos são combinados. No século XIX, a fascinação pela qualidade dessa produção ganhou seus primeiros contornos científicos em trabalhos como o de João Barbosa Rodrigues (1892). Barbosa Rodrigues, entre 1875 e 1899, realizou diversas pesquisas no contexto amazônico sendo o primeiro a produzir classificações da cerâmica da região, por meio de métodos cuja influência da botânica e da etnografia são bem marcados (FERREIRA & NOELLI, 2016). Seu trabalho mais conhecido sobre o que seria chamado de Tradição Polícroma da Amazônia é a escavação da Necrópole de Miracanguera (RODRIGUES, 1892) (ver figura abaixo). Na região do Marajó diversos intelectuais como Ferreira Penna produziram descrições do material encontrado (EVANS, 1967). O discreto acúmulo de conhecimento sobre o que seria a TPA rendeu, nos anos 40 do século XX, sua primeira classificação em maior escala. Howard (1947) cunhou a chamada divisão Polícroma a partir de estudos em diversas partes da Amazônia como o rio Napo, Marajó e a Necrópole de Miracanguera. Tal qual a maioria dos trabalhos anteriores, o esforço de Howard foi mais classificatório que explicativo (BROCHADO & LATHRAP, 1982; ALMEIDA, 2013; BELLETTI, 2015). A grande extensão de cerâmicas com atributos similares a partir de então chamou a atenção de diversos pesquisadores que se encarregaram de responder duas questões intimamente ligadas às nossas: como e por que se sucedeu a dispersão das cerâmicas da TPA?

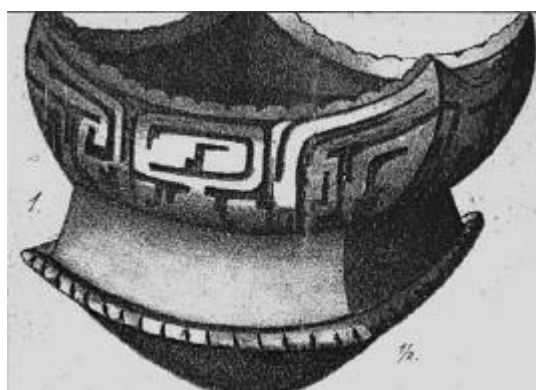


Figura 2.3: Vaso policromo da necrópole de Miracanguera. Fonte: RODRIGUES, 1892.

A TPA entre o inferno verde e a expansão Tupi

O estudo sistemático da TPA e de sua dispersão começou apenas com a vinda dos arqueólogos estadunidenses Betty Meggers e Clifford Evans ao Brasil, em 1948,

expandindo-se com os trabalhos de Donald Lathrap e seus alunos a partir dos anos 60. O debate clássico entre esses autores será apenas pincelado nas próximas páginas. Meggers e Evans formularam os primeiros modelos para a expansão de povos indígenas na Amazônia pré-histórica, elaborados a partir de hipóteses difusionistas provindas do já mencionado autor Julian Steward (1949). Esses estudos partiram do pressuposto de que haveria uma incompatibilidade entre o ambiente amazônico e formas sedentárias e estáveis de ocupação com alta densidade populacional. A perspectiva foi cristalizada no livro de Meggers (1987) “Amazônia: ilusão de um paraíso”, onde a autora pinta um “inferno verde” para as potencialidades ecológicas da área, com baixíssimo potencial agrícola que impediria ocupações sedentárias. Trata-se de uma visão influenciada também por uma perspectiva etnográfica negativa dos povos amazônicos, esparsos e pouco numerosos, que foi paulatinamente recusada para o passado da região ao longo de décadas de pesquisas arqueológicas (HECKENBERGER et al. 1999).

Ao considerarem improvável o surgimento endógeno¹² de sociedades populosas e estáveis na Amazônia, os autores propuseram explicar a existência de manifestações materiais sofisticadas e sua abrangência espacial na região. A narrativa criada através das pesquisas de Meggers e Evans, propõe a dispersão dos conjuntos cerâmicos por levadas de rápidas migrações de grupos vindos dos Andes que, ao encontrar as condições ambientais impróprias da floresta tropical, entrariam em declínio (MEGGERS & EVANS, 1957; 1961). A seriação fordiana, introduzida no contexto amazônico pelos autores, buscou esse caráter fugaz na produção cerâmica (BELLETTI, 2015). Além da seriação, Meggers e Evans também introduzem a escavação estratigráfica e as categorias Fase, Tradição e Horizonte à arqueologia amazônica que até o presente são muito utilizadas (EVANS, 1967, p.6.).

¹² Uma das evidências apresentadas por Meggers (1967) é a ausência na Amazônia de sequências culturais contínuas que recebem influências externas ao longo do tempo, como há no caso dos andinos. Essas sequências contínuas, no entanto, já são descritas em Hilbert (1962; 1968)

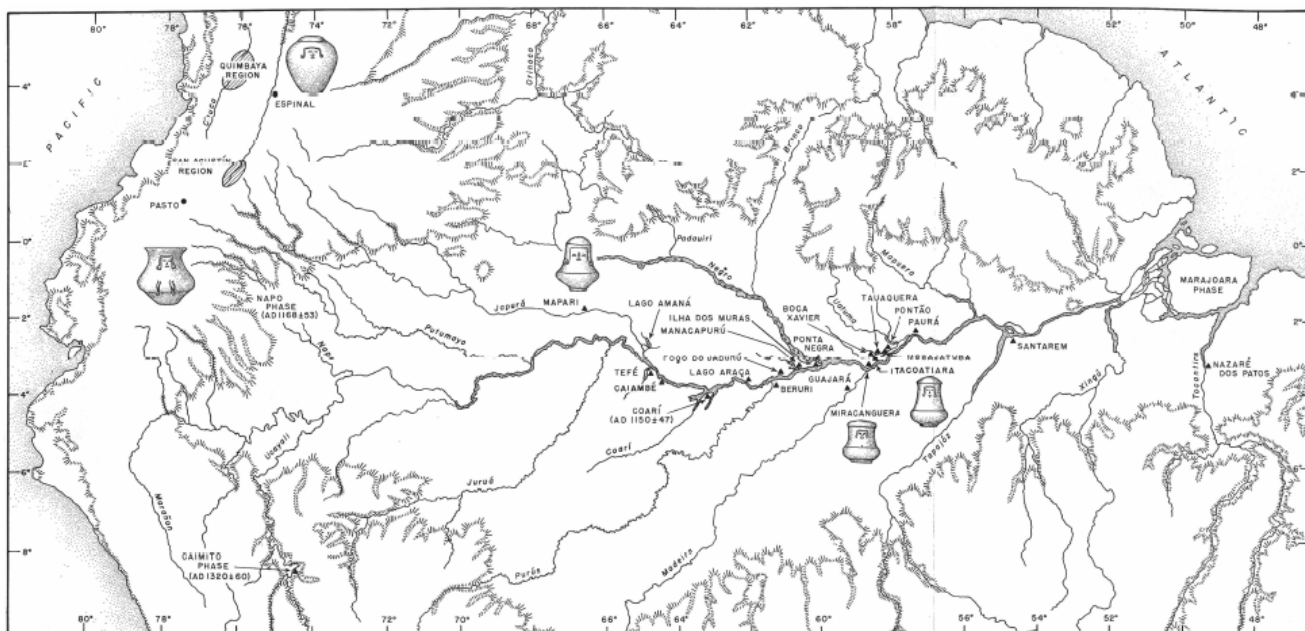


Figura 2.4: Localização dos sítios do horizonte Polícromo. Fonte: MEGGERS & EVANS, 1968.

Na narrativa dos estadunidenses, os povos que produziram cerâmicas associadas à TPA derivariam de grupos com origem nos Andes colombianos e que se estabeleceram em diferentes partes da Amazônia até a ilha de Marajó. Seu marcador principal seria não apenas as decorações em si, mas principalmente a presença de caraipe¹³ como antiplástico¹⁴, uma inovação frente ao cauixi¹⁵ usado nas pastas das ocupações anteriores. As cerâmicas da TPA foram vistas como pegadas de uma migração que atravessou o Amazonas possivelmente por mais de uma rota para então alcançar as Guianas e o Marajó, onde tiveram um breve apogeu (ver Figura 2.4). A presumida rápida expansão por uma grande área garantiu primeiramente a classificação das cerâmicas no Horizonte¹⁶ Polícromo (MEGERS & EVANS, 1957; 1961; MEGGERS, 1967). As diferenças entre as cerâmicas Napo e Marajó e aquelas encontradas por Hilbert¹⁷ (1962) no médio e baixo Solimões seria de caráter migratório, atributos diferentes levados em rotas distintas. Embora não se aprofunde nos mecanismos específicos da dispersão, Meggers, num artigo

¹³ Cinzas e vestígios da casca e entrecasca de plantas como as do gênero *Licania* (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

¹⁴ Também chamado de tempero, trata-se dos elementos presentes na argila, ou adicionados intencionalmente à pasta da cerâmica cujo intuito é transformar suas capacidades ou performances (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

¹⁵ Espículas de esponjas de água doce que prolifera, em águas oxigenadas sem sedimentos finos em suspensão, como os rios de águas pretas amazônicos (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

¹⁶ Horizonte na classificação histórico-cultural seriam movimentos de rápida expansão e curta duração (MEGERS & EVANS, 1985)

¹⁷ Peter Paul Hilbert, que será citado novamente na segunda parte do capítulo foi treinado na arqueologia por Meggers e Evans em 1949 e a partir de 1951 escavou sítios no alto Amazonas, médio Solimões, entre outras áreas (EVANS, 1967; HILBERT, 1968).

de 1967, propõe que a dispersão das cerâmicas do Horizonte Polícromo pode se relacionar com a expansão de um grupo linguístico. Ela também propõe uma alternativa: que o estilo artístico da cerâmica tenha se dispersado em associação com novas práticas das quais ela cita o enterramento secundário em urnas e o uso de carimbos para pintura corporal (MEGGERS, 1967, p. 150).

Em contrapartida, entre os anos 60 e 80, Donald Lathrap e seus alunos elaboraram um modelo distinto (LATHRAP, 1970; LATHRAP & BROCHADO, 1982; BROCHADO, 1989) realizando uma revisão dos dados arqueológicos levantados por Meggers e Evans, Hilbert e Simões (HECKENBERGER, et al., 1998), além de pesquisas no alto rio Amazonas. Lathrap e colaboradores criam o modelo em que a Amazônia Central, devido ao ambiente das várzeas, abundante em recursos, seria um polo demográfico cujas pressões populacionais causariam ondas de expansão associadas a distintos grupos linguísticos (LATHRAP, 1970; 1972). O autor retomou alguns conceitos, como o de Cultura da Floresta Tropical, mas criou uma dicotomia entre populações da várzea e da terra firme. Essas últimas estariam mais aproximadas do modelo definido por Meggers. Para as primeiras, os solos das margens alagáveis dos grandes rios possibilitariam o desenvolvimento de populações sedentárias de forma estável. Tal desenvolvimento, no entanto, geraria uma forte competição por recursos, que produziria levas de migração de populações amazônicas (LATHRAP, 1970, HECKENBERGER, 2006). O modelo ficou conhecido como modelo cardíaco, comparando a Amazônia Central a um coração e seus rios principais a artérias (ver figura abaixo).

A cerâmica também foi um importante dado para a construção do modelo de Lathrap, auxiliada por estudos etno-históricos e, especialmente, pelo modelo de expansão de línguas da linguística histórica. A cerâmica aparece como conector pré-colonial entre povo e língua. Há aqui uma correlação direta entre língua e cultura material; no caso, a cerâmica. Para realizar a correlação Lathrap e seus alunos revestiram de significado étnico os conceitos de Fase e Tradição, esforço que terá seu ápice no trabalho de Brochado (1984). A própria análise da cerâmica nessas pesquisas foi tomada como interpretação de uma gramática particular. Raymond (2009) ao resumir o método de análise cerâmica usado pelos pesquisadores associados a Lathrap, a análise modal, o compara ao esforço estrutural de análise linguística, na formação de um código associado a um povo, esse marcado etnicamente por sua língua. A cerâmica será, então, fóssil-guia de um marcador identitário. O conjunto cerâmico da TPA, nesse cenário, representaria a origem dos povos

falantes de línguas do tronco Tupi. No Alto Amazonas, mais especificamente na calha do rio Ucayali o conjunto cerâmico conhecido como Caimito se associaria a TPA e a essas ocupações Tupi, informação que Lathrap relaciona com os relatos orais e históricos de invasões dos Omágua, falantes de Tupi, em território de populações Pano (LATHRAP, 1970). Na Amazônia Central, as ocupações relativas à cerâmica da fase Guarita para Brochado (1989), aluno de Lathrap, seriam correlatos do início do processo de expansão dos povos falantes das línguas Tupi-Guarani e as cerâmicas Miracanguera, da origem das línguas Tupinambá.

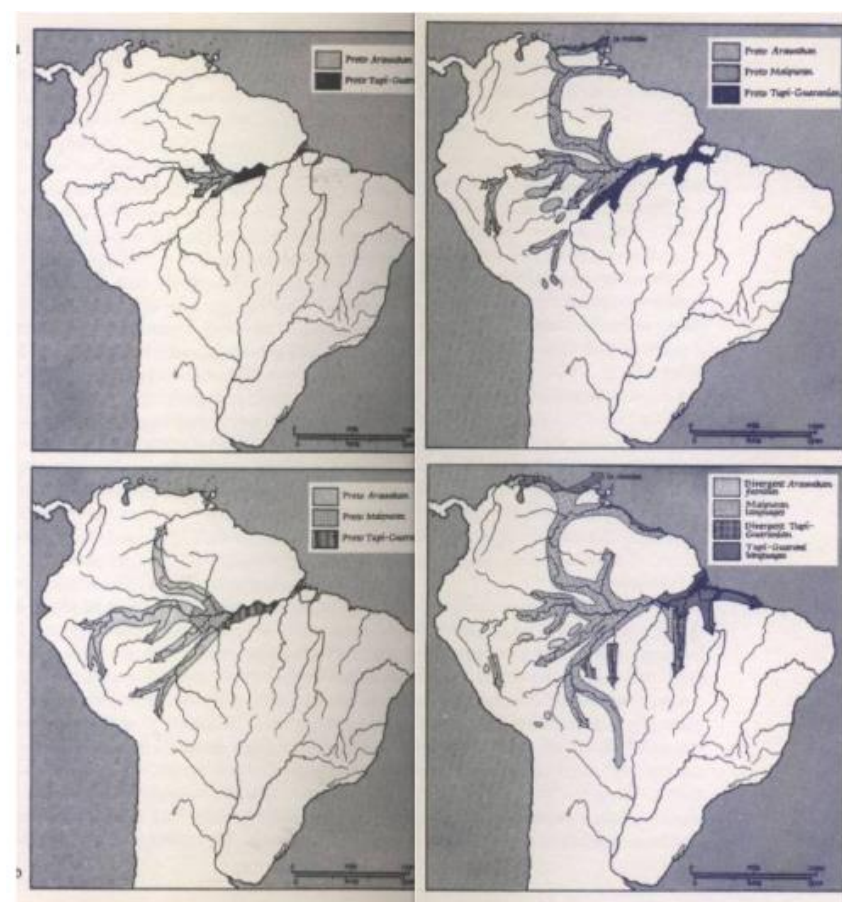


Figura 2.5: Esquema detalhando modelo cardíaco em suas diferentes expansões. Fonte: LATHRAP, 1970.

“Caótica dispersão da Tradição Polícroma”¹⁸ – Amazônia Central e Baixo Madeira

O conjunto de pesquisas mais recentes, realizados por membros do ARQUEOTROP produziu modelos mais centrados na própria especificidade histórica do contexto da TPA, e mais conscientes do escopo de suas pesquisas regionais. É notável perceber que, embora todas as pesquisas tenham ambições transregionais, todas elas

¹⁸ ALMEIDA & MORAES, 2016, p. 413.

concebem a TPA como fruto de múltiplos e até caóticos processos históricos de ocupação, reocupação, continuidade e transformação social. O próprio caráter da reconhecibilidade das cerâmicas da TPA é posto sob inspeção, recebendo interpretações distintas e, em alguns casos, quase antagônicas dentro de uma mesma posição teórica.

Como já comentado, no âmbito do PAC, Neves e outros membros do ARQUEOTROP buscaram responder se, de fato, a Amazônia Central teria sido um centro de inovações como pensado por Lathrap. Ao mesmo tempo em que refutaram essa hipótese, Neves e, em especial no caso da TPA, Claide Moraes, perceberam no contexto da área de confluência e baixo Madeira um complexo entrelaçamento de grupos e histórias, revelando um panorama diferente do que foi anteriormente proposto (NEVES, 2012; MORAES & NEVES, 2012; MORAES, 2013). Mesmo com a negação da hipótese de Lathrap, os arqueólogos mantêm a possível filiação da TPA com grupos tupi, transferindo seu centro para o alto rio Madeira, área em que foi encontrada uma data polícroma antiga por Miller e que está associada à origem das línguas Tupi. Essa hipótese foi mantida por tratar-se de um dos objetivos das pesquisas do ARQUEOTROP (ver capítulo 1), mas, principalmente, pois foram encontrados vestígios que indicariam uma conjuntura de conflitos no baixo Madeira e na área de confluência dos rios Negro e Solimões. Os conflitos se deflagrariam entre os produtores da TPA e aqueles que produziam as cerâmicas associadas à Tradição Borda Incisa, mais especificamente à fase Paredão. As evidências desses conflitos seriam a presença de estruturas defensivas, como valas e paliçadas, a ruptura estratigráfica entre essas formas de se fazer cerâmica. Estas estariam marcadas também junto a uma não-reocupação de sítios TBI de grande porte e de uma rápida expansão das ocupações dessas áreas por produtores da TPA que possuíam maneiras distintas e, aparentemente, menos extensas de ocupar os sítios arqueológicos (NEVES, 2013; MORAES & NEVES, 2012; MORAES, 2013 ALMEIDA & MORAES 2016) (ver Figura 2.6).

O processo interromperia um contínuo, se irregular, adensamento populacional que durava mil anos¹⁹, e reforçou a hipótese de Neves (2013) de que haveria, entre as sociedades amazônicas, uma lógica estrutural fluida, onde a instabilidade entre sociedades organizadas de formas distintas seria a norma ao invés de um modelo

¹⁹ Esses assentamentos grandes e estáveis estão associados a populações produtoras de cerâmica da Tradição Borda Incisa (TBI) que, por sua vez, é visto como um correlato bem definido de grupos falantes de línguas Arawak (LIMA 2008; NEVES, 2013).

degenerativo ou de contínua centralização do poder, como proposto por Meggers e Evans ou Lathrap, respectivamente. O autor, portanto, advogará um caráter centrífugo às organizações sociais amazônicas, tendendo à desarticulação política na longa duração, embasados por um regime de historicidade não acumulativo calcado na abundância de recursos (NEVES 2015; MENEZES, 2015).

As comunidades produtoras da Tradição Polícroma visariam, desde a invasão, manter um controle territorial da região, em especial dos cursos principais dos rios que permitiriam regular o acesso a áreas com amplos recursos piscosos e de acesso a redes de interações transregionais. Para isso, a padronização estilística da cerâmica Guarita serviria a um papel de manutenção e reforço do controle territorial, veiculando possivelmente ideologias específicas (MORAES, 2013; OLIVEIRA, 2016b). Tomando esse contexto como modelo e associando a grande expansão de datas para a TPA a partir do século XI e XII (BELETTI, 2015; 2016), os autores associam a dispersão da TPA predominantemente à uma expansão rápida e belicosa de populações falantes de línguas do tronco linguístico Tupi. Essa expansão teria pontos de contato com aquela realizada na costa brasileira por povos tupi-guarani, trazendo para os produtores da cerâmica Polícroma um *ethos* tupi belicoso encontrado nos estudos de Eduardo Viveiros de Castro (1986). A presença de grandes populações tupi como os Omágua no Alto Solimões foi também usada como base etno-histórica do modelo. Almeida e Moraes (2016) apontam que tal correlação entre língua e cultura material não seria literal, incluindo, minoritariamente, populações não-tupi nos processos de dispersão da TPA. A relativa homogeneidade da produção policroma, reconhecível por grande parte da calha amazônica encobriria, segundo os autores, um emaranhado e heterogêneo conjunto de histórias.

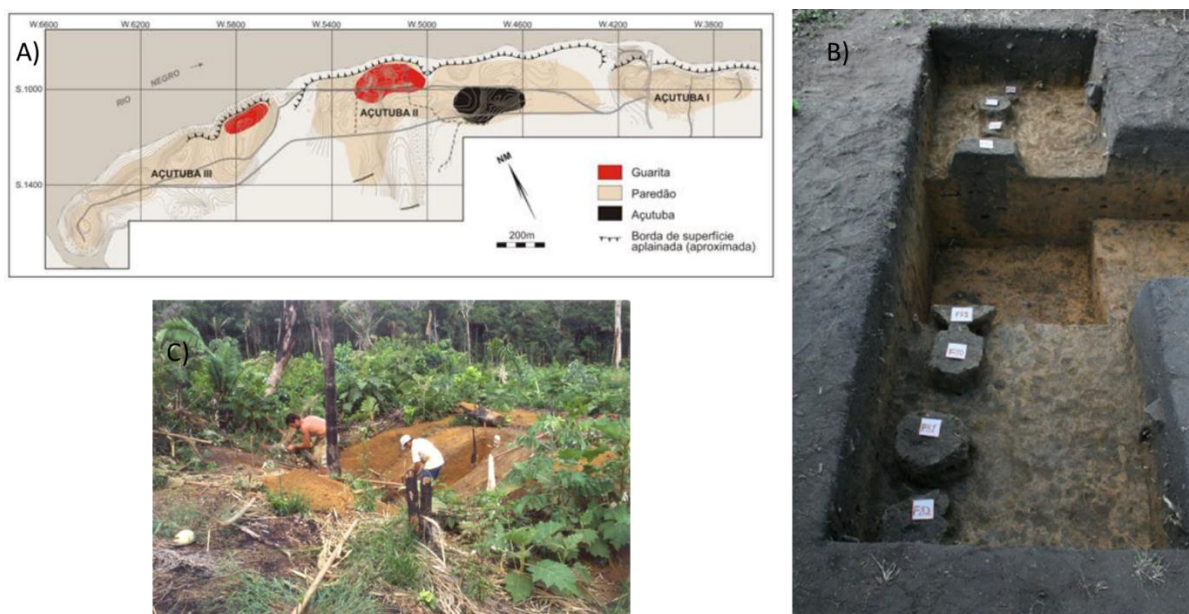


Figura 2.6: Amazônia Central e conflitos. A) Mapa do sítio Açutuba com “manchas” de ocupação; B) Restos de paliçada do sítio Lagozinho; C) Escavação de vala defensiva no sítio Açutuba. Fonte: NEVES; 2013.

“Caótica dispersão da Tradição Policroma” – Médio-baixo Solimões

Próximo à área de confluência entre os rios Negro e Solimões, no médio-baixo Solimões (de Coari a Manaus), Eduardo Tamanaha (2012; 2016) analisou uma grande quantidade de sítios arqueológicos associados à fase Guarita (ver Figura 2.7). Além de trabalhar com o curso principal do Solimões, o autor analisou material advindo de drenagens secundárias como o lago Coari que apresentou datas antigas para a TPA (c. sec. VIII d. C.), e cujos resultados serão analisados na segunda parte do capítulo. A virtual ausência de ocupação anteriores da TBI ao redor dessa área junto aos dados de grandes e longevas ocupações dos produtores dessas cerâmicas tanto na área de confluência (LIMA, 2008) quanto no Médio Solimões (HILBERT, 1968) fez com que Tamanaha estipulasse que a área seria uma *buffer zone*²⁰. A refinada cronologia de Tamanaha o fez elaborar três momentos de dispersão da TPA associados a processos históricos distintos nessa região ao longo de 800 anos (TAMANAHA & NEVES, 2014). O primeiro momento seria a de uma ocupação inicial local (séculos VIII-X d.C.), o segundo seria de expansão pela calha principal (séculos X-XV d.C.) e o último momento (sec. XVI) seria de contato das comunidades com os europeus.

²⁰ “[...] uma área não habitada ou não contestada e que separa dois ou mais grupos rivais, minimizando conflitos ou reduzindo a interação pelo simples mecanismo de distanciamento espacial.” (DEBOER, 1981 apud TAMANAHA, 2012, p. 134).

A contribuição mais importante de seu trabalho na área foi, no entanto, a de que não haveria para a cerâmica Guarita uma padronização de pastas, sendo mantidos em maior grau seus aspectos morfológicos e decorativos. Tamanaha estabelece, assim, a recusa em associar antiplástico a uma ou outra tradição cerâmica. Para o autor não haveria padronização tecnológica no sentido de produção de pastas. Ela estaria atrelada, portanto, às opções possíveis das ceramistas. Embora a hipótese seja amplamente aceita, Belletti (2015), Moraes e Nogueira (2016), e Gomes (2016) reiteram que as pastas precisam ser analisadas de outras maneiras, como em suas ligações com funcionalidades e performances das vasilhas.

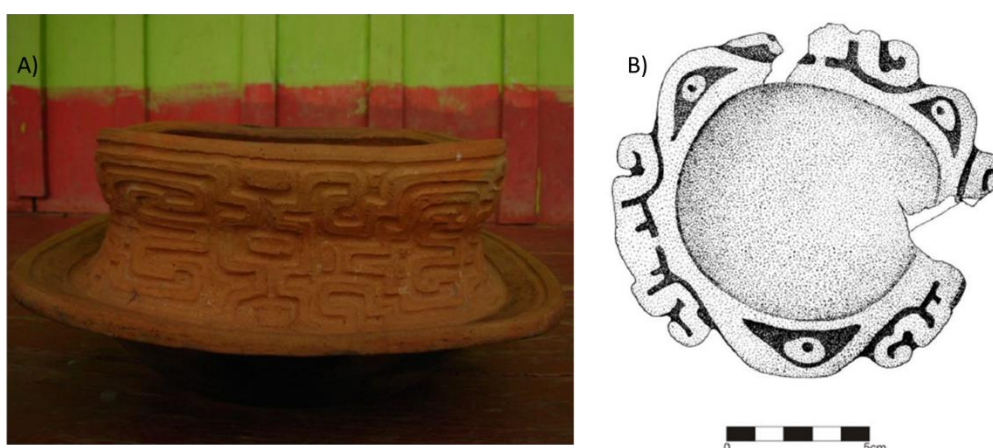


Figura 2.7: Material do Médio-baixo Solimões. A) Vaso de Flange Mesial; B) Pequeno prato decorado. Fonte: TAMANAHA, 2012.

Ainda sobre a fase Guarita existe o trabalho recente de Erêndira Oliveira que se debruçou sobre a iconografia dos vasos de flange mesial (2016a; 2016b) (ver Figura 2.7A). A autora inspeciona a dita padronização da cerâmica Guarita e se aprofunda mais na questão do que formaria o estilo Polícromo e porque tal estilo se desenvolveria e se manteria na longa duração. Para isso, um amplo estudo de casos etnográficos foi realizado tirando conceitos-chave dos trabalhos de DeBoer (1990), Roe (1995) e da antropologia perspectivista (ex. LAGROU, 2013). Para Oliveira, a padronização de alguns aspectos do que ela chama de estilo Polícromo, como a serpente bicéfala (Figura 2.8), dar-se-ia pelo compartilhamento de elementos estilísticos (uma linguagem simbólica) e, mais profundamente, ontológicos entre essas populações, relativos possivelmente à manutenção do poder dos xamãs. Tal perspectiva poderia estar “ligada a uma estratégia de legitimação territorial e/ou identitária” (OLIVEIRA, 2016a, p. 381). Dessa forma, no que concerne à cerâmica Guarita, a autora concorda com as hipóteses feitas por Moraes

(2013). A reprodução de certos motivos, segundo a autora, se associaria também à importância para as populações amazônicas – do presente e do passado – do controle dos processos transformacionais (dos corpos, dos seres e das coisas), essenciais à reprodução da vida cotidiana e à manufatura de objetos, como a cerâmica (OLIVEIRA, 2016a, 2016b).

O compartilhamento de aspectos estilísticos, simbólicos e ontológicos poderia se dar pelas redes formadas em volta da calha principal do Solimões-Amazonas. Oliveira pressupõe que o Solimões permitiria grandes fluxos de informação (cf. ROE, 1995). O caráter de “corredor” do curso principal desse rio estimularia seu desenvolvimento como centro estilístico, onde interações sociais permitiriam trocas e acúmulos de elementos tecno-estilísticos. Subjacente a essas interpretações está a hipótese da autora que a TPA seria um estilo de prestígio (DEBOER, 1990), em resumo, um estilo regional que integraria estratégias de acúmulo de prestígio dentro de um padrão legítimo de representação. Tal hipótese já foi brevemente levantada para a Tradição Polícroma por Roosevelt (1999) e Heckenberger (2006) em relação a comunidades que intentariam se atrelar às redes de prestígio dos cacicados da ilha de Marajó, porém não foi devidamente explorada. Oliveira inclusive coloca essa concepção como mais evidente na área do Médio Solimões, onde a cerâmica possui uma iconografia mais sofisticada em relação à área de confluência.

Considerando a lacuna de informações contextuais sobre as ocupações da fase Tefé, essa hipótese assim como o conceito de estilo de prestígio serão discutidos em profundidade apenas após as análises do sítio São João. Nesse momento, podemos apenas colocar que, embora possua muitos pontos interessantes, a conceituação de Oliveira e DeBoer sobre estilos de prestígio me parece equivocada ao considerar que haveria estilos que não seriam de prestígio, ou seja, que não estariam entrelaçados nas relações de acúmulo ou perda de prestígio. Segundo a proposta bourdieusiana (BOURDIEU, 1983; 2007), à qual o presente trabalho se filia, a busca por capital simbólico, que teria o prestígio como forma mais denunciada, seria praticamente onipresente nas relações humanas²¹.

²¹ A busca pelo capital simbólico, no entanto, não se traduz na luta de todos os agentes por acúmulo de poder, mas sim na produção das diferenças de um agente frente aos outros, chave para a criação de significado realizado apenas por oposições entre coisas, pessoas, percepções, etc. (BOURDIEU, 1983).

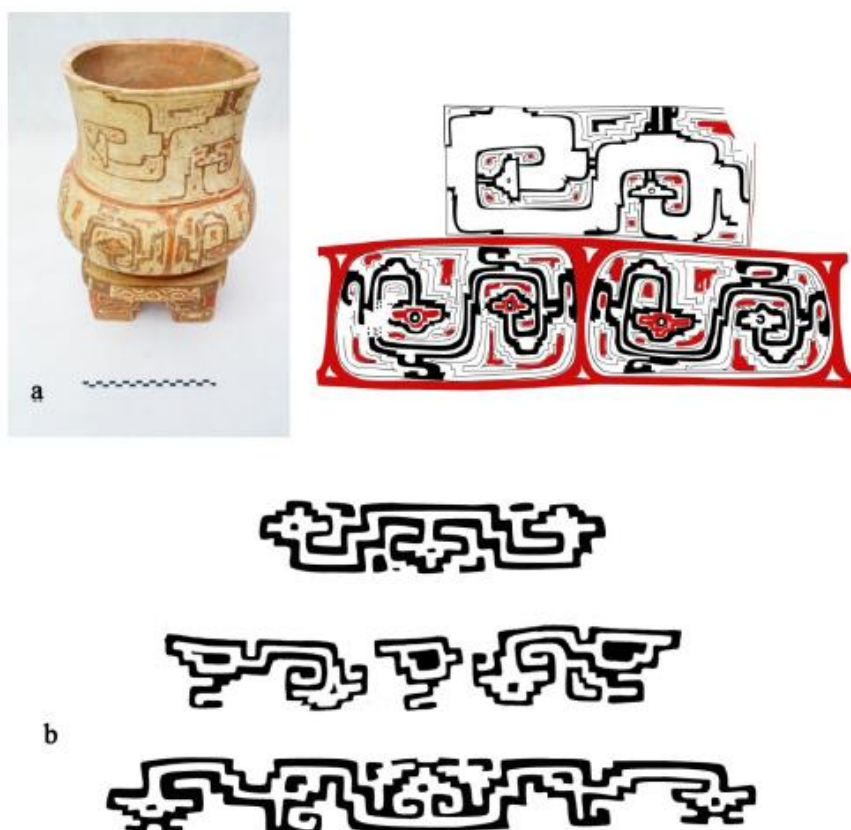


Figura 2.8: Motivos com serpentes bicéfalas. A) Urna funerária do sítio Tauary (Médio Solimões); B) motivos de vasos do sítio Lauro Sodré (Médio-baixo Solimões). Fonte: OLIVEIRA, 2016.

“Caótica dispersão da Tradição Policroma” – Alto Madeira

Passando para a outra área que recentemente recebeu amplos trabalhos sobre a TPA, temos os estudos de Almeida sobre o alto Madeira. Seguindo a hipótese, já comentada, de que a Tradição Policroma seria correlata de uma expansão tupi a partir do Alto Madeira, Almeida (2013; ALMEIDA & MORAES, 2016) escavou e analisou 5 sítios – dois deles não possuindo TPA – entre eles o sítio Teotônio. Buscando a cerâmica policroma antiga datada por Miller, o autor encontrou cerâmicas associadas à fase Pocó-Açutuba²² cujas pinturas policrômicas são também um traço diagnóstico, mas aparecem organizadas de forma distinta da TPA (como vinho e laranja sobre branco, por exemplo). No entanto, uma data para material da TPA ao redor do século VII d.C. foi encontrada, sendo a mais antiga até então conhecida. A data antiga permitiu que Almeida formulasse

²² Pocó-Açutuba é a primeira tradição cerâmica de grande dispersão pela Amazônia com datas entre 700 a.C. e 500 d.C. Ela possui um arcabouço estilístico amplo e complexo que varia de incisões em espiral à pintura policrômica. Está associada normalmente a bolsões ou feições e a produção das primeiras terras pretas. Atualmente é vista como um correlato da expansão de populações Arawak (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016; NEVES, et al, 2014)

uma sofisticada hipótese sobre a formação da fase Jatuarana²³. O autor produz um quadro hipotético no qual populações tupis ao redor da metade do primeiro milênio da era cristã se integrariam a redes de trocas comerciais e simbólicas no alto curso do rio Madeira, centradas em lugares persistentes (ZEDENHO & BOWSER, 2009), como a cachoeira do Teotônio. As trocas de todas as formas permitiriam a incorporação de elementos das cerâmicas Pocó-Açutuba ao repertório estilístico das populações tupis, processo que materializaria outras influências diversas da integração dessas populações em sistemas regionais. Como coloca Almeida tal sistema seria informado por um *ethos* arawak considerando que: “um correlato etnográfico dessa hipótese pode ser encontrado no alto Xingu, onde os grupos de língua Tupi-Guarani são um no meio de uma variedade de grupos linguísticos que se encontram no entorno de um núcleo de grupos arawak” (ALMEIDA, 2013, p.315). Ao redor do século VII d.C. essas populações Tupi romperiam com o circuito de relações amistosas para subir o rio Madeira com uma proposta mais bélica. Esse seria um de múltiplos processos que, como o autor coloca, formam “um frenético processo de movimentos de mudança, dispersão, idas e vindas e reocupações de territórios. Tática que seria uma espécie de adaptação ribeirinha de um padrão (acelerado) de movimentação de interflúvio” (ALMEIDA, 2013, p.316). Tais movimentos apresentariam influências nas cerâmicas, acumulando elementos estilísticos dos distintos locais, de acordo com necessidades apresentadas. Almeida comenta, por exemplo, que haveria o reforço de certos elementos estilísticos para ampliar sua visualização (ver figura abaixo).

Apesar de datas mais antigas estarem deslocando o início da TPA a Norte (para a região do Médio Solimões, Alto Solimões ou suas drenagens secundárias) o modelo de Almeida, influenciado pelos trabalhos de Heckenberger (2001), sobre a integração de populações de distintos grupos linguísticos a sistemas regionais multiétnicos pode ser interessante para pensar não apenas na formação da Tradição Polícroma, mas em seus processos de dispersão, especialmente em áreas como o Médio Solimões onde há indícios da presença de mosaicos de interação.

²³ Ou Subtradição Jatuarana, uma discussão que no presente trabalho não será adentrada (cf. ALMEIDA, 2013).



Figura 2.9: Urna Jatuarana. Fonte: VASSOLER, 2014.

“Caótica dispersão da Tradição Polícroma” – um apanhado

Os trabalhos regionais descritos acima contaram com revisões próprias sobre a TPA e reinterpretações de seus dados para formação de modelos regionais e transregionais. Entretanto, é o trabalho de Belletti (2015; 2016) que compõe o levantamento mais exaustivo feito até o presente momento. A autora reúne um amplo arcabouço de dados sobre a Tradição Polícroma que organizará a partir das perguntas: onde, quando e como.

Segundo a autora, os sítios da TPA²⁴ que ela entende como estilo tecnológico, se expandiriam através de 6600 km havendo, aparentemente, uma concentração de sítios unicomponenciais nos cursos principais e multicomponenciais nos cursos secundários dos rios. Para responder o “quando” a autora elenca 61 datações que, quanto à antiguidade, estariam concentradas nas drenagens secundárias, mas em especial no Médio Solimões. As datas mais antigas estariam no sítio que Belletti estudou em seu mestrado e que será apresentado na segunda parte do capítulo. A autora percebe dois períodos ao investigar o conjunto de datas da TPA, similares aos estabelecidos por Tamanaha (2012): a existência de um momento mais lento e gradual de expansão das ocupações associadas a esse estilo tecnológico entre o século V d.C. e o século X d.C. através de processos

²⁴ Não contando as fases Marajoara, Koriabo e Tauá que, como já comentado, foram excluídas.

locais; e um segundo momento que começa a partir do século XI quando há um aumento notável de datas ao longo das calhas principais da bacia amazônica.

Quanto ao “como”, a autora esboça diversos recortes para categorizar a forma como a TPA aparece no registro arqueológico como presença ou ausência de Terra Preta de Índio e sítios uni e multicomponenciais. Para a componencialidade dos sítios a autora adverte para a necessidade de se pensar em funções específicas para sítios específicos. A reocupação, em menor escala, de alguns sítios de terra preta, por exemplo, pode indicar o uso da área como roçado, situação inferida a partir da baixa variabilidade e portabilidade dos vasos encontrados entre o material Polícromo. Tal configuração é uma de várias com as quais Belletti trabalhará questionando de maneira enfática a transposição do contexto da Amazônia Central e baixo Madeira a outras regiões. A presença de estruturas defensivas, por exemplo, é limitada a essas duas áreas. Em relação ao material cerâmico a autora reforça alguns elementos já conhecidos, como a presença de vasos de flange mesial ou urnas antropomorfas e decorações acanaladas mostrando que elas sofreriam variações regionais (o vaso de flange mesial, por exemplo, não estaria presente na fase Jatuarana). As urnas seriam, em sua maioria, encontradas em posição horizontal e suas datas estariam todas após o ano mil da era cristã.

O conjunto de dados levantados leva Belletti a se colocar contra os pressupostos do modelo de uma expansão belicosa de populações tupi como a causa predominante da dispersão das cerâmicas da TPA. Assim, ela desloca o centro de origem da TPA para o Médio Solimões, advogando também pelo longo período até sua expansão; comenta que a belicosidade estaria mais associada a uma região específica, não havendo indícios para outras áreas e que a presença de material cerâmico não poderia indicar se os assentamentos da TPA seriam menores ou não. Por último, Belletti se põe contra a padronização comentando que haveria diferentes escalas de continuidade entre os materiais da TPA, sendo sua reconhecibilidade um elemento chave para compreender sua manutenção. O esforço da autora de fragmentar a amplitude dos modelos anteriores, de caráter mais crítico, permitiu, no entanto, observar melhor as lacunas no entendimento da Tradição Polícroma.

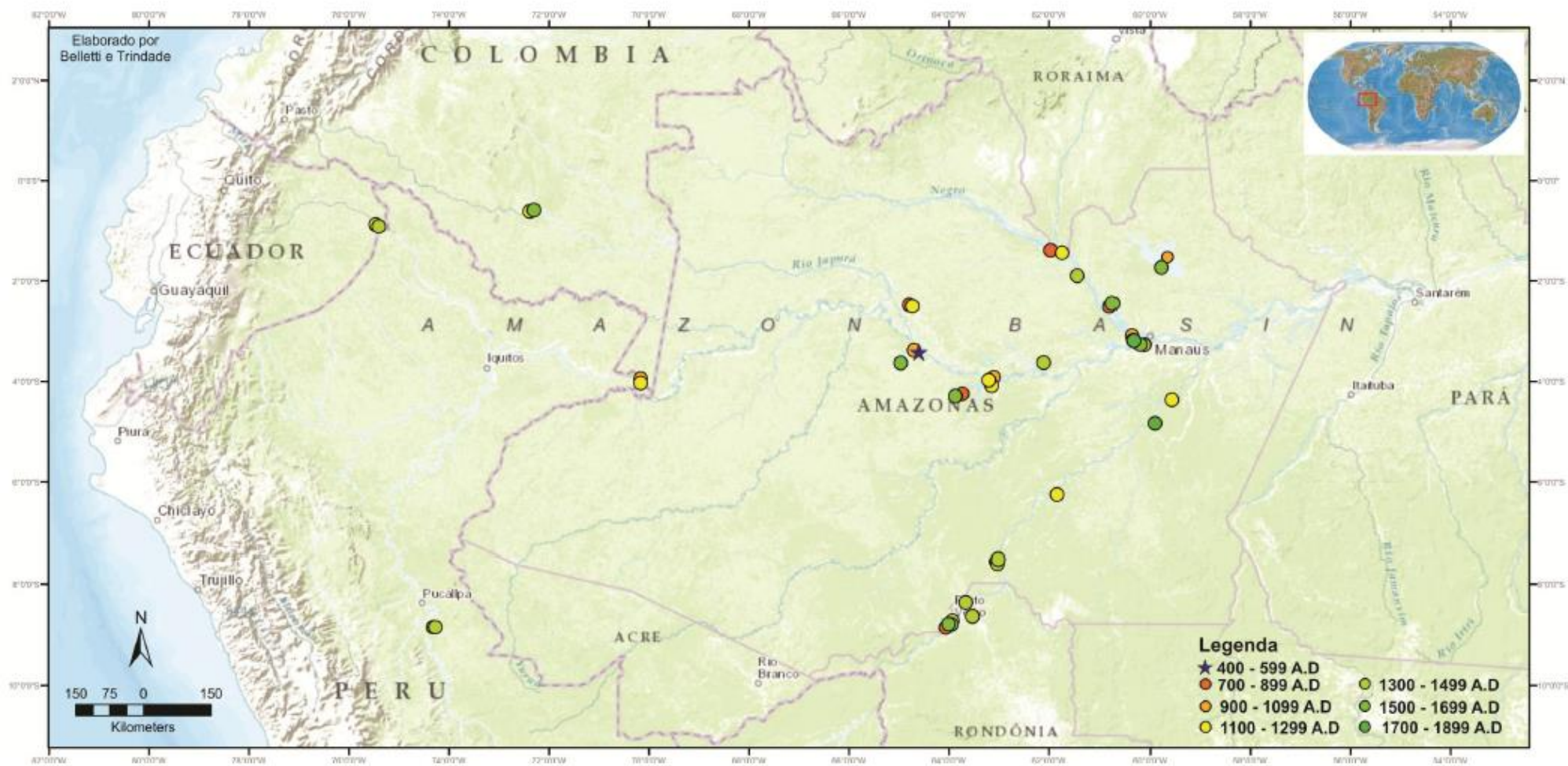


Figura 2.10: Mapa de datas para a TPA. Fonte: BELLETTI, 2015.

Ordenamento fragmentado: pensando a TPA

Antes de tentar organizar o conhecimento sobre a TPA, faço aqui uma última revisão. Minha pesquisa anterior à presente envolveu uma comparação detalhada entre dois sítios com material diagnóstico da TPA, um no Médio Solimões (o sítio Conjunto Vilas) e outro no Médio rio Negro (sítio Vila Nova II). O objetivo foi testar a hipótese já comentada de Tamanaha (2012) na qual haveria uma manutenção morfológica e decorativa que não se refletiria na produção de pastas. Após as análises percebeu-se mais divergências que convergências em quase todos os aspectos, exceto nas técnicas decorativas como acanalado e pintura vermelha, marrom e preta sobre engobo branco. A comparação me levou a uma conclusão parecida a de Tamanaha (2012), com a qual Oliveira (2016b) também se coloca de acordo: a de que haveria uma importância maior, em alguns casos, no compartilhamento de uma identidade visual associada à TPA do que na maneira de fazer as vasilhas e as formas que elas tomavam. Tal conclusão pode ser tomada como representação de certas estratégias políticas e, possivelmente, identitárias. A pergunta sobressalente seria, então, se os grupos produtores da cerâmica polícroma seriam detentores de um mesmo sistema tecnológico, onde a variabilidade, portanto, se referiria a contextos históricos específicos; ou se distintos grupos utilizaram seus conhecimentos tecnológicos próprios para produzir cerâmicas cuja marca principal é a reconhecibilidade exterior, ou seja, os próprios atributos diagnósticos da TPA. Questão essa que tentarei de alguma forma abordar ao fim do trabalho.

Após explorar essa caótica paisagem digna da floresta amazônica, é possível produzir algumas, mas não muitas, definições sobre a Tradição Polícroma da Amazônia e seus processos de dispersão. Primeiramente, é importante notar que nenhum dos modelos até hoje produziu uma explicação transregional que se encaixe adequadamente à dispersão da TPA, o que é perfeitamente normal considerando a dificuldade de fazer o mesmo para a maioria das tradições amazônicas de grande extensão. O que isso significa é que provavelmente só teremos modelos mais holísticos na medida em que lacunas de pesquisa forem preenchidas e, como espera Neves (2015), mais categorias analíticas particularistas forem criadas. Para isso é importante a continuidade e expansão de trabalhos regionais, refinando cronologias, montando bancos de dados para comparações e utilizando criticamente modelos etnográficos. Tratando do ponto de vista regional, pode-se perceber que os modelos parecem se adequar melhor aos seus contextos. A conclusão lógica desse panorama é exatamente um dos poucos pontos com o qual todas

as últimas pesquisas colocam-se de acordo (e que, por si só, já representa uma grande conquista para os estudos da TPA): a existência de múltiplos e complexos processos históricos de dispersão dessas cerâmicas que possuem pontos de contato.

Não obstante, no presente trabalho a Tradição Polícroma é percebida, tal qual o faz Belletti (2015), como um estilo tecnológico (ver Capítulo 1). Esse estilo, como será discutido no capítulo 4, também possui características emblemáticas. Ela é, em essência, uma categoria do arqueólogo criada a partir de um padrão de elementos reconhecíveis, estes formados, por sua vez, através de escolhas que tiveram distintas motivações. Tais escolhas permitem que as cerâmicas sejam associadas a comunidades produtoras específicas, sem, por isso, circunscrevê-las etnicamente. Não se pode perder de vista que tais estilos são produzidos, reproduzidos e até emulados por ceramistas com projetos e estratégias que orientam sua produção.

Isso dito, as últimas pesquisas para a TPA apontam que sua produção como estilo específico se inicia provavelmente ao redor do Médio Solimões no século V d.C. Belletti (2015) colocará seu início como possivelmente no Alto Solimões, área gigantesca quase nula em estudos. Almeida e Moraes (2016), no entanto, lembram que outra grande lacuna de estudos são cursos secundários dos rios amazônicos. Ao olhar um mapa com a distribuição das datas antigas da TPA (ver Figura 2.10) é possível ver que elas se localizam perpendiculares ao Solimões, indicando que áreas de drenagens secundárias podem abrigar as primeiras ocupações de produtores da TPA, que só depois ocupariam as calhas principais, se expandindo, como coloca Neves (2012), “pelas beiradas”. Essa dispersão produz muitas ocupações unicomponenciais policromas, como coloca Belletti (2015) possivelmente ocupando antigas *buffer zones* como aquela encontrada por Tamanaha (2012), ou espaços onde os antigos produtores escolheram não ocupar. De qualquer forma, a expansão possui um ritmo não linear de progressão, o que para Almeida e Moraes (2016) sugere intensas idas e vindas ao longo das grandes drenagens.

O caráter bélico da dispersão da TPA parece bem estabelecido para a região do baixo Madeira, do Ucayali e da área de confluência, mas tal não parece ser o caso em outras áreas como o Médio Solimões (como poderá ser visto logo abaixo) e o Baixo Amazonas (Belletti, 2016), onde parece haver interações sociais predominantemente amistosas. Nessas áreas não há sinais ainda de estruturas defensivas ou ruptura estratigráfica. Tal contexto, no entanto, não pode ser visto como a inexistência de conflito. Para Lévi-Strauss (1943) no texto de onde provem a epígrafe do presente capítulo tanto

trocas quanto conflitos estariam profundamente atrelados ao mesmo processo: integração regional. Correlação que Descola, como vimos no capítulo 1, também se põe de acordo. Mais do que a existência de um fator ou de outro, parece mais produtivo refletir sobre os momentos e lugares em que um prevaleceu sobre o outro – produzindo de um lado ruptura estratigráfica e do outro co-ocorrência cerâmica – e quais seriam os significados de tal panorama. O quadro hipotético desenhado por Almeida (2013), por exemplo, dá conta de explorar ambos momentos e lugares.

Sobre a associação da TPA a populações falantes de línguas Tupi o meu trabalho, um estudo regional, tratará da questão de forma indutiva, ou seja, a partir das possibilidades apresentadas pelos dados produzidos. É importante notar que no Médio Solimões não são encontrados os principais indícios que levaram autores como Neves, Moraes e Almeida a reestabelecer essa associação entre língua e cultura material. Como Almeida & Moraes (2016) colocam, mesmo se a correlação entre TPA e populações tupi for estabelecida, ainda há muita heterogeneidade dentro dos processos de dispersão da TPA e até mesmo dentro dos grupos. Dessa forma, foi dado um enfoque maior a questões como reconhecibilidade da cerâmica policroma e seus usos dentro de variadas estratégias políticas e identitárias.

A presente perspectiva sobre a TPA se aproximará, portanto, de trabalhos como o de Oliveira (2016b), propondo que a busca por uma economia das trocas estilísticas e tecnológicas pode ajudar a compor uma história regional dos produtores dessa cerâmica que, por sua vez, possa fornecer subsídios para o fortalecimento de modelos transregionais para a dispersão da TPA. Quando os dados produzidos permitirem, abordarei de alguma forma as relações entre cultura material e grupos linguísticos.

Etno-história e Arqueologia do Médio Solimões

O que é o Médio Solimões?

Definido o recorte temático-cronológico, trata-se do espacial, i.e. da região que se propõe produzir uma história. No presente trabalho, o Médio Solimões foi considerado

omo uma região marcada²⁵ dentro da macro-região da Amazônia Central²⁶. Como mostrado na introdução, seus limites foram estabelecidos entre os atuais municípios de Fonte Boa, a Oeste, e Coari, a Leste. A região é marcada geograficamente pela dicotomia entre o curso principal do rio Solimões, de águas brancas, e os extensos lagos de águas pretas ao seu redor (ver Figura I e Figura 3.1). Tal contexto se repete com rios menores no baixo Solimões, porém a proximidade entre esses lagos e outro grande rio, o rio Negro, nos leva a pensar que nessa região há uma dicotomia diferente. Além disso, abaixo da área de Coari, no curso principal se passa de um contexto geológico de embasamento original do Solimões para um composto predominantemente por solos aluviais. Os rios de águas brancas ou barrentas como o Purus, o Japurá e o Solimões são caracterizados por suas fortes correntezas e sua coloração barrenta. Tal é fruto do arrastamento de sedimentos finos, como argila silte, e areia. As águas pretas presentes não só nos lagos, mas também em igarapés e igapós, são formadas, por outro lado, por processos biogênicos a partir da incorporação de solos ácidos e resíduos orgânicos das florestas (AB’SÁBER, 2003, p.69-70). Embora os rios brancos sejam considerados mais piscosos e com terras mais férteis – o Solimões, em si, é um dos mais férteis dos trópicos (NEVES, 2012) – os lagos de águas pretas possuem fortes picos de piscosidade conforme a época do ano²⁷. É perto dessas águas também que se encontram recursos específicos, como tipos de caça e até o cauixi usado na cerâmica. A interligação entre os dois contextos é feita especialmente por “furos” usados como transporte, em especial no período da cheia. Os períodos de cheia e enchente tendem a inundar as margens dos rios e lagos, produzindo áreas de várzea fertilizada. As várzeas são intercaladas, ao longo das margens, por terraços de difícil inundação conhecidos como barrancos ou terras firmes. Essa última nomenclatura também é utilizada para descrever as áreas distantes do curso dos grandes rios amazônicos em bacias terciárias, por exemplo. A dicotomia entre a produtividade dos ambientes de várzea e terra firme gerou, como já foi mencionado, grandes debates na arqueologia amazônica (LATHRAP, 1970; DENEVAN, 1996; HECKENBERGER,

²⁵ Por isso terá a grafia “Médio Solimões”. Quando tratar do médio curso do rio, usarei sem letra maiúscula.

²⁶ Esboçada por Neves (2012, p. 21) como: “a área que vai, grosso modo, do baixo curso do rio Japurá, a oeste, à boca do rio Madeira, a leste, da latitude da boca do rio Branco, ao norte, à latitude da cidade de Borba, no rio Madeira, ao sul”.

²⁷ O ciclo anual no Solimões, assim como no resto do contexto amazônico, é medido em termos fluviais e pluviais sendo dividido lá em seca (Setembro-Novembro), enchente (Dezembro-Abril), cheia (Maio-Junho) e vazante (Julho-Agosto) (TAMANAH, 2012; PORRO, 1995). A época da seca é a mais piscosa.

2006), mas atualmente a perspectiva que a segunda não poderia manter grandes populações vem sendo paulatinamente negada (NEVES, 2012).

A força do curso principal do rio Solimões é parcialmente responsável por um fenômeno implacável para suas margens e terraços: a erosão fluvial ou “terras caídas”. Esse fenômeno baseia-se na ruptura das margens através de seu embate direto com as águas dos rios, provocando desabamentos (LATHRAP, 1968; STERNBERG, 1998). As “terras caídas” ocorrem continuamente tendo, no período de vazante, uma ocorrência mais marcada. Embora o principal agente abrasivo dos rios sejam os detritos contidos nas águas, ações humanas podem intensificar esse processo. O desfolhamento destaca-se entre os processos antrópicos ao deixar os solos mais suscetíveis à erosão (LABADESSA, 2011). Assim como em outras partes da Amazônia (DENEVAN 1996; NEVES, 2012) os sítios arqueológicos do Médio Solimões se concentram nos terraços à beira do rio, imunes ao ciclo de cheia e seca. Tal padrão também pode ser visto, como também conferiremos abaixo, nos relatos históricos.

Sobre a geologia da região do Médio Solimões, duas formações podem ser encontradas: os depósitos aluviais e de formação Içá. Os primeiros compõem o curso antigo do rio Solimões e tratam-se de uma formação holocênica que contém areia, silte, argila e cascalho. A formação Içá por sua vez tem origem no pleistoceno e apresenta arenito, siltito e turfa (TAMANAH, 2012). A dinâmica dos sedimentos no Médio Solimões soterra possíveis afloramentos rochosos, havendo apenas formações lateríticas frutos da laterização de solos. Além de processos naturais de formação de solos, há processos antrópicos que formaram, por exemplo, as Terras Pretas de Índio; esses serão melhor descritos no capítulo 3.

Caricaturas no Médio Solimões – Os cronistas

Apesar da correnteza do rio Solimões ser uma força permanente contra a preservação de vestígios da ocupação humana, descontextualizando parcialmente seus sítios arqueológicos, o curso principal do rio tem uma vantagem em relação a muitas outras áreas: as crônicas da época do contato. A amplitude e posição do Solimões como “corredor” entre o Andes e o Atlântico propiciou que por ele passassem diversas expedições europeias integradas por aqueles que hoje alcunhamos de cronistas. As expedições, mais ou menos bem-sucedidas, compostas por aventureiros de diversas

origens em busca de riquezas de tipos variados – resumidas no mito do El Dorado – desaguarão no “rio-mar” especialmente pelo lado espanhol. Os relatos das empreitadas destes “amazonautas” (cf. Ugarte, 2009) resultaram num rico e difuso arcabouço de informações históricas das comunidades amazônicas. Em cada uma dessas crônicas conta-se de escravização, guerras e, a partir do século XVII d.C., da progressiva crise demográfica causada pelo impacto do contato. Entretanto, as crônicas que compreendem expedições nos séculos XVI e XVII d.C. apresentam descrições interessantes dos povos que viviam nas margens do rio Solimões, as quais estão permeadas pela dificuldade de capturar um mundo natural e cultural nunca antes percorrido (PORRO, 1995; 2007; UGARTE, 2009).

É essencial notar, antes de prosseguir, os problemas encontrados na apropriação desses trabalhos para estudos históricos sobre as comunidades amazônicas à época do contato. A imagem formada das comunidades nos relatos dos cronistas pode ser comparada a uma caricatura de uma pessoa ou um retrato impressionista de uma paisagem. Os europeus descrevem a região e suas gentes por suas impressões em contatos rápidos e às vezes bruscos – os relatos de Fritz sendo exceção a esse quadro, por ter passado décadas com as comunidades indígenas – aumentando alguns aspectos enquanto minimizavam outros de acordo com suas percepções, também direcionando, no momento da escrita, a obra ao público com o qual intentavam se comunicar. Levi-Strauss (1943) comenta, por exemplo, de grandes exageros quanto aos relatos sobre canibalismo e belicismo indígenas, uma extrapolação que eclipsou descrições de uma multiplicidade de outros aspectos das sociedades indígenas. Esse movimento gerou nas crônicas diversas incorreções e elementos fantasiosos, estes encrustados na imaginação medieval dos expedicionários (PORRO, 1995; HOLANDA, 2010). No entanto, como qualquer obra escrita, as crônicas têm uma relação com a realidade que observam, experimentam e recontam (PESAVENTO, 2003; LIMA, 2006). Além de necessitar o entendimento do contexto de produção de uma determinada fonte e os parâmetros formais pelas quais ela é escrita (BROWN, 1988), para estudar as crônicas de maneira crítica é preciso, como coloca Porro, “avaliar até que ponto cada autor tinha condições objetivas e subjetivas para retratar adequadamente uma determinada realidade” (PORRO, 1995, p. 77). Ao fim, o trabalho de análise deve buscar se aproximar ao máximo da “paisagem” social original pincelada em diferentes momentos nas distintas crônicas. Se o conjunto das crônicas falam mais sobre o imaginário europeu da época do que sobre os indígenas, eles, no

entanto, baseiam-se nos contatos dos expedicionários com comunidades indígenas. Essas, pelo caráter dos relatos, tornam-se duplamente estrangeiras aos nossos olhos, como coloca Heckenberger (2001), por tratarem do Outro no passado; e, ainda, um Outro em acelerada transformação pelo impacto do contato. Para agravar novamente a situação, as interpretações apresentadas abaixo provém principalmente de fontes secundárias, i.e. estudos de historiadores que trabalharam na área da pesquisa, Antônio Porro (1995; 2007; 2009) e Auxiliomar Ugarte (2009).

Dificuldades à parte, um olhar à historiografia que trata das crônicas pode trazer à luz padrões significativos para a arqueologia, sendo essencial para um trabalho de construção de contextos, parte da produção de uma história regional sobre a TPA como a proposta aqui. Elas, em termos mais simples, nos dão indícios sobre a vida material das comunidades que viveram na região antes da desestruturação causada pelos europeus. Ignorar tal arcabouço tomando-o por meramente fabuloso, por outro lado, é desperdiçar seu potencial e descreditar o trabalho de historiadores com essas fontes. Tal qual colocado na primeira parte, a TPA é encontrada no período anterior ao contato, mas também no período colonial, e até o século XVII no Médio Solimões (BELLETI, 2015). Dessa forma, presume-se com segurança que provavelmente boa parte das comunidades encontradas nos séculos XVI e XVII pelos cronistas no rio Solimões eram produtoras de cerâmicas policromas, havendo uma comparação já lugar-comum entre essas cerâmicas e a descrição da “Aldeia da Louça” dos Omaga feita pelo Frei Gaspar de Carvajal (TAMANHA, 2012; NEVES, 2012; MORAES, 2013; OLIVEIRA, 2016)²⁸.

Segundo Porro (1995) e Ugarte (2009), as principais crônicas dos século XVI e XVII sobre o rio Solimões são as de Diogo Nunes em 1538; a de Carvajal em expedição de 1542; aquelas associadas a expedição de Úrsua e Aguirre – existem 11 crônicas ao todo – em 1560; a da expedição de Pedro Teixeira em 1637– são 3, consideradas por Ugarte (2009) as últimas antes do início do processo de desestruturação das comunidades do Solimões – e o diário do padre Samuel Fritz de 1691. Porro, em pesquisa minuciosa dessas crônicas produziu mapas (ver figura abaixo) detalhando, nos séculos XVI e XVII, contingentes de aldeias e populações denominadas por categorias europeias, como senhorios, nações e províncias. Segundo Ugarte (2009), tais categorias variam de uso conforme a crônica, sendo que algumas como a de Carvajal, definem senhorios a partir

²⁸ A cerâmica dessa aldeia seria da “melhor que se viu no mundo, porque a de Málaga não se lhe iguala, por ser toda vidrada e esmaltada de todas as cores” (PORRO, 1995)

de caciques tomados como senhores regionais e outras, como a de Altamirano, que definem regiões pela proximidade de língua e costumes dos indígenas nela, além da separação física entre uma província e outra. Em resumo, a região acima do rio Juruá e até a Amazônia peruana foi ocupada, aparentemente, por povos que falavam a mesma língua, denominados a partir do século XVII de Omáguas. Entre o rio Juruá e o Jutai não foram encontradas grandes ocupações, sendo essa considerada uma *buffer zone* (PORRO, 1995, DEBOER, 1981). Dos rios Tefé a Coari a província de Machifaro foi identificada no século XVI, estando nas crônicas de Carvajal e Altamirano, por exemplo. No século seguinte, essa área é reconsiderada como de ocupação dos Aisuari, que recebem também outras nomenclaturas. Algo similar acontece nas áreas Solimões abaixo, onde as províncias de Oniguayal (chamada apenas por Carvajal de Omega) e Paguana transformaram-se nas regiões dos Yoriman (ou Solimões) e dos Cuchiguara, respectivamente.

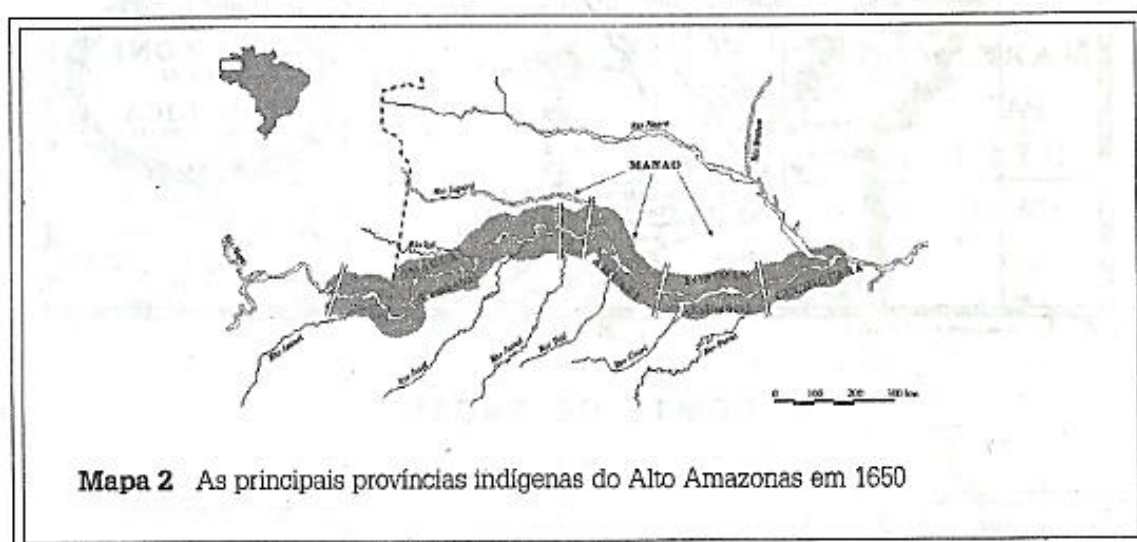
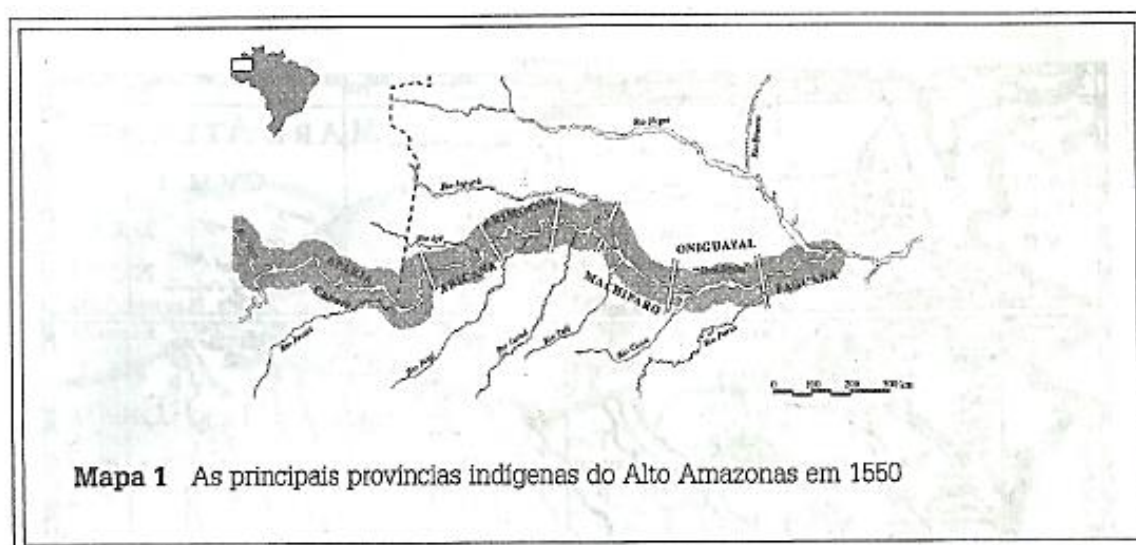


Figura 2.11 Mapas das províncias indígenas nos sec. XVI e XVII. Fonte: Porro, 1995.

Passando para a região do trabalho, a área que denomino como Médio Solimões é quase a mesma associada por Porro aos Machifaro e aos Aisuari, ou Curuzirari. Essa correspondência não é acidental, sendo o estudo de Porro incorporado na escolha do recorte. Para Porro, a província de “Machifaro aparece [nas crônicas do sec. XVII] com os mesmos traços básicos, mas com outros nomes: *Curuzirari* para Acuña, *Carapuna* para Heriarte e *Aisuari* em Cruz e Fritz; a última forma é a que se fixou historicamente” (PORRO, 2009, p. 184). As crônicas com as quais melhor podemos contar sobre Machifaro/Aisuari são as escritas pelos cronistas da viagem de Úrsua e Aguirre (especialmente as de Vazquez, Almesto e Altamirano) que ficaram cerca de 120 dias na província; as da viagem de Pedro Teixeira (o próprio Teixeira, Acuña e Heriarte), uma

viagem de ida e volta, na qual também ficaram alguns dias com os Aisuari; e o diário do padre Fritz, que morou entre esses povos em plena desestruturação por anos.

No século XVI a província de Machifaro é relatada como densamente povoada. Nas palavras de Carvajal: “Não havia de uma aldeia a outra um tiro de balestra [...] e houve aldeia que durou cinco léguas sem intervalo de uma casa a outra” (apud PORRO, 1995, p. 51). Apesar dos superlativos comuns a narrativa de Carvajal, a densidade populacional também é comentada por Diogo Nunes, Altamirano e Vazquez que colocam suas aldeias como possuindo milhares de pessoas. Essa densidade se distribuiria especialmente na margem direita do Solimões.

Os povoados de Machifaro teriam uma língua diferente da falada pelos Omáguas, seus vizinhos acima do rio, com os quais guerreavam constantemente. Suas aldeias seriam compostas por cabanas grandes e arredondadas cobertas até o chão com folhas de palmeiras. Três aldeias foram descritas na província e tentativamente identificadas por Porro (2007), a primeira homônima à província se localizaria próxima à foz do rio Tefé. Lá viveria, segundo Carvajal, um grande chefe também chamado Machifaro no topo de uma barranca (terraço). A segunda, Mocomoco, descrita em 1560 pelos cronistas da expedição de Úrsua e Aguirre, se situaria na margem direita do Solimões em algum ponto entre a boca do Lago Caiambé (local onde se situam os sítios São João e Caiambé) e a foz do rio Catuá (40 km descendo o rio). A terceira, a “aldeia dos bergantins”, estaria acima da foz do rio Coari.

A abundância alimentar de Machifaro é onipresente nesses relatos seja ela de plantas cultiváveis, em especial o milho e a mandioca brava, ou de peixes e animais aquáticos como quelônios e peixe-boi. Almesto chega até a descrever a produção e armazenamento de um desses alimentos, o que ele chamou de vinho pelo poder embriagador e pela cor vermelho clara:

"Hay un género de vino que los indios beben, confeccionado con muchas cosas. Ponen los indios a madurar en tinajas [tralhas cerâmicas] grandes, algunas de veinte arrobas y más, una manera de mazamorra [mingau] espesa, y en estas tinajas hierve [fermenta] a manera de vino de España, hasta que está hecho: entonces lo sacan y cuelan, echandolo alguna agua y beben dello. Es tan fuerte, que emborracha si no templan con agua harta. Tenían los indios en este pueblo grandes bodegas [adeegas] dello, y los españoles y negros del campo se lo bebieron en pocos días. Todo es

sabroso, y la color de vino aloye [tinto claro]". (em Ugarte, 2009, p.514).

Além de exemplificar a abundância presente na província de Machifaro, o trecho acima sublinha a importância da cerâmica na produção alimentar. Desta, um dos gêneros mais importantes seriam os quelônios mantidos em viveiros. Essa característica é importante, tanto por ser quase exclusiva da província de Machifaro, quanto por ter uma permanência notável, aparecendo em todas as crônicas da região nos séculos XVI e XVII. A recorrência não é gratuita, trata-se de um fato que, assim como o achatamento craniano dos Omágua, não podia fugir ao olhar dos cronistas. Ademais, a presença de quelônios aos milhares, presos em cercados atizou os interesses dos viajantes ávidos por encontrar nelas traços da civilidade europeia entre as comunidades amazônicas. A cena observada, portanto, traria indícios do manejo de animais, rara por onde passaram os amazonautas. Os indícios, por sua vez receberiam elogios dos cronistas quanto à engenhosidade dos indígenas dessa província. As descrições passam desde o modo de captura, com canoas e cordas para amarrar e transportar quelônios juntos, feitas por Acuña, até seu consumo, fervendo-os em seu próprio casco e fazendo até machados de seus cascos, passando pelo modo de armazenamento, em lagoas artificiais como coloca Vazquez e o número médio de quelônios por curral – Acuña coloca que seriam cerca de 100.

No século XVII, os Aisuari são identificados como falantes de um idioma distinto de seus vizinhos a jusante, os Yurimaguas, e são conhecidos por fazer cerâmica de excelente qualidade. Acuña e Heriarte situam suas aldeias nas “altas barrancas” e ressaltam novamente a densidade populacional e abundância dessas populações, o primeiro admitindo que não se passava quatro horas descendo o rio sem topar com mais uma aldeia. Teixeira já havia feito o mesmo na subida ao rio, dizendo com certo exagero que “en trezentas léguas de caminho se puede decir, es solamente um pueblo,[...]” (UGARTE, 2009, p.444). Acuña, por fim coloca-os, assim como os Omágua como sendo de boa ordem, governo e “policia” (civilidade). As crônicas atestam nesse século uma migração desses povos a Oeste entre 1630 (em Acuña) e 1690 (Fritz), fazendo novas aldeias na antiga área da buffer zone. Fritz, por sua vez, coloca os Aisuari como similares aos Yurimaguas em costumes, entre os quais o de fazer grandes bebedeiras para entidades (a quem Fritz associou ao diabo) com poderes de cura (UGARTE, 2009). Os remanescentes dos Aisuari foram incorporados às missões espanholas e portuguesas até o começo do século XVIII (PORRO, 1995; 2007; 2011). O processo é decorrente direto

da expedição de Pedro Teixeira que a toma como a “conquista” para Portugal do que hoje é chamado de rio Solimões. A conquista abriu espaço para a expansão de campanhas portuguesas que visavam escravizar indígenas pela região, trazendo com elas cada vez mais epidemias e desestruturação. Os relatos sobre as populações indígenas a partir dessa época tornam-se cada vez mais difusos, misturando-se aos grandes processos colonizadores da Amazônia empreendidos desde então.

Um traço que se destaca nos relatos sobre a província de Machifaro e sobre os Curuzirari ou Aisuari é a participação dessas comunidades indígenas em redes de troca com o interior. Diogo Nunes relata a presença de casas para estocar peixe seco que os indígenas de Machifaro “levam a vender pelo sertão e têm sua contratação com outros índios; e vão os caminhos muito abertos, de muito seguidos, porque corre muita gente por ele” (apud PORRO, 1995, p. 51). Desses caminhos pelo interior Carvajal relata que foi informado que ao segui-los, entrepostos (ao estilo andino) seriam encontrados no meio no caminho, circundados por roças para suprir as expedições comerciais terra firme adentro. Nesse ponto, como coloca Ugarte, é seguro desconfiar da descrição daquilo que o cronista não viu e apenas ouviu de um indígena ao qual o capitão Orellana assume ter entendido a língua. Segundo Ugarte (2009, p.420) são nesses momentos que surgem a maior quantidade de descrições fantasiosas dos amazonautas. A interpretação do que seriam idiomas radicalmente diferentes permitem projeções daquilo que os expedicionários desejam encontrar, seja o país das Amazonas ou entrepostos comerciais como os encontrados nos Andes. Resumindo: o que os cronistas veem é mais confiável do que aquilo que eles afirmam ter escutado de indígenas. No entanto, a existência dos caminhos (dessa vez sem os entrepostos) é reafirmada por Altamirano. Após falar deles, Altamirano descreve aqueles que os percorriam: “mercadores e viajantes que iam e vinham das províncias de terra a dentro a comerciar com os das províncias de Machifaro e outras suas vizinhas, e o comércio era de cerâmica e peixe, que o havia muito bom na província de Machifaro, por lâminas e enfeites de ouro e outras coisas de estimação da terra” (apud PORRO, 1995, p.81). Em suma, a existência de caminhos de onde vinham pessoas de outras aldeias no interior parece factível, mesmo que a descrição do que existiria nesses caminhos não o seja.

Oitenta anos depois, Acuña reitera a importância da cerâmica produzida para “trato comum com las demas Naciones, que obligadas de la necesidad que destos géneros pasan en sus tierras, vienen a hazer grandes cargazones de ellos, recibiendo por paga las

cosas de que ellos necesitan” (apud UGARTE, 2009, p. 531). Acuña, produtor de detalhadas descrições, chega até a fazer uma útil lista das cerâmicas produzidas pelos Curuzirari que classificou segundo os parâmetros que conhecia: “tinajas [tralhas], ollas [panelas], Hornos en que cuezan sus harinas, jarros, librillos [pequena bacia], y hasta sartenes [frigideiras] bem formadas” (apud UGARTE, 2009, p.531). Acuña também é um que menciona mais proeminentemente o uso de adornos de ouro entre os Aisuari. Tais pulseiras viriam, segundo Acuña, de comércio com os Managus, mais conhecidos como Manaos ou Manaus (ver figura acima). Fritz reitera que os Aisuari comerciavam com os Manao a Norte trocando suas produções, das quais ele só menciona vasilhas e cuias cerâmicas “que sus mujeres pintan vistosas” (UGARTE, 2009, p.471) por pequenas lâminas de ouro, urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestaria e tapeçaria, parte de uma grande rede comercial que comerciantes europeus, como os holandeses, participariam provendo produtos europeus desejados, como garrafas de gim. Apesar de certamente haver ruídos e incorreções nessas descrições, um contexto de trocas fica evidente.

A presença de redes de comércio, entretanto, não faz das populações do Médio Solimões quinhentista e seiscentista avessas a conflitos. Como colocado acima, os Aisuari estavam em constantes conflitos com os Omáguas, sendo que suas aldeias na área de Tefé contavam com milhares de guerreiros entre 1538 e 1560 (2 mil segundo Carvajal, 5 a 6 mil segundo Diogo Nunes e Altamirano). Carvajal também menciona – outra informação da qual, entretanto, podemos desconfiar – que o chefe Machifaro tinha aliança com um grande chefe da província rio abaixo (Omaga) “e juntam-se para dar guerra a outros senhores que estão pela terra adentro, os quais vêm diariamente a expulsá-los de suas casas” (apud PORRO, 1995, p.84). Diversas vezes o alvo desses conflitos foram justamente os amazonautas sendo o caso mais explícito o combate entre as naus de Orellana e as canoas de Machifaro, recheadas com indígenas usando lanças e escudos de pele de peixe-boi ou tapir, alguns tocando flautas ou tambores de guerra. Redes de trocas misturariam-se, portanto, a relações políticas e tramas bélicas configurando-se em interações das mais distintas formas.

Os relatos de trocas presentes nas crônicas são bons indícios para compor o quadro histórico do Médio Solimões (ver tabela 2.1). Embora não possam ser tomados acriticamente, tais sinais fortalecem a hipótese de mosaicos de interação de longa duração na região (discutida no capítulo 1). Uma ligação cronológica aproximada encontrada no

sítio São João fortalece ainda mais a hipótese e as conexões contextuais possíveis com a etno-história.

Cronista	Período	Grupo com quem Machifaro/Aisuari trocam	Produtos recebidos	Produtos levados
Nunes	Primeira metade do sec. XVI	Grupos do interior ou sertão	Não especificado	Peixe seco
Carvajal	Primeira metade do sec. XVI	Grupos do interior ou sertão	Não especificado	Não especificado
Altamirano	Meados do Sec. XVI	Mercadores e viajantes das “províncias de terra a dentro”	Lâminas e enfeites de ouro e outras coisas de estimação da terra	Cerâmica e peixes
Acunã	Primeira metade do sec. XVII	Diversos/Manaós	Adornos de ouro	Cerâmica (tralhas, panelas, jarros, bacias e frigideiras)
Fritz	Segunda metade do sec. XVII	Manaós	Adornos de ouro, urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestaria e tapeçaria.	Vasilhas e cuias cerâmicas pintadas

Tabela 2.1: Descrição das redes de troca do Médio Solimões relatadas pelos cronistas

Nos séculos seguintes o pouco que se escreveu sobre a história das comunidades indígenas do Médio Solimões veio de pesquisadores de outras áreas. Destaca-se na primeira metade do século XX, os trabalhos de Alfred Metraux (1930; HILBERT, 1962) com a coleta de algumas vasilhas da região. As pesquisas arqueológicas sistemáticas na área começam apenas nos anos 50 do século passado com o arqueólogo alemão Peter Paul Hilbert (1958; 1962; 1968).

Hilbert é responsável pelas classificações arqueológicas no Médio Solimões e sua primeira cronologia com trabalhos ao redor de Tefé, do lago Caiambé, foz do Japurá, entre outras áreas. O arqueólogo alemão, como já foi comentado foi um importante parceiro dos americanos Meggers e Evans, ajudando a produzir (e colocando-se de acordo com) muitos de seus pressupostos. Após fazer diversos levantamentos e escavações locais e tendo como base as tradições cerâmicas pensadas por Meggers e Evans, Hilbert analisou e identificou três fases cerâmicas: a mais antiga, Caiambé, relativa a TBI; Tefé relativa a TPA; e Japurá, considerada uma expressão local. Em trabalhos posteriores Lathrap (1970) critica a posição distinta da fase Japurá, apontando suas similaridades com a fase Caiambé (TBI) pertencente ao que ele chamou de estilo Barrancoide, a diferença estando apenas no uso do antiplástico (caraipé na fase Japurá e cauixí na fase Caiambé). Costa (2012) em sua dissertação associará as duas fases como Caiambé.

A fase Caiambé (ver Figura 2.13A) foi levantada no sítio homônimo que será descrito abaixo. Ela foi definida especialmente pelo cauixi em sua composição classificado em dois tipos principais: Sumaúma e Tacacá. A diferença encontrada entre o tipo Sumaúma, mais presente nos níveis mais superficiais, e o tipo Tacacá, presente em maior quantidade nos extratos mais profundos, foi a de queima: os cacos pertencentes a Sumaúma teriam queima completa²⁹ e os da Tacacá, incompleta³⁰. Quanto às formas, Hilbert indica a presença de tigelas rasas e fundas (entre 20-70 cm de diâmetro da boca), tigelas carenadas e vasos globulares, sendo em sua maioria com bordas diretas. Ele também levanta seis estilos para a cerâmica Caiambé. Entre esses, destaca-se a presença

²⁹ Queimas oxidantes ou completas são feitas em ambientes controlados com presença de oxigênio permitindo a oxidação dos minerais e outros elementos contidos na pasta, de forma a fazer-las laranjas, vermelhas ou marrons (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

³⁰ Queimas redutoras ou incompletas, por outro lado, são feitas em ambientes fechados com ausência de oxigênio causando a redução dos minerais que resultam em pastas de coloração em tons de cinza (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

de aspectos estilísticos como linhas, zigue-zagues, diagonais e ondulados feitos com uso de técnicas como incisões e incisões duplas ou múltiplas, às vezes realizadas em flanges labiais. Também foi identificada a presença de engobo vermelho e pintura polícroma sobre engobo branco. A primeira estaria em camadas finas, variando de laranja a vermelho escuro, sendo encontradas em sua maioria nos níveis mais profundos; a segunda seria composta por pintura vermelha e preta sobre engobo branco e dividiria basicamente todas as características decorativas das cerâmicas polícromas. A fase Caiambé foi associada por Hilbert com o material da fase Manacapuru por ele encontrado na Amazônia Central, acrescentando ambas à Tradição Borda Incisa. A fase Caiambé apresentou datas radiocarbônicas de 640 ± 60 d.C. e 730 ± 60 d.C. A fase Japurá, como foi colocado, também associada à TBI, apresentou datas de 635 ± 60 d.C. (HILBERT, 1962; 1968; COSTA; 2012).

A fase Tefé (ver Figura 2.13B), por sua vez, foi identificada em sítios próximos à cidade de Tefé, como o Conjunto Vilas, reescavado por Belletti (2015). Hilbert define sua existência pela presença de caraipé e de cerâmicas com queima incompleta. As formas principais relatadas por Hilbert foram: tigelas rasas e fundas; vasos de flange mesial e vasos globulares com o lábio reforçado. Entre aspectos decorativos das cerâmicas Tefé, Hilbert indica o uso das técnicas de incisão dupla, modelado, excisão e – característica que se torna proeminente – acanalado. A pintura, já existente na fase anterior, seria mais popular e mais complexa na fase Tefé, mantendo o vermelho e negro sobre engobo branco. Essas técnicas seriam usadas para produção de linhas retas, curvadas e gregas, entre outras, combinadas em motivos complexos. Em urnas funerárias, tais decorações teriam o intuito de formar figuras antropomorfas. A fase Tefé foi conectada por Hilbert à fase Guarita da área de confluência entre os rios Negro e Solimões, amostra regional do Horizonte Polícromo, sendo que a seriação do arqueólogo apontaria Guarita como anterior a Tefé. Embora não tenha datado material Tefé, Hilbert associa-o ao que ele identifica como espectro cronológico da fase Guarita (entre 600 d. C. e 1300 d. C.) (HILBERT, 1958; 1962; 1968; COSTA, 2002; BELLETTI, 2015).

Hilbert, além de classificar essas fases, identificou uma relação entre elas no Médio Solimões. Essa primeira percepção de um contexto distinto de ocorrência de TBI e TPA na região é significativa para o presente estudo. Em artigo de 1962, o arqueólogo relata esse contexto encontrado no sítio Caiambé (HILBERT, 1962), localizado a 3 km do sítio São João. Nas páginas abaixo, o sítio, revisitado em 2014, e esse artigo serão

analisados tanto para compreender o contexto da relação entre produtores da TBI e da TPA quanto para apresentar o sítio escavado mais próximo do sítio São João e com o qual pode ter relações históricas.

Sítio Caiambé

O sítio Caiambé se localiza numa terra firme na margem direita do Solimões e a menos de 1 km a Sudeste da boca do lago Caiambé. Trata-se do terraço mais próximo ao São João, à jusante do rio. O sítio apresentou material da TPA e da TBI com presença de terra preta por aproximadamente 300m de extensão ao longo do Solimões. O pacote de TPI, segundo os moradores, pode chegar a cerca de 2 metros de profundidade. O sítio, no entanto, passa hoje por um processo acelerado de destruição tanto pela expansão urbana que toma as ruas do Caiambé - em sua maioria, já asfaltadas – quanto pela mineração de terra preta empreendida pelos ribeirinhos para benefício de roças mais distantes. Por último, o próprio processo de desbarrancamento impacta negativamente o sítio. Foi relatado à equipe que reencontrou o sítio que é comum acharem, ao longo do ano, muitos fragmentos e até vasos inteiros na área.





Figura 2.12: Acima: setor sul da atual comunidade do Caiambé; abaixo: cerâmica Caiambé encontrada na parte da comunidade provavelmente se localiza o antigo sítio Caiambé. Fotos: acima Rafael de Almeida Lopes, abaixo Eduardo Kazuo Tamanaha.

Embora não tenhamos confirmação da passagem de Hilbert por parte dos ribeirinhos, o próprio Hilbert descreve em seu livro de 1968 certas especificidades sobre o sítio Caiambé:

“[...] Menos de um quilômetro abaixo da boca do Caiambé e apenas cerca de 100 metros de distância da margem sul do Rio Solimões está a fazenda do senhor Rossini Lima. A área ao redor do complexo de casa é um pasto sem árvores, aqui depois de anos sem roçar a selva foi recuperada.

O sítio Caiambé foi descoberto por acaso, depois de eu ter procurado vestígios arqueológicos primeiro em vão nas áreas de pasto e mais tarde em vários locais nas margens do lago. Em uma viagem de canoa ao longo do barranco de oito metros de altura, perto do edifício agrícola antes de mim, entrou em colapso uma parte da encosta do rio.”³¹ (HILBERT, 1968, p. 136).

A descrição de Hilbert é compatível com o registro encontrado na comunidade Caiambé, incluindo o proprietário (ver capítulo 3), mas subtraindo a expansão urbana e a erosão do sítio já comentada e até já identificada por Hilbert. Com a sobreposição do nosso levantamento ao de Hilbert é possível cruzar seus dados aos da presente pesquisa e incluir suas análises à compreensão contextual do lago Caiambé e arredores.

³¹ Traduzido do alemão por Jaqueline Belletti (no prelo) a quem muito agradeço pelo esforço hercúleo e pelo compartilhamento.

Hilbert identificou uma espécie de baía semi-circular de 80 m de diâmetro no barranco, cuja camada arqueológica com densa presença cerâmica havia sido encoberta pela cheia e revelada pela terra caída. Hilbert procedeu a fazer coletas de superfície, limpar o perfil do barranco e a identificar suas camadas que variaram de profundidade máxima entre 120-150 cm. O autor fez, então, dois poços-teste de 1,50m² de largura próximos à encosta do barranco: o primeiro em sua ponta e o segundo num lugar 5m mais alto e a 75m de distância do barranco. O primeiro corte apresentou solo siltoso acinzentado nas camadas de cima, solo arenoso marrom escuro abaixo, tornando-se cinza claro nas camadas mais profundas, com material arqueológico até 120 cm concentrados especialmente entre 45 e 75 cm. O segundo poço-teste chegou a 60 cm com material arqueológico concentrados entre 15 e 45 cm, com presença de uma espessa camada terra preta até 45 cm, depois uma camada de transição e, por fim, o latossolo amarelado (HILBERT, 1968).

O material encontrado no sítio Caiambé recebeu duas classificações a partir das observações de Hilbert: Caiambé e Tefé. A partir da estratigrafia e análise serial da cerâmica do sítio, Hilbert inferiu a existência de mudança cultural no Médio Solimões, uma que já tinha percebido entre as fases Guarita e Itacoatiara na boca do rio Negro (HILBERT, 1962). Para definir o que chama de transição cultural, Hilbert fez uma seriação com 2173 fragmentos. O resultado das análises classificou os fragmentos das duas fases de forma muito parecida com a qual foram descritas acima. Destaca-se, além disso, a presença de apliques modelados em forma de botões com um furo no meio e de alguns apliques zoomorfos dentro da coleção de material Caiambé; e, também, a presença de motivos acanalados produzidos por diversas linhas repetidas para a fase Tefé. Dois objetos cerâmicos também foram encontrados: um fragmento de 7 cm de um cachimbo tubular cerâmico com caixi e um calibrador cerâmico com desgaste em cruz e com caraipé como antiplástico.



Figura 2.13 Cerâmicas encontradas por Hilbert no sítio Caiambé: à esquerda, cerâmicas da fase Caiambé (até j) e Tefé (de j a p); à direita, cerâmicas da fase Tefé. Fonte: Hilbert, 1962.

A mudança cultural não foi identificada apenas pelos tipos cerâmicos, mas também por sua co-ocorrência na estratigrafia. Segundo Hilbert:

“Together with these types of the Caiambe Phase, which exist practically throughout the whole sequence, we can find sherds belonging to the later Tefé Phase and which are increasing in frequency as we approach the top level. A clear-cut division does not exist between the two phases, neither in their temporal sequence nor in the sequence of change of their pottery types. Gradually new elements are adapted and gain in popularity, while typical traits of the earlier Caiambe Phase slowly die. Another proof for a slow transition between the two phases is the existence of a limited number of sherds of Lago Plain, tempered with both cauxi and the siliceous tree bark, cariape.” (HILBERT, 1962, p. 472).

Como pode ser visto acima, para Hilbert, a manutenção dos tipos cerâmicos somadas à inversão das frequências dos tipos de uma fase aos tipos da outra e a presença de algumas cerâmicas com cauxi e caraipé possibilitaria inferir sobre uma mudança cultural gradual intervalada por um período de transição e não uma ruptura estratigráfica

como encontrada na área de confluência. Como vimos, o trabalho de Tamanaha (2012) desvincula convincentemente o uso de antiplástico com um tipo ou outro de produção cerâmica, enfraquecendo o quadro montado por Hilbert. Além disso, os embasamentos decorativos e morfológicos colocados para a classificação da TPA remoldam a sequência de Hilbert, possivelmente transformando as bases multicomponenciais do sítio.

Como coloca Belletti (2015), tal contexto pode evidenciar outro processo, que não o de mudança cultural. A autora a partir de seu contexto, que será apresentado abaixo, reinterpreta os dados encontrados por Hilbert como indicativos de relações amistosas entre produtores de ambas as cerâmicas, estas compondo o registro a partir de trocas e emulações. Tais relações explicariam a manutenção de elementos da fase Caiambé por toda a estratigrafia. Avançando em sua colocação, adicionando à de Tamanaha, é possível criticar, por exemplo, a qualificação de fragmentos com pintura vermelha e preto sobre engobo branco na fase Caiambé apenas por conta da presença de cauixi, indicando, portanto, a possibilidade da presença de cerâmica Tefé por toda a estratigrafia. Contra essa reinterpretação está a predominância de tipos decorados associados a cerâmicas policromas no topo da estratigrafia, assim como acontece no sítio Boa Esperança (que será abordado abaixo); um problema que o presente trabalho debate a partir dos dados inéditos no São João (e que se localizará no Capítulo 5). Gomes (2016), por exemplo, se apoiará na seriação de Hilbert para confirmar a presença de policromia que ela associa, equivocadamente, apenas ao vermelho sobre branco e não ao vermelho e preto sobre branco como faz Hilbert (1962;1968).

Retorno às pesquisas no Médio Solimões

Após os trabalhos de Hilbert, a área sofreu um hiato de pesquisas quebrado apenas no início da década passada, em 2001, com a visita do antropólogo Glenn Sheppard à comunidade Boa Esperança na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDS Amanã). O antropólogo observou a presença de muitas urnas funerárias em péssimo estado de conservação e escreveu uma carta ao IPHAN-AM pedindo que houvessem trabalhos arqueológicos na área. No mesmo ano, uma equipe do IPHAN-AM acompanhada por Eduardo Neves, Cristiana Barreto e Fernando Costa foi chamada a pedido de pesquisadores do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), órgão responsável pela gestão da RDS Amanã. Eles identificaram e cadastraram 4 sítios

(Marajó do Amanã, Boa Esperança, Bom Jesus do Baré e Kalafate) no lago Amanã, afluente entre o baixo Japurá e o médio Solimões de cerca de 44 km de extensão (COSTA, 2012). Em 2006, esses pesquisadores junto a Bernardo Costa elaboraram o projeto de pesquisa que atrelou o desenvolvimento da arqueologia no Médio Solimões ao IDSMM. Trata-se do projeto chamado “Participação comunitária e manejo de recursos arqueológicos em uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável na Amazônia” (COSTA, 2012). O projeto teve como propósito o mapeamento do patrimônio arqueológico da reserva e elaboração de estratégias para o manejo deste pelas comunidades ribeirinhas que vivem na RDS Amanã. A presença do IDSMM como base dos trabalhos arqueológicos se desenvolve a partir desse projeto, formando um laboratório e uma reserva técnica em sua sede em Tefé e orientando a arqueologia para além dos vestígios, para as comunidades atuais que em grande parte ocupam a área dos antigos sítios arqueológicos e usufruem de uma paisagem construída na longa duração pelas comunidades indígenas do passado.

A arqueologia dos lagos

É nesse contexto que o trabalho de Bernardo Costa (2012) se insere. Costa realizou um extenso levantamento arqueológico da RDS Amanã e provou o grande potencial arqueológico da região ao inferir uma grande variabilidade cerâmica que remonta a uma cronologia antiga. O arqueólogo levantou 32 sítios, e escavou dois deles, o sítio Boa Esperança e o sítio Bom Jesus do Baré.

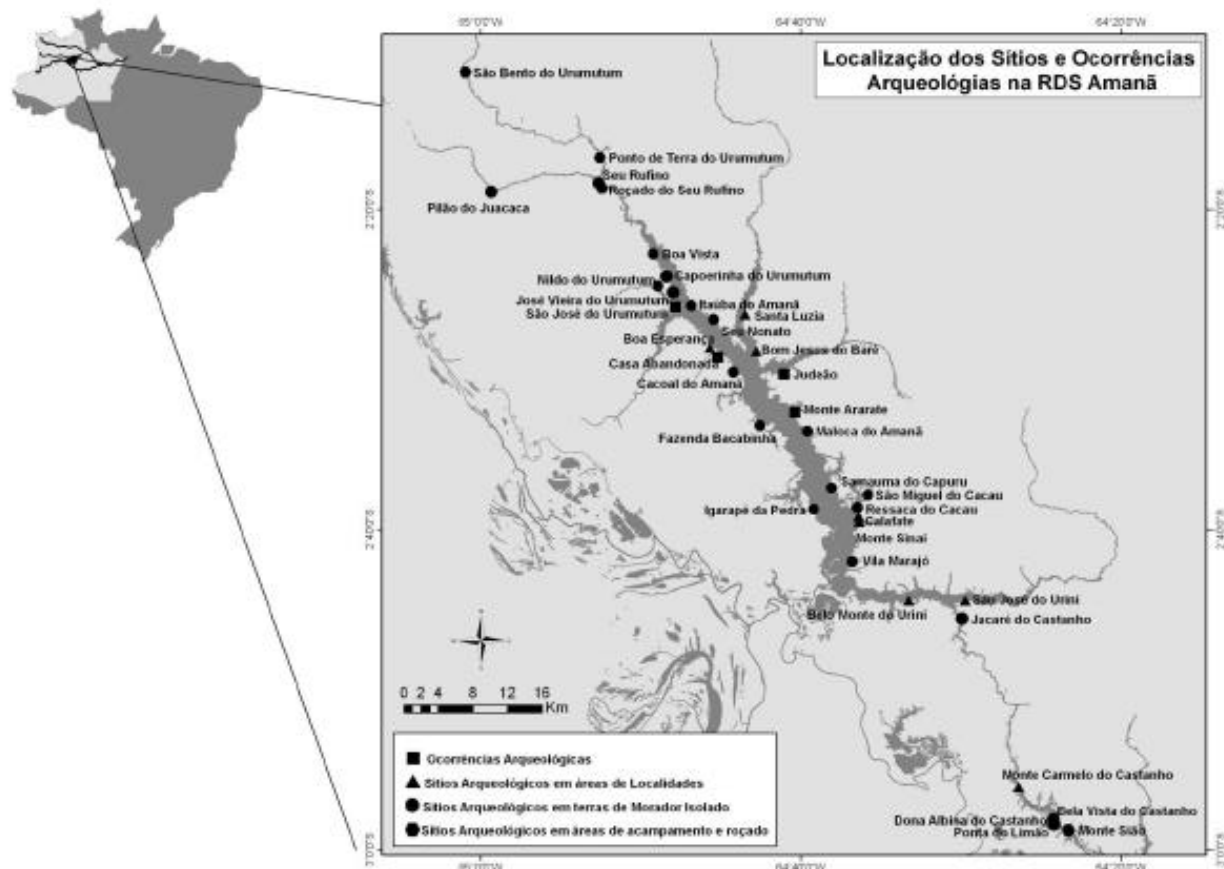


Figura 2.14: Mapa dos sítios arqueológicos levantados no lago Amanã. Fonte: COSTA, 2012.

O trabalho de Costa possui um caráter mais exploratório e comparativo, no entanto, não deixa de apresentar informações contextuais significativas. O autor, a partir da abertura de diversas unidades de escavação, descobriu um contexto de feições escavadas, muitas destas associadas a urnas funerárias, em especial da fase Caiambé. O sítio Boa Esperança foi identificado com 14 ha com extensa área de terra preta e o sítio Bom Jesus do Baré com 2 ha.

Costa também produziu uma primeira cronologia para o lago Amanã. O arqueólogo encontrou em feições profundas do sítio Boa Esperança material datado entre 1320 e 800 a.C. que ele cunhou como Fase Amanã. Tal vestígio, de idade recuada, é ainda o mais antigo do Médio Solimões, não estando associado a tradições conhecidas. As próximas datas surgiram de material associado à Tradição Pocó-Açutuba (entre 690 e 410 a.C.), também encontrado em feições escavadas. Essas ocupações apresentaram datas

relativamente antigas para o contexto conhecido – de 500 a.C. a 500 d.C. O sítio também apresentou datas para a TPA e para a TBI, mas num quadro, aparentemente, distinto ao encontrado por Neves na área da Amazônia Central, ou seja, com a data mais antiga para o material da fase Tefé (c.800 d.C.) do que para o material da fase Caiambé (c.920 d.C.). A fase Tefé teve ocorrência muito baixa no sítio, com caraipé e também cauxí como antiplástico, presença de fragmentos de vasos de flange mesial, acanalados e pintura vermelha e preta sobre engobo branco. Motivos geométricos foram os principais encontrados.. O arqueólogo conclui sua dissertação, advertindo a necessidade de entender melhor as relações entre as diferentes fases encontradas e seus contextos de ocupação.



Figura 2.15: Fragmentos do sítio Boa Esperança. A) Fase Amanã; B) Fase Pocó; C) Fase Caiambé; D) Fase Tefé. Fonte: COSTA, 2012

Jaqueline Gomes (2014; GOMES & NEVES, 2016) continua a pesquisa de Costa expandindo para outros sítios do lago Amanã. A arqueóloga, no entanto, realizou um recorte temático: as ocupações associadas à fase Caiambé. Os objetivos de Gomes foram desenvolver informações contextuais da presença da cerâmica Caiambé e avaliar quais seriam as relações entre produtores dessas cerâmicas com o que ela chama de complexos culturais anteriores (Pocó-Açutuba) e posteriores (TPA). Para isso a autora, junto com a equipe de arqueologia do IDSM, empreendeu escavações e análises de 4 sítios do lago Amanã: Cacoal do Amanã, São Miguel do Cacao, Kalafate e novamente, Bom Jesus do Baré. Os dois primeiros sítios foram identificados como sítios domésticos com ocupações contemporâneas. Ambos apresentaram pacotes de TPI com cerca de 50cm compostos por duas camadas, a superficial mais clara e a profunda mais escura. Nessa camada mais profunda, feições escavadas foram encontradas. Tal contexto, como será mostrado, é muito similar ao do sítio São João (ver capítulo 3). Nos dois sítios há também setores destinados à deposição de urnas funerárias tendo apresentado, em um caso, uma vasilha cerâmica com fragmentos remontáveis de outras vasilhas dentro. Os sítios Kalafate e Bom Jesus do Baré, por outro lado, seriam predominantemente sítios-cemitérios de menores dimensões formando campos de urnas funerárias evidenciadas pela erosão dos solos.



Figura 2.16: Perfil de unidade do sítio Cacoal do Amanã. Fonte: GOMES, 2015

A análise dos sítios revelou a ampla presença de cerâmicas Caiambé em todos os sítios. Gomes definiu 7 conjuntos morfológicos para essas cerâmicas, ressaltando a presença de assadores, estatuetas, urnas, e vasos de flange labial e mesial. A presença desse último, característico normalmente da TPA, é um diferencial local da cerâmica Caiambé. Gomes resalta uma gama de antiplásticos nessa cerâmica, sendo os principais o caraipé e o cauixi. Entre as decorações, Gomes ressaltou uma forte preferência pela produção de incisões e aplicação de engobo vermelho ou branco, esse último mais

presente em bicromia (vermelho sobre branco). Entre os motivos destacou-se a presença de linhas em diversas inclinações. Apliques modelados foram também encontrados, sendo aqueles em forma de botão mais comuns que os zoomorfos.

Cruzando análises e novas datações (ver tabela 2.2) Gomes propõe a existência de uma rede de aldeias na segunda metade do primeiro milênio formando uma regionalidade com pontos de contato com aquela já inferida por Heckenberger (2001) e Almeida (2013) (ver Capítulo 1 e acima). Essa seria estruturada por um *ethos* Arawak. Quanto às relações entre os chamados complexos culturais, Gomes coloca a TPA como de difícil definição por seus materiais serem esparsos e apresentarem sempre características muito diagnósticas. A autora, no entanto, encontrou atributos dessas cerâmicas combinadas com cerâmicas com aspectos diagnósticos da fase Caiambé. Furquim (2014) que trabalhou junto a Gomes foi a primeira a identificar nessas cerâmicas aspectos do que elas chamaram de hibridismo entre ambos os conjuntos. Por fim, Gomes segue Belletti (2015) ao interpretar tais aspectos, aliados à falta de indícios de conflitos bélicos, como indícios de “relações amistosas, como casamentos, comércio, imitação e emulação entre os produtores dessas cerâmicas” (GOMES & NEVES, 2016, p. 333).



Figura 2.17: Material Caiambé. A) Decorações em zigue-zague; B) Vasos de flange mesial. GOMES, 2016

A fase Tefé foi o tema das pesquisas de Jaqueline Belletti (2015). A autora, no entanto, escolheu trabalhar na área do lago Tefé, outro lago de águas pretas na margem direita do Solimões. Com o levantamento e o acúmulo de dados da área, há 41 sítios arqueológicos conhecidos para o rio e lago Tefé, dos quais ela escolheu escavar 4 sítios contíguos na boca do lago Tefé agrupados sob o nome “Conjunto Vilas”, além de analisar urnas funerárias do sítio Tauari, adentrando o lago. O sítio Conjunto Vilas de 38 ha (com

30 ha de TPI) teve 5 unidades abertas contando com a coleta de 16.392 fragmentos cerâmicos. Durante a escavação, Belletti percebeu que a estratigrafia do sítio se conformava pelo entrecorte de feições escavadas nas quais ambientes domésticos se sobrepunham.

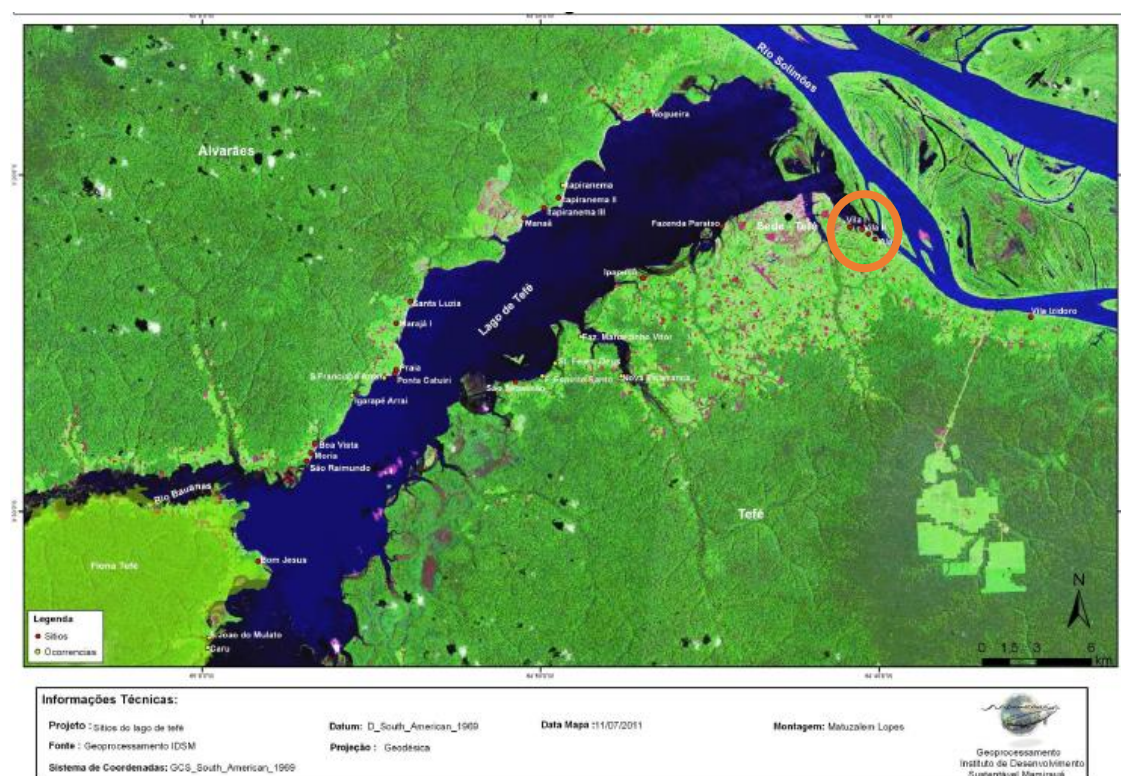


Figura 2.18: Sítios arqueológicos do lago Tefé. Circulado em laranja está o Conjunto Vilas. Fonte: BELLETTI, 2015.

Nas análises cerâmicas foi notado que, apesar da presença de cerâmicas policromas, o sítio era conformado, em grande maioria, por cerâmicas associadas à fase Caiambé. Como podemos ver no gráfico abaixo, fragmentos classificados como pertencentes à TPA aparecem, sempre em menor quantidade, em toda a estratigrafia.

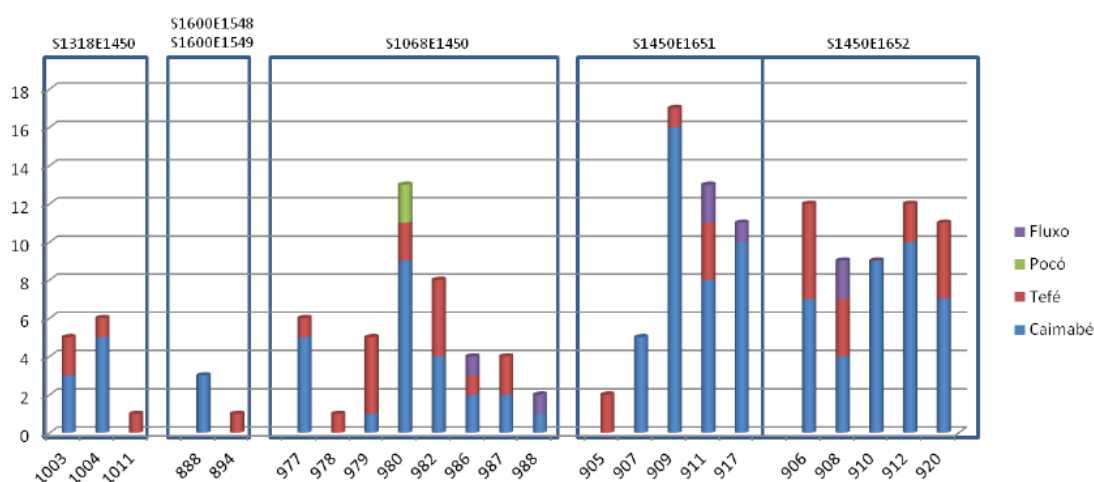


Gráfico 2.1: Distribuição de fragmentos diagnósticos ao longo da estratigrafia do sítio Conjunto Vilas. Fonte: BELLETTI, 2015

As características da cerâmica Caiambé do Conjuntos Vilas se assemelharam ao conjunto descrito acima nos trabalhos de Gomes (2015; GOMES & NEVES, 2016), destacando-se no Conjunto Vilas uma frequência maior de cauixi na pasta e de apliques modelados zoomorfos e aqueles em formato de botão. Quanto ao material polícromo a cerâmica apresentou 9 formas, sendo a maioria delas presentes também no material Caiambé. Não foram encontrados vasos de flange mesial. A maioria das pastas polícoras teve caraipé e cauixi como antiplásticos principais. As técnicas decorativas usadas na cerâmica foram, em sua maioria, aquelas consideradas diagnósticas da TPA, ou seja, alguma combinação entre acanalado, engobo branco e pintura vermelha ou preta. Além delas, foi registrada a presença de incisões e incisões com pontas múltiplas. As técnicas foram usadas para produzir motivos simples, em especial, linhas horizontais, mas também motivos complexos como ofidiomorfos (formato de serpente, ou “S” estilizado). A ausência do motivo de tiara foi compreendida como significativa (LOPES, 2015), configurando-se como uma escolha não realizada (ver Figura 2.19C).

Belletti também identificou o que ela chama de “cerâmica de fluxo”, na qual aspectos característicos de cada tradição se misturariam em novos produtos variando desde cerâmicas “simples” até decoradas urnas antropomórficas (ver Figura 2.19B). A autora se opõe a classificar tais cerâmicas como híbridas, pois acredita que o conceito de fluxo ajuda a perceber melhor as nuances das trocas estilísticas. Belletti definiu performances determinadas para essas peças. A combinação de técnicas e motivos da fase

Tefé em pastas e formas associadas à fase Caiambé traria a ideia que performances visuais policromas estavam sendo escolhidas para parte da produção cerâmica.

O contexto apresentado pela autora seria resultado de contatos de longa duração entre produtores de ambas as cerâmicas, através das distintas relações já mencionadas acima. As cerâmicas que apresentam fluxo tecnológico, para Belletti, seriam vestígios de traços culturais compartilhados. A análise de performance feita pela autora indicou que haveria interesses também em emular performances visuais. A estrutura e construção da peça seria Caiambé, mas sua finalização emularia elementos iconográficos Tefé, por exemplo.

A cronologia do lago Tefé revelou uma longa ocupação policroma. A autora datou fragmentos policromos do topo e fundo (ver Figura 2.19A) de uma unidade do sítio Conjunto Vilas que apresentou material Pocó, Caiambé e Tefé, sendo que ambos resultaram em datas similares de ao redor do século V d.C. As data similares em um intervalo de mais de um metro podem ser compreendidas através do processo de formação do sítio Conjunto Vilas, pelo entrecorte de feições escavadas. Essas data, as mais antigas encontradas para a TPA atualmente, fortaleceram o quadro cronológico recuado de presença policroma na região. Os fragmentos estariam associados a ocupações Caiambé, sendo assim é notável que também se configurem nas datas mais antigas para a fase Caiambé no Médio Solimões.

As datas, não obstante, são muito antigas, colocando a origem da TPA dois séculos antes do que se pensava anteriormente; e ainda no período final associado às ocupações Pocó-Açutuba, conhecidas por suas decorações policrômicas. O maior problema da data é que ela não se localiza numa ocupação de produtores da TPA e sim num sítio associado a ocupações Borda Incisa, o que significa que não há um conjunto de materiais para dar maior suporte a ela. Em defesa da data, estabelece-se a ausência, até o momento, de datas do primeiro milênio associadas a materiais Pocó-Açutuba na região do Médio Solimões, enquanto já havia datas recuadas para material policromo. Além disso, como Belletti (2015) coloca, os motivos inscritos na cerâmica são característicos da TPA tanto em sua técnica de produção, o acanalado, quanto na imagem produzida, uma linha horizontal com seu final na vertical, com geométricos excisos ao lado, e um diadema escalonado deitado. Mesmo assim, essas datas devem ser aceitas criticamente. O sítio Conjunto Vilas também apresentou datas para o século X e XII d.C. indicando uma longa presença de produtores

da fase Caiambé na região e, junto a essa, uma longa história de interações entre os produtores (ver tabela abaixo).

As urnas funerárias do sítio Tauari, mais adentro do lago apresentaram, por outro lado, um contexto ainda mais recente. As 6 urnas divididas em dois conjuntos cerca de 5m de distância um do outro (Conjunto 1 com duas urnas e Conjunto 2 com 4 urnas) foram descobertas a 50 cm de profundidade durante a reforma de uma escola. Segundo fotografias realizadas pelos moradores, as urnas estariam orientadas diferencialmente: no Conjunto 2, por exemplo, haveriam duas “olhando” para o chão, com o rosto para baixo, e duas “olhando” para cima (ver Figura 2.19D). As 6 urnas continham apêndices zoomorfos ou antropomorfos em suas tampas, bancos cerâmicos em suas bases e ampla pintura polícroma em seus corpos, formando figuras humanas e animais, como as serpentes bicéfalas. Os rostos antropomorfos das urnas revelaram imagens de pinturas faciais e ornamentos, como alargadores e tembetás. Uma urna de cada conjunto foi datada. O Conjunto 1 apresentou uma data do século XV e o Conjunto 2 teve uma data ao redor de 1550 d.C., revelando a produção de uma complexa manufatura cerâmica na época que europeus já navegavam esporadicamente pelo Solimões.

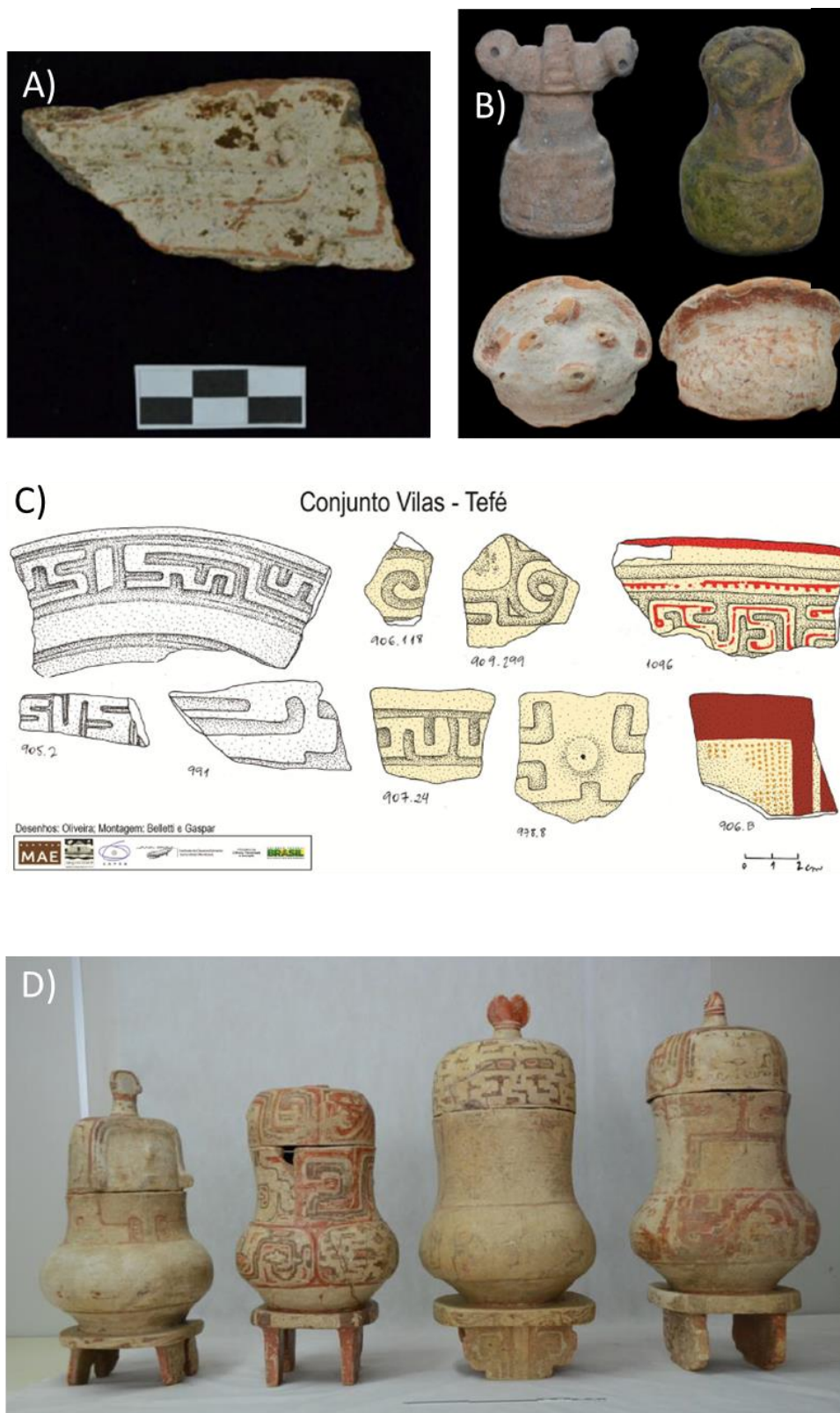


Figura 2.19: Material do lago Tefé. A) Fragmento 991 polícromo antigo do fundo da unidade, mesmo do desenho na figura C; B) Material com fluxo estilístico, acima estatueta Caiambé e outra com motivo TPA e abaixo tampa de urna com apliques formando rosto antropomorfo TBI; C) material Tefé e D) Posição das urnas funerárias (Conjunto 2) do sítio Tauari em relação ao solo (BELLETTI, 2015).

Ao contrário de Gomes, que identificará elementos da fase Tefé influenciando a fase Caiambé, Belletti identificará cerâmicas Tefé em contextos Caiambé. De fato, apesar de discordarem quanto ao caráter diagnóstico da policromia, ambas as autoras admitem influências caracterizadas por relações amistosas. Sugiro, de antemão, que as datas similares para as primeiras cerâmicas de ambas as fases indicam que provavelmente elas tenham se estabelecido ou desenvolvido na região com certa contemporaneidade, o que pode significar que tenham se desenvolvido em contato, hipótese fortalecida por elementos como a presença de flanges mesiais Caiambé. Dessa forma, é provável que ambas as autoras estejam, em parte, corretas. Em outra linha, é possível que exista um outro conjunto cerâmico policrômico que seja diferente de ambas as fases, caracterizando outras relações, baseadas especialmente na bicromia encontrada por Gomes e que também está presente no sítio São João. Outro ponto, não resolvido pela presença de interações entre produtores de ambas as cerâmicas é o fim da fase Caiambé. Se as relações foram predominantemente não-belicosas, o que acarretaria o fim dessa produção cerâmica cujas datas não passam, atualmente, de ao redor do século XII? Nas áreas com ruptura estratigráfica tal problema já foi resolvido pela marca dos conflitos bélicos trazidos por produtores da TPA (a outra ponta do processo de integração, como citamos de Lévi-Strauss na epígrafe do capítulo), mas no Médio Solimões tal ponto não foi atacado, tarefa que cabe ao presente trabalho discutir para produzir uma história regional dessas ocupações.

Uma última parada no médio-baixo Solimões

Antes de amarrarmos o capítulo vale a pena trocar o foco para um contexto à leste que já foi esboçado na primeira parte do capítulo: o médio-baixo Solimões, mais especificamente, o lago de Coari e seus arredores. A “fronteira” à leste do recorte realizado do Médio Solimões já recebeu pesquisas pontuais de Wanda Hanke (1959), Hilbert (1968), Solange Caldarelli (1998) e Helena Lima (2008), mas as pesquisas mais aprofundadas na área estão na dissertação de Eduardo Tamanaha (2012; 2016; TAMANAHA & NEVES, 2014), no contexto do PAC, do projeto PIATAM e da expansão do Gasoduto Coari-Manaus. No Médio Solimões, o autor estudou cinco sítios: Santa Fé, Nova Esperança, Santa Cruz, São Paulo II e Lauro Sodré, estes dois últimos também tiveram suas vasilhas com flanges mesiais estudadas por Erêndira Oliveira (2016) (ver mapa abaixo).



Figura 2.20: Mapa dos sítios estudados por Tamanaha. À oeste, os sítios do Médio Solimões. Fonte: TAMANAHA, 2012.

Os sítios Santa Fé e Nova Esperança, localizam-se na margem esquerda do rio Urucu, parte da conformação do lago de Coari. O primeiro, segundo Tamanaha é um sítio de 5ha de área, unicomponencial polícromo em várzea alta encaixada entre igarapé, com 40cm de pacote médio de TPI pouco escura e que apresentou datas antigas: entre 770 d.C. e 850 d.C. Essa data foi produzida a partir de carvões do nível 60-70cm do momento mais antigo (e abaixo da TPI) em uma unidade que apresentou aparentemente dois momentos de ocupação. O segundo sítio de 4ha de área se encontra numa terra firme a 50m do rio Urucu e possui duas ocupações bem marcadas, a mais profunda, referente a Tradição Pocó-Açutuba, e a mais superficial, e mais amplamente dispersa, associada à TPA. Do sítio Nova Esperança há duas datas para a TPA: uma do século XI d.C. e outra do século XVII d.C. (CALDARELLI, 1998; LIMA, 2008). Para o material associado à Tradição Pocó há apenas uma data: entre 780 d.C. e 800 d.C. Essa data Pocó-Açutuba indica provável co-ocorrência de ocupações Tradição Pocó-Açutuba (Nova Esperança) e TPA (Santa Fé) no rio Urucu a poucos quilômetros uma da outra. No entanto, como veremos, a análise cerâmica não sugeriu o mesmo para a cerâmica. Além disso, segundo Lima (2008) a ocupação, por seu tamanho, seria mais ligada à uma existência tardia de ocupações Açutuba do que com os complexos Borda Incisa mais tardios. Hilbert (1968) escavou sítios na boca do lago de Coari, onde também encontrou duas ocupações distintas, a qual ele chamou de Coari I associada a TPA e Coari II atrelada a TBI. O autor, no entanto, concluiu que, embora o material tivesse co-ocorrência nos sítios, elas tinham

pouca intersecção: Coari II estaria mais virado ao lago e Coari I estaria a nordeste, no sentido do curso principal do Solimões. Sobre o sítio Coari II, outra informação importante: embora tenha predominância de material TBI ele também apresentou datas antigas (ver tabela 2.2) para material policromo (715-811d.C.), assim como outros sítios nos lagos do Médio Solimões com predominância de material TBI.

Os três sítios a nordeste do Lago Coari foram identificados como unicomponenciais policromos. O sítio Santa Cruz, de 2ha, encontra-se num igarapé de águas escuras a 5km da margem esquerda do rio Solimões. Ele apresentou um pacote de TPI de até 60cm de profundidade e diversas estruturas, algumas associadas a buracos de estaca. O sítio São Paulo II, por sua vez, encontra-se já na margem do Solimões, tem 5ha de área com um pacote médio de 40cm de TPI, mas com diversas variações quanto à profundidade do pacote. O sítio está encaixado entre a margem do rio e três igarapés que o cortam e apresentou possíveis buracos de esteio e ampla presença cerâmica policroma com grandes concentrações em feições escavadas, onde o material apresentou melhor conservação. Por último, o sítio Lauro Sodré, também na margem esquerda do Solimões, situa-se em várzea alta dificilmente alagável e possui cerca de 3,8 hectares. O sítio está suscetível ao processo de terras caídas, o que por um lado prejudica sua consistência, como será discutido no próximo capítulo, mas, por outro, permitiu que material cerâmico bem conservado fosse coletado. Pela deposição aluvial ao qual o sítio é alternadamente afetado, a camada de TPI do sítio encontra-se enterrada entre 60 e 120cm de profundidade.

A análise cerâmica de Tamanaha (2012), além da já comentada desfiliação da TPA a apenas um uso de antiplástico, também levantou 14 formas para o material policromo, sendo quatro delas presentes apenas no sítio Lauro Sodré (ver figura abaixo: conjuntos 6, 7B, 11 e 13). Os pacotes cerâmicos policromos concentraram-se entre os 20 e 40 cm e são mais densos nos sítios nas margens do Solimões do que nos sítios dos lagos. Como já colocado, Tamanaha interpreta esses dados discutindo três momentos de ocupação policroma, calcado na continuidade morfológica e decorativa e na fluidez da produção das pastas cerâmicas. O autor, portanto, não encontrou em seus trabalhos um contexto claro de co-ocorrência como encontrado em outras áreas do Médio Solimões. Uma hipótese de dissociação histórica com outras áreas pode ser pensada para o lago Coari, como será abaixo esboçada.

Tamanaha associou todo o material que estudou à fase Guarita, da área de confluência do rio Negro e Solimões, e não à fase Tefé ou Coari do Médio Solimões, já levantadas por Hilbert, pois escolheu valorizar a continuidade de certos atributos da TPA, como técnicas de decoração e presença de bordas reforçadas. No entanto, essa ligação pode ser criticada em dois pontos. Pode-se enunciar uma diferença nas morfologias, sendo que nos sítios da confluência entre os rios Negro e Solimões que Tamanaha analisou apenas quatro das 14 formas identificadas no Médio Solimões estão presentes. Para Tamanaha, essa ausência pode estar associada a questões amostrais. Esse jogo de presença-ausência já foi estudado por Belletti (2013) que interpretou esse panorama como dois tipos de sítios distintos: sítios de roçado e sítios de aldeia, os primeiros possuindo formas mais simples e portáteis e os segundo com maior variabilidade formal. Oliveira (2016a; 2016b) – no segundo ponto de crítica – complexifica a questão ao trabalhar as iconografias polícromas. Para a autora, como já foi colocado, os motivos produzidos nas cerâmicas polícromas do Médio Solimões revelariam uma iconografia mais sofisticada do que aquela rio abaixo, na área de confluência, padronizada por motivos políticos regionais. Como coloquei em trabalho anterior (LOPES, 2015), as técnicas produtoras da TPA mostram grande recorrência, mas elas podem mascarar grandes diferenças na produção cerâmica. Portanto, os elementos de continuidade identificados por Tamanaha podem não ser o suficiente para manter a região de Coari coerentemente atrelada aos conjuntos da área de confluência. Tal questão não corresponde apenas a um assunto tipológico, mas também, possivelmente, a uma pauta histórica. Se o presente trabalho intenta apresentar caminhos históricos distintos para as duas regiões, torna-se importante determinar onde e quando eles se separam e mais, onde e quando, posto que não se tratam de histórias nem herméticas nem estáticas, eles dividem intersecções. Voltaremos ao tema no capítulo 5.

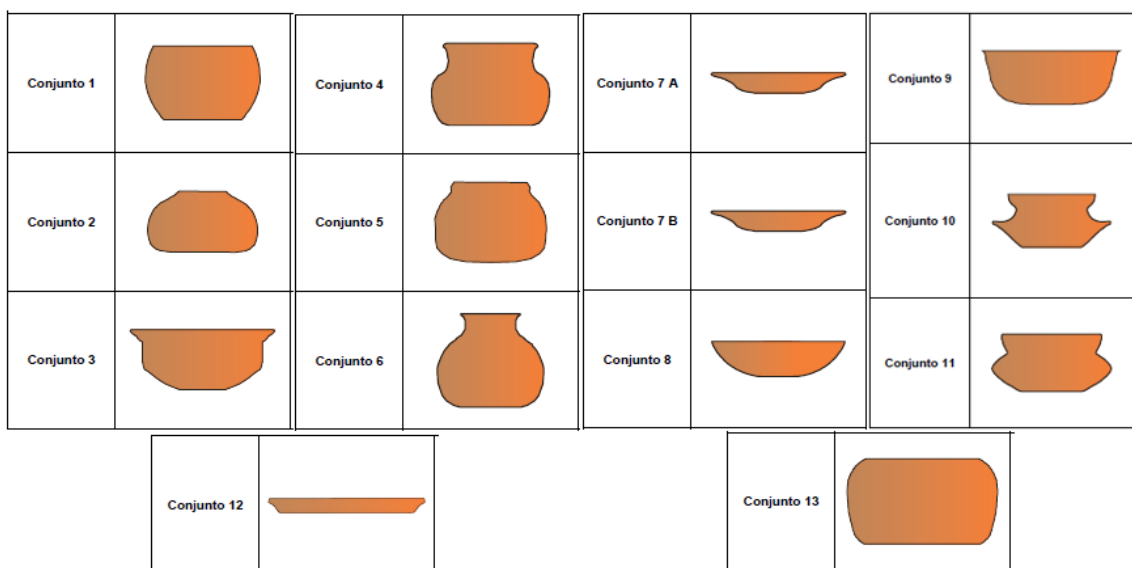


Figura 2.21: Morfologias levantadas no Médio Solimões por Tamanaha (2012).

Considerações finais

Finalizando a revisão dos trabalhos em tema e região é necessário colocar que embora as pesquisas na área possuam já um acúmulo significativo, ainda existem muitas lacunas no Médio Solimões como os lagos Catuá e Ipixuna e toda a área acima do Japurá (inclusive a gigantesca lacuna comparativa representada pelo Alto Solimões), entre outras. Mesmo assim, a área provê subsídios para trabalhos regionais como o aqui proposto graças a seus diversos sítios levantados e escavados e sua cronologia ampla e complexa que revelam um padrão aparentemente de escala regional.

Nº Lab.	Data	Sítio/Área	Amostra	Proveniência	Profundidade	Fase Associada	Referência
Beta-321193	1560 ± 50 a.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	S1600W1247 - Feição 2	100-110 cm	Amanã	COSTA, 2012
Beta-321194	880 ± 50 a.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	S1600W1247 - Feição 3	120-130 cm	Pocó/ Pocó-Açutuba	COSTA, 2012
Beta-321192	820 ± 30 a.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	S1526W1248	70-80 cm	Pocó/ Pocó-Açutuba	COSTA, 2012
Beta-294194	540 ± 60 a.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Carvão	S1600W1247 - Feição 2	170 cm	Pocó/ Pocó-Açutuba	COSTA, 2012
Beta-294195	460 ± 60 a.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Carvão	S1600W1247 - Feição 2	100 cm	Pocó/ Pocó-Açutuba	COSTA, 2012
Beta-406074	440 ± 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	S1068E1450	80-90 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-406075	450 ± 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	S1068E1450	20-30 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
GrN-4331	640 ± 60 d.C.	Caiambé / Rio Solimões	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Caiambé/TBI	HILBERT, 1968
GrN-4332	730 ± 50 d.C.	Caiambé / Rio Solimões	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Caiambé/TBI	HILBERT, 1968
—	765±50 d.C.	Coari I / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Coari I/TPA	HANKE, 1959
Beta-321195	780 ± 60 d.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	S1575W1175	30-40 cm	Tefé/ TPA	COSTA, 2012
Beta-294196	810 ± 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base da F3	97 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-386834	810 ± 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Interior de Urna	Base	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-383585	830 ± 60 d.C.	S. Miguel do Cacau / Lago Amanã	Carvão	Perfil estratigráfico. Camada II	35 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-242448	840±40 d.C.	Nova Esperança / Lago de Coari	—	N1000E801	80-90cm	Açutuba/Pocó-Açutuba	LIMA, 2008
Beta- 242454	880±100 d.C.	Santa Fé / Rio Urucú	Carvão	-	-	Guarita/TPA	TAMANAH, 2012
IPEN	895±92 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	978±141 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
Beta-406076	900 ± 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Carvão	S450E1651	92 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-449137	900 ± 60 d.C.	São João / Rio Solimões	Caraipé (cerâmica)	N950E1000	50-60 cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
Beta-321196	1010 ± 20 d.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	Unidade 2	30-40 cm	Caiambé/TBI	COSTA, 2012
IPEN	1017±106 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	1027±78 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	1037±103 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	1041±132 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
Beta-242447	1070±20 d.C.	Nova Esperança / Lago de Coari	Carvão	N1000E801	30-40 cm	Guarita/TPA	LIMA, 2008
Beta-386835	1070 ± 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Carvão	S450E1651	50-60 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-386836	1100 ± 50 d.C.	S. Miguel do Cacau / Lago Amanã	Carvão	Interior de Urna	Base	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-383582	1100 ± 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base de F6	77 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
IPEN	1142±100 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
—	1150±55 d.C.	Coari II / Rio Solimões	Cerâmica	—	—	Coari I/TPA	HANKE, 1959
Beta-468051	1350 ± 50 d.C.	São João / Rio Solimões	Caraipé (cerâmica)	N950E1000	10-20 cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
Beta-484782	1420 ± 30 d.C.	São João / Rio Solimões	Carvão	N1048E1008	60-70cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
Beta-386878	1410 ± 20 d.C.	Tauary / Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	Fragmento de urna antropomorfa	50 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-386837	1550 ± 60 d.C.	Tauary / Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	Fragmento de urna antropomorfa	50 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-124236	1670 d.C.	Nova Esperança / Lago de Coari	—	E80	20-30cm	Guarita/TPA	CALDARELLI, 1998

Tabela 2.2: Datações radiocarbônicas do Médio Solimões. Datas calibradas pelo programa OxCal4.3 (curva ShCal 13).
Fonte: adaptado de GOMES, 2016 e TAMANAH, 2012.

Na área que circunscrevemos como Médio Solimões, a TPA, representada na fase Tefé, apresentou em termos de características cerâmicas o uso de diversos tipos de antiplásticos em sua pasta, sendo os principais o caraipé e o cauixi. Entre suas morfologias destacou-se a presença de vasos de flange mesial, esses ausentes no sítio Conjunto Vilas, e com forte presença no lago Amanã. Por fim, as características decorativas que apresentamos na primeira parte do capítulo também se mantiveram, mas no Médio Solimões elas, em parte, são compartilhadas com os produtores da cerâmica Caiambé.

Embora menos estabelecida que a fase Guarita na região de confluência, é possível dizer que a fase Tefé é uma categoria significativa, tendo que ser melhor definida (trabalho que motivou a escavação de um sítio com predominância componencial policroma na área, o sítio São João). As interpretações feitas para as ocupações reforçaram o caráter de suas relações amistosas com produtores das cerâmicas Caiambé, passando por trocas (que o contexto etno-histórico ajuda a definir), emulação (colocada na análise de performance de Belletti), e casamentos e rituais conjuntos (aspecto menos explorado até o momento, mas que está presente no contexto arqueológico do sítio São João). A presença de mosaicos de interação é um fator praticamente confirmado mesmo que, por enquanto, apenas em trabalhos sobre sítios domésticos e funerários de produtores da cerâmica Caiambé. Ainda sabe-se muito pouco sobre o início dessas ocupações na área. Suas relações com certo desaparecimento da fase Caiambé apenas séculos depois – o que, por si complexificaria os modelos centrífugos de desenvolvimento das comunidades na Amazônia Central estabelecido por Neves (2014) – também precisam ser alvo de questionamentos mais aprofundados. As relações entre ocupações do centro e Oeste do Médio Solimões com a área do lago de Coari, estudadas por Tamanaha, também precisam ser melhor investigadas para se produzir uma história regional dos produtores de TPA. A área possui também datas recuadas para a cerâmica policroma (c. sec. VIII d.C.), mas foi associada aos contextos Guarita.

Os relatos escritos sugerem que mosaicos de interação do Médio Solimões, encrustrados numa relação entre comunidades do curso principal do Solimões e as do interior – provavelmente das áreas dos lagos – existiram no período do contato, sendo agentes nessas redes os produtores de cerâmica policroma. As urnas Tauary nos dão um vislumbre sobre questões funerárias, cosmológicas e até organizacionais dessas comunidades, com a presença de bancos, um indício clássico de hierarquia e viagens xamânicas na Amazônia, e distintos animais acima do rosto de cada uma das urnas, o que

pode se atrelar a aspectos xamânicos dos indivíduos enterrados (OLIVEIRA, comunicação pessoal). A presença dessas cerâmicas no período das primeiras expedições europeias pode indicar que talvez os relatos guardem mais fidelidade à realidade do que se imaginava. Essas questões de cunho ontológico, no entanto, não serão resolvidas no presente trabalho, necessitando de um acúmulo mais robusto de dados e interpretações que aqui se pretende avançar.

Passos maiores que as pernas à parte, me proponho agora a responder a questão de quais seriam as dimensões dos problemas da presente pesquisa. Acredito que os estudos da TPA na área do Médio Solimões têm o potencial de auxiliar a informar sobre a origem e os sentidos da dispersão dessas cerâmicas e explorar seus significados para as comunidades que a produziram. Ao apresentar um contexto antigo e distinto, sem ruptura estratigráfica e com diversos indícios que sinalizam mosaicos de interação entre grupos, os estudos podem elucidar alguns dos diversos processos históricos de dispersão dessas cerâmicas. Investigando-o a fundo e com um intuito comparativo pode-se informar quais seriam as semelhanças e diferenças entre trajetórias históricas dos produtores da TPA. As revisões possibilitaram a expansão do conhecimento contextual do presente trabalho dando base também para as interpretações dos dados inéditos da escavação e da análise do sítio São João. Os dados que pertencem à etapa de escavação podem ser conferidos a partir da próxima página.

Capítulo 3

Relato de uma certa escavação: métodos e materiais das práticas arqueológicas no sítio São João

“Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomada e chocha.”
(Memórias póstumas de Brás Cubas, MACHADO DE ASSIS, 2015 [1881], p.72)

Nas próximas páginas será apresentado o conjunto de dados envolvendo as pesquisas na área do lago Caiambé, incluindo aqueles inéditos pertencentes ao sítio São João. Trata-se da contribuição do presente trabalho aos estudos da área e o centro de onde se expandirão nossas comparações e interpretações.

Antes da exposição de cada dado, apresentaremos os métodos empregados para produzi-los. O conjunto de métodos aqui utilizados tem como base os usados nas pesquisas do PAC e do ARQUEOTROP (LIMA, 2008; NEVES 2000; 2008). Alguns dos pressupostos teóricos dos métodos escolhidos para a produção de dados já foram discutidos no capítulo 1, o que significa que ele será referido quando necessário. É importante ressaltar que os conjuntos de métodos funcionam como guias estando sempre sujeitos a mudanças causadas pela especificidade dos contextos. Entre método e prática há também, como é bem sabido, um bom espaço para improvisação (de colocá-lo sem gravata nem suspensórios).

O Lago Caiambé (e seus arredores)

O lago Caiambé (no centro da Figura abaixo) é um afluente a Leste do rio Tefé, posicionando-se na margem direita do Solimões, entre a foz deste e a do lago Catuá.

Trata-se de um lago de águas pretas de tamanho médio que, após 25 km a jusante, torna-se o igarapé Caiambé.



Figura 3.1: Mapa do Lago Caiambé e do sítio São João dentro do Médio Solimões. Fonte: Google Earth.

O lago é composto por 10 comunidades, além de famílias que moram separadamente. A comunidade Caiambé com milhares de habitantes posiciona-se na boca do lago, sua entrada principal, cujo tamanho varia conforme o nível do lago. Além dessa, há entradas no lago por igarapés, cujo acesso também varia conforme a estação. Dessas comunidades, 2 são indígenas, sendo uma Tikuna e uma dos Apurinã, ambas em processo de demarcação e compostas por grupos de diversas etnias. As comunidades foram desenvolvendo-se da maneira que existem atualmente a partir da colonização da área, nos anos 40 do século XX, no último ciclo da borracha. No lago esse processo está profundamente relacionado ao patrão Henrique Lima e sua família e ao extrativismo de castanha, cuja espécie é onipresente ao redor do lago. A própria presença dos castanhais provavelmente tem relação com a atividade humana no passado pré-colonial, moldando a paisagem reocupada (SHEPARD & RAMIREZ, 2011; NEVES, 2012). As comunidades surgiram como “colocações” para essa atividade, após sequestro, expulsão e massacre dos indígenas que habitavam o lago Caiambé. Segundo alguns relatos orais, a saída principal para o Solimões era constantemente vigiada para impedir eventuais fugas. Após décadas marcadas pelas torturas e abusos do chamado “tempo dos patrões brabos” (ALENCAR,

2009, TAMANAHA et al., 2015) o domínio da família Lima se abrandou até ações litigiosas nos anos 90 tirarem definitivamente a propriedade das terras da família, entregando-a para as comunidades. Hoje as comunidades do lago Caiambé, em processo de secessão do município de Tefé, vivem ainda da extração de castanha e de seu óleo, mas em maior medida da produção de farinha e da pesca que ajudam a abastecer os mercados de Tefé.

Levantamento

Levantamento Consultante

O levantamento do sítio São João foi realizado durante uma etapa de prospecção no lago Caiambé em 2014. Os resultados dessa etapa podem ser conferidos integralmente num artigo de 2015 (TAMANAHA et al., 2015). A etapa consistiu de uma viagem de 8 dias que contornou as comunidades do lago Jutica (alguns quilômetros a jusante do Solimões) e do lago Caiambé totalizando 14 sítios (ver figura 3.2 e tabela 3.1).



Figura 3.2: Localização dos sítios arqueológicos nos Lagos Jutica e Caiambé. Fonte: TAMANAHA et al., 2015.

Os métodos usados para o levantamento de sítios fazem parte do arcabouço dos estudos do PAC, mais recentemente classificado como “levantamento consultante” (ROCHA et al., 2014). Como o nome sugere, trata-se de uma prospecção oportunista,

realizada por meio de entrevistas com os moradores de comunidades ribeirinhas sobre a presença de vestígios arqueológicos conhecidos pela região. Em seguida, os arqueólogos, muitas vezes com a ajuda de membros da comunidade, realizam caminhamentos ao redor das áreas levantadas, buscando vestígios arqueológicos superficiais, como fragmentos cerâmicos, que possam indicar a presença de sítios arqueológicos. Outros marcadores de atividades antrópicas, como a Terra Preta de Índio, também são procurados.

Na etapa de levantamento do lago Caiambé a equipe em campo realizou uma modificação no levantamento consultante. A alternativa se fundou na integração desse método ao modelo de fazer arqueológico propagado dentro do Instituto Mamirauá, já mencionados no Capítulo 2, i. e., um que integra a ocupação da paisagem no passado pelos povos indígenas com a ocupação atual desta por populações ribeirinhas. Na prática o método manteve a estrutura da entrevista em busca de vestígios arqueológicos, mas adicionou um componente de história oral em seu início. Dessa forma, as conversas com membros da comunidade, em especial os mais velhos, e suas lideranças partiam de relatos do início da ocupação ribeirinha, da fundação da comunidade e seguiam os principais acontecimentos do passado recente do Caiambé. Ao focar também na história recente da área, a atuação da equipe pôde ampliar os dados contextuais conhecidos sobre a formação da paisagem e das comunidades da área. Não apenas isso, mas as conversas sobre a história local facilitaram a identificação de sítios e a relação com as comunidades em dois aspectos. Em primeiro lugar permitiu um diálogo mais aberto com as pessoas da comunidade, no qual objetos de pesquisa mais concretos para os moradores (como a memória local) se intercalaram com outros cujo valor de estudo era mais abstrato (como as cerâmicas batizadas muitas vezes de panela de índio ou caco de pote). Assim, a equipe deixou de parecer estrangeiros em busca de ouro dissimulando seus objetivos, como arqueólogos muitas vezes são percebidos (ROCHA et al., 2014), para pesquisadores da região com preferências peculiares. O segundo benefício, consequente do primeiro, foi que ao iniciar as conversas com a história local, a equipe pôde dialogar sobre a relação entre essa história e a anterior, muito mais antiga, das ocupações indígenas; que pode ser contada a partir da paisagem (que ambas comunidades compartilham) e de seus vestígios materiais, como as “panelas de índio”. Assim, nos apresentamos como historiadores que trabalham com diferentes tipos de fonte como relatos orais, documentos escritos; e também fragmentos cerâmicos, TPI, plantas, entre outros. O resultado foram trocas de

conhecimento sobre o que é história e como é possível compreendê-la e conta-la que espero poder apresentar em outra ocasião.



Figura 3.3: Levantamento do sítio Santo Eduardo. Fonte: TAMANAHA et al., 2015.

Levantamento dos lagos Caiambé e Jutica.

Pelos resultados da etapa de 2014 é possível traçar alguns comentários sobre o contexto dos lagos Caiambé e Jutica. O lago Caiambé foi amplamente ocupado no passado no que se propõe serem ocupações sedentárias, devido a extensa presença de TPI (NEVES, et al. 2004) em 7 dos 14 sítios identificados. O lago Jutica, por sua vez, apresentou mais material histórico, sendo alguns frutos de produção relativamente recente (100 anos ou menos), uma garrafa holandesa pertencente ao período pós-contato e apenas uns poucos fragmentos de cerâmica da TPA. Entre os sítios levantados no lago Caiambé foram encontrados vestígios o suficiente para classificar a presença das duas grandes tradições conhecidas para a área: a TBI (fase Caiambé) e TPA (fase Tefé). As cerâmicas da primeira foram identificadas em dois sítios multicomponenciais: Caiambé (figura 3.4) e Feliciano, sítios identificados nas comunidades homônimas, o primeiro próximo do curso principal do Solimões e o segundo já no centro do lago. As cerâmicas da TPA, além de estarem nesses dois sítios, apareceram em mais 8 sítios unicomponenciais adentrando no lago e se afastando do Solimões. Essa distinção pode ser amostral, considerando a

ausência de intervenções subsuperficiais e a ocorrência comum com a qual as cerâmicas da TPA se encontram superficialmente (NEVES, 2012). Por outro lado, ela pode significar uma ocupação mais extensa pelas comunidades produtoras da cerâmica polícroma, subindo até a ponta sudoeste do lago. Embora significativo para uma classificação, os sítios mais distantes do Solimões não apresentaram grandes quantidades de material, estando estes, especialmente nas primeiras comunidades, possivelmente indicando uma preferência por áreas próximas ao curso principal desse rio. Novamente, porém, uma questão amostral pode explicar o registro, pois as primeiras comunidades são maiores, portanto possuem mais casas com mais fundações, o que pode fazer emergir mais material cerâmico. Destacou-se o sítio Cairara, longe da margem do Solimões, que embora não tivesse grande quantidade de material, apresentou fragmentos de vasos cuja produção é mais refinada, como vasos com flange mesial. Outro destaque foi o sítio Caiambé, já comentado no capítulo passado.



Figura 3.4: Material cerâmico levantado no sítio Caiambé. Fonte: TAMANAHA et. al., 2015.

Nome	Latitude	Longitude	Terra Preta	Vestígios Arqueológicos
Marajó	-3,603065	-64,318851	Não	Cerâmico Histórico
Amazonas	-3,598646	-64,316437	Sim	Cerâmico Pré-Colonial e Histórico
Santo Eduardo	-3,614833	-64,274000	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Sacaí	-3,634256	-64,534608	Não	Cerâmico Pré-Colonial
Caiambé	-3,531655	-64,408001	Sim	Cerâmico Pré-Colonial e Histórico
Feliciano	-3,592028	-64,476639	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Igarapé-Açu	-3,624285	-64,494143	Possível	Cerâmico Pré-Colonial
Acapú	-3,607583	-64,498556	Não	Cerâmico Pré-Colonial
Cairara	-3,640667	-64,540750	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Miriti	-3,650278	-64,554639	Sim	Cerâmico Pré-Colonial
Severino	-3,717000	-64,645556	Não	Cerâmico
Barreirinha	-3,648126	-64,526943	Não	Cerâmico Pré-Colonial
São João	-3,516389	-64,428500	Sim	Cerâmico Pré-Colonial

Tabela 3.1: Localização dos sítios levantados (WGS 1984). Retirado de TAMANAHA et al. 2015.

Sítio São João

No final dessa etapa, o sítio São João foi identificado poucos quilômetros fora do lago Caiambé, já no curso principal do Solimões e a 3 km da comunidade atual do Caiambé. O que chamou atenção da equipe sobre esse sítio em terra firme foi justamente a quantidade massiva de material cerâmico, avistado de longe no perfil de seu barranco. Ao nos aproximarmos de um dos largos barrancos intervalados por igarapés (são 3 totalizando cerca de 900m de comprimento – eixo Noroeste-Sudeste) deparamos com muito material diagnóstico da TPA com um grau alto de preservação e notável presença de Terra Preta de Índio em grande extensão, com aproximadamente 50 cm de profundidade. A erosão do sítio, que será melhor detalhada abaixo, também foi imediatamente reconhecida. Na primeira etapa não conseguimos subir no terraço nem contatar o Seu Miguel, dono da fazenda São João onde se localiza o sítio. Seu alto potencial, no entanto, já estava evidente.

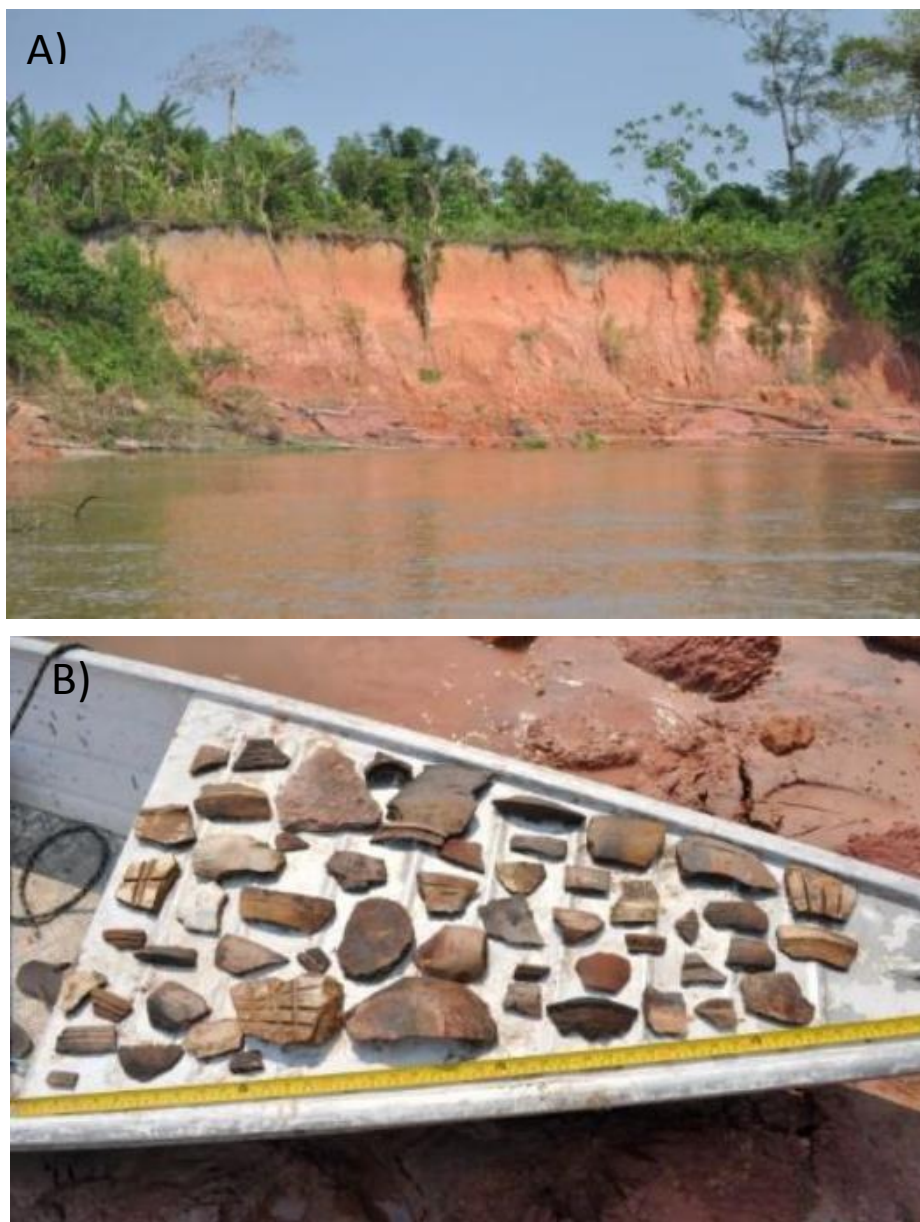


Figura 3.5: Levantamento do sítio São João: A) Barranco do sítio B) Material encontrado no setor Sul. Fonte: TAMANAHA, et al., 2015.

Com o levantamento relatado, cabe agora responder uma pergunta: por que escavar o sítio São João?

Para a tarefa elenco 5 motivos principais para a escolha. São eles:

- 1) Seu potencial arqueológico comprovou-se, apresentando no barranco, material cerâmico em boas condições de preservação e terra preta em toda a extensão de seu terraço;
- 2) O sítio aparentou, desde seu levantamento, ser um sítio predominantemente formado por cerâmica Polícroma, sendo um bom indício de uma ocupação de

produtores desse conjunto cerâmico. Sítios desse tipo ainda não tinham sido escavados na área. Aceitando, como faz Belletti (2015), que o sítio Conjunto Vilas é uma ocupação de produtores de cerâmica Borda Incisa com presença exógena de cerâmica Polícroma, fruto de uma relação de longa duração, torna-se relevante para a construção de uma história regional buscar sítios que apresentem o contexto oposto (predominância de TPA sobre TBI) para validar ou refutar as interpretações de Belletti e para aprofundar, independentemente, nosso conhecimento sobre os produtores da TPA na região;

3) O sítio se localiza num ponto chave da região do Médio Solimões. Trata-se de um sítio próximo àquele escavado por Hilbert (3 km) e o único desde as pesquisas do alemão a localizar-se no curso principal do Solimões, podendo aumentar assim nossas informações contextuais sobre as dinâmicas sociais de ocupações do curso principal (inclusive em suas relações com populações dos lagos). Está também a uma distância de 30 km do rio Tefé e cerca de 35 km do sítio Conjunto Vilas;

4) O São João se encontra em processo contínuo de destruição acelerada devido ao processo de “terras caídas” agravado nos anos 90 pela derrubada da mata para construção de uma casa, logo abandonada. No levantamento foi possível encontrar grandes concentrações de material recém caídos do barranco, um sinal de informações contextuais que estão se perdendo pouco a pouco;

5) A comunidade próxima ao sítio se mostrou interessada nos trabalhos arqueológicos propostos. Após o primeiro levantamento do São João, a equipe conversou com o presidente da comunidade cuja intenção é integrar os resultados da pesquisa ao pedido de secessão de Tefé e criação do município de Caiambé, já em progresso. Além disso, por se situar próximo a uma comunidade de grandes dimensões, a logística para escavar o sítio São João ficou significativamente melhor, fator importante considerando a escassez de recursos para a realização da etapa de campo autofinanciada.

Com esses quesitos em mente, o autor deste trabalho junto à equipe do laboratório de arqueologia do Instituto Mamirauá criaram o Projeto de Arqueologia do Caiambé (PACa) cujo objetivo é compreender o contexto histórico e arqueológico do lago Caiambé e de seus arredores. Fora do espectro cerâmico que compreende o presente trabalho, o

PACa também conta com análises etnobotânicas e arqueobotânicas realizadas por Mariana Cassino e do material lítico por Márcio Amaral.

Escavação

Introdução



Figura 3.6: Mapa com esquema da divisão do sítio em três setores e das principais intervenções realizadas. Fonte: Google Earth. Um mapa de 2013 foi usado por mostrar melhor resolução.

A escavação do sítio São João ocorreu entre os dias 21 de julho e 15 de agosto de 2016 e terminou dois dias antes do proposto, devido a motivos extra-arqueológicos. A etapa contou com uma equipe alternante, chegando a 10 membros entre arqueólogos e estudantes da UFS, USP, UEA e do Instituto Mamirauá, com distintos níveis de experiência. Além dos arqueólogos, a equipe teve em seus números a jornalista do IDSM Amanda Lelis e um membro da comunidade do Caiambé: Jandresson Lima. Ademais de ser o barqueiro e auxiliar em todas as etapas, Jandresson foi nosso principal informante sobre a área do Caiambé nos provendo informações contextuais essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Também nos auxiliou nesse quesito o caseiro do São João, o Seu Zé Preto. As informações trocadas serão apresentadas ao longo do texto.

A equipe chegou ao São João com a intenção de alcançar alguns objetivos principais. Esses abordam duas questões essenciais, responder às questões específicas da presente pesquisa sobre a história das comunidades produtoras de cerâmica policroma no Médio Solimões e também responder às questões básicas relativas à escavação de um sítio pela primeira vez i.e. seu tamanho, suas características, etc. Os objetivos foram:

- Delimitar a área do sítio arqueológico;
- Dentro dela identificar possíveis áreas de atividades distintas no intuito de circunscrever possíveis formas e funções gerais do sítio e dentro do sítio;
- Definir a estratigrafia do sítio e fatores da formação de seu registro arqueológico;
- Coletar material arqueológico de áreas distintas de forma a ter uma noção mais completa da variabilidade presente no sítio em seus múltiplos aspectos;
- Avaliar o grau de preservação do sítio e a potência das forças que o impactam.

Para atingir esses objetivos, as atividades de campo descritas abaixo foram realizadas. A escavação do sítio foi liberada pelo proprietário Seu Miguel e empreendida dentro da portaria do IPHAN nº 01490.000298/2012-98.

As atividades de campo (ver Figura 3.6) tiveram como foco principal o setor central do sítio. Isso se deu especialmente por questões logísticas. Para conseguir escavar o sítio São João em uma etapa de campo autofinanciada, trabalhando em uma área de capoeira cerrada de difícil acesso foi preciso amostrar áreas do sítio. Os três setores, portanto, receberam tratamento amostral diferenciado. O setor central do sítio (de c. 250x200m ou 5ha), ao contrário dos outros, é uma área de maior uso por Seu Miguel e seus empregados que, por esse motivo, possui trilhas reavivadas com constância anual,

sendo essas a base para a abertura da mata realizada pela equipe durante a escavação. Nesse setor foram realizadas as atividades de topografia, tradagem, escavação e coleta de superfície (mapeadas com máquina Estação Total). Para contrabalancear esse recorte foram realizadas coletas de superfície nos setores Sul (com GPS) e Norte (também com GPS); nesse último ocorreram ainda escavações diretamente no perfil por motivos que serão explicados mais abaixo. O setor Sul, embora menos explorado foi justamente o setor em que a equipe na etapa de levantamento mais se deteve, possuindo assim extensa documentação fotográfica do material desbarrancado (ver Figura 3.5) Também foram realizados alguns caminhamentos em sua área.

A amostragem do setor central foi considerada significativa em relação ao todo do sítio São João tanto por sua detalhada prospecção quanto por sua correspondência com os dados referentes ao material cerâmico coletado nos outros barrancos. Foram encontrados muitos fragmentos cerâmicos, em sua maioria associados à TPA, entre outros vestígios da ocupação humana no passada. A característica que mais se destacou, entretanto, foi o conjunto de feições complexas reconhecidas como deposições intencionais. Nelas encontramos uma série de ações que dão um vislumbre em aspectos da vida dos habitantes do sítio São João.

Características gerais

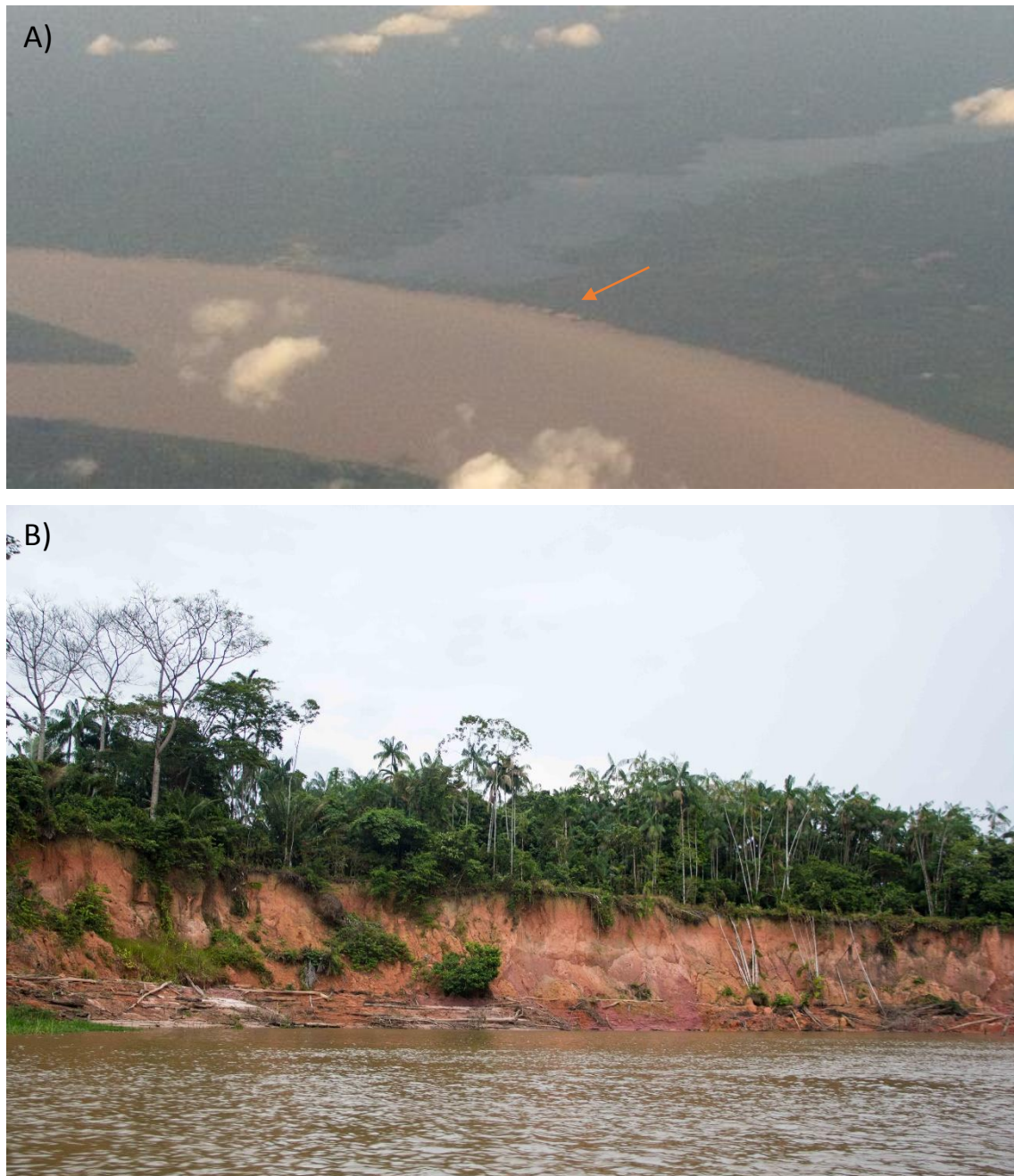


Figura 3.7: Sítio São João: A) vista aérea B) barranco do setor central. Foto A por Rafael de Almeida Lopes e B por Amanda Lelis.

O retorno ao sítio permitiu uma nova inspeção de seus elementos gerais, especialmente da área de seu terraço. Este está coberto em grande parte por uma floresta de capoeira composta por arbustos e gramíneas. No setor central ao redor da capoeira despontam cacaueiros, açaizeiros, laranjeiras e bananeiras em pequenas quantidades esporadicamente coletados. A oeste do sítio também foram encontradas uma castanheira

e um grande açacu de terra firme. Diversos resquícios recentes de ocupação foram encontrados nesse setor (ver Figura abaixo). Segundo Jandresson esses são vestígios de moradores que ocuparam a área há cerca de 25 anos, abandonando-a 5 anos depois. Fragmentos de louças, vidros e outros, provavelmente provindos dessa ocupação recente foram encontrados em diversas áreas do sítio, incluindo na unidade I.



Figura 3.8: Balança da ocupação recente do sítio. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

O impacto ao sítio agravado pelo período de desfolhamento da ocupação recente não pôde ser precisamente calculado. A informação dada por Jandresson, frequentador da área do sítio desde sua infância, é que nos últimos 25 anos houve uma perda de cerca de 30 m do terraço (essa informação foi verificada cruzando a localização de uma ponta do sítio onde estaria o barranco há 25 anos atrás usando a Estação Total). Esse período marcado por acelerado desbarrancamento deve ter sido espaçado por longos períodos de impacto reduzido. O acompanhamento desse ponto antigo ao longo das pesquisas pode nos prover uma ideia mais robusta da quantidade de sítio que já foi perdida. Por enquanto, admite-se que o desbarrancamento do sítio deve ter levado algumas centenas de metros desde sua ocupação em períodos pré-contato. Por fim, é preciso considerar que, tal como as populações ribeirinhas atuais, os antigos habitantes do sítio São João deviam conhecer e significar o processo de desbarrancamento dos terraços, organizando suas ocupações de forma a manejarem seu impacto.

Ao longo dos 900 m de barranco percebeu-se a manutenção da camada de TPI de mais ou menos 50 cm intervalada em alguns pontos por setores com maior profundidade

tal qual as feições do setor Norte que serão avaliadas abaixo. Bassi (2016, p.126-127) realiza uma interessante revisão de trabalhos sobre esse tipo de solo. Segundo o autor, a formação desses solos é um tema fundamental dentro da literatura da Ecologia Histórica (BALÉE & ERICKSON, 2006) e representa um componente essencial para a compreensão do registro arqueológico amazônico. Fundamentada em pesquisas etnoarqueológicas (ex. SCHMIDT, 2013) e arqueológicas (ex. MACHADO, 2005) a produção das Terras Pretas de Índio (também chamadas de Amazonian Dark Earths ou apenas de terras pretas) marcadas por sua coloração característica, foi associada a uma gama de práticas indígenas. Bassi coloca que a maioria destas seriam cotidianas, produzindo na longa duração um acúmulo de materiais orgânicos e artefatos causadoras dos processos químicos associados à produção deste solo. Em tal categoria entram a produção de lixeiras, em maior medida e a de roçados, em menor. Momentos específicos como movimentação de terra para a construção de estruturas, evidenciadas em contextos arqueológicos, demonstram, por outro lado, a complexa forma como esses solos podem ser encontrados, associando-se aos significados da construção da paisagem. Fica claro que a presença de TPI não pode ser tomada de forma acrítica como indício de apenas uma ou outra atividade. Sua presença, porém, foi e continua sendo fortemente associada à presença de ocupações estáveis, sedentárias ou semi-sedentárias no passado amazônico. Citando Bassi (2016):

Se em médio prazo a repetição de atividades domésticas pode produzir depósitos bastante estruturados, as mesmas ações, reiteradas durante os longos períodos de ocupação que comumente se observam nos sítios arqueológicos, têm a tendência a produzir um padrão homogêneo de distribuição dos mesmos, resultados de palimpsestos de atividades. (BASSI, 2016, p. 127).

Voltando ao sítio São João, admitiu-se o pressuposto que a presença de um pacote de 50cm em média de TPI por toda a extensão do sítio indica uma ocupação duradoura do sítio tal qual a encontrada em outros sítios amazônicos com contextos similares. Afirma-se também que a presença de certas interrupções mais profundas na “homogenia” do pacote indicam momentos específicos também repetidos, mas com maior grau de resolução no registro arqueológico.

Topografia

A produção da topografia permite um refinamento de relações contextuais entre aspectos do sítio. Mais do que isso, admite uma compreensão mais clara da espacialidade do sítio, seu contorno, seus limites, suas especificidades. Também é uma ferramenta mais didática para elaborar e mostrar dados, desde que tomada criticamente. No presente trabalho a topografia guiou nossos esforços de compreender a configuração espacial do sítio e seus significados.

Para entender o sítio, diversos procedimentos foram utilizados com o intuito de mapeá-lo. O mapeamento foi realizado através do uso de uma máquina Estação Total (Geodetic Gd2+) e um aparelho GPS (Garmin). A Estação Total foi usada por possibilitar uma medição rápida e precisa da localização e altura de diferentes aspectos do sítio. Ela também possibilita seu rápido cruzamento para formação de mapas compreensíveis e para o tratamento relacional entre distintas intervenções como unidades, coletas de superfície, tradagens, entre outras. Embora tenha uma medição relacional, a Estação Total pode ser combinada junto a medições de GPS para uma compreensão global da espacialidade do sítio. Este, no entanto, tem a vantagem de sua portabilidade, que permite a identificação de pontos importantes do sítio onde não é possível chegar-se com a Estação Total. O modo tracking também foi um recurso muito popular do GPS, usado para delimitar o sítio.

A topografia do sítio São João foi realizada paralelamente à sua escavação. Ela contou com três etapas: o mapeamento da área do sítio, o refinamento de seu contorno e a inspeção do barranco. Na primeira etapa, o autor operou a Estação Total tendo sempre um ou dois auxiliares para abrir a mata e posicionar o prisma (ver Figura 3.9). Os pontos marcados na Estação foram também anotados manualmente³². Com a Estação Total foi determinado um ponto arbitrário com as coordenadas relativas Norte:1000 m Leste: 1000 m (ou N1000E1000). Este ponto possui a coordenada UTM 20M 0341007 9611394 (Datum: WGS 84). As coordenadas N1000E1000, foram inscritas para que as posições relativas do sítio – inscritas no *grid* - sempre apresentem números positivos a Norte e a Leste (ou seja, não há inversão de coordenadas de N para S ou de E para W). Na segunda etapa foram realizados caminhamentos pela beira do barranco e adentro na terra firme

³² Uma manobra que valeu a pena considerando que a equipe não conseguiu tirar os pontos da Estação Total virtualmente.

usando o GPS com função tracking ligada. Também foram realizadas rotas de barco ao longo da encosta marcando, no GPS, pontos de interesse. Por fim, as informações de Jandresson e Seu Zé Preto pautaram de forma crucial a produção dos dados espaciais.



Figura 3.9: Uso da Estação Total. Foto: Verônica Fernando.

A produção de mapas foi realizada a partir dos softwares Google Earth e Surfer. O primeiro foi usado para facilitar a produção de mapas inter-sítio, regionais, mais amplos, de forma a observar os dados produzidos no sítio São João dentro da área do Médio Solimões (aprofundadas no capítulo 5). O segundo teve a intenção de produzir mapas numa escala menor, localizada, intra-sítio. Dessa maneira foi possível entrar em maiores detalhes, uma capacidade que o Surfer permite com mais definição.

Topografia – Resultados

Numa perspectiva intra-sítio a medição pela Estação Total revelou um leve declive da ponta da encosta em direção de seu interior, um detalhe dentro da superfície relativamente homogênea em relação à altura (ver Figura 3.10). Também pudemos precisar a altura do terraço em relação ao nível do rio. Embora sempre relativa à época do ano a altura de 12 metros no período de escavação mostrou que se trata de uma terra firme inatingível no período das cheias: uma área marcadamente estável.

O sítio São João é um terraço em terra firme cortado por igapós³³ e igarapés³⁴ dos quais o mais largo passa entre o setor central e o setor Norte. Esse produz, em momentos de cheia, um corte mais abrupto entre margem e curso d'água e, em momentos de seca, a abertura a uma área de várzea entre o curso e o terraço. O contínuo desbarrancamento produziu no terraço formas semi-circulares que resultam em baías (ver Figuras 3.6 e 3.10).

³³ Curso de água sazonal.

³⁴ Curso de água com variação sazonal, mas que sempre se mantém parcialmente inundado.

Mapa Topográfico do sítio São João (Tefé-AM)

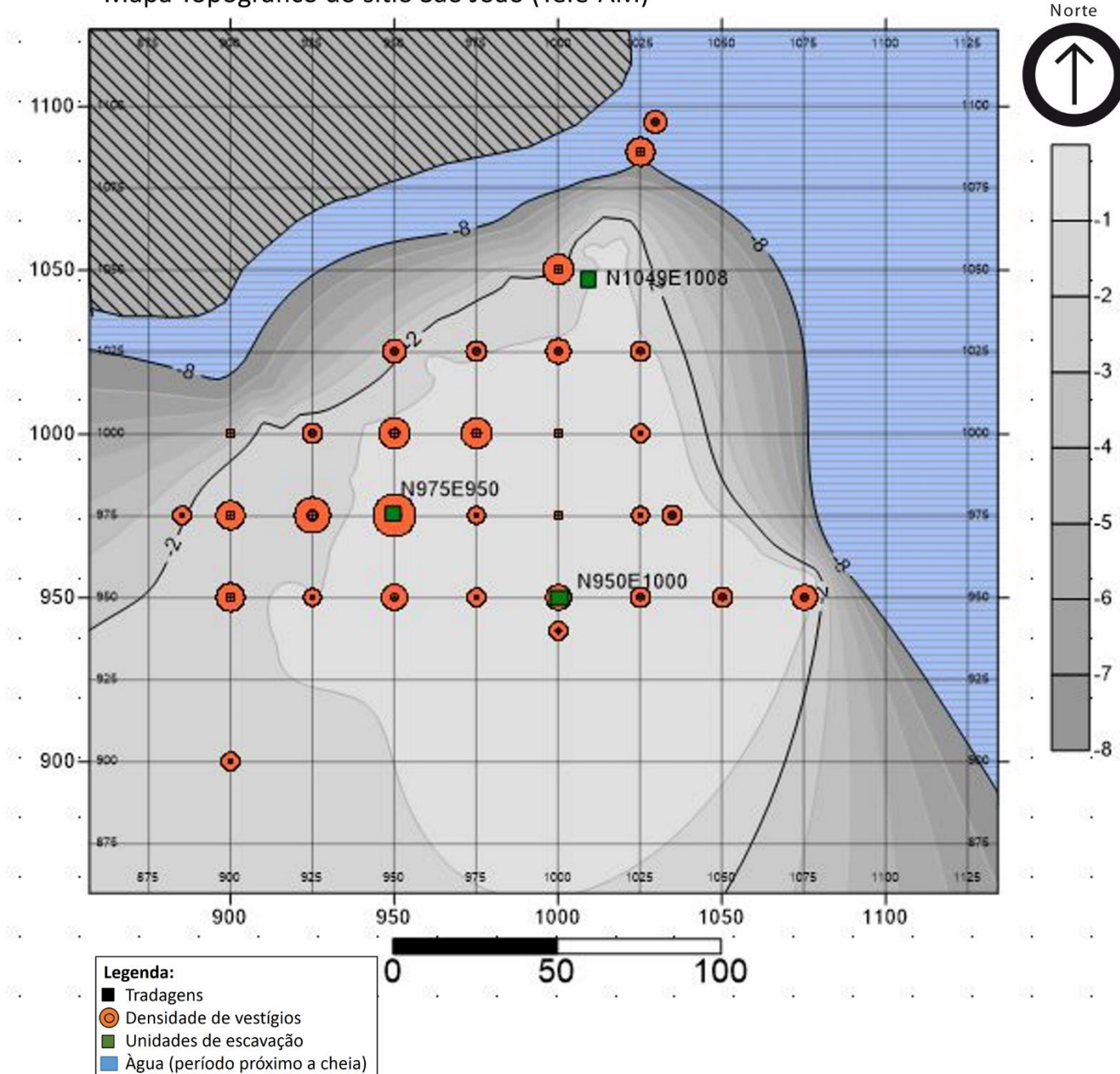


Figura 3.10: Mapa topográfico do sítio com intervenções. A altura de 8 m foi escolhida para melhor visualização num período intermediário da cheia. Feito através do software Surfer. Elaborado por Rafael de Almeida Lopes.

Na perspectiva inter-sítio a topografia permitiu relacionar o sítio São João a outros sítios da área e proporcionou um entendimento mais claro de seu entorno. O sítio São João, como já foi comentado, se localiza a apenas 3 km do sítio Caiambé e cerca de 35 km subindo o rio do sítio Conjunto Vilas. A pequena distância entre o sítio Caiambé e o São João engendrou a hipótese de contatos históricos entre ambos que será explorada no

capítulo 5. Outro aspecto regional notado foi a importância do igarapé que divide o Setor central e o Setor Norte. Segundo Jandresson e Seu Zé Preto, o igarapé que foi observado ao longo de 500 metros é uma rota antiga de entrada no lago Caiambé, atualmente pouco usada. A rota aproximaria o sítio de outros dentro do lago, posicionando-o num ponto estratégico de entrada. Outro fator importante foi levantado quando, seguindo seu trajeto junto a Jandresson, nos deparamos com um terraço alto interrompendo o lento e progressivo declive. A área, pertencente a Seu Mondí, não foi visitada nessa etapa pela incapacidade de contatá-lo. No entanto, segundo Jandresson, nessa terra firme também são encontrados fragmentos cerâmicos arqueológicos. A informação – que deve ser confirmada numa próxima etapa – sugere um padrão também indicado por intervenções no sítio: a presença de ocupações ao longo do igarapé. Para entender mais sobre a formação do sítio recorreu-se às tradagens.

Tradagens

O agravante da mata, já mencionado acima, impediu a equipe de fazer extensos caminhamentos por todo o sítio, para identificar e coletar material de superfície que ajudariam a atingir os objetivos propostos. Portanto, fez-se necessária a tarefa de produzir uma malha de intervenções subsuperficiais de forma a perceber o formato do sítio e indicar lugares relevantes dentro dele para intervenções maiores. Através do cruzamento dos dados das tradagens com os dados topográficos, o recorte amostral produzido oferece a base para suposições gerais e específicas quanto ao sítio. Nesse sentido, a malha construída pelo arqueólogo é parte importante do discurso arqueológico sobre o espaço erguido através da acentuação de alguns traços espaciais e ocultação de outros (BOADO, 1995), que o torna capaz de inferir sobre seu tamanho, sua estratigrafia, o volume e localização de suas ocupações, entre outras. O propósito desse discurso é produzir uma narrativa sobre os usos dos espaços do sítio, intentando aproximar-se da forma como as pessoas e comunidades construíram socialmente o espaço no passado, ou seja, sua perspectiva espacial (BOADO, 1995; BARROS & NASTRI, 1995).

O método escolhido foi o mesmo usado pelo PAC. Tratou-se de criar uma malha de furos circulares com espaçamento de 25m dentro do *grid*. A tradagem realizada com escavadora manual biarticulada também conhecida como “boca-de-lobo” produziu intervenções de cerca de 20cm de diâmetro com até 100cm de profundidade. A

profundidade foi dividida por níveis artificiais de 20cm (marcados na própria escavadora), sendo um número de proveniência (PN) assinalado a cada nível com material arqueológico. Caso não encontrássemos material no latossolo argiloso por cerca de 30cm a tradagem era finalizada. Junto à intervenção, a equipe levou câmera fotográfica, uma carta Munsell (as páginas 7.5YR e 10YR foram utilizadas (ver anexo III), uma peneira para separar sedimento de material arqueológico e ficha específica para detalhar características da intervenção (ver anexo II).

Em campo, a estratégia para realizar as tradagens resumiu-se em marcar uma linha central da qual linhas radiais emergiriam através da abertura da mata. Em alguns pontos a distância de 25m foi desrespeitada para garantir maior quantidade de informação dentro das possibilidades de nossa equipe e do tempo disponível. Tal foram os casos da beira do barranco, da várzea próxima ao igarapé e das tradagens finais realizadas já fora da área de terra preta. No primeiro caso, as tradagens na beira do barranco mostraram-se importantes para auxiliar a precisar uma antiga área do sítio mais próxima ao Solimões e por uma questão de preservação: amostrar uma área que logo será consumida pelo processo de terras caídas. Para a área de várzea entre a terra firme e o igarapé a escolha foi fazer duas tradagens fora da malha, pois esta não atingiu a área. O local escolhido, uma área onde a vegetação não era demasiada espessa, apresentou um contexto relevante comentado abaixo. No último caso alargou-se a malha para 50 m nas 3 últimas tradagens, fora da área de TPI. A decisão realizada teve como base a baixíssima quantidade de material arqueológico encontrado na área e pela intenção de delimitar o sítio.

Tradagens – Resultados

Ao todo, 33 tradagens foram realizadas no sítio. Seus resultados forneceram subsídios para a análise das seguintes questões: estratigrafia do sítio e pacote de terra preta, concentrações de material em determinadas áreas, processo de formação do registro arqueológico e extensão do sítio (essa última detalhada na próxima seção).

Quanto à estratigrafia do sítio, a leitura indica um contexto relativamente mantido com um pacote de terra preta variando ao redor de 50cm (+ ou – 5cm) de profundidade em média (48% das tradagens) (ver Gráfico abaixo). Dentro desse pacote os níveis superiores em maioria (48% dos casos) possuem uma coloração mais escurecida (Camada IV) que os 20 cm finais (Camada III). A concentração de material cerâmico nas tradagens

despontou na maioria das vezes entre 10 e 40cm (80%) dos casos, caindo drasticamente após esse intervalo. Abaixo do pacote de terra preta aparece uma camada de transição, de cerca de 10cm, mesclando o cinza escuro da terra ao amarelo alaranjado do latossolo que segue (Camada II). Tal camada de transição representa provavelmente um processo de percolação da TPI e não uma camada arqueológica de fato, um ponto indicado pelas linhas de terra preta aparentes nas imagens dos perfis das unidades II e III. A próxima camada (I) é o próprio latossolo estéril amarelo alaranjado (7.5YR5/8) tornado cada vez mais vermelho com a profundidade (ver Figura 3.11A). A interrupção do latossolo em apenas dois casos revelou outro solo escurecido com material cerâmico. A abertura da Unidade II deveu-se parcialmente a esse fator diferenciado.

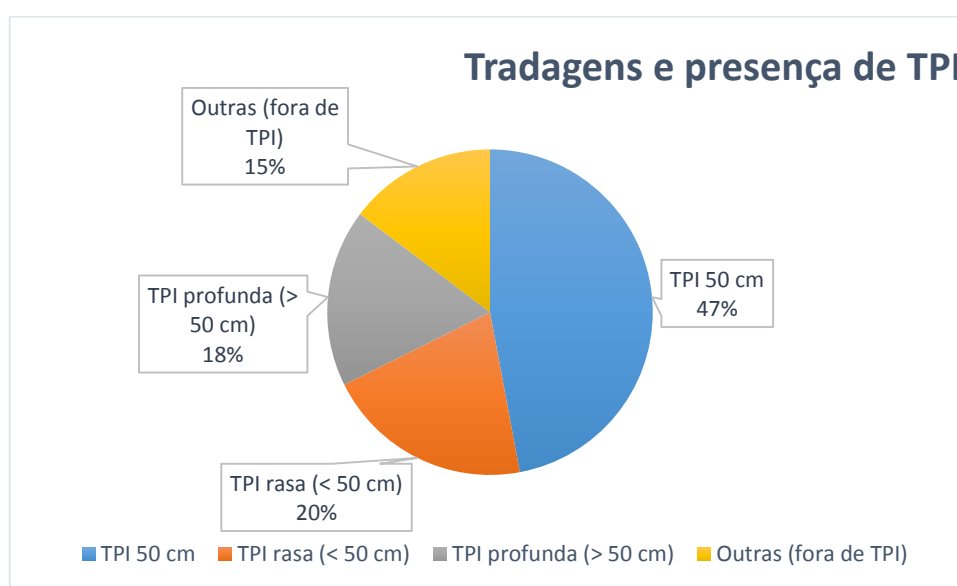


Gráfico 3.1: Tradagens e presença de Terra Preta de Índio

Algumas tradagens diferenciadas merecem inspeção. Próximo ao barranco foram abertas tradagens com concentrações cerâmicas significativas (como N1050E1000 com 56 fragmentos e N1025E1000 com 30 fragmentos) e tradagens que resultaram em baixa quantidade de cerâmica e até em uma camada diminuta de TPI (como a tradagem N1000E1025 com 9 fragmentos de 20 cm de TPI). As tradagens próximas ao barranco podem estar relacionadas a áreas do sítio já desbarrancadas, levando em conta a possibilidade de ocupações se orientarem para a margem do Solimões (PORRO, 1995; BASSI, 2016). Tal vestígio de ocupação se contrastou com outra área de concentração cerâmica. Ao redor de 30m de distância do igarapé Norte realizamos as tradagens com as maiores concentrações cerâmicas do sítio e em três casos com camadas profundas de TPI (ver Figura 3.10). Esse é o caso da tradagem N950E900 (ver Figura 3.11B), a 4 m do

igarapé, que apresentou 67 fragmentos em 40 cm de TPI e mais 6 fragmentos após mais 40 cm de sedimento acinzentado (7.5YR4/1). O contexto indica uma possível segunda área de ocupação do sítio São João, essa voltada ao igarapé. Foi nesse ponto que abrimos a unidade III (N975E950) que, como comentaremos adiante, nos deu indícios de práticas realizadas na área, em especial de produção lítica. A presença de lascas de seixos lascados em uma das tradagens à Oeste (N975E925) e Noroeste (N1000E925) e de calibradores cerâmicos à Sul (N950E950) fortalece esse quadro.

Duas tradagens foram realizadas na área de várzea do igarapé Norte para averiguar estratigrafia e possíveis usos da área. A hipótese seria que tal área poderia ser privilegiada para descarte, visto sua altura em relação ao terraço. A primeira (N1087E1025) realizada em média vertente – 8m abaixo da área do terraço – apresentou 1 m de TPI e material arqueológico (35 fragmentos cerâmicos e 2 líticos). A segunda N1095E1030 realizada já na parte mais baixa do igarapé – 10 m abaixo do terraço numa área que pouco antes estava inundada – apresentou 1 m de TPI e material até 60 cm (39 fragmentos de cerâmica e 4 de telha, essas a 40cm de profundidade). Os resultados indicaram que se a várzea do igarapé poderia ser usada no passado distante e recente como área de descarte, esta também receberia o efeito das cheias e secas do igarapé produzindo inversões estratigráficas. É interessante notar a presença de material lítico nessa área. Segundo Amaral (comunicação pessoal) a área da várzea com seu embasamento laterítico seria o ponto de obtenção de matéria-prima para a produção lítica e o local onde grande parte de sua cadeia operatória funcionaria, estando o alto do terraço reservado para finalização e retoques do material.

A)

N1025E975				
Nível (cm)	Coloração	Textura	PN	Nº de frags
0-20		Argilo-arenoso	15	22
20-40		Argilo-arenoso	16	5
40-60		Argiloso (mosqueado)	17	1
60-80		Argiloso	-	-
80-100		Argiloso	-	-



B)

N950E900				
Nível (cm)	Coloração	Textura	PN	Nº de frags
0-20		Argilo-arenoso	46	60
20-40		Argilo-arenoso	47	7
40-60		Argilo-arenoso	-	-
60-80		Argilo-arenoso	-	-
80-100		Argiloso (mosqueado)	48/49	6



Figura 3.11: Tradagens do sítio São João. Acima (A) tradagem com o pacote predominante de 50 cm de TPI. Abaixo (B) tradagem com pacote profundo de TPI na área próxima ao Igarapé Norte. Fotos e tabelas: Rafael de Almeida Lopes.

Delimitação do sítio

Para a delimitação do sítio São João trabalhamos com a perspectiva de Wagstaff (1995, p. 27-32). Vindo da geografia, o autor se propõe a postular um método para se prosseguir à delimitação de um sítio arqueológico. Para a empreitada, o autor assume duas características como essenciais: os limites do sítio e, depois, sua parte principal onde estão os agrupamentos de vestígios. Embora a primeira característica possa ser definida por aspectos mais claros como o limite de estruturas ou mudanças abruptas na paisagem, quando essas não apresentam características definidas pode-se usar uma definição mais

arbitrária que tenha como eixo aspectos como centralidade e distância. A parte principal, por outro lado, seria definida através da densidade de vestígios em uma escala arbitrária que deve ser explicitada, e que possui sentido à medida em que auxilia as questões trabalhadas no sítio. No caso amazônico, a extensão da TPI é tomada como um forte indício delimitador da área dos sítios arqueológicos, enquanto os fragmentos cerâmicos compõem suas áreas de concentração. Embora autores como Levis e seus colaboradores (2017) advoguem pela incorporação de grandes áreas manejadas como pertencentes aos sítios arqueológicos, fator evidenciado pela composição vegetal das florestas que circundam o sítio, a presença de cerâmica e TPI é ainda o fator material mais confiável no qual erguer primeiras delimitações, que pelos motivos citados acima, devem manter-se abertas.

As últimas três tradagens tiveram como propósito confirmar a delimitação inicial do São João. Esta teve como apoio caminhamentos ao longo do sítio. Primeiramente trabalhou-se sobre a hipótese que o terraço que formava o setor central do sítio era cortado a Sul por um igapó que ligava o barranco ao igarapé fazendo da área uma espécie de ilha de terra firme praticamente auto-delimitada. A alta capoeira no fundo do sítio impediu por um tempo que fosse observada a configuração dessa parte. No entanto, percebeu-se que o igapó era de pequenas dimensões, terminando a Sudeste do setor central. Para poder delimitar o sítio, então, a escolha realizada foi a de abrir uma linha de tradagens no eixo E900 aumentando a malha para 50 m. Apenas a primeira (N900E900) apresentou material arqueológico (6 fragmentos), nos primeiros 20 cm em meio a material aparentemente recente. Nesta tradagem já não havia mais TPI, substituída por um sedimento areno-argiloso marrom claro (entre 7.5YR5/3 e 7.5YR6/6) com 40 cm de profundidade, seguido por latossolo. As outras tradagens mantiveram as mesmas características do solo, mas sem material arqueológico. A tradagem N850E900 apresentou fragmentos de telha. Para complementar essa linha de tradagem foram realizados caminhamentos a Sudoeste e Noroeste do setor central. Percebeu-se que perpendicularmente às tradagens de delimitação não havia mais TPI e nenhum fragmento foi encontrado.

A presença de material arqueológico fora de TPI realinhou sua delimitação para comportar 50m a mais, considerando essa área periférica. Dessa forma, a delimitação provisória do sítio São João coloca-o com c. 900 m de comprimento (eixo Noroeste-Sudeste) e c. 200 m de largura (eixo Nordeste-Sudoeste), em torno de 18 ha. Novas etapas

deverão confirmar ou não se o caso do setor central pode ser adaptado para os outros setores (ver figura 3.12).



Figura 3.12 Delimitação provisória do sítio São João (em azul). Fonte: Google Earth.

Unidades de escavação

As unidades de escavação também foram abertas segundo os métodos do PAC (cf. LIMA, 2008, p.60-63). Para isso assinalamos quadras delimitadas em 1m² (em um caso em 0,5mx1m) e nomeadas a partir de seu canto Sudoeste em relação ao *grid*. Essas unidades foram então escavadas em níveis artificiais de 10cm, sendo apontado um PN para o material de cada nível e um para coletas especiais. A escavação se deu predominantemente com o uso de colheres de pedreiro, ocorrendo setores escavados com palitos de madeira ou ferro-de-cova. Nesses casos predominantes foram feitas entre 3 e 4 decapagens por nível. Os materiais de distintas categorias (cerâmica, lítico, ossos, etc.) foram coletados e armazenados separadamente. O sedimento escavado e não coletado ainda foi peneirado por uma malha de 0,5 cm. Em duas quadras (N1048E1008 e N950E1000) foram feitas coletas de sedimento para flotação (desagregação com água do sedimento e separação dos materiais restantes em classes de tamanho). A coleta baseou-se na retirada de 10cm³ de sedimento do setor Sudeste da unidade a cada nível artificial

de 10 cm. 9 desses 10cm³ foram flotados, sobrando uma amostra-testemunho para possíveis estudos de outras naturezas.

Em todas as unidades foram encontradas feições³⁵ que foram, quando estabelecidas, escavadas diferencialmente, recebendo um PN próprio por cada nível. As feições foram escavadas mais atenciosamente e foram coletadas como um todo, ou seja, com todos os seus materiais arqueológicos e todo seu sedimento. Esse também foi flotado, respeitando a mesma proporção que a das unidades. Para a descrição apresentada das feições ocorrerá, além da descrição de sua escavação, uma descrição de possíveis gestos identificados para sua composição, tendo em vista as intencionalidades percebidas em suas montagens, as escolhas que influenciaram no resultado encontrado. O objetivo foi produzir hipóteses sobre a formação das feições que foram testadas no momento de análise do material arqueológico. Para isso atentou-se à clássica definição de Schiffer sobre perturbações deposicionais e pós-deposicionais e sua influência no registro arqueológico a partir de dinâmicas sociais e tafonômicas (SCHIFFER, 1976).

Unidade I – N1048/1049E1008

A unidade 2x1m foi aberta a partir da tradagem N1050E1000 que apresentou mais de 50 fragmentos cerâmicos e um pacote de cerca de 50cm de TPI. Como essa área se encontrava numa vertente de água mais erodida, o ponto para a abertura da unidade foi puxado 8m a leste. O ponto foi escolhido devido a sua proximidade tanto do igarapé (cerca de 20m) quanto da beira do Solimões (aproximadamente 5m), numa parte aparentemente menos impactada pelas terras caídas. A intervenção contribuiria com o conhecimento de uma das áreas de concentração cerâmica do sítio e com um entendimento estratigráfico maior dele (por isso a abertura de uma unidade 2x1).

³⁵ Conjuntos delimitados de material arqueológico possivelmente articulados

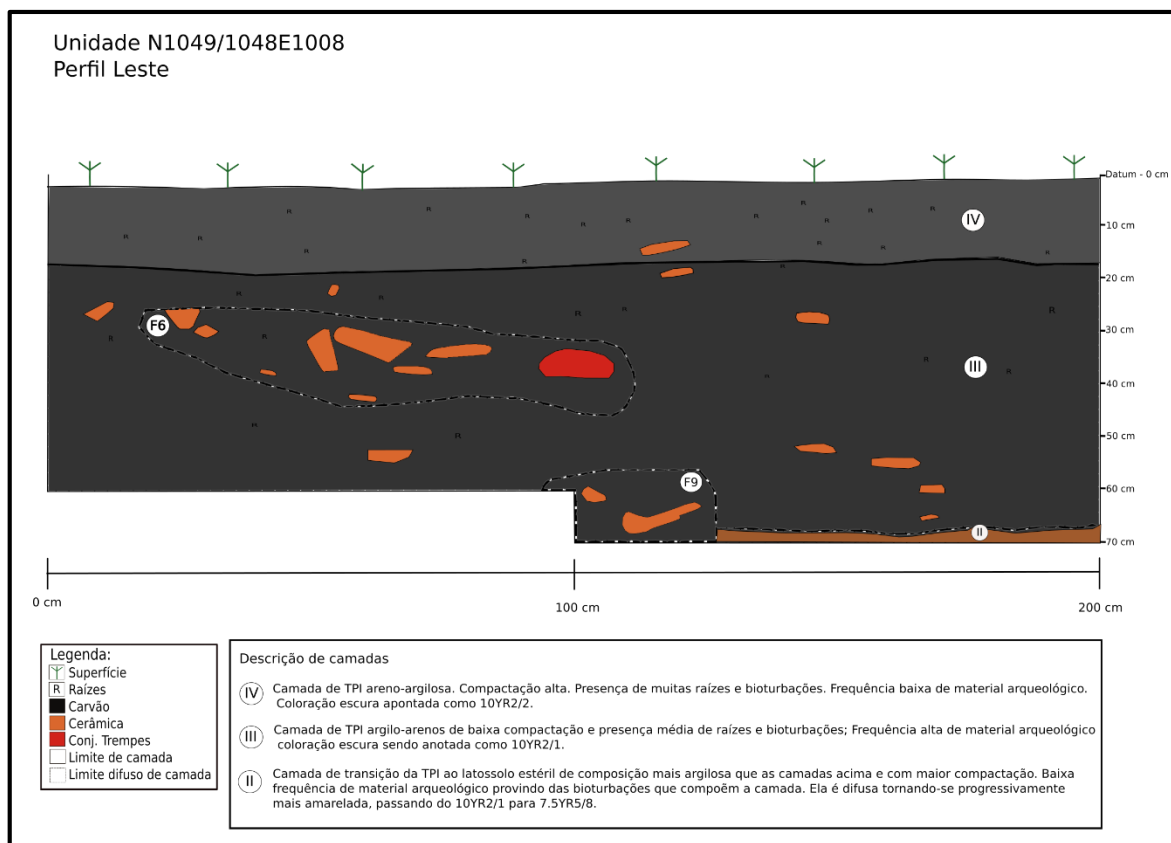


Figura 3.13: Perfil Leste da Unidade I. Elaborado por: Rafael de Almeida Lopes

A unidade estava entre dois açaizeiros e suas raízes se expandiram pelas quadras escavadas. Essas raízes e radículas produziram notáveis bioturbações nos primeiros 30cm de escavação (ver figura abaixo) e se mantiveram de forma menos impactante até os 70cm. O impacto permitiu a intrusão de materiais recentes vindos da ocupação mais recente da área. Entre esses materiais foram encontrados pedaços de vidro e um fragmento de louça nos 25cm de profundidade na quadra Norte e um sapato na altura dos 10 cm na quadra Sul.



Figura 3.14: Muitas radículas foram encontradas por toda a unidade. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Nos primeiros 10cm, talvez por conta das raízes dos açaiçais, apenas um fragmento cerâmico foi coletado nas duas quadras. No nível 10-20 a frequência cerâmica aumentou, em especial a partir de 15cm, estando esparsos e não articulados. No nível seguinte (20-30) essa característica se alterou. Em ambas as quadras houve outro aumento da frequência cerâmica, além da aparição de carvões em maior número e lateritas e seixos, um deste estando lascado. Na segunda metade do nível, no setor Centro-Sul da quadra Norte uma concentração cerâmica próxima a muitos carvões foi identificada. Essa concentração foi classificada como uma feição (F6) e escavada diferencialmente. Embora tenha mantido a pouca compactação e a coloração escura (10YR 2/2 na tabela Munsell), a F6 foi definida pela concentração material e pela textura mais argilo-arenosa de seu sedimento, contrastando com o sedimento areno-argiloso dos 30 cm das duas quadras.

F6

Ademais de cerâmicas foram identificados fragmentos de trempes e argila queimada na área da feição no nível 20-30. No nível abaixo (30-40cm) a F6 se expandiu, para o Centro e Sudeste da quadra Norte e para Norte e Nordeste da quadra Sul (ver Figura 3.13 e 3.15). Nesse nível, o de maior expansão da feição (110 cm), foram encontradas concentrações de carvão de maiores dimensões, trempes e argila queimada em suas extremidades Norte e Sul (na figura abaixo o detalhe I representa a concentração a Sul e

a Figura 3.16D mostra a concentração Norte), estando possivelmente associadas a um contexto de estruturas de combustão com trempes decoradas.

Em seu centro, a concentração cerâmica apresentou em sua maioria fragmentos médios (5 a 10cm) decorados e não decorados principalmente em posição horizontal, mas também apresentou material cerâmico diferenciado como calibradores cerâmicos³⁶. Três destes destacaram-se: 1) concreções de barro alaranjado; 2) a ponta superior do que parece ser um peso de rede cerâmico (contando com uma cavidade na área superior e acanalados em seu “corpo”) (ver Figura 3.16B) e 3) a parte inferior de outro fragmento maciço de cerâmica com ampla decoração acanalada na base e em formato de cogumelo (este já na área Norte da feição a 42cm de profundidade) (ver Figura 3.16A).

Acima desse objeto, no Norte da feição, ao redor de 38cm de profundidade foram encontrados duas vasilhas quase inteiras associadas, ambas em posição vertical: a primeira é um pequeno prato com decorações polícromas com 12cm de diâmetro e 6cm de altura. Essa peça não estava fragmentada e foi coletada inteira após ser enfaixada com gaze. A vasilha estava diretamente acima da base de uma segunda vasilha, mais fragmentada (detalhe II na figura abaixo; ver também Figura 3.16C).

³⁶ Calibradores ou abrasadores cerâmicos são fragmentos reutilizados que possuem sulcos em sua superfície. Seus possíveis usos seriam a afiação de objetos de madeira e calibração de objetos cilíndricos (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p.568)



Figura 3.15: F6 na base do nível 30-40 cm. I) área de concentração de trempes, argila queimada e carvão; II) Vasilha completa acima de outra com pouca fragmentação. Foto: Mariana Cassino.

No nível 40-50 foram evidenciados outros fragmentos de material lítico, incluindo um fragmento de seixo e mais alguns fragmentos cerâmicos. Como a camada de fragmentos concentrados evidenciados na figura acima diminuiu em densidade cerâmica, a feição tornou-se menos delimitada, sendo interrompida a coleta de sedimento. Aos 45cm a feição pareceu haver terminado, estando os fragmentos abaixo menos claramente articulados.



Figura 3.16: F6 - A) Objeto cerâmico em forma de cogumelo; B) Provável peso de rede; C) Vasilhas pouco fragmentadas; D) Concentração de trempe, argila queimada e carvão da extremidade Norte da feição. Fotos: Emerson Nobre.

F6 – Interpretando intencionalidades

Imaginando seu perfil, a feição 6 possui um formato monticular, tendo uma base mais larga que vai se afunilando e sendo marcada em suas extremidades por trempes e uma grande quantidade carvão. Apesar da conjunção de cacos formar uma massa mais ou menos organizada de fragmentos, ela não parece estar associada a nenhuma deposição especial, tal qual veremos em outras feições do sítio. A presença de cerâmicas em diferentes níveis de fragmentação, orientação e agrupamento não nos deixa a ideia de uma organização formal da feição, além dos gestos que levaram a seu agrupamento. A existência de seixos lascados e materiais cerâmicos fragmentados que não se configuram em vasilhas também se destaca no contexto da feição, indicando possivelmente um descarte concentrado ou resíduos de uma lixeira. A possibilidade de ela ter sido escavada não pode ser descartada, mas considerando o que foi discutido sobre a produção de TPI, pode ser que estejamos observando um depósito em boa condição de preservação coberto por sedimento ao longo do tempo. Tal contexto poderia remontar ao final do processo que Bassi (2016, p. 205-208) afirma ter encontrado interrompido no sítio Bom Socorro, no

qual lixeiras domésticas se acumulariam próximas a malocas antigas. O processo também se assemelharia ao descrito por Schmidt para a produção de lixeiras entre os Kuikuro do Alto Xingu (SCHMIDT, 2013). O vaso inteiro na ponta Norte da feição deixa mais complexo esse contexto, deslocando a questão para o conteúdo de pequeno prato que é descartado antes fragmentar-se.

Fora da F6 o nível 30-40cm continuou a apresentar carvões e cerâmicas, estas em menor quantidade em ambas as quadras. O solo mantém sua coloração, mas passa a tornar-se argilo-arenoso e mais compactado. No nível abaixo (40-50cm) aumenta a densidade geral de carvão, argila queimada e trempe e diminui a densidade cerâmica na quadra Sul. Na quadra Norte uma outra concentração cerâmica despontou no setor Centro-Oeste, próximo ao perfil. Essa configurou-se na feição 8.

F8

A feição 8 consiste em uma concentração de fragmentos cerâmicos de dimensões médias e grandes (maiores que 10cm) em sua maioria em posição horizontal empilhados por cerca de 15 cm de altura ao longo de 40 cm de largura e 35 de comprimento. Embora os solos mantenham-se com as mesmas características, a conformação de fragmentos empilhados destacou-se. Ela foi desarticulada ao fim da escavação do nível 50-60, chegando a 53 cm de profundidade (ver figuras abaixo).



Figura 3.17: F8 - A) Feição na base do nível 40-50 cm; B) Fragmentos estavam em posição horizontal. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

F8 – Interpretando intencionalidades

Por tratar-se de uma pequena feição composta especialmente de cacos empilhados que surgiu na área do perfil não parece possível imaginar muito dela. Sua forma estreita e circunscrita parece indicar que ela se localizaria numa cavidade escavada que a impedia

de se desarticular. Essa cavidade pode se assemelhar aquelas encontradas em outras áreas do sítio São João, mas também em sítios próximos, como o Conjunto Vilas no qual a estratigrafia é composta por feições escavadas que se entrecortam (BELLETTI, 2015, p. 35; 45).

A partir do nível 50-60cm o sedimento nas duas quadras apresenta uma coloração um pouco mais clara (10YR 3/2) com alta compactação e os fragmentos cerâmicos se reduzem em quantidade, mas aumentam em dimensões (médios e grandes). Em especial, fragmentos com decorações pintadas em vermelho sobre engobo bege apareceram neste e no nível abaixo. A quadra Norte foi escavada até a base do nível 50-60 enquanto a quadra Sul foi até o fim do nível 60-70cm. Nessa quadra foi possível perceber uma nova concentração de cerâmicas com decoração pintada e carvões de maiores dimensões, principalmente no centro da quadra e a nordeste. Essa última concentração mostrou-se articulada, formando F9.

F9

A feição 9, última escavada da Unidade I, consistiu de 27 fragmentos cerâmicos, a maioria posicionados verticalmente, concentrados no setor Nordeste da quadra Sul. Notou-se a presença de trempes também. Destacou-se entre elas uma vasilha globular decorada com pintura vermelha sobre engobo bege em posição vertical cuja boca adentrava no perfil (ver figura abaixo). Embora parecia que a vasilha estaria completa, essa foi retirada com apenas sua parte superior. A etapa foi finalizada antes que a feição 9 pudesse ser evidenciada completamente, assim, não é possível tecer interpretações sobre ela. Uma semente carbonizada de milho, flotada do sedimento da feição, foi datada, produzindo uma datação de 1420 ± 30 . Esta, devido a seu contexto, foi considerada como percolação, como será melhor discutido no próximo capítulo.



Figura 3.18: Retirada de fragmento de vasilha globular (210.1). Foto: Amanda Lelis.

No restante da quadra a quantidade de fragmentos cerâmicos foi diminuindo conforme avançou-se a escavação. Ao redor de 65cm de profundidade começaram a aparecer concreções amareladas (10YR 5/8). As concreções condiziam com aquilo que foi notado nas tradagens como camada de transição ao latossolo e tomaram o setor Oeste da quadra.

Unidade I – Resumo

A Unidade I, tragicamente não terminada pelo fim inesperado da escavação, revelou a presença de um pacote profundo de TPI (c. 70cm) com ampla presença cerâmica, lítica e de vestígios carbonizados. É possível dizer que a Unidade demonstrou que a área de intersecção entre a beira do Solimões e o igarapé registrou intensiva atividade humana. Suas feições, articuladas porém não claramente organizadas, apresentam um contexto de diversos momentos, um mosaico de descartes, alguns melhor definidos que outros. Considerando sua posição, é factível que essa Unidade represente uma amostra do que seria o setor do sítio voltado para o rio Solimões e desbarrancado ao longo de centenas de anos. A Unidade poderia representar uma área de descarte para esse setor, acumulando resíduos das práticas domésticas dos antigos habitantes do sítio São João.

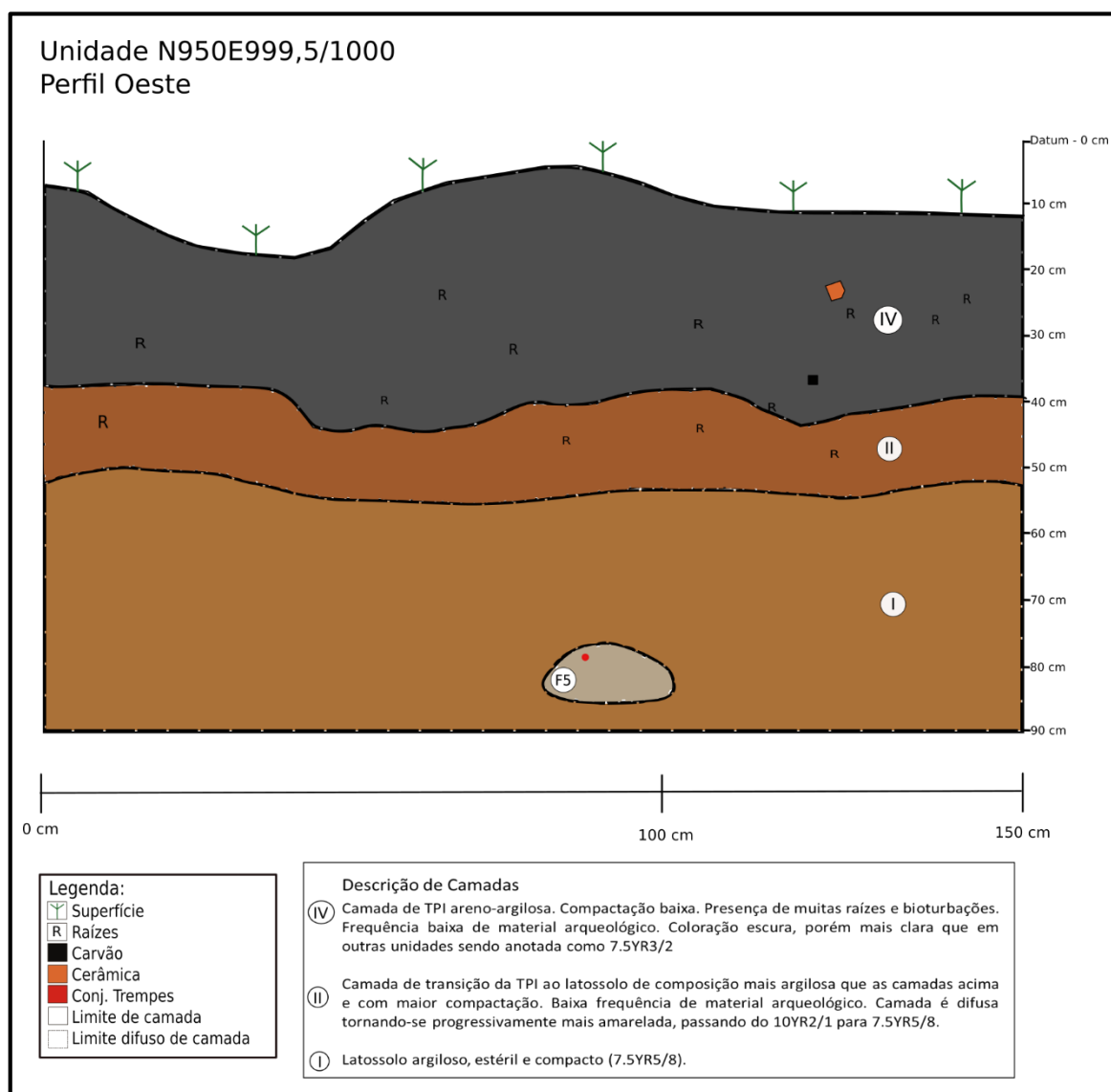


Figura 3.19: Perfil Sul da Unidade II. Elaborado por Rafael de Almeida Lopes.

A unidade foi aberta devido aos resultados da tradagem N950E1000. A tradagem apresentou 21 fragmentos cerâmicos em seus primeiros 30cm juntamente a um solo enegrecido. Os 10cm posteriores caracterizaram-se pela presença de camada de transição com latossolo mosqueado, começando a partir de cerca dos 40cm de profundidade, a camada de latossolo. Na altura dos 55cm, no entanto, a escavadora rompeu uma vasilha de pasta com coloração rosa e sedimento cinza claro associado. Os fragmentos do vaso 308.1 continham engobo branco e pintura vermelha e se assemelharam ao material policromo antigo do sítio Conjunto Vilas, datado em c. 500 d.C. (BELLETTI, 2015). O contexto abaixo da TPI por si mesmo poderia indicar uma ocupação anterior a produção do solo antrópico ou concomitante à sua produção em áreas mais próximas ao barranco.

Por esses motivos decidimos utilizar a própria cavidade da tradagem como guia para encontrar e mapear o contexto da TPI e abaixo dela.



Figura 3.20: Fragmentos de vasilha de pasta rosa com engobo branco e pintura vermelha. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

A Unidade se localiza a 75 m do barranco a Leste e a 100m do igarapé a Oeste. A tradagem 10m a Sul de sua posição já apresentou solo mais claro (7.5YR 3/4). Os caminhamentos realizados demarcaram a área como o limite da presença de TPI, o que significa que a Unidade II se encontra na periferia de onde se desenvolveram práticas produtoras de TPI. A área da tradagem posicionou-se no setor central da Unidade e um saco foi colocado nele para evitar contaminações entre níveis (ver Figura 3.21A). Como a feição revelou-se demasiadamente grande para o metro quadrado designado, a Unidade II teve seu tamanho ampliado em 50 cm a Oeste formando a quadra N950E999,5. Também nessa unidade houve coleta de sedimento.

Os primeiros 25cm da Unidade tiveram pouca variação. Trata-se de um solo escuro (10YR 3/2) areno-argiloso com pouca compactação e poucos fragmentos de carvão, argila queimada e cerâmica, decorada e não decorada. Um fragmento de vaso de flange mesial do nível 10-20cm foi datado, produzindo uma data de 1350±50 d.C. Apenas no setor Sul da quadra Oeste foi encontrada uma concentração cerâmica significativa. Tratava-se de fragmentos pouco articulados de um mesmo vaso com flange labial, engobo branco e decoração acanalada e recortada. Em laboratório esse vaso foi remontado quase de forma completa, revelando que possuía também 4 furos modelados espalhados de forma quase simétrica (ver Figuras 3.21C e D). Sua desarticulação foi atribuída às

bioturbações dos primeiros 4 níveis que incluem algumas raízes, muitas radículas e movimentações de insetos.

Os 15 cm abaixo caracterizaram-se pela transição entre TPI e latossolo, de forma a tornar-se argilo-arenoso e mais compacto, com o crescimento gradual do mosqueado amarelo e alaranjado (7,5YR 5/6). Os vestígios rarearam. Aos 40 cm a unidade era completamente composta pelo latossolo argiloso de alta compactação (ver Figura 3.19). O próximo nível (40-50cm) foi escavado com ferro de cova. Na base (50 cm) percebeu-se que no setor Sudeste o sedimento voltou a escurecer, apresentando um tom acizentado (10YR4/3). Essa área começou a apresentar fragmentos cerâmicos, demarcando-se a partir de então na feição (F5) encontrada pela tradagem (ver Figura 3.21B).



Figura 3.21: Unidade II - A) A unidade foi escavada em volta da tradagem; B) F5 foi encontrada abaixo da TPI; C) Uma vasilha com furos foi recuperada; D) Na restauração encontramos 4 furos em posições quase simétricas (setas na figura). Fotos A e B: Erêndira Oliveira; fotos C e D: Rafael de Almeida Lopes.

A feição começou a ser delimitada e aos 55cm de profundidade a vasilha de pasta rosa (308.1) furada pela tradagem foi evidenciada. A equipe percebeu que o material estava extremamente friável, assim a feição começou a ser escavada com o uso de pequenas pás de madeira. Os instrumentos permitiram uma escavação mais refinada que teve como objetivo a delimitação dos materiais da feição para fotos e desenhos e a coleta deles de forma segura e controlada. O material cerâmico friável foi então acondicionado em plástico-bolha. O latossolo estéril ao redor da feição foi escavado com ferro de cova para agilizar a escavação por nível.

A feição possui um formato ovalar tendo 57cm de largura, 74cm de comprimento em seu tamanho máximo e 43cm de altura (entre 50 cm e 83 cm de profundidade). Uma parte sua segue no perfil Sul, não escavado, mas parece ser um pequeno setor, evidenciado pela ausência de fragmentos cerâmicos ou de argila vermelha no perfil. É composta por sedimento acinzentado (10YR4/3) compacto e argiloso e uma miríade de materiais como cerâmicas, carvões, trempes, argila queimada, ossos, etc. Essa quantidade de materiais, que inclui materiais orgânicos, levou à hipótese que seriam os vestígios orgânicos os responsáveis pela coloração cinza da feição, provindos de sua decomposição dentro da área do latossolo. A hipótese também é defendida pela desconexão de mais de 10 cm entre a área de TPI e a feição, evidenciada na imagem acima. A presença de material extremamente friável, uma condição não encontrada no resto do material em TPI e o “halo” amarelado do latossolo mais próximo da superfície entre a feição e o latossolo mais avermelhado também fortaleceram a hipótese de que a feição foi escavada das camadas originais não-antropizadas do sítio até o latossolo erosivo, sendo aí depositada intencionalmente. Investigações químicas de composição do solo para comprovar a hipótese, no entanto, ainda não foram realizadas. Por fim, a feição apresenta o que parecem ser duas vasilhas “principais” que estavam fragmentadas, porém completas, com seus fragmentos articulados de formas específicas: a cerâmica com a pasta com coloração rosa (308.1) e uma vasilha antropomorfa com fuligem (315.1).

Os primeiros centímetros da feição foram caracterizados pela presença espalhada de carvões, cerâmicas e argila queimada, havendo uma concentração desta no centro da feição. Até chegar aos 60cm de profundidade a escavação havia revelado também uma variabilidade cerâmica com diversas colorações de pasta, além de pequenos fragmentos de ossos e pequenas bioturbações como buracos de raízes. Um desses fragmentos

cerâmicos teve seu caraiapé datado, produzindo data de 900 ± 60 d. C. (pela BETA Analytics, calibrada em calib.com). Os próximos 10 cm foram abaixados ao redor da feição pra facilitar sua compreensão. A vasilha 308.1 foi, então, completamente evidenciada (ver figura abaixo).



Figura 3.22: F5 na base do nível 50-60 cm. A vasilha 308.1 foi melhor delimitada tomando o centro da feição. A seta vermelha indica o halo amarelo no latossolo avermelhado. I) blocos de argila queimada avermelhada; II) fragmento cerâmico datado em c. 900 d.C. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Ela estava posicionada no centro da feição, com grandes fragmentos espalhados. Os fragmentos da borda encontraram-se a Leste enquanto os próximos da base estavam no setor Oeste da feição. Decorações acanaladas foram encontradas próximo a sua borda. Ao seu redor haviam fragmentos de outras vasilhas (essas incompletas), algumas com características diagnósticas da TPA, e argila queimada num tom avermelhado. Em laboratório pudemos perceber que apenas os fragmentos de sua base não foram encontrados. Na ponta Norte um grande fragmento de outra grande vasilha com fuligem (315.1) foi observado. Após a retirada dos fragmentos independentes e daqueles pertencentes a vasilha 308.1, uma lente com muita argila queimada foi notada. No limite Oeste da feição percebeu-se outro fragmento da vasilha 315.1 que se tornou a outra parte central da feição. Na lente com argila queimada, especialmente acima da vasilha 315.1, o solo ficou mais amarelado e notou-se a presença de mica e de uma grande base de uma

vasilha avermelhada. Nessa profundidade (c.70 cm) houve aumento da quantidade de pequenos ossos, carvões e o que pareceu serem cinzas.

Mais abaixo na feição, a vasilha 315.1 pôde ser melhor delimitada constituindo-se de um vaso em formato de cabaça (denominada neste trabalho de biglobular) orientado no sentido Sul-Norte. A quantidade de argila queimada e trempe aumentou muito nessa profundidade. Ao Sul do vaso, uma concentração de pequenos ossos esponjosos calcinados e manchas de argila branca foram percebidas. Na própria área da vasilha 315.1, abaixo de um grande fragmento de base, foi encontrado um osso retangular com leve curvatura. Abaixo da vasilha (na base do nível 80-90, mostrada na imagem abaixo) percebemos grandes trempes também organizadas no sentido Sul-Norte (ver figura abaixo).



Figura 3.23: F5 base do nível 70-80. No centro, parte da vasilha 318.1 orientada Sul-Norte e acima de grandes trempes. 1) fragmento de osso esponjoso (ver figura 3.22). Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Por questões de tempo, a vasilha 308.1 juntamente às trempes que lhe davam sustentação foram coletadas “em bloco” para escavação em laboratório. A vasilha foi, então, enfaixada de forma a não quebra-la e imobilizada usando plástico-bolha em um engradado. No laboratório, percebeu-se que a vasilha possuía decorações acanaladas e aplicadas na parte superior formando um rosto que estava virado para as trempes que a

sustentavam. Também foi descoberto que essas trempes tinham decorações acanaladas (ver Figura 3.24B).

Após a retirada desse material notou-se a diminuição das dimensões da feição (69cm de comprimento e 52cm de largura na base do nível 70-80cm). Abaixo do material retirado havia mais alguns fragmentos cerâmicos, carvões e um fragmento de osso esponjoso. A feição se afunilou mais até terminar em cerca 84cm de profundidade. Uma tradagem foi aberta até 50cm de profundidade no centro da quadra Leste, mas nenhum fragmento foi encontrado.

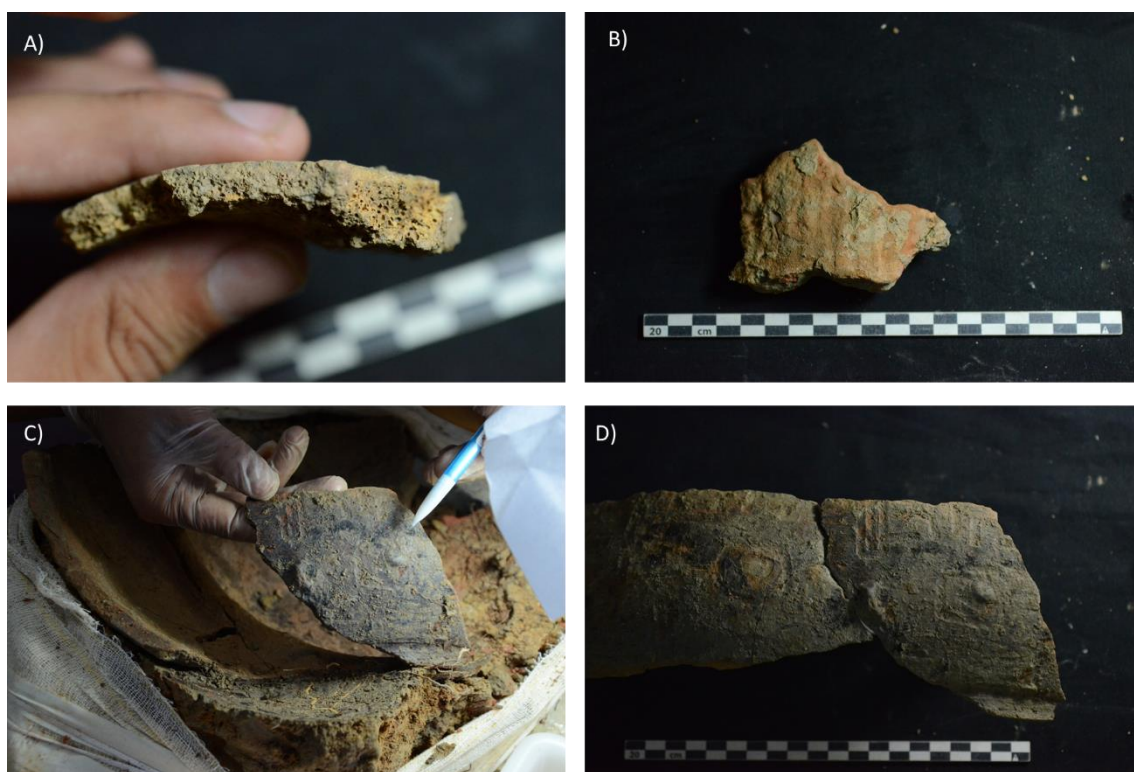


Figura 3.24: Materiais arqueológicos da F5. A) Osso esponjoso encontrado na vasilha 315.1; B) Trempe com acanalados; C) Escavação em laboratório de 318.1; D) Parte superior da vasilha com rosto antropomorfo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

F5 – Interpretando intencionalidades

A feição 5 foi uma das interpretadas como deposição escavada e moldada intencionalmente. Para chegar a essa conclusão houveram diversos indícios. Em especial, nota-se o sequenciamento e articulação dos materiais depositados. Pensando em gestos e tendo em consideração o local e formato da feição podemos gerar hipóteses sobre sua produção.

Considerando sua posição abaixo da TPI e a camada marginal de latossolo amarelo em seus níveis mais profundo é possível interpretar que F5 tenha sido escavado de sua camada original até o latossolo avermelhado. Com essa cavidade de 40cm aberta, o material que a compõe pode ter sido ajeitado posicionado próximo a ela. A vasilha 315.1, por exemplo, parece ter sido acomodada de uma forma específica em trempes e argila queimada. Sua posição (com o rosto antropomorfo pra baixo) e sua orientação (Sul-Norte) se assemelha à de algumas urnas funerárias antropomorfadas encontradas no sítio Tauari, esse também caracterizado por feições cavadas fora da TPI. A quantidade de grandes fragmentos dessa vasilha nos últimos níveis da feição indica que provavelmente foi depositada inteira e se fragmentou com o tempo. A fuligem que cobre essa vasilha parece não ser oriunda de queima na própria área dela. Apesar da grande quantidade de carvão e argila queimada em F5, apenas dois fragmentos cerâmicos além daqueles que formam a vasilha 315.1 apresentaram fuligem ou algum escurecimento. É possível que a queima que gerou essa fuligem e o material associado a ela tenham sido juntados em F5 com materiais (incluindo materiais orgânicos) não associados a essa queima. Suas características e semelhanças com o contexto do sítio Tauary, entre outros contextos da TPA (PY-DANIEL, 2015), permitiu trabalhar com a possibilidade da vasilha 315.1 ser uma urna funerária, tornando F5 um contexto de enterramento. Essa possibilidade será discutida na síntese da Unidade.

Os ossos próximos a vasilha fornecem outro indício complexo. Foram identificados ossos similares ao da foto acima, alguns mais planos, em F5. Eles foram centro de debates durante e após a escavação. Havia indícios como tamanho e curvatura para que se tratasse de um crânio humano e indícios para que se tratasse de resquícios da casca de um quelônio como a preservação e quantidade de ossos e o fato de que alguns ossos eram planos. Se a última estiver certa não se invalida a possibilidade de um contexto funerário³⁷, mas se a primeira estiver correta, a hipótese se confirmaria.

A outra vasilha aparentemente depositada inteira, 308.1 foi colocada acima e junto dela foram encontrados muitos fragmentos cerâmicos. Há um pequeno intervalo entre a vasilha 315.1 e a vasilha 308.1 preenchido principalmente por argila queimada e fragmentos de trempe. Esse material parece predominante por toda a feição, totalizando

³⁷ Raramente vestígios ósseos humanos são encontrados com boas condições de preservação na Amazônia; além disso, são diversos os casos, inclusive em sítios associados a TPA, em que são encontrados ossos de animais em contextos funerários (PY-DANIEL, 2014).

cerca de 18 quilos. A vasilha também parece ter sido colocada de uma forma específica, embora sua posição e orientação não estejam tão claras quanto as da vasilha abaixo. Os fragmentos cerâmicos ao seu redor tinham grandes dimensões, mas estavam incompletos, sugerindo que o material foi depositado já como fragmento. Por fim, uma outra camada, que contaria com o sedimento original e partes de latossolo, seria colocada de forma a selar o contexto, evidenciada pelos 5 cm acima da feição. Esse sedimento então passaria por processos de transformação similares àqueles produtores de TPI, alterando assim sua coloração.

Unidade II – Resumo

A unidade II nos mostrou o que parecem ser dois contextos distintos de formação do registro arqueológico: um formado pelo uso mais recorrente da área, formando TPI, e outro caracterizado por um evento de deposição intencional, possivelmente um evento de enterramento. Os indícios encontrados na escavação permitiram que estes contextos fossem vistos como cronologicamente separados, hipótese que foi confirmada pelas datações – a mais profunda de cerca do século X d.C. e a mais superficial do século XIV d.C. O contexto mais profundo parece ter sido criado antes da produção de TPI no sítio, ou pelo menos antes da produção nessa área do sítio. Sua complexa produção parece apontar para uma prática diferenciada, uma deposição intencional bem organizada e alterada pelas dinâmicas tafonômicas do registro arqueológico. Se a hipótese de se tratar de um contexto funerário for confirmada, essa feição pode fornecer importantes dados para pensar nas práticas funerárias das populações produtoras de cerâmica policroma. Se for refutada, trata-se ainda de um contexto especial de descarte cuja análise pode trazer à luz práticas do passado.

A feição sem contato com a TPI pode nos indicar um momento inicial de ocupação do sítio São João. É possível que o setor onde a feição foi produzida tratava-se então de uma área especializada para deposições escavadas, localizando-se nos fundos do sítio. A progressiva ocupação e reprodução de práticas, algumas dessas produtoras de TPI, produziram um retorno distinto a esse local que, por sua vez, gerou o contexto superficial dos primeiros 40 cm da Unidade. Dessa equação não pode ser tirada a readequação dos assentamentos devido ao contínuo desbarrancamento do sítio.

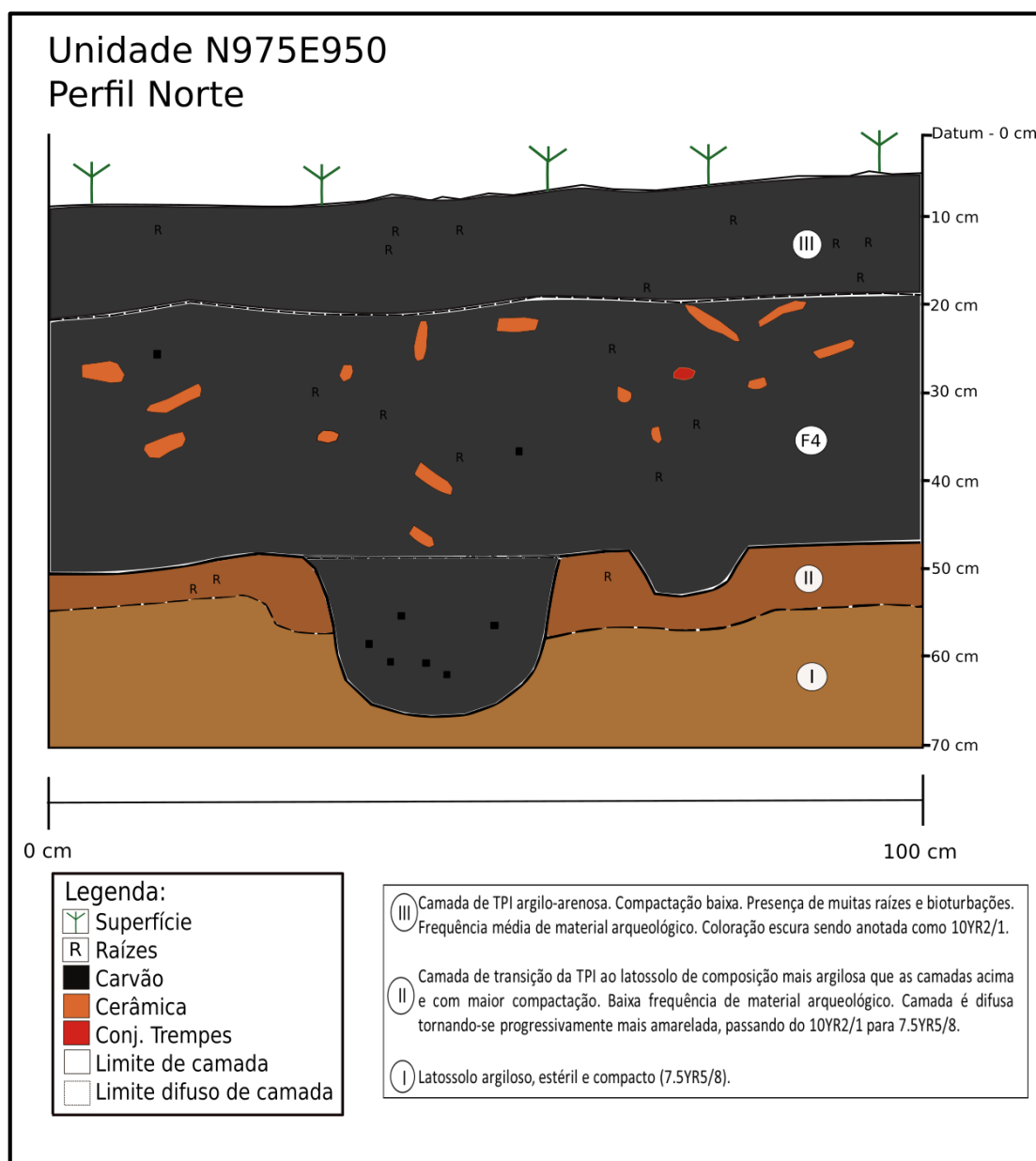


Figura 3.25: Perfil Norte da Unidade III

A última unidade, N975E950, foi aberta por conta da tradagem homônima. Essa se localizava na área mais próxima ao igarapé que já foi explorada na seção “Tradagens”. A intervenção nesse ponto deu um resultado que chamou a atenção da equipe: foi um ponto em que encontramos TPI ininterruptamente durante 1m de profundidade. Para dar conta desse contexto de TPI profunda abrimos a unidade, dessa vez puxando 50cm a Leste do ponto onde foi realizada a tradagem. A área se encontra em meio a um bananal de seu Miguel e apresentou raízes e radículas por toda sua estratigrafia.

Desde sua superfície a unidade III já apresentou um solo argilo-arenoso mais escuro que as outras unidades (10YR2/1), pouca compactação e presença de material cerâmico. A frequência cerâmica aumenta nos próximos níveis e fragmentos de argila queimada e trempe também aparecem. A 15cm percebeu-se uma concentração de calibradores cerâmicos no setor Norte da unidade. Com a escavação essa concentração foi aumentando e calibradores cerâmicos começaram a ser percebidos por todo o nível 10-20cm em uma quantidade significativa. Um calibrador em laterita foi encontrado também no setor Norte (ver Figura 3.25B). Abaixo da concentração de calibradores a Norte foi encontrado o que à primeira vista foi compreendido como a parte inferior de um vaso de flange mesial com a parte superior fragmentada. A escavação até a base do nível 10-20cm revelou que esse vaso de flange estava sendo usado como tampa de um vaso globular posicionado verticalmente, “em pé”. Esse contexto foi considerado como a feição 4 (ver figura abaixo).



Figura 3.26: Base do nível 10-20 cm, com vasilhas da F4. Foto: Márcio Amaral.

F4

A feição definida pelas vasilhas comentadas (PN 416.1 para a vasilha globular e 416.2 para a vasilha com flange mesial) acima e pela ampla presença de calibradores cerâmicos (148 no total cada um possuindo entre 1 e 5 sulcos) tomou todo o metro quadrado da unidade, possuindo 30cm de altura (15-45 cm de profundidade) e 1m² de tamanho escavado. Todo o seu sedimento foi coletado. Este permaneceu igual na coloração, textura e compactação dos níveis anteriores, exceto ao final (40-45), já na área de transição, quando o solo ficou mais compacto e argiloso. Bioturbações como raízes

continuaram a aparecer. Ao redor das vasilhas vários pontos de concentração de calibradores foram identificados, totalizando 129 nos primeiros 15 cm (15-30 cm) (ver Figura 3.28A). Também ao redor da feição foram encontrados fragmentos de trempe, argila queimada, carvões – especialmente nas proximidades da vasilha 416.1 – e fragmentos cerâmicos, estes com grandes ou médias dimensões (maiores que 5 cm).



Figura 3.27: Vasilha 416.1. Foto: Erêndira Oliveira

A 32cm de profundidade no setor Sudoeste, próximo da vasilha 416.1 foi encontrado um pingente zoomorfo em laterita trabalhada com dois orifícios, um deles fragmentado (ver Figura 3.28C). Este é similar a representações cerâmicas do urubu-rei que participam amplamente das iconografias indígenas da Amazônia, sendo mais associada à Tradição Borda Incisa e ao estilo Barrancóide (NORDENSKIOLD, 1930). Nesse nível foram também identificados uma concentração do que pareceu ser fragmentos cerâmicos triturados, a Sudeste da unidade e próximo dessa concentração foi encontrada concreções avermelhadas, interpretadas como possíveis fragmentos de pigmento avermelhado (Figura 3.28D).

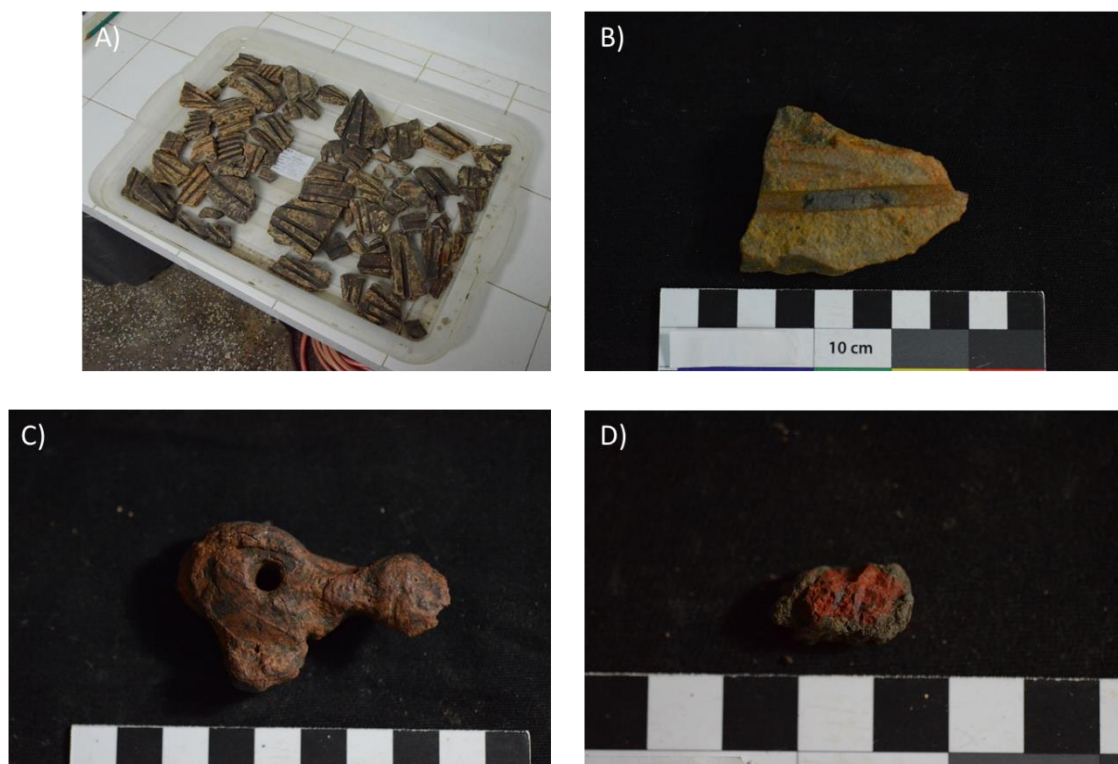


Figura 3.28: Materiais arqueológicos da F4. A) Calibradores cerâmicos do nível 20-30 cm separados em não-decorados (à esquerda) e decorados (à direita); B) Calibrador lítico; C) Pingente zoomorfo; D) Possível pigmento vermelho Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Durante a escavação percebeu-se que a vasilha 416.1 havia sido perturbada pelas raízes presentes na TPI (ver Figura 3.27). Ela havia se mantido no que foi interpretado como sua posição original, mas internamente estava fragmentado. Com esse contexto em mãos o método escolhido foi novamente enfaixar o material e retirá-lo para uma escavação em laboratório na base do nível 30-40cm (ver foto A na Figura 3.29). O uso da gaze, no entanto, não foi a melhor opção permitindo um choque entre as condições originais das vasilhas e as condições exteriores o que resultou em maior fragmentação quando o material foi reaberto (Figura 3.29B).

Em laboratório percebeu-se que a vasilha 416.2 tinha sua base intacta. Ela retirada, a vasilha 416.1 foi escavada sem demonstrar características relevantes no sedimento interno a ela. O que foi descoberto foi um furo na parte central de sua base (ver Figura 3.29C), feito intencionalmente como ocorre em alguns materiais do Médio Solimões. Para tentar entender essa parte aparentemente central de F4, o sedimento interno da vasilha 416.1 foi parcialmente flotado e um fragmento de sua base está recebendo análises de fitólitos.

Abaixo do vaso, outras concentrações de cerâmica, argila queimada e trempe foram encontradas, em especial no setor Sul. Após 5cm (45cm de profundidade), os vestígios diminuem muito e o solo passa a entrar na camada de transição, sendo esse interpretado como o fim da feição.

O sedimento já flotado dessa feição revelou outros aspectos significativos. Além da alta presença de ossos (c. 800 fragmentos) e carvões não lenhosos, muitas lascas e micro-lascas líticas foram encontradas (CASSINO, comunicação pessoal, 2017) (ver Figura 3.29D).



Figura 3.29: Materiais arqueológicos de F4. A) Retirada das vasilhas; B) Contexto encontrado em laboratório; C) furo no centro da vasilha 416.1; D) Lascas líticas encontradas no sedimento flotado.. Foto A: Erêndira Oliveira; fotos B, C e D: Rafael de Almeida Lopes.

F4 – Interpretando intencionalidades

A feição 4 aparenta ser um contexto duplo. Se por um lado ela possui uma vasilha completa em posição vertical com um furo intencional em sua base e um vaso de flange mesial como tampa em seu centro, por outro ela apresenta lascas líticas, um pingente fraturado, fragmentos cerâmicos grandes e amplamente decorados e mais de uma centena de calibradores cerâmicos, entre outros materiais em seu entorno. A presença de material lítico ou associado a esse tipo de produção em grande quantidade levou à ideia de que a unidade estava em área de oficina lítica, em especial de finalização de artefatos que,

segundo Amaral (comunicação pessoal), seriam para produção de ornamentos como contas e pingentes. As tradagens ao redor de N975E950 fortalecem essa hipótese ao possuir vestígios líticos, como comentado na seção “*Tradagens – Resultados*”. À primeira vista, a existência da oficina lítica contrastaria com o caráter da deposição escavada, mas os contextos dividem espaços contíguos. A possibilidade de que sejam momentos separados não foi descartada. Primeiramente haveria a deposição da vasilha 416.1 para depois a área ser reutilizada, acumulando assim lascas, calibradores e objetos líticos e cerâmicos. Outra hipótese também surgiu: a que esses dois contextos estejam relacionados. Outros materiais que compunham a feição, como trempes, abrasadores e o fragmento de pingente, podem inclusive ter participado do momento de deposição intencional de forma similar à realizada no contexto da unidade II e das feições do setor Norte. Produção lítica e deposição escavada complexa de material cerâmico se misturariam sugerindo a possibilidade de aspectos ritualizados da produção lítica, hipótese que foi avaliada pelas frentes de análise do sítio São João.

Ao fim da camada de transição (que expande entre 45 e 60 cm), enquanto o resto da unidade foi tomada pelo latossolo, notou-se na parede Norte da unidade uma área semicircular onde a TPI se mantinha. Era a feição 7.

F7

A feição em sua maior expansão tem 28cm de largura e 8cm de comprimento com 10cm de altura (57-67cm), com solo com as mesmas características da TPI acima. Dentro dessa área encontramos alguns fragmentos cerâmicos, ósseos e de carvões. A feição adentrava o perfil Norte (ver figura abaixo).



Figura 3.30: Feição 7. Foto: Amanda Lelis..

F7 – Interpretando intencionalidades

A feição de pequenas proporções se localizava quase além da unidade, sendo difícil caracterizá-la. Sua relação com F4 também não ficou clara. Sua pequena dimensão e formato indicam a possibilidade de tratar-se de um negativo de esteio.

Após o fim da feição, uma tradagem de 50 cm de profundidade foi aberta no centro da unidade, mas nenhum material arqueológico foi encontrado.

Unidade III – Resumo

A unidade III nos mostrou um contexto distinto daquele esperado. Se na tradagem foi encontrada uma camada de 1m de terra preta, uma variação de 50cm a Leste produziu uma diminuição de quase 50cm na profundidade desta. A diferença foi interpretada como causada por uma feição profunda de TPI como aquela encontrada no perfil do setor Norte que será apresentada abaixo.

Mesmo sem conhecer toda a extensão da área, a unidade III nos forneceu um contexto significativo que pode ser interpretado. A deposição de F4 junto à grande quantidade de material associado à produção lítica permitiu levantar duas hipóteses de

produção do registro arqueológico: a deposição das vasilhas como momento separado da oficina lítica ou a deposição como uma prática integrada à oficina. A própria área de oficina se destaca como uma área de atividade distinta dentro do sítio e dos contextos das outras unidades. Embora a unidade I também tenha produzido material associado à produção lítica, este foi muito inferior ao da unidade III.

A unidade seguiu a estratigrafia encontrada na maior parte do sítio com cerca de 50 cm de TPI, apenas seguindo na área da F7. Esta foi pouco conclusiva quanto ao seu sentido, podendo estar ou não associada a F4. Caso essa hipótese se fortaleça, o contexto de F4 se tornará ainda mais complexo, tendo que ser revisitado em outras etapas de escavação para ampliar suas interpretações.

Escavação do perfil do barranco – feições do setor Norte

Durante um dos percursos de canoa ao longo do barranco do sítio São João foram identificadas manchas escuras mais profundas no barranco do setor Norte. Com a aproximação da equipe estas manchas revelaram ser três feições escavadas e preenchidas com TPI com poucos metros de distância uma da outra. Essas feições pareciam ter sido recém-expostas pelo processo de terras caídas, havendo, por exemplo, material cerâmico desbarrancado e TPI logo à frente de F1. Tal desbarrancamento fortuito pode não ter sido mera sorte. Considerando que a TPI é menos argilosa que o latossolo, as feições escavadas podem produzir pontos mais frágeis de sustentação, privilegiados nos desbarrancamentos. Labadessa (2011, p. 52), ao discutir os causadores das “terras caídas”, adverte que a textura influencia na sensibilidade da área que recebe o impacto, sendo que a alta porosidade, como em contextos de solos heterogêneos, fragiliza mais os solos.

A escavação em perfil mostrou-se uma forma possível de amostragem de uma área que não pudemos escavar, ao mesmo tempo que sua escavação permitiu um registro um pouco mais detalhado de contextos em iminente destruição. Nas duas feições menores (F2 e F3) foram realizadas coletas pontuais de cerâmica, carvão e sedimento para análises comparativas, enquanto a feição maior e aparentemente melhor preservada (F1) recebeu maior atenção. A escolha feita nesse caso foi desarticular os principais componentes da feição realizando coletas controladas com registros fotográficos. Para atingir esses objetivos, três membros da equipe subiram na área do barranco e com auxílio de cordas improvisadas de cipós realizaram a escavação em perfil, ou seja, trabalhando com os eixos

y e z visíveis e aprofundando-se no eixo x. Tal método produziu importantes percepções sobre a formação do registro arqueológico no sítio.



Figura 3.31: Estabelecimento de níveis artificiais para a escavação em perfil. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

F1 – N1196E868

A feição 1 foi medida e foram estabelecidos níveis artificiais de 10cm ao longo dela com a ajuda de uma trena e pregos, no intuito de produzir coletas controladas (ver Figura 3.31). De cada nível foram feitas coletas de sedimento, cerâmica e carvões. A feição se localiza no meio das duas outras, e apresentou uma base plana com 83cm de profundidade e largura entre 120 cm na parte superior e 80 cm na parte inferior. Seu sedimento apresentou coloração enegrecida (10YR3/1) alta compactação e textura argilo-arenosa.

Um grande fragmento de uma vasilha globular com gargalo e engobo branco emborcada (PN 808) imediatamente chamou a atenção da equipe. Na área próxima à feição, como comentado acima, havia fragmentos desbarrancados dessa vasilha e outros que provavelmente pertenciam à própria feição e que foram coletados. Acima da vasilha havia uma camada de fragmentos, em sua maioria dispostos na posição horizontal, entre 10-25cm de profundidade. Muitos desses fragmentos apresentaram ampla decoração

associada à TPA. No setor Sul, no nível 20-30, foi encontrada uma camada de fragmentos cerâmicos aparentemente triturados junto à TPI. No nível 30-40, abaixo dessa estranha camada, havia outra composta de argila queimada (detalhe I na Figura 3.32). Também foram encontrados fragmentos de trempe, vestígios ósseos e líticos. Durante a escavação da vasilha 808, um contexto mais complexo ficou claro. Na boca da vasilha havia um fragmento de base, sendo usado para tampá-la (detalhe II). A vasilha em si estava quebrada no meio, na forma de uma taça, na qual havia um vaso de flange basal (PN 813 - detalhe III) firmado em uma posição com o uso de fragmentos cerâmicos, entre eles a borda de outra vasilha com gargalo. Dentro dessa área o solo estava mais escuro (10YR2/1). Ao redor da vasilha 808 havia uma camada de cerca de 3cm de carvões de grandes dimensões (detalhe IV) e, por fim, um grande fragmento dessa segunda vasilha de gargalo tampava essa parte da feição (detalhe V). Houve grande quantidade de carvões por toda a feição, não havendo, no entanto, cerâmicas com fuligem. Abaixo da vasilha 808 diminuiu muito a frequência cerâmica permanecendo também em pequena quantidade a presença de carvões.

A vasilha 813, com sedimento dentro, estava friável e foi enfaixada com gaze para coleta e escavação em laboratório. Lá seguiu-se a escavação em níveis artificiais da unidade e continuou-se com a coleta de sedimento. Ao final da escavação, percebeu-se que a base da vasilha 813 estava ausente, não sendo encontrada dentro do material coletado.



Figura 3.32: F1. I) Camada de argila queimada abaixo de camada de cerâmica triturada; II) Fragmento de outra vasilha globular; III) Base usada como tampa da vasilha 808; IV) Vasilha 813 acima de fragmentos cerâmicos; V) camada de carvão ao redor da vasilha 808. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

F1 – Interpretando intencionalidades

Na escavação de F1 foi encontrado mais um contexto complexo de deposição escavada. Assim como na F4 não é um contexto totalmente demarcado, mas é um que podemos produzir interpretações. Considerando etapas e gestos na composição da feição, um cenário possível foi montado. A primeira coisa a notar é o detalhe na escavação da feição, que possui uma base reta marcada no latossolo. Ela então é preenchida com TPI, fragmentos cerâmicos, entre outros e uma grande quantidade de carvões. Nesses carvões a vasilha 808 foi depositada com uma “tampa” selada em sua boca. Essa vasilha pode ter se rompido após o evento de deposição formando, com o tempo, suas características. A posição e preservação da friável vasilha 813, no entanto, sugere uma montagem do contexto de forma similar ao que foi encontrado. O mesmo pode ser dito para o fragmento da segunda vasilha de gargalo. A argila queimada e a camada de cerâmicas aparentemente trituradas viriam acima e a Sul da vasilha 808, fazendo uma correlação inusitada com o contexto em F4. Por fim, uma camada de cacos na horizontal selaria de vez o contexto. Tal montagem de um descarte diferenciado, como será debatido no próximo capítulo indica um contexto especial. No presente capítulo, portanto, F1 será interpretada mais pelos seus aspectos relacionais ante outras deposições intencionais encontradas no sítio São João.

F2 – N1200E970

A feição 2, a de menores dimensões, se encontra a 4m a Norte de F1. Ela foi delimitada com 45cm de altura (30-75cm) e com uma largura de 35cm (ver Figura 3.33). Seu sedimento é muito similar ao de F1. Fragmentos de carvão e cerâmica foram coletados de seu perfil, cuja principal característica foi a mancha retangular de TPI com material arqueológico associado, especialmente fragmentos de carvões de grandes dimensões em sua base. Para resumir a seção “Interpretando intencionalidades”, apenas a área escavada destaca uma intencionalidade nessa feição. Essa área poderia representar uma parte de um contexto de deposição já erodido ou poderia ser o vestígio de um esteio. No entanto, não temos dados o suficiente para defender uma das hipóteses.



Figura 3.33: Feição 2. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

F3 – N1191E867

A 4,5m a Sudoeste de F1 encontra-se F3. Suas dimensões são: 45cm de altura e 50cm de largura. Seu sedimento é similar ao de F1 e F2, mas foram encontradas mais raízes nesta. A feição não chamou a atenção por estar profundamente escavada no latossolo, assim como F1 e F2, mas sim pelos fragmentos cerâmicos contidos nela. Trata-se de uma vasilha emborcada (PN 824.1) com uma camada de fragmentos cerâmicos acima. Nesta feição também estabelecemos níveis artificiais. A camada de fragmentos encontrava-se no nível 10-20cm e também apresentou argila queimada e carvões. Nos próximos 20cm foi feita a retirada da vasilha 824.1, já profundamente alterada por conta de raízes e do desbarrancamento. Abaixo dela estavam fragmentos de uma base que possivelmente foram usados como tampa da vasilha. Assim como para F2, pouco pode ser dito quanto às intencionalidades na formação de F3. Destaca-se apenas a similaridade entre esse contexto e F1, possivelmente seguindo o mesmo padrão, porém numa escala menor (ver figura abaixo).



Figura 3.34: Feição 3. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Feições do setor Norte – Resumo

A escavação em perfil no setor Norte, embora improvisada, nos trouxe dados significativos quanto ao sítio São João. Além da amostragem controlada do setor Norte, a presença de contextos de deposição escavada tornou mais complexo nosso entendimento da formação do registro arqueológico do sítio. O papel das feições escavadas nessa formação pôde ser visualizado, assim como formas intencionais de ordenamento. De qualquer forma, ainda não há evidências o suficiente para indicar que essa área do sítio tenha sido usada especialmente para essas deposições. É mais provável que elas estejam por todo o sítio e tenham cumprido papéis diferenciados.

Coletas de superfície

Por fim, coletas de superfície foram realizadas ao redor do sítio São João. Estes tiveram como enfoque a área do barranco, mais especificamente o material desbarrancado. Isso se deu pela baixa visibilidade dos fragmentos em superfície na área do terraço coberto pela capoeira e pela escolha de outros métodos de amostragem nessa área. Os objetivos desenhados para as coletas de superfície foram: amostrar diferentes áreas do sítio, em especial aquelas que não receberiam melhor amostragem (setor Norte

e setor Sul), e coletar materiais em melhor condição de preservação. Essa última escolha teve como base a importância de cerâmicas melhor preservadas para a reconstituição morfológica e decorativa. Raymond (1995) estabelece que o acúmulo de informações morfológicas e decorativas permite o estabelecimento de modos estruturais – a maneira de Saussure – de produção cerâmica reproduzidas pelas artesãs. Embora não possa ser tomado como final, havendo sempre espaço para inovações (ROE, 1995) e reestruturação das estruturas, partes menos fragmentadas de vasilhas podem nos prover modelos para reconstituições, assunto que será aprofundado no próximo capítulo, na seção sobre análise cerâmica.

Estabelecido o porquê amostrar o material desbarrancado, passamos ao como. Para a maioria das coletas de superfície (14 de 19) utilizamos a Estação Total de forma a mapear a localização da coleta dentro do *grid* (como mostrado na Figura 3.35A). A partir de um ponto central estabelecido anteriormente, expandia-se a área da coleta num raio de 50 cm, descartando material muito erodido ou fragmentado e fragmentos menores que 5 cm. O protocolo foi estabelecido tendo em conta a efetividade dos objetivos descritos acima e a possibilidade de mesmo após o desbarrancamento ser possível encontrar material associado ou que remonte (tal como foi observado em F1), carregado juntos às raízes de uma mesma árvore, por exemplo (como no caso da Figura 3.35B). Para as coletas não controladas pela Estação Total, áreas gerais foram definidas (como setor Norte ou área de várzea), sendo marcadas em GPS.

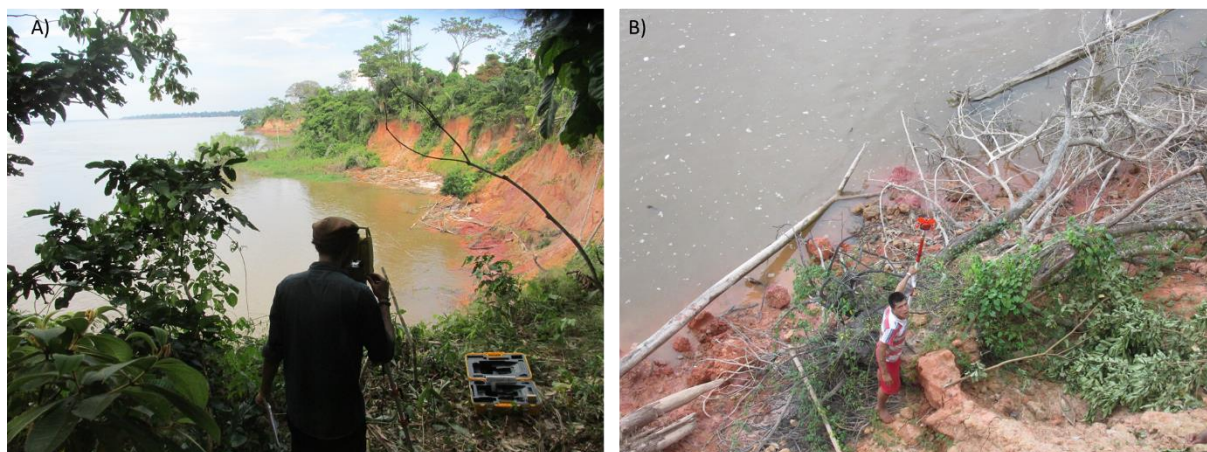


Figura 3.35: Coleta de superfície. A) Posição da Estação Total; B) Coleta em uma árvore recentemente desbarrancada. Foto A: Bruno Montezano; foto B: Rafael de Almeida Lopes.

PN da coleta	Localização
601	N986 E1005 Z -0,20
602	Várzea – c. N1095 E 1035
603	Beira do Barranco – c. N1087 E1030
604	N1034 E1028 Z -12,5
605	N1030 E1028 Z -11,7
606	N1014 E1029 Z -9,7
607	N1001 E1040 Z -11,9
608	N994 E1047 Z -12,9
609	N993 E1039 Z -7,5
610	N961 E1072 Z -8,6
611	N964 E1069 Z -9,6
612	N961 E1067 Z -7,3
613	N964 E1069 Z -10,5
614	Setor Sul – c. N810E1305
615	N1051 E1029 Z -11,0
616	N1045 E1026 Z -11,4
617	N1044 E1024 Z -9,9
618	Beira do Barranco – c. N1087 E1030
619	Setor Norte – c. N1190 E891
620	Várzea – c. N1095 E 1035

Tabela 3.2: Coletas de superfície. Nº de PN e coordenadas.

As coletas de superfície apresentaram materiais amplamente decorados (ver Figura 3.36A), incluindo cerâmicas associadas à TPA e à Tradição Borda Incisa (ver Figura 3.36C), confirmando a presença no sítio São João de material associado a essa tradição. Foi possível perceber, além disso, algumas concentrações cerâmicas causadas pela queda das árvores. Com a queda destas, junto às suas raízes, camadas de TPI e fragmentos cerâmicos se desbarrancam juntos. Tal é o caso também de uma das coletas de superfície realizadas na área do terraço (PN601) (ver Figura 3.36B). Ela foi encontrada devido à queda de uma árvore que expôs 78 fragmentos cerâmicos.



Figura 3.36: Coletas de superfície. A) Coletas ao redor da várzea do igarapé Norte; B) Coleta no terraço; C) Fragmento de cerâmica com características diagnósticas da Tradição Borda Incisa.

Considerações finais – o sítio São João

As intervenções realizadas ao longo do sítio São João englobaram apenas uma diminuta parte de seu universo de análise. Mesmo com notável impacto do sítio (provavelmente na casa das centenas de metros), ainda existem áreas de interesse pouco exploradas e questões em aberto cuja resposta é crucial para o entendimento da formação do registro arqueológico do sítio e a interpretação de seu uso no passado. Algumas respostas poderão ser atingidas nas análises, outras em futuras etapas de escavação, mas uma boa parte delas já foi barranco abaixo junto à progressiva queda da terra. Vicissitudes do registro arqueológico à parte, a amostragem do sítio São João provou-se significativa para a percepção de diversos de seus aspectos e para a investigação dos problemas levantados pela pesquisa.

Suas características inter-sítio serão exploradas brevemente no capítulo 5, dessa forma a conclusão do capítulo se aterá apenas ao contexto intra-sítio. O sítio São João foi delimitado provisoriamente com 18ha de área possuindo um pacote médio de TPI com

50cm de profundidade. Seu espaço no setor central apresentou duas áreas de concentração cerâmica: a primeira, próxima ao barranco, delimita um lugar já fortemente impactado. Partindo do pressuposto reafirmado pelos cronistas dos séculos XVI e XVII (PORRO, 1995; UGARTE, 2009) e por escavações arqueológicas recentes (BASSI, 2016), que as aldeias no Solimões se posicionariam ao longo da margem do rio. Essa área, em que se escavou a unidade I, pode representar vestígios de uma ocupação mais próxima da margem do Solimões. Contextos como o de F6 poderiam representar lixeiras domésticas ainda não desbarrancadas. A unidade I, embora esteja localizada numa das pontas do barranco, encontra-se na intersecção deste e da segunda área de alta incidência de fragmentos, a área próxima do igarapé. Esta, expandindo-se até 30m de distância do curso d'água, parece tratar de outra área de ocupação do sítio. Nesta área, amostrada pela unidade III, encontram-se também pacotes profundos de TPI possivelmente produzidos a partir de deposições escavadas. Pela escavação da unidade III e, em especial, da F4 percebeu-se que essa área poderia ter sido usada, em parte, para produção de artefatos líticos. Por fim, áreas não associadas a concentrações cerâmicas, como a da unidade II, revelaram-se também como áreas de deposições escavadas, essas cronologicamente diferenciadas.

As feições escavadas por todo o sítio, incluindo no setor Norte, revelam características estratigráficas do sítio São João. Pressupõe-se que a camada arqueológica de cerca de 50 cm de TPI seja formada por práticas heterogeneamente acumuladas durante longos períodos de ocupação tal qual foi estabelecido acima. Essas, no entanto, possuem pontos de maior intensidade, como na unidade I e III, e pontos com menor intensidade, como na unidade II. As deposições escavadas, com distintos graus de intencionalidade, produzem uma quebra não menos recorrente nessa produção, alternando contextos mais profundos e contextos mais rasos. Tendo em vista, novamente, as alterações pelas quais o sítio São João passou, possivelmente perdendo centenas de metros para o rio Solimões, pode-se imaginar que tal produção de deposições escavadas fizesse parte da área limítrofe do sítio. Embora seja factível, outra hipótese pode ser formulada tendo como base o registro arqueológico do sítio Conjunto Vilas. Como já foi explicado, este era formado por feições que se entrecortam. Se a área que encontramos atualmente for periférica no sítio São João, ou seja, recebesse menor número de atividades ao longo do tempo, ela poderia preservar-se da intrusão de suas feições por outras. Assim, o contexto mais profundo de feições que se entrecortam poderia ter se desenvolvido apenas nas áreas mais

próximas aos barrancos (nesse caso F8 seria um indício desse processo). A área atual teria tal contexto em menor escala daquele do sítio Conjunto Vilas. Por fim, parece mais provável, pela grande presença de TPI e cerâmica, que todo o registro arqueológico do sítio São João tenha se formado pela dicotomia entre práticas produtoras de TPI e práticas produtoras de feições escavadas. Tal contexto tem similaridades contundentes com aquele identificado por Gomes (2016) para os sítios Cacoal e São Miguel do Cacau apresentados no capítulo 2 e associados a ocupações unicomponenciais de produtores de cerâmica associada à Tradição Borda Incisa.

Ainda sobre as feições escavadas, aquelas que identificamos claramente como deposições intencionalmente escavadas (F1, F4 e F5) mostraram uma complexidade significativa. Apesar de dependermos das análises para fortalecer nossas interpretações, os aspectos identificados durante escavação das feições já podem ser comparados. Tal comparação permite a aproximação entre as produções dessas deposições (ver tabela abaixo).

Feição	F1	F4	F5
Presença de cerâmica da TPA	Sim	Sim	Sim
Escavação do latossolo	Sim	Não	Sim
Base com furos ou ausente	Sim	Sim	Sim
Argila queimada	Sim	Sim	Sim
Ossos	Sim	Sim	Sim (esponjosos)
Vaso antropomorfo	Não	Não	Sim
Vaso de flange mesial	Sim	Sim	Não
Abrasadores cerâmicos por toda a feição	Não	Sim	Não
TPI	Sim	Sim	Não
Uso de “tampas”	Sim	Sim	Possível

Tabela 3.3: Comparação entre deposições intencionais.

Uma inspeção superficial das deposições revela similaridades entre elas. Presumindo que F5 indique o contexto inicial de ocupação do sítio e que as outras feições em TPI sejam mais recentes, suas similaridades podem indicar uma continuidade cultural

na ocupação do sítio. Em contraposição, as diferenças podem sugerir transformações culturais na forma de produzir deposições ou funções distintas para essas. Por fim, sua composição complexa quanto a ordenamento e orientação e quanto ao leque de materiais incluídos pode indicar práticas especiais como festins ou rituais. Tais hipóteses serão perseguidas com maior profundidade no próximo capítulo.

Passando ao material cerâmico e ao ponto final do capítulo, foi possível perceber a presença de materiais de diferentes formas, tamanhos e graus de preservação, com uma variabilidade já notada como extensa. Embora, em sua maioria, o material tenha sido associado à TPA, encontramos também, em pequena quantidade, material associado a TBI. Tal variabilidade é o tema do próximo capítulo.

Capítulo 4

Fragmentos do sítio São João: métodos e materiais da análise cerâmica e sua interpretação

“Tienen en las barracas donde moran muy buen barro para todo género de basijas, y aprouechándose del, fabrican grandes ollerías, en que labran tinajas, ollas, hornos en que cuezen sus harinas. Cazuelas, jarros, librillos y hasta sartenes bien formadas, teniendo todo esto preuenido para trato común con las demas Naciones, que obligadas de la necesidad que destos géneros pasan en sus tierras, vienen á hazer grandes cargazones de ellos, recibiendo por paga las cosas de que ellos necesitan.”

(Cristóbal Acuña sobre a cerâmica dos Curuziraris. ACUÑA, 1891 [1641], p. 130)

O capítulo 4 tratará de abordar as hipóteses e o escopo teórico construídos ao longo das páginas acima e tentar entrever como elas se comportam num estudo de caso, o sítio São João. Se o registro arqueológico foi o centro do último capítulo, agora passamos à outra categoria de análise desta dissertação: o material cerâmico. Como comentado no último capítulo isso não se dará de forma separada. O material será analisado em seu contexto e as informações do registro serão importantes tanto para responder hipóteses levantadas em campo quanto para formar conjuntos significativos de análise. Tal como no capítulo III a organização de sua estrutura está pautada na apresentação de métodos seguidos da forma como eles foram operacionalizados na análise da coleção cerâmica do sítio São João, para então apresentar seus resultados e, por fim, a interpretação destes. Desta vez, entretanto, para manter a unicidade dos resultados de análises, métodos e materiais se concentrarão em blocos melhor definidos. Para seguir, algumas palavras gerais sobre as diretrizes metodológicas fazem-se necessárias para entender a lógica de funcionamento da minha análise cerâmica. Diversos pressupostos das análises cerâmicas já foram apresentados no capítulo 1, mas aqui trabalharei como eles se formalizam em corpos metodológicos.

A análise cerâmica do presente trabalho, como já comentada, surge de um arcabouço teórico fundado na mistura de premissas tradicionais presentes na arqueologia amazônica, em especial, da análise serial de Meggers e Evans (1985) e modal de Lathrap (1970). Os membros do PAC produziram, no entanto, uma subtração da hierarquização entre atributos nessas análises, ao invés disso aproximando-as de outras grandes referências da análise cerâmica como os trabalhos de Sheppard (1956) e Rice (2015 [1987]). Tal método, encarnado em sua forma mais definida na tese de Lima (2008) foi a base para as análises realizadas pelo PAC. Uma variante de tal método se forma dentro do âmbito do PAC na pesquisa de Juliana Machado (2005; 2007), uma variação que se calca mais nos preceitos de tecnologia de Schiffer & Skibo (1992; 1997) já comentados, e menos no esforço classificatório amplo de Lima. Belletti (2015) segue o caminho de Machado com um enfoque nos aspectos tecnológicos das vasilhas e nas escolhas por trás deles. É na continuação dessa vertente que meu trabalho se localiza.

Minha análise cerâmica, para resumir em algumas frases, busca identificar escolhas tecnológicas presentes na confecção das vasilhas cerâmicas e a partir delas interpretar suas possíveis performances, ou seja, seus usos e reusos intencionados. O acúmulo de escolhas e performances priorizadas forma o que é chamado de estilo tecnológico, categoria do arqueólogo que busca englobar esquemas mentais particulares da produção cerâmica (SCHIFFER & SKIBO, 1992; 1997; DIAS & SILVA, 2001; MACHADO, 2007; BELLETTI, 2015). Esses conceitos já apresentados no capítulo 1 se traduzem na prática em fichas de análise que tratam de esmiuçar cinco momentos da produção cerâmica: escolha da argila e de seus aditivos; estruturação da vasilha em uma forma específica; queima(s); acabamento da peça; e, por fim, sua vida social (ou o uso/descarte/reuso da vasilha) (ver anexo IV). Todos esses momentos são permeados por escolhas tecnológicas que são, como já foi discutido, ajustadas pela estrutura social ao mesmo tempo que as ajustam.

Na presente pesquisa, adapto os pressupostos e fichas usadas por Belletti (2015), para identificar escolhas tecnológicas realizadas no material do sítio São João e interpretar alguns de seus possíveis significados tendo em vista a história de longa duração dos produtores de TPA no Médio Solimões. Intento, além disso, acrescentar um componente contextual a tais análises, visto as possibilidades interpretativas oferecidas pelo sítio São João e já apresentadas no capítulo 3. Outra particularidade do contexto foi a importância

maior dada as análises de acabamento, escolhidas por serem o eixo mais significativo de identificação dos conjuntos. Os procedimentos de curadoria e análise usados são quase todos os mesmos utilizados pelo PAC, com algumas adições ou transformações.

Métodos de curadoria e análise cerâmica aplicadas ao material do sítio São João

Os materiais cerâmicos do sítio São João foi levado, após as escavações, ao laboratório de arqueologia do IDSM, onde foram curados e analisados e agora se encontram armazenados em sua reserva técnica.

Higienização

O processo de higienização do material cerâmico é o primeiro dos procedimentos de curadoria e consiste na transformação do material escavado em material passível de análise, ao retirar o excesso de sedimento incrustado nos fragmentos. A higienização do material cerâmico e lítico do sítio São João seguiu um protocolo³⁸ estabelecido após a escavação³⁹, cujas técnicas se adaptaram de acordo com o material em mãos. A lógica orientadora do método foi retirar uma quantidade apropriada de sedimento para preservar ao máximo a policromia, já esperada, do material. No entanto, focar-se numa higienização muito detalhada não foi uma escolha metodológica tomada, em vista do tempo limitado para a realização dos processos e do relativo pouco de higienização necessário para a realização das análises propostas. Ao não escolher “limpar” as peças, pudemos prepará-las em tempo para as análises sem perder o potencial informativo de seus fragmentos.

O processo foi realizado da seguinte forma: os membros da equipe esborrifaram água sobre a superfície da cerâmica, usando um pulverizador de água (do tipo spray), para então remover, com a utilização de palitos de madeira, eventuais pequenas concreções de sedimento. Então, pincéis úmidos foram passados delicadamente na superfície, afim de verificar presença de pintura, engobo ou outros atributos cerâmicos de frágil preservação. Se tal se confirmava, a higienização continuava com passadas suaves de pincel quase seco na superfície; se a ausência era constatada empregava-se uma higienização mais expedita,

³⁸ Criado com ajuda considerável de Silvia Cunha Lima ao qual aqui novamente se agradece.

³⁹ O que pode ser considerado um equívoco, devido ao fato que tal protocolo deve estar integrado ao *design* do projeto e da escavação para melhor dar conta da relação entre material escavado e material curado e analisado (CUNHA LIMA, 2016)

atentando-se apenas as quebras em vista de não deformá-las, atrapalhando possíveis remontagens. Se, ao contrário, a pintura, engobo ou outros atributos mostrassem-se demasiados frágeis, complexos ou completamente preservados, o fragmento era separado para ser melhor higienizado com o uso de palitos de madeira, bisturi e algodão umedecido. Fragmentos com pouco potencial informativo como trempes e fragmentos menores de 2cm² foram higienizados de forma expedita. Os fragmentos higienizados foram então deixados em cima de papel-toalha para secar por cerca de um dia e meio. Em cada PN houveram de 1 a 5 fragmentos não lavados (de acordo com o tamanho do PN). Tal procedimento foi realizado pensando na utilização de técnicas de microanálise de materiais cerâmicos, como análises arqueométricas ou de fitólitos. Essas últimas, por exemplo, utilizam o sedimento acoplado à cerâmica em suas análises de forma a identificar e comparar vestígios (WATLING, comunicação pessoal). As análises de fitólitos foram realizadas em material cerâmico não lavado do sítio São João por Jennifer Watling. Outros procedimentos especiais foram realizados dependendo do tipo de fragmento. O interior dos sulcos encontrados em calibradores cerâmicos foi mantido, por exemplo, para melhor identificação de traços mineralógicos deixados pelo material lítico por eles calibrado.

Os processos de higienização utilizados permitiram uma melhor preservação de atributos de finalização das peças e de marcas de uso. Eles proveram boa identificação de material pintado, às vezes com motivos inteiros completos, que se complementaram à preservação notável do material do sítio, percebida já na escavação. A preservação atingida na higienização dependeu menos de procedimentos mais custosos em tempo ou demasiadamente delicados ou complicados, e mais de uma combinação específica de métodos servindo a um propósito definido criticamente.

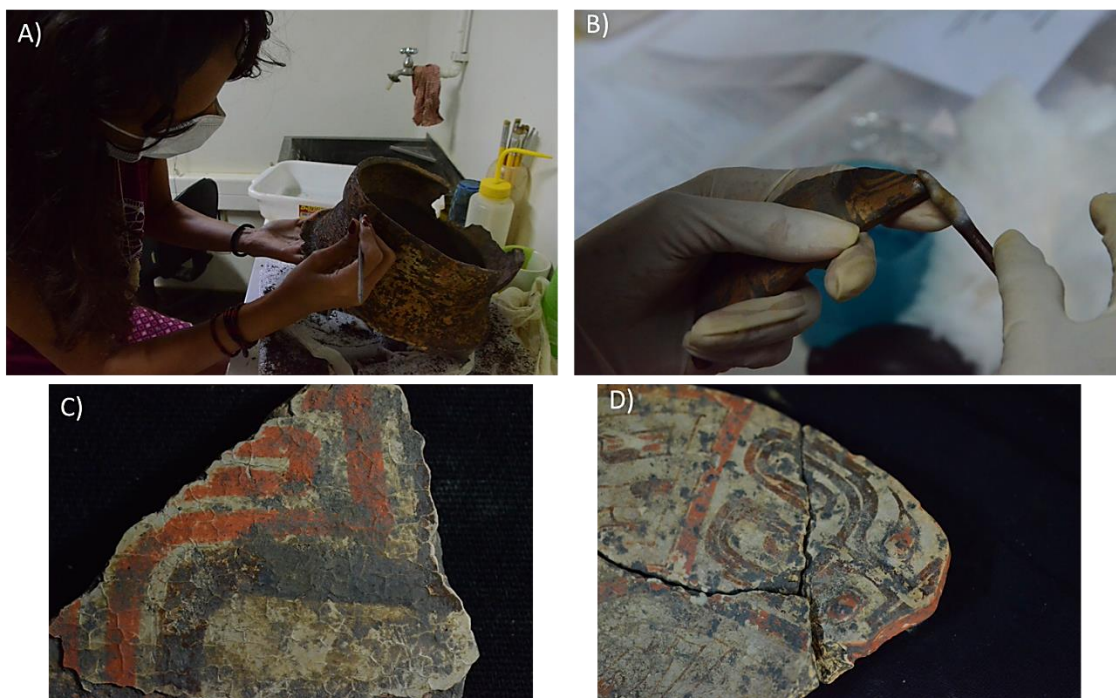


Figura 4.1: Procedimentos de higienização do sítio São João. A) Higienização com palitos de madeira; B) Higienização com algodão umedecido; C) Fragmento com preservação de acabamento; e D) Vasilha com preservação completa de motivo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Triagem, quantificação e pesagem

O processo de triagem caracteriza-se na separação do material higienizado em categorias a partir de dois eixos organizadores orientados especialmente pela capacidade informativa de cada fragmento: 1) parte da vasilha ao qual o fragmento pertencia e 2) presença ou não de acabamentos com efeito visual.

No primeiro eixo temos 8 categorias hierarquizadas de maior para menor potencial informativo (ver figura abaixo para conferir exemplos), com uma categoria extra pertencendo aos materiais líticos que comumente só são identificados como tal após a higienização. As categorias são: bordas, flanges mesiais, paredes, bases, apliques⁴⁰, calibradores, trempes/bolotas⁴¹ e fragmentos menores que 2cm². Esses últimos recebem tratamento diferenciado por proverem pouco potencial informativo, sendo apenas higienizados, quantificados e pesados. Bordas com acabamento, por outro lado, se

⁴⁰ Considerados como fragmentos cerâmicos moldados separadamente e aplicados à vasilha antes da queima.

⁴¹ Essa categoria conforma dois extremos de um espectro caracterizado pela queima de argila possivelmente atrelada ao manejo do fogo. De um lado, há fragmentos de trempes que são objetos cerâmicos estruturados, porém pouco trabalhados, para apoiar vasilhas que vão ao fogo e, do outro, encontramos bolotas de argila, as vezes alvos de transformações físico-químicas do próprio solo ou usadas para controle e estabilidade térmica de fogueiras (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p. 579).

encontram no topo da cadeia informativa ao proverem dados para os três alicerces de análise: morfologia, pasta e acabamento. Descendo a escada, trempes/bolotas são apenas contabilizadas por não possuírem características pertinentes as análises que escolhi realizar. Houveram algumas exceções a essa separação no caso do São João, onde, como já foi comentado, foram encontradas trempes decoradas (ver tabela 4.1). Por fim, devido ao tempo limitado de análise um recorte foi realizado de acordo com os locais de proveniência dos materiais (ver tabela 4.2). Materiais escavados de forma menos sistemática, como foram as feições do barranco, não foram pesados, pois a densidade de material não seria quantificada adequadamente.

O segundo eixo de análise orientou-se na presença não só das chamadas decorações, mas de toda forma de tratamento de superfície, cujo resultado é imprimir uma transformação visual dessa mesma superfície. Mesmo produzindo esse efeito visual, é importante notar que os tratamentos de superfície não possuem apenas importância estética, mas junto a ela desempenham a função de melhor unir os roletes de argila que constituem estruturalmente as vasilhas (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016). As técnicas produtoras de transformações variam de pinturas e incisões; à aplicação de camadas de engobo branco; às pequenas e ritmadas incisões escovadas e a aplicação de banhos na superfície das vasilhas, reforçando a coloração da pasta. Tal escolha metodológica intentou abranger variações tecno-estilísticas de forma a priorizar efeitos visuais realizados com as mais distintas técnicas que, por si, aumentam o espectro de escolhas tecnológicas que podem ser identificadas. Para resumir em uma analogia talvez pouco sofisticada, o estudo da tela e da moldura de um quadro pode, às vezes, revelar significados tão relevantes quanto a análise das técnicas pelas quais ele foi pintado e do conteúdo representado.

Os procedimentos de quantificação e pesagem, integrais ao processo de triagem de material, definem a densidade de material por categoria, mas também por PN e por nível, sendo uma ótima ferramenta para comparar unidades diferentes ou contextos diferentes de uma mesma unidade.

Seção da vasilha	Análises realizadas
Bordas	Quantificação, morfologia (com projeção de forma), pasta, acabamento (quando ocorreu)
Flanges Mesiais	Quantificação, morfologia (sem projeção de forma), pasta, acabamento (quando ocorreu)
Paredes	Apenas quantificação e registro fotográfico de peças com acabamento consideradas relevantes
Bases	Quantificação, morfologia (sem projeção de forma), pasta, acabamento (quando ocorreu)
Apliques	Quantificação, pasta e acabamento (quando ocorreu)
Calibradores cerâmicos	Quantificação, registro fotográfico e análise pontual da pasta (análises mais complexas serão realizadas junto à análise lítica)
Trempe/bolotas	Quantificação e análise de acabamento (quando ocorreu)
Fragmentos menores de 2cm ²	Quantificação
Líticos	Quantificação e separação para análises líticas

Tabela 4.1: Divisão de tipo análise realizada por seção da vasilha.

Proveniência do material	Análises realizadas
Unidades	Quantificação, morfologia (com projeção de forma), de pasta, de acabamento (quando ocorreu)
Feições do barranco	Morfologia (com projeção de forma), de pasta e de acabamento (quando ocorreu)
Tradagens	Quantificação, morfologia (com projeção de forma), pasta e acabamento (quando ocorreu)
Coletas de superfície	Morfologia (com projeção de forma), e acabamento (quando ocorreu)

Tabela 4.2: Divisão de tipo de análise realizada por proveniência do material.

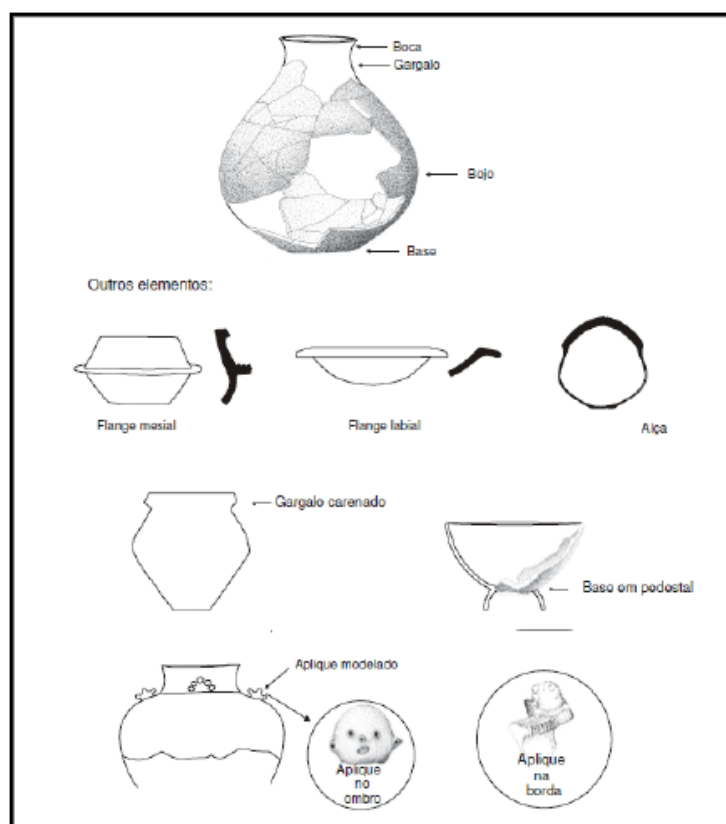


Figura 4.2: Modelo indicando possibilidades morfológicas dos fragmentos. Prancha elaborada por Helena Lima e Claide Moraes e extraída de Tamanaha (2012)

Numeração e fotografia

Passando ao final do processo de curadoria do material cerâmico temos os procedimentos de numeração e fotografia. A numeração consiste em identificar materiais analisáveis com um registro próprio, à espécie de um RG cerâmico, essencial para sua tabulação nas fichas de análise e para discussão de material em específico, como já foi feito com diversos materiais no capítulo 3. Para produzir a identificação, é passado uma camada de base em uma superfície do fragmento onde se encontram a menor quantidade de atributos de acabamento, cuja visualização pode ser comprometida pela numeração. Após a secagem da base, tinta de tipo nanquim na ponta de uma pena metálica é aplicada à camada com o número do PN ao qual o fragmento pertence, seguido de um número sequencial cuja ordem se estabelece na hierarquia da seção da vasilha comentada acima. Por fim, quando a tinta do nanquim também secou, uma nova camada de base é adicionada sobre a marcação, de forma a sela-la.

O registro fotográfico, importantíssimo componente da documentação de laboratório, incidiu sobre as peças consideradas relevantes, seja por razões formais ou por características de seus acabamentos. Outro quesito pensado foi a preservação das peças: fragmentos com decorações mais frágeis foram privilegiados nas fotografias.

Análise morfológica e projeção de bordas

A análise morfológica tem como objetivo investigar a conformação original das vasilhas em diversos aspectos. Em termos gerais, trata-se de identificar traços marcados na estruturação da vasilha como técnicas de estruturação e formas de produção de seus lábios ou bases. Tamanhos e formatos também são explorados a partir da projeção de sua forma e pela circunferência dos fragmentos. Segue-se para a análise à visão estrutural da vasilha pensando em elementos de sua composição e como eles se recombinaem (BOLIAN, 1975; RAYMOND, 1995; BELLETTI, 2015). Para a projeção o fragmento ideal é a borda, pois é o único que pode indicar uma possibilidade de forma completa da vasilha. A borda então é medida utilizando um ábaco que indica seu diâmetro e a porcentagem da vasilha representada pelo fragmento. A partir das informações de diâmetro e curvatura dos fragmentos são feitas a projeções de borda e com estas podem ser definidos os conjuntos morfológicos (ver figura 4.3 e 4.4) – ao perceber escolhas

repetidas (padrões) nas formas produzidas – e os possíveis volumes das vasilhas fragmentadas. No sítio São João apenas bordas com 5% ou mais de sua circunferência original foram projetadas, visando assim reconstituições mais seguras. Com essas informações, dados como função e uso das vasilhas podem ser construídos. Os volumes foram estimados a partir de medições de altura e raio das vasilhas projetadas e foram classificados como pequenos (entre 0,1 e 1L), médios (entre 1L e 5L), grandes (entre 5 e 10L) e muito grandes (acima de 10L).

Outra análise realizada junto à morfológica que auxilia no entendimento dos possíveis usos da vasilha – parte do que Skibo (2013) chama de história de vida do artefato – é a análise das marcas de uso. As marcas estão associadas a processos pós-finalização da peça, incluindo aqui, os processos pós-deposicionais decorrentes de dinâmicas tafonômicas. Os principais indícios encontrados para esses processos são: a presença de fuligem, que pode indicar carbonização da peça durante seu uso ou após sua quebra; e a presença de desgastes de diversos tipos como de atritos ou até mesmo de processos de fermentação (SKIBO, 2013).

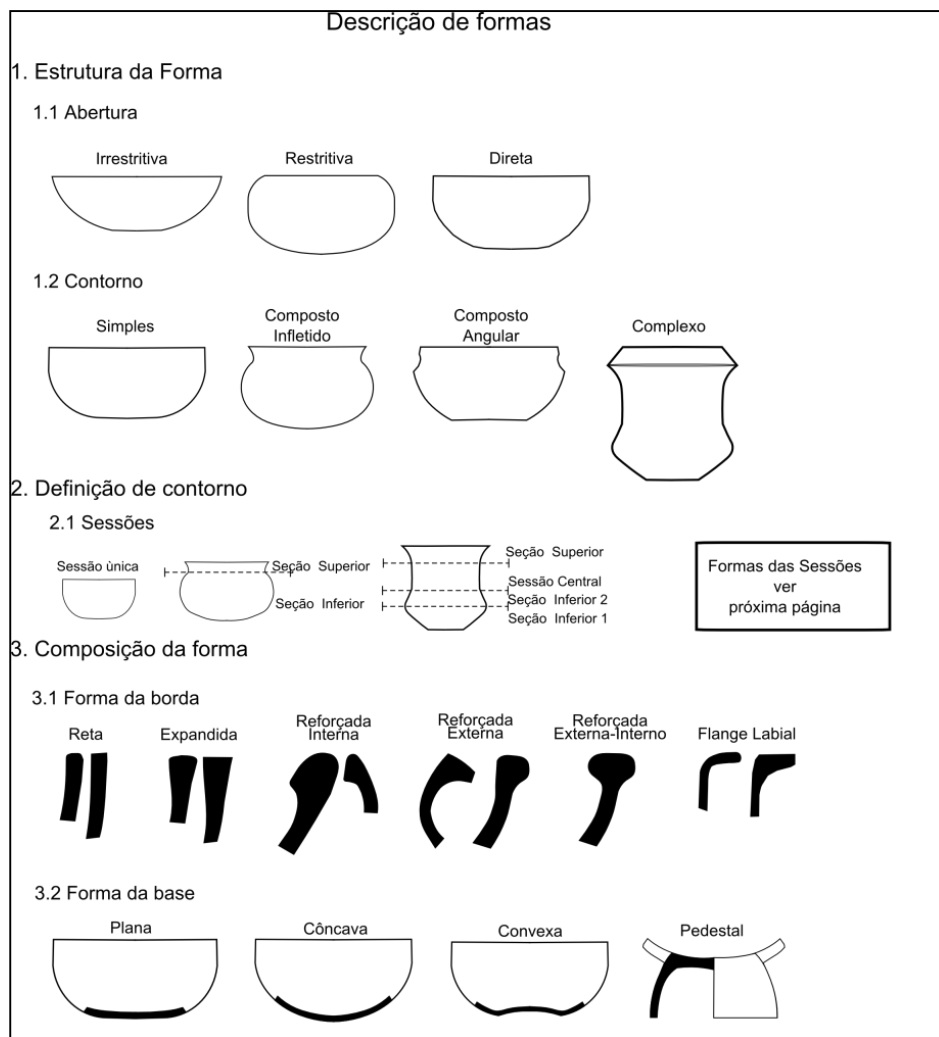


Figura 4.3: Parâmetro para a definição das formas (BELLETTI, 2015).

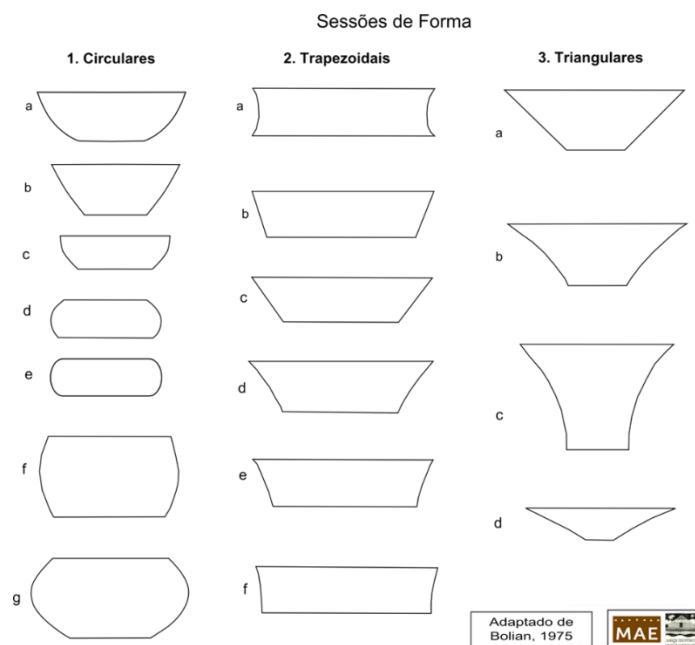


Figura 4.4: Parâmetro para a definição das formas (adaptado de BELLETTI, 2015).

Análise da pasta

A análise de pasta consiste na observação de atributos relacionados às escolhas ocorridas durante o processo de confecção da vasilha, como escolha da fonte de argila e sua queima; e que também se relacionam às performances pretendidas para as vasilhas. Os índices da análise de pasta são: coloração da peça, sua espessura, as cores de seu núcleo e também uso e concentração de antiplástico presentes nela. O primeiro índice é avaliado a partir de categorias estabelecidas com o auxílio de uma tabela Munsell; o segundo é avaliado usando um paquímetro; para o terceiro índice uma avaliação visual dentro de categorias estabelecidas (presentes em CORREA, 2009 e BELLETTI, 2015; ver figura abaixo) é realizada; finalmente, os dois últimos quesitos são analisados através do uso de um microscópio.

A coloração das pastas indica escolhas referentes ao uso e queima da argila, podendo ser intencionais, casuais, ou decorrentes de processos pós-deposicionais (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p. 558). Espessura da peça e cor do núcleo, além de informar sobre contextos de queima, podem fornecer dados sobre a importância concedida às capacidades térmicas e/ou mecânicas da vasilha (CHILTON, 1999). Sobre os contextos de queima é importante notar que a presença de núcleos claros indica o que é conhecido como queima completa ou oxidante, i.e., uma queima onde houve entrada suficiente de oxigênio para o fogo decompor os componentes carbônicos da pasta e oxidar os compostos ferrosos. Já os núcleos escuros são indícios de queima incompleta ou redutora, na qual a ausência de oxigênio impede a queima total dos componentes, deixando uma coloração acinzentada na pasta. As colorações intermediárias dos núcleos resultantes desse processo indicam combinações desses contextos (CUNHA LIMA, 2010; BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p. 565). Os antiplásticos e suas concentrações (ver figura abaixo) são também importantes para a percepção de ambientes e escolhas na queima. Embora tenham sido caracterizados primariamente como indícios de filiação cultural (MEGGERS, 1961), os antiplásticos são hoje compreendidos mais por suas características transformadoras da argila (RICE, 2015 [1987]; SCHIFFER & SKIBO, 1997; BELLETTI, 2015; MORAES & NOGUEIRA, 2016). Tais características, adicionadas às outras citadas acima, permitem compreender performances de vasilhas. A adição do cauxi, por exemplo, contribui para uma queima

mais homogênea e aumenta a resistência física e térmica das vasilhas (MACHADO, 2006).

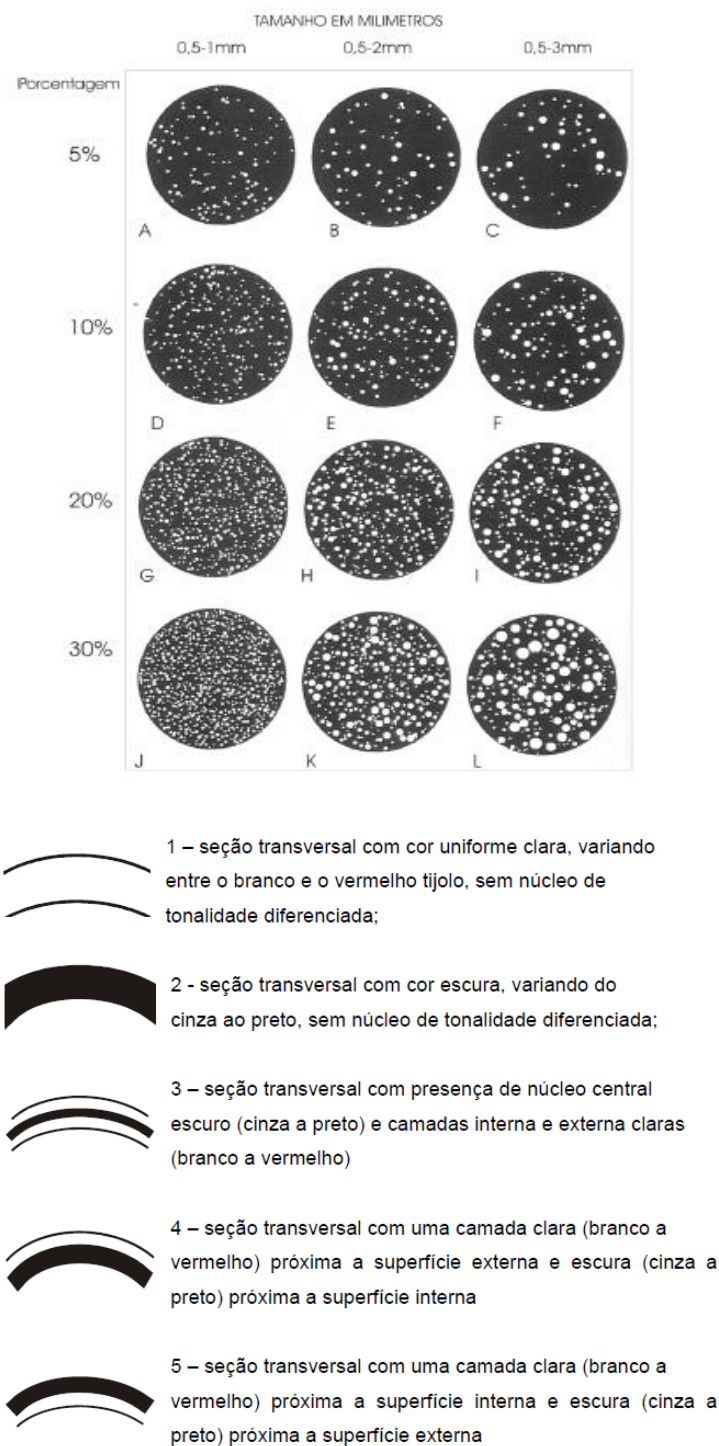


Figura 4.5: Suportes para a análise de pasta. Acima: diagrama das concentrações de antiplástico retirado de Orton, Tyers, e Vince, A. (1997). Abaixo: esquematização das colorações de núcleo retiradas de Corrêa (2009). Retirado de Belletti (2015)

Análise de acabamentos

As análises de acabamento, como já foi comentado acima, englobam a identificação de tratamentos de superfície e das técnicas decorativas e motivos realizados acima deles. Para ter uma ideia mais acurada das performances visuais envolvidas na utilização das técnicas de acabamento, as análises do presente trabalho circunscreveram os locais onde tais acabamentos se encontram, sejam eles externos, internos ou pertencentes a setores intermediários da vasilha como lábios, flanges labiais ou flanges mesiais. Como coloca Belletti (2015) o local da decoração, assim como seu tamanho e as técnicas usadas em sua manufatura podem revelar performances específicas (conferir também ALMEIDA, 2013). Como também indicou Oliveira (2016a; 2016b) o local de posicionamento de motivos é fator integral de sua iconografia e está associado a seus aspectos comunicativos.

A análise, portanto, primeiramente identificou tratamentos de superfície, seus locais e suas cores quando presentes (ex. engobo branco ou vermelho; banho alaranjado ou amarronzado). Sobre esses tratamentos, ou diretamente sobre a pasta, foram então identificadas técnicas plásticas (como inciso, acanalado e ungulado) ou pinturas definidas por suas cores (como vermelho e marrom, ocorrendo também o uso de mais uma cor numa mesma peça). Dentro dessas técnicas, motivos foram identificados sendo divididos entre simples e complexos. Essa divisão que já utilizei em outro trabalho (LOPES, 2015) seguiu o caráter exploratório da análise de acabamentos, facilitando a discussão dos resultados e definindo possibilidades de análise a partir da conservação dos motivos completos⁴². Em termos gerais, os motivos simples – em muitos casos delimitadores dos motivos complexos e de seus campos decorativos – são compostos de formas simples como linhas retas (únicas ou múltiplas, na horizontal, vertical e transversal), curvas e figuras geométricas pequenas. Os motivos complexos, por outro lado, apresentam desenhos mais imbricados, sendo notada a presença de múltiplas técnicas, cores e/ou traços realizados pela artesã. Por fim, observações foram feitas quanto a características sobressalentes de materiais como presença de engobo craquelado ou pulverulento. Com a análise desses fatores foi possível entender melhor as escolhas realizadas sobre o que representar e como fazê-lo.

⁴² Para trabalhos iconográficos de maior fôlego, ou seja, onde as representações são vistas de formas holísticas, tal diferenciação não representa uma escolha metodológica fértil (ver OLIVEIRA, 2016b).

Nas análises de acabamento ocorre também a classificação do fragmento de acordo com as fases conhecidas para o Médio Solimões que representam, irregularmente, estilos tecnológicos da região. A classificação em fases numa região que já subverteu de algumas maneiras esses conceitos é, sem dúvida, problemática, inclusive pelo fato de haver evidências de séculos de fluxos estilísticos. No entanto, uma abordagem crítica dessa classificação pode auxiliar a equalizar esse descompasso entre categorias e artefatos.

A chave para a abordagem escolhida é o conceito de estilo emblemático como discutido por Wiessner (1990). Para Wiessner, a categoria de estilo emblemático é definida por características distintivas presentes em uma produção artefactual; em aspectos estéticos ou do design que possibilitam que esse se distinga de outros estilos, ou seja, marcando sua identidade ao diferenciar-se do outro. A categoria possui o desdobramento do estilo assertivo, que se define por características que o indivíduo adiciona como espécie de marca pessoal. Para a presente pesquisa os atributos característicos usados para classificar fases no Médio Solimões foram pensados como elementos emblemáticos, ou seja, que ajudam a produzir os signos emblemáticos do estilo tecnológico chamado de fase Tefé. Esse enquadramento das classificações ajuda a compreender, por exemplo, as diferenças e semelhanças entre a fase Tefé e Caiambé tratando-as como parte de uma tensão entre separação e identificação de um lado e aproximação e integração do outro. Os fluxos tecnológicos se encontrariam em meio a esse tensionamento, ora na junção de elementos emblemáticos de cada estilo em uma mesma vasilha, ora na emulação desses elementos atingindo um desencaixe com as formas tradicionais. Os fluxos tecnológicos certamente possuem outras dimensões além daquela associada à produção e circulação desses elementos emblemáticos presentes no acabamento das peças, construídos a partir de técnicas e motivos característicos. No entanto, é no “fluxo emblemático” onde podem ser mais facilmente identificadas pelo arqueólogo. Retomando Bourdieu (1996) é possível pensar na produção desses elementos emblemáticos como estratégias para a manufatura de formas legítimas de um campo da prática, o da produção cerâmica. Isso quer dizer trabalhar sobre o pressuposto que no campo da produção cerâmica, composto por artesãos de diversas idades e, possivelmente, de diversas origens, haveriam formas consagradas de produção cerâmica. Para atingir tal patamar, essas formas necessitam conter determinados elementos cujo conteúdo é um desdobramento homólogo de lógicas identitárias, políticas e simbólicas (ou cosmopolíticas). Como coloca Roe (1995) que

trabalhou com os Shipibo-Conibo no rio Ucayali, as artesãs têm que produzir cerâmicas dentro dessa esfera de regras dissimuladas, podendo, por seu virtuosismo, contorna-las ou subverte-las. Voltando também ao trabalho de Bowser e Patton (2008) – e às discussões sobre o papel político da produção cerâmica comentadas no Capítulo 1 –, as cargas identitárias, políticas e simbólicas que se inserem no campo da produção cerâmica orientam as estratégias de produção das artesãs e suas consequências políticas. A manipulação dessas cargas pelas artesãs pode se traduzir na manipulação dos elementos emblemáticos presentes na cerâmica reproduzindo-os, emulando-os, misturando-os conforme suas escolhas.

Uma das formas como essa economia das trocas estilísticas pode funcionar na prática é apresentada por DeBoer (1990). As pesquisas no rio Ucayali que o levaram a trabalhar o conceito de estilos de prestígio, brevemente enunciados no capítulo 2, mostraram a existência de fluxos tecnológicos, principalmente estilísticos, em uma escala regional. Os fluxos baseiam-se numa relação histórica entre grupos do curso principal do rio, os Cocamas (Tupi), Shipibo-Conibo (Pano) e os Piro (Arawak), e entre estes e os grupos dos rios tributários, como os Cashibo e Pisquibo (ambos Pano). Entre as artesãs dos grupos do rio principal haveria certa competição pelo virtuosismo na reprodução de um estilo polícromo, herdado das artesãs Cocama antigas, prováveis produtoras de uma variação da TPA. Tal competição se desdobraria externamente na identificação estilística de um grupo, que assim denotaria sua identidade para si, para os outros grupos da região e para entidades não-humanas. A base da competição inter-étnica é a capacidade de distintos grupos de terem acesso as mesmas matérias-primas. Internamente, DeBoer coloca a importância para as mulheres Shipibo-Conibo em impor sua superioridade estilística frente aos outros grupos, uma marcação de *status* dentro da política regional, que inclusive resulta num aumento de prestígio para artesãs virtuosas. Esse virtuosismo seria alcançado com a manipulação das regras do estilo, a mesma discutida por Roe (1995) e apresentada acima. Por outro lado, as artesãs que falhassem na reprodução virtuosa do estilo poderiam experimentar alienação das outras mulheres e do grupo. As artesãs Piro, por sua vez, escolhem emular o estilo Shipibo-Conibo procurando um compartilhamento identitário associado a um estilo regionalmente considerado como prestigioso. Saindo do curso principal, as estratégias em relação a este estilo emblemático, que é o Shipibo-Conibo, variam quanto as relações políticas e percepções dos grupos dos rios principais. Conforme a aproximação destes dos Shipibo-Conibo, as artesãs geram

emulações mais grosseiras de seu estilo; do outro lado quando há uma intenção mais assertiva de estabelecer uma identidade própria, as artesãs buscam separações mais radicais em estilo. Por realizar intenções identitárias do grupo, a produção cerâmica produziria um prestígio relacional a essas artesãs. Dessa forma, DeBoer mostra como o fluxo tecnológico nas cerâmicas pode estar integrado a relações identitárias e políticas em âmbitos regionais multiétnicos e multilinguísticos. Esse tipo de relação vai em encontro com o que Barreto (2016) coloca para uma intenção possível dos fluxos estilísticos: a apropriação de símbolos de prestígio e poder dentro de dinâmicas regionais que gera empréstimo, emulação e modificação destes e de seus significados. Acredito que no Médio Solimões diversas dessas relações poderiam estar em funcionamento conduzindo a produção cerâmica que também reconduziram.

Por tratar-se de um contexto arqueológico, as escolhas que levam a distintas formas de emulação encontram-se acumuladas irregularmente e impedem que estas sejam interpretadas como indícios absolutos de grupos específicos. Mesmo assim, acredito que os conjuntos formados podem indicar processos históricos na longa duração ao serem analisados contextualmente e que podem definir escolhas cuja a base é demarcar ou compartilhar identidades. Esse pressuposto torna-se mais confiável à medida que o contexto regional analisado é um que possui amplas evidências de interações entre grupos distintos.

Para operacionalizar a classificação, foram observadas a presença de múltiplos elementos emblemáticos. A partir destes, foram elaborados conjuntos que fazem referências as fases conhecidas para o Médio Solimões (ver figura abaixo). Quando elementos emblemáticos não foram encontrados ou foram encontrados individualmente em uma peça, esta não recebeu classificação. A aparição de elementos emblemáticos não associados claramente aos conjuntos conhecidos para o Médio Solimões foi identificada com classificação própria cuja filiação será discutida abaixo. É importante notar aqui que as proximidades tecnológicas nas produções cerâmicas encontrada no sítio São João provocaram um aumento no peso dos elementos emblemáticos para a caracterização de contextos. Pesquisas mais aprofundadas podem ajudar na distinção desses conjuntos ao minuciar os processos de sua composição.



Figura 4.6: Exemplos de fragmentos com diversos elementos emblemáticos da fase Tefé. À esquerda pintura marrom e vermelha sobre engobo branco e à direita combinação de decoração acanalada e excisa formando um motivo zoomorfo conjunto ao motivo do diadema. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Resultados gerais

Triagem, quantificação e pesagem

Ao todo foram curados 6476 fragmentos do sítio São João divididos em unidades (5348), tradagens (787), peças coletadas das feições do barranco (255) e coletas de superfície (386). Desses, 844 passaram por algum processo de análise dos três comentados acima.

Dos conjuntos já comentados, os passíveis de análise quantitativa são os das tradagens e unidades. Como a quantificação e pesagem das tradagens já foram discutidas no capítulo 3, vou direto aos resultados das unidades, onde houve maior controle estratigráfico e temas como densidade e fragmentação de material podem ser discutidos.

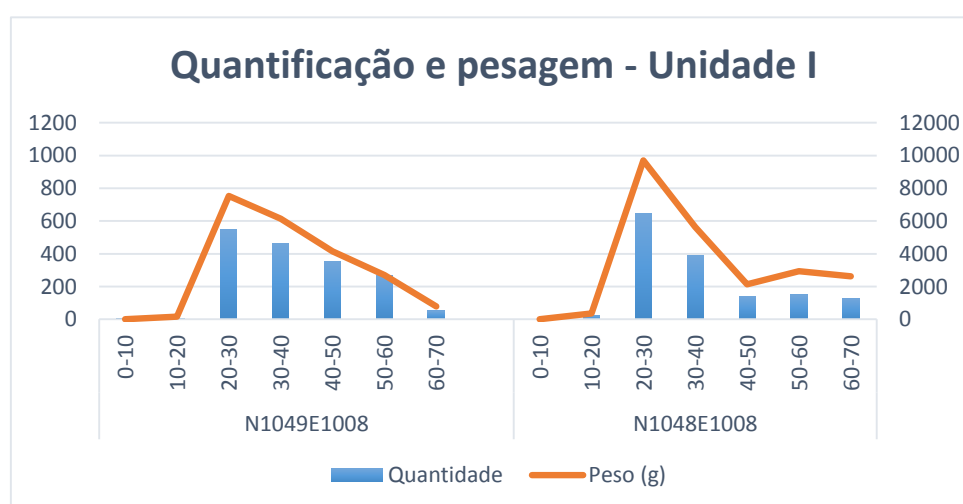


Gráfico 4.1: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis das quadras da unidade I.

A unidade I é composta de duas quadras (N1048E1008 e N1049E1008) e está localizada entre o barranco e o igarapé Norte do sítio São João. A unidade foi interpretada como representando um mosaico de descartes, uma área de repetidas práticas de deposições do sítio São João. Em sua escavação foram encontrados 2891 fragmentos totalizando 44,9kg de material. Ambas as unidades possuem picos similares de ocorrência de material ao redor do nível 20-30, seguido de uma contínua queda na ocorrência que é interrompida, na quadra Sul, no nível 50-60 (ver gráfico acima). É necessário pontuar que essa unidade não foi terminada, embora na quadra Sul ela já houvesse chegado à camada de transição. O nível 60-70 da quadra Norte não foi terminado, explicando provavelmente a razão da diferença entre quadras da ocorrência de material nos últimos níveis. No gráfico acima podemos ter certa ideia da fragmentação e densidade do material da unidade. Quanto mais próxima a barra azul está da linha laranja maior a quantidade de material em relação ao peso, ou seja, mais provável o aumento da fragmentação do material encontrado. É possível perceber, portanto, uma fragmentação significativa do material, coincidindo com a hipótese de um mosaico de descartes, compostos de diversos momentos dessa prática. Em relação ao acabamento a unidade I foi a que apresentou maior porcentagem de fragmentos com presença de acabamento (58% do número de fragmentos e 54% do peso), indicando boa preservação da cerâmica nesse conjunto.

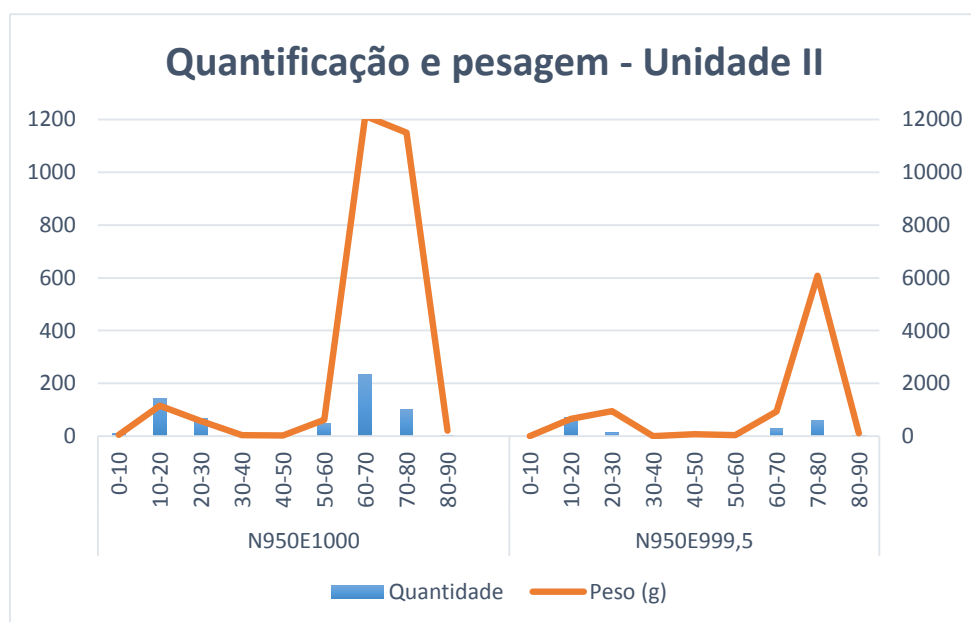


Gráfico 4.2: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis das quadras da unidade II.

A unidade II foi a que apresentou dois contextos distintos e bem marcados estratigraficamente – um na TPI e outro abaixo dela –, cronologicamente – um de c.

século X d.C. e o outro de c. século XIV d.C. –, e em relação as suas práticas formadoras – o mais profundo produzido por uma deposição escavada de um contexto funerário e o segundo gerado por um acúmulo de práticas produtoras de TPI. A unidade II também se compõe por duas quadras (N950E1000 e N950E999,5). A diferença é que a segunda delas foi aberta com metade do tamanho da outra. O resultado dessa escolha metodológica pode ser observado nas quantidades e pesos do gráfico acima, onde a quadra N950E1000 possui mais ou menos o dobro do material da quadra N950E999,5. Compreendendo as diferenças é notável perceber a coerência entre picos e vales nas duas quadras, mostradas no gráfico acima. O primeiro pico, relativamente pequeno em relação ao sítio, encontra-se entre os níveis 10-20 e 20-30cm. O segundo, muito mais acentuado, em especial pelo acúmulo de bolotas de argila e trempes, encontra-se mais abaixo entre os níveis 60-70 e 70-80cm. Ao contrário da unidade I, a fragmentação da unidade II é bem menor, se mantendo apenas nos primeiros níveis, pertencentes a camada de TPI. Na deposição escavada (feição 5), a quantidade de fragmentos é significativamente menor que o seu peso total indicando boa preservação de fragmentos e uma deposição provavelmente única, e mais coesa, de um número limitado de artefatos cerâmicos. Por outro lado, a unidade II foi a que apresentou menor porcentagem de material com presença de acabamento (41% da quantidade, mas 58% do peso). Esse resultado foi fortemente influenciado pelo contexto abaixo da TPI, na F5, onde a preservação dos acabamentos foi menor devido à maior erosão das superfícies exercida pelo latossolo.

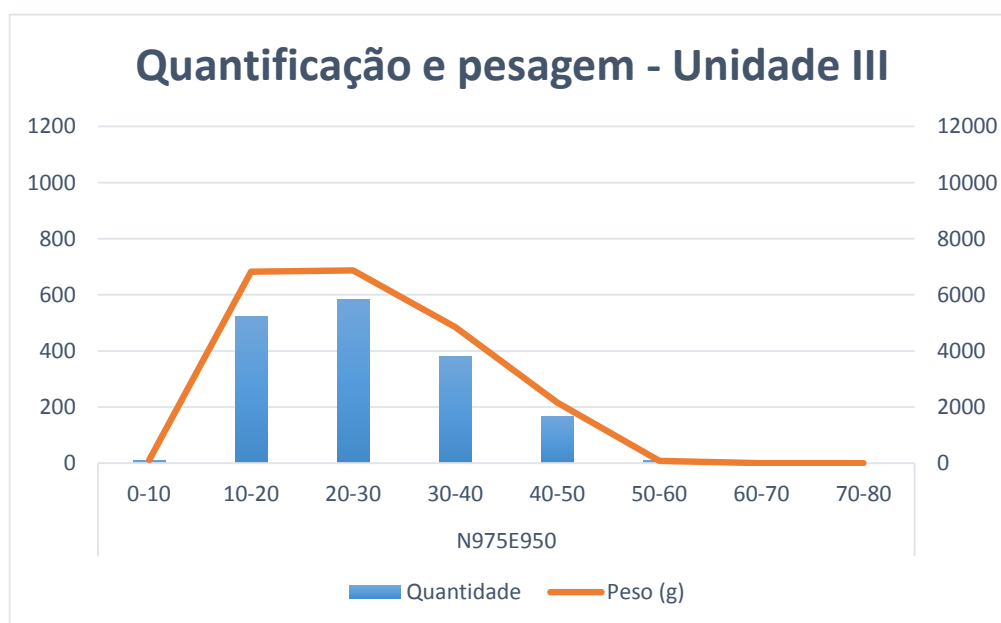


Gráfico 4.3: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis da unidade III.

A unidade III, composta pela quadra N975E950 e localizada mais próxima do igarapé Norte, caracterizou-se principalmente pela feição 4, uma outra deposição escavada em TPI composta de muitos materiais, os principais sendo uma vasilha globular com um furo em sua base e um vaso de flange em sua boca, e uma camada composta principalmente por fragmentos de calibradores cerâmicos. Assim como as outras unidades e no resto da área amostrada do sítio, na Unidade III também há um pico de ocorrência cerâmica ao redor do nível 20-30cm (ver gráfico acima). O pico é seguido de uma queda na ocorrência de material. Essa queda possivelmente se estabilizaria entre os níveis 60-70 e 70-80cm, no entanto, no brusco fim da escavação do sítio São João o material desses níveis (pertencentes a F7) foram perdidos. Quanto ao material quantificado da unidade, é possível perceber novamente uma fragmentação maior do material. Tal fragmentação não é inteiramente compatível com a hipótese de uma feição escavada. Por estar em uma área com terra preta densa (e de uso atual), seria difícil pensar na feição 4 como um contexto mais hermético e enterrado, tal qual a feição 5 da Unidade 2 ou a feição 1 encontrada no barranco. O descompasso desses dados com outros da unidade geraram uma diminuição do tamanho estipulado para a feição, assunto que será mais detalhado quando da discussão das análises das unidades. Sobre a presença de material com e sem acabamento, a divisão foi praticamente na metade (47% das peças tinham presença de acabamento, representando 53% do peso), apontando, de qualquer forma, boa preservação de materiais para um contexto amazônico.

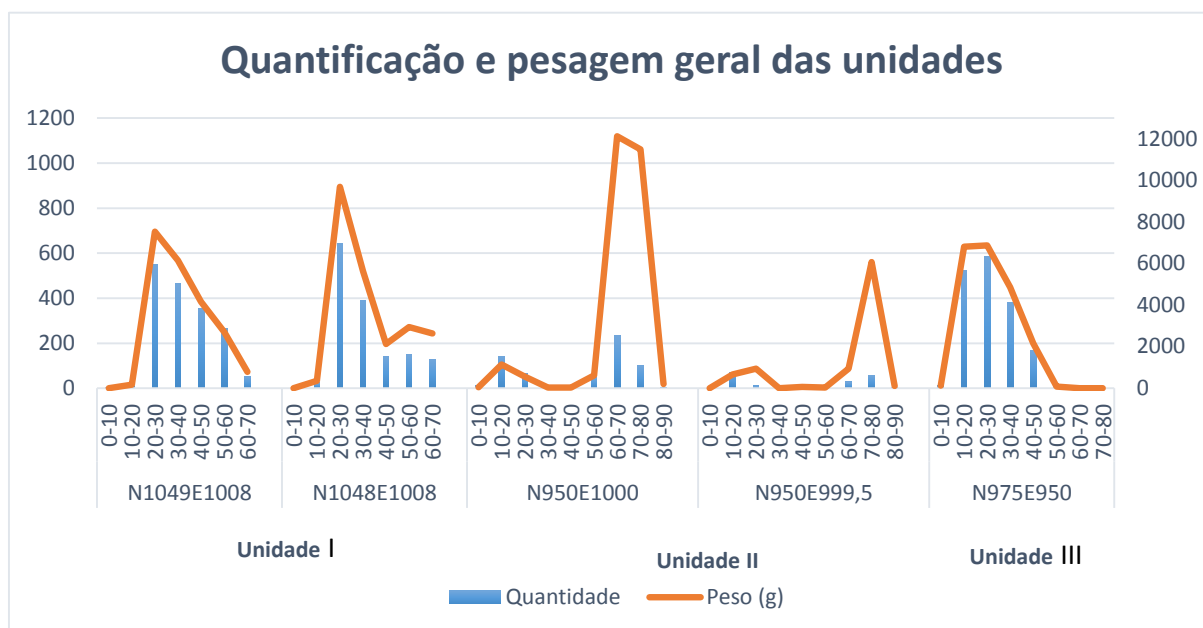
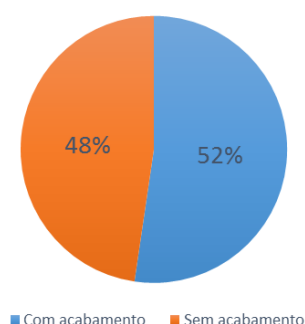


Gráfico 4.4: Relação entre quantidade (escala à esquerda) e peso (escala à direita) nos diferentes níveis de todas as unidades escavadas.

Relação entre quantidade geral de material com acabamento e sem acabamento



Relação entre peso geral de material com acabamento e sem acabamento

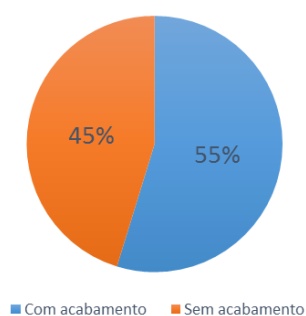


Gráfico 4.5: Gráficos representando a porcentagem geral de peças com ou sem acabamento. À direita em relação à quantidade e à esquerda em relação ao peso geral do material.

Tratando em termos gerais, percebe-se que em todas as unidades há um pico de ocorrência de material ao redor do nível 20-30cm, confirmando contexto geral encontrado nas tradagens, mas também há outro pico, já observado nas tradagens e confirmado nas unidades, ao redor do 50-60cm que pode ser visto nas quadras N1048E1008, N950E1000 e N950E999,5 (ver gráfico 4.4). Nesse, pelos resultados da quantificação das unidades, a fragmentação dos materiais seria relativamente menor. Na unidade N975E950 tal pico também ocorreria na feição 7, segundo as fichas de escavação. Da mesma forma, como o nível 60-70 da quadra N1049E1008 não foi terminado podemos inferir que ele talvez representasse algo similar à quadra contígua. No entanto, sem tais informações não há

dados para uma comparação mais elaborada. Pelas datas realizadas do sítio São João, os contextos podem estar associados a ocupações mais antigas do sítio. Interpretando os resultados de quantificação e pesagem representados acima é possível ver que a maior fragmentação pertence às unidades I, como já previsto na escavação, e III, que não era tão esperado. Por outro lado, nas quadras da unidade II e especialmente nos níveis pertencentes a F5 foram encontrados os menores graus de fragmentação e maior perda do acabamento. Sobre a presença de acabamento (ver gráfico 4.5), foi possível constatar que sua presença foi um pouco maior que a metade de todo o material das unidades. A interpretação que dou para esse resultado é que o sítio São João apresenta boa preservação de seus materiais, um contexto positivo para expandir os significados possíveis de sua análise.

Análise morfológica: bordas

Passando para análises mais qualitativas do sítio, os resultados gerais serão apresentados, seguidos dos resultados separados por unidades para então serem realizadas as interpretações das análises tecnológicas.

Das 500 bordas analisadas a análise morfológica do sítio São João identificou 16 formas de vasilhas cerâmicas a partir da projeção de 184 fragmentos com 5% ou mais do diâmetro identificado. As formas mais recorrentes foram a de número 4, 12 e 6, formas comuns no contexto amazônico (Belletti, 2015) (ver figura, gráfico, tabela e descrição abaixo). A maior quantidade de formas projetadas pertence à unidade I, enquanto a maior variedade de sua presença se encontra no material encontrado das feições do barranco. É importante notar que a grande maioria das formas encontradas no sítio também foram identificadas em outros sítios da região, como aqueles estudados por Tamanaha (2012)

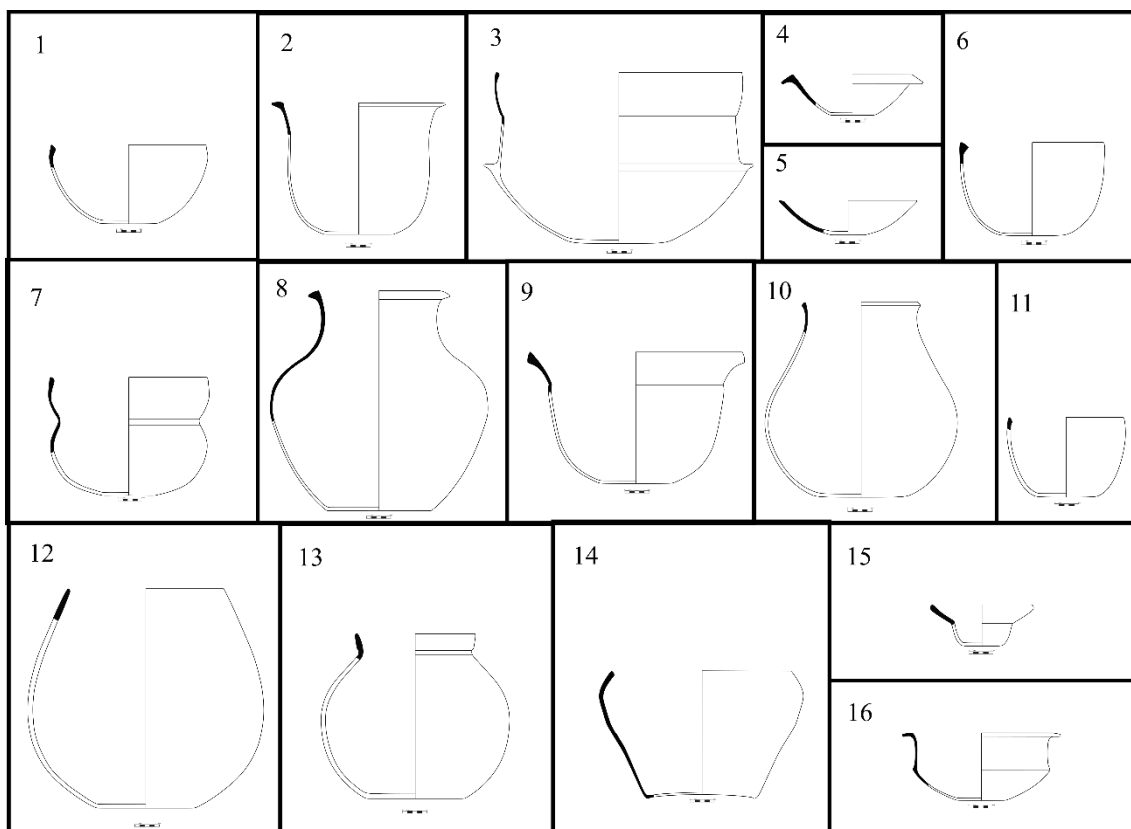


Figura 4.7: Morfologias encontradas no sítio São João.

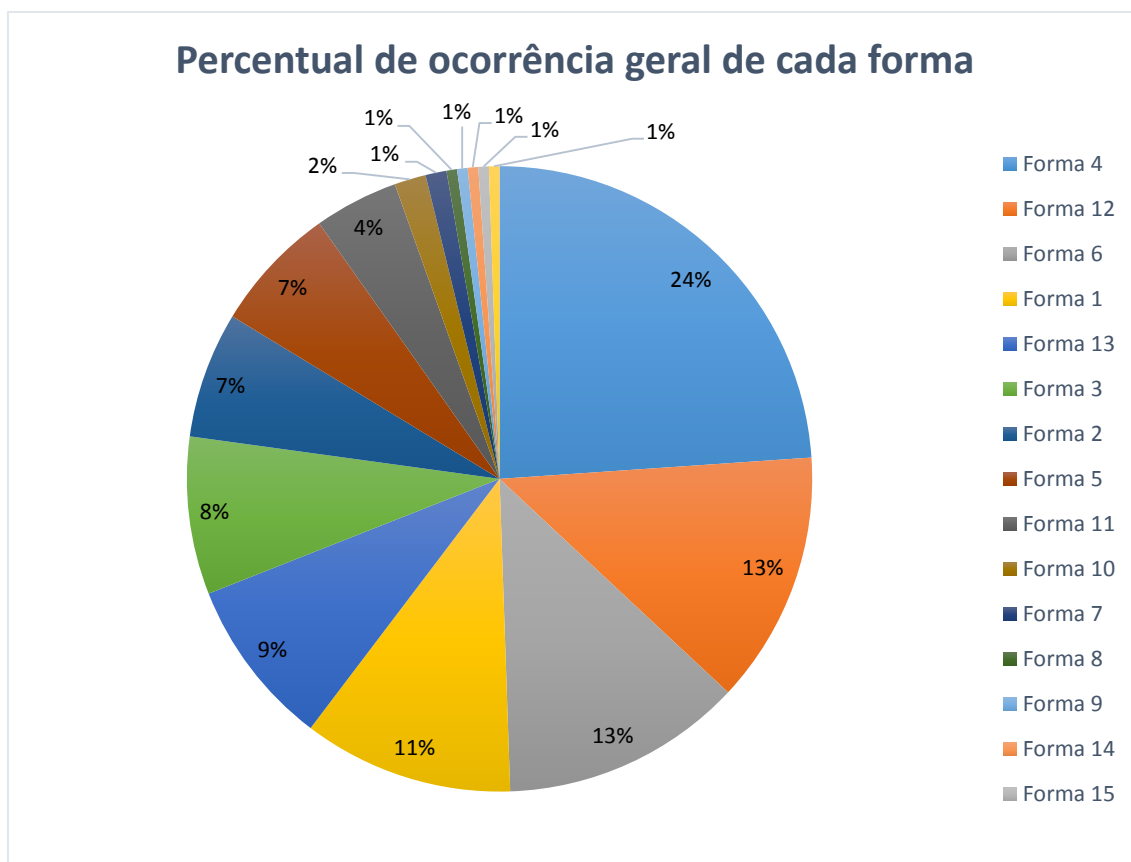


Gráfico 4.6: Formas projetadas em ordem da mais a menos frequente.

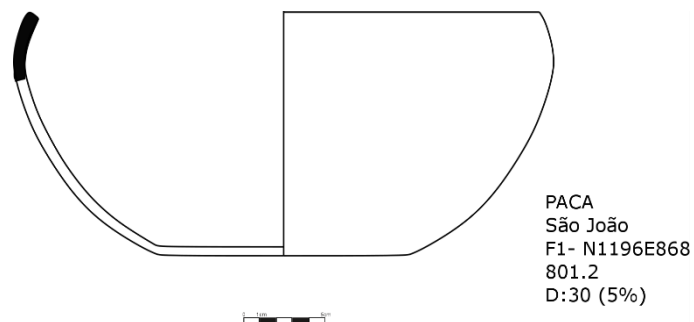
Forma/Local	Unidade I	Unidade II	Unidade III	F- Barranco
Forma 1	11	2	3	3
Forma 2	6	0	3	3
Forma 3	8	1	2	4
Forma 4	26	4	9	3
Forma 5	6	2	1	3
Forma 6	14	3	4	1
Forma 7	0	1	0	1
Forma 8	0	0	0	1
Forma 9	0	0	1	1
Forma 10	2	0	0	1
Forma 11	7	0	0	1
Forma 12	15	0	8	1
Forma 13	12	1	3	0
Forma 14	0	1	0	0
Forma 15	1	0	0	0
Forma 16	0	1	0	0

Tabela 4.3: Quantidade das formas de acordo com o local da intervenção.

Descrição de morfologias – Sítio São João

Forma 1

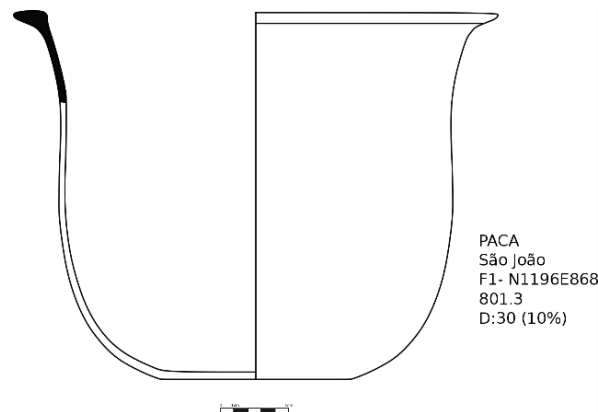
Forma restritiva de contorno infletido: sessão superior trapezoidal invertida e sessão inferior circular. Os diâmetros da boca variaram de 8cm a 32cm. A forma da borda é reforçada internamente ou direta. Seu volume médio é de cerca de 4L, havendo nas extremidades uma vasilha com 200mL e outra com c. 10L. Os antiplásticos mais frequentes encontrados com essa forma foram o cauixi seguido do



caraipé, encontrados em alguns casos com adição de carvão e minerais, em especial a hematita. Houve grande diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura. Foram encontrados 20 fragmentos associados a essa forma. Formas similares, porém mais angulares foram associadas por Almeida (2013; 2015) ao consumo de fermentados tanto de populações Tupi quanto de populações Arawak.

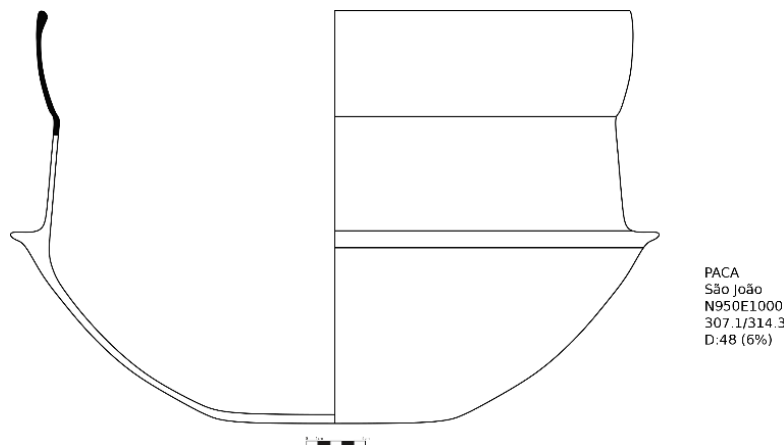
Forma 2

Forma irrestritiva de contorno infletido: sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é a flange labial. Os diâmetros variam entre 11 e 36cm. O volume médio é de 5L, o menor sendo 500mL e o maior c.14L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o caraipé, acompanhado, na maioria dos casos com carvão e/ou hematita. Houve diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. Foram encontrados 12 fragmentos associados a essa forma.



Forma 3

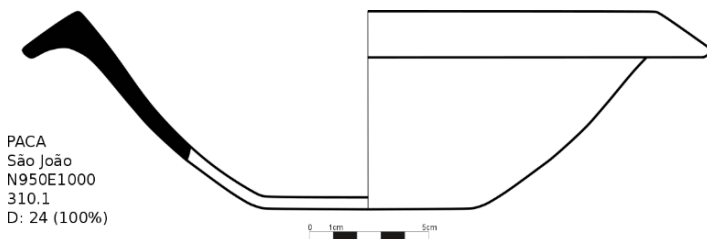
Forma restritiva de contorno complexo: sessão superior circular com sessão central trapezoidal invertida e sessão inferior circular. A forma foi classificada e desenhada com a flange a partir da discussão de Tamanaha (2012) que vê um padrão claro que associa a seção superior circular seguido da seção central trapezoidal invertida à presença de flange mesial ou basal na vasilha. A forma da borda é reta ou expandida. No centro ou próximo à base há o que é chamado de flange mesial ou basal dividindo sessões. O diâmetro da borda variou entre 19cm e 48cm. O maior diâmetro é sempre o central, da flange mesial. O volume variou entre 4,3 e 36L, tendo em maior frequência ao redor de 5L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o cauixi, seguido do caraipé, acompanhados, na maioria dos casos com hematita, carvão e/ou caco moído. Houve diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. Foram encontrados 15 fragmentos associados a essa forma através da



projeção, embora pode ser dito que há muito mais a partir dos próprios vestígios de flanges.

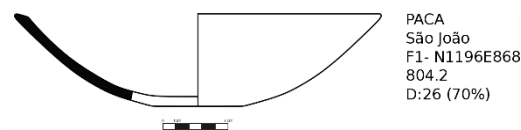
Forma 4

Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular. A forma da borda é reta, de flange labial, reta ou reforçada externamente. O diâmetro da borda varia entre 7cm e 30cm. A volumetria da forma tem ampla variação, sempre com pequenos volumes, estando entre 100mL e c.4L, a maioria das peças tendo por volta de 2L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o caraipé, seguido de cauxi desacompanhados ou acompanhados de carvão. Houve grande diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações alaranjadas e/ou amarronzadas. Foram encontrados 44 fragmentos associados a essa forma.



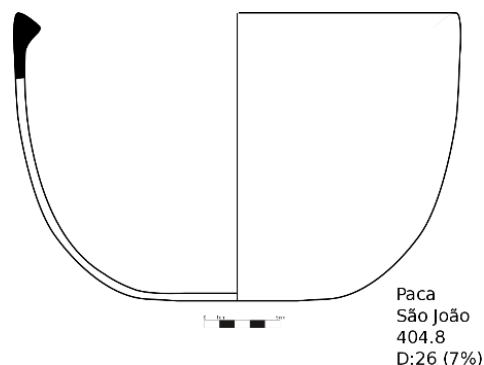
Forma 5

Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única trapezoidal com o diâmetro muito maior que a altura. A forma da borda é reta ou de flange labial. Os diâmetros variaram entre 24 e 36. A volumetria variou pouco, entre 1L e 3,4L, com uma média 2,7L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o caraipé, seguido de carvão e cauxi em alguns casos acompanhados de hematita, carvão e outros minerais. Houve diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros, espessuras médias (1,0-1,5) e colorações acinzentadas e/ou alaranjadas. Foram encontradas 12 peças associadas a essa forma.



Forma 6

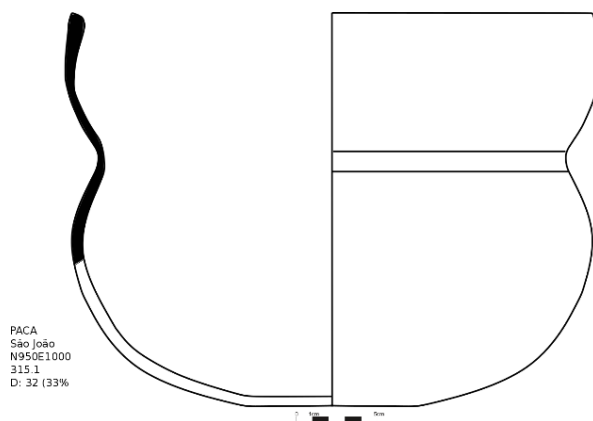
Forma direta de contorno simples e sessão única circular, onde a altura é muito próxima a medida do diâmetro. A forma da borda varia entre reta, reforçada internamente e expandida. Os diâmetros variaram entre 12cm e 36cm. O volume tem grande variação, entre c. 1L a 21L, sendo a média 7L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o cauxi, em alguns casos, acompanhados de hematita, carvão e outros minerais. Houve grande diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros,



espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. Foram encontrados 23 fragmentos associados a essa forma.

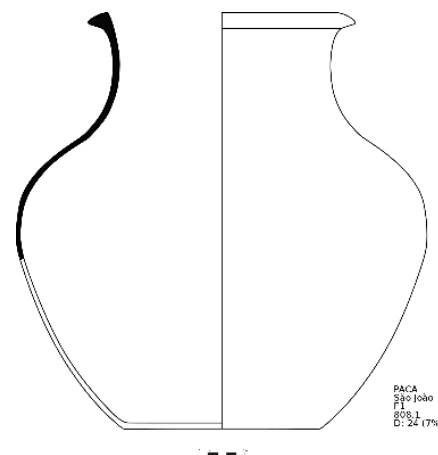
Forma 7

Forma restritiva de contorno composto: sessão superior circular e inferior também circular. A forma da borda é expandida. Os diâmetros da borda são 32 e 40cm. Os volumes estão em cerca de 10L. As características definidoras dessa morfologia foram suas sessões (formando um vaso “biglobular”) não muito comuns em material amazônico, e a presença de decoração antropomorfa na seção superior do vaso. O antiplástico encontrado com essa forma foi o cauxi, em alguns casos, acompanhado de hematita ou argila vermelha. Houveram núcleos claros ou claros nas extremidades e escuro no meio, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. Foram encontrados 2 fragmentos associados a essa forma.



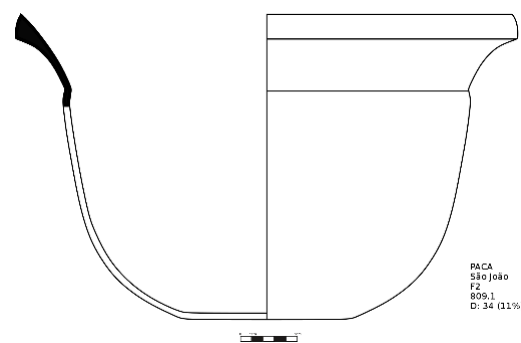
Forma 8

Forma restritiva de contorno infletido com pescoço: sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é a de flange labial. O diâmetro da borda é de 24cm. O volume é de 24L. O antiplástico encontrado com essa forma foi o caraipé acompanhado de carvão e caco moído. Ocorreu núcleo claro nas extremidades e escuro no meio, espessura média (1,0-1,5) e coloração alaranjada. Apenas uma peça foi associada a essa forma.



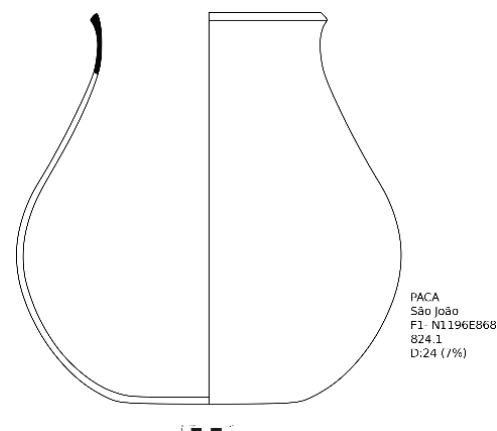
Forma 9

Forma irrestritiva de contorno composto: sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é de flange labial ou expandida. Os diâmetros são de 30 e 34cm. Seu volume é de 10L e 11L. O antiplástico encontrado com essa forma foi o caraipé acompanhado de carvão e minerais. Ocorreram núcleos escuros e claros nas extremidades e escuro no meio, espessuras finas (0,4-0,9) e coloração alaranjada. Dois fragmentos associado a essa forma foram encontrados.



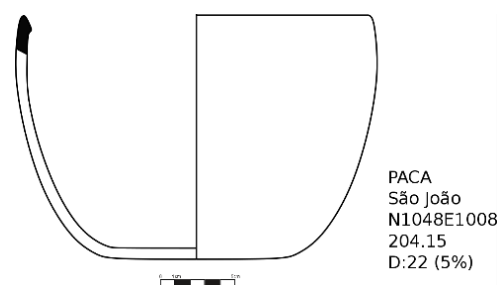
Forma 10

Forma restritiva de contorno infletido com sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é expandida ou reforçada externamente. Os diâmetros variam entre 24cm e 28cm. Seu volume varia de 15L a 21L. Os antiplásticos encontrados com essa forma foram o caraipé, seguido do cauixi desacompanhados, ou acompanhados de carvão e hematita. Ocorreram núcleos escuros e claros, espessuras finas (0,4-0,9) e coloração amarronzadas e/ou alaranjadas. Foram encontradas 3 peças associadas a essa forma.



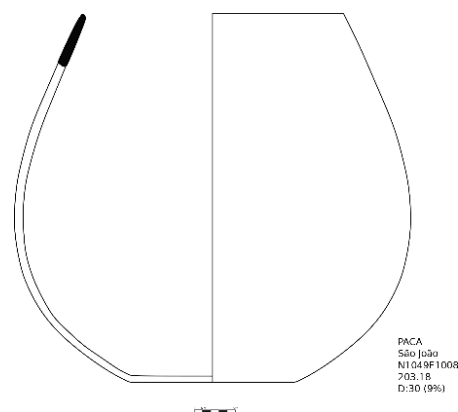
Forma 11

Forma restritiva de contorno simples e sessão única circular onde a altura é maior que a medida do diâmetro. A forma da borda é a reforçada internamente ou a reta. Os diâmetros variaram entre 10cm e 50cm. Essa forma varia significativamente de tamanho, sendo que seu volume vai de 0,4L a 28L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o cauixi seguido de caco moído e caraipé, em alguns casos, acompanhados de carvão ou hematita. Houve pouca diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. Foram encontrados 8 fragmentos associados a essa forma.



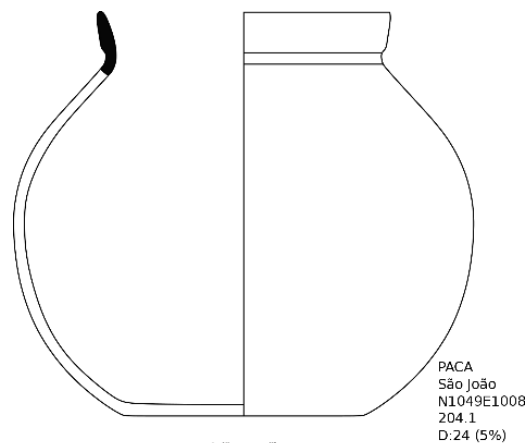
Forma 12

Forma restritiva de contorno simples e sessão única circular. A forma da borda varia entre reta e, em um caso, reforçada. Os diâmetros ficam entre 18cm e 34cm, sendo que o maior diâmetro da forma é sempre o central. O volume varia significativamente, de 2,5 a 25 litros, estando a média em 12L. O antiplástico mais frequente encontrado com essa forma foi o caraipé, seguido de cauixi desacompanhados, em alguns casos, ou acompanhados de carvão. Houve grande diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros ou claros, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações amarronzadas. A forma foi muito comum no sítio, contando com 24 peças associadas a ela.



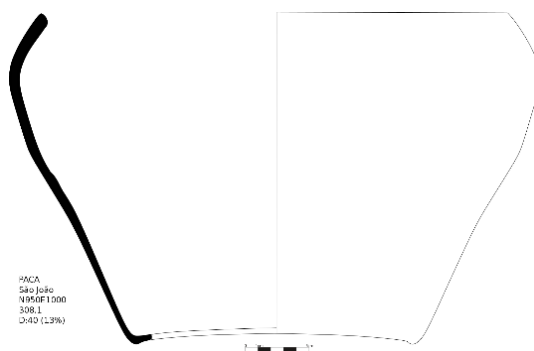
Forma 13

Forma restritiva de contorno composto infletido, sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é reforçada externamente ou expandida. Os diâmetros variam entre 12 e 30cm, sendo que o maior diâmetro da forma é sempre o central. Os volumes apresentaram grande variação, estando entre 800mL e 20L, tendo maiores frequências ao redor do 7L e do 14L. O antiplástico mais frequentemente encontrado com essa forma foi o cauixi seguido de caraipé, em diversos casos acompanhados de hematita e/ou argila branca. Houve grande diversidade de nucleamento, cor de pasta e espessura, predominando núcleos escuros ou claros nas extremidades e escuros no centro, espessuras finas (0,4-0,9) e colorações alaranjadas e/ou amarronzadas. Encontramos 16 fragmentos associados a essa forma.



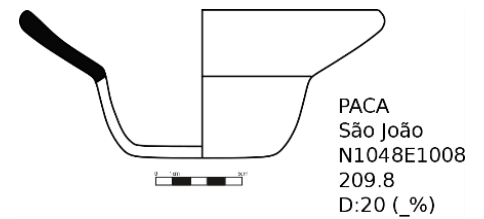
Forma 14

Forma restritiva de contorno infletido: sessão superior circular e sessão inferior trapezoidal. A forma da borda é expandida. O diâmetro encontrado possui 40cm. Seu volume é de 15L. O antiplástico encontrado com essa forma foi o cauixi acompanhado de hematita. Ocorreu núcleo claro, espessura fina (0,4-0,9) e coloração rosa. Apenas uma peça associada a essa forma foi encontrada.



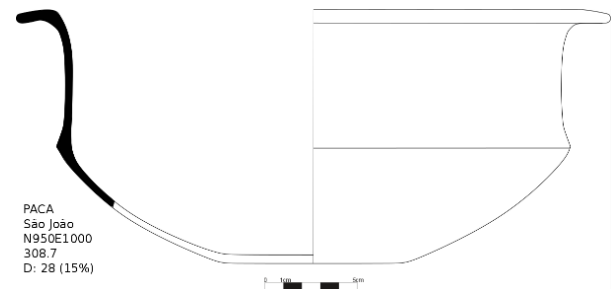
Forma 15

Forma irrestritiva de contorno composto angular com sessão superior e inferior trapezoidais. A forma da borda é a flange labial. Seu diâmetro é de 20cm. Já seu volume é pequeno, de apenas 400mL. O antiplástico encontrado com essa forma foi o caraipé acompanhado de caco moído e hematita. Ocorreu núcleo escuro, espessura média (1,0-1,5) e coloração alaranjada. Apenas uma peça associada a essa forma foi encontrada.



Forma 16

Forma direta de contorno composto angular, sessão superior trapezoidal e sessão inferior circular. A forma da borda é a flange labial. O diâmetro é de 28cm. O volume é de 5L. O antiplástico encontrado com essa forma foi o caraipé. Ocorreu núcleo escuro, espessura fina (0,4-0,9) e coloração alaranjada e acinzentada. Apenas uma peça associada a essa forma foi encontrada.



Apenas uma peça associada a essa forma foi encontrada. A forma possui uma carena em sua região central e embora seja similar ao vaso de flange mesial está associada à Tradição Borda Incisa (LIMA, 2008).

As bordas encontradas foram estruturadas a partir da técnica de roletamento, com exceção de uma na Unidade I que possuiu estruturação por placas (203.6). Quanto aos formatos de borda foi comum encontrar as bordas retas (63%), seguidas de reforçadas externa ou internamente (26%), e mais incomuns as flanges labiais (8%) e as bordas reforçadas (3%).

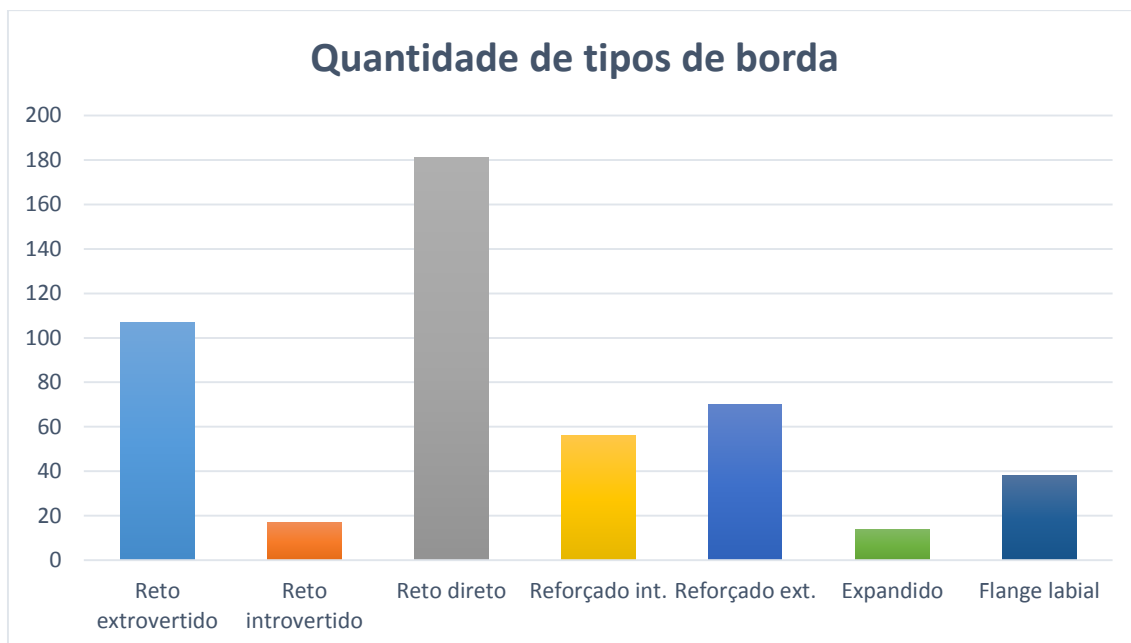


Gráfico 4.7: Quantidade de tipos de borda.

Por fim, em relação as marcas de uso, apenas 13% da amostra apresentou vestígios seguros de marcas de uso, destacando-se a presença de fuligem⁴³ externa (64% das peças com marcas de uso; ver figura abaixo), havendo casos de fuligem interna e nos dois lados e desgaste interno. A presença de um padrão sobre presença de fuligem é significativa, pois indica maior probabilidade de um uso específico para as vasilhas antes da quebra e menor probabilidade de processos pós-deposicionais serem responsáveis pela presença de fuligem. As formas associadas a presença de fuligem externa possuem grande variedade (11 formas), no entanto, destacam-se em quantidade a forma 4 (mais recorrente do sítio) e a forma 3. Essa última está associada a vasos de flange mesial que, como será melhor explicado abaixo, tem recorrência comum de fuligem externa. Quanto aos volumes, um padrão é mais identificável, embora seja necessário considerar a diminuição da amostra (para 28 peças). A maioria das peças com fuligem externa (71%) foram identificadas com médio ou alto volume (>5L). Todas as peças com essa marca de uso e com volume baixo (<5L) foram associadas a forma 4, excetuando uma associada a forma 2. Tais informações nos aproximam de possíveis práticas domésticas dos ocupantes do

⁴³ Marcas de fuligem depositadas nas cerâmicas podem ser acarretadas por contato da vasilha com o fogo acarretando na formação de tísna na área externa do vaso. Também podem ocorrer pela presença de líquidos no processo de cozimento. Se o líquido transborda, ele pode formar uma crosta na área externa do vaso. No caso da presença de fuligem interna, esta pode ser formada devido ao cozimento de líquidos que acabaram secando/evaporando durante o processo. É importante notar que, como nos próprios fragmentos, a visibilidade das marcas de uso podem variar de acordo com o nível de preservação do material arqueológico (SHEPPARD, 1956; ARNOLD, 1985; SKIBO, 2013).

sítio São João, mesmo que de forma um tanto óbvia, marcando formas maiores como de preparo e formas menores como mais atreladas a consumo (cf. NEUMANN, 2008 para uma discussão mais robusta dessas marcas). Os distintos usos para o fogo, não só para o preparo de alimentos, precisam ser averiguados. É esse o caso da peça antropomorfa 315.1, a qual discutiremos abaixo, que provavelmente se insere a um contexto funerário onde o fogo pode ter sido usado de forma diferenciada. Sobre a fuligem externa, ainda foi possível analisá-la quanto a sua caracterização atrelada, quando houveram elementos emblemáticos o suficiente, em grande maioria à TPA (11 casos) e apenas em um caso aos conjuntos de fluxo e um ao conjunto Borda Incisa. O contexto indica um padrão demarcado de formas de uso doméstico associadas majoritariamente à TPA.

Outra marca de uso notável foi o desgaste circular, em uma borda da unidade I, de uma área específica de sua quebra. Tal marca pode ser interpretada como uma reciclagem da peça possivelmente como apoio para um fuso ou como algum tipo de instrumento (ver figura abaixo).

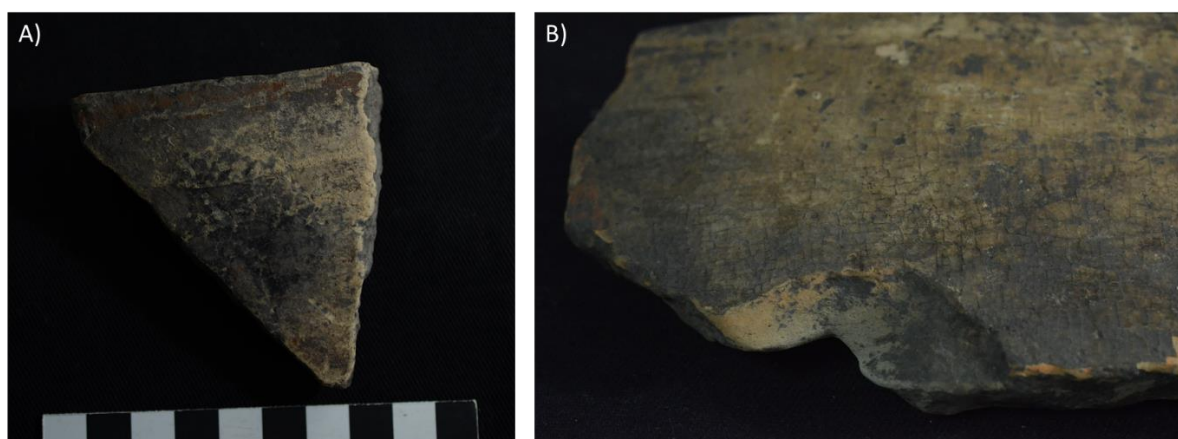


Figura 4.8: Marcas de uso identificadas nas bordas: A) fragmento de borda com fuligem; B) quebra desgastada por reciclagem cerâmica.

Por último, foram encontradas entre as bordas alguns fragmentos com o que parecem ser marcas intencionais de quebra, identificadas a partir de fraturas localizadas de aparência circular. Tais marcas podem indicar reutilizações específicas para as cerâmicas (ver figura acima e abaixo). Roe (1974), por exemplo, cita a quebra intencional como fechamento de sepultamentos em contextos Cumancaya e dos Pano contemporâneos e o associa a morte de vasilhas. Esses tipos de contextos serão retomados adiante.



Figura 4.9: Fragmento identificado com quebra intencional na sua extremidade inferior.

Análise morfológica: flanges

Fragmentos de vasos de flange mesial foram encontrados em todas as intervenções realizadas no sítio São João totalizando 102 fragmentos analisados e ocorrendo com maior frequência na unidade I (ver tabela abaixo). Esses vestígios mais tradicionalmente encontrados na Tradição Polícroma da Amazônia foram de significativa importância para a análise do sítio São João por suas características distintivas, ampla presença de decoração e pelos padrões encontrados em sua análise.

Local	Quantidade de flanges
Unidade I	74
Unidade II	3
Unidade III	22
Feições do barranco	3

Tabela 4.4: Relação entre número de fragmentos de flange por unidade.

As flanges encontradas no sítio São João, tal como no material estudado por Tamanaha (2012) e Oliveira (2016a; b), possuem amplas variações morfológicas, seja na

adição ou subtração de seções ou na forma como elas são estruturadas, mantendo, no entanto, sua repartição angulosa entre seção inferior e as seções acima, na maioria dos casos com a adição de um rolete distinto. No sítio São João diversas dessas variações foram encontradas, em alguns casos, no mesmo nível (exemplos podem ser observados na figura abaixo). As variações englobaram a substituição da flange mesial por uma inflexão; seu alongamento e seu encurtamento; a ausência de decorações na flange, ou presença apenas nessa área da peça. Embora houveram variações morfológicas, a iconografia desse tipo de vaso, como coloca Oliveira (2016b) mantém “um padrão iconográfico bem rígido [...] com possíveis variações de temas específicos em que figuram elementos antropomorfos e zoomorfos” (OLIVEIRA, 2016b, p. 378). Esse padrão orientou, como será discutido abaixo, o uso da flange mesial como artefato emblemático.



Figura 4.10: Exemplo de fragmentos de flange mesiais.

Apesar das variações, alguns padrões morfológicos interessantes se mantiveram. Seguindo já discutido em uma pesquisa anterior com material do médio rio Negro (LOPES, 2015), há uma escolha tecnológica priorizada na produção de vasos de flange mesial que dá preferência a espessuras finas. A escolha pode ser vista como um eixo de ligação entre a TPA do rio Negro e do Médio Solimões já que no caso do sítio São João 52% das flanges foram registradas com espessuras de parede menores que 0,6cm. Em 6 casos foram até registradas espessuras de 0,2cm, revelando que essa escolha necessitaria de maestria da artesã afim de produzir uma vasilha inteira com tão pouca grossura.

Os diâmetros de parte dos fragmentos de flange mesial foram medidos. Embora não tenha sido possível estimar acuradamente o tamanho, forma, ou volumetria dos fragmentos, foi possível perceber variações gerais entre tamanho. Mesmo que o tamanho dos diâmetros apresente ampla variação, entre 12cm e 50cm, essa variação possui uma frequência marcada. Cerca de 60% das flanges foram identificadas com diâmetros entre 22cm e 28cm, mostrando uma escolha priorizada na produção desse vaso com proporções médias.

Outro padrão mantido nos fragmentos de vasos de flange mesial diz respeito a marcas de uso. Durante a pesquisa, foi possível perceber rapidamente a recorrência de fuligem na parte externa do fragmento, em especial na área abaixo da flange, um padrão plenamente recorrente entre vasos de flange, como apresenta Oliveira (2016b). No sítio São João 42% dos fragmentos de vasos de flange mesial possuem fuligem na parte externa inferior. A fuligem foi encontrada inclusive junto ao único vaso de flange mesial encontrado (quase) inteiro no sítio São João, a já comentada vasilha 813 (ver imagem abaixo). Segundo Oliveira (2016b) a própria existência da flange pode estar associada à preservação iconográfica de seu campo externo superior (ver figura 4.19) enquanto o campo externo inferior vai ao fogo. O fogo formador da fuligem, para a autora, não estaria ligado tanto a processos de preparo de alimentos, uma função à qual o vaso de flange mesial estaria mal condicionado a cumprir, devido a seus aspectos formais como as pequenas espessuras e forma angulosa – mais frágeis à choques térmicos. Ao invés de momentos de cozimento, o vaso de flange estaria associado a armazenamento e consumo de bebidas fermentadas – pelas análises de fitólitos, poderiam ser fermentados de milho – em contextos cerimoniais. A fuligem surgiria de breves jornadas do vaso ao fogo durante os ritos do festim e/ou anteriormente para esquentar os ingredientes. Seu principal momento, no entanto, ocorreria durante cerimônias, onde bebidas fermentadas em vasos de flange mesial seriam tomadas; e os vasos seriam passados, mediando, através de forma, função e decoração, transes xamânicos induzidos alcoolicamente e conduzidos pelas figuras dos xamãs. Esse tipo de contexto parece bater com a presença da vasilha 813 no centro da Feição 1, escavada e visível do barranco. Entretanto, a presença de fragmentos de flanges nos primeiros níveis da unidade II e por toda a estratigrafia da unidade I pode sugerir um uso mais abrangente da vasilha, ou como coloca Oliveira (2016b), uma reciclagem para outros propósitos. Tão possível quanto, por outro lado, é uma reincidência maior de festins.



Figura 4.11: Vasilha 813.



Figura 4.12: Fragmentos de flanges mesiais do sítio Vila Nova II (LOPES, 2015; OLIVEIRA, 2016b).

Saindo do âmbito da função original do vaso de flange mesial para o âmbito da função atribuída ao vaso pelo arqueólogo, é notável a importância desse tipo de fragmento na caracterização dos conjuntos cerâmicos presentes no sítio São João. Como Oliveira (2016b) coloca a presença de vasos com flange mesial não é exclusiva à Tradição

Polícroma, estando presente até nos conjuntos Borda Incisa do Médio Solimões. No entanto, os vasos de flange mesial da TPA possuem todas as características emblemáticas desse estilo tecnológico, que por sua vez tornam esses vasos os mais emblemáticos da TPA. De certa forma, os vasos de flange mesial da TPA encarnam sua iconografia de uma forma que apenas as urnas funerárias dessa Tradição também o fazem (um feito significativo), apresentando as representações antropomorfas e zoomorfas, muitas vezes combinadas, realizadas com o uso de acanalados e/ou pintura preta e vermelha sobre engobo branco. Por ser um artefato emblemático dentro de um estilo emblemático que é o Polícromo, os fragmentos de vaso de flange permitiram avaliar, qualitativamente – ou seja, com o olho ajustado do arqueólogo – a proximidade ou distância do estilo, a partir da busca pela coerência de seus elementos emblemáticos. Dessa forma, lembrando que o Médio Solimões é uma área com fluxo tecnológico e, mais especificamente, fluxo emblemático, diversos fragmentos de flange mesial puderam ser atrelados a essa possível variação, alguns deles constando na figura abaixo. Como foi discutido brevemente na descrição das formas, a própria presença de uma vasilha de forma similar, porém sem seus aspectos emblemáticos – decoração na seção superior e flange modelada – possibilitou a caracterização de um fragmento da Tradição Borda Incisa (a forma 16).



Figura 4.13: Exemplos de fragmentos de flanges mesiais que apresentaram características emblemáticas divergentes. A) fragmento com conjuntos de acanalados que não conformam figura; B) Fragmento de flange inflexão com motivos desconexos e “soltos” dentro da peça; C) fragmento de flange mesial com decorações ondulados feitas com incisões (elementos emblemáticos da Tradição Borda Incisa); D) fragmento com acanalados que se desencontram na flange). Fotos Rafael de Almeida Lopes e Verônica Lima.

Análise morfológica: bases

Ao todo foram analisadas 138 bases no sítio São João. A grande maioria (87%) foram identificadas como bases planas, seguidas de bases com o fundo côncavo (9%), bases ou pés em pedestal ou tripode (3%) e por último apenas um fragmento de base convexa (1%). Os diâmetros também puderam ser calculados em 52 fragmentos variando em bases muito pequenas, com 5cm de diâmetros até bases muito grandes com 52cm. A metade das bases, no entanto, circularam entre 7cm e 14cm de diâmetro, uma escolha por tamanhos médios de bases, mas que podem suportar uma grande variedade de formas, como as vasilhas inteiras encontradas no sítio São João comprovam.



Figura 4.14: Bases do sítio São João. À esquerda fragmento de base plana; à direita um pé de uma tripode. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Em 39 fragmentos, cerca de um terço da amostra, foram encontradas marcas de uso variando entre fuligem e desgaste interno e/ou externo. A marca de uso mais recorrente foi a fuligem interna, presente em mais da metade das peças com marca de uso, mas também ocorreu com frequência o desgaste interno (ver figura abaixo). Sobre a espessura das bordas que apresentaram marcas de uso, é notável que mais da metade delas apresentaram espessuras médias ou grossas, enquanto, como veremos abaixo, a grande maioria do material do sítio apresenta espessuras mais finas. É possível perceber que para o preparo de alimento, algumas artesãs escolhiam engrossar as bases dos fragmentos de forma a aguentarem maiores temperaturas. O seu uso resultaria, em consequência, nas marcas de uso como a presença de fuligem. Em uma dessas bases de grossa espessura foi encontrado ainda, uma marca de folha, produto da queima das vasilhas. Esse tipo de marca é comum em assadores da Tradição Borda Incisa.

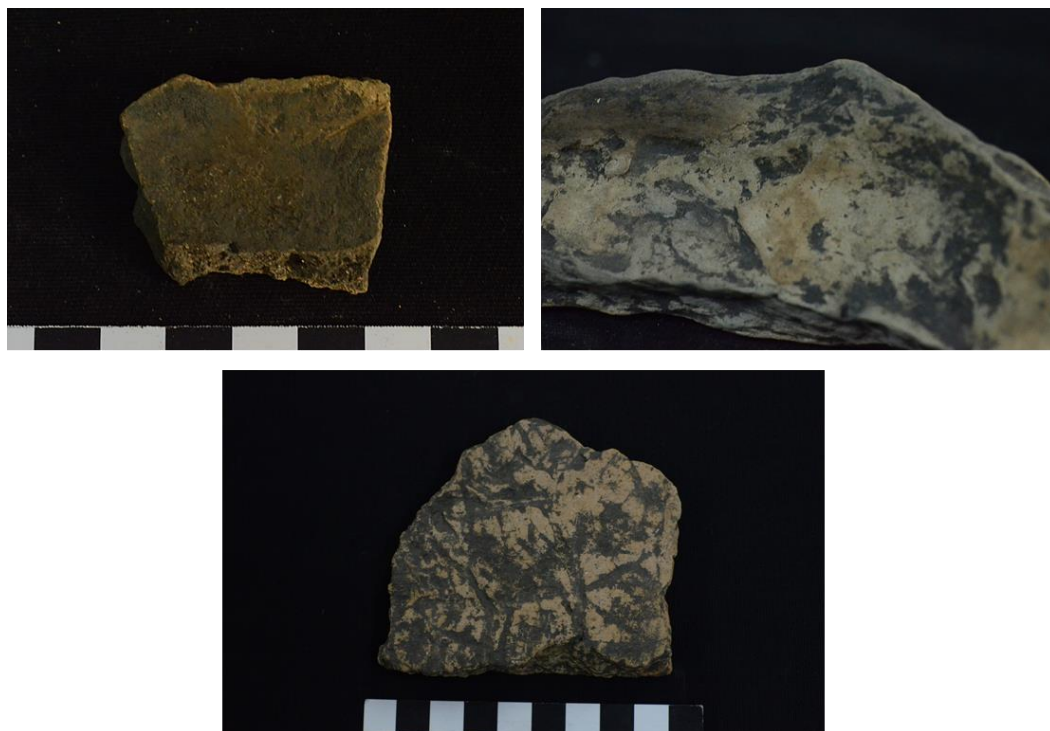


Figura 4.15: Marcas de uso das bases do sítio São João. À esquerda camada de fuligem interna; à direita marcas circulares de desgaste interno; abaixo base com marca de folha da unidade I. Fotos: Rafael de Almeida Lopes e Veronica Lima.

Análise morfológica: outros

Alguns outros tipos de fragmentos foram encontrados no sítio São João e ganham aqui uma breve inspeção morfológica: são eles os apliques, objetos cerâmicos e as trempes com acabamento.

Quanto aos apliques (ver figura abaixo), foram encontrados 3, a variabilidade se deu entre duas alças aplicadas e uma pequena esfera modelada. Entre as três destacou-se uma alça zoomorfa encontrada na feição 1 que parece representar o rosto de um réptil ou anfíbio. Desse contexto podemos inferir a baixa frequência desse tipo de material, já colocado como incomum dentro da Tradição Polícroma (BELLETTI, 2015).



Figura 4.16: Apliques do sítio São João. À esquerda alça zoomorfa da feição 1; à direita aplique esférico encontrado na unidade I; abaixo alça com engobo vermelho também encontrada na unidade I. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Como já foi comentado no capítulo passado dois objetos cerâmicos foram encontrados no sítio São João, ambos na unidade I e associados à feição 6 (ver figura abaixo). O primeiro objeto foi identificado como um possível peso de rede, devido a sua forma massiva e a presença de uma abertura em sua parte superior por onde fios poderiam passar. O segundo objeto estava fragmentado, tornando assim mais difícil de imaginar sua forma e função original, e possui um formato cônico com uma base circular. Embora primeiramente pensado como um carimbo de base espocada, a natureza da quebra da base do fragmento, uma fratura circular, descreditou essa hipótese. O que parece é que haveria uma outra seção do objeto saindo do centro de sua base. A ampla presença de refinado acabamento com acanalados abundantes poderia indicar um uso especial do objeto que, no momento, não é possível especular sobre.



Figura 4.17: Objetos cerâmicos do sítio São João: à esquerda possível peso de rede; à direita base do objeto com acanalados. Fotos: Verônica Lima e Mariana Cassino.

Por último identificamos 5 trempes no sítio São João que apresentaram decoração acanalada. As trempes foram encontradas nas feições 1, 4 e 5, e também próximo a feição 6 na unidade I. Suas decorações apresentaram duas variações, tendo em alguns casos faixas circulares nas extremidades da trempe e em outros, como foi o caso em F5, com linhas paralelas ao longo de sua extensão (ver figura abaixo). Apesar de poder servir a razões formais como aumento da resistência térmica, a presença das trempes decoradas junto a contextos de feições escavadas, e mais importante, compondo suas partes principais, como no caso de F5, pode indicar uma escolha estética. A performance desejada para trempes ajudaria a compor os aspectos visuais dessas feições meticulosamente organizadas. Ela, no entanto, poderia também ser decorrente do apoio em alguma superfície antes da queima que produziria as marcas encontradas.



Figura 4.18: trempes decoradas do sítio São João. À esquerda trempe com decoração nas extremidades; à direita trempe com decorações ao longo da extensão da trempe.

Análise das pastas

Discutido o mundo formal da produção cerâmica do sítio São João toca investigar os elementos que compõem suas pastas. A análise das pastas buscou inquirir sobre escolhas tecnológicas nas primeiras etapas de produção do vaso, desde a escolha da argila e dos elementos a ela adicionados até momentos posteriores, como os ambientes de queima. Essa etapa da produção movimenta, portanto, tanto conhecimentos tradicionais embrenhados nos estilos tecnológicos de grupos ceramistas, quanto as escolhas tecnológicas ajustadas realizados dentro dos *habitus* das artesãs.

Sobre as adições à argila, os chamados antiplásticos ou temperos, elas foram divididas entre aquelas que possuem maior concentração dentro de um fragmento, o antiplástico principal, e aqueles com menor recorrências, os antiplásticos secundários (onde se encontram também possíveis antiplásticos terciários, etc.). Tais categorias não devem ser tomadas como êmicas, nem como tendo propósitos específicos, mas sim como uma forma do arqueólogo de organizar a variabilidade das combinações presentes nos fragmentos cerâmicos. Além disso, concentração de um determinado antiplástico pode definir ou alterar as performances de vasilhas (RICE, 2015[1987]; BELLETTI, 2015). Entre os antiplásticos principais predominaram o cauixi e o caraipé (ver gráfico abaixo). A presença de cauixi em alta concentração (>20% da pasta) como antiplástico principal foi notada em 40% dos fragmentos, enquanto o caraipé em alta concentração foi identificado em 35% da amostra. O caraipé identificado amplamente mais identificado foi o caraipé A, lenhoso, sendo o caraipé B, não lenhoso, aparecendo em apenas alguns fragmentos. Os próximos antiplásticos mais recorrentes foram também o caraipé e o cauixi, mas em menor concentração (<20% da pasta), o primeiro figurando em 7% da amostra e o segundo em 4%. A presença conjunta de ambos os antiplásticos em alta concentração em uma só peça também foi menos notável, aparecendo em apenas 1% da amostra. Ao todo, portanto, os dois antiplásticos orgânicos figuraram com maior concentração, em 87% dos fragmentos do sítio São João. Os outros 13% são compostos de outros antiplásticos em alta e baixa concentração e da mistura destes com caraipé e cauixi. Desse conjunto destacam-se os fragmentos com carvão ou caco moído como antiplástico principal em baixa concentração – respectivamente 6% e 4% da amostra.

Aqui é interessante pontuar que embora figurem como antiplásticos principais, caraipé e cauixi não foram encontrados sempre da mesma forma. Pode-se atentar, por

exemplo, para diferenciações de coloração, mais perceptível nas peças com caraipé. Em alguns casos o caraipé apresentou coloração mais claras, brancas ou acinzentadas, e outras bem escuras. O tamanho do antiplástico também foi observado como variante. O caraipé, algumas vezes, foi encontrado em grandes pedaços sendo até possível vê-los a olho nu, enquanto em outros casos, apenas pequenos fragmentos foram encontrados. Quanto ao cauixi a variação mais perceptível foi entre caraipé bem “escovado”, no qual as espículas seguiam um padrão claro e cauixi “desorganizado”, onde as espículas se encontraram desordenadas. As diferenças no antiplásticos estão associadas ao processo de tratamento pré-queima e à queima da cerâmica, revelando escolhas tecnológicas da produção cerâmica. Tais escolhas e suas performances necessitam ser analisadas mais profundamente, em especial por análises arqueométricas, para aumentar nosso conhecimento sobre as produções ceramistas amazônicas.

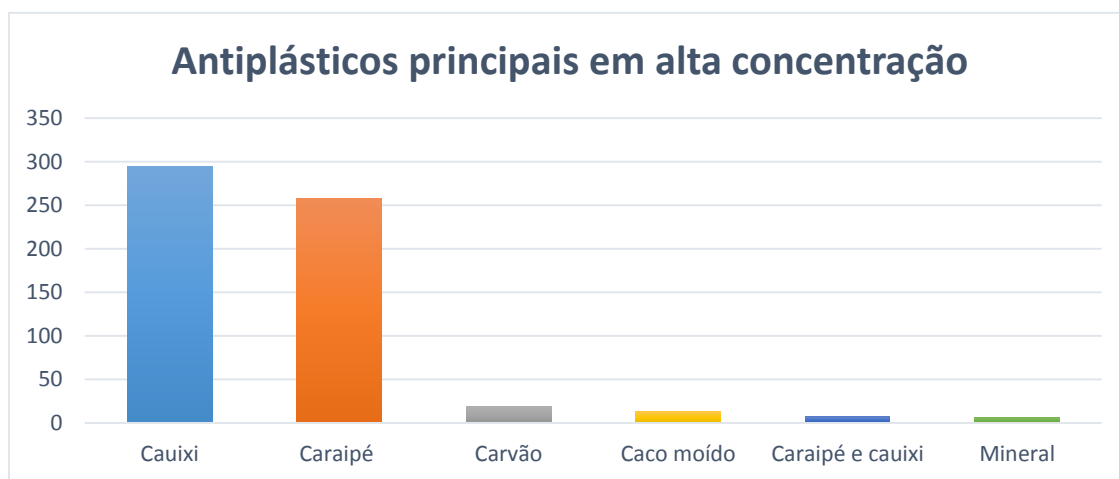


Gráfico 4.8: Quantidade de fragmentos por antiplástico principal em alta concentração.

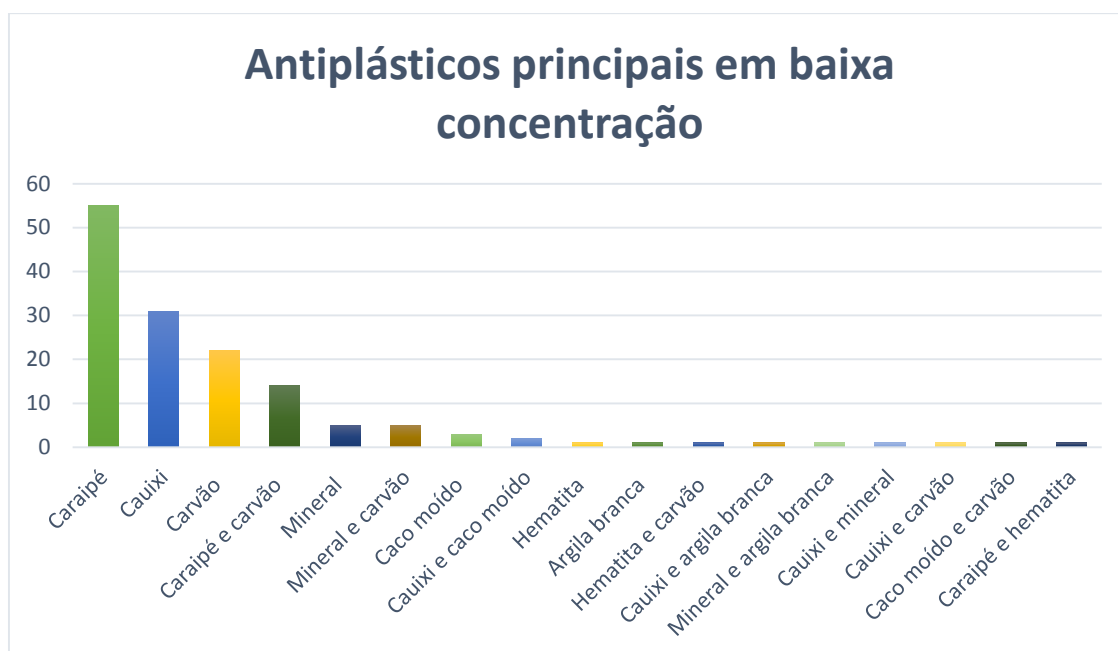


Gráfico 4.9: Quantidade de fragmentos por antiplástico principal em baixa concentração.

Além dos antiplásticos principais, com maior concentração, antiplásticos chamados de secundários foram encontrados em mais de 70% da amostra, indicando que sua multiplicidade foi um fator importante para a produção cerâmica do sítio São João. Para melhor definir performances desejadas para as vasilhas do sítio São João é mais interessante buscar entender “receitas” de pasta, ou seja, combinações específicas de antiplásticos (e de queima e espessura, que serão comentados abaixo) (BELLETTI, 2015). Assim, os antiplásticos secundários foram analisados a partir de sua combinação com os antiplásticos principais mais recorrentes, o cauixi e o caraipé.

Sobre o cauixi (Gráfico 4.10), a análise identificou que 75% dos fragmentos com esse tempero contaram com mais de um antiplástico. Os mais recorrentes foram os minerais, em especial a hematita, que figuraram em cerca de 50% das peças com antiplástico secundário. Também tiveram presença significativa o carvão (15%), o caco moído (10%). Além deles, ocorreram caraipé, argila vermelha e argila branca como adições à argila.

Sobre as peças com caraipé (Gráfico 4.11) como antiplástico predominante, um padrão distinto pôde ser identificado. Apenas 14% das peças com caraipé não contaram com um antiplástico secundário. Entre os antiplásticos secundários identificados, o mais recorrente foi o carvão seguido de minerais, o mais importante sendo novamente a hematita, contando com 40% e 25% respectivamente. A junção de ambos os antiplásticos,

carvão e hematita, em uma só peça foi também muito significativa, representando 23% da amostra comentada. Em alguns casos, a presença de carvão junto ao caraipé foi interpretada como presença de resíduos do processamento da casca de árvore, deixando junto ao caraipé lenhoso, outros vestígios de material carbonizado. Esse contexto, no entanto, necessita de maiores estudos. Em menor frequência foram identificados a argila vermelha, a argila branca, o caco moído e o cauixi.

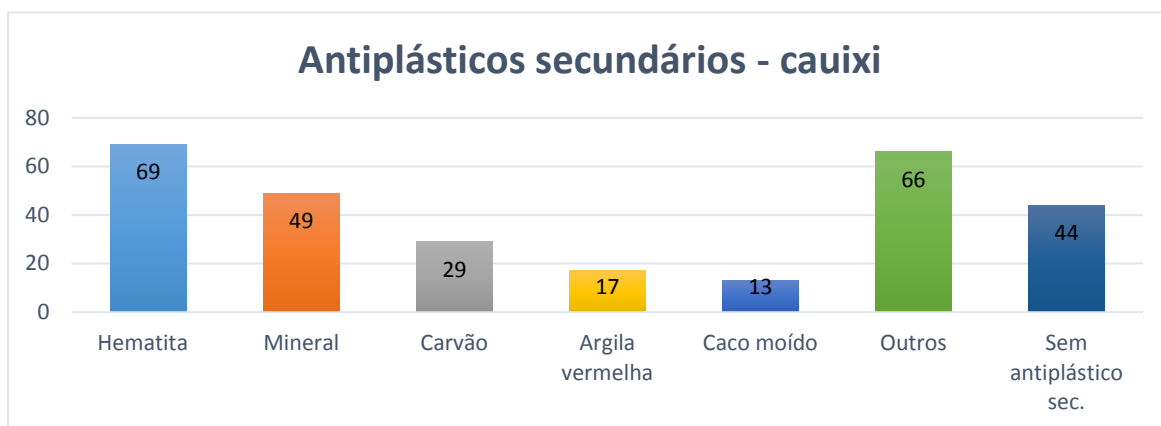


Gráfico 4.10: Frequência de peças com cauixi como antiplástico principal.

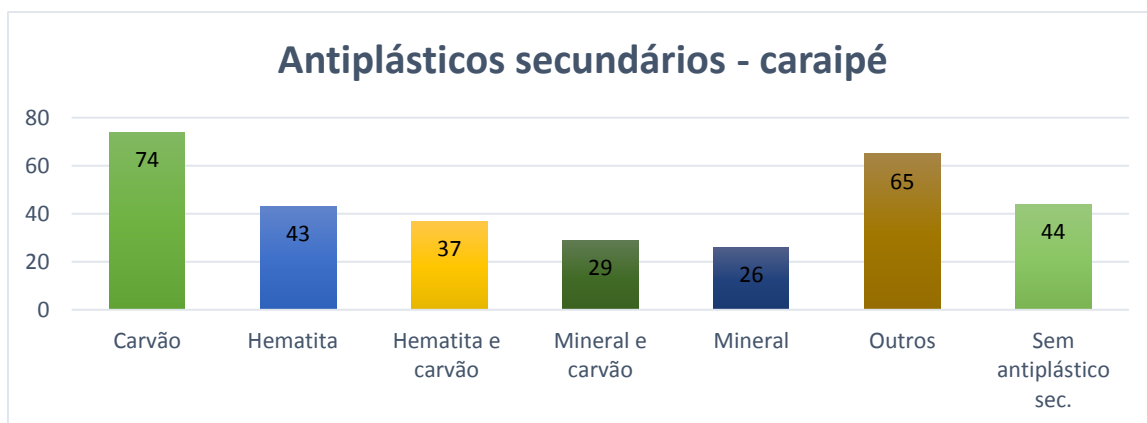


Gráfico 4.11: Frequência de peças com caraipé como antiplástico principal.

Além de tipos de antiplásticos, variações na queima foram identificadas. Em termos gerais, mais da metade das peças analisadas apresentaram núcleos escurecidos indicando a preferência por queimas incompletas. Os núcleos claros das queimas oxidantes representaram um quarto da amostra, seguidos então de núcleo escuros no centro e claros nas extremidades (14%), núcleos claros na superfície externa e escuros na superfície interna (5%) e núcleos claros internamente e escuros externamente (3%). Foram identificados alguns casos de queima heterogênea (ver Figura 4.19), onde ocorre as chamadas *fire-clouds* (SHEPPARD, 1956 apud. OLIVEIRA, 2016b), escurecimento

parcial de parte da vasilha devido ao contato direto durante a queima da vasilha com o combustível (madeira) ou com fumaça provindo dele. Essa presença pode indicar queimas a céu-aberto.



Figura 4.19: Exemplo de fragmento com queima heterogênea. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Quanto à espessura, 69% das peças apresentaram espessura fina (0,4-0,9cm), 29% apresentaram espessuras médias (1,0-1,5cm) e apenas 1% apresentou espessura grossa (>1,5), tendo a ocorrência também de espessuras muito finas (<0,4cm) em algumas flanges mesiais. As cores de principal ocorrência foram pastas em diferentes tons de marrom, seguidos de tons de laranja e, finalmente, tons de cinza em menor quantidade. A tonalidade externa de uma cor e interna de outra também foi observada em muitos casos.

Entre alguns padrões encontrados na análise das receitas das pastas, resumidos na figura 4.20, abaixo, está a convergência entre pastas com cauixi como antiplástico principal ou cauixi com mineral, queimas oxidantes, e espessuras finas, presentes em cerca de um terço dessa amostra selecionada, que chamo de receita 1. Por outro lado, o caraipé está associado à queima incompleta em cerca de dois terços das peças onde este é o antiplástico principal, com cerca de metade dessa amostra possuindo espessura fina e a outra metade tendo espessura média, nomeada de receita 2. Esse padrão se mantém quando o caraipé esteve acompanhado de carvão e, em alguns casos, hematita. Voltando ao universo morfológico, foi possível associar metade das amostras da receita 1 a vasilhas

diretas ou irrestritivas (formas 6 e 4) de pequeno volume e médio volume (até 5L) e a outra metade a vasilhas restritivas (como as formas 3 e 12) com grande volume (entre 5L e 35L). A segunda receita esteve associada em dois terços dos casos a vasilhas irrestritivas de pequeno e médio volume (formas 2 e 4) e no restante dos casos a vasilhas restritivas (como as formas 12 e 13) com grandes volumes (entre 5L e 20L). Interpretando tal contexto é possível postular certa preferência pela segunda receita na confecção de pratos e tigelas, enquanto a primeira, de amplo uso, se colocaria como uma receita de uso mais generalizado.

Machado (2006), que estudou a fundo os antiplásticos amazônicos e seus possíveis usos, levanta um ponto interessante diante de nossa interpretação das receitas: cauixi e caraipé, antiplásticos orgânicos cuja contribuição principal é a sílica, preenchem funções similares na produção cerâmica. Isso se traduz no momento da queima da sílica que deixa espaços vazios na pasta, permitindo a expansão e retração desta, assim trazendo a redução de sua umidade e o aumento de sua resistência térmica e mecânica. Essa função seria importante na produção de vasos complexos e compostos e também no encurtamento de tempo entre a produção de um vaso e outro, algo que segundo Oliveira (2016b) representaria uma performance indicada para produção em funções de grandes cerimônias que demandariam produção em larga escala de vasilhas mais elaboradas. No entanto, a presença destes compostos aumenta a porosidade da cerâmica que, junto as suas características de isolantes térmicos, transformam as vasilhas com esses compostos em condutores térmicos pouco eficientes – o cauixi ainda sendo algo melhor que o caraipé nessa função por ser oco e não fibroso (MACHADO, 2006). Essas características, embora menos importantes para vasos de consumo, são importantes no preparo de alimentos, permitindo a manutenção de altas temperaturas (SCHIFFER & SKIBO, 1992; MACHADO, 2005; OLIVEIRA, 2016b). Como colocam Orton, Tyers e Vince (1993), a condutividade térmica é melhor exercida por antiplásticos minerais do que orgânicos. É nesse ponto então que podemos retornar às receitas abaixo. A presença de mineral junto ao cauixi pode balancear a baixa condutividade térmica deste, ainda mantendo sua maleabilidade. Talvez seja essa performance que permita uma relação mais generalizada entre a presença dessa receita e a confecção de diversos tipos de vasilhas. Por outro lado, a presença de caraipé com carvão em queima redutora pode ter sido privilegiada para a produção de tigelas, pratos e cumbucas, com menor necessidade de condução térmica, como mostra o contexto do sítio São João, ao mesmo tempo que o caraipé aumentaria sua

resistência física. O carvão nestas teria uma função de diminuir o peso das pastas, aumentando sua portabilidade (MORAES & NOGUEIRA, 2016). Portabilidade, portanto, parece ser a performance mais indicada para a receita 2.

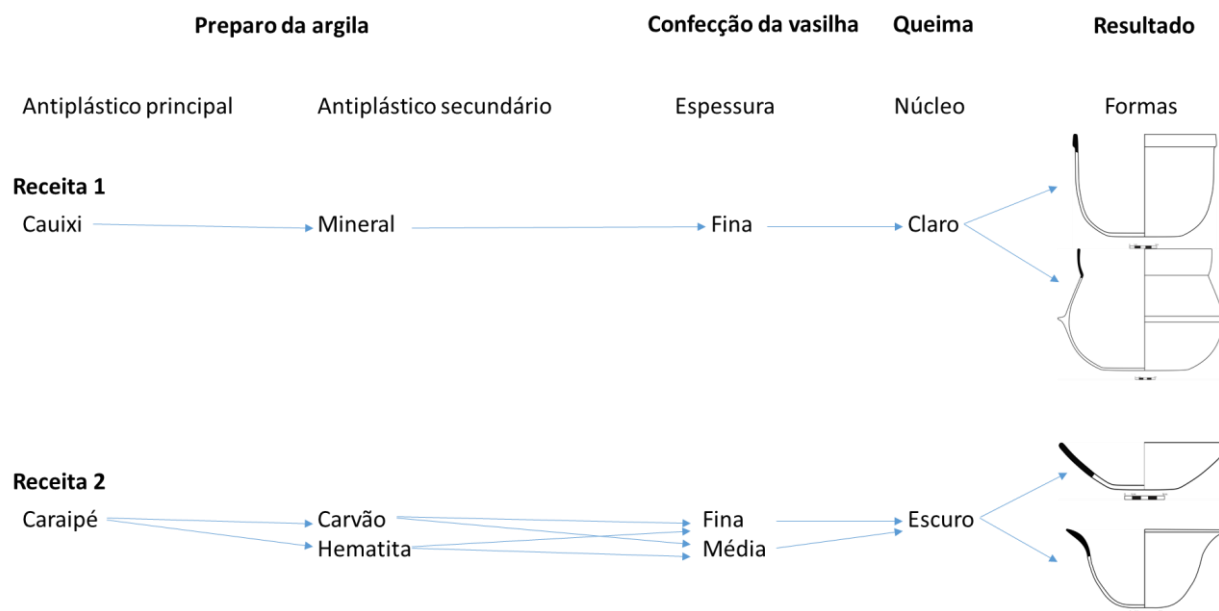


Figura 4.20: Esquemas hipotéticos da produção de vasilhas de acordo com etapas de sua produção.

Essas avaliações, no entanto, se baseiam em pequenas amostras (26 da receita 1 e 46 fragmentos da receita 2), assim necessitando de maiores estudos para entender as relações entre receita de pasta e forma. É importante perceber também que a produção cerâmica indígena não se dá em termos exclusivos de funcionalidade, mas sim que envolve todo um conjunto de *habitus* formados de ações, percepções e avaliações do mundo orientados por esquemas diversos que fogem do simples utilitarismo (BOURDIEU, 1983; 1996; SCHIFFER & SKIBO, 1997). Outra camada de dados que teria que ser adicionada ao esquema acima é justamente o acabamento das peças, um dado fundamental para entender as performances das vasilhas como um todo.

Relações entre pasta e categoria de fragmento foram identificadas também com as flanges. Os padrões encontrados seguem mais ou menos similares ao geral do sítio. A ampla presença de caraipé e cauixi foi identificada entre os 102 fragmentos, sendo o primeiro, no caso das flanges, mais recorrente (51% da amostra) que o segundo (38%). Outros antiplásticos (11%), como o caco moído, tiveram ocorrência em apenas um fragmento. Junto ao caraipé foram encontrados uma grande gama de antiplásticos, como carvão e/ou hematita sem algum padrão muito recorrente. O mais significativo foi a ausência de antiplástico secundário em cerca de 20% da amostra. O mesmo padrão se

repete entre as peças com cauixi, inclusive mantendo os 20% da peça sem presença de antiplástico secundário. Na queima e espessura há um padrão mais claro com 65% das peças apresentando núcleos escuros e, como já foi comentado acima, uma maioria de espessuras finas ou muito finas. É possível postular dessa forma que, no sítio São João, a confecção e queima dos vasos de flange mesial recebiam um enfoque maior que o preparo de suas argilas.

Uma última categoria de objetos cujas pastas apresentaram resultados significativos foram os calibradores cerâmicos. Esses objetos frutos de reciclagem cerâmica foram encontrados por todo o sítio São João, ocorrendo apenas em seus níveis superiores, como será discutido abaixo. Os calibradores são parte fundamental da análise do material lítico realizada por Márcio Amaral e serão melhor estudados em suas pesquisas. Aqui faço apenas pequenas indicações sobre uma amostra analisada destes artefatos. 11 fragmentos foram analisados das feições 1 e 3. Primeiramente, notou-se um número significativo de calibradores decorados com pintura vermelha, atrelando seu uso a uma escolha priorizada de vestígios com essa pintura. A análise, no entanto, apontou para outros fatores. Dos 11 fragmentos analisados, 8 tiveram presença de minerais como hematita, quartzo ou mica em suas pastas, elementos que impulsionariam o processo de calibração de artefatos líticos que necessita de atrito (AMARAL, comunicação pessoal). Um padrão ainda mais significativo foi a presença de alisamento grosseiro em 9 dos 11 fragmentos, os outros dois apresentando alisamento médio. Tal contexto, embora relativo a uma amostragem pequena e muito localizada, pode sugerir uma escolha tecnológica da produção lítica, a qual indicaria, através da aspereza, fragmentos bons para a calibração (ou seja, apropriados para a performance pensada).

Tratando-se da relação entre caracterização e receita de antiplástico, o pressuposto já mencionado de Tamanaha (2012) – da desconexão entre Tradição cerâmica e uso de antiplástico – é válido também para o sítio São João, sendo apenas interessante de um ponto de vista contextual, como será apresentado abaixo. Dessa forma, 44% da amostra atribuída à TPA apresentou cauixi como antiplástico principal, enquanto o caraipé compôs 38%. No conjunto de peças com possível fluxo tecnológico o caraipé compôs 52% da amostra e o cauixi 26%. Curiosamente, a maior porcentagem de material com caraipé foi identificada junto ao conjunto Borda Incisa, com 66% do material com caraipé contra 19% de cauixi. Esse ponto será discutido mais à frente, mas aqui é possível

comentar que justamente essas peças tem pequenos volumes e seguem mais ou menos a receita 2 comentada acima, cuja performance é a portabilidade. As outras características de pasta (núcleo, espessura e cor) mantêm frequências próximas as gerais do sítio, mas inspeções mais aprofundadas de performances da pasta serão realizadas na discussão geral sobre os conjuntos.

Análise do acabamento

A análise do acabamento englobou 657 peças (78% da amostra total), todas com alguma forma de alteração visível em sua superfície, sejam tratamentos de superfície ou decorações plásticas e/ou pintadas. Estes foram quantificados em termos de recorrência de técnica dentro da peça.

Antes cabem algumas palavras sobre os alisamentos do sítio (ver gráfico abaixo). O alisamento foi medido a partir da aspereza das peças e de marcas de alisamento encontradas em sua superfície. Grande parte das peças do sítio São João apresentou alisamento fino, médio ou uma variação entre ambos (fino em uma seção, médio em outras duas) totalizando 376 fragmentos. Alisamento grosso foi notado em menos casos, às vezes confundindo-se com a erosão das peças por processos pós-deposicionais. O polimento também foi identificado em menor medida. É interessante notar que o polimento, em grande parte das vezes, foi encontrado internamente, ou internamente e no lábio (99 peças). Também foi encontrado em toda a vasilha (44 peças) e só em alguns casos foi encontrada apenas externamente e/ou no lábio (18 peças). Tal dado indica que o efeito brilhoso concedido pelo polimento não foi uma performance visual buscada na produção cerâmica do sítio. Ao invés disso, foram priorizados tratamentos de superfície para as faces externas.

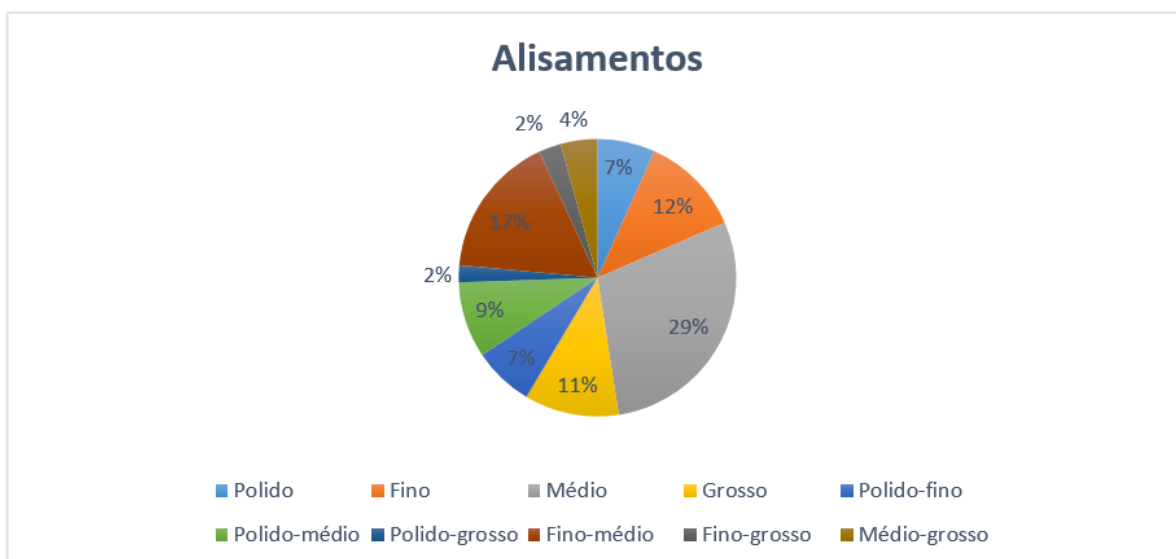


Gráfico 4.12: Alisamentos encontrados no sítio São João. Estão apresentados na ordem face interna-face-externa; quando apenas um nome estiver citado é que todas as faces possuem o mesmo alisamento.

Os diferentes tratamentos de superfície foram identificados em 496 peças do sítio. Os mais recorrentes foram os engobos (49% dos casos) e banhos (42%). Também foram identificados escovados (4%), enegrecimentos (3%) e dois casos já comentados de marcas de folha em bases. Entre os engobos, aplicação sobre a superfície cerâmica de uma camada fina de argila colorida antes da queima, figurou significativamente, como esperado, o engobo branco (67% das peças com engobo), característico de ambos TPA e TBI do Médio Solimões. Camadas de engobo branco, praticamente telas em branco para as artesãs do São João⁴⁴, figuraram nas vasilhas do sítio, especialmente nas faces externas e nos seus lábios e flanges. As faces internas também foram cobertas com essa camada, na grande maioria das vezes ocupando conjuntamente face interna e lábio. A camada de engobo recebeu diversas intervenções plásticas como acanalados, mas na maneira de uma tela, as intervenções pintadas predominaram, com três vezes mais ocorrências. A cor esmagadoramente mais utilizada foi o vermelho, ocorrendo também o vinho, o marrom e o laranja. As pinturas localizaram-se sobretudo nas partes externas das vasilhas e em seus lábios. Sobre essa separação em faces é importante pontuar uma recorrência no sítio: a presença de uma margem de engobo na face interna ou externa quando uma camada fora acrescentada na sua face contrária e no lábio. Junto a essa margem foram encontradas em alguns casos sobras escorridas ou manchadas de engobo, pequenas evidências de acidentes estruturados da produção cerâmica (ver figura 4.21A). Outra particularidade da

⁴⁴ E também facilitadoras na impermeabilização das cerâmicas, e na diminuição de sua porosidade (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p. 559).

presença do engobo branco no sítio foram suas diferentes formas. Assim como caraiapé e cauixi, as camadas de engobo branco apresentaram variações em sua aplicação às cerâmicas e em sua preservação. Em 31 casos o engobo encontrado estava craquelado, ao modo de uma pintura a óleo antiga, fragilizado por deslocamento (ver figura 4.21B). Porque apenas algumas aplicações de engobo tiveram esse efeito foi uma dúvida que surgiu durante a análise e deve ser resolvida com estudos arqueométricos. Outros 19 casos, pelo contrário, apresentaram uma camada espessa e estável de engobo, divergente das camadas mais finas aplicadas comumente. Uma terceira variação significativa foi a presença de camadas de engobo beges (18 casos) e cinzas (8 casos). Apesar de terem sido classificadas em outra categoria, não é possível afirmar por enquanto se essa coloração é de fato intencional ou resultado de processos pós-deposicionais sobre camadas de engobo branco. No caso do engobo bege, existe certa circunscrição de casos na unidade I e III que podem dar pistas sobre a origem de tal variação.



Figura 4.21: Engobo branco no sítio São João: A) fragmento com sobras de engobo; B) Camada de engobo craquelado.

O engobo vermelho, elemento emblemático associado à fase Caiambé, teve incidência baixa, porém significativa, no sítio São João (14% das peças com engobo) (ver figura 4.22B). A camada aplicada se concentrou em faces específicas, sendo generalizada em apenas 3 casos. Esse é um padrão recorrente no material Borda Incisa do Médio Solimões como identificado por Hilbert (1968) e Gomes (2015). Em 8 casos a mesma peça apresentou engobo branco em uma ou duas faces e engobo vermelho na(s) outra(s). Alguns casos até contaram com a presença de preenchimento de uma camada grossa de pintura em vermelho acima do engobo branco, cujo efeito é de uma espécie de engobo sobre engobo, compreensível dentro da iconografia Polícroma (ver figura 4.22A). Ao contrário do engobo branco, houveram poucas intervenções plásticas sobre o engobo vermelho, apenas 5 casos.

O banho, o outro tratamento de superfície mais recorrente do sítio, é similar ao engobo, porém se difere em produção e efeito. A produção do banho, também chamado de barbotina, se dá com a mistura de argila com uma quantidade maior de água do que da colocada no engobo. Essa mistura de consistência quase líquida é então aplicada à superfície da cerâmica, auxiliando no processo de junção dos roletes ou fixação de apêndices e flanges (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016, p. 555). No sítio São João esse tratamento de superfície produziu um efeito visual muito característico: o realce da cor da pasta ou, em alguns casos, sua transformação. Os banhos ocorreram nas múltiplas cores das pastas do sítio São João, mas tiveram maior reincidência nas pastas alaranjadas (44% dos casos) (ver figura 4.22C) e amarronzadas (34%) (ver figura 4.22D) dando, em muitos casos, uma aparência brilhosa ao fragmento. Tanto banho quanto engobo parecem ter sido formas comuns de acabamento no sítio, não estando ligados a morfologias específicas. O enegrecimento intencional das pastas⁴⁵ também foi identificado em 38 casos. Por fim o escovado⁴⁶ foi encontrado em 32 casos.

⁴⁵ O enegrecimento pode resultar de diversas técnicas entre as quais está a brunidura, na qual pastas com resina são atingidas intencionalmente por fumaça, resultando em um efeito brilhoso (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016). Esse brilho na pasta é o que diferiu a identificação desses processos com a identificação da fuligem decorrida do uso.

⁴⁶ O escovado é um tratamento de superfície plástico onde um instrumentos de pontas múltiplas é passado na pasta auxiliando na união dos roletes e provendo um efeito visual característico (BARRETO, LIMA & BETANCOURT, 2016).

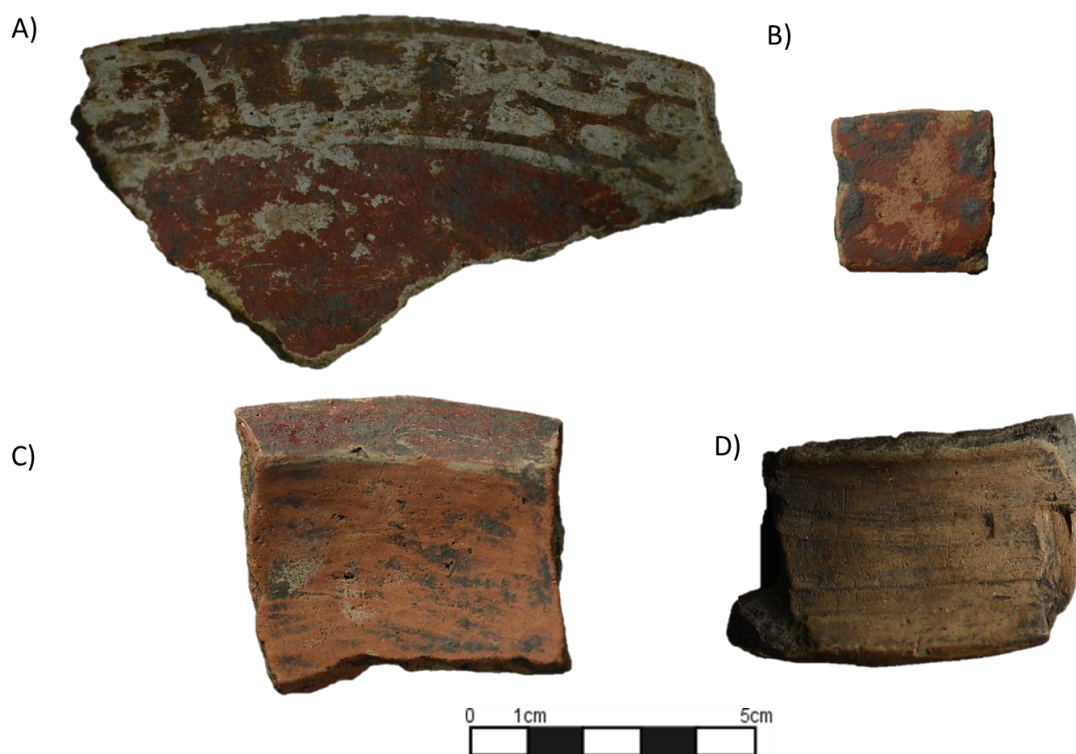


Figura 4.22: Outros tratamentos de superfície: A) vasilha com preenchimento vermelho sobre engobo branco; B) Engobo vermelho interno; C) fragmento com banho alaranjado. No centro da peça é possível ver a coloração original da peça, menos reforçada. D) fragmento com banho em marrom. Novamente o efeito do banho pode ser observado pelo lado esquerdo da peça, com banho e mais brilhoso e o lado direito, menos realçado.

Sobre esses tratamentos de superfície ou diretamente sobre a superfície das cerâmicas foram inseridos grafismos diversos, de linhas a figuras antropozoomorfas, a partir de distintas técnicas plásticas ou da pintura em distintas cores (ver gráfico abaixo). A técnica plástica mais identificada no sítio São João foi, como esperado, o acanalado com 283 casos reconhecidos, ou 60% da amostra analisada. Essa técnica emblemática da Tradição Polícroma consiste no uso de um instrumento de ponta quadrada ou em U para fazer retiradas de argila, que formam o grafismo. Além do grafismo das retiradas, a própria argila sobressalente é usada, em diversos casos, para formar outros grafismos, compondo figuras múltiplas projetadas para capturar o olhar (OLIVEIRA, 2016b). Os acanalados foram encontrados sobretudo na face externa das vasilhas, ocorrendo também com frequência nos lábios. Apenas 4 casos de acanalado na face interna foram encontrados, um padrão seguido em quase todas as técnicas plásticas visto que as intervenções podem interferir com as performances pensadas para o interior de vasilhas de consumo, preparo, etc. Modos comuns de encontrar o acanalado foram em linha única ou dupla abaixo da borda e em motivos complexos acima da flange mesial em vasos desse

tipo. Uma variação de ocorrência significativa do acanalado foi identificada durante a análise. Trata-se do que foi chamado de acanalado estriado, uma intervenção com um efeito similar ao acanalado, mas que apresenta mais sobra da pasta na extremidades e linhas estriadas no sulco produzido pela intervenção. A variação foi encontrada em cerca de 20% dos acanalados e pode ser atribuída ao uso de um instrumento diferente. A técnica foi caracterizada na maioria das vezes como uma variação dentro da TPA, apresentando alguns casos onde seu uso, combinado a outros fatores foi ligado a um possível fluxo tecnológico.

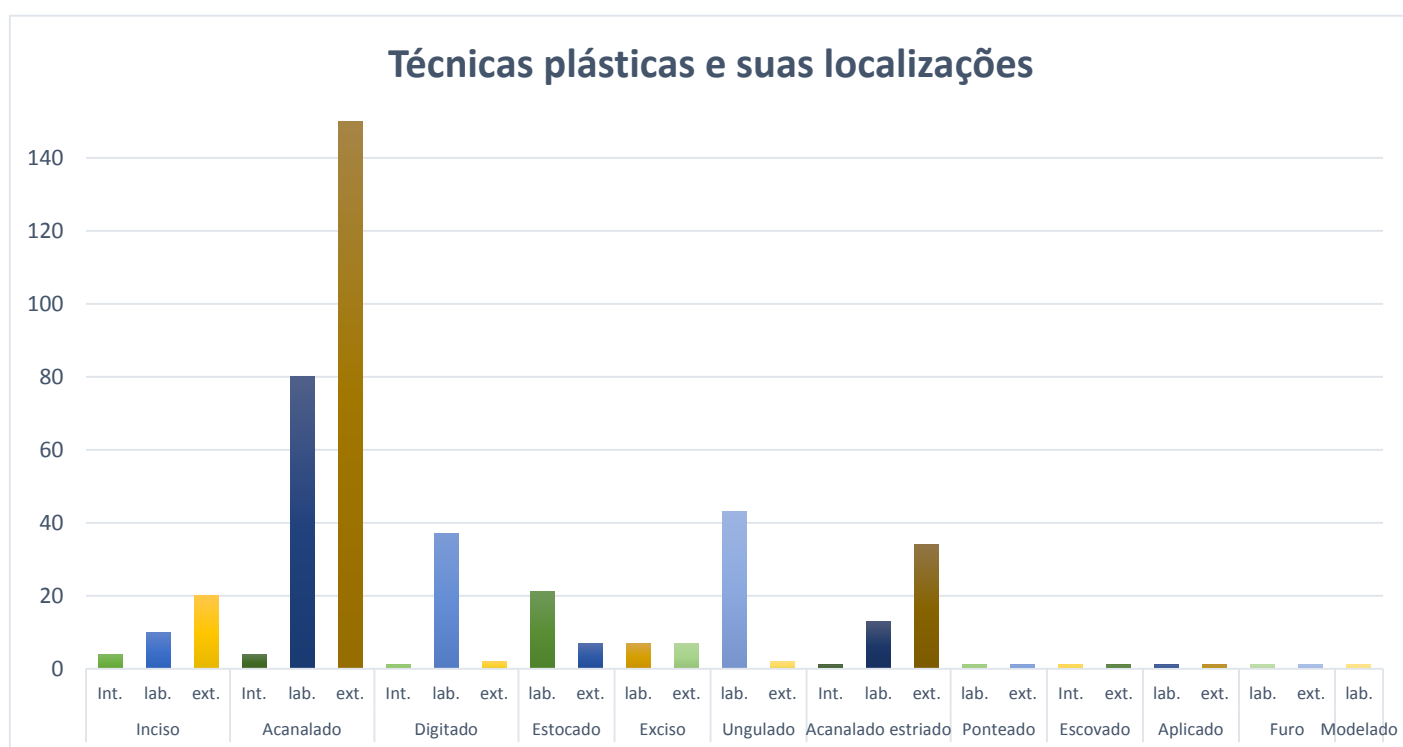


Gráfico 4.13: Frequência de técnicas plásticas e suas posições dentro da peça.

O inciso também foi recorrente no sítio São João, incidindo 34 vezes. A técnica é emblemática dos conjuntos Borda Incisa (que recebem seu nome por esse motivo), mas não é exclusiva a ele. Ela é produzida a partir de um instrumento pontiagudo o qual produz incisões na pasta sem retiradas. A técnica foi mais identificada na face externa, seguida do lábio e em 4 casos na face interna. Apesar de ser recorrente em apenas dois casos o inciso foi utilizado para a produção de motivos complexos. Ele apareceu na maioria dos casos, entretanto, em motivos lineares no lábio ou próximo a eles. Assim como a presença

de engobo vermelho, a presença de incisões foi um elemento emblemático importante para definir o conjunto Borda Incisa do sítio.

O ungulado, digitado e o estocado formaram um conjunto de técnicas muito recorrentes nos lábios e flanges das cerâmicas do sítio São João. Trata-se de diferentes formas de marcar esse setor da pasta o primeiro com uma incisão da unha, o segundo com uma profundidade maior da ponta do dedo, e o terceiro mais estruturado, com uma retirada de argila feita com um instrumento. Esse tipo de intervenção compõem um quarto das decorações identificadas e foi encontrado em sua maior parte de forma serrilhada, ou seja, em intervalos constantes ao longo do lábio ou flange. Ritmos distintos para essas decorações foram encontrados (como o ungulado duplo, ou a presença de dois ungulados, seguidos de um digitado), mas um padrão em sua produção não foi percebido, necessitando de mais pesquisas. Sobre o estocado é interessante notar sua presença em material classificado como TPA, como as flanges mesiais (tanto na flange quanto na borda) ou bordas decoradas. Sua própria produção remete a formação de gregas retangulares, muito similares ao padrão simplificado do diadema polícromo. A análise pôde identificar outras decorações plásticas de ocorrência pontual, como furos e a inserção de apêndices modulados. Algumas das técnicas acima podem ser observadas nas figuras abaixo.

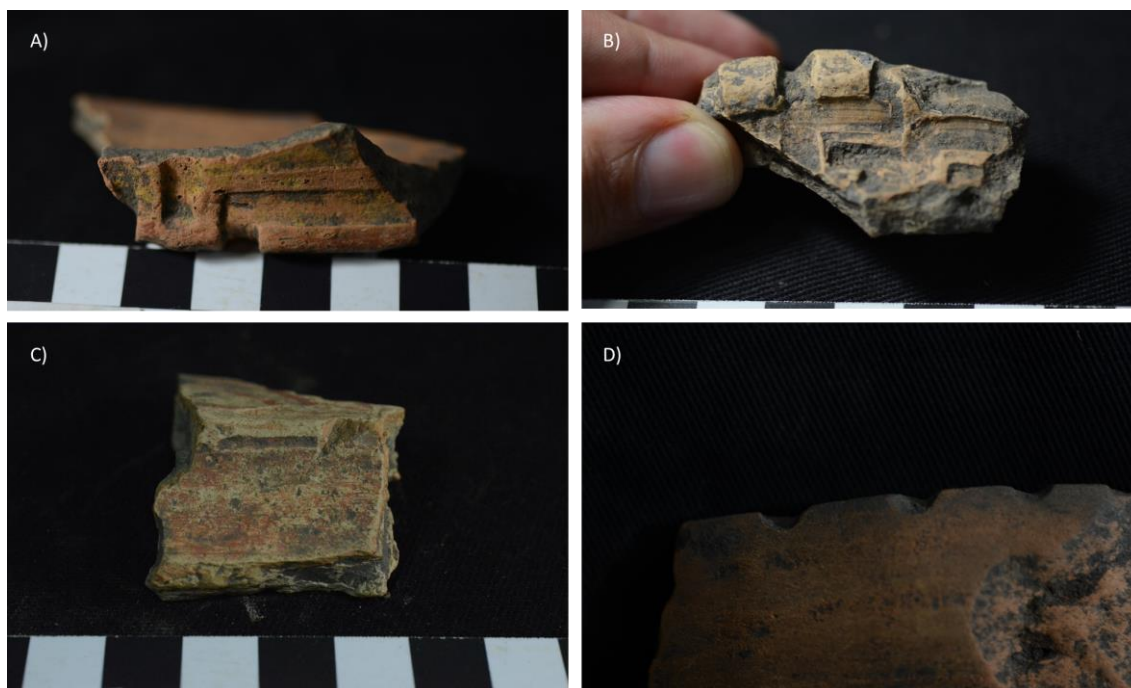


Figura 4.23: A) Uso de técnica do acanalado com motivo também em exciso; B) acanalado identificado como estriado; C) inciso encontrado abaixo da borda; D) estocado no lábio de uma vasilha.

Sobre a pintura, outro padrão claro foi reconhecido: a ampla presença de pintura em tons de vermelho em todas as faces da cerâmica (71% da amostra de decorações pintadas) (ver gráfico abaixo). A pintura é produzida a partir do óxido de ferro e fixada por outra sessão de queima em temperaturas mais controladas. O mesmo processo é responsável pela produção das pinturas alaranjadas, amarronzadas e, possivelmente, da pintura amarela. O que muda para a criação de cada pigmento não parece ser tanto sua composição, mas a temperatura a qual o pigmento é exposto quando da segunda queima da pasta. Múltiplos pigmentos em uma mesma vasilha poderiam indicar etapas adicionais de queima. Da mesma forma pinturas em degradê ou em tons mistos podem indicar acidentes na produção (CUNHA LIMA, comunicação pessoal). A pintura vermelha ocorreu especialmente na face externa e no lábio ou flange das vasilhas. Embora, em termos gerais a presença de pintura vermelha siga o padrão do acanalado, é possível perceber um aumento considerável na frequência de pintura na parte interna das cerâmicas. Esse aumento se traduz na presença de pratos e tigelas com extensa decoração pintada (ver figuras 4.1D e 4.6). Uma última nota a essa pintura foi a presença, em 14 casos na unidade I, de uma pintura vermelha brilhosa (classificada como vermelho vivo). Tal pintura pode ser proveniente de queimas melhor controladas ou condições melhores de preservação.

Seguido da pintura vermelha, ocorreu a pintura marrom escura (15%). O pigmento é similar ao preto característico da TPA, no entanto, no sítio este ocorreu apenas em 3 fragmentos. A variação pode dever-se a formas distintas de se queimar a cerâmica – o preto sendo um marrom muito escuro produzido por queimas em alta temperatura –, mas é importante notar que as pinturas amarronzadas do sítio São João preenchem estruturalmente o mesmo papel que a pintura preta em outras áreas.

Ainda ocorreram no sítio São João pinturas em tons de laranja, de vinho e de amarelos, as 3 sendo possivelmente variações não intencionais da pintura vermelha. É notável a presença de peças com degradê vermelho-amarelo. Tal contexto, já identificado pelo autor em material do rio Negro (LOPES, 2015), ocorreu em 6 casos, cinco deles em flanges mesiais. É interessante comentar que esses casos podem ser mapeados aos níveis inferiores da unidade I, podendo representar receitas específicas para o pigmento, escolhas estéticas ou questões tafonômicas particulares.

Sobre essas intervenções visuais é necessário notar que elas não foram excludentes. Decorações plásticas e pintadas, por exemplo, co-ocorreram em 62 fragmentos. Essas junções se traduzem em pinturas que realçam as intervenções plásticas, preenchendo sulcos ou excisões. Engobo branco e pintura vermelha tiveram, como já foi comentado, forte co-ocorrência, o mesmo pode-se dizer sobre a relação entre banho e intervenções plásticas (cerca de metade das peças com intervenções plásticas apresentaram banho de alguma cor), denotando as escolhas das artesãs para as performances visuais das vasilhas.

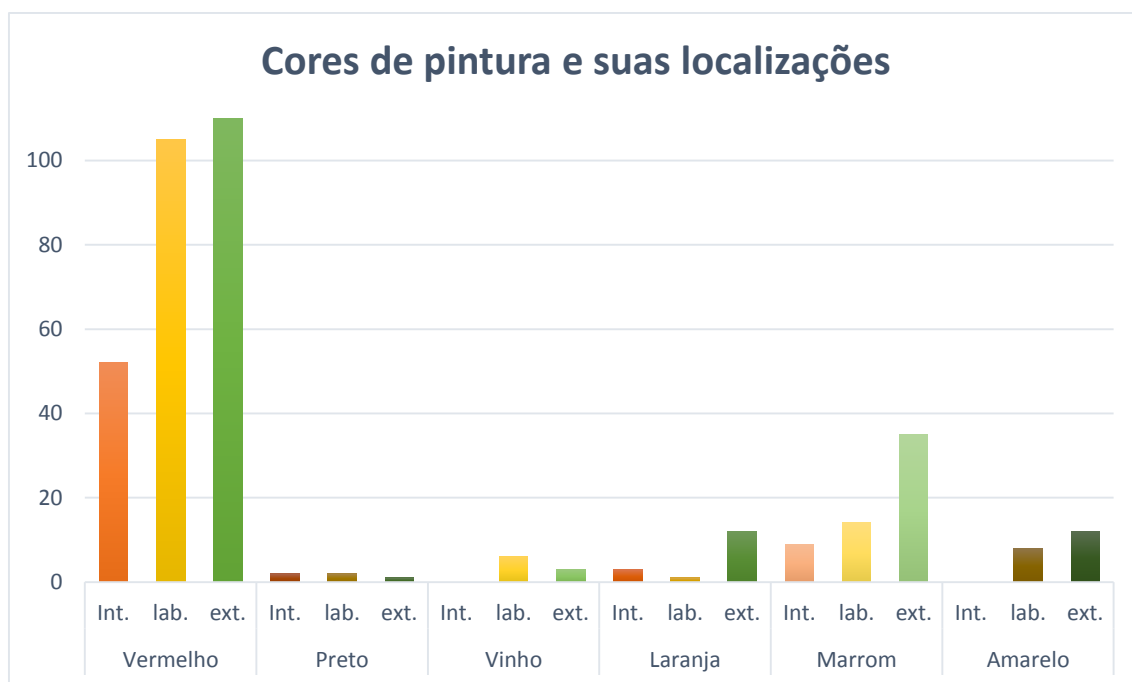


Gráfico 4.14: Frequência de cores usadas e suas posições dentro da peça.



Figura 4.24: Exemplos da diversidade de peças pintadas encontradas no sítio São João.

Os produtos dessas intervenções foram identificados como motivos (ao todo 900 motivos foram identificados, divididos em 41 tipos) e classificados, enfim, como simples ou complexos (ver Figura 4.25). Muitas peças apresentaram diferentes grafismos em suas distintas partes. Entre os motivos simples foram estabelecidos 6 conjuntos, de forma a organizar melhor a amostra: vestigiais, composto de intervenções descontínuas, pouco preservadas; lineares, medidos entre linhas finas, médias e grossas, horizontais, verticais ou na diagonal; triangulares; circulares; curvilíneos e serrilhados. Entre os motivos complexos também 6 conjuntos foram montados: vestigiais complexos, nos quais diversas intervenções pouco preservadas podem ser identificadas, não podendo ser definido o grafismo complexo original; diademas, em todas as formas que foram encontrados; zoomorfos; antropomorfos, estes melhor definidos do que apenas a presença do diadema; antropozoomorfos; e complexos compostos, classificado quando o grafismo completo não pôde ser classificado quanto a um dos conjuntos anteriores.

1) Vestigial	2) Lineares 
3) Triangulares 	4) Circulares 
5) Curvilíneos 	6) Serrilhados 

1) Vestigial complexo	2) Diademas 
3) Zoomorfos 	4) Antropomorfos 
5) Antropozoomorfos 	6) Complexo composto 

Figura 4.25: Conjuntos de motivos. Acima motivos simples; abaixo motivos complexos.

Os motivos simples com maior ocorrência foram os lineares representando 40% da amostra total de motivos. Eles figuram especialmente entre as intervenções plásticas com cerca de metade das ocorrências de motivos. Nas decorações pintadas também são significativos, com ao redor de um terço das ocorrências. A principal forma com a qual a linha apareceu foi em apenas uma faixa. Entre os acanalados foi comum encontrar essa faixa na face externa da peça; já entre o material pintado foi comum encontrar motivos lineares nos lábios das bordas, geralmente em uma faixa vermelha sobre uma camada de engobo branco. O outro motivo simples com alta frequência foi o vestigial com 30% da amostra total de motivos. Como é de se esperar ele foi muito mais recorrente entre os

materiais pintados, cuja decoração é, via de regra, mais frágil. Dessa forma metade da amostra de motivos pintados foi vestigial, enquanto esse número baixou para um quarto para os motivos feitos com técnicas plásticas. Entre o restante dos motivos simples, foi significativa a presença do serrilhado, já comentado acima.



Figura 4.26: À esquerda motivo linear acanalado em face externa e próxima a borda; à direita modo pintado de faixa vermelha no lábio da base sobre engobo branco. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Entre os motivos complexos os mais recorrentes foram motivos complexos compostos, complexos vestigiais e diademas. A grande parte dos motivos complexos compostos foi encontrado entre intervenções plásticas (76 casos) enquanto a menor parte (17 casos) foi encontrada entre decorações pintadas. Por outro lado, os motivos complexos vestigiais foram encontrados de forma similar em pintados (28 casos) e acanalados (30 casos). Esses motivos compostos de diversas intervenções e apresentando distintos grafismos foram fotografados e, em alguns casos, esquematizados para melhor avaliação de suas características. É interessante notar que em muitos casos os motivos tinham tamanhos grandes com grafismos preenchendo grande parte de sua área. Tal organização remete novamente à captura do olhar atribuída ao estilo polícromo por Oliveira (2016b). O jogo de imagens que conduzem o olhar prescindiria de figuras mais literais e participaria de performances visuais do vaso a serem vistas e reconhecidas de longe (ALMEIDA, 2013), também podendo participar de cerimônias e transes xamânicos (OLIVEIRA, 2016b).



Figura 4.27: Dois exemplos de motivos complexos compostos. Fotos e desenhos por Rafael de Almeida Lopes e Alexandre Recoaro.

Os diademas, por sua vez, possuem uma trajetória mais específica e uma ligação mais acentuada com o estilo polícromo em suas figurações antropomorfas e antropozoomorfas (LOPES, 2015; OLIVEIRA, 2016b). Os diferentes diademas (62 casos ao todo) foram identificados em distintas formas, do simples, mais recorrente, ao composto e o múltiplo, e de versões mais antropomorfas onde olhos foram encontrados dentro de seu contorno até figuras mais zoomorfizadas como o diadema ofidiomorfo mostrado acima (ver Figura 4.6). A grande maioria desses motivos foi realizada com intervenções plásticas, em especial o acanalado, formando assim outro jogo de imagem entre inciso e exciso.

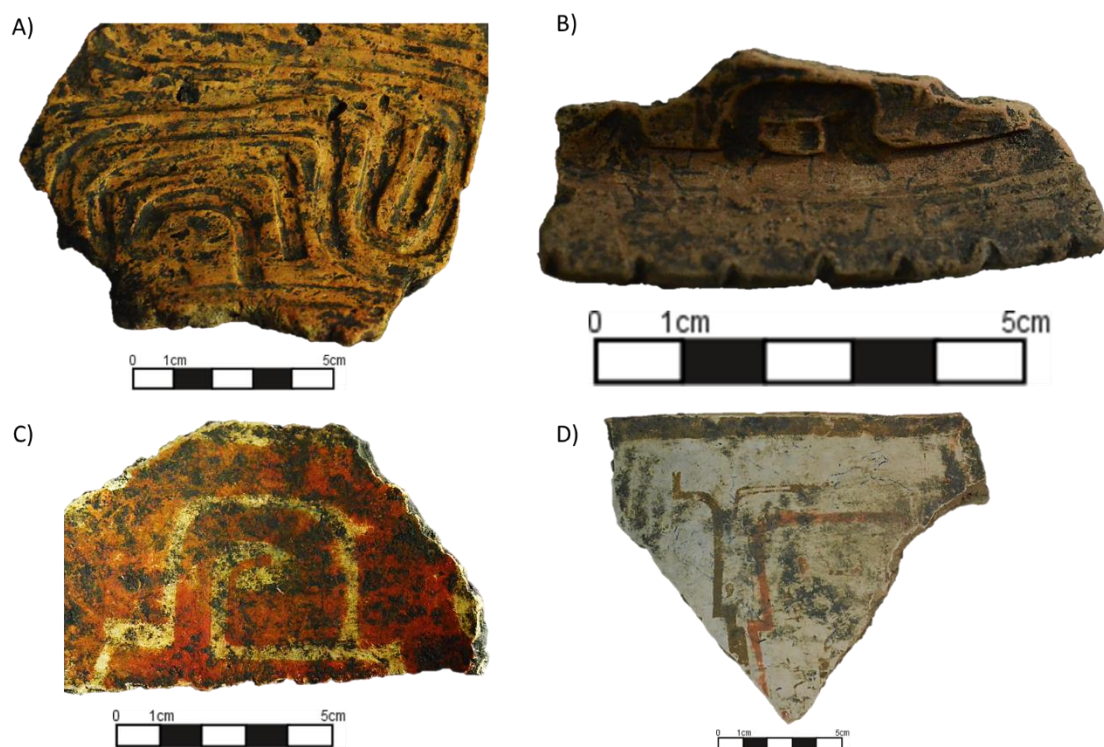


Figura 4.28: Tipos de figurações de diademas encontrados no sítio São João: A) Diademas múltiplos; B) diadema simples; C) diadema ofidiomorfo; e D) provável motivo de diadema antropomorfo (em vermelho é possível ver círculos na posição de olhos). Fotos: Rafael de Almeida Lopes. Fotos A e C tiveram seu brilho e contraste aumentados para facilitar a percepção dos motivos.

Entre os outros motivos complexos destacaram-se os zoomorfos. Em sua maioria esses motivos representaram seres ofídiomorfos, representação comum nas cerâmicas da Tradição Polícroma (LOPES, 2015), mas também foram encontradas figurações possivelmente associadas a outros répteis ou anfíbios (ver figura abaixo e figuras 4.1 e 4.23). É necessário notar que tais figuras não sempre representam animais. Como coloca Oliveira (2016b) as representações no estilo Polícromo muitas vezes produzem quimeras, mistura mítica de distintos animais. Os motivos claramente interpretados como antropomorfos e antropozoomorfos foram raros no sítio São João ocorrendo ao todo em 4 casos. No entanto, sua ocorrência foi significativa dentro de seus contextos, que serão explicitados abaixo.



Figura 4.29: Exemplos de motivos zoomorfos: à esquerda ofídiomorfos em “S” geram uma figura que pode ser interpretada como um antropomorfo simples de cabeça pra baixo. À direita, zoomorfos múltiplos excisos.

Ainda sobre os motivos é importante denotar que eles receberam um tratamento mais quantitativo e, em poucos casos, qualitativo, mas não verdadeiramente iconográfico. Tal tarefa está sendo realizada por Alexandre Recoaro, que tem como tema de iniciação científica o estudo iconográfico das cerâmicas do sítio São João. Embora estejam ainda no começo, suas pesquisas já apontam para semelhanças na iconografia do sítio com o material do sítio Lauro Sodré estudado por Oliveira (RECOARO, comunicação pessoal). As pesquisas iconográficas poderão definir com maior clareza os temas e grafismos representados no sítio, explorando seus significados. O projeto intenta, além disso, definir parâmetros mais sofisticados para a identificação de representações classificadas como produto de fluxo emblemático, seja pela junção de elementos emblemáticos, seja pelos “erros” de reprodução emblemática.

Caracterização e formação de conjuntos emblemáticos

Antes de adentrar nos contextos por unidade, é preciso apresentar brevemente os conjuntos identificados no sítio São João. Como já discutido acima, a classificação foi realizada a partir da identificação de grupos de elementos emblemáticos associados aos conjuntos conhecidos para o Médio Solimões (Tefé-TPA; Caiambé-TBI; fluxo tecnológico TPA-TBI). Tais elementos foram definidos a partir da recorrência deles em outros sítios da região e de sua recorrência dentro do próprio sítio São João. As classificações por fragmentos, no entanto, não foram tratadas como definitivas e sim informações contextuais das cerâmicas para um processo de classificação contextualizado e mais refinado. Dos 845 fragmentos analisados no sítio São João, 517 (61%) não

receberam caracterização: ou por não contarem com acabamento que permitisse a observação de elementos emblemáticos; ou quando este esteve presente, não houve elementos emblemáticos o suficiente para ser possível uma conclusão. Exemplos para essa última categoria foram as peças que apresentaram apenas engobo branco como acabamento, uma característica recorrente nos três conjuntos conhecidos da região. As 318 peças remanescentes se distribuíram entre 6 categorias, estas representando, a meu ver, 4 conjuntos cerâmicos.

Classificação (conjunto)	Quantidade de fragmentos (% do total de peças)
Tefé (TPA)	214 (25%)
Caiambé (TBI)	28 (3%)
Fluxo tecnológico (TPA-TBI)	45 (5,5%)
Conjunto não identificado	14 (1,5%)
Vermelho sobre engobo bege (correlato de fluxo tecnológico TPA-TBI)	13 (1,5%)
Vermelho sobre pasta (correlato de fluxo tecnológico TBI-TPA)	4 (0,5%)
Sem caracterização	347 (40%)
Sem acabamento	190 (23%)

Tabela 4.5: Tabela com a quantificação das caracterizações do sítio.

O conjunto mais reconhecido no sítio São João foi o da fase Tefé (ver figura abaixo). Seus elementos emblemáticos foram a presença de pintura vermelha e/ou marrom escura sobre engobo branco; decorações acanaladas; fragmentos de flanges mesiais com os acabamentos citados; presença do motivo do diadema e de grafismos ofídiomorfos ou antropozoomorfos. O grupo de peças Tefé, cujos sinais distintivos já foram comentados amplamente nos capítulos II e III, foi encontrado por todo o sítio tomando ampla variedade de formas em todos os tipos de vasilhas.

Conjunto Tefé



Figura 4.30: Exemplos de peças associadas ao conjunto Tefé. Fotos: Rafael de Almeida Lopes; Alexandre Recoaro e Veronica Lima.

O conjunto Caiambé (ver figura abaixo), também apresentado nos capítulos passados, teve pequena, mas significativa presença no sítio. O conjunto apresentou, como elementos emblemáticos identificados, a presença de engobo vermelho; de incisões; de flanges labiais com algum dos acabamentos citados; bases com marca de folha; presença de apliques modelados; e motivos ondulados ou em linhas diagonais. Esse conjunto foi encontrado nos níveis mais profundos das Unidades I, II e III e de forma mais realçada entre o material de coleta de superfície.



Figura 4.31: Exemplos de peças associadas ao conjunto Caiambé. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.

O conjunto com possível fluxo tecnológico (ver Figura 4.32), encarnado pelo fluxo emblemático, foi o segundo com maior recorrência. O fluxo foi definido pela ocorrência conjunta de elementos emblemáticos de tanto TPA como TBI, e/ou pela identificação de uma falta de coesão na reprodução desses elementos; um “erro” ou descompasso quanto as formas interpretadas como legítimas de produção de um elemento emblemático, i.e. aquelas que se repetem com muito mais frequência. Por sua natureza híbrida, esse conjunto teve mais difícil definição, representando um espectro de materiais de reconhecibilidade difusa. O fluxo foi encontrado em todas as intervenções do sítio São João, mas apresentou diversidade contextual que será melhor resumida na discussão das unidades.

Além das peças de fluxo classificadas como tal, outro conjunto, chamado de “Vermelho sobre pasta” e identificado durante a análise do sítio São João, foi associado como correlato híbrido presente no sítio São João. O conjunto é composto da característica que o nomeia, ou seja, a presença de pintura vermelha diretamente na pasta sem aplicação de banho ou engobo. Por aparecer em pouquíssimos casos e apenas junto a um contexto onde foram identificados também fragmentos Caiambé, as peças com esse acabamento incomum foram classificadas como um possível correlato híbrido específico. O fluxo emblemático é claro num fragmento onde a comum e já comentada faixa vermelha sobre engobo branco da Tradição Polícroma (ver figuras 4.22 e 4.26) é

substituída apenas pela faixa vermelha feita diretamente sobre a pasta, uma possível execução Caiambé de um modo Tefé (ver figura 4.33). Por outro lado, tal característica pode ser pensada como um uso muito localizado do engobo vermelho, aproximando a peça ao conjunto Borda Incisa.

Outro correlato possivelmente associado ao fluxo tecnológico entre TPA e TBI foram os fragmentos chamados de “vermelho sobre bege” (ver figura 4.41). Eles apresentaram certa coesão entre fragmentos, caracterizados pela presença de pintura vermelha, em alguns casos, vermelho vivo, em linhas finas ou faixas grossas com motivos retangulares arredondados ou lineares sobre engobo bege e em alguns casos acinzentado. Um desses fragmentos, já mostrado no capítulo 3, apresentou em sua flange labial um motivo linear interrompido por uma espécie de ponteados pintado. Um correlato desse motivo foi encontrado junto a conjuntos Borda Incisa do Alto Madeira por Silvana Zuse (2014; 2016). No entanto, nesse correlato o mesmo motivo foi representado a partir de técnicas de incisão. Cerâmicas com faixas grossas em vermelho vivo sobre engobo bege parecem ocorrer também no sítio Teotônio, da mesma região (KATER, comunicação pessoal). Futuras pesquisas no sítio São João podem ajudar a definir melhor a ocorrência desse estilo cerâmico e se de fato ele decorre de misturas estilísticas.

Conjunto Fluxo



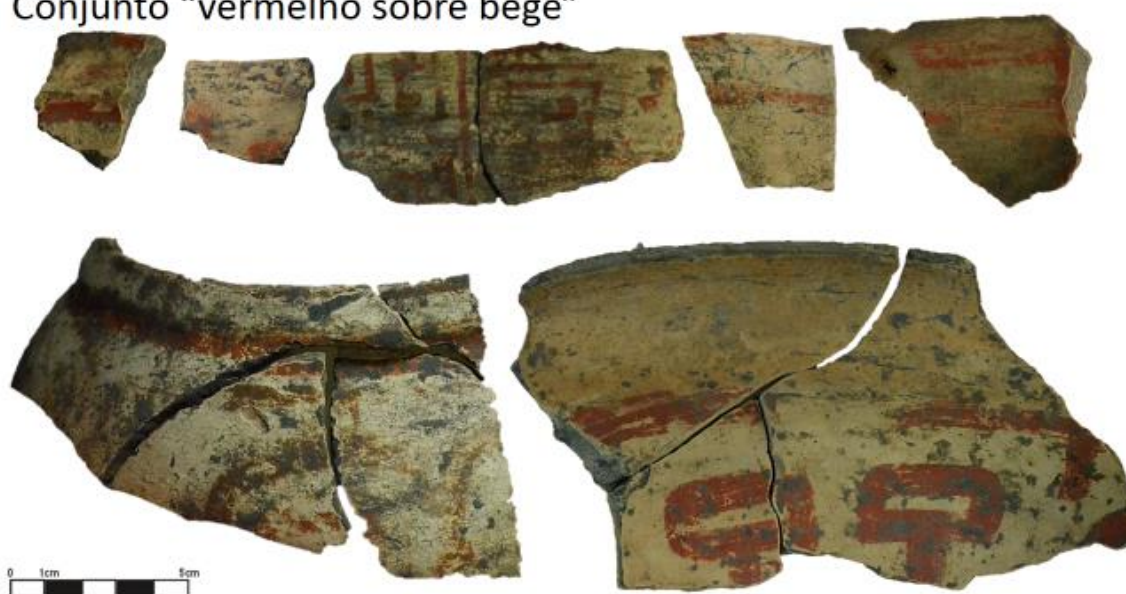
Figura 4.32: Exemplo de peças do conjunto caracterizado como de fluxo. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.

Conjunto “vermelho sobre pasta”



Figura 4.33: Exemplos de peças identificadas como “vermelho sobre pasta”. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Veronica Lima.

Conjunto “vermelho sobre bege”



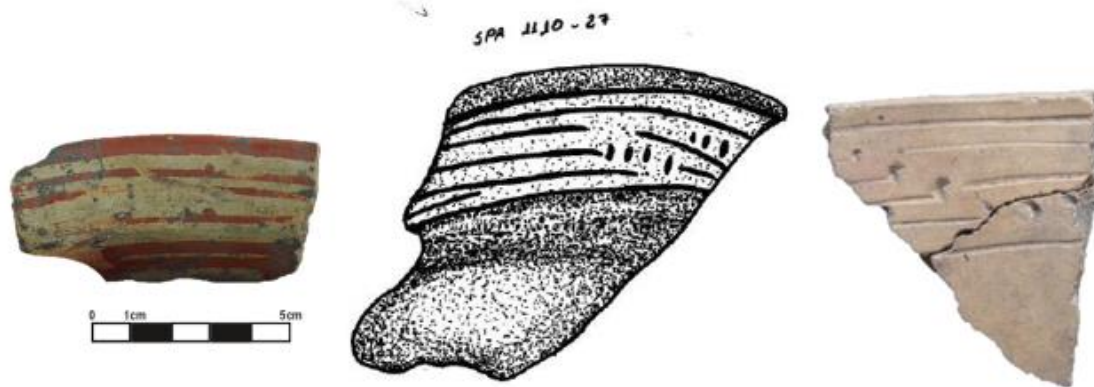


Figura 4.34: Acima exemplos de peças identificadas como conjunto "vermelho sobre bege"; abaixo, à esquerda fragmento associado como "vermelho sobre bege" e no centro e à direita motivos similares identificados por Zuse (2014). Foto: Rafael de Almeida Lopes.

O conjunto de peças não identificadas representou um grupo heterogêneo de peças com características visuais marcantes, consideradas emblemáticas, porém que não compõem conjuntos definidos da região ou possuem similaridade com eles. Poucos casos foram definidos como pertencentes a esse grupo, mas estes também se concentraram nos níveis mais profundos do sítio (ver figura abaixo).



Figura 4.35: Exemplo de peça classificada como "conjunto não identificado".

Retornando novamente às formas, foi possível associa-las em sua maioria ao conjunto Tefé, com maior variabilidade morfológica de tipos e volumes (volume médio foi 6,5L). Os outros conjuntos apresentaram variabilidade menor. Destacou-se a presença de morfologias simples e com volumes pequenos para o conjunto Caiambé (cuja média de volume foi 3,5L) e morfologias com volumes maiores para o conjunto "vermelho sobre bege" (7,5L de média dos volumes). Apenas duas formas não foram associadas ao conjunto "Tefé" são estas a forma 16 já comentada e a forma 10, uma variação do vaso de gargalo associado ao material dos conjuntos Caiambé e Fluxo.

Caracterização	Tefé	Caiambé	Fluxo	Vermelho sobre bege	Vermelho sobre pasta	Não identificado
Forma 1	9	1	1	-	-	-
Forma 2	3	-	1	1	-	-
Forma 3	15	-	-	-	-	-
Forma 4	14	1	3	2	-	-
Forma 5	6	-	1	-	1	-
Forma 6	7	1	3	-	-	-
Forma 7	2	-	-	-	-	-
Forma 8	1	-	-	-	-	-
Forma 9	2	-	-	-	-	-
Forma 10	-	1	2	-	-	-
Forma 11	2	-	1	-	-	-
Forma 12	9	1	2	-	-	-
Forma 13	2	1	2	2	-	-
Forma 14	1	-	-	-	-	-
Forma 15	1	-	-	-	-	-
Forma 16	-	1	-	-	-	-

Tabela 4.6: Formas do São João e suas caracterizações.

Resultados contextualizados

Unidade I



Figura 4.36: Escavação da unidade I. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Agora que as características gerais do sítio foram apresentadas, cabe compreendê-las em seus contextos de escavação intra-sítio, colocando de forma um pouco mais flexível os dados em seu lugar. Para dar conta da quantidade de dados, as escolhas de análise privilegiaram alguns eixos de resultados, com variações julgadas mais significativas, em detrimento de outras. Cores e espessuras, por exemplo, não apresentaram variação especial, um dado que por si só merece certa inspeção quando olharmos o sítio São João como um todo. A unidade I (de 2x1m) foi interpretada como um mosaico de descartes, ou, de forma menos rebuscada, um contexto de lixeira. Tal interpretação foi realizada pelo caráter desorganizado de suas deposições, havendo feições identificadas apenas como agrupamentos de vestígios. Ao longo de sua escavação, diversas concentrações e feições foram identificadas, junto a muito material cerâmico, carvões, ossos e fragmentos líticos. Os três últimos foram quantificados por Mariana Cassino (2018), a partir de amostras de sedimento flotadas da quadra Sul da unidade I (como já comentado no capítulo 3). Carvões, ossos e líticos tiveram uma ocorrência regular ao longo da estratigrafia, sobressaindo-se apenas o crescimento da quantidade de carvões lenhosos (ver gráfico abaixo). Tal crescimento, segundo Cassino, estaria associado aos momentos iniciais de ocupação e produção de TPI nos contextos inferiores, onde a camada vegetal inicial foi queimada mais intensamente. Sua diminuição ao longo

da estratigrafia indica uma intensificação de uso do sítio, evidenciada pelo aumento da ocorrência de carvões não-lenhosos. Ainda sobre os carvões, entre os não-lenhosos foram identificadas na estratigrafia algumas sementes carbonizadas de algumas espécies de plantas comestíveis, com distintos graus de manejo. Dessas, as mais significativas foram as ocorrências de cacau, raramente identificado na Amazônia; a Castanha-da-Amazônia, recorrente por todo o lago Caiambé; e o milho, planta domesticada exógena ao contexto amazônico e associada especialmente ao consumo de bebidas alcóolicas fermentadas (ALMEIDA, 2013; OLIVEIRA, 2016b).

Um fragmento desse milho, localizado na feição 9 (60-70cm), foi datado, provendo um resultado de cerca do século XV d.C. A data, muito recente para um contexto profundo, foi recebida com cautela. É possível que a coleta realizada através da flotação não tenha separado uma amostra contextualmente segura. O milho, portanto, pode ter sido deslocado de camadas superiores por processos pós-deposicionais. A data, por outro lado, pode apontar para certa inversão estratigráfica dentro da unidade. Acredito, no entanto, que as similaridades, como será mostrado adiante, entre os contextos superficiais das três unidades e os contextos profundos das unidades I e III asseguram certa estabilidade. Porém, a relação entre carvões e estratigrafia se tornou um pouco menos segura, diminuindo a confiabilidade de seus resultados.

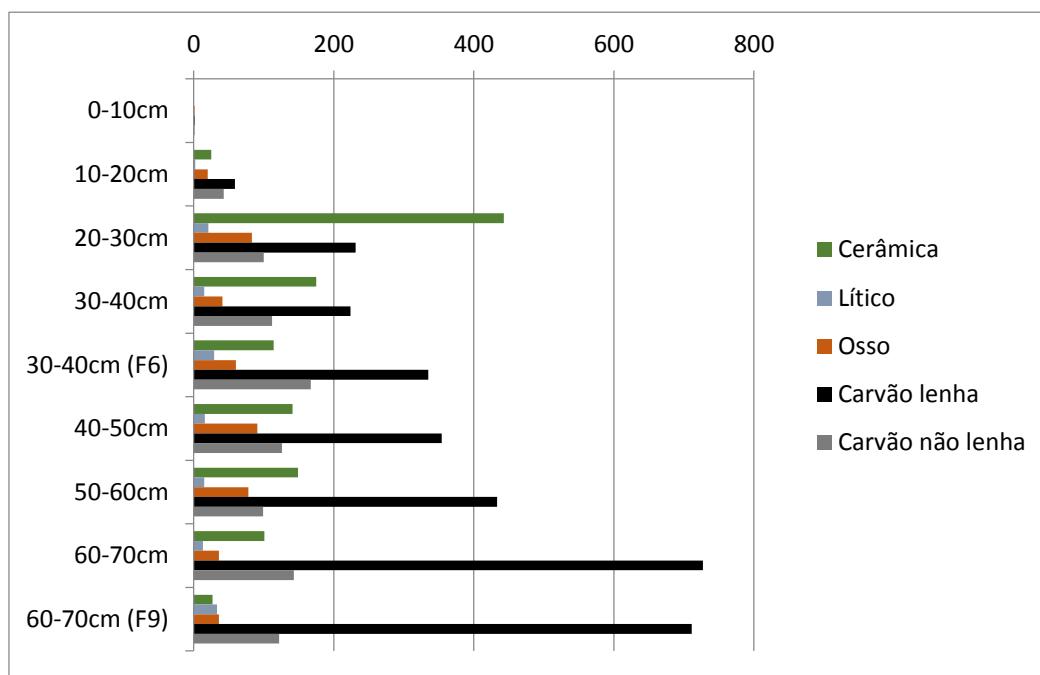


Gráfico 4.15: Ocorrência de materiais arqueológicos por nível da unidade I e suas feições (CASSINO, 2018).

Quantidade de fragmentos por nível									
Espécie/família	Nome Popular	10-20cm	20-30cm	30-40cm	F6 (30-40cm)	40-50cm	50-60cm	60-70cm	F9 (60-70cm)
<i>Theobroma sp.</i> (Malvaceae)	Cacau	0	0	3	1	10	1	0	2
<i>Bertholletia excelsa</i> (Lecythidaceae)	Castanha-da-Amazônia	0	0	3	2	4	0	1	0
<i>Zea mays</i> (Poaceae)	Milho	2	1	2	0	6	11	1	3
<i>Spondias mombin</i> (Anacardiaceae)	Taperebá	1	2	0	1	0	0	0	0
Areaceae	-	0	6	6	2	20	5	1	13

Tabela 4.7: Quantidade de sementes carbonizadas por nível da Unidade I e suas espécies (Cassino, 2018).

Dentro do mosaico de descarte que foi a unidade, dois contextos arqueológicos particulares puderam ser percebidos através do material cerâmico, marcados pelos dois picos de densidade vistos no gráfico 4.1. O primeiro contexto ocorre ao redor dos 20-30cm de profundidade, enquanto o segundo, mais profundo ocorre ao redor do 50-60cm. Se na escavação tal distinção de contexto começou a ficar clara, na análise cerâmica essa variação pareceu se confirmar. Apesar das distinções que serão destrinchadas abaixo, é importante notar que seu caráter de lixeira doméstica não parece ter muita alteração, mantendo, de certa forma, morfologias parecidas ao longo da estratigrafia.

Outra característica indicativa é a quantidade de material com marcas de uso, a maior do sítio, com 106 casos nos diferentes níveis, cerca de um quinto de todos o material. A Feição 6 encontrada ao redor do nível 40-50cm pode ser considerada uma espécie de divisor difuso entre ambos os contextos. A feição 6, feição monticular, interpretada como fruto de um descarte agrupado, ocupou na base do nível 30-40cm mais da metade da área das duas quadras da Unidade I. A feição era um agrupamento de material arqueológico cuja articulação parece apontar para a intencionalidade apenas de seu próprio agrupamento, marcado na extremidades Norte e Sul pela presença de trempes e muito carvão. Nela também ocorreram dois objetos cerâmicos, já comentados acima, além de líticos e carvões de semente. Por último, duas vasilhas irrestritivas, uma pequena em cima de outra grande, foram encontrados ao final da escavação. Uma dessas vasilhas inteiras (forma 4) foi levada para análises de fitólitos, onde será verificado qual seria o possível conteúdo dessa vasilha descartada antes de sua fragmentação. A feição 8 foi outra pertencente a esse limiar entre contextos, ocupando uma pequena área da quadra Sul entre os níveis 40-50cm e 50-60cm. A composição da feição era a de fragmentos

grandes e em posição horizontal amontoados. Ela foi interpretada como uma prática de descarte escavado, sendo associada a um contexto distinto do que foi encontrado nesses níveis. Por fim, F9, outra pequena feição, foi determinada pela presença de grandes fragmentos de uma única vasilha e não teve sua escavação terminada, por isso será tratada junto aos fragmentos do nível 60-70cm.

Dos 2831 fragmentos com cerca de 45kg, 508 pertencentes as duas quadras receberam algum tipo de análise. Desses, 108 bordas puderam ser projetadas totalizando 11 formas (ver tabela abaixo). Nos níveis superficiais (10-40cm; o nível 0-10cm não apresentou material analisável) foram identificadas 8 tipos de morfologias em 48 fragmentos (formas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12 e 13), das quais as formas mais recorrentes foram as formas 12 (10 casos), 1, 4, e 6 (7 casos cada). As projeções morfológicas apontaram, portanto, para uma variedade de formas e usos, ocorrendo, respectivamente, vasilhas globulares restritivas grandes (entre 9L e 25L), vasilhas restritivas pequenas e médias (cerca de meio litro ou ao redor de 5L), vasilhas irrestritivas pequenas e médias (até 4L) e vasilhas diretas pequenas ou grandes (até 2,5L ou 20L). Os volumes tiveram grande variação, entre 200mL e 28L, sendo 7L o volume médio. Ocorreram 27 fragmentos de flange mesial, cujos diâmetros variaram entre 19cm e 24cm; e 25 fragmentos de calibradores cerâmicos.

Analizando as morfologias, o material cerâmico de F6 teve maior coerência com o contexto mais acima de sua área. As formas mais frequentes (11 foram projetadas) mantiveram-se similares havendo um aumento da forma 13 (3 casos). O intervalo entre os volumes diminuiu sensivelmente, com o mínimo passando para 1L e o máximo (um vaso restritivo grande) passando para 20L. Em F8 apenas 2 formas foram encontradas: uma associada a um vaso de flange mesial (forma 3) com 5L de volume e a outra associada (forma 4) com ao redor de 1L de volume. Foram encontrados 15 fragmentos de flange mesial em F6 com diâmetros de 22 a 30cm e apenas 3 fragmentos em F8, dos quais apenas um pôde ter seu diâmetro medido, em 32cm. Um calibrador foi encontrado em F6 e nenhum em F8.

Nos níveis mais profundos da unidade I (40-70cm) a análise apontou para mudanças significativas entre os 47 fragmentos projetados. As mais notáveis são um aumento na quantidade de vasilhas da forma 4 (18 casos) e da forma 13 (7 casos) e a redução das vasilhas das formas 1 (1 caso) e 12 (4 casos). É também nessa parte inferior

da unidade que foi encontrado um fragmento associado a forma 15, uma pequena vasilha composta, única a ocorrer no sítio. Ou seja, há um aumento na quantidade de vasilhas irrestritivas pequenas e médias e uma diminuição em sua versão restritiva, por outro lado há um aumento nas vasilhas globulares restritivas compostas, enquanto ocorre a diminuição em sua versão simples. No total, há também uma inversão das frequências, as vasilhas irrestritivas pequenas passam a ter mais importância que as restritivas grandes, passando a litragem média para 4,5L. Desse volume médio é interessante reconhecer a presença de 12 peças com volumes menores que 1L e uma com o volume máximo, de 20L. Essa inversão vem acompanhada com a ocorrência de flanges labiais, ausentes no níveis superiores. A presença de flanges mesiais nos últimos níveis manteve-se similar, com 26 fragmentos encontrados. Entretanto, a variação de seus diâmetros teve grande aumento, entre 12 e 32cm. Outra alteração foi a total ausência de calibradores cerâmicos.

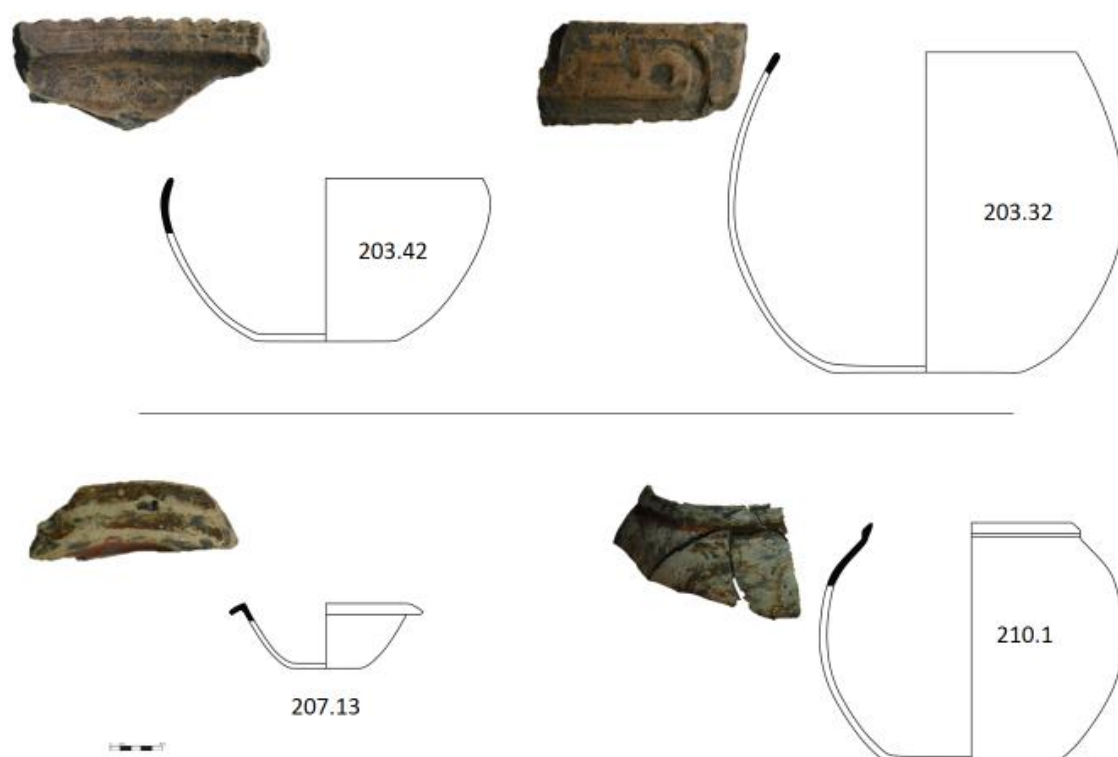


Figura 4.37: Acima, formas mais recorrentes dos contextos superficiais; abaixo seus correlatos nos contextos profundos.

Formas	1	2	3	4	5	6	10	11	12	13	15
0-10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10-20	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
20-30	5	2	1	3	3	4	2	2	7	-	-
30-40	3	1	4	5	-	3	-	3	4	5	-
40-50	1	2	2	9	2	2	-	-	3	3	-
50-60	-	-	2	5	-	5	-	1	1	2	-
60-70	-	-	-	4	1	-	-	1	-	2	1

Tabela 4.8: Formas da unidade I por nível.

Nas pastas houve predominância, nos primeiros 40cm, de cauxi como antiplástico principal (49%), o caraipé sendo pouco menos utilizado (40%). Para o caraipé o antiplástico secundário mais comum foi carvão e/ou hematita, entre as peças com cauxi foram os minerais. As queimas incompletas prevaleceram com 66% da amostra, seguidas pelas queimas completas com 17% dela. No quesito das queimas e dos antiplásticos secundários, F6 se manteve próxima a esse contexto. No entanto, quanto ao antiplástico principal, houve uma alteração. Na feição, o caraipé foi o antiplástico principal em 30 fragmentos, enquanto o cauxi apareceu em 25. A tendência se torna cada vez mais marcada ao longo da estratigrafia.

Nos níveis mais profundos da Unidade I (40-70cm) o caraipé é antiplástico principal em 63% dos fragmentos, enquanto o cauxi compõe apenas 22% da amostra. Apesar da mudança, os antiplásticos secundários mais comuns (carvão e minerais, em especial a hematita) se mantêm assim como a queima ainda incompleta em cerca de dois terços da amostra. Uma hipótese para essa inversão entre caraipé e cauxi pode ser encontrada na discussão realizada sobre receitas de pasta (ver figura 4.20). A receita 2, composta especialmente de caraipé e carvão, pode ter sido a preferencial quando da confecção de vasilhas irrestritivas pequenas e médias. São estas, justamente, as que recebem um aumento na frequência nos níveis inferiores da unidade. Embora tenhamos apenas projeções de suas bordas, as bases encontradas também podem se relacionar a esse tipo de vasilha. A performance principal da receita 2 foi atribuída à portabilidade (MORAES & NOGUEIRA, 2016), sendo essa uma característica que possivelmente estava sendo privilegiada nas primeiras ocupações do sítio. Por outro lado, nem sempre a presença de vasilhas irrestritivas pequenas e médias apontam para predomínio de caraipé, como é o caso dos níveis superficiais da unidade 2.

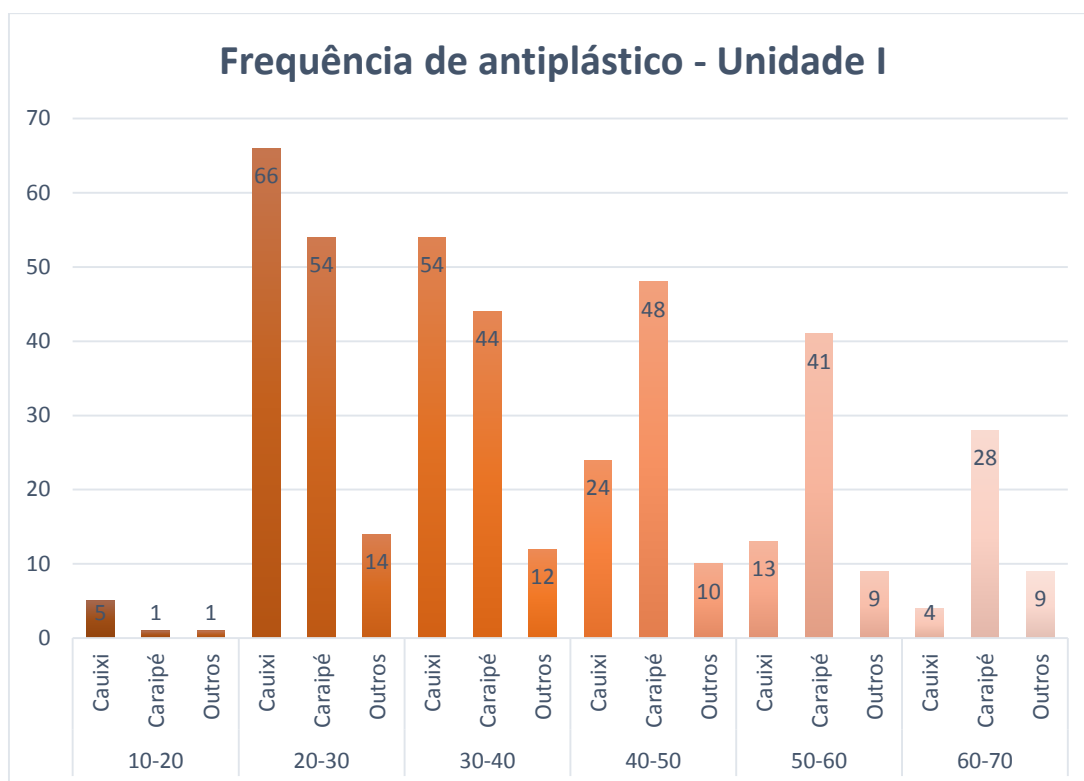


Gráfico 4.16: Frequência de antiplástico por nível (incluindo feições) da Unidade I.

A análise de acabamento dos níveis superiores apontou para maioria de alisamentos finos e médios e uma forte presença de engobo branco, em 42 dos 124 tratamentos de superfície analisados (34%). O engobo vermelho teve baixa frequência, com apenas 4 casos registrados, dois deles junto ao engobo branco. A presença de banhos também representou parcela significativa da amostra (47%), sendo os banhos amarronzados e os banhos alaranjados, os mais frequentes (24% e 15% da amostra, respectivamente). As técnicas plásticas tiveram predomínio sobre as pintadas, as primeiras presentes em 73 fragmentos, com uma maioria de acanalados, e as segundas em 52 fragmentos sendo a pintura vermelha a mais usada. Ambas as intervenções foram feitas para produzir uma maioria de motivos lineares, entre os motivos simples; e complexos compostos, entre os motivos complexos. Ao todo 68 peças receberam caracterização, a grande maioria sendo associada ao conjunto Tefé (61 fragmentos). Das duas peças caracterizadas como correlatos da Tradição Borda Incisa, uma foi uma borda de grandes dimensões (forma 10 e c. 15L de volume) e a segunda a base com marca de folha já comentada, ambas encontradas nos níveis 20-30. O conjunto de fluxo tecnológico também foi registrado com 3 peças, duas das quais pertencem ao conjunto “vermelho sobre bege”. Das peças com fluxo, se destaca um fragmento de flange mesial rosado com acanalados muito superficiais (quase escovado) e vestígios de pintura vermelha acima da

flange (ver figura 4.45). O fluxo nesses níveis aparentou ser da natureza da emulação de elementos emblemáticos – pela tentativa de aproximar-se ao acanalado polícromo – do que propriamente de sua junção.

Em F6, o contexto começa a mudar. Apesar da divisão entre fragmentos com intervenções plásticas e pintadas manter-se similar, assim como a presença dos tratamentos de superfície principais, há um aumento de peças com engobo vermelho (6 fragmentos, apenas um com adição de engobo branco) e das peças com alisamento médio. Os motivos simples e complexos mantiveram a tendência dos níveis acima, porém foi registrada a presença de duas peças com linhas diagonais em vermelho sobre branco. Quanto a caracterização, o predomínio do conjunto Tefé se mantém (24 casos), mas com uma ocorrência mais frequente de fragmentos com possível fluxo tecnológico. Esses são mais visíveis nas flanges mesiais com a presença de um fragmento, já apresentado, cujos acanalados não se encontram (ver figura 4.13D) e de outra flange com acanalados muito estriados e pintura amarela e vermelha (ver figura 4.38). Duas peças foram classificadas como pertencentes ao conjunto Caiambé, ambas com engobo vermelho. Em F8, as definições foram mais difíceis por tratar-se de uma feição pequena. Apenas 3 fragmentos foram classificados, os três associados a TPA.

Algumas tendências iniciadas em F6 tomam forma nos níveis inferiores da unidade. O aumento da frequência das peças pintadas, em relação às com intervenções plásticas, é uma das mudanças percebidas nesse contexto, no qual elas figuram com quase a mesma quantidade (respectivamente 53 e 58 peças). As peças com ambos os tipos de intervenção também figuram de forma proeminente (19 casos). Os tratamentos de superfície se tornam mais diversificados com ampla presença de banhos (86 de 200 casos), em maioria alaranjados e amarronzados, e engobo branco (43 casos), mas com aumento na frequência de engobo vermelho (15 casos, 3 deles junto ao engobo branco) e engobos de outras cores (16 casos), sendo que na metade dos casos o engobo apresentou a coloração bege comentada. Entre os motivos simples, os lineares permanecem com grande importância, assim como os motivos complexos compostos. No entanto, há um aumento nos motivos representando diademas e aqueles com representações interpretadas como zoomorfas.

As mudanças mais significativa foram, entretanto, em como esses tratamentos de superfície, intervenções plásticas e pintadas, e motivos juntaram-se para produzir

elementos emblemáticos característicos de conjuntos cerâmicos. Durante a análise essa tendência se traduziu numa dificuldade de caracterização dos fragmentos, onde padrões distintos e distintivos foram agrupados em novos conjuntos, como os dois já mencionados quando da discussão das caracterizações (“vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta”). Uma visão geral desse processo apontou para a diversificação de elementos emblemáticos nesses níveis mais profundos, uma profusão de combinações características que trespassaram as balizas estabelecidas para identificar cada conjunto. Em outras palavras, se nos níveis superiores havia um conjunto Tefé principal do qual outras peças se destacavam (conjunto Caiambé) ou se aproximavam (conjunto Fluxo); nos níveis inferiores parece haver uma “área cinzenta” mais espessa formada pelos conjuntos associados como de fluxo, “vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta”. Mesmo assim, os conjuntos Tefé e Caiambé puderam ser identificados, tomando formas emblemáticas conhecidas. Tal amplitude de elementos emblemáticos permitiu uma caracterização de 90 fragmentos. O conjunto Tefé continuou mais numeroso, com 44 fragmentos. Enquanto isso, o conjunto Borda Incisa foi registrado com 15 fragmentos a maioria (12 casos) composta por peças com engobo vermelho, ocorrendo também incisos e finas linhas transversais vermelhas, essas três últimas situando-se nas bordas, em flanges labiais e na parte externa das peças (ver figura abaixo). O possível fluxo, formado por suas três versões, foi classificado em 30 peças (16 fluxo, 10 “vermelho sobre bege”, e 4 “vermelho sobre pasta”). Os fragmentos variaram da presença de flanges mesiais decoradas com incisão a flanges labiais com linhas e pontos pintados em vermelho sobre bege a linhas em vermelho montando motivos pouco organizados. A figura 4.38 demonstra algumas variações entre as peças, nela é possível perceber a proeminência da variabilidade estilística do contexto, no qual as decorações pintadas comandam a heterogeneidade. Além desses conjuntos, uma peça foi classificada no conjunto não identificado, um fragmento de borda de forma irregular.

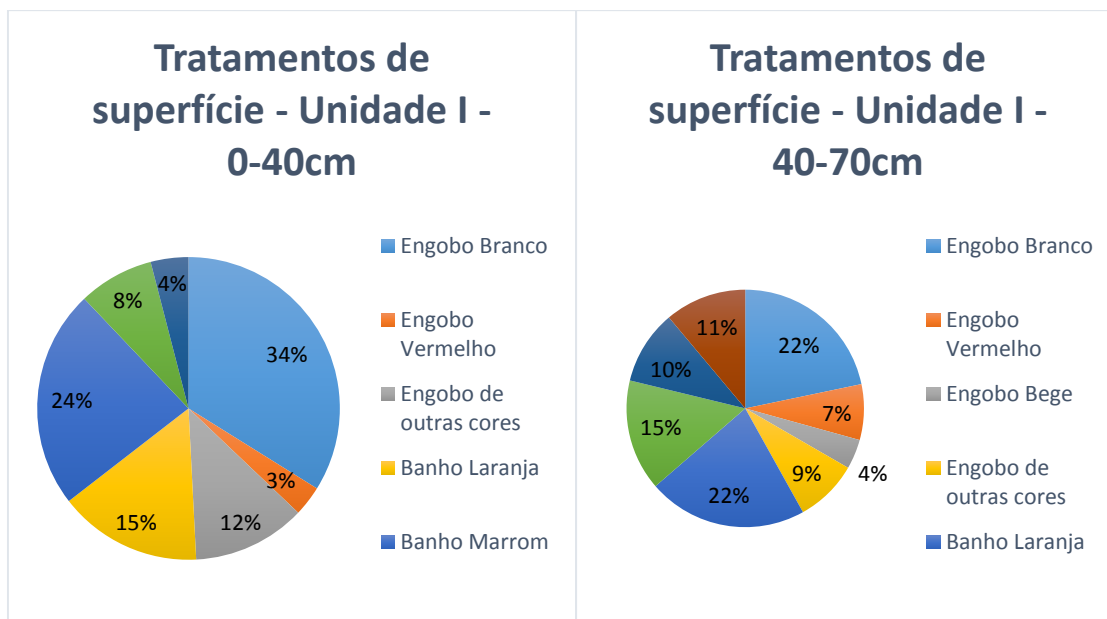


Gráfico 4.17: Tratamentos de superfície da unidade I.

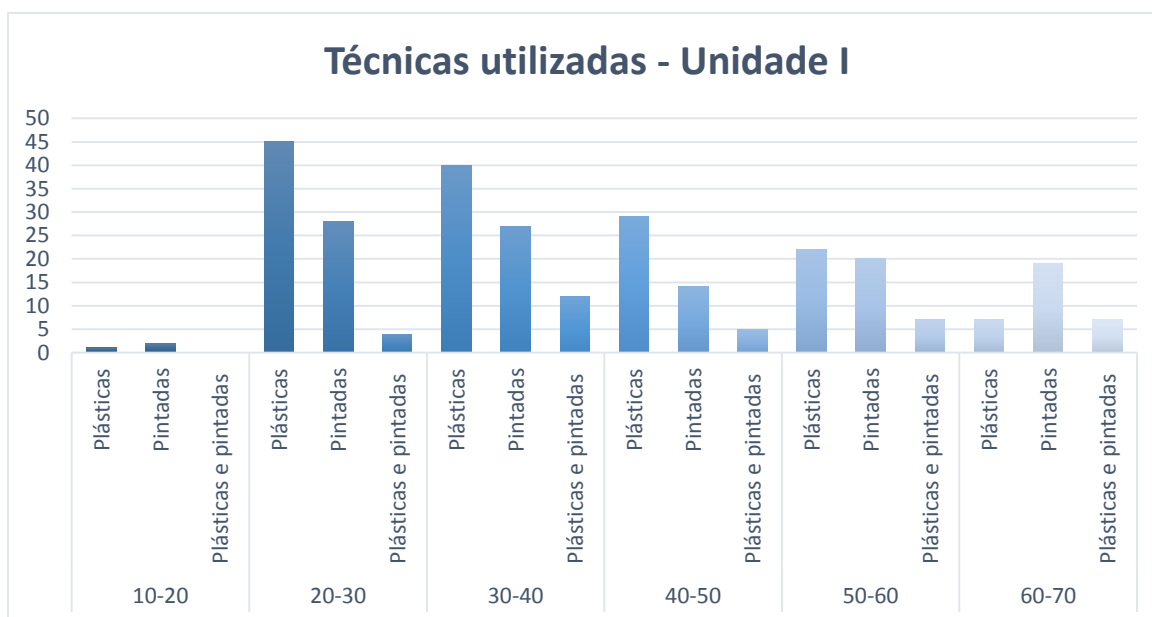


Gráfico 4.18: Relação de tipo de técnica por nível da unidade I.

Caracterização	Tefé	Caiambé	Fluxo (e variantes)	Não identificado
10-20	3	-	-	-
20-30	45	2	3	-
30-40	37	3	8	1
40-50	18	4	6	1
50-60	16	5	11	-
60-70	10	6	13	-

Tabela 4.9: Caracterização das peças por nível.

Conjunto Tefé



Conjunto Fluxo



Conjunto Caiambé



Conjuntos “vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta”

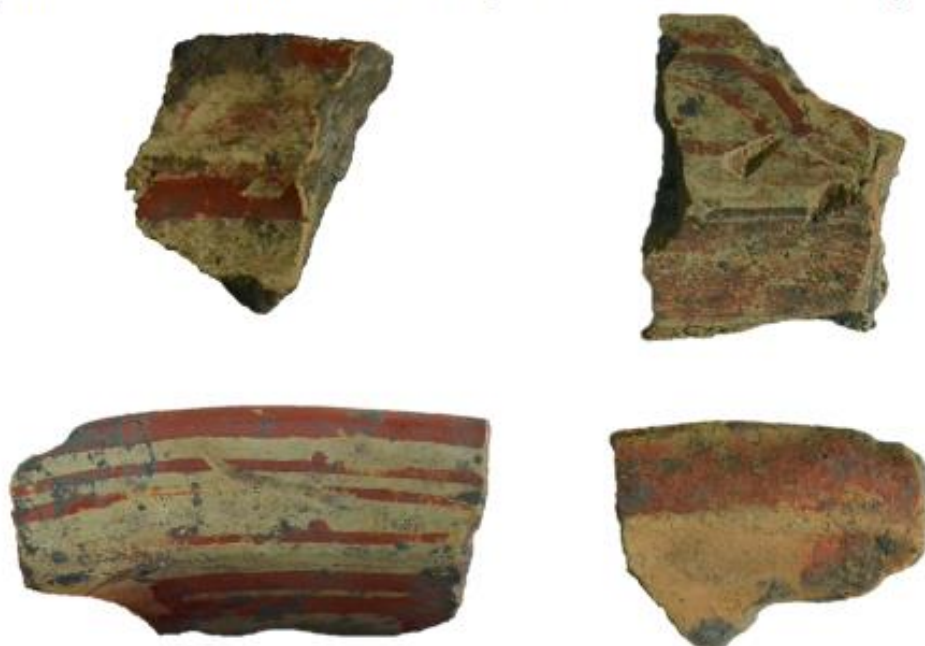


Figura 4.38: Peças da unidade I e seus conjuntos. Na imagem acima cada linha representa um conjunto, enquanto cada coluna representa o contexto onde a peça foi encontrada. Da esquerda à direita estão respectivamente materiais dos níveis superficiais (0-40cm), da feição 6 e dos níveis inferiores (40-70cm). Na imagem abaixo exemplares dos conjuntos “vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta” (abaixo e à direita na imagem).

Unidade II



Figura 4.39: Escavação da unidade II. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

A unidade II (de 1m x 1,5m) apresentou dois contextos arqueológicos associados à TPA: um dentro da TPI e outro abaixo dela. O contexto mais profundo, classificado como F5, foi datado ao redor do século X d.C. e interpretado como um evento de deposição escavada associado a um contexto funerário. F5 apresentou uma organização definida com trempe decoradas, vasilhas inteiras, vestígios ósseos, entre outros vestígios; mas deteriorada por processos pós-deposicionais. Um dos ossos grandes encontrados em seu interior passa, no momento, por análise de DNA que pode elucidar melhor os significados da feição. O estudo dos carvões, feito por Cassino (2018), encontrou uma quantidade maior do tipo lenhoso na parte superior da feição, sugerindo um possível varrimento de carvões associados às práticas rituais realizadas quando da confecção do contexto. O contexto acima, em terra preta, também recebeu datação, de cerca do século XIV d.C., e foi pensado como uma revisitação séculos depois a uma área antes utilizada apenas para deposições como F5. A presença de TPI favorece a hipótese que essa segunda ocupação foi mais intensa, mas a ausência de grande quantidade de vestígios indicou que seu uso poderia ser mais esparsa que da unidade I, como a de uma área de roçado. Os dados relativos aos carvões estudados por Cassino (2018) apontam para uma similaridade na relação entre variedade lenhosa e a não-lenhosa entre esse contexto superficial e o contexto mais profundo da unidade I, realçando ambos como momentos de abertura de áreas para uso. A distinção entre feição e níveis superiores

apontou para uma expansão da área de TPI trazida possivelmente pela expansão do sítio com o tempo, ou por seu deslocamento, devido ao contínuo desbarrancamento.

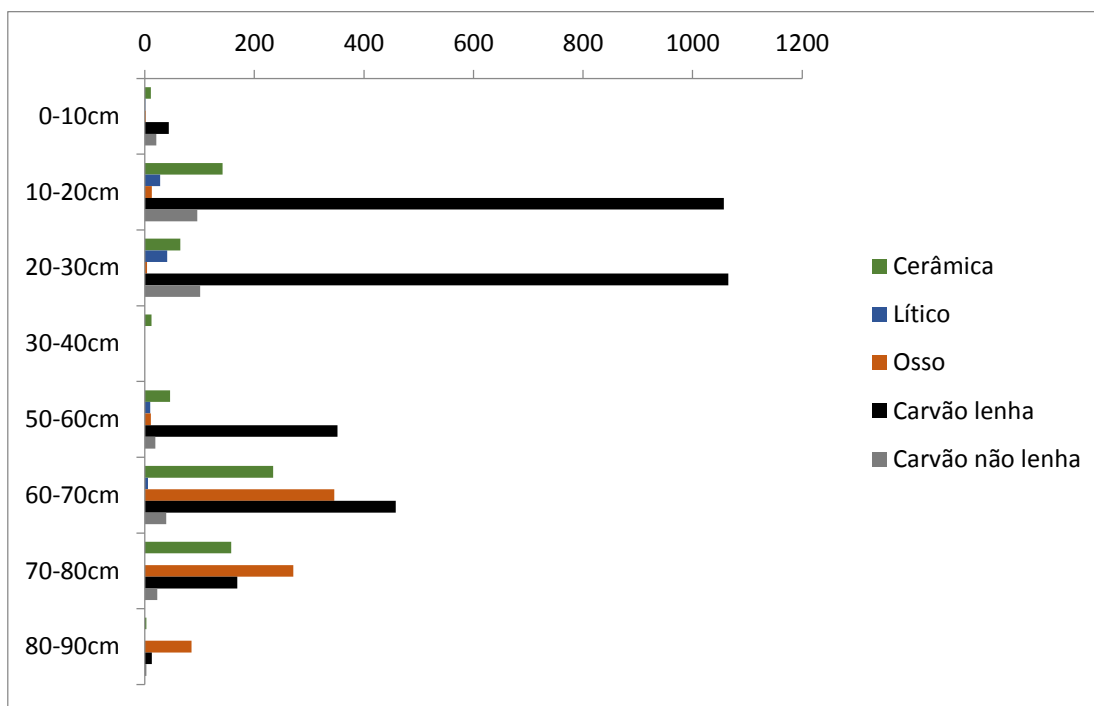


Gráfico 4.19: Relação de macrovestígios por nível da unidade II (CASSINO, 2018).

Na camada de TPI e de transição foram encontrados 326 fragmentos totalizando 3,5 kg. Desses, 40 receberam alguma forma de análise. Como já foi colocado, trata-se de uma pequena amostra se comparada com o restante do material analisado. No entanto, a amostra apresentou coerência tecnológica entre os fragmentos que a compõem, reafirmando a hipótese de tratar-se de uma ocupação menos intensa nas bordas do sítio. Entre as bordas, agora dos fragmentos, foram identificadas apenas vasilhas restritivas, irrestritivas e diretas de tamanho pequeno ou médio (formas 1, 4, 5 e 6 com volumes entre 1L e 6L) e fragmentos de vasos de flange mesial (3 peças). 19 calibradores cerâmicos também foram encontrados. O volume médio das formas projetadas foi calculado em 4L.

Houve predomínio do uso de cauixí (64%) como antiplástico principal, além do caraiapé (22%) e o carvão (14%). Carvões e minerais como a hematita também foram encontrados nas pastas, junto a um equilíbrio entre queimas incompletas (48%) e completas (46%). Por fim, a análise de acabamento indicou a presença de acanalados e estocados e também de pintura vermelha sobre engobo branco. O engobo foi o tratamento de superfície mais frequente com 10 ocorrências, seguido pelo engobo vermelho, com cinco ocorrências, uma delas junto a engobo branco. Outros tratamentos como banho

alaranjados e engobos amarronzados também ocorreram em menor quantidade (3 casos cada). Entre os motivos simples ocorreram lineares e serrilhados, já entre os complexos ocorreram principalmente motivos formando diademas. Um fragmento possuindo uma versão simplificada desse motivo, a flange 309.13, localizada no nível 10-20cm serviu de amostra para datar o contexto, produzindo a já comentada data de 1350 ± 30 d.C. (pela *Beta Analytics*). A vasilha 310.1 (ver foto abaixo) destacou-se nesse contexto superficial, como já foi colocado no capítulo III, por estar quase completa e por apresentar furos em sua borda. Sua forma (ver figura abaixo) é de uma pequena vasilha irrestritiva, a forma 4, comum entre sítios associados à TPA. O conjunto Tefé teve maior quantidade em relação à caracterização com 14 peças identificadas pela presença de acanalados e pelo modo da faixa vermelha sobre engobo branco já comentado acima. Três peças foram atribuídas ao conjunto Fluxo, as três com engobo vermelho. Tal classificação decorreu da presença do engobo vermelho misturada aos acanalados. Por último, uma inflexão que apresentou estocados foi considerada como conjunto não identificado.

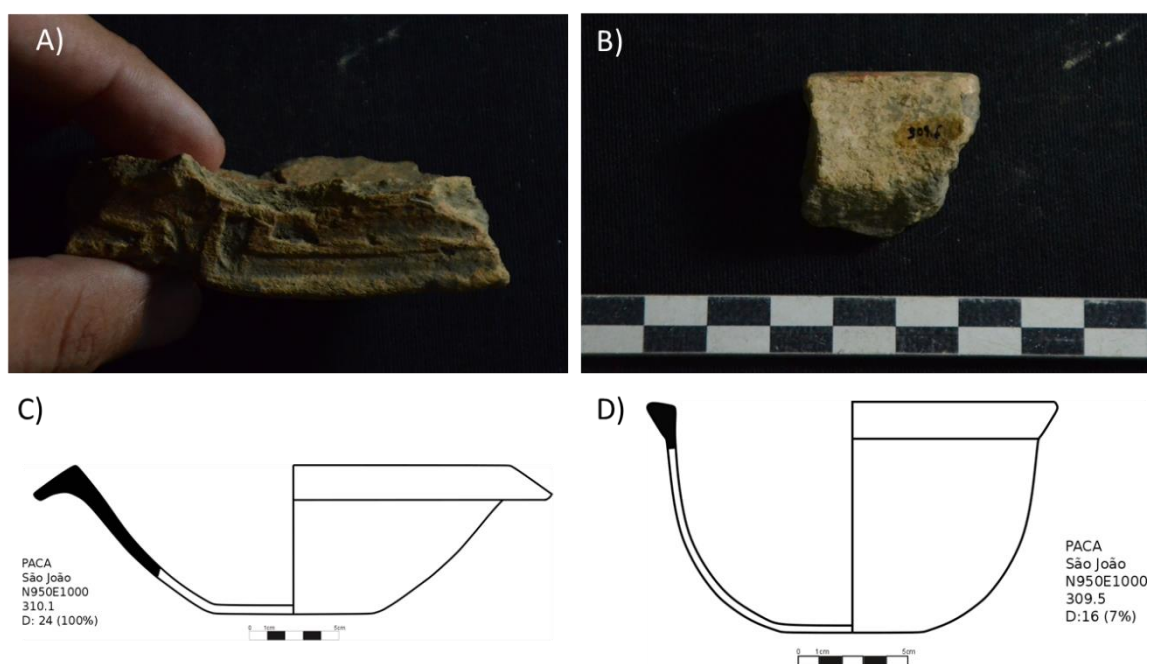


Figura 4.40: Contexto em TPI da Unidade II. A) peça 309.13 que foi datada; B) fragmento com presença de pintura vermelha sobre engobo branco; C) forma da vasilha 310.1; D) projeção da forma mais recorrente desse contexto.

O contexto de F5, por sua vez, totalizou 473 fragmentos e 31,6 kg, a maioria dessa quantidade e peso formada por trempes e bolotas de argila. Nenhum calibrador foi encontrado e apenas uma flange mesial. O universo de análise da feição foi de 20 fragmentos, a maioria com tamanhos médios (8 fragmentos com entre 5 e 10cm) ou muito grandes (8 fragmentos com tamanho maior que 15cm). A remontagem das cerâmicas do

contexto e sua presença esparsa reafirmam o que já havia sido comentado para a feição, sua composição com um número pequeno de vasilhas. Como já mencionado no capítulo passado entre as cerâmicas da F5 foram encontradas o que parecem ser duas vasilhas centrais fragmentadas, mas completas e com os fragmentos articulados de formas específicas: a primeira apresentou pasta com coloração rosa (308.1) e estava orientada de leste a oeste; e a segunda era uma vasilha antropomorfa com fuligem (315.1) orientada de sul a norte, colocada de rosto para baixo em cima de trempes (também orientadas de sul a norte) e na qual foram encontrados ossos, possivelmente um crânio humano. As formas desses vasos em si são de particular interesse por serem praticamente únicas no sítio (uma forma similar à da vasilha 315.1 foi encontrada no material do barranco) e por terem correlatos relevantes. A vasilha 308.1 (ver imagem abaixo) possui uma forma conhecida para as fases da TPA do Oeste amazônico (Napo, Nofurei, Caimito e Zebu), mas que não aparece em conjuntos conhecidos de outras regiões. A forma também tem similaridade com vasilhas Shipibo-Conibo, associadas ao consumo de fermentados (WEBER, 1975; DEBOER, 1986; BELLETTI, 2015). O motivo do diadema foi, no entanto, reconhecido na seção superior do vaso.

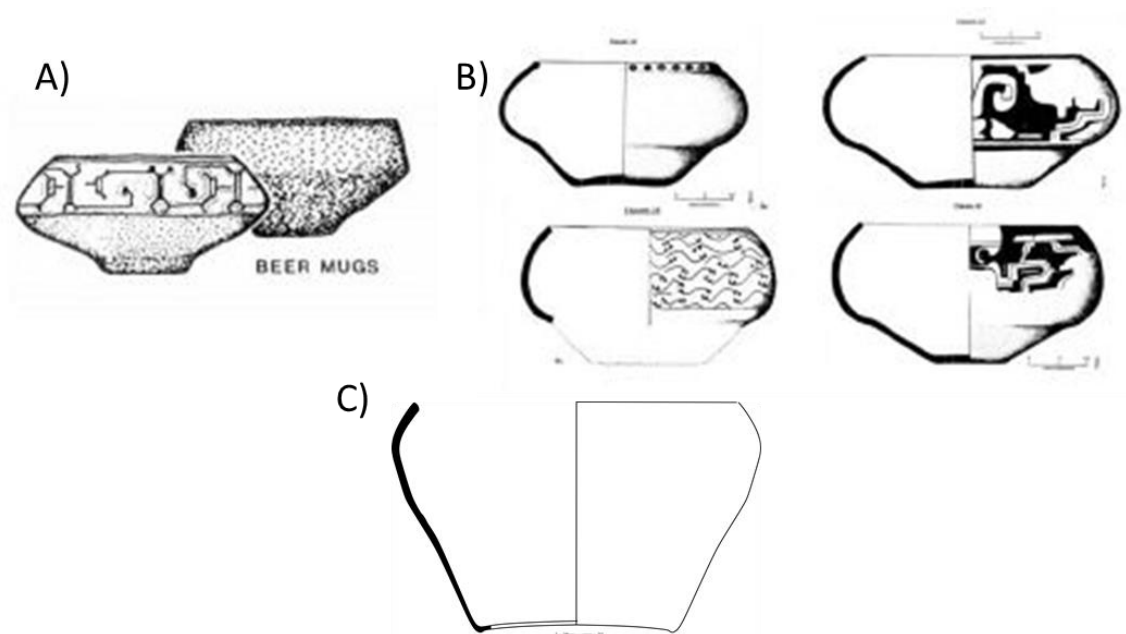


Figura 4.41: Correlatos morfológicos da vasilha 308.1. A) Vasilhas shipibo-conibo para consumo de cerveja (DEBOER, 1986); B) vasilhas Caimito (WEBER, 1975); C) Forma projetada da vasilha 308.1. Adaptado de Belletti (2015).

A segunda vasilha, 315.1, pode ser associada com um contexto ainda mais diverso. Essa forma (ver figura) não foi associada a material polícromo segundo o extenso levantamento de Belletti (2015). Um correlato conhecido não aparece entre vasilhas amazônicas, mas sim no clássico trabalho de La Salvia e Brochado “Cerâmica Guarani”

(1989). A vasilha que os autores atribuem a forma chamada *Cambuchí* em guarani, ou talha em português, teria a função de “preparar e servir bebidas fermentadas alcoólicas[...], porém algumas serviriam também para carregar e armazenar água” (LASALVIA & BROCHADO, 1989). Esse correlato, no entanto, não possui as características antropomorfas encontradas na vasilha 315.1.

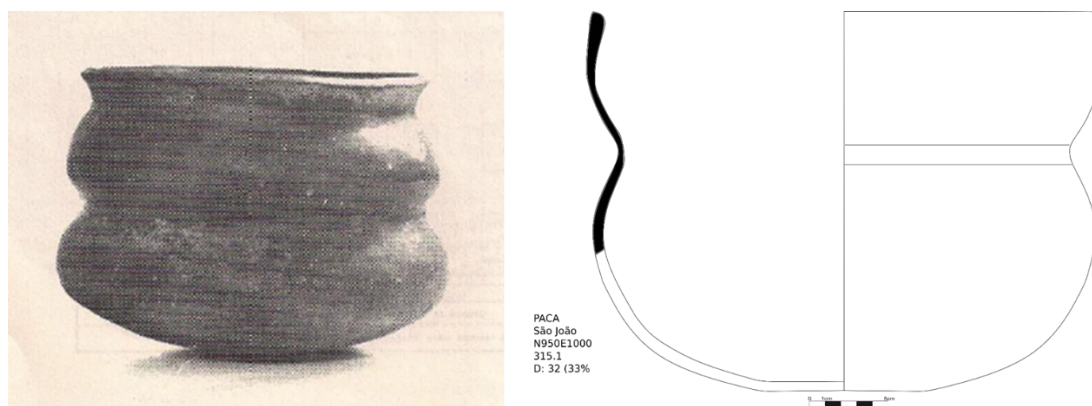


Figura 4.42: Correlato morfológico da vasilha 315.1 (LASALVIA & BROCHADO, 1989, p.40).

Apesar das variações incomuns, 5 fragmentos, incluindo as duas vasilhas “principais”, possuem características diagnosticas da TPA, como a presença de acanalados, pintura vermelha sobre engobo branco e o motivo de diadema. Além do material da TPA foram encontrados duas peças com características da Tradição Borda Incisa (ver figura abaixo). A primeira, 308.4 foi uma pequena vasilha com engobo vermelho interno e externo pertencente a uma forma comum no sítio, a forma 13, recorrente em maiores tamanhos nos níveis inferiores da unidade I. A peça 308.4, entretanto, foi registrada com o menor volume dessa forma, menos de 1L, uma diferença significativa em relação aos volumes comuns da forma, ao redor de 7L ou de 14L. A outra forma, um pouco maior, foi associada apenas a peça 308.7, e possui correlatos na área de confluência, entre as cerâmicas Manacapuru (TBI) (LIMA, 2008) e no lago Caiambé (GOMES, 2015) (ver figura abaixo).

A erosão acentuada exercida nas peças pelas baixas condições de preservação do contexto abaixo da TPI danificou a superfície de 13 fragmentos, dos quais nenhuma inferência quanto as superfícies pôde ser realizada. Mesmo as peças que ainda mantiveram seus acabamentos estavam com péssimas condições de preservação, acentuadas pelo choque de desestabilização trazido pela retirada de seus contextos originais.

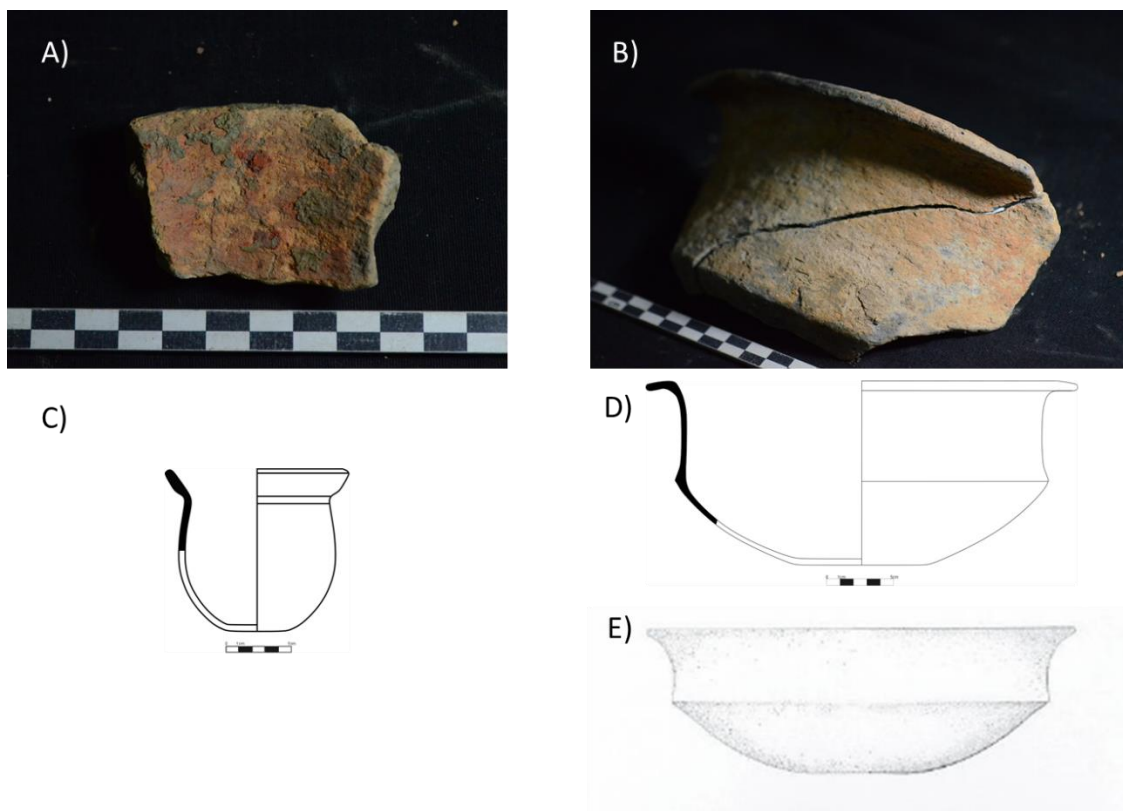


Figura 4.43: Peças associadas à TBI na feição 5. A) 308.4; B) 308.7; C) Forma projetada de 308.4; D) forma projetada de 308.4; E) correlato da forma de 308.7 da fase Manacapuru (retirado de Lima, 2008). Fotos: Rafael de Almeida Lopes

No total, as formas das vasilhas encontradas em F5 variaram entre vasilhas pertencentes as formas 4, 5, 13 e 16 com até 5L de volume e grandes vasilhames possuindo mais de 10L com as formas 3, 6, 7 e 14. Entre os vasos de menor volume se destacam as já comentadas vasilhas pertencentes a TBI (308.4 e 308.7) e uma vasilha rasa com flange labial e engobo branco interno e externo, com um diadema simplificado que foi desenhado externamente utilizando o acanalado e a pintura vermelha (ver figura abaixo). Todos as vasilhas desse grupo são irrestritivas ou diretas com a exceção do já descrito 308.4. Quanto aos vasilhames calculados com mais de 10L, sobressai a presença de um vaso de flange mesial com dimensões muito grandes, com cerca de 30L de volume, além das já mencionadas vasilhas 315.1 e 308.1. É por conta especialmente dessa vasilhas que o volume médio de F5 é muito superior aos níveis superiores, passando para 9,7L. As formas desse grupo foram diretas ou restritivas.

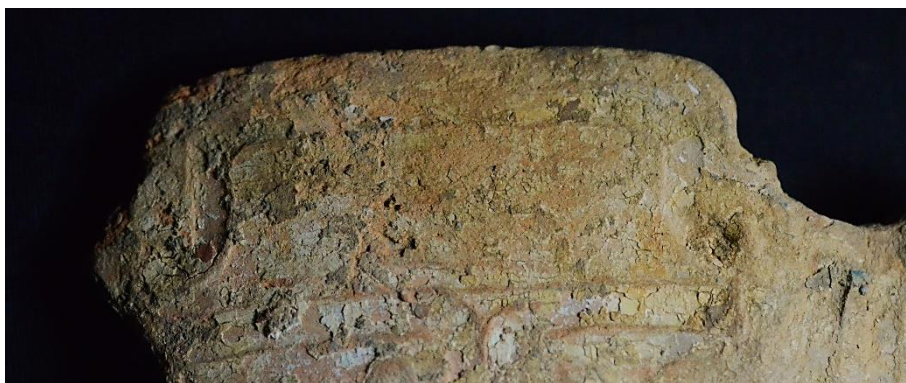


Figura 4.44: Diadema produzido com acanalado na peça 308.3. É notável a marcação mais profunda do motivo nas pontas inferiores e a presença de pintura vermelha sobre engobo branco evidenciada no canto esquerdo da foto. Tal ponto é onde, em algumas representações do diadema, encontra-se os signos de um alargador. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

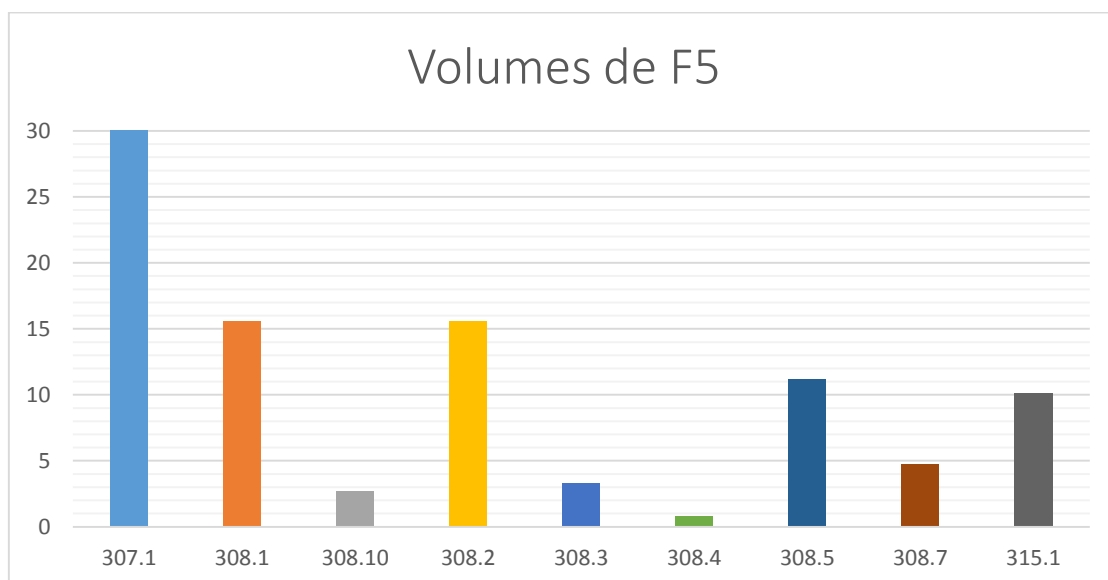


Gráfico 4.20: Volume (em litros) das formas projetadas da feição 5.

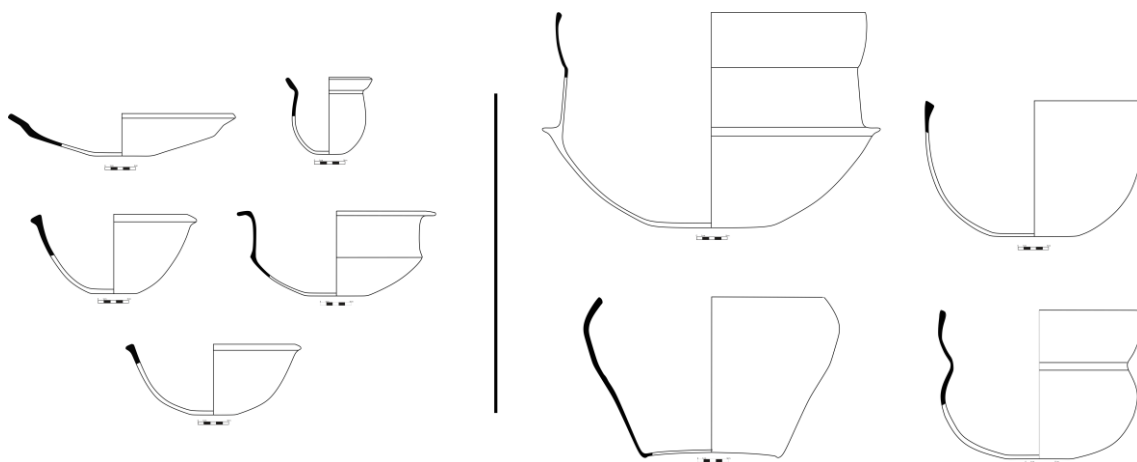
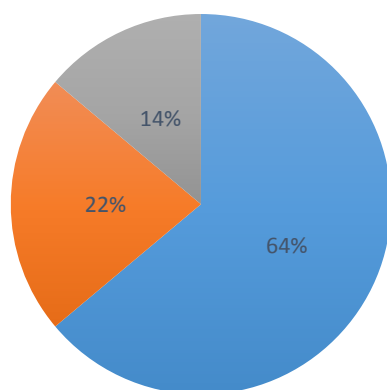


Figura 4.45: Formas projetadas de F5. À esquerda as com volume menor que 5L e à direita com volume maior que 10L.

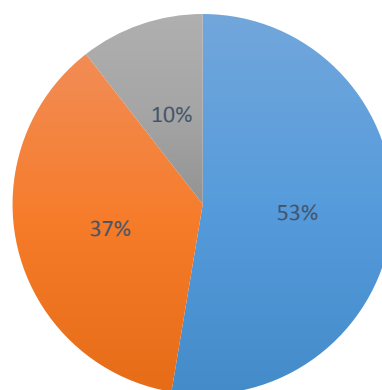
O principal antiplástico usado foi o cauixí (53% das peças) seguidos pelo caraipé (37%), que tem um leve aumento, e outros com menor presença (10%), havendo também presença em menor concentração de carvão e minerais, em especial a hematita. As queimas variaram entre uniformemente incompletas (56%), completas (40%) e outras (4%).

Antiplástico - Em TPI



■ Cauixí ■ Caraipé ■ Outros

Antiplástico - F5



■ Cauixí ■ Caraipé ■ Outros

Gráfico 4.21: Ocorrência de antiplástico na Unidade II.

Unidade III – N975E950

A unidade III foi marcada de forma significativa pela identificação de duas feições. A feição 4, de limites difusos, foi encontrada ao redor dos 15cm de profundidade caracterizada inicialmente como uma camada de intensa presença de calibradores cerâmicos (148 em cerca de 30cm) a escavação logo revelou outro componente possivelmente associado a ela, que tomou todo o espaço da unidade. Esse foi um vaso globular composto completo (forma 9) com um furo em sua base e com uma flange mesial em sua boca. Junto aos vasos e abrasadores, foram encontrados muitos carvões, ossos de diversos tipos e, especialmente, material lítico⁴⁷. Sobre as duas primeiras classes de vestígios, Cassino aponta para a similaridade entre F4 e os contextos superficiais da Unidade I, inclusive na boa preservação de vestígios. A alta presença de restos de ossos animais e vestígios de carvão não-lenhoso (incluindo muitas sementes identificadas) sugere um contexto de consumo alimentício complicado pelas evidências já discutidas de uma oficina lítica. Segundo Cassino (2018), é nessa unidade, especialmente nos níveis

⁴⁷ As análises desses vestígios, conduzidas por Márcio Amaral, ainda estão em andamento.

superiores, que se encontram a maior quantidade dos vestígios líticos identificados no sítio, totalizando, com lascas, bulbos e pré-formas (Amaral, comunicação pessoal), quantidades similares a de fragmentos cerâmicos (ver gráfico abaixo). Entre os vestígios líticos, destacou-se um pingente fraturado com uma figura similar a chamada de uruburei e presente em apêndices cerâmicos da TPA e dos conjuntos barrancóides como a Tradição Borda Incisa (NORDENSKIOLD, [1930] 2017). A presença do pingente somada ao vaso, os outros macrovestígios e a camada de calibradores permitiu a sugestão da possibilidade de associação dos vestígios da feição em um evento ritualizado associado à produção lítica. No entanto, a própria ligação entre os contextos foi questionada pela análise cerâmica, a qual intentou tratar F4 tanto como conjunto quanto por seus níveis. Quanto a F7, feição abaixo de F4 escavada no latossolo que corresponde aos níveis 50-60cm e 60-70cm, não foi possível tecer interpretações, pois, como já colocado, seu material foi perdido.

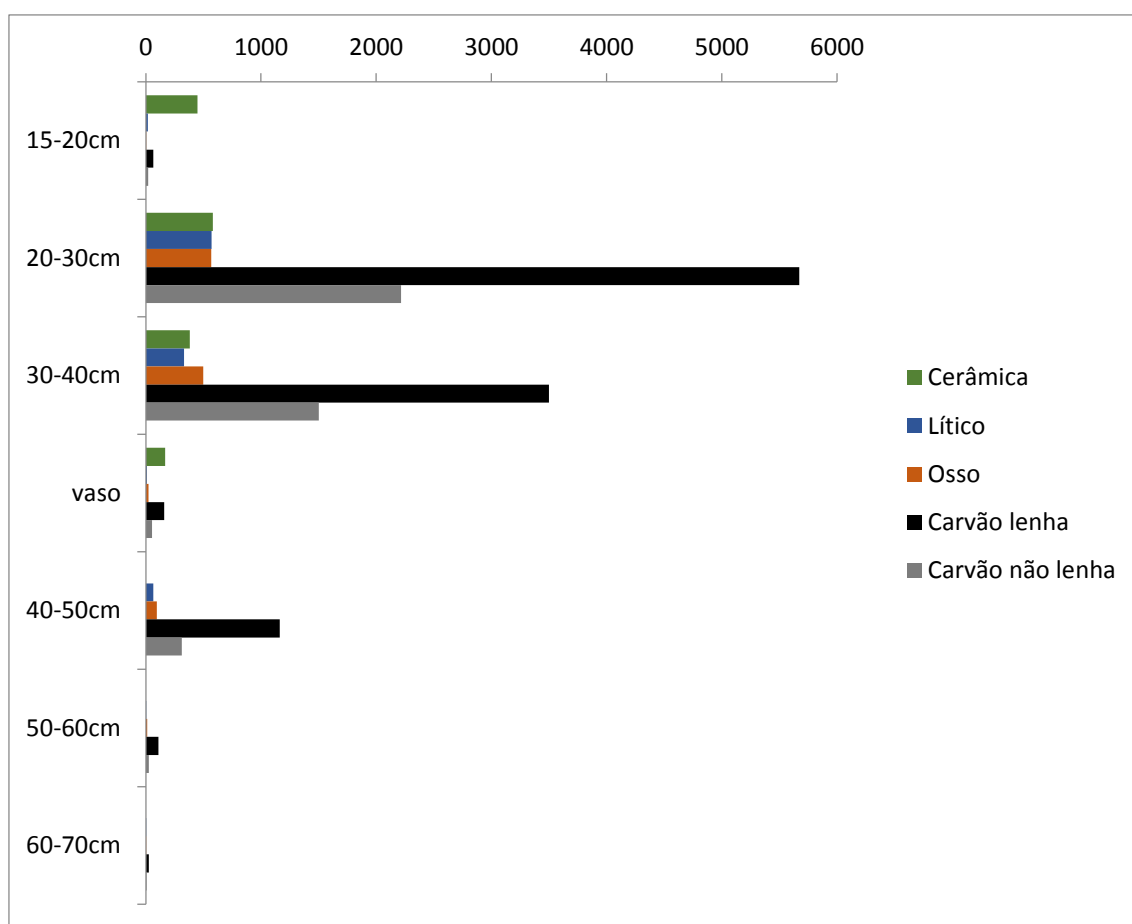


Gráfico 4.22: Relação de macrovestígios da unidade III por nível (CASSINO, 2018).

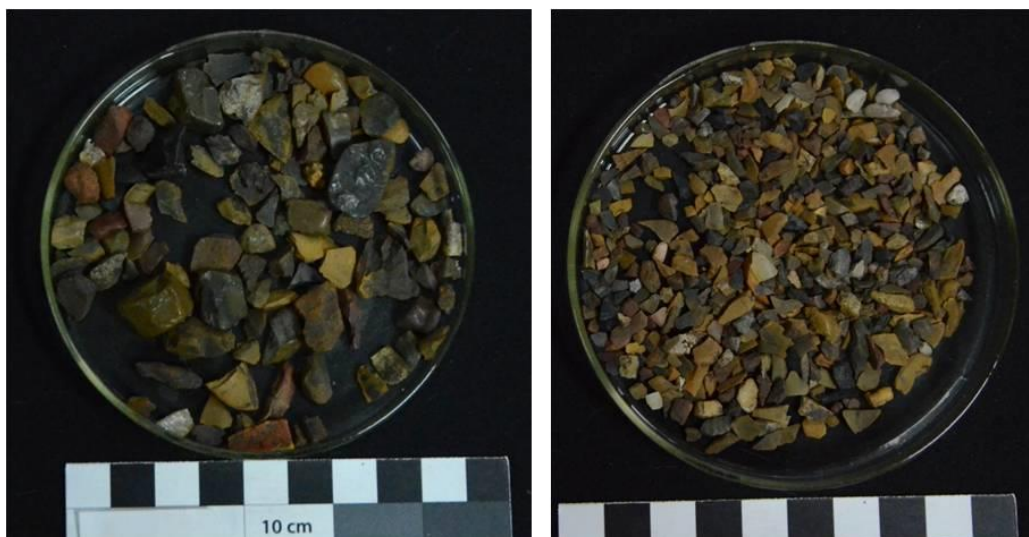


Figura 4.46: Vestígios líticos da Feição 4 providos da flotação (CASSINO, 2018).



Figura 4.47: Pingente fraturado da unidade III e seus possíveis correlatos barrancóides (em Nordenskiöld, 1930).
Foto: Rafael de Almeida Lopes.

A unidade 3 teve como universo de análise 200 fragmentos. Desses, 37 receberam projeção de borda, nenhuma fora de F4 (ver tabela abaixo). As presenças mais significativas na feição foram as das vasilhas irrestritivas pequenas e médias (forma 4) em 11 casos, seguido de vasilhas globulares grandes (forma 12) com 8 casos, e vasilhas diretas grandes (forma 6) com 5 casos. As quantidades estão bem distribuídas pelos níveis da feição, mas há um aumento significativo da forma 4 seguido por seu desaparecimento no nível 40-50cm, assim como o surgimento apenas a partir do nível 30-40cm de vasilhas associadas à forma 13. Os volumes da feição circularam entre 0,4L e 20L com certo equilíbrio entre pequenos (5 casos), médios (12 casos), grandes (10 casos) e muito

grandes (9 casos). A média de volumes ao longo dos níveis da feição se mostrou constante ao redor de 6 litros.

Sobre a vasilha 416, de forma globular composta, considerada a central da feição 4, ela foi associada a forma 9 e apresentou pintura vermelha sobre engobo branco. A vasilha, que se desmontou após a escavação será higienizada de forma mais delicada e remontada por Silvia Cunha Lima, mas já foi possível desenhar sua forma e a do vaso de flange em sua boca. Além disso, um fragmento de sua base foi analisado para presença de fitólitos por Jennifer Watling (os resultados ainda não estão disponíveis)⁴⁸. O vaso de flange mesial também foi analisado, possuindo decorações acanaladas na flange e um diâmetro igual ao da boca do vaso: 30cm. Além desse, outros 21 fragmentos de flange mesial, 16 dentro da feição, foram encontrados com diâmetros entre 18 e 30cm. Os calibradores cerâmicos, como já comentado, possuem marcante presença, sendo ao todo 148 dentro de F4 e 17 nos níveis acima⁴⁹. Estratigraficamente, no entanto, essa concentração de calibradores se dá apenas nos níveis superiores chegando a apenas 1 calibrador no último nível da feição. Essa composição levou a duas hipóteses: a presença dos calibradores apenas nos níveis superficiais como “cobertura” da feição, algo que, como será apresentado, parece ocorrer também na feição 1; ou que a camada onde estão os calibradores está contextualmente (cronologicamente e funcionalmente) separada das camadas inferiores. Outras análises apontam para a corroboração da segunda hipótese, criando uma área reduzida para F4.

⁴⁸ Por fim, uma amostra de sedimento e cerâmica encontrada junto ao vaso foi enviada para datação por termoluminescência. Os resultados, ainda não disponíveis, serão essenciais na compreensão da unidade.

⁴⁹ Como colocado, a feição apresentou limites difusos, dessa forma essas peças dos níveis superiores podem também compor a feição.

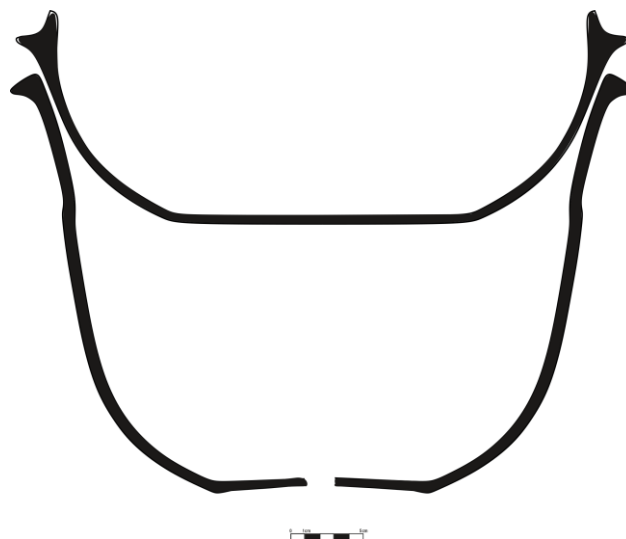


Figura 4.48: Posição da vasilha 416 e do vaso de flange em sua boca.

Formas	1	2	3	4	5	6	9	12	13
0-10	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10-20	1	-	1	2	1	2	-	1	-
20-30	1	2	-	4	-	2	-	3	-
30-40	1	1	-	5	-	1	-	3	1
40-50	-	-	1	-	-	-	1	1	2

Tabela 4.10: Formas por nível da unidade III.

Calibradores por nível				
0-10	10-20	20-30	30-40	40-50
2	98	43	18	1

Tabela 4.11: Calibradores da unidade III por nível artificial.

As pastas da unidade III tiveram uma variação muito similar ao contexto encontrado na unidade I (ver gráfico abaixo). Dos níveis de 0-30cm o cauixi foi o antiplástico principal mais usado, presente em 68% da amostra, seguido do caraipé com 19% e outros antiplásticos, entre os quais figurou o carvão e o caco moído. Entre os antiplásticos secundários figuraram os minerais em 24 fragmentos, mas a seção da amostra mais significativa apresentou ausência de antiplásticos secundários. Já entre os

níveis mais profundos (30-50) esse padrão começou a se inverter. Nas 60 peças analisadas 38 fragmentos apresentaram caraipé (60%) enquanto apenas 19 apresentaram cauxi (30%). As queimas apresentaram um contexto complexo, mudando as tendências de acordo com o nível, mas que, no total, mostram privilégio pelas queimas incompletas (ver tabela abaixo).

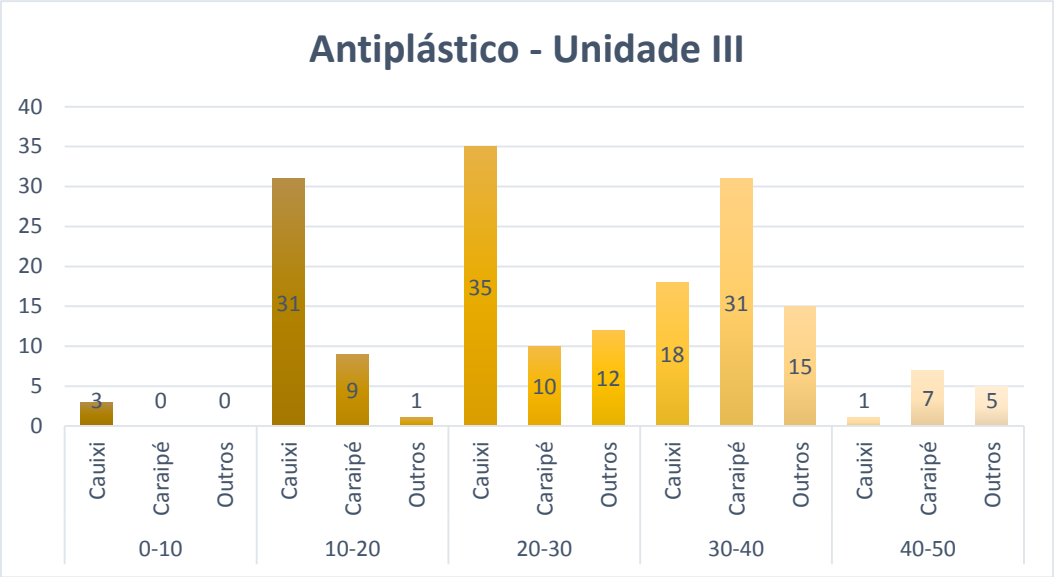


Gráfico 4.23: Antiplásticos por nível da unidade III.

Núcleos	0-10	10-20	20-30	30-40	40-50
Escuro	1	11	32	13	5
Claro	2	16	12	18	4
"Sanduíche"	0	7	9	23	3
Escuro-claro	0	5	4	8	0
Claro-escuro	0	2	0	2	0

Tabela 4.12: Relação de núcleos entre os níveis da unidade III.

Dentre os acabamentos, o engobo branco e os banhos alaranjados e amarronzados foram mais significativos, com 44, 19 e 11 casos, respectivamente. O engobo vermelho apareceu pontualmente (4 casos ao todo), uma vez junto ao engobo branco. Entre as técnicas, houve preferência pelas técnicas plásticas, em especial os acanalados. As técnicas pintadas, em especial na cor vermelha, no entanto, aumentam proporcionalmente

ao longo da estratigrafia, sendo mais significativas nos últimos níveis analisados. Entre os motivos lineares novamente se destacam os lineares e serrilhados e entre os complexos, os compostos. As caracterizações foram realizadas em 64 peças. O conjunto Tefé, como em todo o sítio, teve predomínio, sendo identificado em suas distintas formas emblemáticas em 50 fragmentos (ver figura abaixo). Apenas um fragmento foi caracterizado na Tradição Borda Incisa, do nível 30-40, por apresentar engobo vermelho interno e um motivo pintado com linhas transversais em vermelho vivo em flange labial. O conjunto de fluxo (com suas variações) teve 14 peças caracterizadas. Voltando a comparação desta unidade com a unidade I, parece haver, em escala menor, um padrão similar de ocorrência de peças com possível fluxo emblemático. Nos níveis superiores há desencaixe entre formas comuns e formas incomuns de se reproduzir os aspectos emblemáticos da Tradição Polícroma. O exemplo mais claro quanto a esse tipo de fluxo foi uma borda do nível 10-20cm que apresentou flange labial irregular e em seu centro, um motivo de tiara, aparentemente cortado ao meio, feito por acanalados irregulares com sobras. Já nos níveis mais profundos analisados, há ocorrência dos conjuntos “vermelho sobre pasta” e “vermelho sobre bege”. Sobre o primeiro conjunto é possível conferir abaixo uma flange labial que possui uma faixa vermelha aplicada diretamente sobre a pasta. Sobre a segunda, o outro fragmento abaixo apresenta linhas finas e transversais sobre engobo bege, em uma borda que possui também uma faixa vermelha em seu lábio. Por último, o conjunto 7 apresentou apenas uma peça, uma borda com acanalados estriados superficiais sob os quais foram pintadas faixas em amarelo, já mostrada na figura 4.35.

O conjunto de evidências de transição entre os níveis superiores e os níveis profundos de F4 – algumas mudanças nas formas, inversão do antiplástico, mudança nas técnicas e surgimento de conjunto profundos de fluxo – permite desvincular a feição 4 a todo o perímetro da unidade e limita-la a área de alta frequência de calibradores e à vasilha 416. Para uma inspeção mais aprofundada dessa divergência o material da feição 7 seria significativo. O assunto terá maiores discussões na próxima seção.

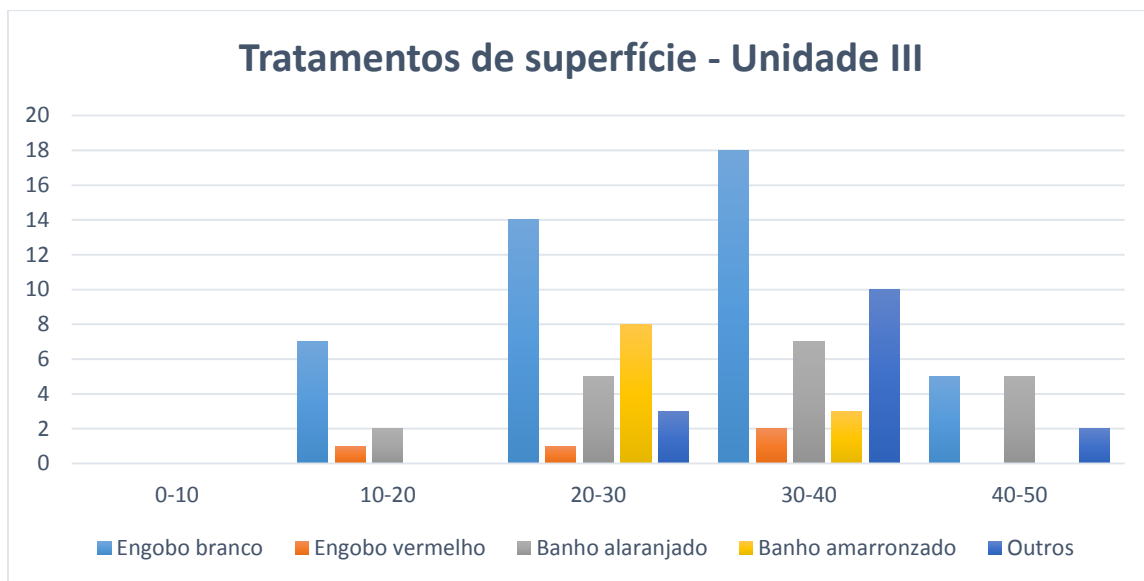


Gráfico 4.24: Tratamentos de superfície da unidade III.

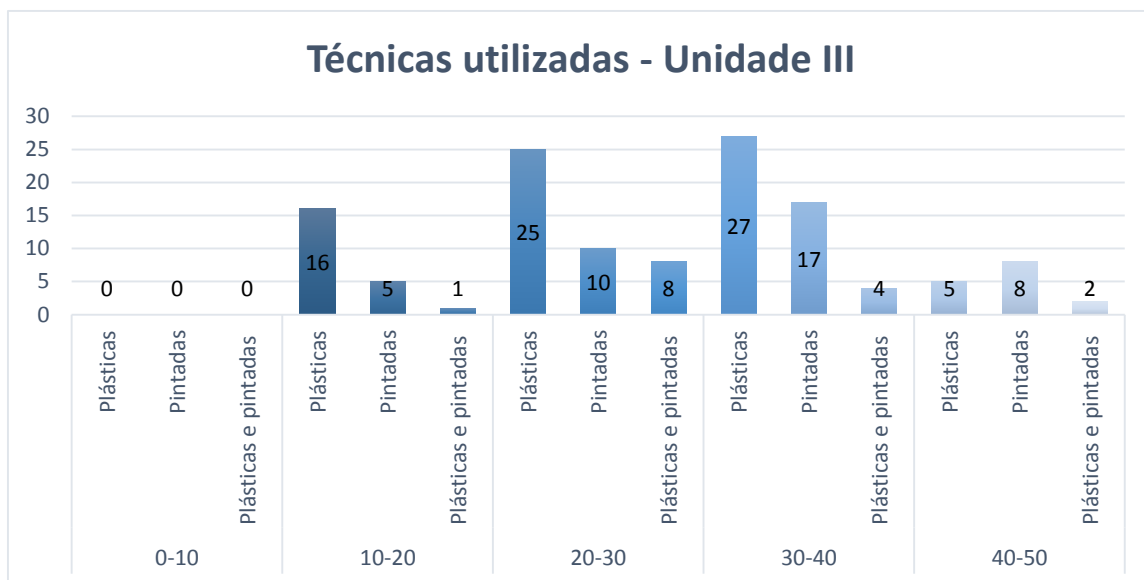


Gráfico 4.25: Técnicas de acabamento identificadas na unidade III.

Caracterização	Tefé	Caiambé	Fluxo (e variantes)	Não identificado
0-10	-	-	-	-
10-20	11	-	1	-
20-30	14	-	4	-
30-40	16	1	4	1
40-50	9	-	3	-

Tabela 4.13: Caracterização dos conjuntos por níveis da unidade III.

Conjunto Tefé



Conjunto Fluxo



Conjunto Caiambé



Figura 4.49: Exemplos de peças características de cada conjunto na unidade III. Fotos: Rafael de Almeida Lopes, Alexandre Recoaro e Verônica Lima.

Feições do barranco



Figura 4.50: A feição 1 no meio de sua escavação. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

As feições escavadas no barranco do setor Norte do sítio São João (F1, F2 e F3) representam uma diminuta porém significativa amostra. Elas foram escavadas pontualmente a partir da percepção de seu conteúdo e formatos. 79 fragmentos cerâmicos de suas coletas passaram por algum tipo de análise. As três feições são deposições claramente escavadas e recheadas de material cerâmico, além de carvões, ossos e fragmentos líticos. A feição 2 se configurou numa feição retangular com poucos fragmentos associados. A feição 3 tinha maiores dimensões e caracterizou-se especialmente por apresentar um vaso globular emborcado. No caso de F1, a maior e melhor explorada das feições (com cerca de 80cm de profundidade e mais de um metro de largura), as cerâmicas pareceram seguir uma ordem, um pouco menos rígida que a de F5, mas ainda perceptível. As vasilhas interpretadas como mais significativas foram uma vasilha globular (808) que continha uma vasilha de flange basal completa (813) em seu bojo fraturado. A interpretação geral dada a F1, cujas dimensões completas, não sabemos, foi de um contexto de deposição escavada especial onde materiais foram depositados junto a TPI de forma específica, e, ao final, uma camada de fragmentos na horizontal foram depositados por cima para “selar” o contexto. Avançando um pouco na análise é interessante pontuar que um desses fragmentos superiores possuía, de fato, uma marca de impacto que pode estar associada a sua produção. A retidão da cavidade da feição; a presença de uma tampa na boca do vaso de gargalo; a camada de carvões lenhosos que o circundou e a ausência da base do vaso de flange basal, perfeitamente posicionado, são

indícios de uma ordenação nos gestos muito específica, atrelada a um contexto diferenciado. A análise cerâmica parece fortalecer essa interpretação pela presença de materiais altamente sofisticados na feição, como pratos irregulares pintados. Aqui nota-se a boa preservação da feição, positiva tanto no quesito fragmentação, quanto no quesito preservação do acabamento.

Dos 59 fragmentos analisados de F1 (destes 34 foram bordas), 16 formas puderam ser projetadas. Essas mostraram grande variação, como mostra a tabela abaixo, sendo 9 tipos de vasilhas identificadas (mais que em toda a unidade I, usando-a como comparação). A forma que mais se repetiu foi a forma 3, da flange mesial, com 4 ocorrências. Os volumes coincidem com o contexto de F5 (ver figura abaixo), estando divididos, quase que na metade, fragmentos cujo volume estimado foi menor que 4L (7 peças) e fragmentos com volumes maiores que 9L. O menor volume foi de 0,3L e o maior foi estimado em 25L. A média das peças com volumes pequenos foi de 2L e das peças com volumes maiores foi de 15L. Entre as peças com volumes menores figuram vasilhas restritivas, irrestritivas, e diretas (formas 1, 4, 5 e 6, respectivamente), e uma espécie vasilha irrestritiva profunda similar à forma de um copo (forma 2). Já entre as vasilhas de maior volume estão presentes os vasos com flange mesial (forma 3), vaso de gargalo (forma 8), vaso profundo irrestritivo grande (forma 2, com 12L), vasilhas restritivas grandes (forma 1, com 9L), vaso globular simples (forma 12) e um vaso com decoração antropomorfa, possivelmente associado a vasilha chamada de biglobular (forma 7). Essa última vasilha, parcialmente remontada durante a análise, apresentou características similares com a já comentada vasilha 315.1, componente fundamental para definir F5 como possível contexto funerário. Sua presença em F1, no entanto, é diferenciada por dois motivos: 1) não esteve associado diretamente a trempes ou a um posicionamento original como as vasilhas 808 e 813; e 2) F1 não apresentou nenhum tipo de vestígio ósseo que poderia conectar o contexto a um sepultamento. Mesmo assim, é interessante retomar certas semelhanças entre as peças, como o diadema irregular, como um indício de continuidade entre contextos, tendo em vista também, suas diferenças, como as formas de representação do antropomorfo e a ausência da fuligem no contexto da Feição 1. O vaso de gargalo (808) também merece inspeção, por ser único de F1⁵⁰. Essa vasilha de grande volume (estimado em 25L) possui um correlato entre o material do Médio

⁵⁰ F1 aparentemente contém dois vasos com essa forma: o segundo vaso de gargalo, encontrado junto a vasilha 813 não teve sua forma projetada pois estava quebrado no meio do gargalo.

Solimões estudado por Tamanaha (2012; ver capítulo 2 e figura abaixo), havendo formas similares também nas fases Caimito e Nofurei da Tradição Polícroma e nas fases Paredão e Manacapuru da Tradição Borda Incisa, na área de confluência (BELLETTI, 2015; LIMA, 2008). O vaso de flange basal 813 apresentou decorações acanaladas formando uma figura antropomorfa feita de figuras ofídiomorfas (ver figura 4.18). As análises identificaram ao todo 3 flanges mesiais em F1, com diâmetros variando entre 20 e 50cm, além de 6 calibradores cerâmicos.

F2 e F3 apresentaram um contexto distinto. F2 teve apenas 3 peças analisadas, duas delas com formas projetadas. Uma delas foi a forma 5, uma vasilha irrestritiva rasa; a outra foi um fragmento de uma vasilha pertencente a forma 9. Essa última corresponde a um vaso globular composto de maiores dimensões, cuja outra ocorrência é no vaso considerado central de F4. O resultado das projeções, assim como das restantes análises de F2, só foram pensadas de forma relacional, por contarem com pouca amostragem. Em F3 a amostra foi mais significativa com 17 fragmentos dos quais 5 bordas foram projetadas. Elas foram: vasilhas irrestritivas profundas, vasilhas restritivas rasas ou profundas, vasilhas irrestritivas pequenas e médias, e ainda ocorreu um vaso com pescoço (formas 2, 1, 11, 4 e 10 respectivamente). Aqui nota-se coerência entre F1 e F3, com 3 morfologias que co-ocorrem e duas com alguma proximidade – a forma 11 é similar à 6, e a forma 10 aproxima-se da forma 8. Os volumes variaram entre 300mL e 21L, sendo distribuídos de forma mais ou menos constante ao longo dessa amplitude. 5 calibradores foram encontrados, mas não ocorreram fragmentos de vaso de flange mesial.

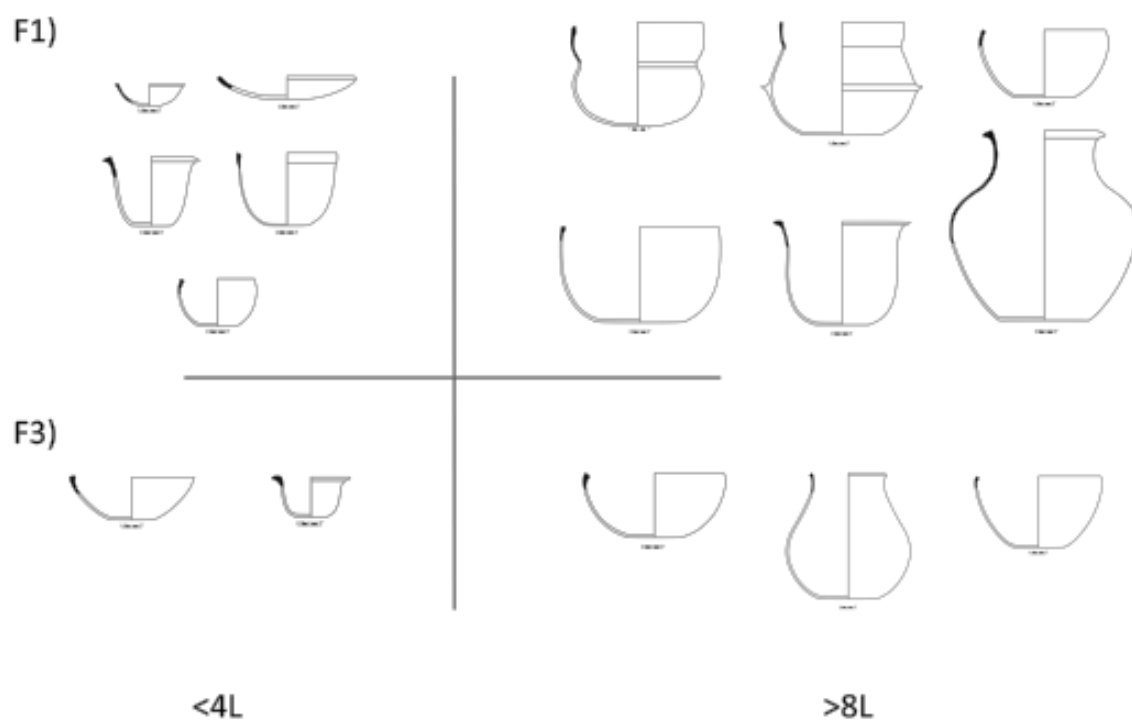


Figura 4.51: Conjuntos morfológicos de F1 e F3 separados quanto ao volume. À esquerda formas com pequeno volume e à direita forma com grandes volumes.



Figura 4.52: Formas da feição 1. A) Foto da vasilha 808; B) forma projetada da vasilha 808; C) vasilha antropomorfa da feição 1; D) vasilha antropomorfa da feição 5.

Formas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
F1	2	2	4	2	2	1	1	1	-	-	-	1
F2	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-
F3	1	1	-	1		-	-	-	-	1	1	-

Tabela 4.14: Relação entre formas por feição.

As pastas de F1 apresentaram heterogeneidade similar aos níveis superficiais da unidade 1, 2 e 3 com o predomínio de cauixi (65%) como antiplástico principal sobre o caraipé (24%) e outros tipos (11%). Quanto aos secundários, minerais e carvões foram os aditivos mais recorrentes, com uma relevância maior, nesse contexto, da hematita. Entre as queimas, foi mantido certo equilíbrio entre queimas incompletas, encontradas em 20 fragmentos e queimas completas, presentes em 17 peças.

F2 contou apenas com duas peças com caraipé e uma peça com carvão como antiplástico principal, ocorrendo carvão e caco moído como acompanhamento e apenas queimas escuras. F3 segue o padrão de F1 com 80% de cauixi, 13% de caraipé e 7% pertencente ao carvão. Entre as queimas novamente certo equilíbrio: as queimas completas aparecendo em 7 peças e as incompletas em 6.

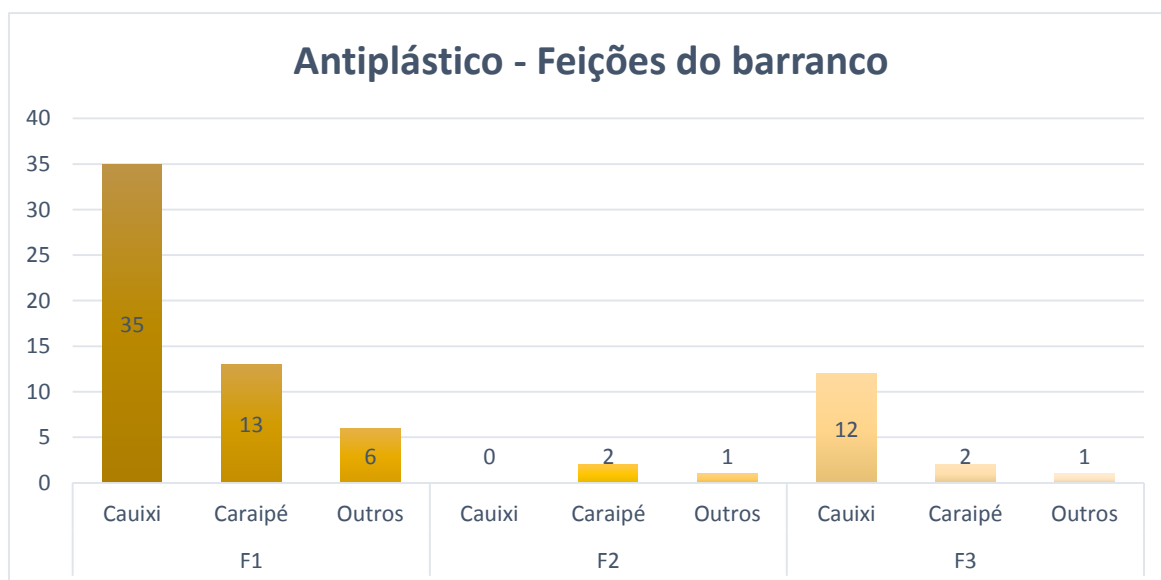


Gráfico 4.26: Frequência de antiplástico principal por feição.

Entre os alisamentos de F1 prevaleceram os médios. Quanto aos tratamentos de superfície o engobo branco foi o mais recorrente (19 casos), seguido dos banhos

alaranjado (5 casos) e amarronzado (4 casos). O engobo vermelho esteve presente em apenas um caso, junto ao engobo branco. Entre as técnicas prevaleceram as plásticas (20 peças), em especial acanalados e ungulados, sobre as pintadas (8 peças) e as com ambas as intervenções (5 peças). Um detalhe significativo entre as peças pintadas foi a presença de pintura na seção interna em todos os vasos onde ela ocorreu, especialmente em pequenas bordas de vasilhas interpretadas como pratos e tigelas, em diversos casos com formato irregular. É esse o caso das duas peças abaixo que apresentaram complexas decorações pintadas em seu interior compostas por zoomorfos (figuras ofídiomorfas), levantando a questão de um conteúdo particular em seu interior, onde performances visuais seriam privilegiadas sobre outras de caráter mais funcional.



Figura 4.53: Pratos com decoração interna com temas zoomorfos.

Além dos zoomorfos recorrentes por F1 foram comuns os motivos simples serrilhados e lineares; e, entre os motivos complexos, os diademas. As caracterizações de F1 se aproximaram novamente dos contextos superficiais das unidades I, II e III. Parte significativa do contexto teve caracterização associada ao conjunto Tefé (20 fragmentos). Como nas vasilhas acima, as peças combinaram diversos dos elementos emblemáticos da TPA em seus acabamentos. Além do conjunto Tefé, apenas três outras peças receberam classificação, as três no conjunto Fluxo. Trata-se de uma borda, um aplique e um fragmento de flange mesial. A borda, de vasilha quase completa associada à forma 4, apresentou um volume estimado em 300mL (ver figura abaixo). Em seu lábio foi encontrado um aplique modelado, aspecto emblemático da Tradição Borda Incisa. Quanto ao aplique encontrado solto, trata-se do já comentado aplique zoomorfo, cuja face remete a uma serpente ou um anfíbio (ver figura 4.23). Apesar de apresentar vestígios de pintura

vermelha sobre engobo branco, o tipo e formato da peça estão mais atrelados a elementos emblemáticos da Tradição Borda Incisa. Por último, a flange mesial ungulada tratada como fluxo apresentou pequena área e apenas uma faixa pintada de vermelho diretamente sobre a pasta acima dela. A amostra é heterogênea e pouco significativa, mas parece indicar formas pouco tradicionais de representar a Tradição Polícroma, assunto que voltaremos abaixo.

Na F2, duas das três peças analisadas foram classificadas, ambas no conjunto Tefé. As peças apresentaram faixas vermelhas sobre engobo branco em seus lábios. Em F3, foi registrada a presença de engobo branco e banho alaranjado, o alisamento variando entre médio e fino. Apenas técnicas plásticas foram registradas, se destacando o acanalado e o acanalado estriado. 5 fragmentos foram classificados, 4 associados ao conjunto Tefé e um ao conjunto Fluxo. Entre os 4 fragmentos Tefé uma borda se destacou pela presença de acanalados profundos em uma flange labial que formam uma figura de diadema pelo acanalado e ofídiomorfa pela excisão deste (ver imagem abaixo). A vasilha é da forma 4 com pequeno volume, mas é de se notar que seus acanalados levam apenas ao interior do vaso. Fossem despejados líquidos sobre a borda esta ocuparia o formato do acanalado produzindo performances visuais similares àquela que Oliveira (2016a) aponta como possível para as flanges mesiais. Ao contrário da maestria apresentada nesse fragmento, a peça atribuída a um possível fluxo tecnológico teve sua classificação devida a um uso aparentemente grosseiro da técnica do acanalado, produzindo muitas sobras de argila na pasta.

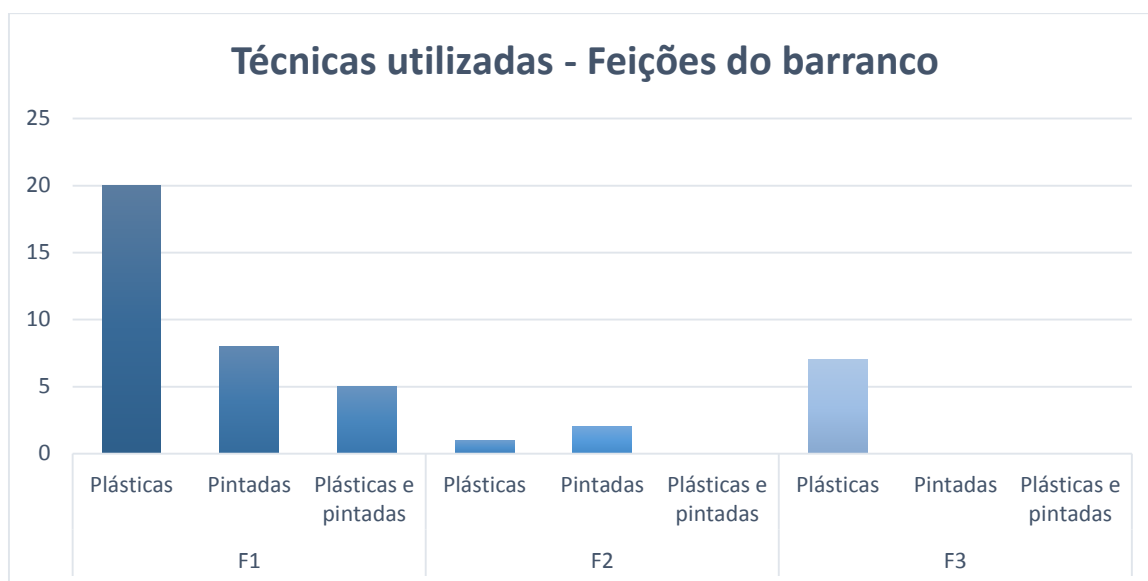


Gráfico 4.27: Técnicas encontradas nas cerâmicas das feições do barranco.

Conjunto Tefé



Conjunto Fluxo



Figura 4.54: Conjuntos encontrados nas feições do barranco. Fotos: Rafael de Almeida Lopes.

Interpretação

Uma reorganização dos dados será posta em prática para realizar a discussão dos resultados acima apresentados. Essa reorganização baseia-se numa intenção de juntar especificidades do registro arqueológico do São João às discussões presentes no capítulo

1, que envolvem uma visão do registro arqueológico como acúmulo irregular de escolhas ajustadas. Para refazê-lo, vamos retomar as durações braudelianas apresentadas no capítulo 1 de forma mais prática que teórica. Como o próprio autor coloca a fragmentação ou decomposição do tempo em durações é uma criação do historiador para melhor explicar a História (BRAUDEL, 1992)⁵¹. Embora, como comentado, a arqueologia seja melhor adaptada para discussões relativas à longa duração, acredito que os contextos do sítio São João permitem, com uma visão crítica, acessar parcialmente durações mais localizadas. Assim, não se trata de crer na “premissa de Pompéia” (BINFORD, 1981) de que os objetos estão exatamente como foram deixados, e que as dinâmicas sociais do passado tenham sido as únicas variáveis encontradas, mas sim aceitar de forma ajustada, a presença de contextos específicos de um sítio específico que possuem maiores resoluções quanto às práticas do passado.

Proponho, dessa forma, tratar as feições, em especial, as deposições escavadas do sítio São João, com suas características peculiares apresentadas acima e no capítulo passado, como correlatos de um conjunto de eventos específicos – escavações de terra, deposição organizada de artefatos, possíveis varrimentos, etc. Estes, as tais espumas das ondas reguladas pelas marés, podem ser associados à curta duração. O próprio sítio, como comentado no capítulo 3, é permeado por essas feições escavadas (a maior evidência dessa recorrência é a área do barranco do setor Norte onde foram encontradas 3 dessas feições com poucos metros de distância uma da outra). Ao analisar esses pequenos conjuntos podemos ter alguns relances sobre uma escala temporal reduzida, pequenos eventos que ao furar literalmente a terra abaixo da TPI, foram figurativamente a homogeneidade da repetição das práticas que a TPI concentra e dissimula (BOURDIEU, 2007; BASSI, 2016). Elas podem, dessa maneira, permitir vislumbres de períodos específicos, o pressuposto aqui sendo que tais práticas possuem continuidade histórica, mesmo que mudando conteúdo ou significações.

O acúmulo dessas práticas produtoras de feições escavadas, ao qual será argumentado que sejam de caráter cerimonial, se misturam ao acúmulo de atividades produtoras de TPI, que concentram vestígios de práticas cotidianas e domésticas. Dessa forma, os eventos nas feições escavadas juntam-se irregularmente aos eventos presentes

⁵¹ Tal noção pode ser resumida na frase “Todo trabalho histórico decompõe o tempo decorrido, escolhe entre suas realidades cronológicas, segundo suas preferências e opções exclusivas mais ou menos conscientes” (BRAUDEL, 1992, p. 44).

na produção de cada vasilha. Com o tempo, esses acúmulos de práticas produzem padrões que ao diminuir a resolução do contexto, indicam escolhas priorizadas. As transformações desses padrões podem ser pensadas como indícios de reverberações causadas por mudanças sociais – a chegada de novas populações a uma área; a adoção e expansão de práticas específicas, etc. – que podem configurar nas conjunturas, a média duração braudeliana. Como coloca Braudel essas transformações seriam mais lentamente ritmadas (BRAUDEL, 1992, p. 14). No registro arqueológico do sítio São João, as conjunturas se traduzem nas camadas estratigráficas contextualmente distintas, tal como as identificadas nas unidades I, II e III.

As transformações conjunturais acumuladas possuem um eixo de continuidade estrutural associado à longa duração. Essas se colocam para Braudel como sustentáculos e obstáculos das sociedades, forças as quais elas não podem escapar (BRAUDEL, 1992, p. 50). A aplicação dessa ideia ao sítio São João traduziu-se na tentativa de amarrar todo o sítio no signo da longa duração, privilegiando, nesse ponto, as continuidades presentes em sua espacialidade e nas escolhas identificadas ao longo dos cinco séculos de sua ocupação.

As durações devidamente apresentadas toca retomar, uma última vez, os contextos do sítio São João.

Curta duração: as feições do sítio São João e suas performances

Para analisar propriamente as feições minha intenção é ampliar o escopo com o qual usei até o momento o conceito de performance. Além de performance de vasilhas específicas e conjuntos de suas performances, aqui serão discutidas performances das feições como um todo, pelos pressupostos similares já apresentados sob os quais foram analisadas as cerâmicas. As feições escavadas, nesse sentido, por apresentarem limites menos difusos, terão discussões mais aprofundadas. Aqui é preciso discutir sua própria presença. As deposições escavadas não são exclusividade do sítio São João, pelo contrário. No contexto amazônico, as deposições, chamadas muitas vezes de bolsões, já foram interpretadas de diferentes formas. Alguns estudos sobre estes, como aqueles envolvendo o complexo sítio Hatahara, abordaram a produção das deposições (MACHADO, 2005; TAMANAHA, 2012). A identificação e interpretação desses contextos e suas práticas, no entanto, passaram recentemente por uma espécie de

revolução, associada aos estudos arqueológicos do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (SALDANHA & CABRAL, 2010; SALDANHA, et al; 2016; SALDANHA, 2017). As pesquisas lideradas por Mariana Cabral e João Saldanha utilizaram de maquinaria pesada e escavações em amplas áreas por níveis naturais para produzir uma nova sistematização das ocupações indígenas no território do Amapá. Pelo caminho, os arqueólogos se depararam com dezenas de feições escavadas em latossolo. A recorrência de contextos analisados permitiu uma classificação apurada de feições em suas funções, conteúdo e formas, aqui canalizadas em performances. Embora tenham um grau de resolução incomparavelmente maior do que aquele das escavações do sítio São João, acredito que estudos como esses associados ao IEPA podem prover dicas contextuais de formas como melhor interpretar o registro arqueológico do estudo de caso.

As feições podem ser de caráter construtivo. Entre estas destacam-se os buracos de esteio e a produção de estradas (SALDANHA, et al; 2016; SALDANHA, 2017). A primeira representa as fundações de habitações indígenas feitas com troncos de árvores cujos indícios no registro arqueológico são concentrações de buracos cilíndricos. Tais indícios podem ser considerados pan-amazônicos, mudando apenas em formato de habitação ou tamanho do buraco a ser escavado. As estradas por sua vez são caracterizadas por valas largas que conectam sítios arqueológicos. Estas podem ocorrer até em regiões muito distantes uma das outras como no Acre (NEVES, op. cit.) e no Alto Xingu (FRANCHETTO & HECKENBERGER, 2001), sendo mais facilmente visualizadas por imagens de satélites. Feições escavadas defensivas também foram encontradas pela equipe do IEPA. Estas ocorreram como fossas alargadas ao redor de um assentamento. Tais indícios foram encontrados também na área de confluência entre os rios Negro e Solimões pela equipe do PAC. Além das fossas, nesta região foram encontradas outras feições escavadas: as que representariam vestígios de paliçadas. Estas seriam marcadas no registro arqueológico pela presença de buracos de esteios alinhados também ao redor do assentamento (NEVES, 2012).

A equipe do IEPA também identificou feições escavadas cujas performances pretendidas seriam domésticas, como aquelas ligadas à práticas comuns de descartes. Essas práticas produziriam na região do Amapá pequenas fossas interpretadas como lixeiras por sua proximidade a habitações e pelo caráter doméstico dos vestígios

encontrados. Outra forma encontrada de descarte foi a escavação de buracos para descarte, prática também identificada no sítio Conjunto Vilas (BELLETTI, 2015). A escavação de buracos não serviu apenas para o descarte, sendo encontradas feições associadas a estruturas de estocagem de bebidas fermentadas (SALDANHA, et al; 2016; SALDANHA, 2017). Cruzando o continente, feições escavadas podem estar associadas no sudoeste estadunidense à produção cerâmica, em especial à queima em fornos subterrâneos. Tal seria identificada pela escavação de feições retangulares junto a muito carvão e terra queimada, com poucos fragmentos cerâmicos (BLINMAN & SWINK, 1997). Esse contexto, no entanto, ainda não foi identificado na Amazônia.

Saindo do contexto doméstico, Saldanha e seus colaboradores identificaram feições vistas como associadas a contextos especiais. Estas foram deposições de cerâmicas inteiras ou conjuntos destas. Tais conjuntos já foram associados a poços de memórias (BARRETO, op. cit.) onde cerâmicas de ocupações antigas seriam juntadas e enterradas de forma a sementar sua presença e preparar as novas ocupações. Na área de Santarém, foram encontradas formas diferenciadas desse tipo de deposição especial. Estas foram separadas por Gomes (2010) em três categorias do que pode ser chamados de “poços cerimoniais”. A primeira é a dos contextos de retenção, onde cerâmicas seriam depositadas em bolsões com quebras intencionais cuja performance intendida seria um duplo isolamento do objeto, do espaço cotidiano e do contato com pessoas. A deposição e a quebra participariam de uma estratégia para controlar as agências perigosas de objetos usados durante grandes cerimônias⁵². A segunda, dos contextos de dispersão, representa bolsões compostos por uma mistura entre cerâmicas rituais e domésticas. Para Gomes (2010) essas feições em formato de vala representariam rituais menores, os quais ela colocaria que prescindiriam do apoio de especialistas. Sua performance seria a de descarte. Em terceiro lugar, haveriam contextos de deposição *in situ* onde vasilhas permaneceriam intactas, em seu local original de uso (GOMES, 2010; TROUFFLARD, 2016). Dessa lista, os contextos de retenção e dispersão são de particular interesse na análise das feições escavadas do sítio São João e podem compor explicações possíveis

⁵² Tal interpretação se baseia em estudos associados ao perspectivismo ameríndio, como os de Barcelos Neto (2004), que percebeu que entre os Wauja haveria uma preocupação em descartar objetos cerimoniais importantes, que estariam carregados de agentividades perigosas as quais poderiam causar dano aos Wauja caso não fossem isoladas de seu convívio.

para as feições 1, 3 e 4. É preciso pontuar que feições similares a esta também foram encontradas no lago Amanã (COSTA, 2012; GOMES, 2014).



Figura 4.55: "Poço cerimonial" do sítio Porto em Santarém (SCHAAN, 2015, p. 109).

Por último, os trabalhos da equipe do IEPA encontraram poços funerários, vestígios de enterramentos cujo indício principal seria a presença de ossos humanos dentro de vasilhas cerâmicas. Tais contextos são comuns ao redor da Amazônia tendo correlatos no Médio Solimões nos sítios do lago Amanã (GOMES, 2014) e no sítio Tauary, no lago Tefé (BELLETTI, 2015), este com urnas antropomorfas da TPA. A variabilidade cerâmica nestes contextos teria grande diversidade e envolveria uma variedade de produções cerâmicas. Aqui é interessante citar alguns contextos encontrados por Saldanha e seus colaboradores, onde uma camada com muitos artefatos cerâmicos, inicialmente pensadas como possíveis lixeiras, revelaram contextos funerários híbridos:

A maioria destes artefatos jogados e misturados com muitos carvões e restos ósseos de animais dentro de poços, em formato de bolsão, são relacionados à fase Marajoara. Após ultrapassar este contexto inicial de deposição, surge um contexto mais estruturado, claramente arranjado, de urnas das fases Mazagão e Caviana (que tecnologicamente são idênticas,

com exceção da policromia e antropomorfismo da segunda), em associação com ossos humanos. (SALDANHA, et al., 2016, p. 93)

Sobre essa ocorrência os autores ainda elencam a possibilidade dessa multiplicidade de produções cerâmicas estar associada a festins conjuntos entre produtores. A feição 5, que apresentou as características de um poço funerário, tem diversos pontos de contato com esses contextos.

O aprofundamento da análise desse tipo de marca no registro arqueológico levou Saldanha e seus colaboradores a considerar como “deposições estruturadas” aquilo que chamei de feições escavadas. Esse conceito de Richards e Thomas (1984 *apud* SALDANHA, et al. 2016) identifica os contextos de deposição mais organizados como comunicadores “de significados através de suas formas, conteúdos e qualidades simbólicas”. Tal abordagem é fértil para trabalhar as feições escavadas do São João (essa conceituação provavelmente sendo mais fértil do que a usada no presente trabalho). Entretanto, e para não perder o ensejo bourdieusiano da dissertação, complementar que essas deposições não servem apenas como comunicadores de significados do passado, mas, pensando dialeticamente, como produtores de significados dentro de seus contextos – tornando-se assim estruturadas e estruturantes.

F1

A análise da feição 1, realizada durante e após sua escavação no barranco do setor Norte, a colocou como uma feição escavada em sino invertido composta especialmente de duas vasilhas semi-inteiras – uma dentro da outra – rodeadas de uma pequena camada de carvão. A análise cerâmica, por sua vez, atentou para a presença de vasilhas cerâmicas com acabamento sofisticado de distintas formas, mas sempre associados ou ao conjunto Tefé ou, em apenas 3 casos, ao conjunto Fluxo. Sobre duas dessas peças com fluxo é preciso atentar ao fato de se tratarem de vasilhas com aspectos emblemáticos da TPA, mas que possuem complementos (alça ou apêndices) mais notáveis no conjunto Caiambé. Tal resultado, somado a presença de vasilhas especiais, pode significar uma variação possível do conjunto Tefé dentro de um contexto especial como parece ser o da feição 1. Apesar de sua possível distinção, a feição apresenta proximidade, quanto as tecnologias de confecção cerâmica, dos contextos superficiais das três unidades. Essa proximidade pode ser observada quanto às receitas de pastas, cauixi predominante e equilíbrio entre

queimas completas e incompletas; quanto às técnicas, com predomínio de técnicas plásticas e também quanto à caracterização, apenas conjunto Tefé e Fluxo. A afinidade pode aproximar ambos os contextos cronologicamente.

A soma das análises pode indicar possíveis performances da feição que serão aqui tentativamente explicadas. Sua produção indica uma inversão de trabalho que não pode ser desconsiderada. A cavidade escavada possui cerca de 80cm de profundidade, grande parte dele fora da terra preta e possui cantos com ângulos retos, um efeito que demanda planejamento. A TPI invertida sobre a cavidade parece ter sido moldada para receber as vasilhas e a camada de carvão que a precede. Sobre essa, é notável perceber a ausência de qualquer marca de fuligem sobre o vaso de gargalo, indicando que os carvões foram posicionados após seu uso como combustível. Seguido o posicionamento das duas vasilhas vieram os depósitos de vasilhas cerâmicas, argila queimada e da camada de cerâmica moída, última etapa antes de seu cobrimento por cacos quebrados. Pelas quebras intencionais encontradas nas vasilhas principais e seu selamento específico com as vasilhas, uma hipótese possível para explicar a produção de F1 seria a morte ritual de suas vasilhas centrais ou de algo contido nelas. Tal seria precipitado por uma necessidade de seu isolamento, possivelmente devido à agentividades perigosas. Dessa forma, os outros vestígios poderiam ser interpretados como seu acompanhamento.

No entanto, a análise cerâmica destes aponta a um padrão específico quanto as formas dessas vasilhas. Assim como em F5, as formas ou tiveram volumes pequenos e médios, menor que 4L, ou apresentaram volumes muito grandes, chegando a mais de 20L. Entre elas figuram de forma significativa os grandes vasos com flange mesial ou basal, possivelmente associados, segundo Oliveira (2016b) a armazenamento de bebidas fermentadas em festividades. O vaso de gargalo e as outras formas restritivas encontradas em F1 poderiam cumprir papel similar. Por outro, lado, entre as vasilhas pequenas figuram vasilhas restritivas e irrestritivas, essas na variação rasa ou profunda, possivelmente associadas ao consumo. Aqui é preciso notar novamente que diversas dessas cerâmicas possuem, independentemente do tamanho, sofisticados acabamentos, em especial de vasilhas rasas e fragmentos de flange. Esse dado indica que as performances visuais das vasilhas poderiam ser privilegiadas, além de suas performances alimentares. Tais performances seriam mais importantes em momentos especiais como em festins (OLIVEIRA, 2016b). A presença então de um contexto de deposição escavada

especial, junto a vasilhas cujas performances visuais seriam privilegiadas, pode indicar um contexto duplo. A performance da feição, dessa forma, poderia englobar um momento de festividade ou uma cerimônia, assim como seu fim, onde objetos com agentividades perigosas seriam descartados de forma diferenciada.

F2

A feição 2, também do barranco, não apresentou resultados conclusivos nem em seu contexto de escavação, nem em sua análise. É possível que a feição retangular represente de fato um largo buraco de esteio, mas uma de suas formas, encontrada novamente apenas no vaso central da feição 4 impede interpretações maiores.

F3

A feição 3, última escavada no barranco, apresentou dados mais conclusivos do que F2. Trata-se de uma feição pequena, com cerca de metade da profundidade de F1, cujo vaso principal foi um vaso globular emborcado associado a uma camada de fragmentos cerâmicos na horizontal que “selavam” o contexto. O mais significativo de F3 é sua semelhança com F1, escavada a menos de 5m de distância. A proximidade se reflete nas receitas de pasta e nas formas, havendo variações mais nos tipos de vasilhas do que em seus volumes. A ausência de uma amostra maior impede uma definição mais assertiva, mas é possível que o contexto de F3 seja uma variação do contexto melhor definido de F1, conectado em forma, mas desalinhado com sua cronologia e/ou conteúdo simbólico.

F4

A escavação da feição 4, da unidade III, e sua posterior análise apresentaram resultados conflitantes. Durante a escavação uma camada de calibradores cerâmicos na horizontal definiu a feição, logo acompanhada por uma vasilha principal, com um furo na base e uma flange mesial em sua boca. Na área de F4, que tomou toda a quadra, foram encontrados cerâmicas, argila queimada, ossos, carvões e, em especial, muitos vestígios líticos. Ela foi, assim, tomada como outro contexto de deposição escavada de grandes medidas, como F1 e F5. A análise de seus macrovestígios, no entanto, apontou para uma diminuição da área da feição. Essa se deu pelas similaridades dos materiais que a compunham, quando analisados por seus níveis artificiais e não em conjunto, com a

estratigrafia das unidades I e II. A feição, que já possuía limites difusos, tornou-se ainda mais incerta quanto sua definição. As associações mais seguras que podem ser realizadas são aquelas cuja intencionalidade é mais perceptível, como a deposição da vasilha 416 (em pé, com furo na base e com a flange mesial na boca) e a camada de calibradores na horizontal. O pingente fraturado, encontrado muito próximo a vasilha também foi considerado. Mesmo com a área reduzida, ainda é possível associar F4 cronologicamente com os níveis superiores.

Registrando essa nova área para F4, os elementos possíveis para sua definição diminuem. No entanto, ainda é possível tecer comentários sobre possíveis performances. A feição de pequenas proporções pode estar associada a um contexto maior, como aquele de 1m de profundidade com TPI encontrado em tradagem realizada a 20cm a Oeste da unidade 3. Nessa tradagem um calibrador cerâmico foi registrado nos níveis superiores. Também é possível, no entanto, que sua confecção tenha sido localizada. Se esse for o caso, é possível que uma cavidade tenha sido escavada onde a vasilha, já furada, e possivelmente, o pingente fraturado tenham sido depositados. Sobre este foi colocado o vaso de flange e em seguida a camada de calibradores. Estes poderiam ter sido juntados com o material da área cuja concentração em líticos presume tratar-se de uma área de oficina lítica. Tal ordenamento permite propor tratar-se de uma feição cuja performance era a de deposição especial do vaso, no qual o furo da base aponta para o duplo isolamento discutido por Gomes (2010). A vasilha e sua deposição poderiam estar associadas de alguma forma à produção lítica, mas tal interpretação exige um maior entendimento dessa área do sítio São João.

F5

A feição 5 da unidade II foi outra entre as deposições escavadas do sítio São João. Sua particularidade foi a organização significativa de seus vestígios, sua posição abaixo da TPI, e a presença de ossos provavelmente humanos. A feição cilíndrica interpretada como contexto funerário, teve em sua composição trempes decoradas, argila queimada, carvões, ossos, vestígios cerâmicos e duas vasilhas consideradas principais por estarem quase completas, mesmo que fragmentadas, com a exceção de suas bases. Entre a primeira (308.1) e a segunda vasilha (315.1) principal ocorreu uma lente de argila queimada. Sobre a segunda vasilha, esta apresentou decorações antropomorfas e acanalados formando um diadema e estava posicionada com o rosto para baixo, no sentido

das trempes decoradas que serviam para seu apoio. O contexto estaria selado por uma outra camada de latossolo. As análises cerâmicas da feição levantaram que ambas as vasilhas principais de F5 possuem formas incomuns regionalmente falando, possuindo alguns correlatos em outras regiões. Estes apontaram para a associação entre o vaso 308.1 a vasos de consumo de fermentados no Oeste Amazônico e algo similar para a forma da vasilha 315.1, essa associação mais distante, feita com morfologias Tupi-guarani, e distantes do padrão tubular de urnas funerárias da TPA. As formas das outras vasilhas do contexto, por outro lado, apresentaram um padrão similar ao encontrado em F1, i.e. a presença de vasilhas pequenas e médias com menos de 5L de volume, ou de vasilhas muito grandes com mais de 10L. Entre as formas grandes, figura também um vaso de flange mesial. Já entre as formas pequenas, figuraram vasilhas irrestritas e diretas, estas contendo, assim como em F1, um fragmento com decoração plástica e pintada sofisticada em seu interior. Dois fragmentos apresentaram características significativas de vasilhas do conjunto Caiambé, um destes com uma forma projetada que não ocorre no sítio. As análises de pastas apontaram para a predominância de receitas com cauixi enquanto muito da análise de acabamento foi prejudicada pela erosão das peças. Uma dessas peças teve seu caraiapé datado em c. do século X d.C. configurando-se no contexto interpretado como próximo ao inicial de ocupação do sítio.

As análise de F5 permitem uma interpretação mais aprofundada de suas possíveis performances. A primeira coisa a notar é que ela foi interpretada como um contexto funerário, com evidências sólidas, mas não conclusivas até esse momento. Tal interpretação está atrelada a uma discussão extensa dos significados desse tipo de contexto na Amazônia Antiga, uma que não entrarei a fundo (ver PY-DANIEL, 2014). O enterro em vasilhas, como já mencionado, era uma prática comum entre indígenas amazônicos no passado, estando associados em diversos casos a acompanhamentos à urna e a ossos de outros animais (PY-DANIEL, 2014). No caso da feição 5, o contexto altamente erosivo do latossolo impede que se inquiria muito sobre o conteúdo orgânico da feição. Os ossos, em si, apontam para a presença de apenas algumas partes do corpo, ou, pelo menos pra conservação de apenas algumas. O maior dos ossos encontrados é o que foi associado a um crânio, sua presença pode dever-se a uma escolha de partes específicas do corpo que iriam compor esse contexto, ao que tudo indica, de enterramento secundário. Quanto ao acompanhamento, este estaria associado a todo um conjunto de vestígios

encontrados na feição 5, mas em especial aos fragmentos de outras vasilhas que não a possível urna.

Este quadro leva a retomar as duas hipóteses tecidas para explicar a relação entre vasilhas centrais e outras vasilhas no contexto de F1. Na primeira hipótese, esses vestígios comporiam os acompanhamentos ao enterramento, e estariam atrelados de alguma forma à vida e à morte social da pessoa enterrada compondo seus ritos de enterramento (cf. PY-DANIEL, 2014). Na segunda hipótese, as vasilhas representariam vestígios associados aos ritos ou cerimônias que precederam a deposição escavada. Dessas hipóteses, não exatamente excludentes entre si, a segunda me parece mais factível, por sua similaridade com o contexto de F1 e pela presença, num contexto funerário, de vasilhas associadas ao conjunto Caiambé. As festividades, inclusive funerárias, podem ser pensadas como momentos de encontro e integração entre grupos (DIETLER & HAYDEN, 2001) – como será explorado mais abaixo. A caracterização deste tipo de prática como um dos motores da co-ocorrência entre os conjuntos Tefé e Caiambé e do estilo híbrido de ambas, podem indicar a presença de um momento onde produtores de ambos os conjuntos se encontraram. A presença de vasilhas cujas performances visuais são priorizadas para além de suas performances alimentares, como os pratos pintados e o vaso de flange mesial, permitem realçar a participação destes em eventos especiais. A própria fuligem na vasilha 315, externa ao contexto, indica a participação da vasilha em algum evento no qual o fogo foi um elemento importante. A presença de práticas que coordenam o enterramento também pode ser vista na confecção própria feição. É importante notar ainda que tal enterramento foi feito nos “fundos” do sítio, uma área inicialmente sem presença de TPI, seguindo um padrão encontrado em outros contextos da TPA como o das urnas Tauary (BELLETTI, 2015). Essa descrição hipotética do contexto indicaria que além da performance do enterramento, performances visuais também seriam buscadas. Como já colocado, esse contexto possui similaridades com os poços funerários encontrados no Amapá.

F6

A feição 6 da unidade I se constituiu de um aglomerado de forma monticular de vestígios cerâmicos agrupados e marcados nas duas extremidades por concentrações de carvões, trempes e argila queimada, associadas a possíveis estruturas de combustão. A intencionalidade visualizada na feição foi mais de seu agrupamento associada ao descarte

do que de uma ordenação propriamente dita. Sua análise cerâmica apontou para relações entre a feição 6 e os contextos identificados acima e abaixo dela. Tal constatação, explicada acima, deu origem a duas hipóteses explicativas sobre a feição. A primeira definiu a feição como contexto cronologicamente intermediário entre os níveis superficiais e os níveis mais profundos da unidade I. A segunda, por outro lado, definiu que a feição 6 seria resultante de um agrupamento artificial definido por processos pós-deposicionais e que junta, por isso, materiais pertencentes aos contextos superiores e inferiores. Essa hipótese, no entanto, não dá conta das possíveis estruturas de combustão nas pontas da feição. A hipótese do evento de descarte se torna mais provável a partir da associação entre esses vestígios e a prática comum entre os indígenas amazônicos de queimar o lixo (cf. CASSINO, 2018). Se a hipótese do evento for correta, o vislumbre que F6 nos permite observar é um de grande diversidade de escolhas dentro da produção cerâmica: de vasilhas, objetos cerâmicos, receitas de pasta e acabamentos presentes num intervalo cronológico reduzido e num contexto presumidamente doméstico. A feição teria, nesse caso, uma performance de descarte coletivo, uma deposição não-especializada.

F7

Como comentado, não há análise cerâmica para a feição 7 da unidade III impedindo que o contexto de sua escavação seja explorado apropriadamente.

F8

A feição 8, da unidade I, tratou-se de uma feição pequena possivelmente escavada caracterizada pela presença de fragmentos cerâmicos empilhados em posição horizontal. O contexto seria um resultado de uma escavação pontual de descarte meio a um contexto identificado como um mosaico desse tipo de atividade. A análise cerâmica lidou com apenas 12 fragmentos dessa feição, mas nela pôde ser percebido um contexto que assim como o da feição 6 mescla características dos níveis superiores, como a predominância de técnicas plásticas e do conjunto Tefé, com características dos níveis inferiores, como a predominância da receita 2. O contexto, portanto, pode ser comparado com a feição 6 em suas hipóteses explicativas, a diferença estando no método de descarte, mais localizado. A ausência de mais vestígios nos impede de maiores considerações sobre a feição.

A escavação da feição 9 da unidade I não foi terminada e a datação de uma semente em seu interior mostrou tratar-se de um contexto pouco definido. Dessa forma não tecerei interpretações sobre esta. Uma semente carbonizada de milho em seu contexto foi datada do século XV d. C. mas, como já discutido, essa foi interpretada como fruto de percolação.

A curta duração – Resumo

As feições do sítio São João puderam nos informar sobre diversas práticas das populações indígenas que o ocuparam. Feições como F6 podem indicar a multiplicidade da produção cerâmica em ambientes domésticos contemplando todas as suas principais funcionalidades: preparo, consumo, armazenagem e transporte; (RICE, 1987; ALMEIDA, 2016). Feições escavadas também nos deram insights valiosos de momentos da longa duração da ocupação do sítio São João. Sobre estas destaca-se especialmente as feições 1, 3 e 5 que apresentaram contextos complexos de deposições estruturadas e estruturantes na qual somam-se material especial e vasilhas de consumo e armazenamento, algumas associadas a fermentados. Tal vestígio foi identificado como possíveis vestígios de festins, fazendo delas bolsões cerimoniais à medida dos que são encontrados na região de Santarém e Amapá.

Essa possibilidade nos permite dialogar brevemente com trabalhos que se aprofundaram na história indígena do consumo de fermentados e seus contextos, os mais significativos deles, os de Fernando Almeida (2013; 2015). Almeida fundamenta como consumo de fermentados tem um papel cultural e histórico valiosíssimo no contexto das terras baixas e além. Para a primeira vertente de sua importância, o consumo de fermentados e a produção cerâmica associada comporiam práticas alimentares diárias em diversos grupos indígenas, mas também práticas cerimoniais e rituais, sendo seu consumo associado a momentos de abertura em relação ao outro – outros grupos; outros mundos ocultos, outras pessoas não-humanas. Para a segunda vertente, o consumo de fermentados pode ser associado ao desenvolvimento da agricultura, à invenção das cerâmicas e, mais especificamente, até à derrocada dos Tupinambá pela colonização europeia. Essa última, um bom exemplo do escopo da prática, estaria atrelada à sabotagem do consumo de fermentados e das bebedeiras pelos jesuítas. A proibição teria consequências vitais tanto

na saúde dos Tupinambás, alijados dos benefícios do consumo de fermentados, quanto em sua política, quebrando as redes entre grupos renovadas pelas bebedeiras (ALMEIDA, 2015).

O conjunto material associado a essa prática teria a cerâmica como artefato principal para produção, realizada via de regra por mulheres, e para consumo. As chamadas cerâmicas etílicas estariam associadas especialmente a tigelas de consumo e panelas de produção. Em contextos como os da Amazônia Equatoriana estudada por Bowser e Patton (2008) as tigelas de consumo de fermentados seriam mais um elemento do jogo de identidades na área já comentados no capítulo 1, e veiculariam mensagens identitárias através de suas decorações. Como coloca Almeida, esse conjunto etílico inclusive é usado para diferenciar grupos tanto num contexto identitário, quanto num estudo arqueológico (ver figura abaixo). Voltando à TPA, Almeida coloca as vasilhas de consumo e preparo como difíceis de definir, mas assim como Oliveira (2016a; b) indica que vasilhas amplamente decoradas como as de flange mesial podiam desempenhar essa função. A pesquisa no sítio São João indicou outras possibilidades morfológicas para o consumo de fermentados, talvez restritas ao Médio Solimões, ocorrendo em especial nas feições escavadas.

Grupo	Fase Agutuba (Tradição Pocó)	Subtr. Tupinambá da Amazônia	Subtr. Tupinambá à Litoral	Subtr. Guaraní	Subtr. Jatuorana (TPA)	Fase Cumancaya	Subtr. Guarita (TPA)	Jivaro	Tupari	Sunú
Família Linguística Relacionada	Arawak ?	Tupi-Guarani	Tupi-Guarani	Tupi-Guarani	Tupi ?	Pano (Shipibo-Conibo)	Tupi ?	Jivaro-Achuar	Tupi-Tupari	Tupi-Mondé
Localização	Médio Solimões ao baixo Amazonas	Rios Tocantins, Xingu, Tapajós e afluentes	Litoral brasileiro	Centro-sul da América do Sul	Alto e Médio Madeira	Rio Ucayali (Alto Amazonas)	Amazônia Central		Médio Guaporé (Alto Madeira)	Rio Branco (Médio Madeira)
Cronologia	1000 a.C.-300 d.C.	200-1600 d.C.	300-1600 d.C.	300-1600 d.C.	700 d.C. (?) - 1500 d.C.	800-1600 d.C.	800-1600 d.C.	? - Presente	? - Presente	? - Presente
Tigelas de Consumo										
Decoração	Acanalado, Polícroma	Pintura Vermelha e Branca	Pintura Vermelha e Branca	Pintura Vermelha e Branca	/	Pintura Vermelha, preta e branca	Acanalado	Pintura Vermelha, preta e branca	/	/
Panelas de Preparo										
Decoração	?	Pintado/Corrugado	Pintado/Corrugado	Pintado/Corrugado	Rara: Incisão ou pintura	Corrugado	Pintura Vermelha, Preta e Branca	Corrugado/Pintura	/	?
Tigelas de Consumo	Sim	Provável	Sim	Sim	?	Sim	Sim	Sim		?

Fonte: Almeida (2008), Casper (1953, 1958), Corrêa (2009), Figueiredo (1965), Hilbert (1968), Karsten (1935), Lima (2008), Neumann (2008), Noelli (1999-2000), Lathrap (1970), Roe (1973), Simões e Araújo Costa (1987), Zeidler (1983)

Figura 4.56: Formas e consumo de fermentado (ALMEIDA, 2015).

A partir dessa discussão um modelo hipotético pode ser produzido para o São João. As feições 1, 3 e 5, nesse modelo, poderiam englobar momentos privilegiados de consumo de fermentados, cujas vasilhas seriam quebradas e juntadas aos poços escavados na etapa final de cerimônias. Somando aos outros vestígios especiais de suas ocorrências, as feições se configurariam como deposições estruturadas e estruturantes de cerimônias com componentes etílicos, ou festins. Como colocado acima, essas poderiam possuir um conteúdo simbólico associado ao contato com mundos ocultos e suas meta-pessoas (SAHLINS, op. cit.). Tais contatos estariam fundidos às vasilhas cerâmicas, algumas tendo que ser quebradas e depositadas após os eventos para conter suas agentividades perigosas. Por outro lado, também poderiam estar ligados à manutenção e afirmação de vínculos com outros grupos, o lado mais palatável da integração comentada no capítulo 2. Mas não apenas o melhor lado, pois esses contextos, como será apresentado abaixo, são privilegiados para a formação de alianças e planejamento de ataques.

A presença de cerâmicas da Tradição Borda Incisa em um desses contextos é uma evidência para esse tipo de relação, assim como a presença de morfologias pouco recorrentes nas feições 1 e 3. Conteúdo simbólico e função política (melhor descritos como cosmopolítica) estariam profundamente atrelados e conformariam parte significativa do registro arqueológico do sítio São João. A recorrência das feições escavadas no registro levanta uma implicação temporal para esse tipo de evento. A repetição dos festins poderiam servir como um dos mecanismos de integração entre grupos produtores de TPA e de TBI conformando os mosaicos de interação no Médio Solimões. O cultivo do milho, cujos restos carbonizados foram encontrados por todo o sítio, podem ter abastecido esses festins. Como será hipotetizado no final da dissertação, o acúmulo dessas práticas integradoras estruturadas e estruturantes ao longo do tempo pode representar um dos motores de transformação na região, acarretando no fim da produção de cerâmica Borda Incisa e o predomínio da TPA. F5 e F1 poderiam representar dois momentos similares desse processo, separados cronologicamente.

Para ilustrar um pouco uma forma possível desse tipo de evento cito aqui o Frei Laureano de la Cruz, descrevendo e criticando as bebedeiras dos Omágua, vizinhos dos Aisuari, no século XVII d.C.:

En el tiempo de sus fiestas que son las borracheiras de que usan mucho, y muy desatinadamente, porque hacen unos convites para solo beber

vinos hechos de aquellas raíces que comen, y de maíz, y de patatas en tanta cantidad que tienen que beber en cada fiesta dos, tres y cuatro días, hombres y mujeres sin faltar ninguno, y un convite hecho y acabado por un vecino, se dispone otro por otro vecino, y de esta suerte la mayor parte del año gastan en estas solemnidades (menos aquellos tiempos en que se inundan sus isla). Son las tales borracherias el origen de todos los males de aquellos desdichados, porque en ellos se hacen consultas, y se decretan las muertes, cautiveiros y maldades que han de hacer y de hecho hacen. (em UGARTE, 2009, p. 557).

Para o desdém de carmelitas como Laureano de la Cruz, os indígenas continuavam a encontrar-se para comunicar-se com entidades não-humanas (*“hacer consultas”*), traçar estratégias políticas e beber grandes quantidades de fermentados mesmo no século XVII d.C. sugerindo uma longa duração dessas práticas estruturadas e estruturantes.

Média duração: estratigrafia e as conjunturas do sítio São João

As conjunturas do São João, identificadas em sua estratigrafia dividiram o sítio em dois conjuntos: o conjunto mais profundo e, supõe-se, mais antigo, e outro mais superficial e mais recente. Os dois conjuntos possuem muitos pontos de continuidade. No entanto, algumas tendências repetidas nas diferentes unidades indicam algumas transformações significativas, as quais serão discutidas abaixo.

Os contextos profundos do sítio São João – Unidades I, II e III

Os contextos considerados mais antigos do sítio São João remontam possivelmente ao século X d.C. Essa data foi extraída da feição 5, já detalhada, que por preceder a produção de TPI nos limites do sítio foi considerada como próxima do momento inicial de sua ocupação⁵³. O contexto, no entanto, também foi identificado na unidade I e, de forma parcial, na unidade III. A característica mais significativa desses três contextos profundos é a presença, de forma reduzida, de cerâmicas associadas ao conjunto Caiambé e de variações localizadas do que chamamos de conjunto Fluxo. Entretanto, outras tendências definem a mudança entre os contextos. A tendência identificada na análise morfológica foi a ocorrência da forma 13 que esteve associada a

⁵³ Aqui é importante notar que como o sítio São João já está muito impactado, e conseguir uma data segura do início de sua ocupação pode ser uma missão inalcançável.

todos esses contextos. Sua presença é significativa em especial na feição 5, onde foi caracterizado no conjunto Caiambé e apresentou um pequeno volume, similar a um pequeno copo. Nos outros dois contextos, sua presença foi mais recorrente e diversificada sendo associada à TPA ou ao conjunto chamado de “vermelho sobre bege”. O aumento das vasilhas produzidas a partir do que chamamos de receita 2, onde haveria a escolha do caraiapé, carvão e da queima incompleta, também foi percebido nas unidades I e III, estando ausentes da feição 5. Tal contexto pode dever-se a produção de grande número de pequenas vasilhas como as associadas a forma 4 (12 nos contextos superficiais e 30 nos contextos mais profundos), mas também indicam contextos nos quais leveza e portabilidade são performances privilegiadas. Uma outra tendência que surgiu durante a análise cerâmica foi o aumento de peças com decorações pintadas, ainda minoritárias em casos como o da unidade III, mas mais significativas.

Os conjuntos distintos encontrados nos contextos mais profundos tiveram uma ocorrência similar em alguns pontos e diferenciadas em outros. É notável que apesar da presença de outros conjuntos, o conjunto Tefé representante da Tradição Polícroma continua como o mais significativo. Ele, no entanto, vêm acompanhado desde o momento considerado próximo da ocupação inicial do sítio, em F5. Na feição, peças associadas ao conjunto Caiambé aparecem com características distintivas, engobo vermelho em uma pequena vasilha e forma específica numa vasilha de tamanho média. No contexto onde estão presentes, tais formas Caiambé cumprem a função das cumbucas restritivas ou diretas do conjunto Tefé. É notável aqui a ausência de peças classificadas no conjunto Fluxo. Isso pode dever-se a uma grande diversidade de razões, como condições de preservação ou cronologia mais antiga de F5, anterior a um fluxo mais marcado dentro do sítio. Na unidade I, o conjunto Caiambé ocorre especialmente na forma de incisões, linhas vermelhas finas e transversais e o reconhecido engobo vermelho. Nela também figuram os conjuntos Fluxo, “vermelho sobre bege” e “vermelho sobre pasta”, representando uma grande multiplicidade de intervenções que foi interpretada como fruto de um repertório emblemático maior ao qual as peças se referenciariam. Essa diversidade emblemática teve diversas formas, as mais significativas realizadas com decorações pintadas ora emulando modos do conjunto Tefé, como a faixa vermelha nos lábios, ora representando motivos incisos com o uso de pintura. Na unidade III, a presença desses conjuntos é mais discreta, muito devido a incompletude de seus contextos, mas ainda foi significativa.

Essa heterogeneidade de conjuntos apresenta pontos de contato com o contexto encontrado no sítio Conjunto Vilas. Lá o conjunto associado à fase Caiambé foi predominante, mas em toda a estratigrafia foi permeado por alguns fragmentos associados à fase Tefé; junto a alguns que representaram formas híbridas de suas características principais. Assim, o sítio São João poderia representar, pelo menos parcialmente, um caso inverso ao do Conjunto Vilas, fortalecendo ainda mais as evidências para as relações entre produtores. O caso mostrado da feição 5 seria, então, um vislumbre de um momento para relações que os contextos inferiores marcam com menor resolução. A conexão entre os dois contextos também indicariam uma alta permeabilidade das interações, permeando contextos especiais, mas também domésticos, e incluiria trocas, emulações e transporte de vasilhas entre contextos.

É necessário, no entanto, fazer uma crítica a essa caracterização. Embora as cerâmicas associadas ao conjunto Caiambé possuam características atreladas a essa fase desde sua proposição por Hilbert (como o engobo vermelho), é notável a pouca ocorrência dos incisos e modelados por todo o sítio. Essas técnicas seriam substituídas pela pintura vermelha na produção de motivos tradicionalmente Caiambé como as linhas diagonais. A substituição pode até indicar emulações por parte de produtores da cerâmica Tefé de motivos do conjunto Borda Incisa, o que de forma alguma exclui relações entre produtores. Por outro lado, as cerâmicas Caiambé encontradas nas coletas de superfície apresentam de forma mais pronunciada essas características. Essas para complicar ainda mais, estão descontextualizadas, limitando seu poder de informação.

Os contextos superficiais do sítio São João – Unidades I, II e III

As linhas que separam os contextos são difusas e tentar estabelece-las de forma rígida criaria uma divisão pouco fértil e contrária ao que foi discutido sobre a natureza do registro arqueológico (um acúmulo irregular de escolhas). O corte melhor definido entre contextos encontra-se na unidade II, caracterizada abaixo por uma deposição do século X d.C. e nos níveis superiores por uma camada menos definida associada a práticas produtoras de TPI com um fragmento datado no século XIV d.C. Essa unidade ainda demonstra outra mudança significativa ao representar uma transformação em termos de área de atividade, de uma possível área de cemitério para uma área de uso mais intensivo. Nas outras unidades a distinção foi pouco clara e regeu, por exemplo, as percepções dos resultados das análises de F6 e F8, que portaram características atribuídas a ambos os

contextos. A presença de uma semente de milho carbonizada e provavelmente percolada, datada no século XV d.C. complica ainda mais o contexto. No entanto, o que é perceptível em termos gerais no registro arqueológico dos níveis superficiais das unidades I, II e III – e também nas feições do barranco associadas a elas a partir de similaridades tecnológicas – são tendências divergentes das encontradas nos níveis mais profundos quanto às escolhas tecnológicas da produção cerâmica.

Nos níveis superiores, ao invés da recorrência da forma 13, globular composta, a forma 12 é mais comum, uma versão simplificada da mesma vasilha. As receitas de pastas, por outro lado, privilegiaram o uso do cauixi e não do caraipé. Os acabamentos também apresentam mudanças, privilegiando as técnicas plásticas de forma muito mais significativa que as pinturas. A aparição de calibradores líticos apenas nos níveis superiores é outro indício importante, que aponta para novas práticas ou a mudança de práticas antigas. Tal mudança é ainda mais evidente na Unidade III, onde há um aumento expressivo dos vestígios líticos, suficientes para indicar uma área de oficina.

A mudança mais significativa entre os contextos, no entanto, foi a redução significativa da diversidade de conjuntos encontradas nos níveis inferiores. Como comentado quando da discussão da unidade I, os conjuntos encontrados nos níveis superiores variaram das produções com os elementos emblemáticos Tefé, às produções que os utilizam de forma diferenciada, ou reproduzindo-os de forma pouco sofisticada, como o caso de alguns materiais da unidade III, ou extrapolando-os de forma pouco convencional, como ocorreu nos materiais de F1. A variação pode indicar o outro lado da conceituação de estilo de Wiessner (1990). Ao invés dos estilos emblemáticos distintos encontrados nos níveis inferiores, o caso dos níveis superficiais pode se ater a estilos assertivos, ou seja, cujas variações se dariam mais num nível individual do que relativo a grupos; mais numa variação interna ao estilo, do que externa. Mais do que indicar estilos distintos, essas variações de um mesmo tema podem, portanto, indicar possíveis processos de ensino-aprendizagem (DeBoer, 1986), evidenciando práticas de artesãs pouco profícuas, ou ainda podem apontar para a já comentada capacidade que Roe (1995) atribui as artesãs de extrapolar o estilo sem infringir as formas legítimas de representa-lo.

A média duração - Resumo

As transformações presentes na estratigrafia do sítio São João apontam para dois momentos gerais de ocupação do sítio São João – cristalizados na unidade II –, ambos relativos a produtores de cerâmicas da Tradição Polícroma. Também apontam para três eixos de mudança: padronização estilística da produção cerâmica; contrastada com certa diversificação formal; e mudança de áreas de atividade. No primeiro momento, de ao redor do século X d. C., o sítio estaria marcado pela co-ocorrência de duas vertentes de produção cerâmica, cujas formas emblemáticas caracterizam os conjuntos Tefé e Caiambé. Além destas, estariam presentes outros estilos marcados por certa fluidez de produção. A ocorrência destes estilos poderia decorrer de relações amistosas entre produtores, que inclusive poderiam participar conjuntamente de cerimônias, como apontou a interpretação da feição 5. As análises indicam aberturas de áreas, produção de TPI e descartes cerâmicos, ao redor da unidade I, e o uso da área da unidade II como possível área de cemitério.

Ao longo de três séculos esses processos passam por alterações. Se estas foram realizadas de forma rápida ou se foram transformações graduais ainda não possuímos dados o suficiente e os próprios processos de mudança podem ser múltiplos. O assunto comporá uma seção da conclusão da presente pesquisa. Gradual ou rápida, a transformação indica a expansão ou relocação do sítio, evidenciada pelo retorno diferenciado à unidade II no século XIV d.C., com práticas associadas a produção de TPI, e pelo uso da área ao redor da unidade III como área de oficina lítica. Na produção cerâmica, as análises indicaram que a co-ocorrência entre cerâmicas do conjunto Tefé com outros conjuntos já citados parece cessar, tendo ocorrência apenas desse conjunto e de suas formas menos emblemáticas. O processo parece indicar certa padronização estilística, contrastada com variedade morfológica e na produção de pastas. As variações na composição de motivos também continuam, no entanto elas parecem ocorrer sob um repertório iconográfico da TPA. A amplitude de cerâmicas confeccionadas com a receita 2, a qual privilegia a portabilidade das cerâmicas, pode indicar inclusive maior mobilidade dos primeiros habitantes do sítio.

Portanto, há indícios presentes no sítio São João que permitem postular que a co-ocorrência entre os estilos cerâmicos da TPA e da TBI ocorreu por um intervalo temporal determinado, se transformando em presença apenas de cerâmicas policromas. Mais

estudos sobre essa mudança e sobre a iconografia são necessários, mas proponho aqui que essa transformação é significativa e que pode ser pensada como evidência para explicar processos históricos específicos do Médio Solimões. Uma hipótese para explicar o contexto, mais aprofundada na conclusão do trabalho, é a de que os grupos integrados aos mosaicos de interação do Médio Solimões adotaram, ao longo do tempo, o estilo polícromo como produção cerâmica, de forma comparável a presença de uma única produção cerâmica entre as comunidades multiétnicas do Alto Xingu.

A data do século XV d.C. é significativa para demonstrar a amplitude temporal do sítio e por aproxima-lo mais do momento de contato, um século depois. Embora uma cronologia mais refinada seja necessária para apoiar essa hipótese em dados mais robustos, acredito que não seja um pulo demasiado grande presumir que entre as inúmeras e longas aldeias encontradas pelos amazonautas seiscentistas e setecentistas, uma delas tenha sido uma que séculos depois seria chamada de sítio São João.

Conjunto Tefé



Figura 4.57: Conjunto Tefé do sítio São João. Na linha de cima fragmentos dos níveis superficiais (0-40cm) e na de baixo fragmentos dos níveis mais profundos (40-80cm).

Conjuntos de fluxo

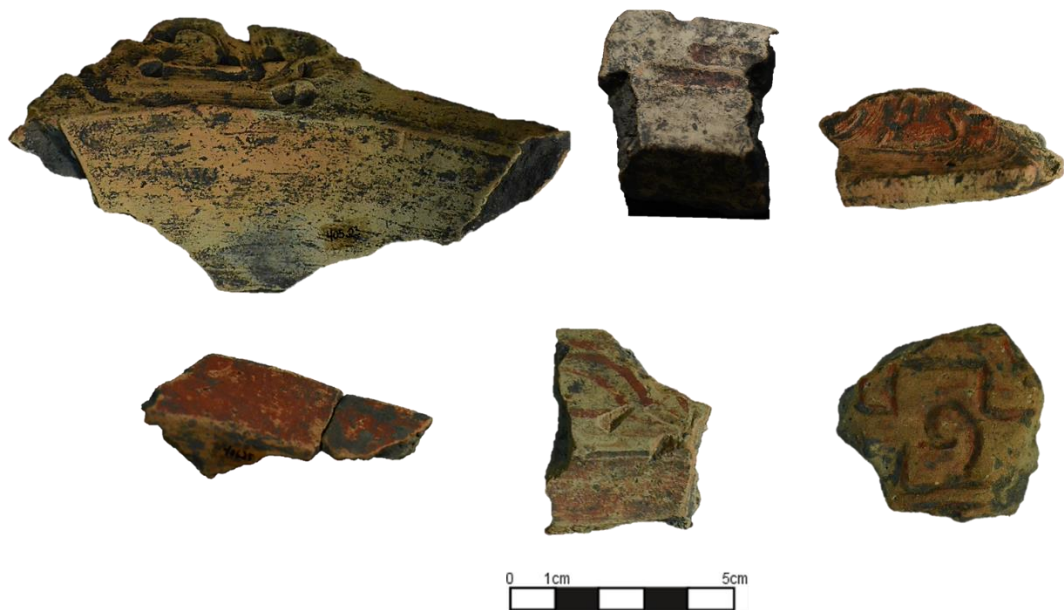


Figura 4.58: Conjuntos com fluxo emblemático do sítio São João. Na linha de cima fragmentos dos níveis superficiais (0-40cm) e na de baixo fragmentos dos níveis mais profundos (40-80cm).

Considerações finais - A longa duração ou o sítio São João em suas continuidades

Junto as transformações, foram identificadas continuidades ao longo dos pelo menos 500 anos de ocupação do sítio São João. Essas se deram também em três eixos: continuidade de habitação no espaço do sítio; manutenção de produção de feições escavadas; e manutenção da produção de cerâmica policroma.

A continuidade espacial do sítio tem como evidências sua grande extensão. Além disso, os indícios de expansão ou relocação de áreas de TPI sugere que os produtores de cerâmica policroma ocuparam sedentariamente o sítio, inclusive produzindo camadas de terra preta. Este dado reforça a distinção entre essa área e a de confluência, onde as ocupações da TPA foram interpretadas como de curta duração (NEVES, 2012). Se essas ocupações foram contínuas durante esses 500 anos é algo que apenas maiores escavações poderão indicar. Como discutido no capítulo passado, a confecção de TPI se dá de forma heterogênea vinculando diversos processos como abertura de roçados e descartes de materiais orgânicos. Embora vinculada a ocupações sedentárias, a enorme área de TPI encontrada no sítio São João, ainda não permite associá-las a uma ocupação contínua, sendo necessário para isso mais escavações. Os dados podem inclusive apontar para duas ocupações distintas de produtores da TPA, outra discussão realizada na conclusão do

trabalho. As análises de macro-vestígios de Cassino (2018) também apontam para continuidade ao encontrar uma grande quantidade de macrovestígios botânicos associados a sementes de diversas espécies vegetais que seriam manejadas, como cacau e castanha-da-Amazônia. Entre estas destaca-se a presença do milho, planta domesticada associada na Amazônia a produção de fermentados. Suas análises indicariam uma grande quantidade de plantas sendo manejada pelo sítio ao longo do tempo.

A produção de feijões escavadas, foi considerada outro eixo de continuidade. Apesar de mudanças entre conteúdo das feijões, já discutidas, sua recorrência ao longo do sítio aponta para práticas repetidas de formação desses contextos que começam pelo menos no século X d.C. Os contextos precisam de novas datações para corroborar essa hipótese⁵⁴.

A presença de dois contextos distintos, porém característicos da Tradição Polícroma da Amazônia no sítio indicam também continuidade das ocupações. Além das mudanças comentadas, as análises do São João apontam para manutenções na produção cerâmica. Embora como colocado acima, haja mudanças nos três eixos de análise cerâmica do sítio São João, as continuidades entre elas são mais significativas. O uso de minerais e carvões como antiplásticos secundários associados a determinado antiplástico principal se mantêm como escolha privilegiada, assim como queimas escuras e espessuras finas mantiveram certa estabilidade nas escolhas de artesãos ao longo do sítio. O alisamento fino e médio, o engobo branco e o uso de banhos foram escolhas constantemente refeitas, sua importância apenas variando intra e inter unidades. O uso de acanalados segue o mesmo padrão, quase sempre tendo preferência em performances visuais de vasilhas e constantemente usado para a produção de motivos lineares. As formas, embora apresentando divergências de frequência na escolhas, especialmente notadas nas forma 12 e 13, mantêm um conjunto amplo e coerente associados à práticas domésticas, como as encontradas nas unidade I, II e III; e práticas específicas possivelmente associadas a cerimônias, como no caso das feijões escavadas. Os conjuntos reforçam a ocupação sedentária do sítio, e a continuidade da produção cerâmica e de TPI fortalecem tratar-se de populações historicamente ligadas. Reforçam também que mesmo diante de certas padronização ainda há muita diversidade.

⁵⁴ Lembrando que uma dessas, uma data da feijão 4, está em processo de análise.

Quanto a esses padrões, os materiais das tradagens e coletas de superfície mostraram bom alinhamento. Esses foram analisados, mas não houve tratamento de seus dados. Um vislumbre superficial de suas características podem, no entanto, prover pontos de contato imediatos entre esse material e o das intervenções escavadas. Como não houve tempo para a discussão dos dados, as comparações não serão aprofundadas.

Coletas de superfície

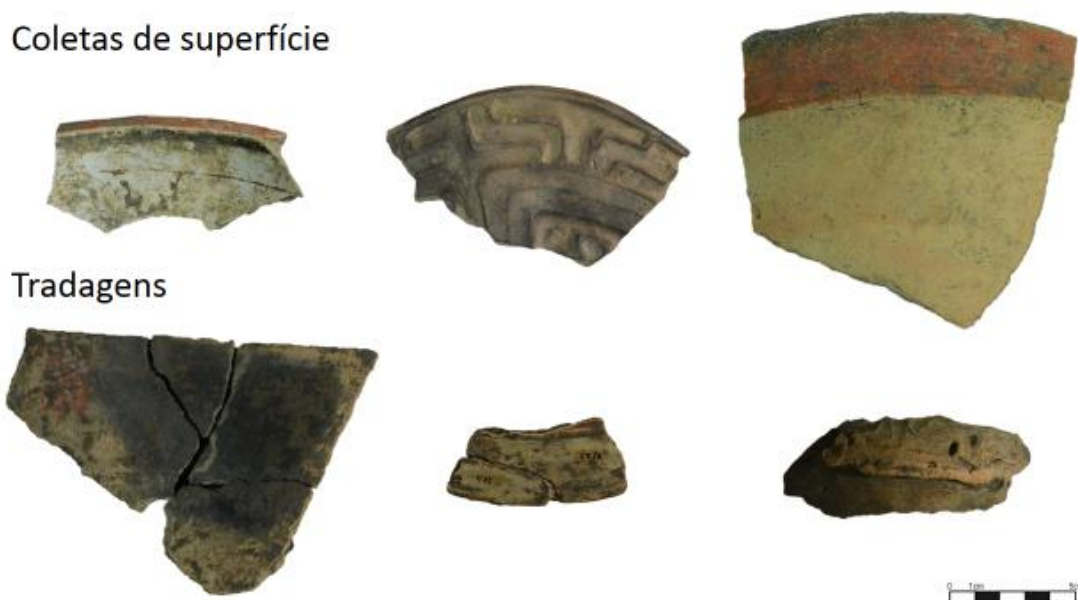


Figura 4.59: Exemplos de peças encontradas nas coletas de superfície e nas tradagens.

Continuidade e mudança, eventos e conjunturas, escolhas e performances, todas permeiam o registro arqueológico do sítio São João. Este, é necessário comentar, mantém-se continuamente atacado por uma força destruidora de sua história, marcada pela materialidade em seu espaço. A força das águas do Solimões, agente voraz de seu desbarrancamento, gera um apagamento progressivo das ocupações do passado do sítio São João, levando-as consigo para o fundo do rio. O processo de apagamento da história pode ser amenizado pelas pesquisas arqueológicas, resgatando e interpretando seus contextos. Essa imagem de perda e resgate, talvez um pouco iludida, funciona como uma metáfora para ilustrar o papel do arqueólogo das terras baixas, que tenta recuperar o pouco que consegue de uma história alvo de inúmeras e contínuas tentativas de supressão. Por outro lado, o estudo de sítios nas margens do Solimões que não sofrem com essas forças, como aqueles localizados no lago Catuá, podem nos ajudar a entender esses sítios já impactados, ao nos prover contextos melhor preservados.

Sentimentalismos de fim de capítulo à parte, o sítio São João estruturado pela história de longa duração do Médio Solimões e estruturante dela, não pode ser visto isoladamente. Assim como o capítulo 2 serviu de preâmbulo para entender os contextos do sítio São João, os estudos de seu registro arqueológico e vestígios cerâmicos serão usados para fazer um retorno à uma escala mais alargada, explicando o contexto do sítio a partir do contexto da região e vice-versa.

Capítulo 5

São João do Médio Solimões: análises inter-sítio dos contextos arqueológicos regionais

Together with these types of the Caiambe Phase, which exist practically throughout the whole sequence, we can find sherds belonging to the later Tefé Phase and which are increasing in frequency as we approach the top level. A clear cut division does not exist between the two phases, neither in their temporal sequence, nor in the sequence of change of their pottery types. Gradually, new elements are adapted and gain in popularity, while typical traits of the earlier Caiambe Phase slowly die.

(Peter Hilbert sobre o sítio Caiambé, HILBERT, 1962, p. 473)

A escavação e análise cerâmica intra-sítio do sítio São João levantaram diversos aspectos significativos sobre o registro arqueológico do Médio Solimões e sobre as comunidades que o produziu. No presente capítulo, intenta-se ampliar a escala para amarrar o sítio São João dentro de sua região e estabelecer alguns pontos de contato com outros sítios escavados. Para não repetir muitas das discussões presentes no capítulo 2, o objetivo deste capítulo é responder a perguntas específicas. As questões, por sua vez, moverão consigo diversas outras comparações entre sítios da área. A primeira pergunta trabalhará um pouco da cronologia da região; a segunda comparará contextos arqueológicos e a terceira abordará comparações entre produções cerâmicas. As bases para os trabalhos, além dos dados elencados por cada autor no capítulo 2, serão as tabelas cronológicas e morfológicas dos sítios escavados, que seguem abaixo (ver Tabela 5.1, 5.2 e 5.3).

Nº Lab.	Data	Sítio/Área	Amostra	Proveniência	Profundidade	Fase Associada	Referência
Beta-406074	440 + 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	S1068E1450	80-90 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-406075	450 + 50 d. C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	S1068E1450	20-30 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
–	765+50 d.C.	Coari I / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Coari I/TPA	HANKE, 1959
Beta-321195	780 + 60 d.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	S1575W1175	30-40 cm	Tefé/ TPA	COSTA, 2012
Beta-242454	880+100 d.C.	Santa Fé / Rio Urucú	Carvão	-	-	Guarita/TPA	TAMANAH, 2012
IPEN	895+92 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	978+141 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
Beta-406076	900 + 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Carvão	S450E1651	92 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-449137	900 + 60 d.C.	São João / Rio Solimões	Caraipé (cerâmica)	N950E1000	50-60 cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
IPEN	1017+106 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	1027+78 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
IPEN	1037+103 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
Beta-242447	1070+20 d.C.	Nova Esperança / Lago de Coari	Carvão	N1000E801	30-40 cm	Guarita/TPA	LIMA, 2008
Beta-386835	1070 + 50 d.C.	Conjunto Vilas/ Lago Tefé	Carvão	S450E1651	50-60 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
IPEN	1142+100 d.C.	São Paulo II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Guarita/TPA	RIBEIRO, 2013
–	1150+55 d.C.	Coari II / Rio Solimões	Cerâmica	–	–	Coari I/TPA	HANKE, 1959
Beta-468051	1350 + 50 d.C.	São João / Rio Solimões	Caraipé (cerâmica)	N950E1000	10-20 cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
Beta-484782	1420 + 30 d.C.	São João / Rio Solimões	Carvão	N1048E1008	60-70cm	Tefé/ TPA	Presente pesquisa
Beta-386878	1410 + 20 d.C.	Tauary / Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	Fragmento de urna antropomorfa	50 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-386837	1550 + 60 d.C.	Tauary / Lago Tefé	Caraipé (cerâmica)	Fragmento de urna antropomorfa	50 cm	Tefé/ TPA	BELLETTI, 2015
Beta-124236	1670 d.C.	Nova Esperança / Lago de Coari	–	E80	20-30cm	Guarita/TPA	CALDARELLI, 1998

Tabela 5.1: Datas da TPA no Médio Solimões. Obs: datas do sítio Conjunto Vilas e Coari I são associadas a um contexto Caiambé e, portanto, valem como datação também para essa fase.


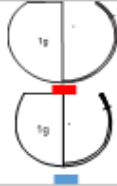


















Nº Lab.	Data	Sítio/Área	Amostra	Proveniência	Profundidade	Fase Associada	Referência
GrN-4331	640 \pm 60 d.C.	Caiambé / Rio Solimões	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Caiambé/TBI	HILBERT, 1968
GrN-4332	730 \pm 50 d.C.	Caiambé / Rio Solimões	Carvão	Poço 1	45-75 cm	Caiambé/TBI	HILBERT, 1968
Beta-294196	810 \pm 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base da F3	97 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-386834	810 \pm 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Interior de Urna	Base	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-383585	830 \pm 60 d.C.	S. Miguel do Cacau / Lago Amanã	Carvão	Perfil estratigráfico. Camada II	35 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-321196	1010 \pm 20 d.C.	Boa Esperança / Lago Amanã	Caraipé (cerâmica)	Unidade 2	30-40 cm	Caiambé/TBI	COSTA, 2012
Beta-386836	1100 \pm 50 d.C.	S. Miguel do Cacau / Lago Amanã	Carvão	Interior de Urna	Base	Caiambé/TBI	GOMES, 2014
Beta-383582	1100 \pm 50 d.C.	Cacoal / Lago Amanã	Carvão	Base de F6	77 cm	Caiambé/TBI	GOMES, 2014

Tabela 5.2: Datas da Tradição Borda Incisa conhecidas para o Médio Solimões.

	Forma	São João	Conj. Vilas	São Miguel do Cacau	Cacoal	Nova Esperança	Santa Fé	São Paulo II	Santa Cruz	Lauro Sodré	Hilbert, 1968
1.											
2.											
3.											
4.											
5.											

6.											
7.											
8.											
9.											
10.											
11.											

12											
13											
14											
15											

16											
17											
18											
19										 	



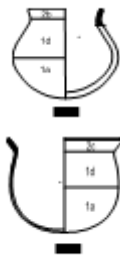





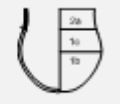
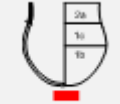

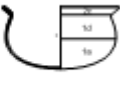



20											
21											
22											

Tabela 5.3: Morfologias projetadas dos sítios escavados no Médio Solimões. As formas foram enquadradas segundo proximidades percebidas entre seções. Em vermelho, formas associadas à fase Tefé; em azul, aquelas associadas à fase Caiambé; em roxo, formas que apresentaram fluxo tecnológico; em preto, formas sem caracterização. Formas associadas por Hilbert não foram divididas por sítio. Fontes: HILBERT, 1968; GOMES, 2014; FURQUIM, 2014; BELLETTI, 2015. Confecção da tabela: Jaqueline Belletti e Rafael de Almeida Lopes.

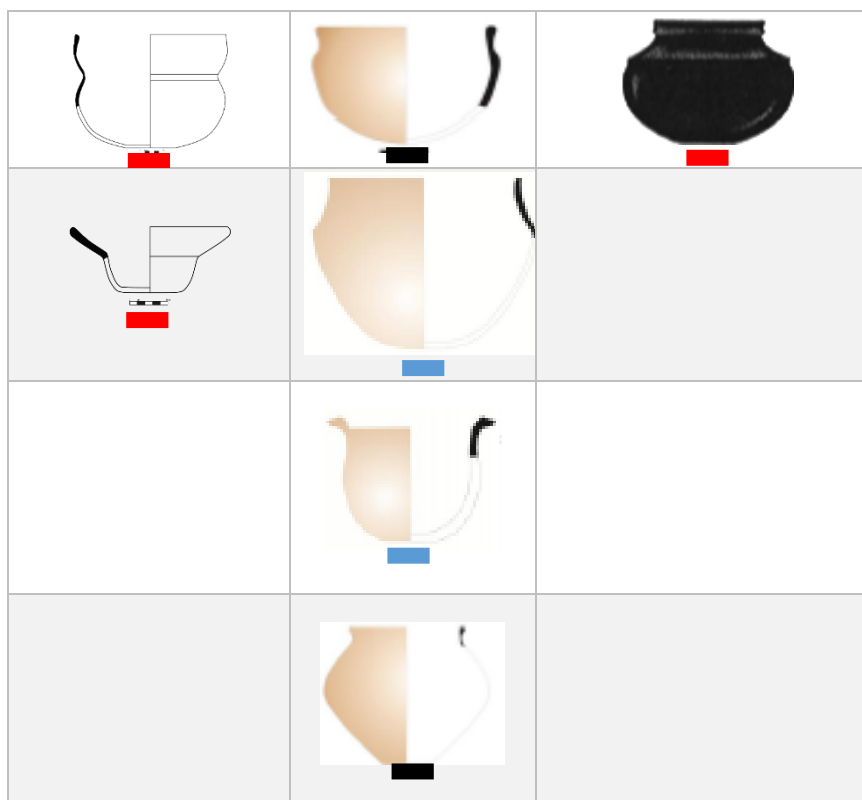


Tabela 5.4: Formas projetadas únicas do Médio Solimões. Fonte: HILBERT, 1962; GOMES, 2014.

Quais poderiam ser as relações entre o sítio São João e o sítio Caiambé?

O sítio São João se encontra a cerca de 3 km do sítio Caiambé, sendo essa pequena distância considerada no momento de escolha de sua escavação. A distância entre os sítios, ambos em terraços, permitiu propor a possibilidade de contatos históricos entre ocupantes. Como colocado nos capítulos 2 e 3, o sítio Caiambé, próximo à boca do lago homônimo, foi escavado por Peter Hilbert, sendo o primeiro a levantar uma relação distinta entre presença de TBI e TPA. O sítio conta com as duas ocupações (Caiambé e Tefé), mas não houve uma divisão clara entre ambas. Como mostrado na epígrafe do capítulo, o autor identifica o que chama de transição gradual entre os materiais.

Uma comparação entre os contextos ressalta algumas similaridades interessantes. Há uma ressalva, no entanto, para essa comparação. As duas datas obtidas do sítio, ambas por Hilbert, colocam sua cronologia ao redor do século VIII d.C, cerca de dois séculos antes da ocupação do sítio São João (ver Tabelas 5.1 e 5.2). O autor datou apenas material Caiambé de níveis profundos (45-75cm), o que significa que talvez apenas os níveis superiores a esses podem ser passíveis de comparações sobre contemporaneidade de ocupação.

O contexto do sítio é de uma ampla área com TPI, cujas dimensões totais não foram precisadas. O pacote de terra preta varia entre 120 e 150cm, mas os picos de material ficaram entre 15-45cm em uma unidade, e em 45-70cm na outra. Do registro arqueológico do sítio, é importante notar que os picos de material se assemelham aos picos encontrados no sítio São Joao, que representam a camada única de TPA (ao redor de 30cm) e a camada de TPA junto a outros conjuntos.

Entre as formas Caiambé, Hilbert (1962; 1968) cita a presença de tigelas rasas, fundas e carenadas e de vasilhas globulares simples mais e menos fechadas (respectivamente: formas 2, 12, 16 e 11 da Tabela 5.3). Para a fase Tefé, as formas encontradas foram tigelas rasas e profundas, vasos globulares infletidos ou com a borda reforçada e vasos de flange mesial (respectivamente: formas 2, 12, 20 e 8 da Tabela 5.3). Hilbert ainda comenta que as vasilhas Tefé progressivamente diminuiriam de tamanho.

Quanto às pastas, o autor aponta para a existência de queimas completas em pastas com cauxi como antiplástico principal entre o material Caiambé mais profundo, junto a queimas com núcleo claro e extremidades escuras com esse mesmo antiplástico. Segundo Hilbert, essas queimas com cauxi diminuiriam ao longo da estratigrafia, enquanto as completas aumentariam em frequência. Para o material Tefé, o autor colocaria apenas uma pasta característica: a queima incompleta com uso de caraipé como antiplástico. Essa cresceria progressivamente conforme a diminuição da profundidade. Haveria, ainda, a presença de ambos os antiplásticos numa mesma peça.

Entre os acabamentos Caiambé se destacaria especialmente a presença do engobo vermelho, mas também ocorreria pintura em vermelho e preto sobre branco e incisões. O engobo vermelho variou de vermelho alaranjado a vermelho escuro. As pinturas ocorreriam com mais frequência em linhas, mas o autor também identificou motivos complexos, ambos sob engobo branco. Os incisos seriam encontrados externamente, próximos a borda, ou em flanges labiais. Entre os motivos ocorreram linhas horizontais e diagonais e motivos espiralares ou em zigue-zague, ambos feitos de forma angulosa. Os incisos duplos apareceriam inicialmente na fase Caiambé, mas passariam à fase Tefé, não chegando aos níveis superiores. Os acabamentos Tefé também incluiriam excisos, modelados (considerados raros), pintura preta e vermelha sobre engobo branco (que se torna mais popular) e, principalmente, o acanalado. Os excisos estariam combinados com o acanalado e seriam mais significativos nos níveis superiores, o modelado seria

zoomorfo ou circular. Os acanalados teriam grande variação, aparecendo na maioria dos casos como linhas únicas ou múltiplas, ou formando quadrados, retângulos e outras figuras, como espirais conectadas. Os motivos acanalados foram mais encontrados acima de flanges mesiais e labiais. Entre o material Tefé, foi encontrado um calibrador cerâmico.

Diversas similaridades com o sítio São João aparecem. Essas, no entanto, se concentram mais nos níveis superiores. Pela descrição de tendências de Hilbert, o sítio São João se encontraria no meio e no final da transição gradual que o autor apresenta, ou seja, quando produção Caiambé e Tefé ocorrem juntas e quando os atributos Caiambé param de ocorrer. As formas do sítio Caiambé estão presentes no sítio São João, excetuando a forma 16 (Caiambé) (ver Tabela 5.3).

As pastas, por outro lado, seguiriam um caminho inverso ao do São João com cauxi predominante nos níveis mais profundos, datados do século VII e VIII d. C. mudando para caraipé predominante, mas não deixando de ocorrer. O caraipé, por outro lado, não está presente nos níveis mais profundos; começa a aparecer nos níveis intermediários e só então se torna predominante. Haveria no sítio Caiambé, portanto, o surgimento e progressiva valorização do que chamamos de receita 2, essa co-ocorrendo com a receita 1 ao longo da estratigrafia. Tal escolha pode refletir num aumento da produção de tigelas, o que, por sua vez, pode explicar a diminuição do volume médio das vasilhas nos níveis superiores. Embora Hilbert se concentre mais nesses aspectos para definir conjuntos, algo que atualmente não possui tanto peso, sua análise, em especial dos acabamentos, está calcada num controle profundo da estratigrafia que proporciona um quadro analítico robusto.

Entre os acabamentos surgem ligações significativas. Hilbert estabelece o engobo vermelho desde o começo da sequência estratigráfica como técnica priorizada dentro da produção cerâmica Caiambé, uma técnica que foi fundamental em estabelecer esse conjunto no sítio São João. O contexto, portanto, reforça a presença desse conjunto no sítio São João. A pintura policroma nesse conjunto, como comentado no capítulo 2, foi tomada como incerta, e um possível sinal da presença de co-ocorrência com cerâmicas policromas. Essa visão se fortalece com as informações de Hilbert (1968) de que esses materiais se encontrariam com média frequência por toda a duração da fase Caiambé e ocorreriam apenas em tigelas irrestritivas, tigelas carenadas e vasilhas globulares. O uso conjunto de vermelho e preto para o conjunto Caiambé só foi encontrado em ombros de

vasilhas globulares ou na parte interna de tigelas rasas irrestritivas, tais como as encontradas na feição 1 do sítio São João. Essa característica fortalece possíveis interações entre produtores, presentes no contexto do sítio Caiambé.

O inciso, cuja ausência enfraqueceu o estabelecimento do conjunto Caiambé no sítio São João, aparece em duas formas no sítio Caiambé: ponta única e ponta dupla. A ausência dessas técnicas pode indicar cronologias distintas do sítio São João, mas também podem indicar técnicas ou elementos emblemáticos não compartilhados, ou usados como marcação apenas pelas artesãs de cerâmicas do conjunto Caiambé. Para essa questão, Hilbert provê uma pista: as decorações incisas seriam mais comuns em tigelas diretas profundas (forma 12) e vasilhas globulares, enquanto o engobo vermelho seria de uso mais generalizado. No sítio São João, as formas do conjunto Caiambé possuem pequenos volumes e apenas duas formas foram projetadas como globulares. Esse desvio de amostra pode explicar, de certa forma, a baixa ocorrência das incisões. Ainda no assunto, é possível perceber no material do sítio Caiambé a presença de linhas diagonais incisas, motivo que também ocorre no sítio São João, mas com pintura vermelha sobre engobo branco (ver Figura 5.1). A mudança pode decorrer de imitações por artesãs produtoras de TPA de um motivo Borda Incisa, mas também pode indicar uma produção diferencial desta que foi trocada entre comunidades.

Entre os acabamentos associados ao conjunto Tefé, há grande coerência de técnicas e motivos com o sítio São João, incluindo suas localizações. Uma ausência percebida é a de ungulados e estocados. Entre os acanalados figurações comuns foram encontradas (ver Figura 2.13). Um dos fragmentos fotografados por Hilbert destacou-se, no entanto. Trata-se de um fragmento de borda com acanalados que formam um desenho de um motivo similar a um anzol, motivo característico da TBI (ver Figura 5.1). Este, portanto, pode indicar fluxo estilístico mesmo no material identificado por Hilbert há mais de meio século. Ele teria a performance de produzir um motivo Borda Incisa com a identidade visual de uma técnica polícroma.

As similaridades entre os contextos de ambos os sítios fortalecem possíveis contatos históricos, porém não os marcam em toda a estratigrafia. Pelas informações produzidas por Hilbert, que já havia identificado um contexto diferenciado, somadas ao acúmulo de dados do Médio Solimões desde então, é possível reinterpretar o sítio Caiambé, próximo à boca de lago homônimo, como um de ocupação inicial por

produtores de Borda Incisa e que, ao longo de sua história, foi palco de interações entre estes grupos e grupos produtores de TPA. Em certo momento de sua história, ainda não precisado, seus habitantes provavelmente iniciaram relações diversas com os moradores do que viria a ser o sítio São João. O movimento de pessoas e seus potes deve ter ocorrido de ambos os lados, podendo envolver trocas, exogamia e, seguramente, participação em festins. Além das cerâmicas Borda Incisa em contextos TPA, como é o caso da feição 5, a presença de vasilhas irrestritivas com pintura polícroma interna no sítio Caiambé, como na feição 1, pode indicar reciprocidade na realização desses eventos significativos e profundamente estruturados, portanto estruturantes.

Em um outro momento de sua história, também desconhecido no momento, a produção de cerâmica Borda Incisa cessa e apenas a cerâmica polícroma permanece no sítio. Tal transformação será abordada com maior profundidade no próximo e final capítulo da dissertação, mas aqui pode ser colocado que uma das hipóteses explicativas se baseia numa transição lenta entre produções. Essa hipótese, como pode ser visto, não é inédita, mas sim uma reelaboração com mais dados de uma proposta sofisticada de Hilbert, realizada há mais de meio século atrás.

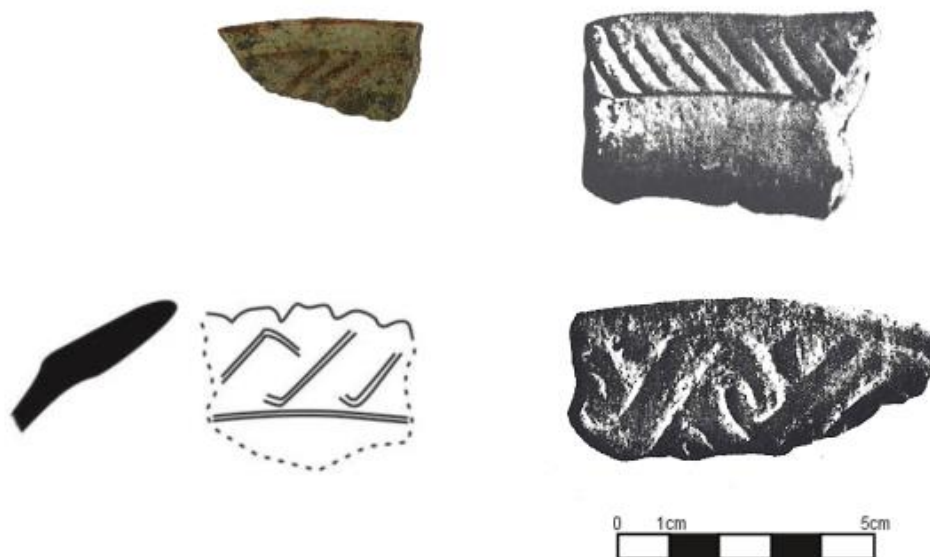


Figura 5.1: Comparações com o sítio Caiambé. Acima, o mesmo motivo Caiambé de linhas diagonais realizado com incisos (no sítio Caiambé) e com pintura vermelha (no sítio São João). Abaixo, motivo Caiambé de “anzóis” diagonais feitos com inciso duplo (no sítio São Miguel do Cacau) e com acanalado (no sítio Caiambé) (HILBERT, 1962; GOMES, 2014).

Quais são as semelhanças entre o registro arqueológico do sítio São João e do sítio São Miguel do Cacau?

Uma breve inspeção dos sítios São Miguel do Cacau e Cacoal do Amanã revelaram uma similaridade entre seus contextos e o sítio São João. Os três possuem um pacote de terra preta de cerca de 50cm que é intervalado por feições escavadas mais profundas, algumas delas preenchidas com cerâmicas. Ao aprofundar mais nos contextos, e aqui trabalharei apenas o do sítio São Miguel do Cacau (GOMES, 2014; FURQUIM, 2014), as semelhanças foram surpreendentes, mostrando uma inversão do sítio São João de produção Borda Incisa.

O sítio São Miguel do Cacau, apesar de apresentar proximidades no registro, possui dimensões bem menores, com cerca de 3ha de tamanho. A maior parte de sua ocupação, em uma terra firme, está virada para o igarapé do Cacau, ao lado de sua foz no lago Amanã. O sítio aparentou ser de habitação, mas também apresentou áreas com concentração de feições escavadas. Nesse setor do sítio, foram encontradas e estudadas maior quantidade de feições escavadas.

Durante a escavação de uma unidade 2x1, duas feições foram encontradas: uma marcada por uma camada mais escura de TPI, que revelou uma urna após ampliação de sua área e uma marcada por enterramento de vasilha inteira (ver Figura 5.2). Além das duas, houve a escavação de uma vasilha enterrada em latossolo que estava “aflorando” próxima a uma casa, devido a um aplainamento do solo. As duas primeiras são grandes urnas funerárias Caiambé com restos humanos em seu interior, junto a pouco material associado e, entre estes, foi encontrado uma estatueta-chocalho. A terceira urna (PN685) apresentou um contexto diferenciado. A urna possui características Caiambé, como forma e parte de sua decoração. No entanto, também foi encontrada uma influência Tefé, na presença de acanalados em sua borda e ao longo de seu bojo (ver Figura 5.2). Dentro das vasilhas, não foram encontrados ossos, como nas urnas anteriores, mas sim fragmentos quase inteiros de vasilhas cerâmicas. Entre os fragmentos destacaram-se duas características: a presença de vasilhas pequenas, que Furquim interpreta como apropriadas para servir, e de vasilhas globulares restritivas; e a presença de material altamente decorado com as características emblemáticas Caiambé, Tefé e do conjunto de Fluxo (que Furquim chama de material híbrido), como acanalados e pintura em vermelho e preto sobre engobo branco, algumas vezes combinados de forma deslocada (ver Figura

5.3). Um vaso de flange mesial Tefé foi também encontrado. A feição foi datada em 1100 ± 50 d.C. Furquim (2014) e Gomes (2014) associam essa feição à um descarte especial possivelmente associado a contextos ritualizados. Nestes, estariam marcadas uma produção cerâmica diferenciada e presença de cerâmicas de produtores de TPA que formariam, nas palavras de Furquim, “um espaço ritualizado compartilhado” (FURQUIM, 2014, p. 78) entre distintos grupos.

O contexto do PN685 ressoa significativamente com as feições escavadas do sítio São João, como F1, F3 e F5, ao conter uma vasilha central associada a vasilhas de consumo e armazenamento de diferentes tradições cerâmicas, entre elas um vaso de flange mesial Tefé. A proximidade com F5 também pode ser cronológica, visto que ambos os contextos circulam o ano 1000 d.C. Como comentado no capítulo anterior, esse momento no sítio São João seria de intensa interação com produtores de TBI, possivelmente associados ao sítio Caiambé. No lago Amanã, contextos similares, porém inversos, estariam acontecendo com produtores de Borda Incisa como anfitriões de cerimônias que reuniam diversos grupos. O enterramento fora da área de TPI também indica similaridades, embora a ausência de vestígios humanos mostre mais similaridade com o contexto de F1. De qualquer maneira, semelhanças em formas e decorações indicam possivelmente que os festins entre os grupos também possuíam similitudes. Esses eventos estruturados e estruturantes, marcados no registro arqueológico, também marcariam a história do lago Amanã e, proponho, também estavam associados ao consumo de fermentados. As consequências dessa comparação serão melhor discutidas no próximo capítulo, mas é possível comentar que a presença do contexto PN 685 fortalece a intensidade das interações entre grupos produtores de TPA e de TBI, englobando suas esferas rituais e, com elas, provavelmente perpassando por outras esferas da vida das comunidades do Médio Solimões.



Figura 5.2: Acima, escavação das duas urnas funerárias do sítio São Miguel do Cacau; abaixo, urna PN685.

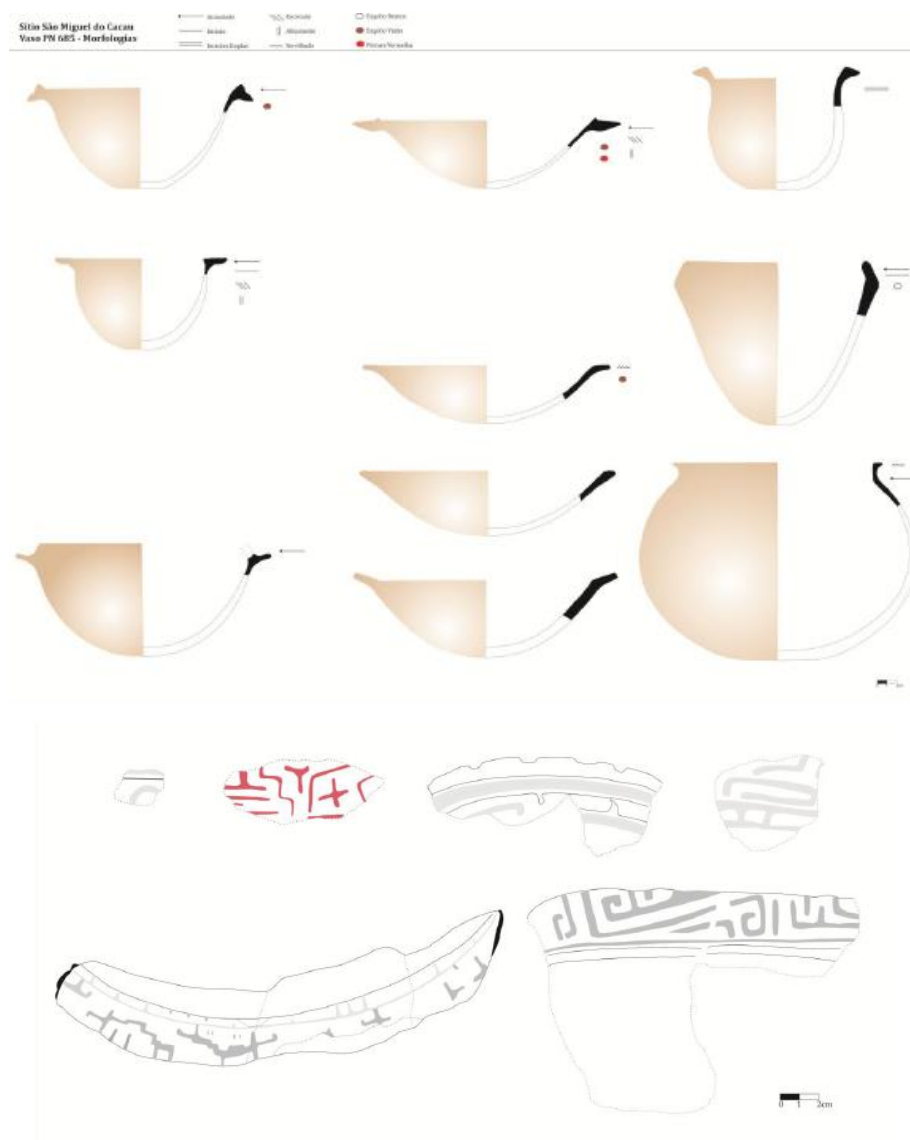


Figura 5.3: Materiais internos à urna PN685. Acima, formas projetadas por Furquim (2014); abaixo, motivos encontrados.

Os sítios da região de Coari possuem similaridade com o sítio São João?

A última questão a ser debatida no presente capítulo trata dessa associação elencada no capítulo 2. Como foi colocado, os sítios trabalhados por Tamanaha (2012; 2016) na região de Coari apresentaram poucas similaridades com os contextos da área de confluência entre os rios Negro e Solimões. Entre elas, estiveram os padrões lineares de concentração de material e a concentração de material Guarita ao redor dos 30cm de profundidade. As datas entre os sítios convergem apenas no curso principal do rio Solimões, com datas ao redor do ano 1000 d.C, sendo o contexto do Lago de Coari mais antigo, com datas do século VIII d.C. As diferenças mais sobressalentes foram encontradas no material cerâmico, em especial de formas e pastas. Das 14 formas

levantadas para a região de Coari, apenas quatro encontram-se também nos sítios da área de confluência entre os rios Negro e Solimões (formas 2, 6, 12 e 19 na Tabela 5.3). Entre as pastas, houve mais similaridade entre sítios da margem do rio Solimões, no médio e no baixo curso, com predomínio de pastas com cauixi como antiplástico principal; e divergência quanto aos sítios dos lagos, onde predominou pastas com caraipé. Entre as decorações, o trabalho de Oliveira (2016b) é significativo, advertindo padronização iconográfica para a área de confluência entre os rios Negro e Solimões e maior diversidade para o Médio Solimões.

Estabelecida a divergência, resta saber se os contextos da região de Coari convergem com o sítio São João, virando o olhar ao Oeste. Entre as formas, há coerência significativa. Das 14 formas levantadas por Tamanaha (2012), apenas duas não ocorreram no sítio São João (formas 1 e 18 na Tabela 5.3). A primeira, muito rasa, pode ser associada a assadores cerâmicos, e a segunda se refere a um vaso globular com um diâmetro pequeno. Ambas, no entanto, só ocorreram no sítio São Paulo II. Algumas outras formas, embora morfologicamente coesas, apresentaram algumas dissonâncias, como a forma 12, que possui lábios mais abertos e uma base maior. Já as pastas apresentaram um contexto duplo. Os níveis mais profundos do sítio São João, datados do século X d.C, apresentaram mais ressonância com os sítios do lago de Coari, como aqueles no rio Urucú, com pastas com caraipé. Essa similaridade pode se relacionar a esses contextos tendo datas mais antigas. Os níveis superiores do sítio São João se assemelharam mais aos sítios da margem do rio Solimões, com pastas com cauixi. Quanto aos acabamentos, são necessárias pesquisas mais profundas para inquirir além da presença dos elementos emblemáticos da TPA, mas as pesquisas de Oliveira (2016b) apontam para uma alta diversidade estilística em sítios policromos da região de Coari, uma característica que o presente trabalho também apontou para o sítio São João, especialmente em seus níveis superiores (ver Figura 5.4).

Considerando os três aspectos de análise apresentados acima, proponho que os sítios da região de Coari tenham sim relações na produção cerâmica com o sítio São João, e podem compor com ele a variante regional da TPA no Médio Solimões. É preciso apontar que há diferenças entre os contextos, como tamanho de sítio menores que o sítio São João e ausência de co-ocorrência de cerâmicas Borda Incisa. Embora esse último aspecto seja marcadamente distinto em relação à cronologia inicial da TPA na região, ele não é um fator para toda a cronologia, como colocado no capítulo anterior. O período de

predominância da TPA no sítio São João pode, portanto, ser o de maior similaridade entre esse contexto e os sítios da região de Coari. A presença desses sítios TPA no curso principal do Solimões e não nos lagos foi considerada como significativa. A cronologia inicial desses sítios, marcada ao redor do ano 1000 d.C., também foi considerada um aspecto significativo. Ambos os aspectos serão analisados mais profundamente no próximo capítulo.



Figura 5.4: Flanges do Médio Solimões. À esquerda vasilha 813 da feição 1 (sítio São João); à direita, desenho de vaso de flange mesial do sítio São Paulo II (TAMANAH, 2012).

Considerações finais

As comparações esboçadas acima tiveram como intuito costurar o contexto do sítio São João à região do Médio Solimões. Essa tessitura, iniciada no capítulo 2, permitirá, por sua vez, a produção da narrativa histórica regional que foi proposta para esta dissertação. As comparações entre contextos engrossam o que o acúmulo de dados do Médio Solimões vêm apontando desde as pesquisas de Hilbert nos anos 50 e 60: a existência de interações entre produtores de cerâmica Polícroma e cerâmica Borda Incisa. As interações ocorreram de diversas formas e aparecem em distintas localidades. Elas, no entanto, não atravessam o século XII, como as datas da região puderam apontar. A partir do século seguinte, apenas a produção de TPA continua aparecendo nos lagos e, especialmente, no curso principal do Solimões até o século XVII d.C. As continuidades e transformações históricas dessa longa duração da produção da TPA são o tema do último capítulo do presente trabalho.

Capítulo 6

Encaminhamentos finais: esboços de uma história indígena no Médio Solimões

A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo dêsse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso.

(À margem da história, Euclides da Cunha, 1908, p.2)

O caminho percorrido, é hora de tratar de dar um sentido aos estudos, contextos e análises acumulados ao longo da dissertação, produzindo uma narrativa histórica. No capítulo 1 discutimos quais as bases teóricas da confecção dessa história, enquanto no capítulo 2 nos aprofundamos nas dimensões que sua produção teria que dar conta. Os capítulos 3 e 4 foram voltados à contribuição de dados da presente pesquisa para sua formação. Finalmente, o capítulo 5 explorou brevemente algumas consequências dos estudos do sítio São João, em meio aos trabalhos regionais já realizados, e que ajudarão a costurar a história de sítios arqueológicos à história regional.

O esforço aqui apresentado, é claro, não intende ser definitivo. Pelo contrário, é um passo para uma síntese regional robusta. Tampouco é o primeiro passo. De fato, o modelo descrito nas próximas páginas pode ser visto como uma continuação dos trabalhos na região, como os de Oliveira (2016a; 2016b), Gomes (2014; 2016), Costa (2012) e, em especial, os de Belletti (2015) e Tamanaha (2012; 2016), os quais pretendo retomar sob a luz de novos dados. Voltando até Hilbert (1968), o modelo aqui apresentado segue alguns pontos de sua primeira caracterização. A partir da tessitura de uma história regional dos produtores de TPA do Médio Solimões pretendo atingir os objetivos do trabalho explicitados na introdução. Acredito que o esforço é válido não só por tecer uma história,

mas também por apontar lacunas e ambiguidades para a mesma, que novos estudos podem discutir.

A produção de uma narrativa histórica como colocado desde Braudel exige uma fragmentação arbitrária do tempo, feita de forma mais ou menos consciente (BRAUDEL, 1992). A minha fragmentação da história indígena do Médio Solimões⁵⁵ tem como balizas a longa duração dos cerca de 1200 anos de evidências da produção de cerâmicas da TPA na região (do sec. V d.C. ao sec. XVII d.C.). Como períodos internos a essa divisão, escolhi três conjunturas, intervaladas por dois momentos difusos de transição. Os três momentos seguem, de certa forma, a periodização que Tamanaha e Neves (2014; ver capítulo 2) realizaram para a região de Coari e o baixo Solimões, apenas aumentando o intervalo cronológico e mudando um pouco suas balizas. As três conjunturas se baseiam nas mesmas desses autores: momento inicial de estabelecimento das ocupações; expansão pela calha principal e contato com os europeus. No entanto, os dados para o primeiro período, indicados por Hilbert e levantados por Belletti (2015), Costa (2012), Furquim (2014), Gomes (2014), e pelo presente trabalho, sugerem que no Médio Solimões esse contexto pode ter sido caracterizado por interações entre produtores da TPA e produtores da TBI. Dessa forma, a diferença entre o primeiro e segundo momento, que no trabalho de Tamanaha e Neves se caracterizariam por uma expansão ou migração, pode denotar uma mudança significativa também à Oeste. Essa mudança será explorada como 1º momento de transição. Os trabalhos de Belletti também sugerem que a presença da TPA seria anterior, ao redor do século V d.C. Os trabalhos de Caldarelli (1998) expandem a cronologia para o outro lado, com cerâmicas da TPA datadas até o século XVII d.C. A transição entre o período Antigo e o do Contato também será explorada.

A presente história da TPA no Médio Solimões está dividida entre: ocupação inicial (c.500-1200 d.C.), predominância e expansão da TPA (c. 1200-1540 d.C.), e contato europeu e desestruturação das comunidades produtoras da cerâmica policroma (1540-c.1700 d.C.). Para apresentar essa história feita de modelos exploratórios, usarei diversos outros casos regionais de áreas mais densamente pesquisadas como pontos para analogias históricas (HECKENBERGER, 2001). Estou seguro que pesquisas futuras

⁵⁵ O Médio Solimões sendo uma fragmentação arbitrária do espaço que proponho que seja duradoura e que exerça, nas palavras de Braudel, certa coerção geográfica, esta manejada por suas comunidades (BRAUDEL, 1992; HECKENBERGER, 1999).

realizadas pelo núcleo de arqueologia do Instituto Mamirauá proverão uma base de dados robusta para desenvolver e criticar a história apresentada abaixo.

Dos inícios: primeiras ocupações e mosaicos de interações (sec. V-XII d.C.)

Os primeiros sinais visíveis da produção da Tradição Polícroma na região localizam-se na boca do lago Tefé no sítio Conjunto Vilas (BELLETTI, 2015). Dois fragmentos com características emblemáticas da TPA foram datados ao redor do século V d.C. As datas não representam apenas as datas mais antigas para a TPA do Médio Solimões, como também as mais antigas até o momento do que foi considerado a TPA. O quadro antigo apontaria para um surgimento endógeno da TPA na região, mas tal hipótese possui um vazio significativo de dados que a presente pesquisa não conseguiu auxiliar a preencher. Um dos motivos para o vazio é o fato dessas cerâmicas encontrarem-se num contexto tomado como exógeno à sua produção, um sítio de produtores de cerâmicas da Tradição Borda Incisa. Outro motivo é a ausência de informações sobre a primeira metade do primeiro milênio da era cristã na região. Durante o final desse período é que está situada a transição entre as Tradições Pocó-Açutuba e Borda Incisa, em diversas regiões como a Amazônia Central (LIMA, 2008; NEVES, 2012). Gomes propõe que o mesmo processo teria ocorrido no lago Amanã (GOMES & NEVES, 2016). As datas conhecidas para cerâmicas Pocó-Açutuba do Médio Solimões, no entanto, só chegam até o século V a.C. (GOMES, 2014). As pesquisas de Marjorie Lima sobre o material Pocó-Açutuba no lago Amanã devem dissipar parte da nebulosidade do período, auxiliando a entendê-lo melhor e, dessa forma, permitindo a criação de modelos endógenos para a gênese da Tradição Polícroma no Médio Solimões.

Caso próximos trabalhos encontrem ligações históricas no Médio Solimões entre esses estilos tecnológicos, será possível repensar o robusto modelo de Almeida (2013) para a formação da TPA⁵⁶, realocando-o dos lugares significativos e persistentes das cachoeiras do Alto Madeira para os lugares também significativos e persistentes dos lagos do Médio Solimões (GOMES, 2015).

⁵⁶ Na qual ela se derivaria de interações mais amistosas entre grupos Arawak produtores da cerâmica Pocó e grupos Tupi, que ao longo do tempo começariam a produzir cerâmicas da TPA.

Se uma hipótese endógena ainda não possui as bases para ser traçada, é possível, por outro lado, tecer um modelo exógeno. Tal modelo, brevemente descrito, conjuga os contextos com as datas mais antigas onde a TPA é encontrada, respectivamente, o Médio Solimões e o Alto Madeira, e o caráter de sua proliferação, apresentada no capítulo 2 como perpendicular aos grandes rios. No momento, a somatória desses eixos aponta para o Sul amazônico como possível área de formação da TPA. Dessa área, as cerâmicas policromas e seus produtores se espalhariam, priorizando drenagens secundárias e com uma tendência para aparecerem primeiro em lugares significativos e persistentes, como lagos e cachoeiras. A hipótese favoreceria a associação Tupi encaixando área de formação da TPA com área historicamente associada a grupos Tupi (ALMEIDA, 2015). Talvez o processo inicial teria se dado de forma similar ao descrito por Almeida (2013), mas em regiões mais a Oeste ou Noroeste do Alto Madeira. Tal deslocamento do processo facilitaria a explicação de cerâmicas da TPA no sítio Conjunto Vilas e no sítio Teotônio⁵⁷ com pouca diferença cronológica e permitiria abordar dois desenvolvimentos históricos distintos para os produtores da TPA. De qualquer forma, a questão continua em aberto necessitando de mais pesquisas e de cronologias mais refinadas. A comparação entre TPA do Alto Madeira e do Médio Solimões parece um caminho interessante para aprofundar a discussão.

Entre esboços de uma gênese, considero que a presença de datas recuadas para a Tradição Polícroma no Médio Solimões forme um quadro já estabelecido. As datas de material da TPA no Conjunto Vilas foram consideradas como marco de seu início na região. A data foi aceita tanto pela presença, nas cerâmicas datadas, dos elementos emblemáticos discutidos da TPA – pintura vermelha sobre engobo branco e combinações exciso-acanalado que formam um motivo de diadema escalonado – quanto pelo seu contexto, associadas a interações entre produtores de cerâmica Borda Incisa e de TPA.

Nesse contexto da boca do lago Tefé, foram levantados indícios de interações entre grupos produtores de cerâmicas distintas, evidenciadas dentro de um sítio de predominância componencial Borda Incisa. Um contexto similar ocorre no lago Amanã. Para esta área, Gomes (2014) associou os sítios de predominância componencial Borda Incisa à formação de uma rede de aldeias estruturadas por um *ethos* Arawak e decorrentes de grupos produtores de cerâmica Pocó-Açutuba. No lago se desenvolveria um dos

⁵⁷ Ambos os sítios também necessitam de cronologias mais refinadas.

núcleos amazônicos da dispersão de grupos Arawak que, segundo diversos autores (HECKENBERGER; 2002; NEVES, 2012; NEVES, et al. 2014; ALMEIDA, 2015; ver Figura 6.1), se espalham pela região amazônica antes e ao redor do início da Era Cristã. Como comentado no capítulo 1, essa conexão cada vez mais segura das cerâmicas Pocó-Açutuba e Borda Incisa com grupos Arawak e com as redes regionais multiétnicas que os caracterizam, pode colocar produtores desse grupo em diversos pontos do Médio Solimões, em especial seus lagos, como o lago Tefé e Caiambé, além do lago Amanã. A ocupação dos lagos fortalece ainda mais o quadro pela tendência dos grupos Arawak a orquestrarem suas redes em lugares significativos como esses (ALMEIDA, 2015). É difícil apontar para a extensão total desses sistemas na região, mas é possível dizer que a existência de interações entre grupos parece conformar parte da história regional. As similaridades cerâmicas que auxiliaram a formar a fase Caiambé também parecem indicar uma coesão regional entre lagos (HILBERT, 1968; COSTA, 2012).

Aqui é válido, então, retomar o caso do Alto Xingu. Este é pertinente para demonstrar formas sociais que podem ter se desenvolvido no Médio Solimões, a partir do século V d.C. No Alto Xingu, diversos povos coexistiram por mais de mil anos em comunidades multiétnicas baseadas em três aspectos milenares: sedentarismo; hierarquização social e integração; e produção de regionalidades ou sistemas regionais, no qual trocas estão incluídas. As pesquisas apontam uma antiguidade de agrupamentos geograficamente localizados, organizados em torno de confluências de rios principais e lagos. Atualmente nesse sistema regional, existe apenas uma forma padronizada de se produzir cerâmica, associada em certo momento aos complexos barrancóides, do qual também decorre a TBI. Há só uma produção cerâmica, apesar do sistema regional conter diversos grupos que falam muitas línguas diferentes e que vivem de forma relativamente pacífica. O substrato do sistema regional está associado aos Arawak que até hoje habitam a região (HECKENBERGER, 2001).

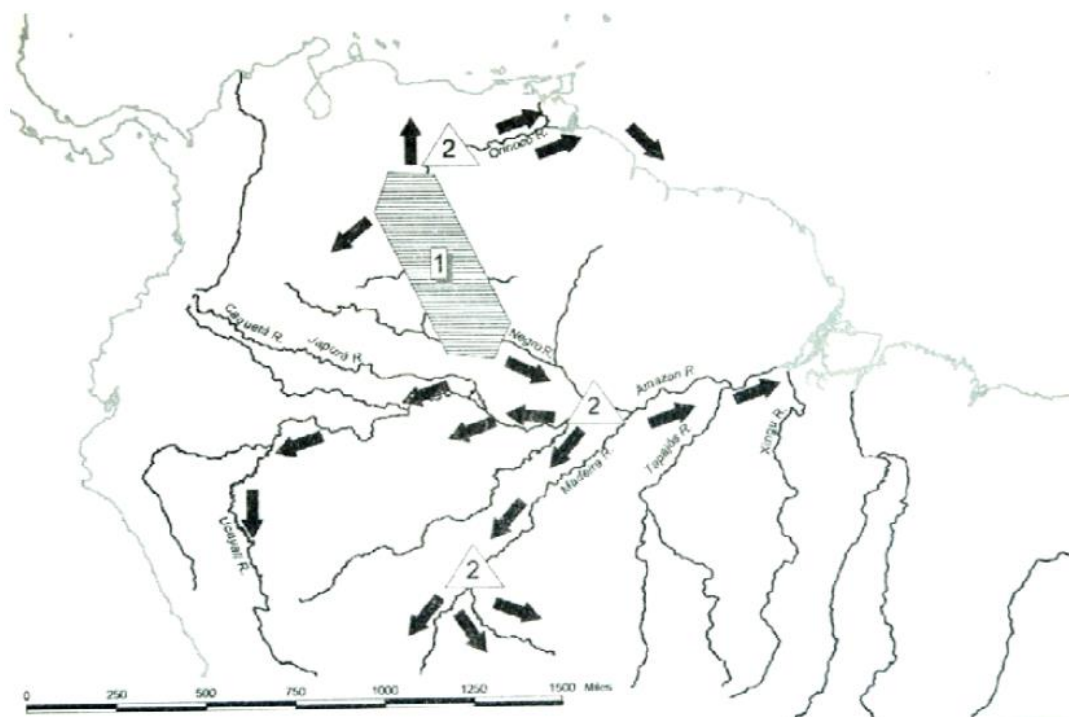


Figura 6.1: Mapa da Expansão Arawak onde 1 representa centro primário de dispersão e 2 centros secundários (HECKENBERGER, 2002).

Um sistema com essas mesmas bases foi elaborado para a área de confluência dos rios Negro e Solimões por Neves, esse envolvendo especialmente produtores da cerâmicas Manacapuru e Paredão (LIMA; 2008; MONGELÓ, 2011; NEVES, 2012). A partir do século V d.C. ocorre uma transição entre as Tradições Pocó-Açutuba e Manacapuru que é acompanhada por um aumento das ocupações de sítios da região; da produção de terras pretas; e o surgimento de cerâmicas da fase Manacapuru associada à TBI. A fase Manacapuru também está ligada a outros padrões interessantes que vão além da cerâmica, como a produção de montículos de terra com até 3 m de altura, onde viviam seus produtores (NEVES, 2012). A disposição de tais montículos, somada aos padrões de deposição cerâmica, levou arqueólogos a perceberem que as aldeias Manacapuru foram organizados circularmente, tal como aldeias Arawak do Alto Xingu e Alto Negro. No século VII d.C., outro estilo cerâmico começa a aparecer, em sítios com grandes quantidades de terra preta, às vezes próximos de ocupações Manacapuru. Trata-se da fase Paredão. As cerâmicas Paredão e Manacapuru possuem algumas distinções, mas possuem muitas características similares. Semelhança de assentamentos, concomitância de ocupações, e evidência de redes de trocas levaram Neves e seus colaboradores a propor a existência de um grande e complexo sistema regional multiétnico na área, entre os séculos

VII e XI d.C. estruturado por populações Arawak (LIMA, 2008; MONGELÓ, 2011; NEVES, 2012).

O lago Amanã (GOMES, 2014) é onde essa paisagem Arawak é melhor definida no Médio Solimões. No lago, seriam encontrados indícios dos três componentes principais que Heckenberger (2001) usa para marcar a longa duração do *ethos* Arawak no Alto Xingu: formato circular das aldeias e gradações entre elas que podem indicar hierarquização (evidenciado nas escavações de diversos sítios do lago Amanã); sedentarismo (com amplas camadas de TPI em sítio como Boa Esperança); e presença de regionalidades, além da presença de cerâmicas barrancóide (Pocó-Açutuba e TBI). As regionalidades no lago Amanã tiveram como indício tanto a presença de assentamentos contemporâneos; como também de cerâmicas da Tradição Polícroma (fase Tefé) contemporaneamente em sítios de ocupação de produtores da cerâmica Borda Incisa (fase Caiambé). A co-ocorrência inversa parece ocorrer no sítio São João, próximo à boca do lago Caiambé e provável contemporâneo do sítio Caiambé. Os dados permitem a elaboração de uma hipótese de como esses grupos produtores se relacionariam.

Como já apontado por Neves (2012) e Tamanaha (2012), os produtores de cerâmicas da TPA teriam chegado ao Médio Solimões “pelas beiradas” – essas aqui podendo ser pensadas como rios secundários ao Sul da região como o rio Tefé. Esses grupos, uma das levas de produtores da TPA, já trariam, de certa forma, os componentes principais de seu estilo, inclusive em seus aspectos emblemáticos como produção de acanalado e o motivo do diadema. Os elementos emblemáticos seriam transformados, possivelmente, da herança de relações com produtores da Tradição Pocó-Açutuba em outra parte do Sul amazônico. A partir de estratégias políticas e identitárias particulares, os grupos estabeleceriam interações com os produtores da cerâmica Caiambé e se acomodariam inseridos nos sistemas regionais Arawak, em desenvolvimento nos lagos do Médio Solimões. Os motivos para a inserção não estão claros, mas podem envolver tanto apaziguamento de conflitos entre grupos, quanto acesso a recursos ou redes destes que permitiriam acúmulo de prestígio. É interessante apontar para esse ponto que, segundo Heckenberger, a relação com outros grupos é importante para a reprodução de grupos Arawak (HECKENBERGER, 2001). Ainda não é possível determinar se as relações seriam majoritariamente amistosas, mas há indícios que elas incluiriam trocas de diversos tipos; realização de festas e cerimônias conjuntamente; e, possivelmente, casamentos exogâmicos. As atividades produziriam integração regional entre produtores

formando mosaicos de interação que informariam sistemas multiétnicos. As comunidades de produtores de TPA seriam apenas uma parte desses sistemas. Embora estejamos longe de definir aspectos mais certos da organização social dessas comunidades, é factível, dentro de um sistema regional aberto como os de natureza Arawak, que uma variedade de entidades políticas (*polities*) com organizações muito diferentes poderia existir (HECKENBERGER, 2002). Na produção cerâmica, interações também estimulariam emulações, empréstimos e transformações estilísticas, que formariam uma economia de trocas estilísticas particular pautada pela negociação de identidades, que envolveriam relações de prestígio. Esta teria, do modo das interações nos rios Conambo (BOWSER & PATTON, 2009) e Ucayali (DEBOER, 1990; ROE, 1995), uma dimensão política, ora auxiliando, através de suas performances, no distanciamento; ora na aproximação de grupos.

As relações no Médio Solimões influenciariam na produção de dois estilos marcados permeados fluxos tecnológicos. O mais característico destes seria o fluxo emblemático, um estilo regional híbrido. A troca de influências estimularia diversidade, mas também aproximações nos estilos. O processo, no entanto, parece ter suas variações regionais. No lago Amanã, foi identificado fluxo formal evidenciado pelos vasos de flange mesial associados à fase Caiambé. Por outro lado, as flanges nem figuram em sítios Caiambé na região de Tefé. Localidades à parte, os estilos tecnológicos se desenvolveriam conjuntamente na região, numa história muito distinta da ruptura entre estilos causadas por interações bélicas da região de confluência. Diversas podem ser as razões para a distinção entre essas regiões, mas uma que é razoável é o pequeno peso político que os grupos, talvez diminutos, inicialmente teriam no Médio Solimões.

A diferença entre as histórias das regiões nos leva à pergunta polêmica que envolve os debates sobre a TPA: seriam esses produtores de cerâmica policroma grupos Tupi? Se uma integração entre populações poderia sugerir que ambos compartilhariam de um *ethos* Arawak, a multiplicidade dos contatos multiétnicos entre indígenas da Amazônia, no entanto, nos mostram que tais relações não podem ser tomadas como universais. O Alto Xingu pode novamente ser retomado nesse ponto. Entre a multiplicidade de grupos que compõem o sistema multiétnico, há grupos Tupi como os Kamayura e os Aweti. Sobre esses últimos, a discussão histórica realizada por Souza (2001; cf também Heckenberger, 2001) é particularmente proveitosa. Souza localiza a chegada de povos Tupi no Alto Xingu no século XVIII. Diversos grupos chegariam à

região promovendo conflitos com o eixo Arawak-Karib do sistema regional. A partir de do fim de uma guerra entre esses grupos, os Aweti juntamente aos Enumana (que posteriormente se fundem com os Aweti) se assentariam no rio Culiseu e se acomodariam às teias de relações pacíficas do sistema regional. O fim dos conflitos é internalizado pelos Aweti como o processo que os mesmos chamam de “virar gente”, ou seja, virar xinguano. Para “virar gente” os Aweti abandonaram a ferocidade e a guerra, reelaborando de maneira fundamental seus esquemas culturais, relegando narrativas belicosas para o passado. A outra metade do processo baseou-se na adoção de aspectos do *habitus* xinguano i.e. adotar o comportamento controlado e pacífico exigido pelo sistema regional; adotar sua ética alimentar e aderir aos rituais intertribais. Segundo Souza, essa mudança é operacionalizada por uma mudança no foco do conflito. Não mais guerras entre grupos, a violência seria canalizada para feiticeiros e suas obras, informadas por um sistema de acusações cujo resultado seriam conflitos internalizados. Os alvos das acusações seriam aqueles cujo poder era cobiçado, ou cujas práticas se afastavam muito do *habitus* xinguano. Cerca de cem anos após essa transformação, os Aweti teriam papel regional destacado por se tornarem intermediários comerciais entre brancos e indígenas do Alto Xingu⁵⁸.

Além de explicitar a “conversão” Tupi, o exemplo dos Aweti, segundo Souza, permite reavaliar mecanismos históricos da composição do sistema regional xinguano. A incorporação de grupos externos, essencial à manutenção do sistema, se dá por acordos e alianças em guerras defensivas, ou pela captura de mulheres entre grupos xinguanos e não-xinguanos – que constituem as primeiras bases para a formação de alianças. Para a autora (SOUZA, 2001, p. 371) essa duplicidade indicaria que comportamento pacífico e beligerância comporiam dois polos de possibilidades de ação estruturalmente inscritas no sistema xinguano.

Em sistemas como esse, os produtores da TPA estariam enredados de forma significativa nas relações com produtores de cerâmicas da TBI. O sítio São João, até o momento o único exemplar escavado de sítio de habitação de produtores da TPA com evidências de interações entre grupos, deve representar uma etapa avançada dessas relações. Com suas primeiras ocupações estipuladas no século X d.C., o sítio aponta para relações entre produtores em contextos domésticos e em festins, indicando

⁵⁸ Uma troca de papéis para assombrar antropólogos e arqueólogos.

permeabilidade dessas interações na vida dessas comunidades. A produção de seu registro arqueológico também é similar ao de sítios Caiambé como São Miguel do Cacau. O contexto indica uma ampla mistura de populações, produtos, práticas, e dos conteúdos simbólicos que orientam suas percepções. As relações teriam os lagos do Médio Solimões como palco principal, mas ocorreriam em forma de mosaico, como a presença de sítios no Solimões parece indicar. O curso do Solimões não parece ter sido priorizado, mas as bocas dos lagos aparentam ser lugares mais buscados (ver Figura 6.2). Cristalizando as relações estariam os festins, onde consumo conjunto de bebidas fermentadas temperariam arranjos regionais da política e da cosmopolítica. A ocupação do sítio São João, por outro lado, reflete o avanço das comunidades de produtores da cerâmica policroma para o curso principal do Solimões, um processo também estipulado para a região de Coari (TAMANHA, 2012; ver capítulo 3).



Figura 6.2: Lagos do Médio Solimões, cortados pelo rio-mar. Fonte: Google Maps.

A região de Coari com datas para a TPA que remontam ao século VIII d.C. parece algo isolada nesse modelo, havendo poucos indícios de interações na área. O isolamento pode ter uma explicação já estabelecida: a área seria, segundo Tamanaha (2012), uma buffer zone entre distintos grupos produtores de TBI, participantes de distintos sistemas Arawak regionais. A área com ocupação menos expressiva entre o Médio Solimões e a confluência deste com o rio Negro seria um lugar de fácil infiltração por produtores da

TPA, provavelmente menos inseridos nas disputas que conduziriam seus vizinhos. No rio Urucú, a presença contemporânea de cerâmicas Açutuba (Tradição Pocó-Açutuba), no sítio Nova Esperança, e policromas, no sítio Santa Fé, complica esse cenário (TAMANHA, 2012; LIMA, 2008), levantando a questão de quais relações esses produtores poderiam ter desenvolvido. A contemporaneidade, por exemplo, não se traduziu em trocas ou fluxo estilístico. Um caso distinto foi encontrado por Hanke no sítio Coari II, onde poderia haver presença de material TPA em meio à ocupações TBI (HANKE, 1959).

Nessa região, o aspecto caótico da expansão policroma pode ser visto com mais clareza, montando aparentemente uma terceira história para a TPA entre as duas associadas aos contextos regionais da Amazônica Central. Essa teria pontos de contato com a de seus vizinhos à Oeste e Leste, como as comparações morfológicas apontaram (ver capítulo 5).

Alguns problemas dessa primeira parte do modelo podem ser apontados. O primeiro deles está numa ausência de dados, em especial para ocupações da TPA no período. A ausência está menos na quantidade de sítios com esse material, e mais numa ausência de escavações destes. O lago Amanã pode ser um contexto onde, de fato, esses sítios são poucos (GOMES, 2014), mas mesmo essa distinção pode ser quebrada pelas últimas pesquisas (LIMA, comunicação pessoal). Uma maior quantidade de dados auxiliará no entendimento dos termos dessas interações, já esboçados aqui e em outros trabalhos (GOMES, 2014; BELLETTI, 2015) e ajudará numa elaboração mais rígida de quais seriam as origens dos grupos produtores de TPA. Outra questão em aberto seria o tamanho e influência das comunidades produtoras de TPA, se seriam apenas um membro do sistema regional, ou se formariam algo similar ao sistema de metades identificado no rio Conambo (BOWSER & PATTON, 2008). Embora não existam até o momento evidências de conflitos bélicos nessa região, o abandono de diversos sítios ao redor do século XII d.C., que será abordado na próxima seção, sugere relações não apenas pacíficas.

1ª transição: três hipóteses sobre o fim do “multiestilismo” no Médio Solimões

A origem e o desenvolvimento de mosaicos de interações entre produtores de dois estilos cerâmicos distintos podem explicar os contextos do Médio Solimões, mas só o

fazem em um determinado intervalo cronológico, do século V d.C. ao século XII d.C. Ao redor do século XII aparecem as últimas datas associadas a Tradição Borda Incisa tanto no lago Amanã quanto no lago Tefé. No século seguinte não haveria mais indícios da produção dessa cerâmica. O século está marcado pelo fim da ocupação do sítio Conjunto Vilas e por uma forte diminuição na densidade de ocupação dos sítios do lago Amanã. No curso principal do rio Solimões a partir do século XI d.C. há um aumento significativo de datas para materiais da TPA, em sítios como São Paulo II e o São João. Essa mudança em grande escala compõe o que foi interpretado como um momento significativo da história da TPA na região, sua consolidação como protagonista de relações, e, portanto, precisa ser tentativamente explicado. Os dados disponíveis para a presente pesquisa permitiram a elaboração de três hipóteses⁵⁹, cujo intuito é dar conta dessa transição de um conjunto TBI-TPA-lagos para um conjunto TPA-Solimões. As hipóteses são definidas como de mudança gradual ou de mudança rápida, apresentando de um lado uma alternativa baseada num *continuum* progressivo e num regime de historicidade mais lento, processual, frente a outro que releva as rupturas e a presença do tempo rápido. Ao final, uma terceira hipótese será brevemente elaborada que conjuga aspectos dos dois processos.

Hipótese de mudança gradual

A hipótese de mudança gradual⁶⁰ tem dois pontos centrais, um para explicar a mudança entre períodos e o outro para explicar sua continuidade. O primeiro ponto, catalisador do segundo, propõe que um deslocamento dos centros de fluxos de informação pan-amazônicos (ROE, 1995) no ano 1000 d.C. pode ter privilegiado a manutenção da cerâmica policroma. O deslocamento seria dos lugares significativos, como os lagos, para os lugares significativos dos rios principais como o Solimões. O segundo baseia-se na dissolução do estilo Caiambé dentro do estilo policromo transformando-o em estilo único regional, um indício de uma integração ainda maior entre grupos.

O motor de certa homogeneização da produção cerâmica pode ter sido um aumento nas relações supra-regionais do que Heckenberger (2006) chama de período Clássico da história indígena da Amazônia (c.1000-1500 AD). Esse período é

⁵⁹ Movimento inspirado numa estratégia similar empreendida por Almeida (2013).

⁶⁰ Que também pode ser considerada como uma hipótese Arawak ou “Arawakinizante”, ou a hipótese uniformitarista e até como uma “middle-range theory”, segundo o jargão processualista (BINFORD, 1977)

caracterizado pelo desenvolvimento de chefias regionais⁶¹ como as dos Tapajós em Santarém e dos xinguanos no Alto Xingu. No modelo de Heckenberger (2006), essas entidades políticas regionais abrigariam uma diversidade de ideologias, identidades e modos de produção, com centros regionais articulando redes de troca de diversos tipos e escalas. O autor até chega a elencar os Estados andinos como participantes indiretos dessas grandes redes, que integrariam, de certa forma, sistemas-mundo andinos. Na cerâmica amazônica, a mudança estaria marcada por um maior investimento social em sua produção, definindo estilos regionais altamente decorados, nos quais figuram, mais emblematicamente, as urnas funerárias antropomorfas e os objetos cerâmicos, como estatuetas (BARRETO, 2009; OLIVEIRA, 2016b). Os estilos regionais distintivos dividiriam diversos pontos de contato, como a própria produção de urnas funerárias (MCEWAN, 2001).

O modelo de Heckenberger incluiria os produtores da TPA⁶² como um dos veiculadores mais profícuos dessas redes, embora o autor não elabore muito seu modelo nesse ponto. Para o autor, as regiões incluídas na expansão da TPA participariam de “articulações políticas de larga escala, através de intercâmbios de bens de prestígio em um nível supra-regional” (HECKENBERGER, 2006, p. 321, tradução minha). As redes para essas articulações e trocas irradiariam dos centros ao longo dos rios amazônicos principais. Oliveira, como comentado no capítulo 2, aprofunda essas possíveis relações ao incluir o modelo de DeBoer (1990) sobre a produção de estilos de prestígio para o desenvolvimento da TPA no rio Solimões. Esta hipótese se basearia também no pressuposto de Roe (1995) que atribuiria aos cursos dos rios principais, como o Solimões, áreas privilegiadas de fluxos de informações, onde interações sociais seriam geograficamente facilitadas pelo seu caráter de grandes “avenidas”. No rio Ucayali, essas interações estariam inscritas na posição central dos Shipibo-Conibo no manejo de relações de prestígio com seus vizinhos. Na produção cerâmica (ver Figura 6.3), as relações de prestígio se traduziriam num estilo emblemático composto por trocas com os Cocama, e com emulações de outros grupos, como os Piro. Voltando ao Solimões, Oliveira coloca que o estilo Polícromo “[...]teria sido difundido, incorporado e assimilado, definindo uma rede de relações e alianças[...]” que teriam as comunidades

⁶¹ Que ele considera como grandes centros político-econômicos regionais (HECKENBERGER, 2006, p. 336).

⁶² Heckenberger vê a TPA como uma tradição ampla, incluindo não só as fases do estuário amazônico (excluídas do presente trabalho) como também o material Santarém.

dos rios principais como grandes difusores. A assimilação do estilo estaria associada ao fortalecimento de uma ideologia pautada pelo xamanismo e por grandes cerimônias de consumo de fermentados. O xamanismo informaria o conteúdo simbólico de chefias regionais. As chefias mesmo que formadas depois desse período teriam presença também no Médio Solimões como relatado nas crônicas do Contato.

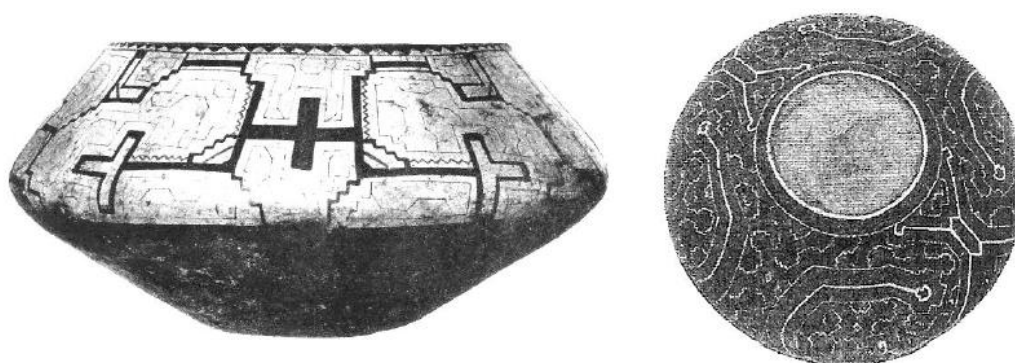


Figura 6.3: Vaso Shipibo para consumo de fermentados (LATHRAP, 1970).

Os cursos dos rios principais, portanto, se tornariam centros estilísticos da produção cerâmica, mas também centros políticos e simbólicos. Eles centralizariam interações supra-regionais complexas que poderiam definir estratégias regionais de acúmulo de capital simbólico, em suas distintas formas. No Médio Solimões, essa mudança pan-amazônica que parece ocorrer ao redor do ano 1000 d.C. traria, através de pressões supra-regionais, uma mudança do centro dos mosaicos de interação, focando-os dos lagos para o rio principal. A mudança não quer dizer que não haveria ocupações no rio Solimões anteriormente, ou que os lagos deixarão de ser ocupados a partir desse momento, mas que ocorre, possivelmente, um deslocamento dos eixos aos quais os mosaicos orbitariam. As consequências dessa mudança serão melhor explicitadas quando discutirmos o próximo período, mas aqui é importante notar que o estilo Polícromo seria elevado na época, de um dos estilos dentro de um sistema regional, para o estilo mais significativo dentro desta. A mudança significativa desse eixo poderia explicar a diminuição da ocupação de sítios do lago junto à expansão de sítios no curso do Solimões como o sítio São João. O sistema regional se reestruturaria para privilegiar o acesso às novas redes. A hipótese é definida, portanto, na busca de comunidades do Médio Solimões pelo acesso a recursos sociais através da participação de redes de informações supra-regionais que iriam além de seus mosaicos de interação.

O deslocamento dos eixos políticos, simbólicos e de prestígio podem ter resultado na dissolução da produção de cerâmica Borda Incisa dentro da produção de cerâmica Polícroma. A produção da cerâmica Polícroma incorporada nos sistemas regionais poderia então ser selecionada a partir de uma resposta as essas transformações, que estariam ocorrendo além do Médio Solimões, a partir do ano 1000. A produção da cerâmica policroma progressivamente tomaria maior importância até tornar-se a única produzida por essa regionalidade no século XII. A presença de comunidades multiétnicas com uma produção única de cerâmica nos aproxima novamente da região a qual o Médio Solimões vêm sendo comparado: o Alto Xingu. Se normalmente tal caso é usado como argumento para limitar o alcance das interpretações arqueológicas, no caso do Médio Solimões, o Alto Xingu pode ser usado para fortalecer a hipótese de mudança gradual.

O caso da produção cerâmica Wauja é o mais conhecido da padronização cerâmica do Alto Xingu. Trata-se de uma única etnia de falantes Arawak que produz cerâmicas para os outros grupos enredados no sistema regional. Entre os outros grupos estão incluídos falantes de língua Tupi, Karib e Trumai (BARCELOS NETO, 2004). Novas pesquisas arqueológicas no Alto Xingu indicam que a padronização encabeçada pelos Wauja tem uma história profunda, que inclui a incorporação de influências centenárias.

Joshua Toney (2016) ilustra esse caso com pesquisas no Alto Xingu e em suas cabeceiras (cf. também HECKENBERGER, 2001; 2002; 2006). Segundo o autor, ao redor do século XIII d.C. o conjunto Ipavu (Tradição Inciso-Ponteadas), conjunto local (supostamente) Arawak, havia se firmado como marcado e único na região. Ele seria caracterizado, especialmente, pelo uso de caixi e motivos lineares incisos. Em torno do século XIV d.C., populações Karib chegariam na região, trazendo com si outros estilos particulares. Até o século XVI d.C. apareceria também um estilo chamado de Complexo Oriental, com possíveis influências de migrações do Brasil Central. No período chamado de Galático (séculos XVI-XIX d.C.) (HECKENBERGER, 2001) esses estilos coexistiriam no Alto Xingu, inclusive aparecendo juntos em uma mesma ocupação. A chegada dos Karib e de outros grupos, porém, seriam episódios comuns na história dos sistemas regionais do Alto Xingu. Rapidamente, as comunidades do Alto Xingu integrariam os grupos em novas redes de relações, mesmo antes do impacto da chegada dos europeus ser sentido regionalmente. Os estilos co-ocorrentes teriam variações decorativas como a presença de modelados zoomorfos e linhas diagonais que seriam incorporadas às cerâmicas Ipavu, de produção Arawak. Toney comenta que nesse período

as misturas culturais “são visíveis na variabilidade decorativa e nas trocas por todo o Alto Xingu” (TONEY, 2016, p. 235).

No final desse período, os estilos não-Arawak da região começam a entrar em declínio, sendo abandonados, enquanto as cerâmicas Ipavu se tornariam cada vez mais padronizadas. Para Toney (2016), a mudança teria um caráter funcional: as formas Karib, por exemplo, não comportariam as técnicas de processamento de alimentos da região, que aos poucos foram sendo incorporadas pelos grupos do sistema regional. Seus produtores, dessa forma, escolheriam pelo abandono da produção em função de outra, reforçando ainda mais uma integração ao abrir espaço para a troca. Nesse caso apresentado, o peso histórico da cerâmica Arawak, integrada profundamente no *habitus* regional, prevaleceu ante as novidades trazidas de fora. Esse processo culminaria no século XIX d.C. com a produção dos Wauja, que eventualmente se tornaria única em toda a região, através de uma história cujo impacto da colonização, mesmo que indireto, não pode ser ignorado.

Outro exemplo arqueológico desse tipo de processo pode ser encontrado próximo ao Médio Solimões, na área de confluência dos rios Negro e Solimões. Trata-se da continuação do processo explorado acima, da formação de um sistema regional no final do primeiro milênio da Era Cristã pelos produtores da cerâmica Manacapuru e Paredão (LIMA, 2008; MONGELÓ, 2011; NEVES, 2012). Se no Alto Xingu a tradição prevalece, na área de confluência, a novidade leva a melhor. Segundo Neves (2012), as ocupações Manacapuru desapareceriam com o tempo, enquanto as ocupações Paredão aumentam chegando a possuir centenas de hectares. Esse movimento foi interpretado não como indício de assimilação de um grupo por outro, mas sim da manutenção de grupos distintos em constante contato que, em um determinado momento, por motivos políticos e identitários, passaram a ter apenas uma maneira de se produzir cerâmica.

Voltando aos Shipibo-Conibo, o processo de adoção desses grupos de um estilo distinto, com forte influência Cocama (Tupi), e sua consequente emulação pelos Piro (Arawak), na chave dos estilos de prestígio (DEBOER, 1990), indicam conjunturas nas quais transformações da produção cerâmica seriam uma escolha. Tais escolhas devem permear o registro arqueológico e não são fáceis de rastrear, embora pareçam sempre possuir um elemento Arawak. Elas, no entanto, devem ser analisadas caso a caso, contexto a contexto, da mesma forma como deve ser feita a associação entre língua e cultura material (NEVES, 2012).

Acredito que o ano 1000 no Médio Solimões é um contexto onde tal correlação de forças pode ter existido. Na região existem evidências de que um processo similar aos que ocorreram nas regiões citadas acima tenha ocorrido entre os séculos X d.C. e XII d.C. A dissolução de uma produção cerâmica somada a ausência de sinais de conflitos pode ser vista como o indício mais básico desse contexto, mas, como discutido no capítulo 2, tal afirmação é mais problemática do que parece. Um indício, mais interessante é a presença de trocas e fluxos tecnológicos entre estilos, durando séculos, dentro de sistemas regionais Arawak. Além desse indício, o sítio São João concentrou certos sinais de continuidade entre ocupações de produtores da TPA no período de multiestilismo e nos períodos posteriores, até o século XV d.C. Como discuti no capítulo 4, a comparação entre as camadas mais profundas, oriundas de cerca do século X d.C. e as camadas superiores datadas ao redor do século XIV d.C. conjugam três eixos de continuidade: continuidade de habitação do sítio e produção de TPI; da produção de feições escavadas; e da produção de cerâmica Polícroma. Esta última, embora apareça padronizada pelas técnicas, ainda apresenta maior variedade na produção de pastas e maior variação estilística em seu uso. O contexto pode indicar consequências tecno-estilísticas para a integração entre os grupos. A continuidade no sítio, e, em especial, a produção de amplas camadas de TPI, podem indicar certa manutenção das ocupações, transformadas mais pela expansão do sítio nos séculos decorrentes que pela substituição de moradores. A reutilização dos lagos por produtores da TPA como espaços de memória, como indicado por Gomes (2014), também pode indicar uma afiliação histórica dessas populações. Por fim, as fortes evidências nas crônicas seiscentistas e setecentistas da existência de mosaicos de interação no Médio Solimões, discutidas no capítulo 2, sugerem que a predominância da TPA tenha produzido o efeito de mascarar a diversidade regional. Esse seria um desdobramento local particular de um efeito que ocorre por onde há cerâmica policroma: uma mesma grande Tradição cerâmica para distintas chefias regionais identificadas pelos cronistas (PORRO, 1995; NEVES, 2012; MORAES, 2013).

Com a progressiva perda de importância política dos lagos, a transição se daria num progressivo deslocamento de grupos destes para o rio Solimões. Os produtores da TPA, “arawakinizados”, mas talvez relegados às margens do rio – uma posição de menos prestígio no passado – seriam elevados pela expansão das redes de fluxo de informação no Solimões. Essa priorizaria o curso dos rios principais como eixo do fluxo, não apenas os lugares significativos anteriores como confluências e lagos. Tais redes poderiam ser

informadas por novas práticas, novos conteúdos simbólicos e até novos regimes de materialidade (OLIVEIRA, 2016; BARRETO, 2016). Para a expansão das redes, os produtores de TPA estariam melhor preparados que outros. À medida dos Aweti comentados acima, estariam munidos com uma localização fortuita e uma bagagem de práticas apropriadas. Essas seriam similares às de chefias regionais em expansão à Leste, como sua produção cerâmica. Os grupos inclusive poderiam dividir parentesco linguístico. Mais pesquisas regionais são necessárias, mas no momento é possível sugerir que o acesso ao prestígio dos fluxos de informação reorientaria o sistema regional, mas não o dissolveria, mantendo uma grande importância nas trocas até no período de contato. As interações entre grupos permitiriam o desenvolvimento e continuidade de práticas produtoras de terras pretas por comunidades produtoras de TPA, ao contrário do que ocorre na área de confluência. Uma valorização da produção lítica pode também ter ocorrido, como percebido no sítio São João. Na produção cerâmica, a confecção de artefatos com elementos emblemáticos da TPA seria adotada por todos os grupos do sistema regional. O artefato a partir do ano 1000 representaria certa identidade supra-regional entre os povos do Alto Amazonas e da Amazônia Central (BARRETO, 2016). A adoção em andamento pode ser vista no sítio Conjunto Vilas, onde cerâmicas Caiambé emulam aspectos emblemáticos da cerâmica Tefé, como o acanalado, no intuito de simular as mesmas performances visuais. O fim desse processo seria a confecção de um único estilo padronizado em seus efeitos visuais (LOPES, 2015; BARRETO, 2016), com variáveis internas ligadas à multiplicidade de um sistema regional.

No Médio Solimões, portanto, a novidade estilística venceu, mesmo que tenha sido após uma longa batalha de cerca de 700 anos. O fim do multiestilismo traria consigo um outro nível de integração regional entre comunidades.

Os problemas dessa hipótese não são difíceis de encontrar, mas cito os mais significativos. Embora a hipótese possa dar conta da transformação de dois estilos em um e da produção de amplas camadas de TPI por produtores de TPA, sabe-se pouco sobre o abandono de sítios no Médio Solimões. O sítio Conjunto Vilas, por exemplo, localiza-se no rio Tefé, próximo ao Solimões. No entanto, o sítio apresenta datas que vão apenas até o século XII d.C. A relação entre grupos além do Médio Solimões também é difícil de precisar, um fator que foi melhor estudado por Moraes (2013) na Amazônia Central por uma perspectiva mais belicista. Estudos comparativos como os de Barreto (2010; 2016), que empreendeu uma breve comparação entre a iconografia da TPA e de Marajó, ainda

são muito incipientes, mas podem engrossar a hipótese com o tempo. Por fim, o abandono dos sítios nos lagos não parece ser final, visto as evidências de trocas entre grupos do rio com grupos dos lagos salientadas nas crônicas. Tampouco a ocupação das margens do Solimões pode ter começado unicamente no período. Uma das chaves para preencher essas lacunas são escavações de mais sítios de predominância componencial polícroma no Médio Solimões. Estes podem prover mais contrapostos para os sítios Borda Incisa, enquanto podem revelar uma profundidade temporal que perpassasse os dois períodos.

Hipótese de mudança rápida

A hipótese de mudança rápida⁶³ também propõe explicar transformação e continuidade no Médio Solimões entre os dois períodos. A mudança definiria a hipótese, especialmente por seu caráter rápido: proponho, através dela, a possibilidade de que uma conjuntura curta de conflitos bélicos tenha transformado estruturalmente o Médio Solimões, findando o sistema regional de substrato Arawak e instaurando um novo sistema de substrato Tupi em seu lugar. O novo sistema Tupi seria conformado por redes de alianças, firmadas pelos festins, e inimizades, concretizadas em ações bélicas. Para o eixo de continuidade sugiro a manutenção de produtores da TPA nesse sistema e um segundo desenvolvimento de relações de troca entre curso principal e interior.

A hipótese seria uma continuidade dos estudos de Neves, Almeida e Moraes (NEVES, 2012; MORAES & NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013; MORAES, 2013; ALMEIDA & MORAES, 2016) apresentados no capítulo 2, mas com um componente histórico anterior ao da expansão Tupi rio Madeira abaixo. Os primeiros grupos produtores de cerâmica policroma, também possivelmente Tupi, chegariam ao Médio Solimões e se estabeleceriam da mesma forma que foi explicitado no primeiro período apresentado. A diferença estaria na chegada de outros grupos produtores da TPA – esses mais seguramente Tupi – se engajando em relações conflituosas no Médio Solimões a partir do ano 1000. As investidas seguiriam o modelo da caótica dispersão da TPA ao basear-se em movimentos alternáveis de rápida migração e expansão mais lenta de grupos, onde a produção de alianças e inimigos seria um elemento fundamental (ALMEIDA, 2015; ALMEIDA & MORAES, 2016).

⁶³ Que também pode ser chamada de hipótese Tupi ou hipótese catastrofista.

Voltando ao quadro da área de confluência retomo a história dos produtores de cerâmica Paredão para sugerir um processo contrário à hipótese de mudança gradual. Ao contrário de seu início, o fim das ocupações Paredão e do sistema regional que ela compôs não foi tão pacífico. Reapresento brevemente o contexto já explorado no capítulo 2. Neves e seus colaboradores (NEVES, 2012; MORAES & NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013; MORAES, 2013) encontraram vestígios de estruturas defensivas como valas e paliçadas e as dataram, produzindo datas a partir do século X d.C. no baixo rio Madeira e na área de confluência. Ao redor da mesma época surgem ocupações associadas a produtores da cerâmica Guarita da TPA, com uma produção cerâmica mais padronizada. As ocupações Guarita parecem menores do que as ocupações Paredão, não estão associadas à produção de montículos e os vestígios cerâmicos que a marcam se distribuem linearmente pelos sítios, e não circularmente como ocorria anteriormente na área. O conjunto de evidências aponta para a expansão das ocupações Guarita como um processo predominantemente belicoso que varreria o baixo rio Madeira e a área de confluência, entre outras áreas. A expansão policroma interromperia um processo de progressivo adensamento populacional na área de confluência que vinha ocorrendo desde o começo da era cristã. As últimas datas da fase Paredão pertencem ao século XIII d.C. período onde já haviam se espalhado ocupações Guarita.

Embora não existam indícios de estruturas no Médio Solimões que marquem relações belicosas, o fim da ocupação de sítios Borda Incisa como o Conjunto Vilas e a pouca reocupação dos sítios do lago Amanã pode sugerir a presença de conflitos. O próprio fim dessa maneira marcada de produzir cerâmica, ao redor do século XII d.C., é muito similar ao fim da produção das cerâmicas Paredão e Axinim, ambas relacionadas a invasões por produtores de cerâmica policroma. O maior indício desse ponto do processo estaria no sítio Conjunto Vilas, de grande extensão na boca do lago Tefé, que teria as últimas datas no século XII d.C. (BELLETTI, 2015). Voltando ao sítio São João, a hipótese catastrofista pode explicar as diferenças entre práticas e produções cerâmicas dos níveis inferiores (do século X d.C.) e dos níveis superiores (séculos XIV e XV), com uma valorização de suas transformações. Entre esses elementos é possível comentar a produção lítica utilizando abrasadores cerâmicos; a expansão da produção de TPI numa possível área de cemitério; e as trocas visíveis de performances buscadas para as vasilhas, evidenciadas pelo aumento do uso de cauxi. A escolha pelas margens do Solimões, mostrada na região de Coari e do Caiambé pode ser também um indício de novos grupos

habitando a área. Por último, é possível retomar as crônicas e ver a formação de alianças entre chefias regionais do Médio Solimões para empreender guerras aos vizinhos Omáguas.

Com essa imagem em mente, é possível apresentar novamente os grupos da região de Coari, ou da própria área de confluência, como aqueles que poderiam ter encabeçado a invasão, atravessando as *buffer zones* do baixo Solimões para empreender ataques a aldeias do Médio Solimões. Pelo caráter desse tipo de expansão em produzir sistemas de alianças, é possível pensar que certos grupos indígenas teriam se aliado a esses produtores de cerâmica policroma, fazendo desta uma possível invasão multiétnica a sistemas regionais multiétnicos (ALMEIDA, 2015). De qualquer forma, caso tenha ocorrido, o processo deve ter sido rápido, pegando as comunidades multiétnicas do Médio Solimões com alguma surpresa, sem tempo para produzir as complexas estruturas defensivas encontradas no baixo Madeira e na área de confluência. Os sítios dos lagos devem ter recebido amplos ataques, que terminaram por acabar com suas ocupações pretéritas, cuja continuidade chegava a dois mil anos. Os invasores vitoriosos focariam suas ocupações nas margens do rio Solimões retomando algumas práticas dos habitantes anteriores e adicionando outras. A escolha pela margem principal não se traduziria num abandono total dos lagos, ainda utilizado, entre outros, em práticas funerárias, como indicado pelo sítio Tauary (BELLETTI, 2015), como lugares de memória (GOMES, 2015), e, ao longo do tempo, como lugares de troca, evidenciados nas crônicas.

Esse modelo também possui lacunas explicativas, a maioria delas justamente os pontos fortes da hipótese de mudança gradual. A mais impactante delas, a meu ver, é a incapacidade de dar conta das continuidades encontradas no registro arqueológico do sítio São João. As similaridades como presença de feições escavadas e proximidade quase geral entre as morfologias cerâmicas sugerem populações mais conectadas historicamente, que se transformaram. A presença de amplas camadas de TPI também não batem com os produtores de TPA na área de confluência e no baixo Madeira, sugerindo desconexões. Novamente, a escavação de mais sítios da TPA pode suprir essas lacunas, podendo indicar uma diversidade maior de produtores de TPA, o que pode explicar manutenção de um lado e transformação de outro. Outro ponto é o aumento do conhecimento sobre os contextos interiores de drenagens secundárias e lagos como o Tefé e o Caiambé, pouco explorados arqueologicamente. Análises arqueométricas também podem auxiliar, pois podem apontar para continuidades e rupturas na produção cerâmica

do sítio São João. Por fim, o encontro de estruturas defensivas ou outros sinais mais significativos de conflitos pode fortalecer significativamente essa hipótese.

Hipótese híbrida: continuidades em conjunturas de transformação

Ambas as hipóteses exigem maiores estudos, mas acredito que elas não são como um todo excludentes, podendo, de certa forma, uma ter se alternado à outra. Os contatos entre regiões não teriam sido completamente pacíficos, nem as invasões necessariamente fizeram uma *tabula rasa* dos antigos ocupantes do Médio Solimões. Assim como revisto para diversas regiões como até a área de confluência (ALMEIDA & MORAES, 2016), a expansão da TPA, esse processo múltiplo e complexo, pode ter envolvido relações igualmente múltiplas e complexas, não apenas belicosas. Neves (2012), ao tratar do assunto reitera uma qualidade das sociedades amazônicas de produzir diversidade ao longo do tempo. É possível, portanto, que mesmo com uma “onda” de Tupi produtores de TPA abalando suas estruturas em uma curta ou média duração, as comunidades multiétnicas do Médio Solimões souberam reestabilizar-se sob as novas conjunturas. Elas, então, retomariam seu caráter integrador que tinha como uma das bases, as trocas comerciais.

Juntando o acúmulo de dados até agora organizados, acredito que os sistemas regionais continuam, mas é preciso entender se eles mantêm um substrato Arawak ou se adquirem um substrato Tupi, ou ainda, que tenham incorporado influências Tupi no *habitus* regional Arawak, como Barreto (2009; 2016) interpreta que haveria ocorrido entre as comunidades na ilha de Marajó após o ano 1000. A autora coloca que a influência pan-amazônica da Tradição Polícroma pode ter se traduzido, no estuário amazônico, em uma “tupinização” de sistemas regionais Arawak.

Num contexto mais próximo do Médio Solimões, Lev Michael (2014) pode prover uma contribuição interessante a essa terceira hipótese ao investigar a história da língua dos Cocama e Omágua do Alto Amazonas e Alto Solimões, respectivamente. Trata-se de um tema amplamente debatido tanto pela arqueologia amazônica (LATHRAP, 1970; BROCHADO, 1984; NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013) quanto pela linguística (cf. CABRAL, 2007; RODRIGUES, 1985), mas que será apenas pincelado como um aporte para o modelo histórico aqui produzido. A língua Cocama-Omágua pertence à família linguística Tupi-Guarani. Ela, no entanto, possui diferenças gramaticais significativas das

outras línguas de sua família. Suas distinções levaram autores como Cabral (2007) a classificá-la como uma língua de contato, produzida de significativos contatos com outras populações, em especial povos falantes de língua Arawak. Cabral (2007) associa essa divergência a contatos entre populações em reduções como à dos jesuítas. Michael, no entanto, analisou fontes etno-históricas que indicam a ausência dos Omágua e Cocama em reduções multiétnicas, impedindo o contato. Além disso, a fragmentação de grupos em período anterior ao contato impediria a mesma influência em todas as línguas. Para explicar a variação gramatical das línguas Cocama-Omágua, Michael sugere que a língua Proto-Cocama-Omágua seja uma língua de contato com origens pré-colombianas, baseadas em interações intensas entre grupos, em especial grupos Arawak.

O substrato Arawak dessa mistura linguística pode ser visto como um indício de interações entre esses grupos que podem ter uma amplitude espacial e temporal associada ao Médio Solimões. Se essa relação for estabelecida com maiores dados arqueológicos e linguísticos, é possível pensar nos antepassados desses grupos como participantes de intensas interações entre Tupi e Arawak no Médio Solimões. As marcadas diferenças linguísticas entre Omáguas e Aisuari indicam que, linguisticamente, o Arawak teria mais importância nessa região, ou que, em algum momento, as línguas se separariam de forma mais contundente. Essa frutífera e ainda pouco explorada hipótese possui, no momento, o melhor encaixe para esse período da história do Médio Solimões, onde continuidades e mudanças se misturam com firme fluidez.

Processos com longas continuidades, como a formação de línguas, revelam padrões significativos para outras durações. Na curta e média duração, os processos históricos e os fluxos identitários tornam-se tão múltiplos quanto os que perpassam a dinâmica história dos Aweti, apresentada acima, onde sistemas Arawak podem ser belicosos e grupos Tupi podem ser intermediários comerciais desses outros grupos. Na longa duração, no entanto, padrões estruturais como a belicosidade Tupi e a integração regional Arawak através das trocas tendem a emergir. A língua Cocama-Omágua se coloca no meio desse processo, evidência de influências contundentes e profundas entre grupos. No Médio Solimões, a transição entre períodos marca uma transformação possivelmente estrutural de suas comunidades.

Da Era Polícroma: predominância e expansão da TPA (sec. XII-XVI d.C.)

Lugares persistentes, lugares contingentes

Saindo dos quadros explicativos e voltando aos dados, na região do Caiambé e de Coari ocorrem sítios associados à TPA nas margens do Solimões cujas primeiras datas o colocam ao redor do ano 1000. Esses sítios possuem uma variabilidade formal maior que a dos sítios da TPA encontrados na área de confluência e a dos sítios encontrados por Tamanaha (2012) no interior do lago de Coari. Essa recorrência de sítios ao longo das margens dos rios principais pode ser vista por toda extensão da Tradição Polícroma (BELLETTI, 2015), desde o Alto rio Madeira (ALMEIDA, 2013), ao Médio rio Negro (LIMA, 2014; LOPES, 2015) e Alto Amazonas (LATHRAP, 1970). Segundo Belletti (2015), esses sítios seriam, em sua maioria, unicomponenciais. Moraes (2013) sugere que esse processo se caracterize como a ocupação de *buffer zones* antigas, no processo de expansão belicosa da TPA. A presença pode sugerir também aquilo que coloca Almeida (2015) ao inferir que as redes pan-amazônicas orquestradas por grupos Arawak, anteriores à expansão da TPA, se concentrariam em lugares significativos como cachoeiras, confluências de rios e lagos, mas não necessariamente se estenderiam por toda a extensão de rios principais. A presença de sítios policromos nesses lugares levanta uma questão importante de mudança na escolha dos lugares, e com esta, talvez uma mudança no conceito do que seria um lugar significativo.

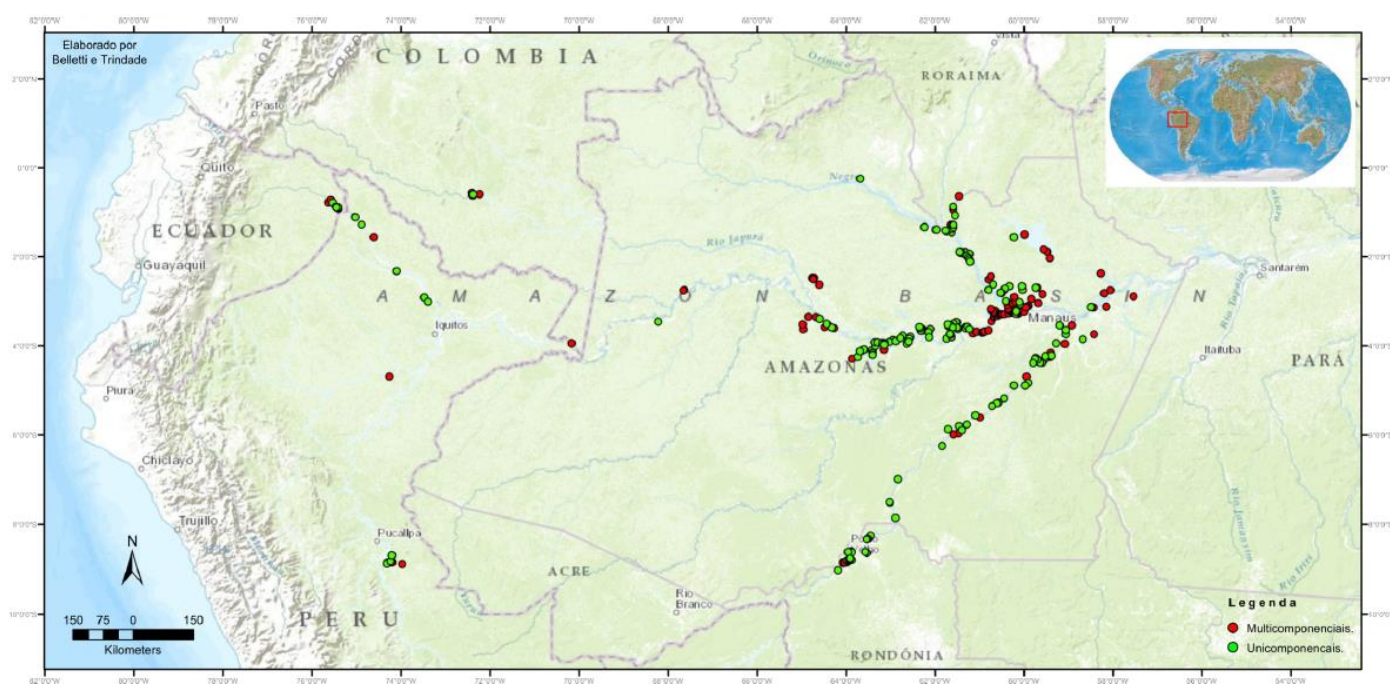


Figura 6.4: Sítios unicomponenciais e multicomponenciais policromos (BELLETTI, 2015).

Na região pesquisada, a mudança parece traduzir-se numa expansão de sítios da margem do rio Solimões, como o São João, e um abandono dos sítios dos lagos, como os sítios do lago Amanã, comentados nas hipóteses de transformação acima. Apesar de poder ter sido influenciada por questões políticas importantes, tal mudança não pode ser tomada levianamente. Trata-se de um fim de ocupações que, no lago Amanã, podem ter sido contínuas por mais de dois mil anos (COSTA, 2012). O mesmo processo parece ocorrer na melhor estudada área de confluência. Lá, as relações bélicas postas em prática na região findaram um longo, se irregular, processo de adensamento populacional. Mesmo se a hipótese de mudança gradual estiver correta, esse processo indica uma mudança estrutural nesses grupos.

A mudança é ainda mais significativa quando temos em mente as diferenças na paisagem do lago e do curso principal do Solimões. Os lagos são lugares significativos (BOWSER & ZEDEÑO, 2008, ver capítulo 1) – onde grupos inscreveriam significados a partir de memórias e experiências diversas – com características especiais em termos ambientais, econômicos, territoriais, simbólicos e históricos. Entre estes, cito os picos de piscosidade anuais quando da época de seca, e o acesso a essas áreas, passíveis de certo controle fluvial. Também é possível citar, no tempo da seca, a revelação anual de vestígios arqueológicos em suas praias. No lago Amanã, o evento tende a tornar visível campos relativamente grandes de urnas funerárias associadas à Tradição Pocó-Açutuba e à Tradição Borda Incisa, um evento anual que se presume antigo e repleto de significados (GOMES, 2014). As bocas dos lagos parecem ainda ser mais privilegiadas na produção desse tipo de lugar, o que pode ser observado no Médio Solimões pelos sítios Caiambé (HILBERT, 1968) e Conjunto Vilas (BELLETTI, 2015). A longa duração das ocupações desses lugares significativos, que são os lagos, os transformam em lugares persistentes, onde acúmulos de significados estariam marcados na paisagem (ALMEIDA & KATER, 2017).

O processo de ocupação e produção de lugares persistentes está profundamente ligado, no Médio Solimões⁶⁴ e possivelmente em outras áreas, à presença de sistemas regionais Arawak⁶⁵ (produtores da Tradição Pocó-Açutuba e da TBI). As áreas seriam escolhidas por esses grupos por uma gama de motivos, entre os quais sua posição como

⁶⁴ No Médio Solimões ainda existe a fase Amanã, material antigo e local do qual ainda se sabe muito pouco (COSTA, 2012).

⁶⁵ Pode-se dizer que o lago seria o lugar Arawak por excelência até por seu formato elipsoidal, variante fluvial de uma aldeia circular.

“nós” físicos dentro de grandes redes. Dessa forma, seriam privilegiados intervalos entre rios principais e drenagens secundárias (como é o caso do lago Tefé, entre o rio homônimo e o Solimões), ou “corta-caminhos” entre rios principais (como é o caso do lago Amanã, entre o baixo Japurá e o médio curso do Solimões). Outro motivo que pode ser levantado é a maior permanência desses contextos como marcas na paisagem. Ambas as características podem ser identificadas em outros lugares persistentes de habitação inicial Arawak, como a cachoeira do Teotônio no Alto Madeira (ALMEIDA & KATER, 2017). Ambas também estão profundamente ligadas ao *ethos* Arawak que discuti ao longo da dissertação. A importância das regionalidades para a manutenção de sistemas regionais Arawak já foi comentada acima, mas é significativo apontar que a ancestralidade marcada na paisagem, por exemplo, em grandes cemitérios, é um componente importante para a reprodução de esquemas culturais desses grupos (HECKENBERGER, 2001). Na Amazônia Central essa fidelidade ao lugar se traduz na reocupação dos mesmos sítios por produtores das três cerâmicas associadas aos Arawak por centenas de anos (LIMA, 2008; NEVES, 2012).

O curso principal do rio Solimões (ver Figura 6.5), por outro lado, possui características distintas. Como colocado, a área é muito piscosa e possui ambientes férteis devido às suas várzeas. No entanto, e apesar de ser intervalado pelas drenagens secundárias e seus rios, o curso principal do Médio Solimões não deixa de apresentar uma paisagem monótona. Os terraços do curso principal do rio Solimões além de não terem a característica de marco ou nó, também possuem outra desvantagem para uma ocupação marcada pela continuidade: o desbarrancamento. Esse processo, destruidor de histórias marcadas na paisagem, aplaca continuamente o rio Solimões e cada vez mais conforme aumenta o número de habitantes em seus terraços. Embora possivelmente manejável, o processo impactou e ainda impacta fortemente as comunidades que habitam o rio. Essas últimas tendem a culpar a entidade “cobra-grande” pelas terras caídas, revelando uma ligação cosmológica do fenômeno que pode ressaltar uma história profunda e que deve ser melhor estudada.

Apesar das desvantagens, o que mais chamou a atenção dos cronistas do século XVI em seu caminho pelo Médio Solimões foi justamente seus numerosos contingentes populacionais espalhados especialmente em seus terraços. Serão estes os lugares mais ocupados a partir do século XI na região, que séculos depois produziram assombro nos europeus. Excetuando aquelas nas bocas dos lagos, as ocupações parecem começar ao

redor desse século e estão associadas às comunidades produtoras da cerâmica Polícroma. Dois aspectos positivos e significativos podem ser associados à ocupação desses lugares. O primeiro, levantado por Moraes (2013), é sua posição estratégica mais facilmente defensável, por encontrar-se em uma área alta e com ampla visibilidade. O segundo, comentado por Oliveira (2016b), é seu aspecto mais interligado com as redes de fluxo de informações (as cordas entre os nós) que permitiriam mais trocas e interações (ROE, 1995). Dessa forma, é possível que, mesmo sendo passíveis de se tornarem lugares significativos, essas ocupações teriam mais dificuldade para transformarem-se em lugares persistentes. O desbarrancamento impediria, assim, o acúmulo de significados na paisagem, impulsionando sua transformação. O contexto da feição 5 e seus níveis acima indicam esse tipo de processo. Nesse caso, um ponto significativo do sítio associado a práticas funerárias receberia uma reutilização cotidiana. Ao contrário dos lugares persistentes dos lagos, os sítios do curso do Solimões formariam lugares relativamente contingentes.

Embora essa hipótese careça de maior amostragem⁶⁶, a diferença entre as características dos lugares e o processo de transição de um para o outro foram interpretados como significativos para a história do Médio Solimões. Na longa duração essa transição pode ser vista como uma mudança no princípio regente das lógicas habitacionais, uma mudança que indica a transformação do *habitus* das comunidades da região. Se no caso dos lagos a escolha feita e refeita se associaria a continuidade e aos lugares dos ancestrais; a ocupação das margens do Solimões, por outro lado, indicam escolhas que privilegiariam aspectos mais urgentes, como defesa em guerras e acesso a fluxos de informações.

Caso for estabelecida a correlação entre cronologia, conjunto cerâmico e posição de sítio, é possível que tenha ocorrido, no Médio Solimões, uma transformação estrutural que pode reverberar em transformações em regimes de historicidade específicos (HARTOG, 2013). Uma transformação dessas foi proposta por Neves (2012) para a área de confluência dos rios Negro e Solimões para diferenciar a lógica de ocupação entre produtores de cerâmica Paredão e produtores Guarita, as quais ele caracteriza como “frias” e “quentes”, respectivamente (cf capítulo 1). Segundo Neves, as ocupações de produtores das cerâmicas Açutuba, Manacapuru e Paredão presentes durante séculos no

⁶⁶ E nesse quesito sítios em margens melhor preservadas, como as do lago Catuá seriam ideais para intervenções.

registro arqueológico seriam um *continuum* marcado por sistemas regionais Arawak chegando a grandes proporções territoriais. A história dessas populações se basearia especialmente na estabilidade, continuidade e em mudanças lentas, evidenciadas por padrões regulares de ocupação e reocupação de sítios e pela velocidade reduzida de transformações estilísticas. As ocupações Guarita, por outro lado, não continuariam essa história, não reocupando certos sítios da região ou ocupando-os de uma forma distinta (linear), menos intensiva e com uma cerâmica bem diferente. Além disso, a presença da belicosidade marcada por uma expansão rápida indicaram um corte histórico entre populações definidas por uma nova matriz Tupi dos recém-chegados. Essa, segundo Neves, representaria sociedades “caracterizadas aparentemente por um impulso à mudança, agudo como uma flecha atirada rumo ao futuro” (NEVES, 2012, p. 20). A mudança do eixo de ocupação de lugares persistentes, possivelmente ligados à ancestralidade, para lugares contingentes, associados a questões mais urgentes como trocas e guerras, me parece indicar um processo similar no Médio Solimões. Este, como de costume, apresenta variações regionais, a maior delas sendo a presença de produtores da TPA em ambos os momentos. Embora aplicável para todas as hipóteses de transição descritas acima, esta mudança privilegia a hipótese de mudança rápida e também a que advoga a “tupinização” desses grupos.



Figura 6.5: Vista do rio Solimões no sítio São João. Foto: Rafael de Almeida Lopes.

Estabelecidas as consequências da transição, a história de produtores da TPA a partir do século XII pode estar associada ao modelo das chefias regionais, novos sistemas regionais que se estariam se espalhando pela Amazônia desde ao redor do ano 1000 (PORRO, 1995; HECKENBERGER, 2006; MORAES, 2013). Embora aparentemente seja um momento onde a belicosidade se torna mais importante, no Médio Solimões, as trocas entre distintos grupos também teriam papel fundamental. Esse pode ser inferido pelas crônicas que verão constantemente esses processos alguns século depois. Proponho, nessa época, que mosaicos de interação teriam permanecido, mesmo sofrendo alterações, mas se tornariam dissimulados pela homogeneidade emblemática da Tradição Polícroma. Talvez sejam esses mosaicos, e não supostas relações com sociedades andinas como coloca Oliveira (2016b), que tenham permitido a maior complexidade do estilo Polícromo no Médio Solimões⁶⁷. Essa multiplicidade que pode ser multiétnica, por sua vez, explicaria os materiais diferenciados encontrados na feição 1 do sítio São João. Neste contexto, interpretado como vestígio de um festim, grupos distintos misturariam cerâmicas distintas que compartilhariam de elementos emblemáticos similares, causando um descompasso com o resto da produção do sítio.

Os contextos arqueológicos do Médio Solimões apontam para uma diversidade de produções cerâmicas, unificadas pelos aspectos emblemáticos que produzem efeitos similares e reconhecíveis (TAMANAH, 2012; BELLETTI, 2015; OLIVEIRA 2016b; ALMEIDA & MORAES, 2016). O estilo Polícromo pode ser um que conjuga diversos estilos tecnológicos regionais sobre um estilo emblemático, fazendo uma espécie de predação estilística⁶⁸. Entre muita variação, existiriam marcas de um estilo tecnológico e emblemático dominante, que orientará as permutações e emulações regionais segundo trajetórias históricas.

Outro ponto importante levantado por Oliveira (2016b) é que o estilo Polícromo permearia diversos setores da sociedade, mas que o ápice de sua produção estaria em momentos cerimoniais. Os contextos de feições escavadas do sítio São João promoveram correlatos desses momentos, presentes em seu registro arqueológico. Tais eventos incluiriam vasilhas de armazenamento e consumo, entre eles o consumo de fermentados,

⁶⁷ A presença de relatos de pingentes de ouro na província de Machifaro complica novamente esse contexto (UGARTE, 2009)

⁶⁸ Uma versão maior do que é o estilo Shipibo-Conibo atualmente (DEBOER, 1990).

com decorações altamente sofisticadas, auxiliadoras dos processos de abertura das comunidades para comunicação com outros grupos e com os outros não-humanos. Os eventos seriam profundamente estruturados, e, por isso, também estruturariam diversos tipos de relações presentes nas comunidades.

Oliveira (2016b) ainda trabalha o conteúdo ideológico dessas práticas, um que ressaltaria a figura dos xamãs. Tal relação precisa ser melhor estudada, uma tarefa à qual a presente dissertação não conseguiu abordar. Mesmo assim, me parece que a relação pode fazer sentido no Médio Solimões e afora, especialmente pela análise das crônicas (ver capítulo 2 e 4) que colocam feiticeiros como figuras importantes, incluso em bebedeiras. Essa hipótese propõe que práticas xamânicas conduziriam a produção de TPA por artesãs virtuosas, informando o conteúdo simbólico de comunidades produtoras dessa cerâmica. Se fortalecida ela pode significar que tais práticas, como também coloca Gomes (2010) para os Tapajós, orientariam a produção de feições escavadas, definindo de forma significativa o contexto do sítio São João. As práticas moldariam outros sítios do curso principal do Médio Solimões, como o sítio Lauro Sodré, coberto de vasos com flanges mesiais que, por sua vez, seriam essenciais nos festins regionais.

Por estar mascarada pela “homogeneidade” visual policroma, e pela ausência de diversos sítios escavados com datas entre os séculos XII e XV esse período é o que possui mais lacunas de entendimento. A natureza e desenvolvimento das chefias regionais, alvo de dúvidas por toda a Amazônia, é a que mais se destaca, sendo neste trabalho, em maior parte induzida pelas crônicas. O modelo de Oliveira (2016a; 2016b) é interessante para explicar modos possíveis de configuração de parte das comunidades, informando políticas e cosmopolíticas, um modelo amazônico de reprodução de um *habitus* específico num contexto indígena antigo. No entanto, ele precisa de um componente histórico para englobar continuidades e mudanças dessas práticas. No sítio São João, por exemplo, foi possível apontar para algumas distinções entre feições escavadas que podem decorrer de transformações históricas. Maiores estudos iconográficos somados aos profundos esforços históricos como o de Moraes (2013) podem elucidar de forma mais complexa nosso conhecimento do período de predominância da TPA.

2ª transição: novas fontes, seus potenciais e problemas

A passagem de Orellana e seus homens pelo rio-mar em 1541 iniciou uma história de investidas europeias na região que levaria ao desarranjo das comunidades do Médio Solimões. Esse processo de contatos progressivamente mais danosos conforma o último período da história dos produtores de TPA na região. A transição está marcada, portanto, nos momentos de chegada desses forasteiros barbudos cheios de interesse pela região, narrados em relatos que séculos depois chegariam a historiadores e arqueólogos. A dificuldade de compreensão da transição, por outro lado, se dá pela incerteza do tamanho dos efeitos do Contato em escala regional e continental. Os encontros entre os povos e suas consequências sociais, culturais e até biológicas produziram um “efeito dominó” no continente americano (UGARTE, 2009). A segunda transição, portanto, possui apenas um foco brevemente discutido: a produção de registros escritos sobre as comunidades do Médio Solimões que informam, sobre conjunturas regionais de menor escala temporal.

Conforme proposto, no Médio Solimões a expansão e predominância da TPA a partir de cerca do século XII d.C. produziu um efeito de “mascarar” sua diversidade regional. Os cronistas que documentaram as comunidades indígenas da região a partir do século XVI retiram, de certa forma, essa máscara, mostrando não só diferenças significativas entre grupos produtores de TPA ao longo do rio-mar, quanto aspectos importantes dentro desses grupos. Como explorado no capítulo 2 trata-se de um mundo de caricaturas, mas que nos aproximam de práticas do passado dificilmente percebidas no registro arqueológico.

Ao mesmo tempo, a interpretação do registro arqueológico permite elaborar além das impressões rápidas e às vezes ríspidas dos europeus, criticando simplificações e expandindo o escopo de suas considerações. Estudo de fontes etno-históricas, portanto, devem integrar modelos regionais arqueológicos, especialmente em áreas onde há pouca ou nenhuma distância cronológica entre vestígio datado e relato de expedição, como é o Médio Solimões. O encontro de fontes pode ajudar na complexificação de modelos históricos sendo necessária uma visão crítica para estabelecer linhas históricas permeáveis, i.e. o quanto das fontes etno-históricas pode ser usado para explicar a história indígena antiga e o quanto dos dados arqueológicos podem compor as explicações da história indígena do contato.

No caso do Médio Solimões, as fontes etno-históricas dão sinais de relações de troca que remetem a um passado antigo, como os dados arqueológicos parecem apontar. Por outro lado, as indicações de Acuña (1641, ver epígrafe do capítulo 4) sobre os Curuzirari do Médio Solimões serem os únicos produtores e fornecedores de cerâmicas das demais nações não refletem na abundância do registro arqueológico, podendo fazer referência talvez a uma impressão inconsistente de Acuña ou a um contexto específico do século XVII d.C. A presença de ouro nos relatos é ainda mais misteriosa. Embora conste em diversas crônicas, a presença levanta a questão de redes de troca de longa distância que a arqueologia amazônica está apenas começando a trabalhar (cf. BOOMERT, 2000; HECKENBERGER, 2006; BARRETO, 2016). Na outra ponta da discussão, a presença desacompanhada de cerâmicas da TPA e urnas antropomorfas datadas no século XVI d.C. na região permite tecer uma continuidade segura entre os produtores de TPA e os habitantes da província de Machifaro. É um pressuposto menos estabelecido, no entanto, de que o sítio São João continuou a ser ocupado na época do contato.

Dos fatais encontros: contato e desagregação das comunidades produtoras da TPA (sec. XVI-XVII d.C.)

A produção da cerâmica policroma perdura por dois séculos do período do Contato no Médio Solimões. Esse período da história de seus produtores ainda é pouco conhecido pela arqueologia, mas se mistura a história da província de Machifaro, e dos Aisuari ou Curuzirari ou Carapuna descritos nas crônicas da região. A área se firma com certa unidade regional renovando uma *buffer zone* com os Omágua acima e Yurimágua abaixo. Essas populações eram conhecidas pela densa população nas margens de terraços, pelo manejo intenso de tartarugas, por suas guerras com as chefias rio acima e rio abaixo, mas principalmente pelo amplo comércio que realizavam com diversos grupos, sendo a cerâmica de uma qualidade excepcional (PORRO, 1995, 2007; 2009; UGARTE, 2009).

A cerâmica em questão seria a associada à Tradição Polícroma, uma produção que chegava a mais de mil anos de existência na época de sua primeira avaliação por europeus. Os níveis superficiais do sítio São João estão repletos de cerâmicas as quais presumo tiveram sua produção ao redor da época do Contato. Essas revelam contextos domésticos e cerimoniais. Subindo o rio Solimões e o lago Tefé, os enterramentos de refinadas urnas antropomorfas foram realizados até o século XVI no sítio Tauary. As urnas foram

colocadas junto a um conjunto pertencente ao século anterior, marcando uma continuidade dos contextos. O segundo conjunto, no entanto, apresentou decorações muito mais complexas que o primeiro. No século XVII, cerâmicas da TPA no lago Coari ainda estavam sendo produzidas, num contexto que pode estar associado já a uma retração dessas populações aos lagos (CALDARELLI, 1998).

Os indícios apontam para uma relativa permanência, pelo menos no século XVI, das comunidades produtoras de TPA, pinceladas em pontos específicos de sua trajetória histórica pelos cronistas. As descrições coincidem com os dados arqueológicos em diversos aspectos, como as descrições da alta densidade demográfica; do cultivo de plantas como o milho; do virtuosismo da produção cerâmica e da presença de frequentes bebedeiras (UGARTE, 2009). Aspectos importantes do registro, como a produção lítica são mencionadas em poucos casos, como nas descrições de Acuña (1891[1641]).

Os comentários sobre grandes contingentes populacionais no Médio Solimões cessam após a viagem de 1630 de Pedro Teixeira, o qual toma o rio para a coroa portuguesa. A partir daí, campanhas em busca de escravos indígenas vindas da costa amazônica subiriam constantemente o rio-mar desagregando suas comunidades. Pelo lado espanhol, missionários se tornariam no contraposto das correrias portuguesas, desestruturando as comunidades por dentro em nome de Deus e dos reis ibéricos (UGARTE, 2009). Que o século XVII d.C. tenha trazido o fim de muitas comunidades indígenas (e com elas, da produção de TPA), não impede que impactos já fossem sentidos de forma mais indireta no século XVI, especialmente considerando o caráter de “corredor” do rio Solimões. Os pontos mais indicados para fluxos de informações poderiam, talvez, ser também pontos de primeiro impacto regional de epidemias. Moraes (2013) aponta para esse tipo de impacto já na etapa final de produção da TPA, onde quase paradoxalmente, o repertório estilístico da TPA torna-se ainda mais sofisticado. A maior elaboração do estilo Polícromo, segundo Moraes, teria como motor o reforço do prestígio de figuras políticas, cujo poder estaria progressivamente mais ameaçado pelos avanços europeus. No Médio Solimões, esse tipo de processo pode ser visto nos dois momentos de produção das urnas Tauary: as urnas do conjunto 2 datadas no século XVI apresentam uma produção muito mais complexa e refinada do que as urnas conjunto 1 datadas no século XV (BELLETTI, 2015). A manutenção não apenas da produção das urnas, mas do local onde elas foram enterradas pode indicar mais continuidade do que mudança. Ela também indica uma força simbólica da produção cerâmica, participante de estratégias de

prestígio e poder dentro de chefias regionais. Os comentários de Acuña sobre a virtuosa e cobiçada produção cerâmica do Médio Solimões podem relacionar-se aos trabalhos dessas artesãs, incumbidas de auxiliar a manter uma visão de (um) mundo que se despedaçava.



Figura 6.6: Urnas funerárias Tauary. À esquerda urna datada do século XV e à direita urna do século XVI.

As ameaças europeias a essas entidades políticas se concretizariam ao longo do século XVII. O contexto descrito pelo padre Fritz em 1690 já difere radicalmente daquele relatado por Acuña, Heriarte e o próprio Pedro Teixeira. Haveria um movimento dessas populações rio acima, infringindo a *buffer zone* com os enfraquecidos Omágua. No relato, embora continuasse a citar feiticeiros bebedeiras e uma bela produção cerâmica (as características estruturais remanescentes da longa duração dessas comunidades), Fritz atribui aos Aisuari contingentes populacionais reduzidos, diminuídos cada vez mais por epidemias e ataques (PORRO, 1995; UGARTE, 2009). Segundo Porro (1995; 2007; 2011), os Aisuari restantes seriam incorporados às missões espanholas e portuguesas até o começo do século XVIII. Sua virtuosa produção cerâmica teria uma última datação no

século XVII, um último respiro de uma tradição profundamente estruturada nas comunidades do Médio Solimões e que hoje ainda se mantem inscrita em sua paisagem.

Considerações finais – Histórias regionais entre histórias amazônicas

Os esboços da história regional de cerca de 1200 anos apresentada acima conformam algumas trajetórias possíveis no passado indígena do Médio Solimões, marcado por continuidade e mudança. A narrativa acima exposta tentou esboçar alguns caminhos, que novas pesquisas podem mudar, confirmar ou contradizer. A trajetória das comunidades produtoras da TPA na região permitiu complexificar seus eixos de longa duração, além da produção cerâmica e da circunscrição espacial. Proponho que um desses eixos seja a existência de sistemas regionais baseados na formação de mosaicos de interação nos quais figuraram comunidades dos lagos do Médio Solimões e comunidades do curso principal do rio. Os produtores de TPA e TBI estariam juntos nesses sistemas desde o século V d.C., fazendo trocas, festins conjuntos e, possivelmente, realizando casamentos exogâmicos. A relação se materializaria num estilo híbrido com os produtores de cerâmica Borda Incisa. O centro de tais sistemas aparentemente sofre uma mudança ao redor do século XI, saindo dos lagos para o rio. A causa e o impacto dessa mudança precisam ser melhor explorados, mas aqui se propôs uma hipótese de mudança gradual e outra de mudança rápida, havendo também uma hipótese que mistura os dois processos. Um resultado perceptível dessas mudanças, além do deslocamento do eixo dos sistemas regionais, é o fim da produção de cerâmica da TBI e a predominância da cerâmica Polícroma. Essa produção predominante se manteria até o século XVII, sendo documentada por cronistas europeus que também relatariam outros aspectos dessas comunidades. Um dos aspectos seria a justamente realização de grandes festins com amplo consumo de fermentados misturados ao estabelecimento de relações políticas e cosmopolíticas, que também considero como um eixo de longa duração que une os três períodos. As progressivas investidas europeias por captores de escravos ou religiosos, radicalizadas no século XVII terminariam por desestruturar as comunidades de produtores de TPA na região. A desarticulação impediria a continuidade dos processos sócio-políticos e de ensino-aprendizagem que garantiriam a reprodução desse estilo emblemático.

Como especialmente perceptível nesse último capítulo, embora essa história seja regionalizada, ela não pode ser entendida num vácuo. A maioria das imprecisões quanto à história da TPA no Médio Solimões surge, precisamente, de desencaixes com a história da TPA de seus vizinhos à Leste e à Sul. Por outro lado, as fronteiras permeáveis entre essas regiões aparentemente afetaram de forma significativa os caminhos históricos dos sistemas regionais do Médio Solimões. Portanto, as relações entre regiões necessitam de estudos mais detalhados para fortalecer quadros que deem conta de escalas distintas. A presente história regional, no entanto, pôde apresentar uma narrativa distinta dos modelos trans-regionais propostos para a TPA, mas que não por isso se destacou desses modelos. Como resumem Almeida e Moraes “a Tradição Polícroma da Amazônia se refere a um complexo emaranhado de histórias de vários coletivos indígenas” (ALMEIDA & MORAES, 2016, p. 413). O Médio Solimões concentra algumas dessas histórias que ajudam por sua vez a compor outras.

Algumas outras contribuições e as perguntas que elas geram podem ser citadas:

- A importância de um estudo crítico das fontes etno-históricas que compuseram os modelos de histórias regionais. Um estudo sistemático das fontes voltado para conexões contextuais com a arqueologia trará novas contribuições para a composição de histórias do Médio Solimões, ajudando a responder uma questão essencial: qual a relação entre contextos encontrados nos séculos XVI e XVII e os anteriores presentes no registro arqueológico? Para auxiliar na resposta, é claro, também são necessários um maior conhecimento sobre sítios da região;

- A relevância de esquematizar e compreender feições escavadas, que podem nos dar vislumbres de conjuntos de eventos cronologicamente circunscritos. Entre esses, retomando Almeida (2015), tentei apresentar a importância de inquirir sobre eventos cerimoniais com consumo de fermentados e suas consequências sociais. Os estudos desses contextos podem elucidar dinâmicas sociais complexas presentes no registro arqueológico;

- A possibilidade de relacionar a história de comunidades Cocama e Omágua no Alto Solimões e acima com a história da TPA no Médio Solimões e seus mosaicos de interação de longa duração. Necessários, levantamentos e escavações em direção ao Alto Solimões podem auxiliar a compor essa narrativa, ajudando arqueólogos com uma

questão espinhosa abordada desde Lathrap (1970). Ainda é necessário responder a relação desses grupos com os outros Tupi-Guarani espalhados pelas terras baixas;

- A investigação de lógicas de ocupação de lugares significativos que podem informar transformações entre regimes de historicidade. Para a relação entre produtores de TBI e produtores de TPA, a pergunta sobressalente é se o caso do Médio Solimões pode ser comparado a outros, como o do médio rio Madeira, por exemplo (ALMEIDA, 2013). Tal contexto pode redefinir o modelo de ocupação intensa das várzeas de grandes rios como um processo mais recente do que anteriormente pensado;

- A percepção da existência dentro da expansão da TPA de contextos onde interações seriam mais significativas que relações bélicas. Os fluxos tecnológicos, em especial o emblemático, são indícios importantes e podem apontar para características das relações entre grupos. Para utilizar esses dados, no entanto, é preciso aprofundar estudos iconográficos, de modo a entender economias de trocas estilísticas particulares. Essas contribuições levantam a questão já trabalhada da continuidade e transformação do Médio Solimões e de quais são os limites entre interações e relações bélicas. Nesse capítulo tentei prover três modelos de como o processo poderia ocorrer, mas a questão continua em aberto.

A história apresentada do Médio Solimões pode ser vista como uma variante regional (ou uma permutação) de um grande, complexo e caótico processo histórico que impactou toda a Amazônia. Este, na Amazônia Central e Ocidental, possivelmente estivesse majoritariamente associado à expansão de populações Tupi. Sua maior contribuição para os modelos trans-regionais da dispersão da TPA foi indicar formas de diversidade dentro do processo histórico de grande escala, enquanto advoga por uma interconectividade cambiante entre suas partes. Entender o processo de dispersão dessa ampla tradição é negar cada vez mais a desconexão da literatura científica amazônica advertida por Euclides da Cunha há mais de um século atrás. O esforço, no entanto, parece continuar rumando todo aquele que o empreende além do limiar de um mundo, para nós, maravilhoso, ao qual formações políticas complexas e heterogêneas prescindiriam da centralização de Estados. As contribuições do presente trabalho devem ser incorporadas aos debates da arqueologia amazônica visando a produção de mais e melhores histórias indígenas de longa duração, instrumentos sociais que devem ser usados para a afirmação de seus povos.

Bibliografia

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ACUÑA, C. Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas por el p. Christoval de Acuña. Madrid, 1891 [1641]

ALENCAR, E. F. O Tempo dos Patrões “Brabos”: fragmentos da história da ocupação humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, AM. **Amazônica**, Belém, v. 1, n. 1, p. 178-199, 2009.

ALMEIDA, F. O. A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2013

_____. A arqueologia dos fermentados: a etílica história dos Tupi-Guarani. *Estudos avançados*, v. 29, n. 83, p. 87-118, 2015.

ALMEIDA, F. O. & KATER, T. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, nº 75, 2017.

ALMEIDA, F. O. & MORAES, C. P. A cerâmica policroma do rio Madeira. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, 2016, p. 402-413.

ANTHONY, D. W. **The horse, the wheel, and language: how Bronze-Age riders from the Eurasian steppes shaped the modern world**. Princeton University Press, 2010.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.

BALÉE, W.; ERICKSON, C. **Time and complexity in historical ecology: studies in the neotropical lowlands**. Columbia University Press, 2006.

BANDEIRA, M. Profundidade. In: **Estrela da vida inteira**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

BARCELOS NETO, A. Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2004.

BARRETO, C. N. G. B. Meios místicos de reprodução social: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, 2009.

_____. Cerâmica e Complexidade Social na Amazônia Antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. (Eds.). **Arqueologia Amazônica 1**. Belém, MPEG; IPHAN; SECULT, p. 193-212, 2010.

_____. O que a cerâmica Marajoara nos ensina sobre fluxo estilístico na Amazônia? In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 115-124, 2016.

BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J.(org.) Glossário. In: **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 551-602, 2016.

BARROS, C.; NASTRI, J. Estudio Preliminar. In: **La perspectiva espacial en Arqueología**. Centro Editor de América, 1995.

BASSI, F. S. A maloca Saracá: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial vista da perspectiva de uma casa. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2016.

BATE, L. F. **El proceso de investigación en arqueología**. Barcelona: Crítica/Arqueología, 1998.

BELLETTI, J. A Arqueologia do Lago Tefé e a Expansão Polícroma. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2015.

_____. A Tradição Polícroma da Amazônia. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J.(org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, 2016, p.348-364.

BELLWOOD, P. Early agriculturalist population diasporas? Farming, languages, and genes. **Annual Review of Anthropology**, v. 30, p. 181-207, 2001.

BINFORD, L. R. **For theory building in archaeology: essays on faunal remains, aquatic resources, spatial analysis, and systemic modeling.** Academic Press, 1977.

_____. Behavioral archaeology and the "Pompeii premise". **Journal of anthropological research**, v. 37, n. 3, p. 195-208, 1981.

BLINMAN, E.; SWINK, C.. Technology and organization of Anasazi trench kilns. **The prehistory and history of ceramic kilns**, p. 85-102, 1997.

BOADO, F. P. Construcción social del espacio, Construcción arqueológica del paisaje. In: BARROS, C.; NASTRI, J. (org.) **La perspectiva espacial en Arqueología.** Centro Editor de América, 1995.

BOOMERT, A. **Trinidad, Tobago and the lower Orinoco integration sphere: an archaeological/ethnohistorical study.** Alkmaar, Cairi Publications, 2000.

BOURDIEU, P. Esboços de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R.; FERNANDES, F. **Pierre Bourdieu: sociologia.** São Paulo, Ática, p. 46-81, 1983.

_____. **Homo academicus.** Stanford University Press, 1988.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Papirus Editora, 1996.

_____. **Usos sociais da ciência.** Unesp, 2004.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento.** Edusp, 2007.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology.** Chicago: University of Chicago Press, 1992.

BOWSER, B.; PATTON, J. Women's Life Histories and Communities of Practice in the Ecuadorian Amazon. In: STARK, M. T.; BOWSER, B. J. & HORNE, L. **Cultural transmission and material culture: Breaking down boundaries.** Tucson, University of Arizona Press, p. 105-129, 2008.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história.** São Paulo: Debates - Perspectiva, 1992.

BROCHADO, J. An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America. **PhD Dissertation**. University of Illinois at Urbana Champaign, 1984.

BROCHADO, J. P.; LATHRAP, D. **Chronologies in the New World: Amazonia**. Illinois: University of Illinois, Urbana-Champaign, 1982.

BROWN, M. R. The behavioural context of probate inventories: An example from Plymouth Colony. In: BEAUDRY, M. (org.) **Documentary archaeology in the new World**, p. 79-82, 1988.

CABRAL, A. S. New observations on the structure of Kokama/Omágwa. In: Leo Wetzels (ed.). **Language Endangerment and Endangered Languages**, 365-379. Leiden: CNWS, 2007.

CALDARELLI, S. B. **Relatório Final do Projeto de Levantamento e Resgate da Área de Influência Direta do Poliduto Urucu-Coari, AM**. Scientia Consultoria, São Paulo, 1998.

CASSINO, M. F. Manejo e uso de recursos florísticos em períodos pré-coloniais na Amazônia: um estudo de caso na RDS Amanã. **Relatório técnico final das atividades de bolsa/CNPq**. Tefé, 2018.

CHILDE, G. **What happened in History**. New York: Penguin Books, 1946

CHILTON, E. S. **Material meanings: critical approaches to the interpretation of material culture**. University of Utah Press, 1999.

CORRÊA, A. A. Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora-MG. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.

COSTA, B. Levantamento arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã: Estado do Amazonas. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2012.

CUNHA, E. **À margem da historia: texto de euclides da cunha**. Ronaldo Alexandre, 2015.

CUNHA LIMA, S. Tecnologia cerâmica Chimú: estudo arqueométrico da coleção do MAE-USP. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2010.

_____. A conservação de cerâmicas arqueológicas da Amazônia. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J.(org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 543-550, 2016.

DEBOER, W. R. Buffer zones in the cultural ecology of aboriginal Amazonia: an ethnohistorical approach. **American Antiquity**, p. 364-377, 1981.

_____. Pillage and production in the Amazon: a view through the Conibo of the Ucayali Basin, eastern Peru. **World Archaeology**, v. 18, n. 2, p. 231-246, 1986.

_____. Interaction, imitation, and communication as expressed in style: the Ucayali experience. **The uses of style in archaeology**, 1990, p. 82-104,

DENEVAN, W. M. A bluff model of riverine settlement in prehistoric Amazonia. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 86, n. 4, p. 654-681, 1996.

DESCOLA, P. **As lanças do crepúsculo: relações jivaro na Alta Amazônia**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

DIAS, A. S. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas**. Belém, PA. Vol. 2, n. 1, p. 59-76, 2007.

DIAS, A. S.; SILVA, F. A. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta interrelação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 11, p. 95-108, 2001.

DIETLER, M.; HAYDEN, B. (Ed.). **Feasts: archaeological and ethnographic perspectives on food, politics, and power**. University of Alabama Press, 2001

EVANS, C. Amazon Archaeology: A Centennial Appraisal. **Atas do simpósio sobre a biota amazônica**, v. 2, p. 1-12, 1967.

FAUSTO, C.; HECKENBERGER, M. Introduction: Indigenous history and the history of the 'Indians. In: FAUSTO, C.; HECKENBERGER, M, **Time and memory in Indigenous Amazonia: Anthropological perspectives**, 2007, p. 1-42.

FERREIRA, L. M.; NOELLI, F. S. João Barbosa Rodrigues: precursor da etnoclassificação na arqueologia amazônica. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 1, n. 1, 2016.

FLANNERY, K. V. **Early Mesoamerican Village**. The New York Academic Press, 1976.

FURQUIM, L. Análise Laboratorial do Material Cerâmico do Sítio São Miguel do Cacau e Monitoramento dos Sítios em Área de Comunidade no Lago Amanã – RDSA – AM. **Relatório técnico final das atividades de bolsa/CNPq**. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, 2014.

GOMES, D. M. C. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajós. In: Pereira, E.; Guapindaia, V. (eds.), **Arqueologia Amazônica 1**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 213-234, 2010.

GOMES, J. Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a Fase Caiambé da Tradição Borda Incisa. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2015.

GOMES, J.; NEVES, E. G. Contexto e relações cronoestilísticas das cerâmicas Caiambé no lago Amanã, médio Solimões. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C. J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 321-333, 2016.

GOSSELAIN, O. Social and Technical Identity in a Clay Crystal Ball. In: Stark, M. (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington/London, Smithsonian Institution Press, p. 78-106, 1998.

HANKE, W. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. **Archiv für Völkerkunde**, Viena, v. 14, p. 31-66, 1959.

HARTOG, F. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Editora Autêntica, Coleção História e Historiografia, 2013.

HECKENBERGER, M. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1.000-2.000 d.C. In: FRANCHETTO, B. & HECKENBERGER, M., **Os Povos do alto Xingu. História e cultura**. p. 21-62, 2001.

_____. Rethinking the Arawakan diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian formative. In: HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. (Ed.). *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. University of Illinois Press, p. 99-122, 2002.

_____. History, ecology, and alterity. In: BALÉE, W & ERICKSON, C. **Time and complexity in historical ecology: Studies in the neotropical lowlands**, p. 311-340, 2006.

HECKENBERGER, M., NEVES, E. e PETERSEN, J. De onde vem os modelos? A arqueologia da origem Tupi e Guarani, **Revista Antropologia**, v. 41, n.1, Universidade de São Paulo. 1998

_____. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. *Latin American. Antiquity*, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.

HILBERT, P. P. Preliminary results of archeological investigations in the vicinity of the Mouth of the Rio Negro, Amazonas. **Actas del 33º Congreso Internacional de Americanistas**, v. 2, p. 370-377, 1958.

_____. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). **Akten des 34º Internationalen Amerikanisten kongresses**, p. 471-476, 1962.

_____. **Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon**. Berlin. Marburger Studien zur Volkerkund, 1, 1968.

HODDER, I. **The archaeology of contextual meanings**. Cambridge University Press, 1987.

_____. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. Barcelona, Crítica, 1988.

HOLANDA, S. B. **Visão do paraíso**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

HOWARD, J. **Prehistoric ceramic styles of lowland South America: their distribution and history**. Yale University Press, 1947.

JOHNSON, M. **Archaeological theory: an introduction**. John Wiley & Sons, 2011

LABADESSA, A. S. Terras caídas”, as causas naturais e antrópicas: uma ocorrência na comunidade de São Carlos – Médio madeira/RO. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 3, n. 1, p. 45-61, 2011.

LAGROU, E. O grafismo nos corpos ameríndios, quimeras abstratas? Quimeras em diálogo. **Grafismo e figuração na arte indígena**, 2013, p. 38-66.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica guarani**. Posenato Arte & Cultura, 1989.

LATHRAP, D. W. Aboriginal occupation and changes in river channel on the central Ucayali, Peru. **American Antiquity**, v. 33, n. 1, p. 62-79, 1968.

_____. **The Upper Amazon. Ancient Peoples and Places**. London, Berkeley, Thames and Hudson, 1970.

_____. Alternative models of population movements in the tropical lowlands of South America. **Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas Lima**. p. 13-23, 1972.

LEHMANN, J. et al. Soil fertility and production potential. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, p. 105-124, 2003.

LEMONNIER, Pierre. The study of material culture today: toward an anthropology of technical systems. **Journal of anthropological archaeology**, v. 5, n. 2, p. 147-186, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. Guerre et commerce chez les indiens de l'Amérique du Sud. **Renaissance** v.1 n.1-2, p. 122-139, 1943. Trad. Gloria Cabello Baettig.

_____. **Antropologia estrutural II**. São Paulo: Cosac Naify, 2013 [1973].

LEVIS, C. et al. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. **Science**, v. 355, n. 6328, p. 925-931, 2017.

LIMA, L. C. **História, ficção, literatura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

LIMA, H. P. História das caretas: A tradição borda incisa na Amazônia central. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.

_____. A “Longue Durée” e uma antiga História na Amazônia Central. **Arqueologia Amazônica**, v. 2, p. 95-117, 2010.

LIMA, M. N. O rio Unini na Arqueologia do baixo rio Negro, Amazonas. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2014.

LOPES, R. A. De Tiaras e Cobras: um estudo arqueológico comparativo sobre a presença e dispersão da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) entre o Médio Rio Solimões e o Médio-baixo Rio Negro. **Relatório de Iniciação Científica enviado para a FAPESP**. São Paulo, 2015.

MACHADO, J. Montículos artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005

_____. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. **Arqueología Suramericana**, p. 62-83, 2007.

MAUSS, M. As técnicas corporais. **Sociologia e antropologia**, v. 2, p. 209-233, 1974.

MCEWAN, C. Seats of power: axuality and access to invisible worlds. In: In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (Eds.) **Unknown Amazon: Nature in culture in ancient Brazil**. Londres: British Museum Press, p. 176-197, 2001.

MEGGERS, B. J. The archaeological sequence in the Río Napo, Ecuador and its implications. **Atas do simpósio sobre a biota amazônica**, v. 2, p. 145-152, 1967.

_____. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Universidade de São Paulo, 1987.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. **Archaeological investigations at the mouth of the Amazon**. Washington, Smithsonian Institution Press, Smithsonian Institution Bulletin, N. 167, 1957.

_____. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.). **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**. Cambridge, Harvard University Press, p.372-388, 1961.

_____. Lowland South America and the Antilles, In: JENNINGS, J. (ed.), **Ancient South Americans**, San Francisco, W. H. Freeman, p.287-335, 1983.

_____. **A utilização de sequências cerâmicas seriadas para inferir comportamento social**. Instituto de Arqueologia Brasileira, 1985.

MENEZES, U. T. B. A identidade da arqueologia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo v.23, n.83, p. 19-23, 2015.

METRAUX, A. Contribution a l'etude de l'archeologie du cours superieur et moyen de l'Amazone. **Revista del Museo de la Plata**, v. 32, p. 145-185, 1930.

MICHAEL, L. On the pre-columbian origin of proto-omagua-kokama. **Journal of Language Contact**, v. 7, n. 2, p. 309-344, 2014.

MONGELÓ, G. Z. Processos de interação entre os sítios Lago Grande e Oswaldo (AM) baseados no material cerâmico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento**, n. supl. 11, p. 109-114, 2011.

MORAES, C. P. Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2013.

MORAES, C.; NEVES, E. O ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. **Amazônica**. v. 4, n. 1, p. 122-148, 2012.

MORAES, C. P.; NOGUEIRA, A. P. R. Uma maneira alternativa de interpretar os antiplásticos e a decoração das cerâmicas amazônicas. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, 2016, p.334-347.

NEUMANN, M. A. 'Ñande Rekó': diferentes jeitos de ser Guarani. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

NEVES, E. G. Paths in dark waters: archaeology as indigenous history in the upper Rio Negro basin, northwest Amazon. **Tese de doutorado**. Indiana: Indiana University, 1998.

_____. Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas. **Relatório enviado à FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. O velho e o novo na arqueologia amazônica. **Revista USP**, n. 44, p. 86-111, 2000.

_____. **Arqueologia da Amazônia**. São Paulo: Zahar, 2006.

_____. Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia. **Segundo relatório do projeto temático encaminhado a FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.

_____. A arqueologia da Amazônia Central e as classificações na Arqueologia Amazônica. **Arqueologia Amazônica**, v. 2, p. 58-70, 2010.

_____. Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC). **Dissertação de livre-docência**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2012.

_____. La incipiente permanente: La Amazonia bajo el insistente destino de la incompletitud. In: CAMPAGNO, M. (org.). **Pierre Clastres y las sociedades antiguas**. Buenos Aires, Miño y Dávila, p. 65-80, 2014.

_____. Existe algo que se possa chamar de "arqueologia brasileira"? **Estudos Avançados**, v. 29, n. 83, p. 7-17, 2015.

NEVES, E. G., PETERSEN, J. B., BARTONE, R. N., & HECKENBERGER, M. J. The timing of terra preta formation in the central Amazon: archaeological data from three sites. In: **Amazonian dark earths: Explorations in space and time**. Springer Berlin Heidelberg, p. 125-134, 2004.

NEVES, E. G. et al. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: ROSTAIN, S. **Memorias de las Conferencias Magistrales Del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, Quito. Ikiam. Secretaria de Educacion Superior, Ciencia, Tecnología e Innovation, EIAA, v. 3, p. 137-158, 2014.

NORDENSKIOLD, E. **Arqueologia de la cuenca del Amazonas**. 2017 [1930].

OLIVEIRA, E. A serpente de várias faces: estilo e iconografia da cerâmica Guarita. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, 2016a, p. 373-382.

_____. Potes que encantam: estilo e agência na cerâmica policroma da Amazônia Central. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2016b.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. **Pottery in archaeology**. New York: Cambridge University Press, 1993.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras de História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas: ASHPE/FaE/UFPEL, n. 14, p. 31-45, 2003.

POLITIS, G. El paisaje teórico y el desarrollo metodológico de la Arqueología en América Latina. **Arqueología Suramericana**, v. 2, n. 2, p. 168-175, 2006.

PORRO, A. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. São Paulo: EdUSP, 1995.

_____. **Dicionário etno-histórico da Amazônia colonial**. São Paulo: EdUSP, 2007.

_____. História indígena do alto e médio Amazonas: Séculos XVI a XVIII. In: CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PY-DANIEL, A. R. Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana. **Antes de Orellana - Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. Quito. IFEA, FLACSO, Embajada de los EE. UU, p. 157-165, 2014.

_____. Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas. **Tese de Doutorado**. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2015.

RAYMOND, S. Dos Fragmentos às Vasilhas: um primeiro passo para a construção de contextos culturais na arqueologia da floresta tropical. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 1, n. 2, 2009 [1995].

RIBEIRO, R. B. Caracterização físico-química da cerâmica do sítio arqueológico São Paulo II. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, Universidade de São Paulo, 2013.

RICE, P. M. **Pottery analysis: a sourcebook**. University of Chicago Press, 2015 [1987].

RICHARDS, C.; THOMAS, J. Ritual activity and structured deposition in later Neolithic Wessex. **Neolithic studies**, p. 189-218, 1984.

ROCHA, B. C. et al. Na Margem e à Margem: arqueologia Amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 358-384, 2014.

RODRIGUES, A. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, 27/28, p. 33-53. 1985.

RODRIGUES, J. B. Antiguidades do Amazonas. **Vellozia**, v. 2, p. 1-40, 1892.

ROE, P. Cumancaya: archeological excavations and ethnographic analogy in the Peruvian Montana. **PhD Thesis**. Michigan: Illinois State University, 1974.

_____. Style, Society, Myth, and Structure. In: CARR, C. NEITZEL, J. E. **Style, Society, and Person**. Springer US, p. 27-76, 1995.

ROOSEVELT, A. The rise and fall of the Amazon chiefdoms. **L'homme**, p. 255-283, 1993.

_____. The development of prehistoric complex societies: Amazonia, a tropical forest. **Archeological papers of the American Anthropological association**, v. 9, n. 1, p. 13-33, 1999.

SAHLINS, Marshall. The return of the event, again. **Clio in Oceania**, p. 37-99, 1991.

_____. **Islands of history**. University of Chicago Press, 2013.

SALDANHA, J. D. M. Poços, potes e pedras: uma longa história indígena na Costa da Guayana. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2017.

SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P. A Arqueologia do Amapá: reavaliação e novas perspectivas. **Arqueologia Amazônica**, v. 1, p. 95-112, 2010.

SALDANHA, J. D. M. et al. Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de nova sistematização. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 86-96, 2016.

SHANKS, M. & TILEY, C. **Social theory and archaeology**. Cambridge, Polity Press, 1987.

SCHAAN, D. P.; ALVES, D. T. **Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém**. Belém: Gráfica Supercores, 2015.

SCHIFFER, M. B. **Behavioral archeology**. New York Academic press, 1976.

SCHIFFER, M. e SKIBO, J., Theory and Experiment in the Study of technical change. In: Schiffer, M. (ed.) **Technological Perspectives on Behavioral Change**. Tucson: University of Arizona Press. p. 40-76, 1992.

_____. The explanation of artifact variability **American Antiquity**, v.62 n.1, p. 27-50, 1997.

SCHMIDT, M. Amazonian Dark Earths: pathways to sustainable development in tropical rainforests? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 11-38, 2013.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1956.

SHEPARD JR., G.H. e RAMIREZ, H. “Made in Brazil”: human dispersal of the Brazil Nut (*Bertholletia excels*, Lecythidaceae) in Ancient Amazonia. **Economic Botany**. v. 65 p. 1, p. 44-65, 2011.

SILVA, F. A. Arqueologia Colaborativa com os Asurini do Xingu: um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara - Terra Indígena Koatinemo. **Revista de Antropologia**, v. 58, p. 142-173, 2015.

SOUZA, M. S. C. Virando gente: notas a uma história aweti. HECKENBERGER, M.; FRANCHETTO B. (org.). **Os povos do Alto Xingu: história e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 360-402, 2001.

STARK, M. T.; BOWSER, B.; HORNE, L. Why Breaking Down Boundaries Matters for Archaeological Research on Learning and Cultural Transmission. In: STARK, M. T.; BOWSER, B; HORNE, L. **Cultural transmission and material culture: Breaking down boundaries**, Tucson: University of Arizona Press, p. 1-16, 2008.

STERNBERG, H. O'R. A água e o homem na várzea do Careiro. **Rev. Geog. Venez**, v. 41, n. 1, p. 169-171, 2000.

STEWART, J. (ed.) **Handbook of South American Indians. The Tropical Forest Tribes**. Bureau of American Ethnology. Washington, D.C., Smithsonian Institution, 1948.

TAMANAH, E. K. Ocupação polícroma no baixo e médio rio Solimões, estado do Amazonas. **Dissertação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2012.

_____. A fase Guarita nos contextos do baixo rio Solimões. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p.365-372, 2016.

TAMANAH, E.; FURQUIM, L. LOPES, R. A.; FERNANDO, V. Levantamento de sítios arqueológicos nos Lagos Jutica e Caiambé, município de Tefé/AM. **Cadernos do LEPAARQ**, v.12, n. 23, p. 190-221, 2015.

TAMANAH, E. & NEVES, E. 800 anos de ocupação da Tradição Polícroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões. **Anuário Antropológico**, Brasília: UnB, v. 39, n. 2, p. 45-67, 2014.

TONEY, J. R. Cerâmica e História Indígenas do Alto Xingú. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 224-236, 2016.

TRIGGER, B.G. Aims in Prehistoric Archaeology. **Antiquity**, v. 44, n.173, p. 26–37, 1970.

_____. **A history of archaeological thought**. Cambridge University Press, 1989.

TROUFFLARD, J. Cerâmicas da cultura Santarém, Baixo Tapajós. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p. 237-252, 2016.

VASSOLER, O. J. P. Análise da iconografia em vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana: Tradição Polícroma da Amazônia-no alto rio Madeira, Rondônia. **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Arqueologia**. Universidade Federal de Rondônia, 2014.

UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI e XVII**. Manaus: Editora Valer, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986

WAGSTAFF, M. El “sitio” arqueológico desde una perspectiva geográfica. In: BARROS, C.; NASTRI, J. (org.) **La perspectiva espacial en Arqueología**. Centro Editor de América, p. 27-32, 1995.

WEBER, R. L. Caimito: an analysis of the Late Prehistoric culture of the central Ucayali, eastern Peru. **PhD Dissertation**. University of Illinois, 1975.

WIESSNER, P. Is there a unity to style? In: CONKEY, M. e HASTORF, C. (Eds.) **The Uses of Style in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press.. p. 105-121, 1990

WILLEY, G.; PHILLIPS, P. **Method and theory in American archaeology**. University of Alabama Press, 1958.

ZEDEÑO, M. N.; BOWSER, B. J. Introduction: the archaeology of meaningful places. In: ZEDEÑO, M. N.; BOWSER, B. J. **The archaeology of meaningful places**, p. 1-14, 2009.

ZUSE, S. Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia. **Tese de Doutorado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2014.

_____. Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira. In: BARRETO, C. LIMA, H. P. & BETANCOURT, C.J. (org.). **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN, p.385-401 2016.

Anexos

Anexo I: Datações radiocarbônicas do sítio São João (Beta)

CALIBRATION OF RADIOCARBON AGE TO CALENDAR YEARS

(Variables: C13/C12 = -27 ‰; lab. mult = 1)

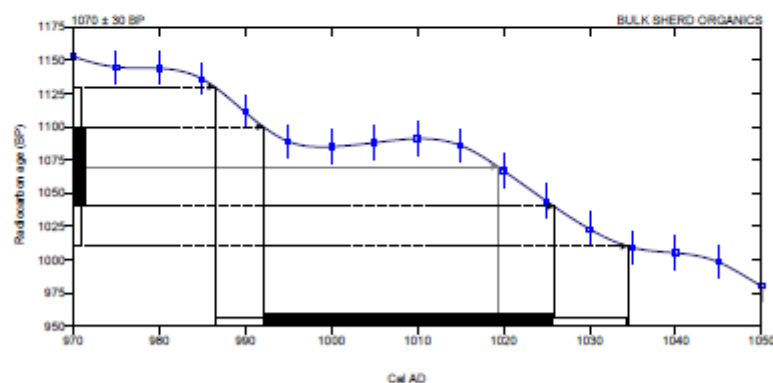
Laboratory number Beta-449137 : S.J308.6

Conventional radiocarbon age 1070 ± 30 BP

Calibrated Result (95% Probability) Cal AD 985 to 1035 (Cal BP 965 to 915)

Intercept of radiocarbon age with calibration curve Cal AD 1020 (Cal BP 930)

Calibrated Result (68% Probability) Cal AD 990 to 1025 (Cal BP 960 to 925)



Database used

SHCAL13

References

Mathematics used for calibration scenario

A Simplified Approach to Calibrating C14 Dates, Telford, A. S., Vogel, J. C., 1993, Radiocarbon 35(2):317-322

References to SHCAL13 database

Hogg AG, Hua Q, Blackwell PO, Niu M, Buck CE, Guilderson TP, Huxton TJ, Palmer JO, Reimer PJ, Reimer RW, Turney CSM, Zimmerman SRH.

2013. SHCAL13 Southern Hemisphere calibration, 0–50,000 years cal BP. Radiocarbon 55(4):1005–1007.

Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory

4985 S.W. 74th Court, Miami, Florida 33155 • Tel: (305)887-5157 • Fax: (305)883-0964 • Email: beta@radiocarbon.com

BetaCal 3.21

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -28.0$ o/oo)

Laboratory number Beta-468051

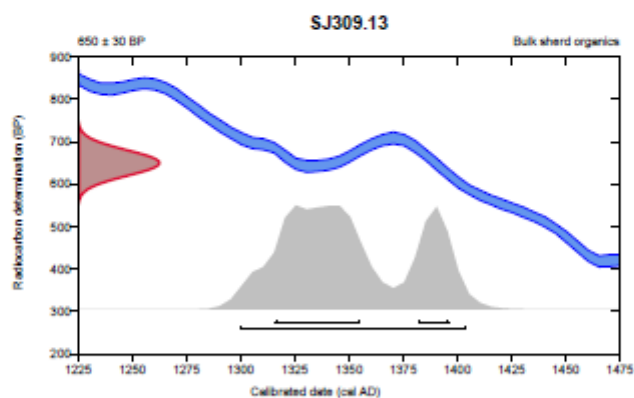
Conventional radiocarbon age 650 ± 30 BP

95.4% probability

(95.4%) 1300 - 1404 cal AD (650 - 546 cal BP)

68.2% probability

(50.8%) 1316 - 1355 cal AD (634 - 595 cal BP)
(17.4%) 1382 - 1396 cal AD (568 - 554 cal BP)



Database used

SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. Radiocarbon, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, Radiocarbon 55(4).

Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory

4985 S.W. 74th Court, Miami, Florida 33155 • Tel: (305)667-5167 • Fax: (305)663-0964 • Email: beta@radiocarbon.com

Page 3 of 3

BetaCal 3.9

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}C = -9.7$ o/oo)

Laboratory number Beta-484782

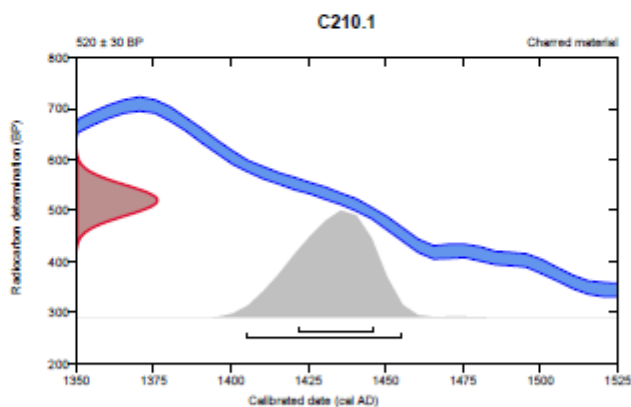
Conventional radiocarbon age 520 ± 30 BP

95.4% probability

(95.4%) 1405 - 1455 cal AD (545 - 495 cal BP)

68.2% probability

(68.2%) 1422 - 1446 cal AD (528 - 504 cal BP)



Database used

SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009) Bayesian analysis of radiocarbon dates. Radiocarbon, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, Radiocarbon 55(4).

Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory

4985 S.W. 74th Court, Miami, Florida 33155 • Tel: (305)667-5167 • Fax: (305)663-0964 • Email: beta@radiocarbon.com

Page 3 of 3

Anexo II: Ficha de tradagem

FICHA DE SONDAGEM / TRADAGEM						
Projeto: _____				Responsável: _____		
Sítio: _____		Sigla: _____		Sond./ Trad. Nº: _____		
Prof. (cm)	Perfil	Nível	NP	Nº Frag.	Solo	Descrição
0		1				
10		2				
20		3				
30		4				
40		5				
50		6				
60		7				
70		8				
80		9				
90		10				
100		11				

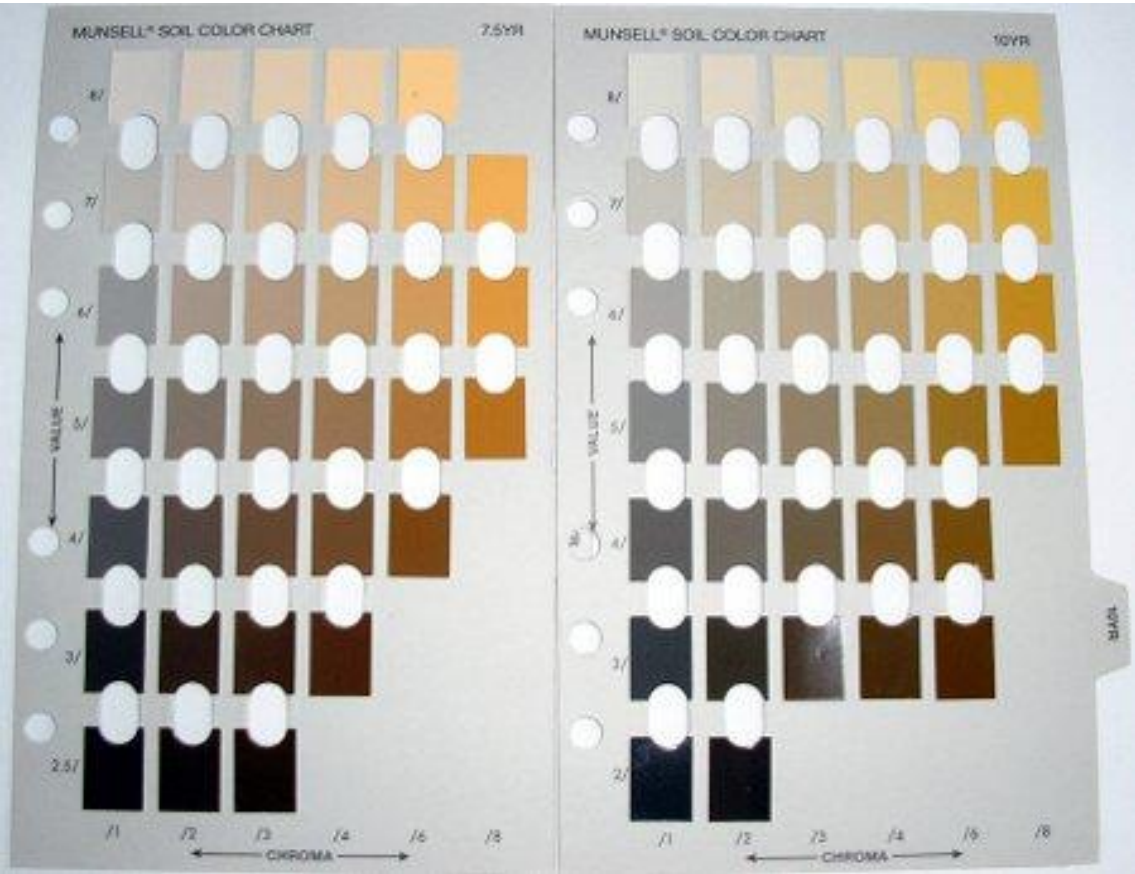
Observar a ocorrência de:

cerâmica	lático polido	sementes	carvão	limbo feição
lito / lascado	osso	concha	rocha queimada	rocha
louça / vidro	metal	marcar pontos de coleta de amostras com um quadrado hachurado		

Obs: _____

Coletor: _____ Data: _____

Anexo III: Cartas da tabela Munsell usadas



Anexo IV: Fichas e gabaritos de análise do sítio São João

[illegible][illegible]

[illegible]

Figura 0.1: Fichas de análise morfológica do sítio São João. Adaptada de Belletti (2015).

Ficha de pastas - PACA - São João - Unid. _____ PN _____ Tipo de frag. _____												
Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.		Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.
Obs				Cor			Obs				Cor	
Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.		Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.
Obs				Cor			Obs				Cor	
Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.		Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.
Obs				Cor			Obs				Cor	
Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.		Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.
Obs				Cor			Obs				Cor	
Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.		Unidad	Pn	Tipo	Conc.	Nucl.	Esp.
Obs				Cor			Obs				Cor	

Figura 0.2: Ficha de análise de pasta. Adaptada de Belletti (2015).

			PACA																
			São João										Unid			Bordas e Flanges			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Lábio/ Flange	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Lábio/ Flange	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Lábio/ Flange	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Lábio/ Flange	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Lábio/ Flange	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			

			PACA																
			São João										Unid				Bases e Paredes		
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor			
Peça	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Diag.	Foto	Obs
	Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	Cor	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Cor	Mot.			

Figura 0.3: Fichas de análise de acabamento. Adaptada de Belletti (2015).

Gabarito Ficha de Morfologia

1. **Unidade de escavação;**
2. **Numero de Proveniência;**
3. **Desenhado**
 1. Sim
 2. Não

4. **Forma**

Caso desenhado equivale qual das morfologias encontradas no sítio, esse campo só é preenchido ao fim da análise e formação dos conjuntos morfológicos.

5. **Técnica de estruturação**

1. Roletado
2. Modelado
3. Placas

6. **Comprimento e 7.Largura**

- >5cm (P)
- <5cm>10 (M)
- <10cm (G)

8. **Diâmetro**

9. **Volume**
Medida em litros.

10. **% do diâmetro**

Quanto por cento do diâmetro de borda representa o fragmento em relação ao diâmetro total.

11. **Característica**

1. Não diagnóstico
2. Pocó do Solimões
3. Caiambé
4. Tefé
5. Peça com fluxo tecnológico Caiambé-Tefé
6. Decorado não diagnóstico
7. Diagnóstico não identificado
8. Pintura vermelha sobre engobo bege
9. Pintura vermelha sobre pasta

12. **Marca de Uso**

- Fuligem Interna
- Fuligem Externa
- Fuligem Interna-Externa
- Desgaste Interno
- Desgaste Externo
- Desgaste Interna-Externo

13. **Observações**

Figura 0.4: Gabarito da ficha de análise morfológica. Usado de Belletti (2015)

Gabarito Ficha de Pasta

- 1. Unidade de escavação;**
- 2. Numero de Proveniência;**
- 3. Tipo Antiplástico**

- 1.Cariapé
- 2.Cauxí
- 3.Caco
- 4.Mineral
- 5.Argila Branca
- 6.Hematita
- 7.Argila Vermelha
- 8.Carvão

- 4. Concentração.**

30%

20%

E sucessivamente conforme exemplos abaixo

- 5. Núcleo**

- 1.Seção uniforme clara
 - 2.Seção uniforme escura
 - 3.Núcleo escuro e seções interna e externa clara
 - 4.Claro externo-Escuro interno
 - 5.Escuro externo-Claro interno
- (Ver exemplos abaixo)

- 6. Cor**

Cinza escuro (7.5YR 4/1, 3/1 e 2.5/1 – Dark Gray, Very Dark Gray, Black)

Cinza Claro (7.5YR 8/1 e 8/2 – White e Pinkish white; 7.5YR 7/1 e 7/2 – Ligth Gray e Pinkish Gray)

Vermelho/Laranja (2.5YR 4/6 e 4/8; 2.5YR 5/6 e 5/8 Red - 2.5YR 7/6 e 7/8; 2.5YR 6/6 e 6/8 Ligth Red)

Marrom A (7.5YR 5/6 e 5/8 – Strong Brown e 7.5YR 6/6 e 6/8 – Reddish Yellow)

Marrom B (7.5YR 5/3 e 5/4 – Ligth Brown e 7.5YR 6/3 e 6/4 – Brown)

Marrom C (7.5YR 5/1 e 5/2 – Gray e Brown e 7.5YR 6/1 e 6/2 – Gray e Pinkish Gray)

- 7. Espessura**

Medida em cm

Figura 0.5: Gabarito da ficha de análise de pasta. Usado de Belletti (2015)

Gabarito Ficha de decoração

1. **Unidade de escavação;**
2. **Numero de Proveniência;**
3. **Alisamento:**
 1. Polido
 2. Fino
 3. Médio
 4. Grosso
4. **Trat. Sup.**
 1. Engobo
 2. Enegrecimento
 3. Banho
 4. Escovado
5. **Cor**
 1. Vermelho
 2. Preto
 3. Vinho
 4. Laranja
 5. Branco
 6. Negativo
 7. Marrom
 8. Amarelo
 9. Bege
 10. Cinza
6. **Dec. Plástica Técnica**
 1. Inciso
 2. Inciso pontas múltiplas
 3. Exciso
 4. Acanalado (inciso maior igual 3mm)
 5. Acanalado pontas múltiplas
 6. Estocado
 7. Digitado
 8. Ponteadado
 9. Ungulado
 10. Aplique
 11. Furo
 12. Escovado
 13. Modelado
 14. Acanalado estriado

Motivos Plásticos

Ver abaixo

12. **Dec. Pintada**

Cor

1. Vermelho
2. Preto/marrom muito escuro
3. Vinho
4. Laranja
5. Branco
6. Negativo
7. Marrom
8. Amarelo
9. Bege
10. Cinza

Motivos Pintados

Ver abaixo

Figura 0.6: Gabarito da ficha de análise de pasta. Usado de Belletti (2015).

Lista de motivos

- 1) Vestigial
- 2) Linha simples fina (< 4mm)
- 3) Linha simples média (4mm a 8mm)
- 4) Linha simples grossa (> que 8mm)
- 5) Linha dupla fina
- 6) Linha dupla média
- 7) Linha dupla grossa
- 8) Linhas múltiplas
- 9) Serrilhado
- 10) Triangular
- 11) Circular
- 12) Ondulado
- 13) Espiral circular
- 14) Espiral retilínea
- 15) Serpenteado (S) / Ofídiomorfo
- 16) Motivo TPA complexo
- 17) Motivo TBI complexo
- 18) Motivo com fluxo tecnológico
- 19) Motivo não identificado complexo
- 20) Diadema simples
- 21) Diadema complexa
- 22) Grega

23) Zoomorfo

24) Antropomorfo

25) Zoo-antropomorfo

26) Retângulos

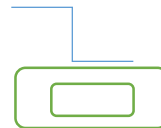
27) Linha diagonal

28) Linhas diagonais múltiplas

29) Linha vertical

30) Tiara ofidiomorfa

31)



32)



33) Linha ponteadada

34)



35)



36)



37) Cruz

38) Zigue-zague

39) motivo em "T"

40) Tiaras múltiplas

50) Retocado (sob motivo plásti